

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.
Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

SEXTO ANO- 1863

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13.602.970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil

ISBN 85-7341-167-8

Título original em francês:

REVUESPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILÊ

Revisão: ELIAS BARBOSA
1ª edição - 1.000 exemplares - 2000

© 2000, Instituto de Difusão Espírita C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43

Inscrição Estadual 182.010.405.118

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO SEXTO VOLUME

ANO 1863

JANEIRO.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (2^o artigo)

Os Servidores. - História de um criado

Boieldieu na milésima representação da *Dama Branca*.

Carta sobre o Espiritismo, por Tribulle Lang, antigo aluno da Escola Politécnica

Algumas palavras sobre o Espiritismo. - Extrato do *Echo de Sétif*

Resposta a uma pergunta sobre o Espiritismo do ponto de vista religioso

Identidade de um Espírito encarnado

A Barbárie na civilização. - Horrível suplício de um negro

Dissertações Espíritas. - As proximidades do inverno

A lei do progresso .

Bibliografia. - A pluralidade dos mundos habitados, por Camille Flammarion

Subscrição em favor dos operários de Rouen

FEVEREIRO.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (3^o artigo)

Sermões contra o Espiritismo

Sobre a loucura espírita. - Resposta ao Sr. Burlei, de Lyon

Círculo Espírita de Tours. - Discurso de abertura

Variedade. - Cura por um Espírito

Dissertações Espíritas. - Paz aos homens de boa vontade

Poesia espírita. - O doente e o seu médico

Subscrição ruanesa

MARÇO.

A luta entre o passado e o futuro

Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon

Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre as questões religiosas

François-Simon Louvet, do Havre

Conversas de Além-Túmulo. - Clara Rivier

Fotografia dos Espíritos

Variedades. - O Akhbar. - Sr. Home. - Sr. Girroodd

Poesias espíritas. - Por que se lamentar?

A mãe e o filho

Subscrição ruanesa

ABRIL.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (4^o artigo).

Resultado da leitura das obras espíritas. - de Albi e de Lyon

Os sermões continuam e não se assemelham

Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo

Variedades. - Pais bárbaros

Revue Française. - Artigo do Sr. Flammarion

Dissertações espíritas. - Cartão de visita do Sr. Jobard

Sede severos convosco e indulgentes para com os vossos irmãos.

Homilia.

A Festa de Natal.

Fechamento da subscrição ruanesa

Aos leitores da Revista

MAIO.

Estudo sobre os *Possessos de Morzines* (5^o artigo)

Algumas refutações.

Conversas de além-túmulo. - Sr. Philibert Viennois

Um argumento terrível contra o Espiritismo. - História de um asno

Algumas palavras sérias a propósito dos golpes de bengala

Exame das comunicações medianímicas que nos são dirigidas.

Perguntas e problemas. - Os Espíritos incrédulos e materialistas

Notícia bibliográfica

JUNHO.

Do princípio da não-retrogradação dos Espíritos

Algumas refutações (2^o artigo)

Orçamento do Espiritismo.

Um Espírito coroado nos Jogos Florais.

Considerações sobre o Espírito batedor de Carcassonne

Meditações sobre o futuro: Poesia pela senhora "Raoul de Navery

Dissertações espíritas. - Conhecer-se a si mesmo

A amizade e a prece

O futuro do Espiritismo..

Notícia bibliográfica: *La Ruche spirite bordeáise*..

JULHO.

Dualidade do homem provada pelo sonambulismo.

Caráter filosófico da Sociedade Espírita de Paris. - Pedidos de admissão

As aparições simuladas no Teatro

Um quadro medianímico na exposição de Constantinopla

Um novo jornal espírita na Sicília.

Poder da vontade sobre as paixões.

Primeira carta ao cura Marouzeau..

Uma expiação terrestre. - Max, o mendigo

Dissertações espíritas. - Bem-aventurados os que têm os olhos fechados

O arrependimento

Os fatos cumpridos

As épocas de transição na Humanidade

Sobre as comunicações dos Espíritos

AGOSTO.

Jean Reynaud e os precursores do Espiritismo

Pensamentos espíritas em diferentes escritores. – Lamartine

Destino do homem nos dois mundos, por Hip. Renaud

Ação material dos Espíritos sobre o organismo

Ainda uma palavra sobre os Espectros artificiais e ao Sr. Oscar Comettant

Perguntas e problemas. – Mistificações

Infinito e indefinido

Conversas de além-túmulo. - Sr. Cardon, médico

Dissertações espíritas. - Jean Reynaud

A medicina homeopática

Correspondência. - Carta do Sr. Jaubert, de Carcassonne

SETEMBRO.

União da filosofia e do Espiritismo, pelo Sr. F. Herrensneider

Perguntas e problemas. - Sobre a expiação e a prova

Segunda carta ao Sr. cura Marouzeau

O *Écho de Sétif* Sr. Leblanc de Prébois

Notícias bibliográficas. - *Revelações sobre minha vida sobrenatural*, pelo

Sr. Home
Sermões sobre o Espiritismo pregados em Méz
Dissertações espíritas - Uma morte prematura
O Purgatório
A castidade
O dedo de Deus
O verdadeiro

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 1

JANEIRO 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE.

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

(Segundo artigo)

Em nosso precedente artigo (1-(1) Ver dezembro de 1862.), expusemos a maneira pela qual se exerce a ação dos Espíritos sobre o homem, ação por assim dizer material. Sua causa está inteiramente no *perispírito*, princípio não só de todos os fenômenos espíritas propriamente ditos, mas de uma multidão de efeitos morais, fisiológicos e patológicos, incompreendidos antes do conhecimento deste agente, do qual a descoberta, podendo-se exprimir assim, abrirá horizontes novos à ciência, quando esta quiser reconhecer a existência do mundo invisível.

O perispírito, como se viu, desempenha um papel importante em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma multidão de afecções das quais o escalpelo procura em vão a causa na alteração dos órgãos, e contra a qual a terapêutica é impotente. Pela sua expansão, se explicam ainda as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No Espírito livre, quer dizer, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão com a ajuda do qual ele age. Pela natureza fluídica e expansão do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer agir, o cerca, o envolve, o penetra e o magnetiza. O homem, vivendo no meio do mundo invisível, está incessantemente submetido a essas influências, como às da atmosfera que respira, e essa influência se traduz por efeitos morais e fisiológicos, dos quais não se dá conta, e que atribui, freqüentemente, a causas inteiramente contrárias. Esta influência difere naturalmente, segundo as qualidades boas ou más do Espírito, assim como explicamos no nosso precedente artigo. Este é bom e benevolente, a influência, ou querendo-se, a impressão, é agradável, salutar: é como as carícias de uma terna mãe que enlaça seu filho nos braços; se for mau e malevolente, ela é dura, penosa, ansiosa e, às vezes, malfazeja: ela não abraça, oprime. Vivemos nesse oceano fluídico, incessantemente expostos às correntes contrárias, que atraímos, que repelimos, ou às quais nos entregamos, conforme as nossas qualidades pessoais, mas no meio das quais os homens conservam sempre seu livre arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o seu caminho.

Isto, como se vê, é completamente independente da faculdade medianímica tal como é concebida vulgarmente. A ação do mundo invisível, estando na ordem das coisas naturais, se exerce sobre o homem, abstração feita de todo conhecimento espírita; a ela se está submetido como se o está à influência da eletricidade atmosférica, sem saber a física, como estar doente, sem saber a medicina. Ora, do mesmo modo que a física nos ensina a causa de certos fenômenos, e a medicina a causa de certas doenças, o estudo da ciência espírita nos ensina a causa dos fenômenos devidos às influências ocultas do

mundo invisível, e nos explica o que, sem ela, nos parecia inexplicável. A mediunidade é o meio direto de observação ~ que se nos permita esta comparação - é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente; e, pela facilidade que nos dá de repetir as experiências, nos permite estudar o modo e as nuances dessa ação; foi do estudo e das observações que nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que sofre, de um modo qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium; mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa, que se chega a constatar

a existência do mundo invisível, e pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, que se pôde esclarecer sobre a qualidade dos seres que a compõem, e sobre o papel que eles desempenham na Natureza; o médium fez pelo mundo invisível o que o microscópio fez pelo mundo dos infinitamente pequenos.

É, pois, uma nova força, um novo poder, uma nova lei, em uma palavra, que nos é revelada. É verdadeiramente inconcebível que a incredulidade lhe repila mesmo a idéia, porque essa idéia supõe, em nós, uma alma, um princípio inteligente sobrevivendo ao corpo. Se se tratasse da descoberta de uma substância material e ininteligente, aceitá-las sem dificuldade; mas uma ação inteligente fora do homem, é para eles da superstição. Se, da observação dos fatos que se produzem pela mediunidade, se remonta aos fatos gerais, pode-se, pela semelhança dos efeitos, concluir pela semelhança das causas; ora, é constatando a analogia dos fenômenos de Morzine com os que a mediunidade nos coloca, todos os dias, sob os nossos olhos, que a participação de Espíritos malfazejos nos parece evidente nessa circunstância, e ela não o será menos para aqueles que tiverem meditado sobre os numerosos casos isolados, narrados na *Revista Espírita*. Toda a diferença está no caráter epidêmico da afecção; mas a história reporta mais de um fato semelhante, entre os quais figuram aquele das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas de Cévènes e dos possessos do tempo do Cristo; estes últimos, sobretudo, têm uma analogia marcante com os de Morzine; e uma coisa digna de nota é que, por toda a parte onde esses fenômenos se produziram, a idéia de que eram devidos a Espíritos foi o pensamento dominante e como intuitivo nos que deles estavam afetados.

Querendo-se bem se reportar ao nosso primeiro artigo, da teoria da obsessão contida em *O Livro dos Médiuns*, e aos fatos relatados na Revista, ver-se-á que a ação dos maus Espíritos, sobre os indivíduos dos quais se apoderam, apresenta nuances extremamente variadas de intensidade e de duração, segundo o grau de malignidade e de perversidade dos Espíritos, e também segundo o estado moral da pessoa que lhes dá um acesso mais ou menos fácil. Esta ação, freqüentemente, não é senão temporária e acidental, mais maliciosa e desagradável do que perigosa, como no fato que relatamos no nosso precedente artigo. O fato seguinte pertence a essa categoria.

O Sr. Indermühle, de Berna, membro da Sociedade Espírita de Paris, nos contou que, em sua propriedade de Zimmerwald, seu caseiro, homem de uma força hercúlea, sentiu-se uma noite agarrado por um indivíduo que o sacudia vigorosamente. Era um pesadelo, dir-se-á; não, porque esse homem estava tão bem desperto que se levantou e lutou algum tempo contra aquele que o oprimia; quando se sentiu livre, pegou seu sabre pendurado ao lado de seu leito, e se pôs a golpear na sombra, sem nada atingir. Acendeu sua vela, procurou por toda a parte e não encontrou ninguém; a porta estava perfeitamente fechada. Apenas tornou a deitar-se, o jardineiro, que estava no quarto ao lado, se pôs a pedir socorro, se debatendo, e gritando que o estrangulavam. O caseiro correu para a casa de seu vizinho, mas, como em sua casa, não se encontrou ninguém. Um servente que dormia no mesmo prédio, ouvira todo esse barulho. Todas essas pessoas assustadas vieram, no dia seguinte, dar conta ao Sr. Indermühle do que se passara. Este, depois de estar informado de todos os detalhes e estar assegurado de que nenhum estranho havia se introduzido nos quartos, foi tanto mais levado a crer numa ação má de algum Espírito

que, depois de algum tempo de manifestações físicas inequívocas e de diversas naturezas, se produziam em sua própria casa. Tranqüilizou seus criados e disse-lhes para observarem com cuidado o que se passasse, se semelhante coisa se renovasse. Como ele é médium, assim como a sua mulher, evocou o Espírito perturbador, que concordou com o fato e se excusou dizendo: "Eu queria vos falar, porque sou infeliz e tenho necessidade de vossas preces; há muito tempo faço tudo o que posso para chamar a vossa atenção; bate em sua casa; vos peguei mesmo pela orelha (o Sr, Indermühle se lembrou da coisa): nada ali fez. Então pensei que fazendo a cena da noite última vos lembraria de me chamar; vós o fizestes, estou contente; mas vos asseguro que não tinha nenhuma má intenção. Prometei-me chamar-me algumas vezes e orar por mim. "O Sr. Indermühle lhe fez uma enérgica reprimenda, renovou a entrevista, fez-lhe repreensão, que escutou com prazer, orou por ele, disse ao seu pessoal para fazê-lo também, o que lhe fizeram, pessoas piedosas que são, e desde então tudo ficou em ordem.

Infelizmente, nem todos são de manejo tão fácil; este não era mau; mas os há cuja ação é tenaz, permanente, e pode mesmo ter conseqüências deploráveis para a saúde do indivíduo, diremos mais: para suas faculdades intelectuais, se o Espírito chega a subjugar sua vítima ao ponto de neutralizar seu livre arbítrio, e de constrangê-la a dizer e a fazer extravagâncias. Tal é o caso da loucura obsessiva, muito diferente em suas causas, senão em seus efeitos, da loucura patológica.

Vimos, em nossa viagem, o jovem obsidiado do qual falei na revista de janeiro de 1861, sob o título de *O Espírito batedor de l'Aube*, e obtivemos da boca do pai e de testemunhas oculares a confirmação de todos os fatos. Esse jovem tem presentemente dezesseis anos; é vigoroso, grande, perfeitamente constituído, e, no entanto, se queixa de males do estômago e de fraqueza nos membros, o que, diz ele, o impede de trabalhar. Ao vê-lo se crê facilmente que a preguiça é sua principal doença, o que não tira nada à realidade dos fenômenos que se produziram há cinco anos, e que lembram, em muitos aspectos, os de Bergzabern (Revista: maio, junho e julho de 1858). Assim não ocorre com a sua saúde moral; sendo criança era muito inteligente e aprendia na escola com facilidade; desde então suas faculdades enfraqueceram sensivelmente. É bom acrescentar que isso não foi senão depois de pouco que ele e seus pais conheceram o Espiritismo, e ainda por ouvir dizer, e muito superficialmente, porque jamais leram; antes, jamais dele tinham ouvido falar; não se poderia, pois, nisso ver uma causa provocadora. Os fenômenos materiais quase cessaram, ou pelo menos são mais raros hoje, mas o estado moral é o mesmo, o que é tanto mais deplorável para os pais que vivem de seu trabalho. Conhece-se a influência da prece em semelhante caso; mas como não se pode nada esperar do menino sob esse aspecto, seria preciso o concurso dos pais; eles estão bem persuadidos de que seu filho está sob uma má influência oculta, mas sua crença não vai muito além, e sua fé religiosa é das mais fracas. Dissemos ao pai que seria preciso orar, mas orar seriamente e com fervor. "É que já me foi dito, respondeu; orei algumas vezes, mas isto nada fez. Se soubesse que orando de uma boa vez durante vinte e quatro horas, e que isto terminasse, eu o faria bem ainda." Vê-se por aí de que maneira pode-se ser secundado nessa circunstância por aqueles que disso são os mais interessados.

Eis a contrapartida desse fato, e uma prova da eficácia da prece, quando ela é feita com o coração e não com os lábios.

Uma jovem, contrariada em suas inclinações, fora unida com um homem com o qual ela não podia simpatizar. O desgosto que ela nisso concebeu, levou-a a uma alteração em suas faculdades mentais; sob o império de uma idéia fixa, perdeu a razão, e foi obrigada a ser isolada. Essa senhora jamais ouvira falar do Espiritismo; se ela dele tivesse se ocupado, não haveria faltado de dizer que os Espíritos lhe haviam virado a cabe-3 mal provinha, pois, de uma causa moral accidental toda pessoal, e, em semelhante caso, concebe-se que os remédios comuns não poderiam ter nenhum recurso; como não havia nenhuma obsessão aparente, poder-se-ia duvidar igualmente da eficácia da prece.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, acreditou dever interrogar sobre seu assunto um Espírito superior, que respondeu: "A idéia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai, ao seu redor, uma multidão de Espíritos maus que a envolvem com o seu fluido, mantendo-a em suas idéias, e impedindo que cheguem a ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza pululam sempre nos meios semelhantes ao que ela se encontra, e são, freqüentemente, um obstáculo à cura dos enfermos. No entanto, podeis curá-la, mas é preciso para isso uma força moral capaz de vencer a resistência, e essa força não é dada a um só. Que cinco ou seis Espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes, e peçam com fervor a Deus e aos bons Espíritos para assisti-la; que vossa ardente prece seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; não tendes, para isto, necessidade de estar junto dela, ao contrário; pelo pensamento podeis levar sobre ela uma corrente fluídica salutar, cuja força estará em razão de vossa intenção e aumentada pelo número; por esse meio, podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus, e esperai."

Seis pessoas se devotaram a essa obra de caridade, e não faltaram um único dia, durante um mês, à missão que tinham aceito. Ao cabo de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias depois, a melhoria era manifesta, e hoje essa mulher re-entrou em sua casa num estado perfeitamente normal, ignorando ainda, assim como seu marido, de onde veio a sua cura.

O modo de ação está aqui claramente indicado, e não saberíamos acrescentar nada de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. A prece não tem, pois, só o efeito de chamar, sobre o paciente, um socorro estranho, mas o de exercer uma ação magnética. O que não se poderia, pois, pelo magnetismo secundado pela prece! Infelizmente, certos magnetizadores fazem muito, a exemplo de muitos médicos, abstração do elemento espiritual; eles não vêem senão a ação mecânica, e se privam assim de um poderoso auxiliar. Esperamos que os verdadeiros Espíritas verão mais tarde, nesse fato, uma prova a mais do bem que poderão fazer em semelhante circunstância.

Uma questão de grande importância se apresenta naturalmente aqui: *O exercício da mediunidade pode provocar o desarranjo da saúde e das faculdades mentais?*

Há de se notar que esta pergunta, assim formulada, é a que colocam a maioria dos antagonistas do Espiritismo, ou, por melhor dizer, em lugar de uma pergunta, eles formulam o princípio em axioma, afirmando que a mediunidade leva à loucura; falamos da loucura real e não daquela, mais burlesca do que séria, com a qual se gratificam os adeptos. Conceber-se-ia essa pergunta da parte daquele que cresse na existência dos Espíritos e na ação que podem exercer, porque, para eles, é alguma coisa de real; mas para aqueles que nisso não crêem, a pergunta é sem sentido, porque, se nada há, este nada não pode produzir alguma coisa. Não sendo essa tese sustentável, se entrincheiram sobre os perigos da superexcitação cerebral que, segundo eles, pode causar unicamente a crença nos Espíritos. Não retornaremos mais sobre este ponto, já tratado, mas perguntaremos se já se fez a enumeração de todos os cérebros virados pelo medo do diabo e os horríveis quadros das torturas do inferno e da condenação eterna, e se é mais prejudicial crer-se que se tem junto de si Espíritos bons e benevolentes, seus parentes, seus amigos e seu anjo guardião, do que o demônio.

A pergunta formulada da maneira seguinte é mais racional e mais séria, desde que se admita a existência e a ação dos Espíritos: *O exercício da mediunidade pode provocar no indivíduo a invasão de maus Espíritos e suas conseqüências?*

Jamais dissimulamos os escolhos que se encontram na mediunidade, razão por que multiplicamos as instruções, a esse respeito, em *O Livro dos Médiuns*, e não cessamos de recomendar o estudo preliminar antes de se entregar à prática; também, depois da

publicação deste livro, o número de obsidiados diminuiu sensivelmente e notoriamente, porque ele poupa uma experiência que os novatos não adquirem, freqüentemente, senão às suas custas. Dizemo-lo ainda, sim, sem experiência, a mediunidade tem inconvenientes dos quais o menor seria ser mistificado por Espíritos enganadores ou levianos; praticar o Espiritismo experimental sem estudo, é querer fazer manipulações químicas sem saber a química.

Os exemplos tão numerosos de pessoas obsidiadas e subjugadas da maneira mais deplorável, sem jamais ouvirem falar do Espiritismo, provam super-abundantemente que o exercício da mediunidade não tem o privilégio de atrair os maus Espíritos; bem mais, a experiência prova que é um meio de afastá-los, permitindo reconhecê-los. No entanto, como os há que rondam ao nosso redor, e pode ocorrer, encontrando uma ocasião de se manifestarem, que eles a aproveitam, se encontram no médium uma predisposição física ou moral que o torne acessível à sua influência; ora, essa predisposição prende-se ao indivíduo e a causas pessoais anteriores, e não é a mediunidade que a faz nascer; pode-se dizer que o exercício da mediunidade é uma oportunidade e não uma causa; mas se alguns indivíduos estão neste caso, vêem-se outros deles que oferecem, aos maus Espíritos, uma resistência insuperável, e aos quais estes últimos não se dirigem mais. Falamos de Espíritos realmente maus e malfazejos, os únicos verdadeiramente perigosos, e não de Espíritos levianos e zombeteiros que se insinuam por toda a parte.

A presunção de se crer invulnerável contra os maus Espíritos foi mais de uma vez punida de modo cruel, porque não são desafiadas jamais impunemente pelo orgulho; o orgulho é a porta que lhes dá o acesso mais fácil, porque ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de se dirigir aos Espíritos, convém, pois, se armar contra o ataque dos maus, como quando se caminha sobre um terreno onde se teme a mordedura de serpentes. A isto chega-se primeiro pelo estudo preliminar que indica o caminho e as precauções a tomar, depois pela prece; mas é preciso bem se compenetrar da verdade, que o *único* preservativo está em si, em sua própria força, e *jamais* em coisas exteriores, e que não há nem talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia, se não se possui em si as qualidades necessárias; são, pois, estas qualidades que é preciso se esforçar em adquirir.

Se se estivesse bem compenetrado do objetivo essencial e sério do Espiritismo, se se preparasse sempre para o exercício da mediunidade por um apelo fervoroso ao seu anjo guardião e aos seus Espíritos protetores, se bem se estudasse a si mesmo, esforçando-se em purificar suas imperfeições, os casos de obsessão mediúmica seriam ainda mais raros; infelizmente, nela não vêem senão o fato das manifestações; não contentes com as provas morais que pululam ao seu redor, eles querem a todo preço se darem a satisfação de se comunicarem eles mesmos com os Espíritos, insistindo no desenvolvimento de uma faculdade que, freqüentemente, não existe neles, guiados nisso, o mais freqüentemente, pela curiosidade do que pelo desejo sincero de se melhorar. Disso resulta que, em lugar de se envolver de uma atmosfera fluídica salutar, de se cobrir com as asas protetoras de seus anjos guardiães, de procurar domar as suas fraquezas morais, abrem de par em par a porta aos Espíritos obsessores que talvez os tivessem atormentado de um outro modo e num outro tempo, mas que aproveitam a ocasião que se lhes oferece. Que dizer então daqueles que se fazem um divertimento das manifestações e nelas não vêem senão um assunto de distração ou de curiosidade, e que nelas não procuram senão os meios de satisfazerem sua ambição, sua cupidez e seus interesses materiais? É neste sentido que se pode dizer que o exercício da mediunidade pode provocar invasão de maus Espíritos. Sim, é perigoso divertir-se com essas coisas. Quantas pessoas lêem *O Livro dos Médiuns* unicamente para saberem como nelas se prospera, porque a receita ou o procedimento é a coisa que mais lhes interessa! Quanto ao lado moral da questão, é

o acessório. Não é preciso, pois, imputar ao Espiritismo o que é o fato de sua imprudência.

Retornemos aos possessos de Morzine. O que um Espírito pode fazer sobre um indivíduo, vários Espíritos podem fazê-lo sobre vários indivíduos simultaneamente, e dar, à obsessão, um caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos pode invadir uma localidade, e ali se manifestar de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que grassou na Judéia no tempo do Cristo, e, em nossa opinião, foi uma epidemia semelhante que causou estragos em Morzine.

É o que procuraremos estabelecer num próximo artigo, onde faremos ressaltar os caracteres essencialmente obsessivos dessa afecção. Analisaremos os memoriais dos médicos que a observaram, entre outros o do doutor Constant, assim como os meios curativos empregados, seja pela medicina, seja pelo recurso dos exorcismos.

OS SERVIDORES.

História de um criado.

O fato narrado no número precedente, sob o título de *A cabana e o Salão* (dezembro de 1862, página 377) nos lembra um outro fato e nos é de algum modo pessoal. Numa viagem que fizemos, há dois anos, vimos, em uma família de alta classe, um muito jovem criado, cuja figura inteligente e fina nos tocou por seu ar de distinção; nada, em suas maneiras, cheirava à baixeza; sua solícitude para os serviços de seus senhores nada tinha dessa osequiosidade servil própria das pessoas dessa condição. No ano seguinte, tendo retornado àquela família, nela não vimos mais esse moço e nos perguntamos se fora despedido. "Não, nos foi respondido; foi passar alguns dias em sua terra natal e ali morreu.

Lamentamos muito, porque era um excelente indivíduo, e que tinha sentimentos *verdadeiramente acima de sua posição*. Éra-nos muito ligado, e nos deu provas do maior devotamento."

Mais tarde nos veio o pensamento de evocar esse jovem, e eis o que nos disse:

Em minha penúltima encarnação, era como se diz sobre a Terra, de uma boa família, mas arruinada pelas prodigalidades de meu pai. Fiquei órfão muito jovem e sem recursos. O Sr. de G....foi meu benfeitor; ele me educou como seu filho e fez me dar uma bela educação, da qual tive muita vaidade. Quis, em minha última existência, expiar meu orgulho, nascendo numa condição servil, e nela encontrei a ocasião de provar o meu devotamento ao meu benfeitor. Salvei-lhe mesmo a vida, sem que jamais tivesse desconfiado disso. Era ao mesmo tempo uma prova da qual saí com minha vantagem, uma vez que tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato de um meio quase sempre vicioso; apesar dos maus exemplos, permaneci puro, e disso agradeço a Deus, porque estou recompensado pela felicidade da qual desfruto.

P. Em que circunstâncias salvastes ávida do Sr. de G...? - R. Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grossa árvore que caía de seu lado e que ele não via; chamei-o lançando um grito terrível; ele retornou vivamente e, durante esse tempo, a árvore tombou aos seus pés; sem o movimento que provoqueei, ele teria sido esmagado.

Nota. O Sr. G..., a quem o fato foi narrado, lembrou-se perfeitamente.

P. Por que morrestes tão jovem? - R. Deus havia julgado minha prova suficiente.

P. Como pudestes aproveitar dessa prova, uma vez que não tínheis lembrança de vossa precedente existência e da causa que motivou essa prova? -R. Em minha humilde posição, restava-me um instinto do orgulho, que fui bastante feliz em poder dominar, o que fez com que a prova me fosse proveitosa, sem isto, estaria ainda por recomeçar. Meu Espírito se lembrava em seus momentos de liberdade, e disso me restava, ao despertar, um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Tive mais mérito em lutar assim do que se tivesse me lembrado claramente do passado. A lembrança de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho e ter-me-ia perturbado, ao passo que não tive a combater senão contra os arrastamentos de minha nova posição.

P. Recebestes uma brilhante educação; de que isto vos serviu em vossa última existência, uma vez que não vos lembráveis dos conhecimentos que havíeis adquirido? - R. Esses conhecimentos teriam sido inúteis, um contra-senso mesmo em minha nova posição; eles permaneceram latentes, e hoje os reencontrei. No entanto, não me foram inúteis, porque desenvolveram a minha inteligência; eu tinha instintivamente o gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava a repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos; sem essa educação, não teria sido senão um criado.

P. Os exemplos dos servidores devotados aos seus senhores até a abnegação, têm por causa as relações anteriores? - R. Não duvideis disto; é pelo menos o caso mais comum. Esses servidores, algumas vezes, são mesmo membros da família, ou, como eu, devedores que pagam uma dívida de reconhecimento, e que seu devotamento ajuda a avançar. Não sabeis todos os efeitos de simpatia e de antipatia que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe essas relações que se perpetuam, freqüentemente, de século a século.

P. Por que esses exemplos de servidores são raros hoje? - R. É preciso disso acusar o espírito de egoísmo e de orgulho de vosso século, desenvolvido pela incredulidade e as idéias materialistas. A fé verdadeira dele se vai pela cupidez e o desejo de ganho, e com eles os devotamentos. O Espiritismo, reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, fará renascer essas virtudes esquecidas.

Nota. - Nada pode melhor do que este exemplo para fazer ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... tivesse se lembrado do que fora seu jovem doméstico, teria estado muito embaraçado com ele, e não o teria mesmo guardado nessa posição; teria assim entravado a prova, que foi proveitosa para ambos.

BOIÉLDIEU NA MILÉSIMA REPRESENTAÇÃO DA DAMA BRANCA.

As estrofes seguintes, do Sr. Méry, foram recitadas na milésima representação da *Dama Branca*, no teatro da Ópera Cômica, a 1 de dezembro de 1862:

À BOIÉLDIEU !

Glória à obra onde por toda parte cante a melodia,
Obra de Boïeldieu, mil vezes aplaudida,
E como nos dias passados, tão jovem nos dias presentes!
Paris a vê ainda numa sala cheia,
A Dama d'Avenel, a dama castelã!
Centenária dez vezes, depois de trinta e seis anos!

E que o Escriba deu tudo o que o poeta
Pode inventar de melhor para a lira intérprete,
E o maestro inspirado esbanja, sucessivamente,
O encanto que as palavras jamais souberam descrever:
O acento que faz sonhar, o acento que faz sorrir,
A alegria do espírito, o êxtase do amor!

É que todos esses acordes, cuja graça suprema
Revela-se na voz, a orquestra, o poema,
A arte sabendo de sua noite não os protegeu;
Porque Boïeldieu, está aí sua grande vitória,
Torna todo o público artista e fala ao auditório
Essa língua do coração, que compreende o Universo!

Depois, com que bondade o grande mestre varia
Os acentos inspirados por sua musa querida!
Que rio de ouro cai de sua lira soberana!
Quantos raios vindos da bruma escocesa!
Por essa obra, sobretudo, a música francesa
Não tem nada a temer dos Alpes e do Rhin!

Cabe a nós festejar esse nobre milésimo,
Que parece elevar a obra ao seu mais alto cimo;
E depois... conhecemos os segredos do trespasse?...
Quem sabe? talvez aqui plane sob esta abóbada
Uma sombra que, esta noite, alegre nos escute,
Um auditório a mais que nós não vemos!

Todos os Espíritas notaram esta última estrofe, que não saberia melhor responder ao seu pensamento, nem melhor exprimir a presença, em nosso meio, do Espírito daqueles que deixaram seus despojos mortais. Para os materialistas, é um simples jogo de imaginação do poeta; porque, segundo eles, do homem de gênio, de quem se celebra a memória, não resta nada, e as palavras que lhe fossem dirigidas se perderiam no vazio, sem encontrarem um eco; as lembranças e os pesares que deixou são nulos para ele; bem mais, sua vasta inteligência, ela mesma, é um acaso da Natureza e de seu organismo. Onde estaria, então, seu mérito? Não o teria mais por ter composto suas obras-primas do que os têm os órgãos de Barbárie que as executam. Esse pensamento não tem alguma coisa de glacial, dizemos mais, de profundamente imoral? Não é triste ver homens de talento e de ciência preconizá-los em seus escritos, e ensiná-los à juventude das escolas do alto da cátedra, procurando provar-lhes que só o nada nos espera, e que, por conseqüência, aquele que pôde ou soube se subtrair à justiça humana nada tem a temer? Esta idéia, não se saberia repeti-lo, é eminentemente subversiva da ordem social, e os povos sofrem cedo ou tarde as terríveis conseqüências de sua predominância pelo desencadeamento das paixões; porque valeria tanto dizer-lhes: Podeis fazer impunemente tudo o que quiserdes, tendo em vista que sois os mais fortes. Essa idéia, no entanto, é preciso nisso convir em louvor da Humanidade, encontra um sentimento de repulsa nas massas. Perguntamos o efeito que o poeta teria produzido sobre o público se, em lugar dessa imagem tão verdadeira, tão comovente, da presença do Espírito de Boïeldieu no meio desse numeroso auditório, felizes com a aprovação dada à sua obra, viesse dizer: Do homem que lamentamos, não resta senão o que foi posto no túmulo e que se destrói todos os dias; ainda alguns anos, e nem mesmo seu pó não mais existirá; mas de seu ser pensante não resta nada; ele reentrou no mundo do nada de onde tinha saído; não nos vê

mais, não nos ouve mais. E vós, seus filhos aqui presentes, que venerais sua memória, vossos lamentos não o tocam mais; é em vão que o chamais em vossas ardentes preces; ele não pode vir porque não mais existe; o túmulo fechou sobre ele para sempre; é em vão que esperais revê-lo, deixando a Terra, porque vós também, como ele, reentrareis no nada; será em vão que pedireis seu apoio e seus conselhos: ele vos deixou sós e bem sós; credes que ele continua a se ocupar de vós, que está ao vosso lado, que está aqui, no vosso meio? Ilusão de um espírito fraco. Sois médium, dizeis, e credes que pode se manifestar a vós! Superstição renovada da Idade Média; efeito de vossa imaginação que se reflete em vossos escritos.

Perguntamos, que seria do auditório com um semelhante quadro? No entanto, está aí o ideal da incredulidade.

Ouvindo estes versos, alguns dos assistentes, sem dúvida, disseram a si mesmos: "Bela idéia! isto faz efeito; "mas outros, e a maioria, terão dito: "Doce e consolador pensamento! ele aquece o coração!" No entanto, terão podido acrescentar, se a alma de Boieldieu está aqui presente, como aqui está ela? Sob que forma? É uma chama, uma faísca, um vapor, um sopro? Como ela vê e ouve? É precisamente esta incerteza sobre o estado da alma que faz nascer a dúvida; ora, esta incerteza o Espiritismo vem dissipá-la, dizendo: Boieldieu, morrendo, deixou seu pesado e grosseiro envoltório; mas a sua alma conservou seu envoltório fluídico indestrutível; e doravante, liberto do entrave que o retinha ao solo, pode se elevar e transpor o espaço. Está ele aqui, sob a forma humana mais leve, e se o véu que o oculta à vossa visão pudesse ser levantado, ver-se-ia Boieldieu, indo e vindo ou planando sobre a multidão, e com ele milhares de Espíritos de corpos etéreos, vindo associarem-se ao seu triunfo.

Ora, se o Espírito de Boieldieu ali está é porque se interessa pelo que ali se passa, é que se associa aos pensamentos dos assistentes; por que, pois, não faria conhecer seu próprio pensamento se para isso tem o poder? É esse poder que constata e que explica o Espiritismo. Seu envoltório fluídico, todo invisível e etéreo que é, não é por isso menos uma espécie de matéria; quando vivo ela servia de intermediária entre a sua alma e seu corpo; era por ela que transmitia a sua vontade, à qual o corpo obedecia, e por ela a alma recebia as sensações sentidas pelo corpo; é, numa palavra, o traço de união entre o Espírito e a matéria propriamente dita. Hoje, que ele está desembaraçado de seu envoltório corpóreo, associando-se, por simpatia, a um outro Espírito encarnado, pode, de alguma sorte, emprestar-lhe momentaneamente seu corpo para exprimir seu pensamento pela palavra ou escrita, dito de outro modo, pela via mediúnica, quer dizer, por um intermediário.

Assim, da sobrevivência da alma à idéia de que ela pode estar em meio a nós, não há senão um passo; dessa idéia à possibilidade de se comunicar, a distância não é grande; tudo está em se dar conta da maneira pela qual se opera o fenômeno. Vê-se, pois, que a Doutrina Espírita, dando como uma verdade as relações do mundo visível e do mundo invisível, não adianta uma coisa tão excêntrica como alguns muito querem dizer, e a solidariedade que ela prova existir entre esses dois mundos é a porta que abre os horizontes do futuro.

As estrofes do Sr. Méry, tendo sido lidas na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 19 de dezembro de 1862, a senhora Gostei obteve, na continuação dessa sessão, a comunicação seguinte do Espírito de Boieldieu:

"Estou feliz em poder manifestar o meu reconhecimento àqueles que, homenageando o velho músico, não esqueceram o homem. Um poeta, - os poetas são adivinhadores, - sentiu o sopro de minha alma ainda inflamada de harmonia. A música ressoava em seus versos resplandecentes de inspiração, mas na qual vibrava também uma nota emocionada que fazia planar, acima dos vivos, a sombra feliz daquele que se festejava.

"Sim, eu assistia a essa festa comemorativa de meu talento humano, e, acima dos instrumentos, ouvia uma voz, mais melodiosa do que a melodia terrestre, que cantava a

morte despojada de seus antigos terrores, e aparecia, não mais como uma sombria divindade do Erebo, mas como a brilhante estrela da esperança e da ressurreição.

"A voz cantava também a união dos Espíritos com seus irmãos encarnados; suave mistério! fecunda união que completa o homem, e lhe retorna as almas que chamava em vão do silêncio do túmulo.

"O poeta, precursor dos tempos, é bendito por Deus. Cotovia matinal, celebra a aurora das idéias muito tempo antes que hajam aparecido no horizonte. Mas eis que a revelação sagrada se difunde como uma bênção sobre todos, e todos, como o poeta amado, vos sentis ao redor da presença daqueles que a vossa lembrança evoca."

BOÏELDIEU.

CARTA SOBRE O ESPIRITISMO

Extrato do *Renard*, jornal hebdomanário de Bordeaux, de 1 de novembro de 1862.

Ao Sr. Redator-chefe do Renard.

Senhor Redator,

Se o assunto que aqui abordo não vos parece nem muito repisado, nem muito extensamente tratado, rogo-vos inserir esta carta no mais próximo número de vosso estimado jornal:

Algumas palavras sobre o Espiritismo: É uma questão tão controversa e que hoje ocupa tanto do espírito que tudo o que se pode escrever, sobre esse assunto, um homem leal e seriamente convencido não pode parecer, a ninguém, nem ocioso nem ridículo.

Não quero impor minhas convicções a quem quer que seja; não tenho nem idade, nem experiência, nem inteligência necessárias para ser um Mentor; quero dizer somente, a todos aqueles que, não conhecendo desta teoria senão o nome, estão dispostos a acolher o Espiritismo por zombarias ou um desdém sistemático: Fazei como fiz; tentai primeiro vos instruir, e tereis em seguida o direito de ser desdenhoso ou zombador.

Há um mês, senhor redator, eu tinha apenas uma idéia vaga do Espiritismo; sabia só que essa descoberta, ou essa utopia, para a qual uma palavra nova foi inventada, repousava sobre fatos (verdadeiros ou falsos), de tal modo sobrenaturais, que eram rejeitados antecipadamente por todos os homens que não crêem em nada daquilo que os espanta, que não seguem jamais um progresso senão a reboque de todo o seu século, e que, novos São Tomes, não estão persuadidos senão quando tocaram. Como eles, confesso, estava muito disposto a rir dessa teoria e de seus adeptos; mas, antes de rir, quis saber de que riria, e me apresentei numa sociedade de Espíritas, a casa do Sr. E. B. Diga-se de passagem, o Sr. B., que me pareceu um espírito direito, sério e esclarecido, é cheio de uma convicção bastante forte para deter o sorriso sobre os lábios de gracejador de mau gosto; porque, o que quer que se diga, uma convicção sólida sempre se impõe.

No fim da primeira sessão eu não ria mais, mas duvidava ainda, e o que sentia sobretudo era um extremo desejo de me instruir, uma impaciência febril de assistir a novas provas.

Foi o que fiz ontem, senhor redator, e não mais duvido agora. Sem falar de algumas comunicações pessoais que me foram feitas sobre coisas ignoradas tanto do médium quanto de todos os membros da Sociedade, vi fatos, que considero irrecusáveis.

Sem fazer aqui, compreendeis porque, nenhuma reflexão sobre o grau de instrução ou da inteligência do médium, declaro que é impossível a qualquer outro senão a um Bossuet ou a um Pascal responder imediatamente, de maneira tão clara quanto possível, com uma velocidade por assim dizer mecânica, e num estilo conciso, elegante e correto, várias páginas sobre perguntas tais como esta: "Como se pode conciliar o livre arbítrio

com a presciência divina,"quer dizer, sobre os problemas mais difíceis da metafísica. Eis o que vi, senhor redator, e muitas outras coisas ainda que não acrescentarei nesta carta, já muito longa; escrevo isto, eu o repito, a fim de inspirar, se o posso, a alguns de vossos leitores, o desejo de se instruir; talvez em seguida estarão convencidos como eu.

TIBULLELANG,
antigo aluno da Escola Politécnica.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O ESPIRITISMO.

(Extrato do *Écho de Sétif*, Argélia, de 9 de novembro de 1862.)

Já há algum tempo, o mundo se agita, estremece e procura; o mundo, a alma em pena, tem grandes necessidades.

Admitamos que o Espiritismo não existe, que tudo o que dele se diz seja o resultado do erro, da alucinação de alguns espíritos doentes; mas não é nada ver seis milhões de homens à espera da mesma doença em sete a oito anos?

Por mim, nele encontro muitas coisas: encontro o pressentimento de grandes acontecimentos, porque, em todos os tempos, na véspera de épocas marcantes, o mundo sempre ficou inquieto, turbulento mesmo, sem se dar conta de seu mal-estar. O que há de certo hoje, é que depois de ter atravessado uma época de materialismo assustador, sente a necessidade de uma crença espiritualista raciocinada; quer crer com conhecimento de causa, se posso me expressar assim. Eis as causas de seu mal-estar, se admitimos que haja doença.

Dizer que não há nada no fundo desse movimento, é ser temerário.

Um escritor, que não tenho a honra de conhecer, vem de dar um artigo, profundamente pensado, no *Écho de Sétif*, de 18 de setembro último. Ele mesmo confessa que não conhece o Espiritismo. Procura se é possível, se ele pode existir, e suas pesquisas levaram-no a concluir que o Espiritismo não é impossível.

O que quer que seja, os Espíritos têm o direito de alegrar-se hoje, uma vez que homens de elite querem muito consagrar uma parte de seus estudos à procura do que uns chamam uma verdade e os outros um erro.

No que me concerne, posso atestar um fato: é que vi coisas que não se podem crer sem tê-las visto.

Há uma parte muito esclarecida da sociedade que não nega precisamente o fato, mas pretende que as comunicações que se obtêm vêm diretamente do inferno. É o que não posso admitir em presença de comunicações como esta: "Crede em Deus, criador e organizador das esferas, amai a Deus criador e protetor das almas.....Assinado:

GALILEU.

O diabo não teve que falar sempre como isso; porque, se assim fora, os homens ter-lhe-iam dado uma reputação que não teria merecido. E se é verdade que haja faltado com o respeito para com Deus, reconhecamos que ele bem colocou a água em seu vinho.

Tão incrédulo que fui, não podia me persuadir que Deus jamais permitiria ao nosso Espírito se comunicar, com o nosso desconhecimento, com o Espírito de uma pessoa viva; no entanto, muito me foi preciso render-me à evidência. Pensei, e um adormecido me respondeu claramente, categoricamente; nenhum som, nenhum tremor se produziu em meu cérebro. O Espírito do adormecido, pois, correspondeu-se com o meu, com o seu desconhecimento! eis o que atesto.

Antes desta descoberta, pensava que Deus pusera uma barreira intransponível entre o mundo material e o mundo espiritual. Enganei-me, eis tudo. E parece que, quanto mais

era incrédulo, mais Deus quis me enganar pondo, sob meus olhos, fatos extraordinários e patentes.

Quis escrever eu mesmo, a fim de não ser mistificado por um terceiro; minha mão jamais fez o menor movimento. Coloquei a pena na mão de um menino de quatorze anos, e ele dormiu sem que eu o desejasse. Vendo isto, retirei-me para o meu jardim, com a convicção de que essa pretensa verdade não era senão um sonho; mas, reentrando em minha casa, notei que o menino tinha escrito. Aproximei-me para ler, e vi, com minha grande surpresa, que o menino respondera a todos os meus pensamentos. Protestante sempre, apesar desse fato e querendo confundir o adormecido, fiz mentalmente uma pergunta sobre a história antiga. Sem hesitar, o adormecido respondeu-a categoricamente.

Detenhamo-nos aqui, e apresentemos, em poucas palavras, algumas observações.

Suponhamos que não haja tido a intervenção dos Espíritos de um outro mundo, sempre é que o Espírito do adormecido e o meu estavam em perfeita concordância. Eis, pois, um fato, penso eu, que merece ser estudado. Mas há homens tão sábios que não têm mais nada para estudar e que preferem dizer-me que sou um louco.

Um louco, seja, mas mais tarde veremos bem aquele, ou aqueles, que estão no erro.

Se tivesse articulado uma única palavra, se tivesse feito o menor sinal, não me teria entregue; mas não me mexi, não falei: que digo eu, não respirei!

Pois bem! há um sábio que queira conversar comigo sem dizer uma palavra ou sem me escrever? Há algum deles que queira traduzir meu pensamento sem me conhecer, sem me ter visto? E o que é muito mais, não posso enganá-lo, mesmo lhe falando, e isto, sem que disso desconfie? Isto não podia se fazer com o médium em questão. Tentei muitas vezes, não tive sucesso.

Se me permitirdes, vos darei em continuação algumas das comunicações que obtive.

C***.

RESPOSTA A UMA PERGUNTA SOBRE O ESPIRITISMO DO PONTO DE VISTA RELIGIOSO.

A pergunta seguinte nos foi dirigida por uma pessoa de Bordeaux, que não temos a honra de conhecer, e à qual cremos dever responder pela Revista, para a instrução de todos.

"Li numa de suas obras: "O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com o fim de dela não os afastar, e a quem essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos incertos e dos incrédulos, etc.

"Pois bem! Por que não? O Espiritismo, que é a verdade, não deveria se dirigir a todo o mundo? a todos aqueles que estão no erro? Ora, aqueles que crêem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou qualquer outra, não estão no erro? Nele estão, indubitavelmente, uma vez que as diversas religiões hoje professadas dão como verdades incontestáveis, e nos fazem uma obrigação de crer, em coisas completamente falsas, ou pelo menos coisas que podem vir de fontes verdadeiras, mas inteiramente mal interpretadas. Se está provado que as penas não são senão temporárias, - e Deus sabe se é um erro leviano confundir o temporário com o eterno, - que o fogo do inferno é uma ficção, e que em lugar de uma criação em seis dias trata-se de milhões de séculos, etc.; se tudo isto está provado, digo, partindo deste princípio de que a verdade é *una*, as crenças que deram lugar a interpretações tão falsas desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, porque uma coisa é ou não é; não há meio-termo.

"Por que, pois, o Espiritismo não se dirigiria tanto àqueles que crêem em absurdos, para disso dissuadi-los, quanto àqueles que não crêem em nada ou que duvidam? etc."

Aproveitamos a ocasião da carta da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, uma vez mais, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor dessa carta não parece completamente edificado.

Pelas provas patentes que ele dá da existência da alma e da vida futura, bases de todas as religiões, é a negação do materialismo, e se dirige, conseqüentemente, àqueles que negam ou que duvidam. É bem evidente que, aquele que não crê em Deus nem em sua alma, não é nem católico, nem judeu, nem protestante, qualquer que seja a religião em que nasceu, porque não seria mesmo nem maometano nem budista; ora, pela evidência dos fatos, é levado a crer na vida futura com todas as suas conseqüências morais; livre para adotar em seguida o culto que melhor convenha à sua razão ou à sua consciência; mas aí se detém o papel do Espiritismo; faz vencer os três quartos do caminho; faz transpor o passo mais difícil, o da incredulidade, cabendo aos outros fazer o resto.

Mas, poderá dizer o autor da carta, se nenhum culto me convém? Pois bem! então, ficai o que sois; o Espiritismo nisso nada pode; não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um: deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, procurai, entre todas as filosofias que existem, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas aspirações.

Os incrédulos e os que duvidam formam uma categoria imensamente numerosa, e quando o Espiritismo diz que não se dirige àqueles que têm uma fé qualquer e a quem essa fé basta, entende que não se impõe a ninguém e não violenta nenhuma consciência. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los pelos meios que lhe são próprios, pelos raciocínios que sabe ter acesso à sua razão, uma vez que os outros foram impotentes; em uma palavra, ele tem seu método com o qual obtém, todos os dias, muitos bons resultados; mas não tem doutrina secreta; não diz a uns: abri vossos ouvidos, e aos outros, fechai-os; fala a todo o mundo por seus escritos, e cada um está livre para adotar ou rejeitar a sua maneira de encarar as coisas. Por esta maneira, faz crentes fervorosos daqueles que eram incrédulos; é tudo o que ele quer. Àquele, pois, que diria: 'Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; persisto mesmo em crer que é o Sol que gira porque a Bíblia o diz, e creio que minha salvação é a esse preço,' o Espiritismo responde: "Guardai vossas crenças, uma vez que elas vos convém; ninguém procura vos impor outras; não me dirijo a vós, uma vez que não me quereis;" e nisto é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se há os que crêem estar em erro, são livres para olhar a luz, que brilha para todo o mundo; aqueles que crêem estar na verdade são livres para afastar os olhos.

Ainda uma vez, o Espiritismo tem um objetivo do qual não quer e não deve se afastar; sabe o caminho que deve a ele conduzir, e seguiu-lo-á sem se deixar extraviar pelas sugestões dos impacientes: cada coisa vem a seu tempo, e querer ir muito depressa, freqüentemente, é recuar em lugar de avançar.

Duas palavras ainda ao autor da carta: Parece-nos ter feito uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é *una*, disso concluindo que se certos dogmas, como os das penas futuras e o da criação, receberam uma interpretação errônea, tudo deve ser falso na religião. Não vemos, todos os dias, a própria ciência positiva reconhecer certos erros de detalhes, sem que, por isso, a ciência seja radicalmente falsa? Não se pôs a Igreja de acordo com a ciência sobre certas crenças das quais fazia outrora artigos de fé? Não reconhece ela hoje a lei do movimento da Terra e a dos períodos geológicos da criação que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia está de acordo para reconhecer que é uma figura, e que é preciso entender, por aí, um fogo moral e não um fogo material. Sobre vários pontos as doutrinas são também menos absolutas do que outrora; de onde se pode concluir que um dia, cedendo à evidência dos fatos e das provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as leis da Natureza, de alguns pontos ainda controvertidos; porque nenhuma crença poderia, nem validamente, nem racionalmente, prevalecer contra essas leis. Deus

não pode se contradizer estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender se colocar acima de Deus, decretando a nulidade de suas leis. Ora, a Igreja, que compreendeu esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á igualmente para as outras, notadamente no que concerne ao Espiritismo, fundado, em todos os pontos, sobre as leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que cada dia serão melhor compreendidas.

Não é preciso, pois, se apressar em rejeitar um todo, porque certas partes são obscuras ou defeituosas, e cremos útil, a esse propósito, lembrar-se da fábula de: *A macaca, o macaco e a noz*.

IDENTIDADE DE UM ESPIRITO ENCARNADO.

Nosso colega, Sr. Delanne, estando em viagem, nos transmite o relato seguinte da evocação que fez do Espírito de sua mulher, viva, que ficou em Paris.

.....Em 11 de dezembro último, estando em Lille, evoquei o Espírito de minha mulher as onze e meia da noite; ela me informou que uma de suas parentas estava, por acaso, deitada com ela. Este fato me deixou dúvidas, não o crendo possível, quando, dois dias depois, recebi dela uma carta constatando a realidade da coisa. Envio-vos nossa conversa, embora não haja nada de particular, mas porque oferece uma prova evidente de identidade.

1. *Pergunta*. Estás aqui, querida amiga? - *Resposta*. Sim, meu gordo. (É seu termo favorito.)

2. Vês os objetos que me cercam? - *R*. Vejo-os bem. Estou feliz por estar perto de ti. Espero que estejas bem abrigado! (Eram onze horas e meia; chegara de Arras; nada de fogo no quarto; estava envolvido com meu manto de viagem e não tinha mesmo tirado meu cachê.)

3. Estás contente por vir sem teu corpo? - *R* Sim, meu amigo; disso te agradeço. Tenho meu corpo fluídico, meu perispírito.

4. És tu que me faz escrever, e onde estás? - *R*. Junto de ti; certamente tua mão tem muito do mal a ceder.

5. Estás bem adormecida? - *R*. Não, ainda não muito bem.

6. Teu corpo te retém? - *R* Sim, eu sinto que me retém. Meu corpo está um pouco doente, mas meu Espírito não sofre.

7. Tiveste, durante o dia, a intuição de que te evocaria esta noite? - *R* Não, e no entanto não pude definir o que me dizia que te reveria. (Nesse momento tive um ataque violento de tosse.) Tosses sempre, amigo; cuida-te, pois, um pouco.

8. Podes ver meu perispírito? - *R* Não, não posso distinguir senão teu corpo material.

9. Sentes-te mais livre e melhor do que com o teu corpo? - *R* Sim não sofro mais. (Numa carta posterior, fui informado de que, efetivamente, estivera indisposta.)

10. Vês Espíritos ao meu redor? - *R* Não; no entanto, desejo muito vê-los.

11. Assusta-te estar só na casa? *R Adèle está comigo*. (Essa pessoa, uma de nossas parentas, jamais dormia na casa; não a víamos senão raramente.)

12. Como ocorre que Adèle esteja contigo? Ela deitou contigo? - *R* Sim, por acaso.

13. És bem tu, minha querida mulher, que me falas? - *R* Sim, sou bem eu.

14. Vês bem claro aqui? - *R* Sim, tudo irradia melhor do que a fraca luz. (Não tinha senão uma vela num grande quarto.)

15. Comunicas-te comigo por intuição ou mecanicamente? - *R* Toco mais particularmente sobre teu cérebro, que é próprio para receber mais facilmente, mas, apesar disso, dirijo tua mão ao mesmo tempo.

16. Como podes ver que meu cérebro está apto para receber as comunicações espíritas? – R- É pelo desenvolvimento que teus órgãos adquiriram há pouco, o que prova que lhe foi preciso... (Nesse momento soa meia-noite e o Espírito se detém.)

17. Ouves o som do pêndulo? -R Sim, mas estou surpresa com esse som desabitado; é semelhante à música celeste que ouvi no sonho que te contei. (Com efeito, algum tempo antes de minha partida, ela tivera um sonho delicioso, no qual ouvira uma melodia sem semelhança. Nesse momento, seguramente, eu não pensava nesse sonho de que havia esquecido totalmente; isso não podia, pois, ser o reflexo de meu pensamento; porque como nenhuma outra pessoa dele tivera conhecimento, e que eu estava só nesse momento, vi nessa revelação espontânea uma nova prova de identidade do Espírito de minha mulher. O Espírito terminou, espontaneamente, a frase começada mais acima.)

..... Muita força em tão pouco tempo.

18. Queres que evoque meu anjo guardião para controlar tua identidade? Isto te incomodará? - R Podes fazê-lo.

19. (Ao meu anjo guardião.) É bem o Espírito de minha mulher que acaba de me falar? –R- É tua mulher quem te fala e que está satisfeita em ver-te.

20. (À minha mulher.) Viste meu anjo guardião? - R Sim, é resplandecente de luz; não fez senão aparecer e desaparecer.

21. Ele mesmo te viu? - R Sim, olhou-me com olhos de uma celeste clemência; e eu, muito confusa, prosternei-me.

Adeus, meu gordo, sinto-me forçada a deixar-te.

Nota. Se esse controle tivesse se limitado à resposta do anjo guardião, teria sido inteiramente insuficiente, porque seria preciso controlar, a seu turno, a identidade do anjo guardião, do qual um Espírito enganador teria podido, perfeitamente, usurpar o nome. Nada há, em sua simples afirmação, que revele sua qualidade. Em semelhante caso, é sempre preferível fazer o controle por um médium estranho, que não estaria sob a mesma influência; evocar por si mesmo um Espírito, para ele controlar um outro, não oferece sempre uma garantia suficiente, sobretudo pedindo-se a permissão àquele de que se suspeita. Na circunstância da qual se trata, nela encontramos uma descrição que o Espírito dá do anjo guardião; um Espírito enganador não teria podido tomar esse aspecto celeste; reconhece-se, aliás, em todas essas respostas, um caráter de verdade que não poderia simular a fraude.

(Sessão da noite do dia seguinte.)

22. Estás aqui? - R Sim; vou dizer-te o que te preocupa, é Adèle. Pois bem! sim; ela deitou realmente comigo, eu te juro.

23. Teu corpo está melhor? - R Sim; não era nada.

24. Hoje, vês Espíritos ao teu redor? - R Não vejo nada ainda, mas pressinto algum, porque estou toda inquieta de estar só.

25. Ora, minha boa amiga, e estarás talvez melhor. - R Sim, é o que vou fazer. Dize comigo: "Meu Deus, grande e justo, querei nos bendizer, e nos absolver de nossas iniquidades; fazei graça aos vossos filhos que vos amam; dignai-vos inspirar-lhes as vossas virtudes, e concedei-lhes a insigne graça de serem contados, um dia, entre vossos eleitos. Que a dor terrestre não lhes pareça nada em comparação com a felicidade que reservais àqueles que vos amam sinceramente. Absolvei-nos, Senhor, e continuai nos vossos benefícios pela intercessão, da pura e angélica santa Maria, mãe dos pecadores e a misericórdia encarnada."

Nota. Esta prece, improvisada pelo Espírito, é de uma tocante simplicidade. O Sr. Delanne não conhecia o fato concernente a Adèle senão pelo que lhe havia dito o Espírito de sua mulher, e foi esse fato que lhe inspirou dúvidas; tendo escrito a esta a esse respeito, recebeu a resposta seguinte:

".....Adèle foi bem-vinda ontem à noite, por acaso; convidei-a a ficar, não por medo, disso ri, mas para tê-la comigo; vêes bem que ela ficou deitada comigo. Estive um pouco perturbada nas duas últimas noites; senti uma espécie de mal-estar, do qual não me dava conta perfeitamente; era como uma força invencível que me forçava a dormir; estava como aniquilada; mas estou tão feliz por ter ido junto a ti!....."

A BARBÁRIE NA CIVILIZAÇÃO.

Horrível suplício de um Negro.

Uma carta de New York, dirigida, em data de 5 de novembro, à *Gazette des Tribunaux*, contém os detalhes seguintes de uma horrível tragédia que ocorreu em Dalton, no condado de Caroline (Maryland):

"Foi detido recentemente um jovem negro sob a acusação de atentado ao pudor sobre a pessoa de uma menina branca. Graves suspeitas pesavam sobre ele. A criança, objeto de suas criminosas violências, declarou reconhecê-lo perfeitamente. O acusado foi encerrado na prisão de Dalton. Ali estava apenas há algumas horas, quando uma multidão numerosa, soltando gritos de cólera e de vingança, pedia que se lhe entregasse o infeliz negro.

"Os representantes da ordem e da autoridade, vendo que lhes seria impossível defender à viva força seu prisioneiro contra essa multidão irritada, procuraram em vão, pelos mais insistentes discursos, acalmá-la. Os assobios acolheram suas palavras em favor da lei e da justiça regular.

"O povo, cujo número ia sem cessar crescendo, começou a lançar pedras contra a prisão. Alguns tiros de revólver foram descarregados sobre os agentes da autoridade, mas nenhuma bala os atingiu. Compreendendo que a resistência era impossível de sua parte, abriram as portas da prisão. A multidão, depois de ter lançado um imenso hurra em sinal de satisfação, nela precipitou-se com furor. Apodera-se do prisioneiro e o arrasta, no meio de gritos de cólera dos assistentes e das súplicas da vítima, ao meio da praça principal da cidade.

"Um júri é imediatamente nomeado. Depois de ter examinado, pela forma, os fatos do processo, declarou o acusado culpado, e o condenou a ser enforcado sem demora. Logo amarrou-se uma corda em uma árvore e, isto feito, procede-se à execução. O negro, enquanto seu corpo se debatia nas convulsões da agonia, era alvo dos insultos e das violências dos espectadores. Vários tiros foram dados sobre ele e contribuíram para aumentar as torturas de sua morte.

"A multidão, embriagada de cólera e de vingança, não esperou que o corpo estivesse completamente imóvel para livrá-lo da corda. Passeou seu ignóbil troféu pelas ruas de Dalton. Homens e mulheres, as próprias crianças, aplaudiam os ultrajes prodigalizados ao cadáver do jovem negro.

"Mas aí não deveria se deter a fúria do povo. Depois de ter percorrido a cidade de Dalton em todos os sentidos, deteve-se diante de uma igreja de negros. Uma imensa fogueira foi ali levantada, e depois de ter cortado e mutilado o cadáver, a multidão lançou, em meio de manifestações de alegria mais ruidosas, os membros e os fragmentos de carne nas chamas. "

Este relato deu lugar à pergunta seguinte, proposta na Sociedade Espírita de Paris, em 28 de novembro de 1862:

"Compreende-se que exemplos de ferocidade isolados e individuais se encontrem nos povos civilizados; o Espiritismo disso dá explicação dizendo que eles provêm de Espíritos inferiores, de alguma sorte extraviados numa sociedade mais avançada; mas, então, esses indivíduos, durante toda a sua vida, revelaram a baixaza de seus instintos. O que

se compreende mais dificilmente é que uma população inteira, que deu provas da superioridade de sua inteligência, e, mesmo em outras circunstâncias, de sentimentos de humanidade, que professa uma religião de doçura e de paz, possa ser tomada de tal vertigem sanguinária, e se alimentar com uma raiva selvagem das torturas de uma vítima. Há aí um problema moral sobre o qual pedimos aos Espíritos consentirem em nos dar uma instrução."

(Sociedade Espírita de Paris, 28 de novembro de 1862. - Médiun, Sr. A. de B...)

O sangue derramado nos países renomados, até este dia, pelas suas tendências ao progresso humano, é uma chuva de maldições, e a indignação do Deus justo não poderia tardar mais tempo para se abater sobre a morada onde se cumprem, tão freqüentemente, abominações semelhantes a essa da qual vindes de ouvir a leitura. Em vão se quer dissimular, a si mesmo, as conseqüências que elas arrastam forçosamente; em vão se quer atenuar a importância do crime; se ele é horrível por si mesmo, não o é menos pela intenção que o fez cometer com tão horríveis refinamentos, com uma obstinação tão bestial. O interesse! o interesse humano! os gozos sensuais, as satisfações do orgulho e da vaidade ali ainda foram o móvel, como em toda outra ocasião, e as mesmas causas farão nascer efeitos semelhantes, causas, ao seu turno, dos efeitos da cólera celeste, a qual pressagia tantas iniquidades. Crede-me que ali não há progresso real senão o da indústria, de todos os recursos e de todas as artes que tendem a amortecer os rigores da vida material e a aumentar os gozos com os quais se quer saciar-se? Não; ali não está unicamente o progresso necessário à elevação dos Espíritos, que não são humanos senão temporariamente, e não devem ligar às coisas humanas senão o interesse secundário que elas merecem. O aperfeiçoamento do coração, as luzes da consciência; a difusão do sentimento de solidariedade universal dos seres, do de fraternidade entre os humanos, são as únicas marcas autênticas que distinguem um povo na marcha do progresso geral. Só por esses caracteres se reconhece uma nação como a mais avançada. Mas aquelas que ainda nutrem em seu seio sentimentos de orgulho exclusivo, e não vêem tal porção da Humanidade senão como uma raça servil, feita para obedecer e sofrer, aquelas sentirão o nada de suas pretensões e o peso da vingança do Céu. Teu pai, V. de B.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

As proximidades do inverno.

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de dezembro de 1862. - Médiun, Sr. Leymarie.)

Meus bons amigos, quando o frio chega e que tudo falta na casa de pessoas de bem, por que não viria, eu, vosso antigo condiscípulo, lembrar-vos a nossa palavra de ordem, a palavra *caridade*? Dai, dai tudo o que o vosso coração pode dar, em palavras, em consolações, em cuidados benevolentes. O amor de Deus está em vós, se souberdes, Espíritas fervorosos, cumprir o mandato que vos delegou.

Nos instantes livres, quando o trabalho vos deixa o repouso, procurai aquele que sofre moralmente ou corporeamente; a um dai essa força que consola e engrandece o Espírito, ao outro dai o que sustente e faça calar, sejam as apreensões da mãe cujos braços estão desocupados, seja a queixa da criança que pede pão.

As geadas chegaram, uma brisa fria rota o pó: em breve a neve. E a hora em que deveis andar e procurar. Quantos pobres envergonhados se escondem e gemem em segredo, sobretudo o pobre de casaca que tem todas as aspirações e faltam as primeiras necessidades. Para aquele, meus amigos, agi sabiamente; que vossa mão alivie e cure, mas também possa a voz do coração apresentar delicadamente o óbolo que pode ferir

penosamente o amor-próprio do homem bem elevado. E preciso, eu o repito, dar, mas saber bem dar; Deus, o dispensador de tudo, esconde seus tesouros, sua espigas, suas flores e seus frutos, e, no entanto, seus dons, que secreta e laboriosamente germinaram na seiva do tronco e do caule, nos chegam sem que sintamos a mão que os dispensa. Fazei como Deus, imitai-o, e sereis abençoados.

Oh! como é bom e belo ser útil e caridoso, saber se levantar levantando os outros, esquecer as egoístas pequenas necessidades da vida para praticar a mais nobre atribuição da Humanidade, aquela que faz de nós os verdadeiros filhos do Criador!

E que ensinamento para os vossos! Vossos filhos vos imitam; vosso exemplo leva seus frutos, porque todo ramo bem enxertado, é a abundância. O futuro espiritual da família depende sempre da forma que dais a todas as vossas ações.

Eu vo-lo digo, e não poderia jamais repeti-lo bastante, ganhais espiritualmente se dais e consolais; Porque Deus vos dará e vos consolará em seu reino, que não é deste mundo. Neste, a família que honra e bendiz seu chefe inteligente, nessa parcela de realidade que Deus lhe deixou, é uma atenuação de todas as dores que acompanham a vida-

Adeus, meus amigos, sede todo amor, todo caridade.

SANSON.

A LEI DO PROGRESSO.

(Lyon, 17 de setembro de 1862. - Médiun, Sr. Emile V...)

Nota. - Esta comunicação foi obtida na sessão geral presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Parece, considerando-se a Humanidade em seu estado primitivo e em seu estado atual, quando a sua primeira aparição sobre a Terra marcou um ponto de partida, e agora que ela percorreu uma parte do caminho que conduz à perfeição, parece, digo eu, que todo bem, todo progresso, toda filosofia enfim, não possa nascer senão do que lhe e contrário.

Com efeito, toda formação é o produto de uma reação, do mesmo modo que todo efeito é engendrado por sua causa. Todos os fenômenos morais, todas as formações inteligentes, são devidos a uma perturbação momentânea da própria inteligência. Somente, na inteligência, devem-se considerar dois princípios: a um imutável, essencialmente bom, eterno como tudo o que é infinito; o outro, temporário, momentâneo e que não é senão o agente empregado para produzir a reação de onde sai, cada vez, o progresso dos homens.

O progresso abarca o universo durante a eternidade, e jamais é tão conhecido do que quando se concentra em um ponto qualquer. Não podeis ver, com um só olhar, a imensidade que vive, por consequência, que progride; mas olhai ao vosso redor; que vedes aí?

Em certas épocas, pode-se dizer, em momentos previstos, designados, surge um homem que abre um caminho novo, que corta a prumo os rochedos áridos dos quais está sempre semeado o mundo conhecido da inteligência. Frequentemente, esse homem é o último entre os humildes, entre os pequenos, e, no entanto, ele penetra nas altas esferas do desconhecido. Arma-se de coragem, porque para isso lhe é necessário lutar corpo a corpo com os preconceitos, com os usos recebidos; para isto lhe é preciso vencer os obstáculos que a má-fé semeia sob seus passos, porque enquanto restam preconceitos a derrubar, restam abusos e interesses nos abusos; para isso lhe é preciso, porque deve lutar ao mesmo tempo com as necessidades materiais de sua personalidade, e sua vitória, nesse caso, é a melhor prova de sua missão e de sua predestinação.

Chegado a esse ponto em que a luz se escapa bastante forte do círculo do qual é o centro, todos os olhares caem sobre ele; assimila-se todo princípio inteligente e bom; ele

reforma, regenera, o princípio contrário, apesar dos preconceitos, apesar da má-fé, apesar das necessidades, ele chega ao seu objetivo, faz a Humanidade transpor um degrau, faz conhecer o que não era conhecido.

Esse fato já se repetiu muitas vezes, e se repetirá muitas vezes ainda antes que a Terra tenha adquirido o grau de perfeição que convém à sua natureza. Mas tantas vezes quantas sejam necessárias, Deus fornecerá a semente e o lavrador. Esse lavrador, é cada homem em particular, como cada um dos gênios que a ilustram por uma ciência, frequentemente, sobre-humana. Em todos os tempos houve desses centros de luz, desses pontos de união, e o dever de todos é de se aproximar, de ajudar e de proteger os apóstolos da verdade. É o que o Espiritismo vem dizer ainda.

Apressai-vos, pois, vós todos que sois irmãos pela caridade; apressai-vos e a felicidade prometida à perfeição vos será bem mais cedo concedida.

ESPIRITO PROTETOR.

BIBLIOGRAFIA.

A pluralidade dos mundos habitados.

Estudo em que são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da astronomia e da fisiologia; por CAMILLE FLAMMARION, calculador no Observatório imperial de Paris, ligado ao Bureau dês longitudes, etc. (1-(1) Brochura grande in-8. Preço: 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 10; casa Bachellier, impressora-livraria do Observatoire, 55 cais dos Grands-Augustins.)

Embora não seja relativa ao Espiritismo, nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da Doutrina, e nossos leitores nos agradecerão por o termos assinalado à sua atenção, persuadidos antecipadamente do poderoso interesse que darão a essa leitura duplamente atraente, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela ciência, uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos, o Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium em notáveis dissertações assinadas por Galileu, e que publicamos, em setembro último, sob o título de *Estudos uranográficos*. A esse duplo título estamos felizes de lhe dar uma menção especial, que será ratificada, disso não temos nenhuma dúvida.

O autor dedicou-se a recolher todos os elementos de natureza a apoiar a opinião da pluralidade dos mundos habitados, ao mesmo tempo que combate a opinião contrária, e, depois de tê-lo lido, pergunta-se como é possível colocar em dúvida essa questão. Acrescentamos que as considerações de ordem científica mais elevadas não excluem nem a graça nem a poesia do estilo. Pode-se julgá-lo pela passagem seguinte, onde fala da intuição que a maioria dos homens, em contemplação diante da abóbada celeste, tem da habitabilidade dos mundos:

".....Mas a admiração que nos excita a cena mais emocionante do espetáculo da Natureza se transforma logo em um sentimento indescritível de tristeza, porque somos estranhos a esses mundos onde reina uma solidão aparente, e que não podem fazer nascer a impressão imediata pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos em nós a necessidade de povoar esses globos em aparência esquecidos pela vida, e sobre essas regiões eternamente desertas e silenciosas procuramos olhares que respondam aos nossos. Tal um ousado navegador explora por muito tempo em sonho os desertos do Oceano, procurando a terra que lhe foi revelada, atravessando com seus olhares de águia as mais vastas distâncias, e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para vagar enfim nas imensas planícies onde o Novo Mundo estava assentado desde períodos secula-

res. Seu sonho se realizou. Que o nosso se liberte do mistério que o envolve ainda, e sobre a nave do pensamento, subiremos aos céus para procurar outras terras."

A obra está dividida em três partes; na primeira, intitulada *Estudos históricos*, o autor passa em revista a inumerável série de sábios e filósofos antigos e modernos, religiosos ou profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu até Herschel e o sábio Laplace.

"A maioria das seitas gregas, disse ele, ensinaram, seja abertamente a todos os seus discípulos, seja em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são bem dele, ele pode ser contado como o primeiro que tenha ensinado a pluralidade dos mundos. Está implicitamente encerrada nos versos órficos, onde está dito que cada estrela é um mundo, e notadamente nestas palavras conservadas por Proclus: "Deus edificou uma terra imensa que os imortais chamam Selene, e que os homens chamam Lua, na qual se elevam um grande número de habitações, de montanhas e de cidades."

"O primeiro dos gregos que levou o nome de filósofo, Pitágoras, ensinava em público a imobilidade da Terra e o movimento dos astros ao redor dela como centro único da criação, ao passo que declarava aos adeptos avançados de sua doutrina a crença no movimento da Terra como planeta e na pluralidade dos mundos. Mais tarde, Demócrito, Heráclito, Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a da maioria dos pitagóricos, e da maioria dos filósofos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclido foram os mais ardentes defensores dessa crença; este último ia mesmo até pretender que cada estrela é um mundo que tem, como o nosso, uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria etérea."

Mais longe acrescenta:

"A ação benfazeja do Sol, disse Laplace, faz eclodir os animais e as plantas que cobrem a terra, e a analogia nos leva a crer que ela produz efeitos semelhantes sobre os outros planetas; porque não é natural pensar que a matéria da qual vemos a fecundidade se desenvolver de tantos modos, seja estéril sobre um tão grande planeta como Júpiter que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos, e sobre o qual as observações indicam as mudanças que supõem forças muito ativas... O homem, feito para a temperatura da qual goza na Terra, não poderia, segundo toda aparência, viver sobre os outros planetas. Mas não deve ali haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos é dos climas coloca tanta variedade nas produções terrestres, quanto mais devem diferenciar as dos planetas e dos satélites!"

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, segundo os dados mais positivos da ciência, e do qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que ela se compõe, numa situação excepcional que haja podido lhe valer o privilégio de ser habitada com a exclusão de tantos outros mundos mais favorecidos em vários aspectos. A primeira parte é da erudição, a segunda é da ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista da *fisiologia*. As observações astronômicas, fazendo conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera, e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, disso resulta que a Terra está numa das condições menos vantajosas, um daqueles cujos habitantes devem sentir mais vicissitudes, e onde a vida deve ser mais penosa; de onde o autor conclui que não é racional admitir que Deus haja reservado, para a habitação do homem, um dos mundos menos favorecidos, ao passo que aqueles que são os melhores dotados estariam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto está estabelecido, não sobre uma idéia sistemática, mas sobre os dados positivos para os quais todas as ciências foram postas em contribuição: astronomia, física, química, meteorologia, geologia, zoologia, fisiologia, mecânica, etc.

"Mas, ajunta ele, de todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais do que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos fracos habitantes da Terra, fazendo-os entrever os quadros pomposos de uma longa e doce existência.

"Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não nos é dado romper, vemos se extinguirem sucessivamente nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os partilham, com suas estações disparatadas, cujo antagonismo se perpetua na desigualdade contínua do dia e da noite, e na inconstância da temperatura."

Depois de um eloqüente quadro das lutas que o homem tem a sustentar contra a Natureza para prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que transtornaram a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta: "Em consequência de tais considerações, pode-se pretender ainda que esse globo seja, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possíveis, e que muitos outros corpos celestes não possam lhe ser infinitamente superiores, e reunir melhor do que ele as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?"

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, fá-lo ver um panorama de uma tal imensidade, que não se pode impedi-lo de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos milhões, nosso pequeno globo, desconhecido de uma grande parte mesmo de nosso sistema planetário, seja a única terra habitada, e nos identificamos com o pensamento do autor quando disse, ao terminar:

"Ah! se nossa visão fosse bastante penetrante para descobrir, lá onde não distinguimos senão pontos brilhantes sobre o fundo escuro do céu, os sóis resplandescentes que gravitam na extensão, e os mundos habitados que os seguem em seus cursos; se nos fosse dado abarcar sob o golpe de um olhar geral essas miríades de sistemas solidários, e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos, durante séculos de séculos, esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar nenhum fim para essa imensidade prodigiosa onde Deus faz germinar os mundos e os seres, retornando nossos olhares para trás, mas não sabendo mais em que ponto do infinito encontrar esse grão de pó que se chama Terra, nos deteríamos fascinados e confundidos por um tal espetáculo, e unindo nossa voz ao concerto da natureza universal, diríamos do fundo de nossa alma: Deus poderoso! como éramos insensatos em crer que não havia nada além da Terra, e que só a nossa pobre morada tinha o privilégio de refletir a tua grandeza e o teu poder!"

Terminaremos, a nosso turno, por uma nota, é que vendo a soma de idéias contidas nessa pequena obra, admira-se que um homem jovem, de uma idade onde outros estão ainda nos bancos da escola, haja tido o tempo de apropriá-las, e, com mais forte razão, de aprofundá-las; é para nós a prova evidente de que seu Espírito não está em seu início, ou que, com o seu desconhecimento, tenha üido assistido por um outro Espírito.

SUBSCRIÇÃO EM FAVOR DOS OPERÁRIOS DE ROUEN.

Uma subscrição está aberta, no escritório da *Revista Espírita*, 59, rua e passagem Sainte-Anne, em proveito dos operários de Rouen, aos sofrimentos dos quais ninguém saberia ficar indiferente. Já vários grupos e sociedades espíritas nos enviaram o produto de suas cotizações; convidamos aqueles que estiverem na intenção de a isto concorrer, a apressarem o seu envio, porque o inverno está aí! A lista dela será publicada. (Ver acima, página 26, a comunicação do Sr. Sanson.)

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 2

FEVEREIRO 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE.

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

Terceiro artigo. (1-(1) Ver os números de dezembro de 1862 e janeiro da 1863.)

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá, por assim dizer, nenhuma dificuldade quando se estiver bem compenetrado dos fatos particulares que citamos, e das considerações que um estudo atento permitiu deles deduzir. Bastar-nos-á relatá-los para que cada um encontre neles, por si mesmo, a aplicação por analogia. Os dois fatos seguintes nos ajudarão ainda a colocar o leitor no caminho. O primeiro nos foi transmitido pelo Sr. doutor Chaigneau, membro honorário da Sociedade de Paris, presidente da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély.

Uma família se ocupava de evocações com ardor desenfreado, impelida que era por um Espírito que nos foi apontado como muito perigoso; era um de seus parentes, desencarnado depois de uma vida pouco honrosa, terminada por vários anos de alienação mental. Sob um nome emprestado, por provas mecânicas surpreendentes, belas promessas e conselhos de uma moralidade sem censuras, chegou a fascinar de tal modo essas pessoas muito crédulas, que as submetia às suas exigências e as constrangia aos atos mais excêntricos. Não podendo mais satisfazer todos os seus desejos, pediram-nos conselho, e tivemos muita dificuldade em dissuadi-los, e provar-lhes que tinham relações com um Espírito da pior espécie. No entanto, aí chegamos e pudemos obter deles que, pelo menos por algum tempo, se absteriam. A partir desse momento a obsessão tomou um outro caráter: o Espírito se apossou completamente do filho mais moço, com a idade de quatorze anos, reduziu-o ao estado de catalepsia, e, pela sua boca, solicitava ainda conversas, dava ordens, proferia ameaças. Aconselhamos o mutismo mais absoluto; ele foi rigorosamente observado. Os parentes se entregaram à prece e vieram procurar um de nós para assisti-los; o recolhimento e a força de vontade nisso sempre nos tornaram senhores em poucos minutos.

"Hoje, quase tudo cessou. Esperamos que, na casa, a ordem substituirá a desordem. Longe de se desgostarem do Espiritismo, acreditou-se nele mais do que nunca, mas acreditou-se nele mais seriamente; se lhe compreende agora o objetivo e as conseqüências morais. Todos compreendem que receberam uma lição; alguns uma punição, talvez merecida."

Este exemplo prova, uma vez mais, o inconveniente de se entregar às evocações sem conhecimento de causa e sem objetivo sério. Graças aos conselhos da experiência, que essas pessoas consentiram em escutar, puderam se desembaraçar de um inimigo talvez terrível.

Disso ressalta um outro ensinamento não menos importante. Aos olhos de pessoas estranhas à ciência espírita, esse jovem teria passado por louco; não teria faltado aplicar-

lhe um tratamento em conseqüência, que talvez tivesse desenvolvido uma loucura real; pelos cuidados de um *médico espírita*, o mal, atacado em sua verdadeira causa, não teria nenhuma conseqüência.

Não ocorreria o mesmo no fato seguinte. Um senhor de nosso conhecimento, que mora numa cidade da província, bastante refratário às idéias espíritas, foi tomado subitamente de uma espécie de delírio, no qual dizia coisas absurdas. Como se ocupava de Espiritismo, muito naturalmente falou dos Espíritos. Sua companheira, temerosa, sem aprofundar a coisa, não teve nada de mais apressado do que chamar os médicos, que o declararam atingido pela loucura, para grande satisfação dos inimigos do Espiritismo, e já se falava em colocá-lo numa casa de saúde. O que aprendemos das circunstâncias desse acontecimento prova que esse senhor achou-se sob o domínio de uma subjugação súbita momentânea, talvez favorecida por certas disposições físicas. Foi o pensamento que lhe veio, disso nos escreveu, e lhe respondemos nesse sentido; infelizmente nossa carta não, Jhe chegou a tempo, e da qual só teve conhecimento mais tarde. "É muito triste, nos disse depois, que eu não tenha recebido vossa consoladora carta; naquele momento teria me feito um bem imenso confirmando-me no pensamento de que era o juguete de uma obsessão, o que me teria tranqüilizado; ao passo que ouvia tão freqüentemente repetir, ao meu redor, que estava louco, o que acabei por crer nisto; essa idéia me torturava ao ponto que, se tivesse continuado, não sei o que teria acontecido." - Um Espírito, consultado a esse respeito, respondeu: Esse senhor não é louco; mas da maneira a que isso se prende, poderia tornar-se; bem mais, poderia matá-lo. O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo, e é tomado em contra-senso." - *Perg.* Poder-se-ia agir sobre ele daqui? - *Resp.* - Sim, sem dúvida; podeis fazer-lhe o bem, mas vossa ação é paralisada pela má vontade daqueles que o cercam.

Casos análogos estão presentes em todas as épocas, e já se internou mais de um louco que não o era de todo.

Só um observador experimentado sobre essas matérias pode apreciá-las, e como hoje se encontram muitos médicos espíritas, é útil recorrer a eles em semelhante circunstância. A obsessão será um dia alinhada entre as causas patológicas, como é hoje a ação dos animálculos microscópicos dos quais não se supunha a existência antes da invenção do microscópio; mas então reconhecer-se-á que não é nem pelas duchas nem pelas sangrias que se pode curá-las. O médico que não admite e não procura senão as causas puramente materiais, é tão impróprio para compreender e para tratar essas espécies de afecções quanto um cego o é para discernir as cores.

O segundo fato nos foi reportado por um de nossos correspondentes de Boulogne-sur-Mer.

"A mulher de um marinheiro desta cidade, com a idade de quarenta e cinco anos, está desde os quinze sob o domínio de uma triste subjugação. Quase cada noite, sem mesmo excetuar-lhes seus momentos de gravidez, pelo meio da noite, ela é despertada, e logo é presa de tremores nos membros, como se fossem agitados por uma pilha galvânica; ela tinha o estômago oprimido como num círculo de ferro e queimado como por um ferro vermelho; o cérebro está num estado de exaltação furiosa, e se sente lançada fora de sua cama, depois, algumas vezes, semi-vestida, é levada fora de sua casa e forçada a correr pelo campo; caminha sem saber onde vai durante duas ou três horas, e não é senão quando pode parar que ela reconhece o lugar onde se encontra. Não pode pedir a Deus, e, desde que ela se ponha de joelhos para fazê-lo suas idéias são em seguida atravessadas por coisas bizarras e algumas vezes mesmo imundas. Não pode ela entrar em nenhuma igreja; disso tem uma boa inveja e um grande desejo; mas, quando chega à porta, sente como uma barreira que a detém. Quatro homens procuraram fazê-la entrar na igreja dos Redentoristas, e não puderam a isso chegar; ela gritava que a matavam, que lhe esmagavam o peito.

"Para se subtrair a essa terrível posição, essa pobre mulher tentou várias vezes se tirar a vida sem poder consegui-lo. Tomou do café no qual fizera infusão de fósforo químico; bebeu água de paveia, e disso foi tirada por sofrimentos; se lançou duas vezes na água, de cada vez sobrenadava na superfície até que se viesse socorrê-la. Fora dos momentos de crise, dos quais falei, essa mulher tem todo seu bom senso, e ainda, nesses momentos, ela tem perfeita consciência do que faz, e da força exterior que age sobre ela. Toda a sua vizinhança diz que ela foi atingida por um malefício ou um azar."

O fato da subjugação não poderia estar melhor caracterizado do que nesses fenômenos os quais, muito certamente, não podem ser senão a obra de um Espírito da pior espécie. Dir-se-á que foi o Espiritismo que o atraiu para ela, ou que lhe perturbou o cérebro? Mas há quinze anos ele não estava em questão; e, aliás, essa mulher não é louca, e o que ela sente não é uma ilusão.

A medicina comum não verá nesses sintomas senão uma das afecções a que ela dá o nome de *nevrose*, cuja causa é ainda para ela um mistério. Essa afecção é real, mas para todo efeito há uma causa; ora, qual é a causa primeira? Aí está o problema sobre cujo caminho o Espiritismo pode colocar, demonstrando um novo agente no perispírito, e a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Não generalizaremos, e reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material, mas há outros onde a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, uma vez que, combatendo essa inteligência, se detém o mal, ao passo que não atacando senão a causa material presumida, não se produz nada.

Há um traço característico nos Espíritos perversos, é a sua aversão por tudo o que se prende à religião. A maioria dos médiuns, não obsidiados, que teve comunicações com Espíritos maus, muitas vezes viram estes blasfemarem contra as coisas, rirem-se das preces ou repeli-las, irritarem-se mesmo quando se lhes fala de Deus. No médium subjugado, o Espírito, tomando de alguma sorte o corpo de um terceiro para agir, exprime seus pensamentos, não mais pela escrita, mas pelos gestos e pelas palavras que provoca no médium; ora, como todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão mediânica, pode-se dizer que a mulher da qual se acaba de falar é um médium espontâneo e involuntário. A impossibilidade em que se encontrou de orar e de entrar na igreja, vem da repulsa do Espírito que dela se apoderou, sabendo que a prece é um meio de fazê-lo deixar a presa. Em lugar de uma pessoa, suponde-as, numa mesma localidade, dez, vinte, trinta e mais nesse estado, e tereis a reprodução do que se passou em Morzine.

Não está aí uma prova evidente de que são os demônios? dirão certas pessoas. Chamemo-los demônios, se isso pode vos dar prazer: esse nome não poderia caluniá-los. Mas não vedes todos os dias homens que não valem mais, e que justamente poderiam ser chamados os demônios encarnados? Não há deles que blasfemam e que renegam a Deus? que parecem fazer o mal com delícias? que se alimentam com a visão dos sofrimentos de seus semelhantes? Por que quereríeis que, uma vez no mundo dos Espíritos, se transformassem subitamente? Aqueles a quem chamais demônios, nós os chamamos maus Espíritos, e vos concedemos toda a perversidade que vos apraz atribuir-lhes; no entanto, a diferença é que, segundo vós, os demônios são anjos decaídos, quer dizer, seres perfeitos tornados maus, e para sempre votados ao mal e ao sofrimento; na nossa opinião são seres pertencentes à Humanidade primitiva, saída de selvagens ainda atrasados, mas a quem o futuro não está fechado, e que se melhorarão à medida que o senso moral se desenvolver neles, na seqüência de suas existências sucessivas, o que nos parece mais conforme com a lei do progresso e com a justiça de Deus. Temos mais, para nós, a experiência que prova a possibilidade de melhorar, e de levar ao arrependimento os Espíritos do mais baixo estágio, e aqueles que se alinham na categoria dos demônios.

Vejamos uma fase especial desses Espíritos, e cujo estudo é de uma alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os Espíritos inferiores estão ainda sob a influência da matéria, e que se encontram, entre eles, todos os vícios e todas as paixões da Humanidade; paixões que carregam deixando a Terra, e que trazem em se reencarnando, quando não se emendaram, o que produz os homens perversos. A experiência prova, que os há sensuais, em diversos graus, obscenos, lascivos, comprazendo-se nos maus lugares, impelindo e excitando à orgia e ao deboche, com os quais alimentam sua visão. Perguntaremos a que categoria de Espíritos puderam pertencer, depois de sua morte, seres tais como os Tibério, os Nero, os Cláudio, as Messalina, os Calígula, os Heliogabalo, etc.? Que gênero de obsessão puderam provar, e se é necessário, para explicar essas obsessões, recorrer a seres especiais que Deus teria criado expressamente para levar o homem ao mal? Há certos gêneros de obsessão que não podem deixar dúvidas sobre a qualidade dos Espíritos que as produzem; são obsessões desse gênero que deram origem à fábula dos incubos e dos súcubos, na qual Santo Agostinho acreditava firmemente. Poderíamos citar mais de um exemplo recente em apoio dessa assertiva. Quando se estudam as diversas impressões corpóreas e os toques sensíveis que, às vezes, certos Espíritos produzem; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns dentre eles; e, se de um outro lado, se examina o caráter de certos fenômenos históricos, pergunta-se se não desempenhariam um papel nessa afecção, como o desempenham na loucura obsessional? Vimos, mais de uma vez, acompanhado dos sintomas os menos equívocos da subjugação.

Vejamos agora o que se passou em Morzine, e digamos primeiro algumas palavras do lugar, o que não é sem importância. Morzine é uma comuna do Chablais, na Haute-Savoie, situada a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale da Drance, sobre os confins do Vaiais, na Suíça, da qual não está separada senão por uma montanha. Sua população, em torno de 2500 almas, compreende, além da aldeia principal, vários lugarejos disseminados nas colinas circundantes. Está cercada e dominada, de todos os lados, por três altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas na maioria arborizadas e cultivadas até alturas consideráveis. De resto ali não se vê, em nenhuma parte, neves e gelos perpétuos, e, segundo o que nos foi dito, a neve ali seria menos persistente do que no Jura.

O Sr. doutor Constant, enviado em 1861 pelo governo francês para estudar a doença, ali demorou três meses. Fez da região e dos habitantes um quadro pouco lisonjero. Veio com a idéia de que o mal era um efeito puramente físico, não procurou senão causas físicas; a sua própria preocupação levava-o a insistir sobre o que poderia corroborar sua opinião, e essa idéia, provavelmente, fê-lo ver os homens e as coisas sob uma luz desfavorável. Em sua opinião, a doença é uma afecção nervosa cuja fonte primeira está na constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, a insuficiência e a má qualidade da alimentação, e cuja causa imediata está no estado histórico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que seu mal recaiu em grande parte sobre as mulheres, os homens também foram por ele atingidos, assim como as mulheres de uma idade avançada. Não se saberia, pois, ver na histeria uma causa exclusiva; e, aliás, qual é a causa da histeria?

Não fizemos senão uma curta parada em Morzine, mas devemos dizer que nossas observações, e as informações que recolhemos junto das pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais, diferem pouco das do Sr. Constant. A aldeia principal é geralmente bem edificada; as casas dos povoados circunvizinhos, certamente, não são mansões, mas não têm o aspecto miserável que se vê em muitos campos da França, e na Bretagne, por exemplo, onde o camponês mora em verdadeiras choupanas. A população não nos pareceu estiolada, nem raquítica, nem sobretudo com bório, como disse o Sr. Constant; vimos alguns bórios rudimentares, mas nenhum bório pronunciado, como é visto entre todas as mulheres da Maurienne. Os idiotas e os cretinos ali são raros, embora o que deles disse também o Sr. Constant, ao passo que sobre a outra vertente da montanha, no Vaiais, são excessivamente numerosos. Quanto à alimentação, a região produz

além do consumo dos habitantes; se não há ali por toda parte a facilidade, não há tampouco miséria propriamente dita, nem sobretudo essa horrenda miséria que se encontra nas outras regiões; há onde as pessoas do campo são infinitamente mais mal nutridas; um fato característico é que não vimos um único mendigo nos estender a mão para pedir esmola. A própria região oferece importantes recursos pelas suas árvores e suas pedreiras, mas que ficam improdutivas pela impossibilidade dos transportes; a dificuldade nas comunicações é a praga da região, que sem isso seria uma das mais ricas do país. Pode-se julgar dessa dificuldade por este fato de que o correio de Thonon não pode chegar senão até duas léguas dessa cidade; além, não há mais que uma rota, mas um caminho que, alternativamente, sobe a pico através das florestas e desce do lado da Drance, torrente furiosa nas grandes águas, que rola através das massas enormes de rochas de granito precipitadas em seu leito do alto das montanhas, no fundo de uma garganta estreita. Durante várias léguas é a imagem do caos. Vencida essa passagem, o vale toma um aspecto agradável até Morzine onde ele termina; mas a impossibilidade de ali chegar facilmente afasta dela os viajantes, de sorte que a região não é visitada senão pelos caçadores bastante robustos para escalar os rochedos. Depois da anexação os caminhos foram melhorados; antes não eram praticáveis senão aos cavalos; diz-se que o governo fez estudar o prolongamento da estrada de Thonon até Morzine ladeando o rio; é um trabalho difícil, mas que transformará a região, permitindo a exportação de seus produtos.

Tal é o aspecto geral da região que não oferece, de resto, nenhuma causa de insalubridade. Admitindo que a principal aldeia de Morzine, situada no fundo do vale e na margem do rio, seja úmida, o que não notamos, e há a considerar que a maior parte dos doentes pertencem aos povoados circunvizinhos, situados nas alturas e, conseqüentemente, em posições aéreas e muito salubres.

Se a doença se prendesse, como o pretende o Sr. Constant, a causas locais, à constituição dos habitantes, aos seus hábitos e ao seu gênero de vida, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes, e o mal seria endêmico, como as febres intermitentes da Camargue e os pântanos Pontins. Se o cretinismo e o bócio são endêmicos no vale do Rhône, e não no da Drance que lhe é limítrofe, é que num há uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine não é senão temporária, é que ela se prende a uma causa accidental. O Sr. Constant disse que suas observações não lhe revelaram *nenhuma causa sobrenatural*; mas ele, que não crê senão nas causas materiais, está apto a julgar os efeitos que resultassem da ação de uma força extra-material? Estudou os efeitos dessa força? Sabe em que eles consistem? em quais sintomas podem ser reconhecidos? Não, e, desde então, se os imagina diferentes do que são, sem dúvida, crendo que consiste em milagres e em aparições fantásticas. Esses sintomas, ele os viu, descreveu-os em seu relatório, mas não admitindo causa oculta, a procurou em outra parte, no mundo material, onde não a encontrou. Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis, mas como não viu nem duendes nem fantasmas, disso concluiu que os doentes eram loucos, e o que o confirmava nessa idéia, é que esses doentes diziam, às vezes, coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos; mas para ele tudo deveria ser absurdo. No entanto, ele médico, deveria saber que no meio das divagações da loucura se encontram, às vezes, revelações da verdade. Esses infelizes, disse ele, e os habitantes em geral, são imbuídos de idéias supersticiosas; mas o que há aí de admirar numa população rural, ignorante e isolada no meio das montanhas? O que de mais natural que essas pessoas, terrificadas por esses fenômenos estranhos, os tenham amplificado? E porque, em seus relatos, se misturam fatos e apreciações ridículas, partindo de seu ponto de vista, disso se concluiu que tudo deveria ser ridículo, sem contar que, aos olhos de quem não admite a ação do mundo invisível, todos os efeitos resultantes dessa ação são relegados entre as crenças supersticiosas. Em apoio dessa última tese, insiste muito sobre um fato contado no tempo pelos jornais, sobre o

relato, sem dúvida, de alguma imaginação assustada, exaltada ou doente, e segundo a qual certos doentes sobem com a agilidade dos gatos em árvores de *quarenta metros*, caminham sobre os ramos sem fazê-los dobrar, se colocam sobre os cumes flexíveis, os pés no ar, e descem de novo assim, a cabeça embaixo, sem se fazerem nenhum mal. Discute-se longamente para provar a impossibilidade da coisa, e demonstrar que, segundo a direção do raio visual, a árvore mencionada não podia ser percebida das casas de onde se dizia ter visto o fato. Tanto trabalho era inútil, porque na região nos foi dito que o fato não era verdadeiro, e se reduzia a um jovem que, com efeito, tinha subido sobre uma árvore de um tamanho comum, mas sem fazer nenhum esforço de equilibrista.

O Sr. Constant descreve assim como segue a história e os efeitos da doença.

(A continuação no próximo número.)

SERMÕES CONTRA O ESPIRITISMO.

Uma carta de Lyon, datada de 7 de dezembro de 1862, contém a passagem seguinte, que uma testemunha ocular e auricular nos confirmou de viva voz:

"Tivemos aqui o bispo do Texas, da América, que pregou, terça-feira última, 2 de dezembro, às oito horas da noite, na igreja Saint-Nizier, diante de um auditório de quase duas mil pessoas, entre as quais se encontravam um grande número de Espíritas. Ai! não parecia muito instruído na nossa doutrina; pode-se julgá-lo por este curto resumo:

"Os Espíritas não admitem o inferno nem as preces nas igrejas, eles se fecham em seus quartos e ali oram, Deus sabe que preces!... Não há senão duas categorias de Espíritos: os perfeitos e os ladrões; os assassinos e os canalhas... Venho da América, onde esses infames começaram; pois bem! posso vos assegurar que, há dois anos, não se ocupa mais de tudo nesse país. Foi-me dito que aqui, nesta cidade de Lyon, tão renomada pela sua piedade, havia muitos Espíritas; isso não pode ser; não o creio. Estou bem seguro, caros irmãos e caras irmãs, que não há entre vós um único médium, nem uma única médium, porque, vede, os Espíritas não admitem nem o casamento, nem o batismo, e todos os Espíritas são separados de suas mulheres, etc., etc..."

"Estas várias frases podem dar uma idéia do resto. O que teria dito o orador se soubesse que quase um quarto de seus ouvintes era composto de Espíritas? Quanto à sua eloqüência, não posso dizer senão uma coisa, é que, por momentos, ela parecia do frenesi; ele parecia perder o fio de suas idéias e não sabia o que queria dizer; se eu não temesse servir-me de um termo irreverente, diria que ele patinhava. Creio verdadeiramente que era impellido por alguns Espíritos a dizer todos esses absurdos, e de maneira tal que, vos asseguro, não se estaria em dúvida de estar num lugar santo; também todo mundo ria. Alguns de seus partidários foram os primeiros a julgar do efeito que produzira o sermão, mas não deveram estar muito satisfeitos, porque, uma vez fora, cada um tratou de rir e de dizer seu pensamento; vários mesmo de seus amigos deploravam os desvios aos quais se entregou, e compreendiam que o objetivo fora completamente errado. Com efeito, não poderia fazer melhor para recrutar adeptos, e foi o que aconteceu durante a sessão. Uma senhora, que se achava ao lado de um muito bom Espírita de meu conhecimento, disse-lhe: "Mas o que é, pois, esse Espiritismo e esses médiuns, dos quais se fala tanto, e contra os quais esses senhores estão tão furiosos?" A coisa tendo-lhe sido explicada: Oh! disse ela, chegando em minha casa, vou conseguir os livros e tentarei escrever."

"Posso vos assegurar que se os Espíritas são tão numerosos em Lyon, é graças alguns sermões do gênero desse. Lembrai-vos que, há três anos, quando não se contava aqui senão algumas centenas de Espíritas, eu vos escrevi, em consequência de uma pregação colérica contra a Doutrina, e que produziu um excelente efeito: "Ainda alguns ser-

mões como este, e em um ano o número de adeptos será decuplicado." Pois bem! hoje está decuplicado, graças também aos ignóbeis e mentirosos ataques de alguns órgãos da imprensa. Todo o mundo, até o simples operário que, sob suas vestes grosseiras, tem mais bom senso do que se crê, diz que não se ataca com tanto furor senão uma coisa que para isso valha a pena, é porque se quis ver por si mesmo, e quando se reconheceu a falsidade de certas afirmações, que denotavam ignorância e malevolência, a crítica perdeu todo o crédito, e, em lugar de afastar do Espiritismo, ela conquistou partidários. Ocorrerá o mesmo, muito esperamos, como sermão do monsenhor do Texas, cuja maior imperícia foi dizer que "todos os Espíritas estão separados de suas mulheres," quando temos aqui, sob nossos olhos, numerosos exemplos de lares outrora divididos, e onde o Espiritismo levou à união e à concórdia. Cada um diz naturalmente que, uma vez que os adversários do Espiritismo lhe atribuem ensinamentos e resultados cuja falsidade está demonstrada pelos fatos e pela leitura dos livros que dizem tudo ao contrário, nada prova a verdade das outras críticas. Creio que se os Espíritas lioneses não temessem faltar com o respeito ao monsenhor do Texas, ter-lhe-iam votado um requerimento de agradecimentos. Mas o Espiritismo nos torna caridosos, mesmo para com os nossos inimigos."

Uma outra carta, de uma testemunha ocular, contém a passagem seguinte:

"O orador de Saint-Nizier partiu desse dado de que o Espiritismo tivera seu tempo nos Estados Unidos, e que não se falava dele há dois anos. Era, pois, segundo ele, um assunto da moda; esses fenômenos eram sem consistência, e não valiam a pena serem estudados; tinha procurado ver e não vira nada. No entanto, mostrava a nova doutrina como atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade, e denunciando-a como tal às autoridades competentes.

"Os adversários se prendiam a um efeito mais surpreendente, e não a uma simples negação representada de maneira bastante ridícula; porque não ignoram o que se passa na cidade, a marcha do progresso e a natureza das manifestações. Também a questão retornou, domingo dia 14, em Saint-Jean, e esta vez um pouco melhor tratada.

"O orador de Saint-Nizier negara os fenômenos; o de Saint-Jean reconheceu-os, afirmou-os: "Ouvem-se, disse ele, golpes nas paredes; no ar, vozes misteriosas; se tem, realmente, relações com os Espíritos, mas quais Espíritos? Podem não ser bons, porque os bons são dóceis e submissos às ordens de Deus, que proibiu a própria evocação dos Espíritos; portanto, aqueles que vêm não podem ser senão maus."

"Contaram-se bem três mil pessoas em Saint-Jean; entre elas, trezentas pelo menos irão à descoberta.

"O que contribuirá, certamente, para fazer refletirem as pessoas honestas ou inteligentes que compõem o auditório, são as afirmações singulares do orador, - digo singulares por polidez. - "O Espiritismo, disse ele, vem *destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o abortamento, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade.*" Depois convidou os paroquia-nos que, por acaso, tivessem livros espíritas a levá-los a esses senhores que os queimariam, como São Paulo fez a respeito das obras heréticas.

"Não sei se esses senhores encontrarão muitas pessoas bastante zelosas para irem esgotar, o dinheiro à mão, as lojas de nossas livrarias. Alguns Espíritas estavam furiosos; a maioria se alegrava, porque compreendiam que era uma boa coisa.

"Assim, do alto do segundo púlpito da França vem de se proclamar que os fenômenos espíritas são verdadeiros; toda questão se reduz, pois, em saber se são bons ou maus Espíritos, e se não é senão aos maus que Deus permite vir."

O orador de Saint-Jean afirma que não pode ser senão os maus; e eis um outro que modifica um pouco a solução. Escrevem-nos de Angoulême que, quinta-feira, 5 de dezembro último, um pregador assim se exprimiu em seu sermão: "Sabíamos todos que se podiam evocar os Espíritos, e isso há muito tempo; mas só a Igreja pode fazê-lo; não é

permitido aos outros homens tentarem corresponder-se com eles por meios físicos; para mim, é uma heresia." O efeito produzido foi todo contrário ao que se esperava."

É, pois, muito evidente que os bons e os maus podem se comunicar, porque se só os maus tivessem esse poder, não é provável que a Igreja se reservasse o privilégio de chamá-los.

Duvidamos que dois sermões, pregados em Bordeaux em outubro último, tenham servido melhor à causa de nossos antagonistas. Eis a análise que deles foi feita por um ouvinte; os Espíritas puderam ver se, sob esse disfarce, reconhecem sua doutrina, e se os argumentos que se lhes opõem são de natureza a abalar sua fé. Quanto a nós, repetimos o que dissemos alhures: Enquanto não se atacar o Espiritismo com melhores armas, nada se tem a temer.

"Lamentarei sempre, disse o narrador, não ter ouvido o primeiro desses sermões, que ocorreu na capela Margaux, a 15 de outubro último, se minhas informações estão certas. Segundo o que testemunhas dignas de fé me reportaram, a tese desenvolvida foi esta:

"Os Espíritos podem se comunicar aos homens. Os bons se comunicam só na Igreja. Todos aqueles que se manifestam fora da Igreja são maus, porque fora da Igreja não há salvação. - Os médiuns são infelizes que fizeram pacto com o diabo e dele, ao preço de sua alma, que lhe venderam, recebem manifestações de todas as espécies, fossem elas extraordinárias para não dizer miraculosas." - Silêncio sobre outras citações mais estranhas ainda; eu mesmo não as tendo entendido, temeria exagerá-las.

"No domingo seguinte, 19 de outubro, tive a felicidade de assistir ao segundo sermão. Informei-me quanto ao nome do pregador; foi-me respondido que era o Padre Lapeyre, da companhia de Jesus.

"O Padre Lapeyere fez a crítica de *O Livro dos Espíritos*, e, certamente, seria preciso uma extraordinária dose de boa vontade para reconhecer essa admirável obra nas teorias desprovidas de bom senso que o pregador pretendia ali ter encontrado. Limitar-me-ei a vos mostrar os pontos que me feriram mais, preferindo ficar abaixo da verdade antes que atribuir ao nosso adversário o que não teria dito, ou o que eu teria mal compreendido.

"Segundo o Padre Lapeyre, *"O Livro dos Espíritos* prega o comunismo, a partilha dos bens, o divórcio, a igualdade entre todos os homens e, sobretudo, entre o homem e a mulher, a igualdade entre o homem e seu Deus, porque o homem, levado por esse orgulho que os anjos perderam, não aspira a nada menos do que se tornar semelhante a Jesus Cristo; ele arrasta os homens ao *materialismo* e aos prazeres sensuais, porque o trabalho de aperfeiçoamento pode se fazer sem o concurso de Deus, apesar dele mesmo, pelo efeito dessa força que quer que tudo se aperfeiçoe gradualmente; ele preconiza a metempsicose, essa loucura dos Antigos, etc."

"Passando em seguida à rapidez com a qual as idéias novas se propagam, constata com pavor quanto o diabo que as ditou é hábil e velhaco, quanto soube habituar com arte, de maneira a fazê-los vibrar com força nos corações pervertidos das crianças deste século de incredulidade e de heresia. "Este século, exclama, ama tanto a liberdade! e se lhe vêm oferecer o livre exame, o livre arbítrio, a liberdade de consciência! Este século gosta tanto da igualdade! e se lhe mostra o homem à altura de Deus! Gosta tanto de luz! e com traço de pena se rasga o véu que esconde os santos mistérios!"

"Depois atacou a questão das penas eternas, e fez sobre esse assunto, palpitante de emoções, magníficos movimentos oratórios: "Crê-lo-íeis, meus muito caros irmãos; acreditaríeis até onde foi a impudência desses filósofos novos, que crêem fazer desabar sob o peso dos sofismas a santa religião do Cristo! Pois bem, os infelizes! dizem que não há inferno! dizem que não há purgatório! Para eles não mais de *relações benditas que ligam os vivos às almas daqueles que perderam!* Não mais o santo sacrifício da missa! E por que celebrá-la? essas almas não se purificam por si mesmas e sem trabalho nenhum, pela eficácia dessa força irresistível que, sem cessar, as atrai para a perfeição?"

"Sabeis quais são as autoridades que vêm proclamar essas doutrinas ímpias, marcadas na frente com o sinal inapagável desse inferno que queriam aniquilar? Ah! meus irmãos, essas são as mais sólidas colunas da Igreja: os São Paulo, os São Agostinho, os São Luís, os São Vicente de Paulo, os Bossuet, os Fénelon, os *Lamennais*, e todos esses homens de elite, santos homens que, durante sua vida, combateram para o estabelecimento das verdades inabaláveis, sobre as quais a Igreja construiu seus fundamentos, e que vem declarar hoje que seu Espírito, liberto da matéria, estando mais clarividente, perceberam que suas opiniões eram errôneas, e que é tudo ao contrário que é preciso crer."

"O pregador, passando em seguida à pergunta que o autor da *Carta de um católico* dirige a um Espírito para saber se, praticando o Espiritismo, ele é herético, acrescenta:

"Eis a resposta, meus irmãos; ela é curiosa, e o que é mais curioso ainda, o que nos mostra a maneira, a mais evidente, que o diabo, apesar de suas velhacarias e sua habilidade, deixa sempre perceber seu verdadeiro caráter, foi o próprio nome do Espírito que deu essa resposta; eu vos dizia há pouco."

"Segue a citação dessa resposta, que termina assim: "Estás de acordo com a Igreja sobre todas as verdades que te fortalecem no bem, que aumenta em tua alma o amor de Deus e o devotamento aos teus irmãos? Sim; pois bem! tu és católico." Depois acrescenta: "Marcai... Zenon! um filósofo grego, um pagão, um idolatra que, do fundo do inferno onde queima há vinte séculos, vem nos dizer que se pode ser católico e não crer nesse inferno que o tortura, e que espera todos aqueles que, como ele, não morrerem humildes e submissos no regaço da santa Igreja... Mas, insensatos e cegos que sois! com toda a vossa filosofia, não teríeis senão essa prova, essa única prova de que a doutrina que proclamais emana do demônio, que ela seria mil vezes suficiente!"

"Depois de longos desenvolvimentos sobre essa questão e sobre o privilégio exclusivo que a Igreja tem de expulsar os demônios, ajunta:

"Pobres insensatos, que vos divertis falando aos Espíritos e pretendeis exercer sobre eles alguma influência! Não temeis, pois, que, como aquele de que fala São Lucas, esses Espíritos batedores, barulhentos, - e são bem nomeados, meus muito caros irmãos, - não vos pergunte também: E vós, quem sois? Quem sois para vir nos perturbar? Crede-vos submeter-nos impunemente aos vossos caprichos sacrílegos? e que, agarrando as cadeiras e mesas que fazeis girar, não se apoderem de vós, como se apoderaram dos filhos de Sceva, e não vos maltratem de tal modo que não sejais forçados a fugir nus e feridos, e reconhecendo, mas muito tarde, toda abominação que há em jogar assim com os mortos."

"Diante desses fatos tão patentes, e que falam tão alto, que nos resta a fazer? Que temos a dizer? Ah! meus caros irmãos! Guardai-vos com cuidado do contágio! Repeli com horror todas as tentativas que os maus não deixarão de fazer depois de vos arrastar com eles ao abismo! Mas, ah!, já é muito tarde para fazer tais recomendações; o mal já fez rápidos progressos. Esses livros *infames*, ditados pelo príncipe das trevas, a fim de atrair em seu reino uma multidão de pobres ignorantes, estão de tal modo esparramados que se, como outrora em Éfeso, se calculasse o preço dos que circulam em Bordeaux, ultrapassar-se-ia, disto estou seguro, a soma enorme de cinqüenta mil moedas de prata (170000 francos de nossa moeda; chamada de uma citação feita em outra parte de seu sermão); e não estaria admirado que, entre os numerosos fiéis que me escutam, haja alguns deles que já se deixaram arrastar ao lê-los. Àqueles não podemos dizer senão isto: Depressa! aproximai-vos do tribunal da penitência; depressa! vinde abrir vossos corações aos vossos guias espirituais. Cheios de doçura e de bondade, e seguindo em todos os pontos o magnânimo exemplo de São Paulo, nos apressaremos em vos dar a absolvição; Mas, como ele, não vo-la daremos senão com a condição expressa de nos trazer esses livros de magia que fizeram vos perder. E desses livros, muito caros irmãos, o que faremos deles? sim, que faremos deles? Como São Paulo, deles faremos uma grande pilha na praça pública, e, como ele, nós mesmos lhes colocaremos o fogo."

Não faremos senão uma curta observação sobre esse sermão, é que o autor se enganou da data, e que talvez, novo Epimênides, dormiu depois de quatorze séculos. Um outro fato que disso ressalta é a constatação do rápido desenvolvimento do Espiritismo. Os adversários de uma outra escola o constatam também com desespero, tanto é grande seu amor pela razão humana. Lê-se no *Moniteur de la Moselle*, de 7 de novembro de 1862: "O Espiritismo faz perigosos progressos. Invade o grande, o pequeno, o médio e o semi-mundo. *Magistrados, médicos, pessoas sérias* dão também nesse erro." Achamos essa afirmação repetida na maioria das críticas atuais; é que, em presença de um fato tão patente, seria preciso vir do fundo do Texas para adiantar, diante de um auditório, onde se encontram mais de mil espíritas, que há dois anos dele não se ocupa mais. Então, por que tanta cólera se o Espiritismo está morto e enterrado? O P. Lapeyere, ao menos não se ilude; seu próprio medo lhe exagera a extensão do pretense mal, uma vez que avalia numa cifra fabulosa o valor dos livros espíritas esparramados em Bordeaux somente; em todos os casos, é reconhecer um grande poder à idéia. O que quer que seja, em presença de todas essas afirmações, ninguém nos taxará de exagero, quando falamos dos rápidos progressos da Doutrina; que uns os atribuem ao poder do diabo, lutando com vantagem contra Deus, os outros a um acesso de loucura que invadiu todas as classes da sociedade, de tal sorte que o círculo das pessoas sensatas vai todos os dias se restringindo, e logo não terá mais lugar senão para alguns indivíduos; que uns e os outros deplorem esse estado de coisa, cada um do seu ponto de vista, e se perguntem: "Onde vamos? grande Deus!" lhes é permitido; disso não ressalta menos esse fato de que o Espiritismo passa por cima de todas as barreiras que se lhe opõem; portanto, se é uma loucura, logo não haverá mais do que loucos sobre a Terra: conhece-se o provérbio; se é obra do diabo, logo não haverá mais do que condenados, e se aqueles que falam em nome de Deus não podem detê-lo, é que o diabo é mais forte do que Deus. Os Espíritas são mais respeitosos do que isso para com a Divindade; não admitem que haja um ser podendo lutar com ela de poder a poder, e sobretudo se impor sobre ela; de outro modo os papéis estariam mudados, e o diabo tornar-se-ia o verdadeiro senhor do Universo. Os Espíritas dizem que Deus sendo soberano sem partilha, nada chega no mundo sem a sua permissão; portanto, se o Espiritismo se difunde com a rapidez do relâmpago, o que quer que se faça para detê-lo, é preciso nisso ver um efeito da vontade de Deus; ora, sendo Deus soberanamente justo e bom, não pode querer a perda de suas criaturas, nem fazê-las tentar, com a certeza, em virtude de sua presciência, que elas sucumbirão, para precipitá-las nos tormentos eternos. Hoje, o dilema está colocado; está submetido à consciência de todos; o futuro se encarrega da conclusão.

Se fazemos essas citações, é para mostrar a que argumentos os adversários do Espiritismo se reduziram para atacá-lo; com efeito, é preciso estar muito desprovido de boas razões para recorrer a uma calúnia como aquela que o representa pregando a desunião da família, o adultério, o abortamento, o comunismo, o transtorno da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes afirmações? Não, porque basta remeter ao estudo da Doutrina, à leitura do que ela ensina, e é o que se faz de todos os lados. Quem poderá crer que pregamos o comunismo depois das instruções que demos sobre esse assunto no discurso reportado *in extenso* na narração de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver uma excitação à anarquia nas palavras seguintes que se encontram na mesma brochura, página 58: "Em todo estado de causa, os Espíritas devem ser os primeiros a dar o exemplo da submissão às leis, nos casos em que para isso forem chamados."

Adiantar semelhantes coisas num país longínquo, onde o Espiritismo seria desconhecido, onde não houvesse nenhum meio de controle, isso poderia produzir algum efeito; mas afirmá-lo do alto do púlpito, no meio de uma população espírita que lhe dá, incessantemente, um desmentido para suas informações e seu exemplo, por imperícia, e não se pode impedi-lo de dizer que é preciso estar preso de singular vertigem para se iludir a esse ponto, e não compreender que, falar assim, é servir à causa do Espiritismo.

Estar-se-ia errado, no entanto, crendo que é a opinião de todos os membros do clero; ocorre muito, ao contrário, que não a partilham, e disso conhecemos um bom número que deplora esses desvios, mais nocivos à religião do que à Doutrina Espírita. Essas são, pois, opiniões individuais que não podem fazer lei; e o que prova que são apreciações pessoais é a contradição que existe entre eles. Assim, ao passo que um declara que todos os Espíritos que se manifestam são necessariamente maus, uma vez que desobedecem a Deus comunicando-se, um outro reconhece que há bons e maus, que só os bons vão à Igreja, e os maus ao vulgo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher, um outro o reprova por elevá-la ao nível dos direitos do homem; um pretende que ele "arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais;" e um outro, o Sr. cura Marouzeau, reconhece que ele destrói o materialismo.

O Sr. abade Marouzeau, em sua brochura, assim se exprime: 'Verdadeiramente, ao ouvir os partidários das comunicações de além-túmulo, isso seria um preconceito da parte do clero de combater *quando mesmo* o Espiritismo. Por que, pois, supor aos padres tão pouco de inteligência e de bom senso, uma teimosia estúpida? Por que crer que a Igreja que, em todos os tempos, deu tantas provas de prudência, de sabedoria e de alta inteligência, para discernir o verdadeiro do falso, seja hoje incapaz de compreender o interesse de seus filhos? Por que condená-la sem ouvi-la? Se ela se recusa a reconhecer vossa bandeira, é que vosso estandarte não é o seu; tem as cores que lhe são essencialmente hostis; *é que ao lado do bem que fazeis, combatendo o horrendo materialismo*, ela vê um perigo real para as almas e a sociedade." E em outra parte: "Concluamos de tudo isso que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade por meio das manifestações de além-túmulo bem constatadas."

De tudo isto ressalta um fato capital, é que todos esses senhores estão de acordo sobre a *realidade das manifestações*, somente cada um a aprecia à sua maneira. Negá-las, com efeito, seria negar a verdade das Escrituras, e os próprios fatos sobre os quais se apoiam a maioria dos dogmas. Quanto à maneira de encarar a coisa, pode-se, desde o presente, constatar em que sentido se faz a unidade e se pronuncia a opinião pública, que tem também seu *veto*. Disso resulta ainda um outro fato, é que a Doutrina Espírita comove profundamente as massas; ao passo que uns nela vêem um fantasma apavorante, outros nela vêem o anjo da consolação e da liberdade, e uma nova era de progresso moral para a Humanidade.

Uma vez que citamos a brochura do Sr. abade Marouzeau, perguntar-se-nos-á, talvez, porque ainda não a respondemos, uma vez que nos era pessoalmente dirigida. Disso se pôde ver o motivo na narração de nossa viagem, a propósito das refutações. Quando tratamos uma questão, o fazemos do ponto de vista geral, abstração das pessoas que não são, aos nossos olhos, senão individualidades se apagando diante das questões de princípios. Falaremos do Sr. Marouzeau oportunamente, assim como de alguns outros, quando examinarmos o conjunto das objeções; para isso era útil esperar que cada um tivesse dito sua palavra, grande ou pequena, -viram-se acima algumas delas bastante grossas, - para apreciar a força da oposição. Respostas especiais e individuais teriam sido prematuras e, sem cessar, a recomençar. A brochura do Sr. Marouzeau foi um tiro de fuzil; nós lhe pedimos perdão por colocá-lo na condição dos simples atiradores, mas a sua modéstia cristã com isso não se ofenderá. Prevenido de um levante geral, nos pareceu conveniente deixar descarregar todas as armas, mesmo a grossa artilharia que, como se vê, vem de dar, a fim de julgar sua importância; ora, até o presente, não temos a nos lamentar dos vazios que ela fez em nossas fileiras, uma vez que, ao contrário, seus tiros ricochetearam contra ela. De um outro lado não era menos útil deixar a situação se desenhar, e se convirá que, há dois anos, o estado das coisas, longe de imperar para nós, cada dia vem nos emprestar uma nova força. Responderemos, pois, quando julgarmos oportuno; até o presente não houve tempo perdido, uma vez que ganhamos terreno sem ces-

sar, sem isso, e que nossos adversários, eles mesmos, se encarregam de tornar, nossa tarefa mais fácil. Não temos, pois, senão que deixá-los fazer.

SOBRE A LOUCURA ESPÍRITA.

Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon.

O folhetim da *Presse*, de 8 de janeiro de 1863, contém o artigo seguinte, tirado do *Salut public de Lyon*, e que a *Gironde* de Bordeaux se apressou em reproduzir, crendo nele achar uma boa fortuna contra o Espiritismo:

CIÊNCIAS.

"O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente à Sociedade das ciências médicas, dessa cidade, o interessante trabalho sobre o Espiritismo, considerado como causa de alienação mental. Em presença da epidemia que maltrata, neste momento, e sociedade francesa, sem dúvida, não será desprovido de utilidade mencionar os fatos contidos no relatório do Sr. Burlet.

"O autor descreveu com cuidado seis casos de loucura, dita aguda, observadas por ele mesmo no hospital de Antiquaille, e nos quais segue-se sem dificuldade a relação direta entre a alienação mental e as práticas espíritas. O Sr. doutor Carrier, disse ele, de sua parte teve ocasião, e há algum tempo, de tratar e de ver curar, em seu serviço, três mulheres que o Espiritismo havia tornado loucas. De resto, não há um único médico ocupando-se especialmente da alienação mental, que não haja tido a oportunidade, em mais ou em menos número de casos análogos, sem falar, bem entendido, das *perturbações intelectuais ou afetivas que, sem irem até o ponto que se convencionou chamar a loucura, não deixam senão de alterar a razão e de tomar o comércio daqueles que os apresentam desagradável e bizarro*, essa influência da *pretensa* Doutrina Espírita está hoje bem demonstrada pela ciência. As observações que estabelecem contar-se-iam por milhares, "Sim, disse o Sr. Burlet, em outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns são tão freqüentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que não o seja assim, nos parece fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na classe das causas mais fecundas de alienação mental." Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficina, etc., a velarem para que seus filhos ou seus empregados não vão jamais "a essas reuniões espíritas chamadas de grupos, e nas quais, acrescenta ele, o perigo para a razão, certamente, não é o único a temer."

"Portanto, é de uma incontestável utilidade dar publicidade ao fatos desse gênero, conscienciosamente recolhidos, como os d. interno dos hospitais de Lyon. Não que houvesse a menor chance para que agissem sobre os indivíduos já atingidos pela epidemia; o caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos de posse da verdade. Em sua humildade, se crêem com o dom de comunicar-se com os Espíritos, e tratam orgulhosamente da ciência que ousa duvidar de seus poderes. Vítimas da alucinação que os possui, sua premissa admite, e raciocina em seguida com uma *lógica irrepreensível*, que não faz senão fortalecê-los em sua aberração. Mas pode se conservar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sadias que estivessem tentadas a se expor às seduções do Espiritismo, mostrando-lhes o perigo, e garanti-los assim contra esse perigo. É bom saber que as práticas espíritas e a freqüência dos médiuns, - que são os verdadeiros alucinados, - é necessariamente malsã para a razão. Só os caracteres fortemen-

te temperados podem resistir. Os outros ali deixam sempre uma parte, pequena ou grande, de seu bom senso."

"ASANSON."

Este artigo pode fazer a tendência dos sermões relatados no artigo precedente; nele se pode ver, senão uma comunidade de origem, pelo menos uma intenção idêntica: a de levantar a opinião contra o Espiritismo por meios onde se descobrem a mesma boa fé ou a mesma ignorância das coisas. Notai a graduação que seguiu os ataques desde o famoso e desajeitado artigo da *Gazette de Lyon* (ver a *Revista Espírita* do mês de outubro de 1860, página 254); isso não era então senão uma chata zombaria onde os operários dessa cidade foram achincalhados, ridicularizados, e sua profissão comparada a suplícios. Não era, com efeito, uma imperícia insigne senão de derramar o desprezo sobre os trabalhadores e os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon? Depois, então, a agressão tomou um outro caráter: vendo a impotência do ridículo, e não podendo impedir-se de constatar o terreno que as idéias espíritas ganham a cada dia, toma-o sobre um tom mais lamentável; é em nome da Humanidade, *em presença da epidemia que castiga neste momento sobre a sociedade francesa*, que ela vem mostrar os perigos dessa *pretensa* doutrina que torna o *comércio daqueles que a professam desagradável e bizarro*. Elogio pouco lisonjeador para as senhoras de todas as classes, até mesmo as princesas, que crêem nos Espíritos. Parece-nos, no entanto, que as pessoas violentas e irascíveis tornadas brandas e boas pelo Espiritismo, não dão prova de um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas não se encontram senão pessoas amáveis e benevolentes. Se bem que se vejam numerosas famílias onde o Espiritismo levou a paz e a união, é em nome de seu interesse que se abjuram os operários de não retornarem "a essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder sua razão e muitas outras coisas, "acham, sem dúvida, que a conservariam muito melhor indo ao cabaré do que permanecendo em sua casa. Não tendo dado resultado o sarcasmo, eis agora que os adversários chamam a ciência em sua ajuda; não mais a ciência zombeteira, representada pelo músculo estalante do Sr. Jobert (de Lamballe) (ver a *Revista Espírita* de junho de 1859, página 141), mas a ciência séria, condenando o Espiritismo tão seriamente quanto condenou outrora a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que se teve mais tarde a fraqueza de tomar por verdades. E quais são seus representantes nessa séria questão? E o Instituto de França? Não, é o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, quer dizer, estudante de medicina, que faz suas primeiras armas lançando um relatório contra o Espiritismo. Falou, e por ele o Sr. Sanson (da *Presse*), a ciência tornou-se sua sentença, sentença que, provavelmente, não será mais sem apelação do que a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, e lançaram contra seu autor "libelos e diatribes mais ou menos virulentas e grosseiras." (*Dicionário das origens.*) Seja dito, entre parênteses, um trabalho curioso a fazer seria uma monografia sobre os erros dos sábios.

O Sr. Burlet observou, disse ele, seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo; mas como é pouco sobre uma população de 300 000 almas, da qual a décima pelo menos é espírita, teve o cuidado de acrescentar "que seriam os contados por milhares se, nas outras partes da França, os casos de loucura causados pelo doutrina dos médiuns são tão freqüentes quanto no departamento que habitamos, e não há razão para que assim não seja."

Com o sistema das suposições se vai muito longe, como se vê. Pois bem! vamos mais longe do que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação, que, num tempo dado, não se contarão loucos senão entre os Espíritas. Com efeito, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana; mil causas acidentais podem produzi-las, e a prova disso é que houve loucos antes que o Espiritismo fosse questão, e que todos os loucos não são Espíritas. O Sr. Burlet nos concederá muito este ponto. Em todos os tempos hou-

ve loucos, e os haverá sempre; portanto, se todos os habitantes de Lyon fossem Espíritas, não se encontrariam loucos senão entre os Espíritas, absolutamente como num país todo católico, não há loucos senão entre os católicos. Observando-se a marcha da Doutrina desde alguns anos, poder-se-ia, até um certo ponto, prever o tempo que é necessário para isso. Mas não falemos senão do presente.

Os loucos falam daquilo que os preocupa; é bem certo que aquele que jamais tivesse ouvido falar do Espiritismo, dele não falará, ao passo que, no caso contrário, dele falará como o faria de religião, de amor, etc. Qualquer que seja a causa da loucura, o número de loucos falando dos Espíritos aumentará, pois, naturalmente com o número dos adeptos. A questão é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura. O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que: "Essa influência está hoje bem demonstrada pela ciência." Daí, exclamando com ardor, apela aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma idéia, e sem pensar que as idéias não são jamais propagadas senão sob o império da perseguição. Tomam-se, pois, sua opinião e a de alguns homens que pensam como ele para os decretos da ciência? Parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras com um grande número de médicos distintos, que muitos grupos e sociedades são presididas por médicos que, também eles, são homens de ciência, e que chegam a conclusões todas contrárias às suas. Quem, pois, tem razão a dele ou a dos outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem é que se pronunciará em última instância? O tempo, a opinião, a consciência da maioria, e a própria ciência que se renderá à evidência, como se rendeu em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet: É contrário aos mais simples preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, e à qual outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso um outro trabalho do que aquele que fizestes. Dissestes ter observado seis casos; creio-vos sob palavra; mas o que é que isso prova? Teríeis observado o dobro ou o triplo deles, mas isso não provaria mais, se o total dos loucos não ultrapassou a média. Suponhamos essa média de 1000 para tomar um número redondo; as causas habituais da loucura sendo sempre as mesmas, se o Espiritismo pode provocá-la, é uma causa a mais a se acrescentar a todas as outras, e que deve aumentar a cifra da média. Se, depois da introdução das idéias espíritas, essa média, de 1000 se tivesse levado a 1200, por exemplo, e que essa diferença fosse precisamente dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de face; mas enquanto não for provado que, sob a influência do Espiritismo, a média dos alienados aumentou, a exibição que se lhe faz de alguns casos isolados nada prova, senão a intenção de lançar o descrédito sobre as idéias espíritas e de amedrontar a opinião.

No estado atual das coisas, fica mesmo a conhecer o valor dos casos isolados que se colocaram à frente, e de saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo, e para isso seria preciso um julgamento imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet se torne louco, o que pode lhe acontecer tanto quanto a um outro; - quem sabe mesmo? talvez antes do que a um outro; - não haveria nada de espantoso em que, preocupado com a idéia que ele combateu, dela falasse em sua demência? Seria preciso disso concluir que foi a crença nos Espíritos que o teria tornado louco? Poderemos citar vários casos, dos quais um fez grande ruído, e onde foi provado que os indivíduos estavam pouco ou nada ocupados do Espiritismo, ou tiveram ataques de loucura característicos bem anteriores. A isto é preciso acrescentar os casos de obsessão e de subjugação, que se confundem com a loucura, e que se trata como tais com grande prejuízo para a saúde das pessoas que disso são afetadas, assim como explicamos nos nossos artigos sobre Morzine. São os únicos que se poderia, à primeira vista, atribuir ao Espiritismo, se bem que não esteja provado que se encontrem em grande número nos indivíduos que a isso são os mais estranhos, e que, por ignorância da causa, são tratados com contra-senso.

É verdadeiramente curioso ver certos adversários que não crêem nem nos Espíritos, nem em suas manifestações, pretenderem que o Espiritismo seja uma causa de loucura. Se os Espíritos não existem, ou se não podem se comunicar com os homens, todas essas crenças são quimeras que nada têm de real. Perguntamos, então, como nada pode produzir alguma coisa? Essa idéia, dirão, essa idéia é falsa; ora, todo homem que professa uma idéia falsa desarrazoa. Qual é, pois, essa idéia tão funesta à razão? ei-la: Temos *uma alma que vive depois da morte do corpo; essa alma conserva suas afeições da vida terrestre, e pode se comunicar com os vivos*. Segundo eles, é mais sadio crer no nada depois da morte; ou bem, o que vem a ser o mesmo, que a alma perde sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas d'água no Oceano. É fato que, com esta última idéia, não se tem mais necessidade de se inquietar com a sorte de seus próximos, e que não se tem senão que pensar em si, em beber bem, em comer bem nesta vida, o que é todo proveito para o egoísta. Se a crença contrária é uma causa de loucura, por que há tantos loucos entre as pessoas que não crêem em nada? É, direis, que essa causa não é a única. De acordo; mas, então, por que gostaríeis que essas causas não possam atingir um Espírita como um outro; e por que pretenderíeis tornar o Espiritismo responsável por uma febre ou por um golpe de sol? Convidai a autoridade para punir com rigor contra as idéias espíritas porque, segundo eles, elas perturbam o cérebro; mas, por que não chamais também a vigilância da autoridade sobre as outras causas? Em vossa solicitude pela razão humana, da qual vos fazeis o tipo, fizestes o resumo dos inumeráveis casos de loucura produzida pelos desesperos do amor? Por que não convidais a autoridade para proscrever o sentimento amoroso? Está averiguado que todas as revoluções são marcadas por um recrudescimento notável nas afecções mentais; está aí, pois, uma causa eficiente bem manifesta, uma vez que ela aumenta o número da média; por que não aconselhais aos governantes para interditar as revoluções como coisa malsã? Uma vez que o Sr. Bulet fez o resumo *enorme* de seis casos de loucura supostamente espírita, sobre uma população de 300.000 almas, convidamos os médicos espíritas para fazerem a de todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo medo do diabo, ou o aterrorizante quadro das torturas eternas do inferno, e o ascetismo das reclusões claustrais.

Longe de admitir o Espiritismo como uma causa de aumento da loucura, dizemos que é uma causa atenuante que deve diminuir o número de casos produzidos pelas causas comuns. Com efeito, entre essas causas, é preciso colocar em primeira linha os desgostos de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes de fortuna, as ambições frustradas. O efeito dessas causas está em razão da impressionabilidade do indivíduo; se houvesse um meio de atenuar essa impressionabilidade, isso seria, sem contradita, o melhor preservativo; pois bem! esse meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz receber com resignação as vicissitudes da vida; tal que teria se suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que lhe faz receber seu mal com paciência; não só não se matará mas, em presença da maior adversidade, conservará sua fria razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. Dar-lhe-íeis essa calma com a perspectiva do nada? Não, por que não entrevê nenhuma compensação, e se não tiver nada para comer, poderá vos comer. A fome é uma terrível conselheira para aquele que crê que tudo termina com a vida; pois bem! o Espiritismo faz sentir mesmo a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que segue a morte do corpo; eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro Espírita encara as coisas deste mundo e do outro, leva-o a domar em si as mais violentas paixões, mesmo a cólera e a vingança. Depois do artigo insultante da *Gazette de Lyon*, que lembramos mais acima, um grupo de uma dúzia de operários nos diz: "Se não fôssemos Espíritas, iríamos dar uma sova no autor para lhe ensinar a viver, e se estivéssemos em revolução, colocaríamos fogo na loja de seu jornal; mas somos Espíritas; lamentamo-lo e pedimos a Deus perdoar-lhe." Que dizeis dessa

loucura, Sr. Burlet? Em semelhante caso o que teríeis preferido, ter relações com loucos dessa espécie, ou com homens que não temem nada? Pensai que, hoje, há deles mais de vinte mil em Lyon. Pretendeis servir aos interesses da Humanidade, e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus que um dia não tenhais que lamentar que todos os homens não sejam Espíritas; é ao que, vós e os vossos, trabalhareis com todas as vossas forças. Semeando a incredulidade solapais os fundamentos da ordem social; levais à anarquia, às reações sangrentas; nós, nós trabalhamos para dar a fé àqueles que não crêem em nada; a difundir uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros, que lhes ensina a perdoar seus inimigos, a se olharem como irmãos sem distinção de raças, de castas, de seitas, de cor, de opinião política ou religiosa; uma crença, em uma palavra, que faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais.

Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens, quais são aqueles que conduz com mais facilidade, que melhor observa a disciplina sem o emprego do rigor? Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm administrados espíritas nas classes inferiores da sociedade, quais são aqueles entre os quais há mais ordem e tranqüilidade; sobre os quais a lei tem menos a recair; onde há menos tumulto a apaziguar, desordens a reprimir?

Numa cidade do Sul, um comissário de polícia nos dizia: "Desde que o Espiritismo se difundiu na minha circunscrição tenho dez vezes menos do mal do que antes." Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais são os doentes nos quais encontram menos afecções causadas pelos excessos de todos os gêneros? Eis uma estatística um pouco mais concludente, creio, do que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, glorifico-me em propagá-lo. Onde esses resultados foram hauridos? Nos livros que alguns gostariam de lançar ao fogo; nos grupos que recomendais aos operários para fugirem. Que se vê nesses grupos, que pintais como o túmulo da razão? Homens, mulheres, crianças que escutam com recolhimento uma doce e consoladora moral, em lugar de ir ao cabaré perder seu dinheiro e sua saúde, ou fazer barulho na praça pública; que delas saem com o amor de seus semelhantes no coração, em lugar do ódio e da vingança.

Eis da parte do autor do artigo pre-citado uma singular confissão: *Vítimas da alucinação que os possui, suas premissas admitidas raciocinam em seguida com uma lógica irrepreensível que não faz senão afirmar-lhes em sua aberração.* Singular loucura em Verdade, que raciocina com uma lógica irrepreensível! Ora, qual é essa premissa? disse-mo-lo há pouco: *A alma sobrevive ao corpo, conserva sua individualidade e suas afecções, e pode se comunicar com os vivos.* O que pode provar a verdade de uma premissa, se não for a lógica *irrepreensível* das deduções? Quem diz *irrepreensível*, diz inatacável, irrefutável; portanto, se as deduções de uma premissa são inatacáveis, é que elas satisfazem a tudo, e não se pode nada opor-lhe; portanto, se essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é verdadeira, porque a verdade não pode ter um erro por princípio. De um princípio falso, sem dúvida, pode-se deduzir conseqüências aparentemente lógicas, mas isso não é senão uma lógica aparente, dito de outro modo, sofismas, e não uma lógica irrepreensível, porque ela deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica é aquela que satisfaz plenamente a razão: ela não pode ser contestada; a falsa lógica não é senão um falso raciocínio sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa, é que são baseadas sobre a observação dos fatos; em segundo lugar, que elas explicam, de maneira racional, o que, sem isso, é inexplicável. À nossa premissa substitui a negação, e vos chocareis, a cada passo, com dificuldades insolúveis. À teoria espírita, dizemos, está baseada sobre fatos, mas sobre milhares de fatos, se reproduzindo todos os dias, e observados por milhões de pessoas; a vossa, sobre meia dúzia observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

CIRCULO ESPIRITA DE TOURS.

Discurso pronunciado pelo presidente na sessão de instalação.

Terça-feira, 12 de novembro de 1862.

Senhores,

"Primeiramente devo agradecer aos Espíritos protetores de nossa pequena sociedade nascente por consentirem em me designar para a vossa presidência; tratarei de justificar essa escolha, que me honra, velando escrupulosamente para que os trabalhos de nossas reuniões tenham sempre um caráter sério e moral, objetivo que jamais deveremos perder de vista, sob pena de nos expor a muitas decepções.

"Que viemos procurar aqui, senhores, longe do barulho dos negócios mundanos? A ciência de nossos destinos. Sim, enquanto estamos neste modesto recinto que crescerá, que se elevará, eu o espero, para a grandeza e para a altura do objetivo que perseguimos, cedemos ao desejo muito natural de rasgar o véu espesso que esconde, ao pobres humanos, o terrível mistério da morte, e saber se é verdade, como o ensina uma falsa ciência, e como o crêem, ai! tantos infelizes Espíritos desviados, que o túmulo fecha o livro dos destinos do homem.

"Sei bem que Deus colocou no coração, de cada um, uma luz destinada a clarear seus passos através dos rudes caminhos da vida: a *razão*; e uma balança própria para pesar todas as coisas segundo seu exato valor: a *justiça*; mas quando a viva e pura luz dessa tocha diretora, cada vez mais enfraquecida pelo sopro impuro das paixões pervertidas, e no ponto de se apagar; quando essa balança da justiça foi falseada pelo erro e pela mentira; quando o cancro do materialismo, depois de ter tudo invadido, até as religiões, ameaça tudo devorar, é preciso que o Juiz supremo venha, enfim, por prodígios de sua onipotência, por manifestações insólitas, capazes de chamar violentamente a atenção, redirecionar os caminhos da Humanidade e retirá-la do abismo.

"No ponto de degradação em que caíram as sociedades modernas, sob a influência das falsas e perniciosas doutrinas toleradas, senão encorajadas, por aqueles mesmos que têm a missão especial de reprimi-las; no meio desse indiferentismo geral por tudo o que não é matéria, desse sensualismo exagerado, exclusivo, desse furor desconhecido até nós, do enriquecimento a qualquer preço, desse culto desenfreado ao bezerro de ouro, dessa paixão desordenada do lucro que engendra o egoísmo, gela todos os corações falseando todas as inteligências, e tende à dissolução dos laços sociais, as comunicações de além-túmulo podem ser consideradas como *uma revelação divina*, tornada *necessária* ao chamado à ordem, da parte da Providência que não pode deixar perecer, sem socorro, sua criatura predileta. E, com a rapidez com que se difundem sobre todos os pontos do globo os ensinamentos da Doutrina Espírita, é fácil prever que se aproxima a hora em que a Humanidade, depois de um tempo de estacionamento, vai tranpor uma nova etapa, sofrer uma nova fase de desenvolvimento em seu progresso intermitente através dos séculos.

"Quanto a nós, senhores, agradeçamos a Providência de ter-se dignado nos escolher para difundir e fazer frutificar, sobre este pequeno canto da Terra, a semente espírita, e cooperar assim, na medida de nossas forças, na grande obra de regeneração moral que se prepara.

"Ocupo-me neste momento a propósito de uma questão médica, alguns dentre vós o sabem, de um trabalho filosófico importante em que tento explicar, racionalmente, os fenômenos fisiológicos do Espiritismo, e ligá-los à filosofia geral. Antes de publicar esse trabalho, essencialmente anti-materialista, que não está, de resto, ainda senão no esboço, proponho-me a vo-lo comunicar para tomar vosso conselho quanto a oportunidade de

submetê-lo à aprovação dos Espíritos elevados que consentem em nos assistir, os principais pontos de doutrina que ele encerra. Poderíamos encontrar ali, aliás, todas preparadas e metodicamente dispostas de antemão, a maioria das perguntas que devem ser o assunto de nossas conversas Espíritas.

"Não é preciso jamais perder de vista, Senhores, o objetivo essencial do Espiritismo, que é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana. Se os mortos respondem ao nosso chamado, se vêm se pôr em comunicação conosco, é evidente que não estão inteiramente mortos; é que o último estertor da agonia não faltou para eles no fim definitivo de sua existência. Todos os sermões do mundo não valem, a esse respeito, um argumento como aquele.

Por isso é de nosso dever, a nós crentes, difundir a luz ao nosso redor e não tê-la encerrada sob o alqueire, quer dizer, neste estreito recinto que deve, ao contrário, tornar-se pelo nosso zelo um foco irradiante. Isto quer dizer que deveríamos convidar todo o mundo às nossas reuniões, acolher o recém-chegado que manifeste a curiosidade de nos ver em trabalho, como se se tratasse de ver um prestidigitador operar? Isso seria desastrosamente exporás chances do ridículo a coisa mais séria do mundo e nos comprometer, ao mesmo tempo, nós mesmos. Mas todas as vezes que uma pessoa, da qual não temos nenhum motivo de suspeitar a boa-fé, e que tiver haurido na leitura das obras especiais as noções sobre o Espiritismo, desejar tornar-se testemunha dos fatos, deveremos aderir ao seu pedido, somente será bom regulamentar essas espécies de admissões, e de não admitir em nossas sessões nenhuma pessoa estranha, sem que a sociedade, consultada, tenha emitido preliminarmente sua opinião a esse respeito.

"Senhores, quando, há dois anos apenas, constatamos com um de nossos societários, na casa de um amigo comum, os fenômenos espíritas da ordem mecânica e da ordem intelectual as mais espantosas, apesar da evidência dos fatos dos quais éramos testemunhas, apesar de nossa convicção profunda de que essas manifestações extraordinárias se passam fora das leis naturais conhecidas, ousamos apenas delas timidamente dar parte aos nossos conhecimentos íntimos, enquanto temíamos que se pusesse em dúvida a integridade de nossa razão. *O Livro dos Espíritos*, então quase desconhecido em Tours, não estava ainda senão em sua primeira, ou, pelo menos, em sua segunda edição, nessa época, em uma palavra, quase não havia transposto os limites da capital. Pois bem, vede, pois, que imenso progresso no espaço de três anos! Hoje o Espiritismo penetrou por toda a parte, tem adeptos em todas as classes da sociedade; reuniões de grupos mais ou menos numerosos se organizam em todas as cidades, grandes ou pequenas, esperando a vez das aldeias; hoje as obras espíritas estão expostas em todas as livrarias, que têm o trabalho de satisfazer aos pedidos de sua clientela, ávida de se iniciar nos grandes mistérios das evocações; hoje, enfim, o Espiritismo vulgarizado, conhecido de todos por um título qualquer, não é mais um espantinho, um sinal de reprovação ou de desdém, e podemos audaciosamente, sem medo de passarmos por loucos, confessar o objetivo de nossas reuniões; podemos desafiar a zombaria e o sarcasmo e dizermos aos irônicos: "Antes de nos pôr em ridículo, pelo menos que possais nos contar, senão nos pesar."

"Quanto ao anátema de um partido, apreciamos muito sua fraca importância para dele nos inquietar. Dizem que temos pacto com o *diabo*, seja; mas então é preciso convir que os diabos não são de todo muito maus diabos. Nosso verdadeiro crime, aos seus olhos, é a nossa pretensão, seguramente muito legítima, de comunicar com Deus e os santos sem seu intermédio necessário. Provemo-lhes que, graças aos ensinamentos daqueles que chamam *Demônios*, compreendemos a moral sublime do Evangelho, que se resume no amor de Deus e de seus semelhantes, na caridade universal. Abracemos a Humanidade inteira, sem distinção de culto, de raça, de origem, e, com mais forte razão, de família, de fortuna e de condição social. Que saibam bem que nosso Deus, a nós Espíritas, não é um tirano cruel e vingativo que pune um instante de desvio pelas torturas eternas, mas um pai bom e misericordioso que vela sobre seus filhos desviados com uma solicitude incessante.

te, e procura aproximá-los dele por uma série de provas destinadas a lavá-los de suas manchas. Não está escrito: *que Deus não quer a morte do pecador, mas a sua conversão?*

"De resto, nos reservamos expressamente, aqui como em toda parte, os direitos imprescritíveis da razão que deve tudo dominar, tudo julgar em última instância. Não dizemos aos recalcitrantes, conduzindo-os ao pé da fogueira: *crê ou morre*, mas *crê se tua razão o quer*.

"Ainda uma palavra para terminar, senhores, porque não gostaria de abusar de vossa atenção. A instituição de nossa sociedade não tendo, não podendo ter outro objetivo senão nossa melhoria moral, devemos afastar com o maior cuidado, de nossas sessões, toda questão ligando-se de maneira direta ou indireta, seja às pessoas, seja à política, seja aos interesses materiais. *Estudo do homem com relação aos seus destinos futuros*, tal é o nosso programa, e não devemos jamais disso desistir."

CHAUVET, doutor em medicina.

Esse discurso foi seguido da comunicação adiante, obtida espontaneamente por um dos médiuns da sociedade:

"Meus amigos, o objetivo de vossa sociedade é de vos instruir e de conduzir o homem desviado à luz, há tanto tempo obscurecido pelas trevas que reinam neste século. Não deveis olhar esta instituição como vindo vos instruir sobre as questões de direito ou de ciência; ela vem muito simplesmente vos dispor a entrar no novo caminho de regeneração que deveis percorrer sem medo, colocando a vossa confiança nas instruções que recebeis. Não deveis nada temer, porque Deus vela sobre o homem que faz o bem, e não o abandona.

"Eu vos ouvi discutir a propósito de um artigo do regulamento sobre a admissão de pessoas estranhas à vossa sociedade. Escutai um pouco os conselhos de um amigo, ou antes de um irmão que vos fala, não de boca mas de coração, não materialmente mas espiritualmente; porque, crede-o, quando transpus para vir a vós os graus dos Espíritos impuros, esse espaço a percorrer não me pareceria penoso se visse vosso coração animado dos sentimentos humanos do bem.

"Quando uma pessoa estranha pedir para assistir às vossas sessões, antes de admiti-la, fazei-a vir em particular em vosso gabinete, e, na conversação, sondai seus sentimentos e vede se ela está instruída na nova doutrina. Se descobirdes nela o desejo do bem e não uma simples curiosidade; se ela vem animada de intenções sérias, então podereis, sem medo, admiti-la, mas repeli quem não vier senão com o pensamento de perturbar vossas sessões e de desprezar vossos ensinamentos. Pensai também que os espiões se insinuam por toda a parte: Jesus os teve.

"Se alguém se apresenta dizendo-se Espírita ou médium, não o recebeis sem saber com quem tendes relações. Não ignorais que existem médiuns cheios de frivolidade e de orgulho, e que, por isso mesmo, não atraem senão os Espíritos levianos. Diz-se frequentemente: quem se assemelha se reúne. O verdadeiro Espírita não deve ter outro sentimento senão o bem e a caridade, sem isto não pode estar assistido pelos Espíritos sábios.

"Sem dúvida a perda de um médium pode deixar um vazio entre vós, mas não é preciso crer que, por isso, não tereis mais instruções de nossa parte, porque estaremos sempre prontos a vir vos assistir em vossos trabalhos, tanto quanto Deus o permitir. Se um bom médium vos é tirado, é que Deus, sem dúvida, o destina a uma outra missão, que crê mais útil. Quem sabe o que o espera? É dessas coisas que o homem não pode compreender, e que, no entanto, lhe é preciso aceitar.

"O caminho que ireis percorrer, meus amigos, é rude para escalar, mas, com a ajuda de vossos irmãos, que estão acima de vós, ali chegareis.

"Numa outra vez, o espero, vos instruiremos sobre questões mais sérias."

VARIEDADE.

Cura por um Espírito.

Recebemos várias cartas que constataam a feliz aplicação que se fez do remédio indicado na *Revista Espírita* de novembro de 1862, página 335 (ver também o erratum do mês de dezembro), e cuja receita foi dada por um Espírito. Um oficial de cavalaria nos disse que o farmacêutico de seu regimento teve o cuidado de prepará-la para os casos muito freqüentes de acidentes causados pelos coices dos cavalos. Sabemos que outros farmacêuticos fizeram o mesmo em outras cidades.

A propósito desse remédio, um de nossos assinantes de Eure-et-Loir nos transmite o fato seguinte, que é de seu conhecimento pessoal.

Autheuset, 6 de novembro de 1862.

"Um homem do trabalho, de nome Paquine, que mora numa comunidade dos arredores, veio me ver, há um mês, munido de duas muletas. Espantado de vê-lo assim, informei-me do acidente que lhe ocorreu. Respondeu-me que, há algum tempo, suas pernas estavam prodigiosamente inchadas e cobertas de úlceras, e que *nenhum remédio* o limpava. Esse homem é Espírita e um pouco médium. Eu lhe disse que seria preciso dirigir-se aos bons Espíritos e fazê-lo com fervor. No dia de Todos-os-Santos, eu o vi reaparecer à missa com um simples bastão. No dia seguinte, veio me ver e me contou o que segue:

- Senhor, disse-me, depois que me recomendastes empregar os bons Espíritos para obter minha cura, não faltei cada noite, e freqüentemente durante o dia, de invocá-los e lhes representar quanto meu mal me causava prejuízo para ganhar minha vida. Havia apenas cinco ou seis dias que assim pedia, quando, uma noite, estando adormecido, vi um homem todo branco aparecer no meio de meu quarto. Avançou em minha direção e pegou um pote no qual havia gordura de que me servia para acalmar as dores que me causavam minhas pernas. Mostrou-me esse pote, depois tendo pegado o tabaco que conservo num papel, mo mostrou igualmente. Em seguida, fez procurar um pequeno frasco de extrato de Saturno, depois uma garrafa de essência de terebintina, e, mostrando-me tudo, me fez sinal de que era preciso deles fazer uma mistura; indicou-me a dose, derramando-a diante de mim no pote; depois tendo-me feito sinais de amizade, desapareceu. No dia seguinte, fiz o que o Espírito me prescreveu, e a partir desse momento, minhas pernas entraram num excelente caminho de cura. Não me resta mais hoje senão uma inchação no pé, que desaparece pouco a pouco pela eficácia desse remédio, e espero logo estar livre de todo o mal.

"Eis, senhores, um fato que poderia quase ser classificado no número das curas miraculosas, creio que seria preciso levar longe o espírito de partido para não ver aí senão um fato demoníaco.

"Examinando a vulgaridade, e quase sempre a simplicidade dos remédios indicados pelos Espíritos em geral, perguntei-me se não se poderia disso concluir que o remédio, em si mesmo, não é senão uma simples fórmula, e que é a influência fluídica do Espírito que opera a cura. Esta questão poderia, creio, ser estudada.

"L. DE TARRAGON."

Esta última questão não nos parece duvidosa, sobretudo quando se conhecem as propriedades que a ação magnética pode dar às substâncias mais benignas, a água por exemplo; ora, como os Espíritos também magnetizam, certamente podem dar, a certas

substâncias, propriedades curativas segundo as circunstâncias. Se o Espiritismo nos revela todo um mundo de seres pensando e agindo, nos revela também forças materiais desconhecidas e que a ciência um dia aproveitará.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

Paz aos homens de boa vontade.

(Poitiers. Reunião preparatória de operários espíritas; médium, Sr. X...)

Meus caros amigos, a vida é curta; grande é o que a precede, grande é o que a segue; nada é senão pela vontade de Deus; nada é, em consequência, senão legítimo e de alta justiça. Vossa miséria, quando vos oprime, é um mal merecido, uma punição, não duvideis disso, de vossas faltas anteriores. Encarai-a bravamente, e levantai os olhos para o alto com resignação: a bênção e o alívio descerão. Vossos desgostos, às vezes, são a prova pedida por vosso próprio Espírito, por vosso Espírito desejoso de chegar prontamente ao objetivo final, sempre entrevisto no estado de não encarnado.

No momento em que o mundo se agita e sofre, em que a sociedade, em busca do que é verdadeiro, se contorce num parto laborioso, Deus permite que o Espiritismo, quer dizer, um raio da eterna verdade, desça das altas regiões e vos esclareça. Nosso objetivo é de vos mostrar o caminho, mas de vos deixar a vossa liberdade, quer dizer, o mérito e o demérito de vossas ações. Escutai-nos pois, e estejais certos de que a vossa felicidade é para nós uma viva preocupação. Se soubésseis quanto vossas más ações nos afligem! quanto vossos esforços para a lei de Deus nos encham de alegria! O Senhor nos disse: "Servidores de meu império, apóstolos devotados de minha lei, levai a palavra a todos; explicai a todos que a vida eterna será daqueles que praticam o Evangelho; fazei todos os homens entenderem que o bem, o belo, o grande, degraus de minha eternidade, estão encerrados nesta palavra: Amor." O Senhor nos disse: "Espíritos levianos, correi a todos: aos infelizes e aos mais felizes; do rei ao artesão; do fariseu àquele que queima a fé ardente." E iremos por todos os lados, e gritaremos aos infelizes: Resignação; à felicidade: Caridade, humildade; aos reis: Amor aos povos; ao artesão: Respeito à lei!

Meus amigos, o dia em que se fizer melhor do que nos escutar, quer dizer, o dia em que se praticar nossos preceitos, não mais de egoísmo, não mais de ciúme; não falando daí mais de misérias, mais desse luxo que é o verme roedor das sociedades e as abala; não mais desses erros morais que perturbam as consciências; não mais de revoluções, não mais de sangue! não mais desse triste preconceito que fez crer por muito tempo, às famílias reais, que os povos eram sua coisa e que tinham um outro sangue que os povos, nada mais que a felicidade! Vossos governos serão bons, porque o governante e o governado aproveitarão do Espiritismo. As ciências e as artes, levadas sobre as asas da divina caridade, se elevarão a uma altura da qual não desconfiais; vosso clima saneado pelos trabalhos agrícolas; vossas colheitas tornadas mais abundantes; estas palavras tão profundas de igualdade e de fraternidade, enfim, interpretadas sem que *ninguém pense em despojar o que possui*, realizarão, vos afirmo, as promessas de vosso Deus.

"Paz, disse seu Cristo, aos homens de boa vontade!" Não tendes tido a paz, porque não tivestes a boa vontade. A boa vontade, para os pobres e para os ricos, se chamará *caridade*. Há a caridade moral, como há a caridade material, e não as tivestes; e o pobre foi tão culpado quanto o rico!

Ouvi-me bem: Crede e amai! amai: será sempre perdoado aquele que muito amou. Crede: a fé ergue as montanhas. Prudência e doçura no apostolado novo: vossa melhor pregação será o bom exemplo. Lamentai os cegos: aqueles que não querem olhar a luz. Lamentai, não censureis! Orai, meus amigos, e a bênção de Deus estará com vossas almas. O facho da vida irradia; em todos os cantos do horizonte acendem-se os faróis; a-

tempestade vai sacudir e talvez quebrar os barcos! Mas o barqueiro que, sobre a onda furiosa, olhar sempre o farol, abordará a praia, e o Senhor lhe dirá: "Paz aos homens de boa vontade; seja bendito, tu que amaste; seja feliz, uma vez que trabalhaste para à felicidade de outrem. Meu filho, a cada um segundo as suas obras!"

F.D., antigo magistrado.

POESIA ESPÍRITA

O Doente e o seu Médico.

Conto dedicado ao Sr. redator do *Renard*, de Bordeaux, pelo Espírito batedor de Carcassonne.

"É para não tê-la mais, doutor; foi por muito forte,
Gritar outro dia um senhor de Rochefort!
Sondai-me, pois, doutor, disso estou doente;
Q globo todo está tomado de uma mania.
E preciso crer que Deus não sabe mais o seu ofício;
Ele abaixa... e eu maldigo o globo todo.
E primeiro o vapor... é assim que se caminha?
Em que se tornou o tempo de minha doce berlinda?
Esse tempo em que, sem perigo de nos quebrar o pescoço,
Partíamos de Paris vindo por Sceaux em pequena carruagem?
Fala-se de progresso!... Doutor, é ridículo!
Lançado a toda pressa, o planeta recua;
Que horrível caos!... Um cabo, um fio de ferro,
De Calais a Pequim tagarela no mar.
Um alfaiate sem agulha tem a audácia de coser;
Da água se fez ferro; do algodão da pólvora;
Um mau pintor, não tendo por pincel senão um aparelho,
Vos venderá retratos fabricados ao sol!
Glória, glória ao passado! Neste século frívolo
A igualdade urra; o povo tem a palavra!
De escrever em pleno Bordeaux, Sabò está advertido!
Vós o vedes, doutor, tudo está transtornado.
Dos malabaristas eu saberia descobrir a malícia;
Prevenirei, com a brega! o chefe do *Etincelle*;
É lá que, sabre na mão, um crânio nos defende,
Isso não é tudo, doutor, ó escândalo! pretende-se
Que, do bom La Fontaine emprestando a fórmula,
Um verdadeiro morto, *um Espírito*, nos dá a palmatória."
-Aqui, de Rochefort projeta, depois repete:
"Doutor, de boa fé, credes no Espírito?
- Bah! disse-lhe o doutor! fazendo o bom apóstolo,
O Espírito?... Nele não creio, meu caro... mesmo no vosso."

Nota. Este conto, sobre o mérito do qual deixamos juizes os nossos leitores, foi obtido espontaneamente pela *tiptologia*, mandante de outras encantadoras poesias do mesmo médium, a propósito de um espirituoso artigo do Sr. *Aug. Bez*, inserido no *Renard*, que quer muito abrir suas colunas aos adeptos do Espiritismo. O *Etincelle* é um outro jornal de Bordeaux, redigido pelo Sr. de Rattier, e que lança contra o Espiritismo força faiscante com o objetivo de incendiá-lo, mas que, até o presente, não conseguiu senão pro-

duzir uma iluminação semelhante à dessas faíscas de fogos de artifícios que se extinguem antes de ter tocado a terra. Quando ao Sr. de Rochefort, ele achará, sem dúvida, esta poesia malsã.

SUBSCRIÇÃO RUANESA.

Depósitos feitos no escritório da *Revista Espírita*, em janeiro de 1863:

Sociedade Espírita de Paris: 423 fr. - O príncipe de Géorgie, 20fr.;
Sr. e Sra. Aumont, libr. 5 fr.; Courtois, 2fr.; Dole, desenhista lit., 5fr.;
Roger, 20 fr.; Yvose, 10 fr.; senhora Hilaire, 20 fr.;..... 505fr.OO

Sociedades e grupos espíritas: de Sens, 60 fr. 05; de Orléans, 40 fr.;
de Marennes, 34 fr. 50 - Sr. e Sra. Bodin, (de Cognac), 20 fr.;
Borreau (de Niort), 3 fr. Bitaubé (de Blaye), 5 fr.;
Bourgès, ten. (de Provins), 10 fr.; Blin, cap. (de Marseille), 20fr.;
Lausat (de Condom), 5fr.; Petitjean, alfaiate e seu operário
(de Joenville H.M.), 7fr.; Auzanneau (deNeuville), 10fr.;
Lafager (deTarbes),5fr.; Jouffroy (de Gaillon), 6 f r.;
Noël (de Boné), 10fr.; D... (Guelma), 2fr.50;
N...(IlhadeRé),9fr.-DePoitiers:Sr.BarbaultdeLaMotte, ant. magistrado, 100 fr.;
Senhora Baubault de la Motte, 100fr.; Sr. Frothier, escultor, 20fr.;
Sr. Bonvalet, operário, 10 fr. – Soc. Espírita de Montreuil -sur-Mer, 74 fr..... 497 05

Espíritas e colônia francesa de Barcelona (Espanha):

Sr. e Sra. Henri de Vincio, François Nerici, Ernest Laloux,
DésiréMaigrin,Mauricel_achâtre, senhoritaMarieGarette, 100 fr. –
Sr. e Sra. Achon, Ziegler, Ed. Bettiz, G. Sins, J. C. Carpentier, Holder,
Muller, J. Arto, Devenel, 80fr.; senhorita Nerici, 5 fr.; Simonnet,
batedor de ouro, 10 fr.; senhorita Caroline Vignes, 10 fr.; senhora
Guizy, 20 fr.; Sr. e Sra. Guizy,30fr.; E. B., 5fr.; Emprin, comissário,
10fr.; Marius Brunos, sapateiro, 5 fr.; Leconte, irmãos, 25 fr.; Hardy,
pai, 5 fr.; Flocon, viajante de comércio, 5 fr.; Bonsignori, joalheiro, 1 fr.;
Louis Pintrau, fundidor, 1 fr.; Canais etC^e, neg. 15 fr.; Cousseau et
C^e, tapeceiros, 10 fr.; Tasimez Bion, 1 fr.; Subernie, 1 fr.; Dupont, 2 fr.;
Paul, irmãos, fabricantes, 50 f r.; Garcerie, novidades, 10 fr.;
senhoras Curei, modas, 10 fr.; Antoinette Fournols, costureira, 10 fr.;
Sr. e Sra. Emile Cousoles, bandagista, 5 fr.; J. Hugon, 10fr.; Louis
Verdereau, novidades, 20fr.;Torri, chapeleiro, 5 fr.; Joseph Faur, 1 fr.;
A. C. 5 fr.; Gustave Fouquel, 1 fr.; Lavallée, 5 fr.; Fournier, 3fr. 75;
B. J. J. Maumus, 3fr.; Thiébault, 2 fr..... 489 35
Total.....-..... 1491fr.40
A subscrição permanece aberta.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 3

MARÇO 1863

A LUTA ENTRE O PASSADO E O FUTURO.

Uma verdadeira cruzada ocorre neste momento contra o Espiritismo, assim como isso nos foi anunciado; de diversos lados se nos assinalam escritos, discursos e mesmo atos de violência e de intolerância; todos os Espíritas devem se alegrar com isso, porque é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por uma mosca que voa?

O que excita, sobretudo, essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com a qual a idéia nova se propaga, apesar de tudo o que se fez para detê-la. Também nossos adversários, forçados pela evidência de reconhecer que esse progresso invade as classes mais esclarecidas da sociedade e mesmo os homens de ciência, se reduziram a deplorar esse arrastamento fatal que conduz a sociedade inteira aos manicômios. A zombaria esgotou seu arsenal de piadas e de sarcasmos, e essa arma, que se diz tão terrível, não pôde colocar os galhofeiros de seu lado, prova de que não tem matéria para rir. Não é menos evidente que ela não tirou um único partidário à Doutrina, longe disso, uma vez que aumentaram a olhos vistos. A razão disso é bem simples: reconheceu-se prontamente tudo o que há de profundamente religioso nessa Doutrina que toca as cordas mais sensíveis do coração, que eleva a alma para o infinito, que faz reconhecer a Deus àqueles que o tinham desconhecido; ela arrancou tantos homens ao desespero, acalmou tantas dores, cicatrizou tantas feridas morais, que os tolos e os chatos gracejos derramados sobre ela inspiraram mais desgosto do que simpatia. Os zombadores em vão se incomodaram sem proveito para fazer rir às suas custas; há coisas das quais, instintivamente, sente-se que não se pode rir sem profanação.

No entanto, se algumas pessoas, não conhecendo a Doutrina senão pelos gracejos sem graça, puderam crer que não se tratava senão de um sonho oco, de elucubração de um cérebro danificado, o que se passa é bem feito para desenganá-los. Ouvindo tantas declamações iradas, devem dizer a si mesmo que é mais sério do que não pensavam.

A população pode se dividir em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes. Se o número dos crentes centuplicou depois de alguns anos, isso não pode ser senão às custas das duas outras categorias. Mas os Espíritos que dirigem o movimento acharam que as coisas não iam ainda bastante depressa. Há ainda, disseram a si mesmos, muitas pessoas que não ouviram falar do Espiritismo, sobretudo no campo; é tempo de que a Doutrina ali penetre; além disso, é preciso despertar os indiferentes adormecidos. A zombaria fez seu trabalho de propaganda involuntária, mas tirou todas as flechas de seu estojo, mas as setas que ela dispara ainda são menos cortantes; é um fogo muito pálido agora. É preciso alguma coisa mais vigorosa, que faça mais barulho do que o tinir dos folhetins, que repercuta mesmo nas solidões; é preciso que a última aldeia ouça falar do Espiritismo. Quando a artilharia voltar, cada um se perguntará: O que há? e quererá ver.

Quando fizemos a pequena brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, perguntamos aos nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Foi-nos respondido:

ela produzirá um efeito ao qual não esperas, quer dizer, teus adversários ficarão furiosos em ver uma publicação destinada, pelo seu extremo preço pouco elevado, a ser difundida em massa e penetrar por toda a parte. Anunciado te foi um grande desdobramento de hostilidades, tua brochura dele será o sinal. Não te preocupes com isso, conheces o fim. Eles se irritam em razão da dificuldade em refutar teus argumentos. - Uma vez que assim é, dissemos, essa brochura, que deveria ser vendida por 25 centavos, será dada por duas moedas. O acontecimento justificou essas previsões, e disso nos felicitamos.

Tudo o que se passa, aliás, foi previsto e deveria ser para o bem da causa. Quando virdes alguma grande manifestação hostil, longe de vos amedrontar com ela, alegrai-vos, porque foi dito: o estrondo do raio será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai então, meus irmãos; orai sobretudo pelos vossos inimigos, porque serão tomados de uma verdadeira vertigem.

Mas nem tudo ainda se cumpriu; a chama da fogueira de Barcelona não subiu tão alto. Se ela se renova em alguma parte, guardai-vos de extingui-la, porque ela se elevará mais, semelhante a um farol, será vista de longe, e ficará na lembrança das idades. Deixai, pois, fazer e em nenhuma parte oponde a violência à violência; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro para guardar sua espada na bainha. Não imiteis as seitas que se entredilaceraram em nome de um Deus de paz, que cada um chamava em ajuda aos seus furores. A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio; as perseguições, em todos os tempos, foram a arma das más causas, e daqueles que tomam o triunfo da força bruta pelo da razão. A perseguição é um meio mau de persuasão; pode momentaneamente abater o mais fraco, convencê-lo, jamais; porque, mesmo na aflição em que o tiver mergulhado, exclamará, como Galileu em sua prisão: *e pur si muovel* Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com o poder de sua lógica. Não useis, pois, de represálias: à violência oponde a doçura e uma inalterável tranqüilidade; restitui aos vossos inimigos o bem pelo mal; por aí dareis um desmentido às suas calúnias, e forçá-los-eis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

A calúnia! direis; pode-se ver com sangue frio nossa Doutrina indignamente deturpada por mentiras? acusada de dizer o que não disse, de ensinar o contrário do que ela ensina, de produzir o mal ao passo que não produz senão o bem? A própria autoridade daqueles que têm uma tal linguagem não pode dobrar a opinião, retardar o progresso do Espiritismo?

Incontestavelmente está aí seu o objetivo; atingi-lo-ão? é uma outra questão, e não hesitamos em dizer que chegam a um resultado todo contrário: o de se desacreditarem e à sua causa. A calúnia, sem contradita, é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre aquele que dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a mais forte prova de que não se tem boas razões para dar, porque, tendo-as, não se deixaria de fazê-las valer. Dizeis que uma coisa é má, se tal é vossa opinião; gritai-o sobre os telhados, se bom vos parece, cabe ao público julgar se estais no erro ou na verdade; mas deturpá-la para apoiar vosso sentimento, desnaturá-la, é indigno de todo homem que se respeita. Nos relatórios das obras dramáticas e literárias, vêem-se freqüentemente apreciações muito opostas; um crítico louva exageradamente o que um outro achincha: é seu direito; mas o que se pensaria daquele que, para sustentar a sua censura faria o autor dizer o que não disse, lhe emprestaria maus versos para provar que sua poesia é detestável?

Ocorre assim com os detratores do Espiritismo: pelas suas calúnias mostram a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam fazendo ver a que lamentáveis extremismos são obrigados a recorrer para sustentá-la. De que peso pode ser uma opinião fundada sobre erros manifestos? De duas coisas uma, ou esses erros são voluntários, e então se vê a má fé; ou são involuntários, e o autor prova sua inconseqüência falando do que não sabe; num e noutro caso perde todo direito à confiança.

O Espiritismo não é uma Doutrina que caminha na sombra; ele é conhecido, seus princípios são formulados de maneira clara, precisa, e sem ambigüidade. A calúnia, pois, não poderia atingi-lo; basta, para convencê-la de impostura, dizer: lede e vede. Sem dúvida, é útil desmascará-la; mas é preciso fazê-lo com calma, sem aspereza nem recriminação, limitando-se a opor, sem discursos supérfluos, o que é do que não é; deixai aos vossos adversários a cólera e as injúrias, guardai para vós o papel da força verdadeira: o da dignidade e da moderação.

De resto, não é preciso exagerar as conseqüências dessas calúnias, que levam consigo o antídoto de seu veneno, e são em definitivo mais vantajosas do que nocivas. Forçosamente, elas provocam o exame de homens sérios que querem julgar as coisas por si mesmos, e nisso são excitados em razão da importância que se lhe dá; ora, o Espiritismo, longe de temer o exame, provoca-o, e não se lamenta senão de uma coisa, é que tantas pessoas dele falam como os cegos das cores; mas graças aos cuidados que nossos adversários tomam em fazê-lo conhecer, esse inconveniente logo não existirá mais, e é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta desse exame engrandece-o em lugar de rebaixá-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações; não tirarão nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, as farão ressaltar com mais estrondo pelo contraste, e se voltarão para a confusão dos caluniadores: essas mentiras, certamente, podem ter por efeito imediato enganar algumas pessoas, e mesmo desviá-las; mas o que é isso? O quê são alguns indivíduos perto das massas? Sabeis, vós mesmos, quanto o seu número é pouco considerável. Que influência isso pode ter sobre o futuro? Esse futuro vos está assegurado: os fatos realizados vos respondem por ele, e cada dia vos traz a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários. A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e de ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e como impostor? Perturbou-se com isso? Não, porque sabia que seus inimigos passariam e que a sua doutrina ficaria. Assim o será com o Espiritismo. Singular coincidência! Não é outro senão o chamado à pura lei do Cristo, e é atacada com as mesmas armas! Mas seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode se subtrair. A geração atual se extingue todos os dias, e com ela vão os homens imbuídos dos preconceitos de um outro tempo; a que se ergue está nutrida de idéias novas, e sabeis, aliás, que se compõe de Espíritos mais avançados que devem fazer, enfim, a lei de Deus reinar sobre a Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista restrito do presente, mais estendei vossos olhares para o futuro e dizei a vós mesmos: O futuro é nosso; que nos importa o presente! que nos fazem as questões de pessoas! as pessoas passam, as instituições ficam. Pensai que estamos num momento de transição; que assistimos à luta entre o passado que se debate e se coloca para trás, e o futuro que nasce e se coloca para adiante. Quem levará a melhor? O passado é vicioso e caduco, - falamos das idéias, - ao passo que o futuro é jovem, e caminha para a conquista do progresso que está nas leis de Deus. Os homens do passado se vão com ele; os do futuro chegam; saibamos, pois, esperar com confiança e nos felicitemos por sermos os primeiros pioneiros encarregados de arrotear o terreno. Se temos o trabalho, teremos o salário. Trabalhemos, pois, não para uma propaganda colérica e irrefletida, mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe é preciso para chegar à colheita. Semeemos a idéia, mas não comprometamos a colheita por um ensinamento intempestivo e por nossa impaciência, antecedendo a estação própria para cada coisa. Cultivemos sobretudo as plantas férteis que não pedem senão produzir; são bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem usar nossas forças contra rochas irremovíveis que Deus se encarrega de abalar e destruir, quando chegar seu tempo, porque se tem a força de elevar as montanhas, tem a de abaixá-las. Tiremos a figura, e digamos simplesmente que há resistências que seria supérfluo procurar vencer, e que se obstinam mais por amor-próprio, ou por interesse, do que por convicção; seria perder seu tempo procurar trazê-los a si; não cederão senão diante da força da opinião. Recrutemos os adeptos entre as pessoas de

boa vontade, que não faltam; aumentemos a falange de todos aqueles que, cansados da dúvida e assustados com o nada materialista, não pedem senão crer, e logo o número deles será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Esse resultado já se manifesta, e esperai, dentro em pouco, a ver em vossa fileiras aqueles que nela não esperáveis senão os últimos.

OS FALSOS IRMÃOS E OS AMIGOS DESAJEITADOS.

Assim como demonstramos em nosso artigo precedente, nada poderia prevalecer contra a destinação providencial do Espiritismo. Do mesmo modo que ninguém pode impedir a queda daquele que, nos decretos divinos: homens, povos ou coisas, deve cair, ninguém pode deter a marcha do que deve ir adiante. Esta verdade, com relação ao Espiritismo, ressalta dos fatos realizados, e muito mais ainda de um outro ponto capital. Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, um sistema, poderia ser combatido por um outro sistema, mas ele repousa sobre uma lei natural, tudo tão bem quanto o movimento da Terra. A existência dos Espíritos é inerente à espécie humana; não se pode, pois, fazer que não seja, e não se pode mais proibi-los de se manifestar quanto não se pode impedir o homem de caminhar. Não têm necessidade, para isso, de nenhuma permissão, e se riem de todas as proibições, porque não é preciso perder de vista que, além das manifestações mediúnicas propriamente ditas, há manifestações naturais e espontâneas, que se produziram em todos os tempos e se produzem todos os dias, entre uma multidão de pessoas que jamais ouviram falar dos Espíritos. Quem poderia, pois, se opor ao desenvolvimento de uma lei da Natureza? Sendo essa lei obra de Deus, insurgir-se contra ela é se revoltar contra Deus. Estas considerações explicam a inutilidade dos ataques dirigidos contra o Espiritismo. O que os Espíritos têm a fazer, em presença dessas agressões, é continuar pacificamente seus trabalhos, sem fanfarrice, com a calma e a confiança que dá a certeza de chegar ao objetivo.

No entanto, se nada pode deter a marcha geral, há circunstâncias que podem lhe trazer entraves parciais, como uma pequena barragem pode abrandar o curso de um rio sem impedi-lo de correr. Desse número são as providências inconseqüentes de certos adeptos mais zelosos do que prudentes, que não calculam bastante a importância de seus atos ou de suas palavras; por aí produzem, nas pessoas ainda não iniciadas na Doutrina, uma impressão desfavorável, muito mais própria para afastá-las do que as diatribes dos adversários. O Espiritismo, sem dúvida, está muito difundido, mas o seria ainda mais se todos os adeptos tivessem sempre escutado os conselhos da prudência, e sabido conter-se numa sábia reserva. Sem dúvida, é preciso ter em conta a intenção, mas é certo que mais de um justificou o provérbio: *Mais vale um inimigo confesso do que um amigo desajeitado*. O pior disto, é fornecer armas aos adversários que sabem habilmente explorar uma imperícia. Não saberemos, pois, senão recomendar aos Espíritos para refletirem maduramente antes de agir; em semelhante caso a prudência manda não se referir à sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada é mais simples do que se concordar antes de agir. O verdadeiro Espírita, não tendo em vista senão o bem da coisa, sabe fazer abnegação do amor-próprio; crer em sua própria infalibilidade, recusar em aceitar a opinião da maioria, e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor, não é o fato de um verdadeiro Espírita; isto seria dar prova de orgulho, se não for o fato de uma obsessão.

Entre as imperícias, é preciso colocar, em primeira linha, as publicações intempestivas ou excêntricas, porque são os fatos que mais repercutem. Nenhum Espírita ignora que os Espíritos estão longe de terem a soberana ciência; muitos dentre eles sabem disso menos do que certos homens, e, como certos homens também, não têm menos a pretensão de tudo saber. Sobre todas as coisas, têm sua opinião pessoal, que pode ser justa ou

falsa; ora, como os homens ainda, são geralmente aqueles que têm as idéias mais falsas que são os mais obstinados. Esses falsos sábios falam de tudo, excitam os sistemas, criam utopias, ditam as coisas mais excêntricas, e ficam felizes de encontrar intérpretes complacentes e crédulos que aceitam suas elucubrações de olhos fechados. Essas espécies de publicações têm gravíssimos inconvenientes, porque o médium engana-se a si mesmo, freqüentemente seduzido por um nome apócrifo, as dá como coisas sérias das quais a crítica se apodera com pressa para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastar-lhe-ia aconselhar-se com seus colegas para ser esclarecido. É muito raro que, nesse caso, o médium não ceda à injunção de um Espírito que quer, ai! ainda como certos homens, a toda força ser impresso; com mais experiência, saberia que os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não se impõem nem gabam jamais, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

Quando o Espiritismo for completamente assistido e conhecido, as publicações dessa natureza não terão mais inconvenientes do que os maus tratados de ciências não têm em nossos dias; mas no início, nós o repetimos, elas têm um lado muito deplorável. Não se saberia, pois, em fato de publicidade, trazer mais circunspecção, nem calcular com mais cuidado o efeito que pode ser produzido sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo o que ditam os Espíritos, uma vez que, se há os bons e esclarecidos, há os maus e ignorantes; importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações, podendo tudo o que é inútil, insignificante, falso ou de natureza a produzir uma impressão má. É preciso semear, sem dúvida, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.

Passemos a um assunto mais sério ainda, os *falsos irmãos*. Os adversários do Espiritismo, alguns pelo menos, porque pode e deve haver os de boa fé, não são, como se sabe, muito escrupulosos sobre a escolha dos meios; tudo é para eles de boa guerra, e quando não se pode tomar uma cidadela de assalto, ela é minada por baixo. Na falta de boas razões, que são as armas leais, se os vê, todos os dias derramar sobre o Espiritismo a mentira e a calúnia. A calúnia é odiosa, eles bem o sabem, e a mentira pode ser desmentida, e também procuram fatos para se justificarem; mas como encontrar fatos comprometedores entre pessoas sérias, se não for os produzidos por si mesmo ou por associados? O perigo não está nos ataques de viva força; nem está nas perseguições, nem mesmo na calúnia, como vimos; mas está nas astúcias ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo. Triunfarão? É o que examinaremos dentro em pouco.

Já chamamos a atenção sobre essa manobra no relatório de nossa viagem em 1862 (página 45), porque, no nosso caminho, recebemos três beijos de Judas dos quais não fomos vítima, embora nada tenham manifestado; de resto deles havíamos sido prevenidos antes de nossa partida, assim como as armadilhas que nos seriam estendidas. Mas ficamos de olho sobre eles, certo de que um dia mostrarão as suas verdadeiras intenções, porque é tão difícil a um falso Espírita arremedar sempre o verdadeiro Espírita, do que um mau Espírita simular um Espírito superior; nem um nem o outro podem sustentar por muito tempo seu papel.

De várias localidades nos assinalam indivíduos, homens ou mulheres, com antecedentes e com relações suspeitas, cujo zelo aparente pelo Espiritismo não inspira senão uma medíocre confiança, e não estamos surpresos de encontrar os três Judas dos quais falamos: há-os no baixo e no alto da escala. De sua parte, freqüentemente, é mais que do zelo; é do entusiasmo, uma admiração fanática. Segundo ele seu devotamento vai até o sacrifício de seus interesses, e apesar disso não atraem nenhuma simpatia: um fluido malsão parece envolvê-los; sua presença nas reuniões ali lança um manto de gelo. Acrescentemos que há os que cujos meios de existência *tornam-se* um problema, em província sobretudo onde todo o mundo se conhece.

O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é sua tendência em fazer o Espiritismo sair de seus caminhos de prudência e de moderação pelo seu ardente desejo do triunfo da verdade; a impelir as publicações excêntricas, a se extasiar de admiração diante das comunicações apócrifas mais ridículas, e que eles têm o cuidado de difundir; a provocar, nas reuniões, assuntos comprometedores sobre a política e a religião, sempre para o triunfo da verdade que não precisam ter sob o alqueire; seus elogios sobre os homens e as coisas são golpes de turíbulo a quebrar cinqüenta faces: são os Fanfarrões do Espiritismo. Outros são mais adocicados e mais insinuantes; sob seu olhar oblíquo e com palavras melosas, sopram a discórdia, pregando a desunião; lançam jeitosamente sobre o tapete questões irritantes ou ferinas, assunto de natureza a provocar dissidências; excitam um ciúme de preponderância entre os diferentes grupos, e ficam encantados em vê-los se lançarem pedra, e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma e de fundo, o mais freqüentemente provocadas, levantar bandeira contra bandeira.

Alguns fazem, em seu dizer, um excessivo consumo de livros espíritas, do qual os livreiros quase não se apercebem, e uma propaganda exagerada; mas, por efeito do acaso, a escolha de seus adeptos é infeliz; uma fatalidade leva-os a se dirigirem de preferência a pessoas exaltadas, às idéias obtusas, ou que já deram sinais de aberração; depois, apresentando-se ocasião a deploram gritando-a por toda parte, constata-se que essas pessoas se ocupam do Espiritismo, do qual na maior parte do tempo não compreenderam a primeira palavra. Aos livros espíritas que esses apóstolos zelosos distribuem generosamente, freqüentemente, acrescentam não críticas, isso seria imperícia, mas livros de *magia* e de *feiticeira*, ou escritos políticos pouco ortodoxos, ou diatribes ignóbeis contra a religião, a fim de que, apresentando-se a ocasião, fortuita ou não, se possa, numa verificação, confundir o todo reunido.

Como é mais cômodo ter as coisas sob a mão, para ter comparsas dóceis, o que se acha por toda parte, há os que organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupa, de preferência, daquilo que o Espiritismo precisamente recomenda para não se ocupar, e onde se tem o cuidado de atrair estranhos que não são sempre os amigos; ali o sagrado e o profano são indignamente confundidos; os nomes mais veneráveis são misturados às práticas mais ridículas da magia negra, com acompanhamento de sinais e palavras cabalísticas, talismãs, tripés sibilinos e outros acessórios; alguns a isso acrescentam, como complemento, e às vezes como produto lucrativo, a cartomancia, a quiromancia, a marca de café, o sonambulismo pago, etc.; Espíritos complacentes, que ali encontram intérpretes não menos complacentes, predizem o futuro, dizem a sorte, descobrem os tesouros escondidos e os tios da América, indicam, se for preciso, o curso da Bolsa e os números vencedores da loteria; depois, um belo dia, a justiça intervém, ou bem vê-se num jornal o relatório de uma sessão de Espiritismo à qual o autor assistiu e conta o que viu, com seus próprios olhos viu.

Tentareis reconduzir todas essas pessoas a idéias mais sadias? Seria tempo perdido, e se compreende o porquê: a razão e o lado sério da Doutrina não são seu negócio; é o que os mais atormenta; dizer-lhes que prejudica a causa, que dão armas aos seus inimigos, é elogiá-los; sendo seu objetivo desacreditá-la, tendo ar de defendê-la. Instrumentos, não temem nem de comprometer os outros levando-os sob o rigor da lei, e nem de se colocar eles mesmos, porque sabem ali encontrar compensação.

Seu papel não é sempre idêntico; varia segundo sua posição social, suas aptidões, a natureza de suas relações e o elemento que os faz agirem; mas o objetivo é sempre o mesmo. Nem todos empregam meios tão grosseiros, mas que nem por isso são menos pérfidos. Lede certas publicações supostamente simpáticas à idéia, mesmo em aparência defensiva da idéia, pesai-lhes todos os pensamentos, e vede se, às vezes, ao lado de uma aprovação colocada à guisa de cobertura e de etiqueta, não descobrireis, lançado como por acaso, um pensamento insidioso, uma insinuação de duplo sentido, um fato

contado de maneira ambígua e podendo se interpretar num sentido desfavorável. Entre eles há os menos velados, e que, sob o manto do Espiritismo, são evidentemente feitos tendo em vista suscitar divisões entre os adeptos. Perguntar-se-nos-ão, sem dúvida, se todas as torpezas das quais acabamos de falar são invariavelmente o fato de manobras ocultas, ou uma comédia representada num objetivo interessado, e se elas não podem ser também o de um movimento espontâneo; em uma palavra, se todos os Espíritas são homens de bom senso e incapazes de se enganar?

Pretender que todos os Espíritas são infalíveis seria tão absurdo quanto a pretensão de nossos adversários de terem, só eles, o privilégio da razão. Mas se há os que se enganam, é, pois, que menosprezam o sentido e o objetivo da Doutrina; nesse caso, sua opinião não pode fazer lei, e é ilógica ou desleal, segundo a intenção, de tomar a idéia individual pela idéia geral, e de explorar uma exceção. Ocorreria o mesmo tomando-se as aberrações de alguns sábios pelas regras da ciência. Àqueles diremos: Se quereis saber de que lado está a presunção de verdade, estuai os princípios admitidos pela imensa maioria, se não for ainda a unanimidade absoluta dos Espíritas do mundo inteiro.

Os crentes de boa fé podem, pois, se enganar, e não consideramos um crime não pensarem como nós; se, entre as torpezas relatadas acima, fossem elas o fato de uma opinião pessoal, não se poderia nisso ver senão desvios isolados, lamentáveis, dos quais seria injusto fazer recair a responsabilidade sobre a Doutrina, que os repudia vivamente; mas se dizemos que podem ser o resultado de manobras interesseiras, é que nosso quadro foi tomado sobre modelos. Ora, como é a única coisa que o Espiritismo haja, verdadeiramente, que temer no momento, convidamos todos os adeptos sinceros a se manterem em guarda evitando as armadilhas que se poderia estender-lhes. Para esse efeito, não poderiam ser mais circunspectos sobre os elementos a introduzir em suas reuniões, nem repelir com muito cuidado todas as sugestões que tendessem a desnaturar-lhe o caráter essencialmente moral. Mantendo ali a ordem, a dignidade e a seriedade que convém a homens sérios, se ocupando de uma coisa séria, fecharão o acesso aos mal intencionados que se retirarão quando reconhecerem que ali nada têm a fazer. Pelos mesmos motivos, devem declinar toda solidariedade com as reuniões formadas fora das condições prescritas pela sã razão e os verdadeiros princípios da Doutrina, se não podem conduzi-los para um bom caminho.

Como se vê, há uma grande diferença, certamente, entre os falsos irmãos e os amigos desajeitados, mas, sem o querer, o resultado pode ser o mesmo: desacreditar a Doutrina. A nuance que os separa, freqüentemente, não está senão na intenção, o que faz que se possa, algumas vezes, confundir-los e, vendo-os servir os interesses do partido adverso, supor que foram ganhados por ele. A circunspeção é, pois, nesse momento sobretudo, mais necessária do que nunca, porque não é preciso esquecer que palavras, ações ou escritos inconsiderados são explorados, e que os adversários se encantam em poderem dizer que isso vem dos Espíritas.

Nesse estado de coisas, compreende-se quais armas a especulação, em razão dos abusos aos quais pode dar lugar, podem oferecer aos detratores para apoiar sua acusação de malabarismos. Isso pode, pois, em certos casos, ser uma armadilha estendida da qual é preciso desconfiar. Ora, como não há malabarismo filantrópico, a abnegação e o desinteresse absoluto dos médiuns tiram aos detratores um de seus mais poderosos meios de difamação interrompendo toda discussão sobre esse assunto.

Levar a desconfiança ao excesso seria um erro muito grave, sem dúvida, mas num tempo de luta, e quando se conhece a tática do inimigo, a prudência se torna uma necessidade que não exclui, de resto, nem a moderação, nem a observação das conveniências das quais jamais se deve desistir. Aliás, não se poderia equivocar-se sobre o caráter do verdadeiro Espírita; há nele uma franqueza de maneiras que desafia toda suspeita, sobretudo quando é corroborada pela prática dos princípios da Doutrina. Que se levante bandeira contra bandeira, como procuram fazê-lo nossos antagonistas, o futuro de cada um

está subordinado à soma de consolações e de satisfação moral que trazem; um sistema não pode prevalecer sobre um outro senão com a condição de ser mais lógico, e do qual a opinião pública é o soberano juiz; em todos os casos, a violência, as injúrias e a aspereza são maus antecedentes e uma recomendação pior ainda.

Resta a examinar as conseqüências desse estado de coisas. Essas astúcias podem, sem contradita, momentaneamente, trazer algumas perturbações parciais, por isso é preciso desmanchá-las tanto quanto possível, mas elas não poderiam prejudicar o futuro; primeiro porque não terão senão um tempo, uma vez que são uma manobra da oposição que cairá pela força das coisas; em segundo lugar que, o que quer que se diga e que se faça, não tirará jamais, à Doutrina, seu caráter distintivo, sua filosofia racional nem sua moral consoladora. Será estranho torturá-la e deturpá-la, fazer os Espíritos falarem à sua vontade, ou recolher comunicações apócrifas para lançar contradições como obstáculos, não se fará prevalecer um ensinamento isolado, fosse ele verdadeiro e não suposto, contra aquele que é dado de todas as partes. O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias naquilo que não é o produto da concepção de um único homem, mas de um ensino que cada um pode receber sobre todos os pontos do globo, e tal é a consagração que recebeu *O Livro dos Espíritos*. Este livro, escrito sem equívoco possível e ao alcance de todas as inteligências, será sempre a expressão clara e exata da Doutrina, e a transmitirá intacta àqueles que virão depois de nós. As cóleras que provoca são um indício do papel que está chamado a desempenhar, e da dificuldade de lhe opor alguma coisa de mais séria. O que fez o rápido sucesso da Doutrina Espírita são as consolações e as esperanças que ela dá; todo sistema que, pela negação dos princípios fundamentais, tendesse a destruir a própria fonte dessas consolações, não poderia ser acolhido com mais favor.

É preciso não perder de vista que estamos, como dissemos, em momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Que não se admire, pois, em ver se agitarem as paixões em jogo, as ambições comprometidas, as pretensões frustradas, e cada um tentar recobrar o que vê lhe escapar, aferrando-se ao passado; mas pouco a pouco tudo isso se apaga, a febre se acalma, os homens passam, e as idéias novas ficam. Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, levai vosso olhares vinte anos à frente, e o presente não vos inquietará.

MORTE DO SR. GUILLAUME RENAUD, DE LYON.

No domingo, 1o. de fevereiro, ocorreram em Lyon, os funerais do Sr. Guillaume Renaud, antigo oficial, medalha de Sainte-Hélène, um dos mais antigos e mais fervorosos Espíritas dessa cidade, muito conhecido entre seus irmãos em crença. Embora professasse, sobre alguns pontos de forma que combatemos, e pouco importante de resto e que não tocam o fundo da Doutrina, idéias particulares que não eram partilhadas por todos, não era menos por isso geralmente querido e estimado por causa da bondade de seu caráter e de suas eminentes qualidades morais, e se estivéssemos em Lyon nesse momento, ficaríamos felizes de lançar algumas flores em seu túmulo. Que ele receba aqui, assim como a sua família e seus amigos particulares, este testemunho de nossa afetuosa lembrança.

O Sr. Renaud, homem simples e modesto, não era quase conhecido fora de Lyon, e no entanto sua morte repercutiu até numa aldeia da Haute-Saône, onde ela foi contada do púlpito, no domingo 8 de fevereiro, da seguinte maneira:

O vigário da paróquia, conversando com seus paroquianos dos *horrores* do Espiritismo, acrescentou que "o chefe dos Espíritas de Lyon tinha morrido há três ou quatro dias; que tinha recusado os sacramentos; que não havia em seu enterro senão dois ou três Espíritas, sem parentes nem padres; se o chefe dos Espíritas (fazendo alusão ao Sr. Allan

Kardec) viesse a morrer, o lamentaria se fizesse como o de Lyon. Depois concluiu dizendo que não negava nada dessa doutrina, que não afirmava nada, senão que é o demônio que age contra a vontade de Deus."

Se quiséssemos revelar todas as falsidades que se debitam ao Espiritismo, para tentar mudar seu objetivo e seu caráter, com isso encheríamos nossa Revista. Como isso pouco nos inquieta, deixamos dizer, nos limitamos a recolher as notas que nos são dirigidas, para utilizá-las ulteriormente, se houver lugar, na história do Espiritismo. Nas circunstâncias das quais acabamos de falar, trata-se de um fato material sobre o qual o Sr. vigário, sem dúvida, foi mal informado, porque não queremos supor que ele haja querido conscientemente induzir ao erro. Sem dúvida, teria feito melhor pondo menos pressa e esperando informações mais exatas.

Acrescentaremos que, nessa comunidade, fez-se, há pouco tempo, a propósito da morte de um de seus habitantes, difundir o boato - algum mau cômico sem dúvida - que a sociedade dos *Irmãos batedores*, composta de sete ou oito indivíduos da comunidade, queria fazer ressuscitar os mortos colocando-lhes, sobre a fronte, emplastos, feitos com uma pomada preparada péla Sociedade Espírita de Paris; que essa sociedade dos Irmãos batedores ia visitar todas as noites o cemitério para fazer os mortos reviverem. As mulheres e os jovens do quarteirão ficaram amedrontados ao ponto de não mais ousar sair de casa, com medo de reencontrarem o defunto.

Não seria preciso mais do que isso para impressionar lastimosamente algum cérebro fraco ou doentio, e se um acidente ocorresse, apressar-se-ia em colocá-lo à conta do Espiritismo.

Voltemos ao Sr. Renaud. Durante sua doença, inúteis esforços foram tentados para que fizesse uma abjuração autêntica de suas crenças espíritas. No entanto, o venerável padre o confessa e lhe dá absolvição. É verdade que, depois disso, quis-se retirar o direito de confissão e a absolvição foi declarada nula pelo clero de Saint-Jean como tendo sido dada *inconsideradamente*; é um caso de consciência que não nos encarregamos de resolver. De onde esta reflexão muito justa, feita em público, que aquele que recebe a absolvição antes de morrer não pode saber se ela é válida ou não, uma vez que, com as melhores intenções um padre pode dá-la de maneira inconsiderada. O clero se recusou, pois, obstinadamente em receber o corpo na igreja, não tendo o Sr. Renaud querido retratar nenhuma das convicções que lhe tinham dado tanta consolação e fez suportar com resignação as provas da vida.

Por um sentimento de conveniência que se apreciará, e em razão das pessoas que seríamos forçados a designar, passamos em silêncio as lamentáveis manobras que foram tentadas, as mentiras que foram apresentadas para provocar a desordem nessa circunstância. Limitar-nos-emos a dizer que foram completamente frustradas pelo bom senso e pela prudência dos Espíritas, que receberam esse assunto de provas da benevolência da autoridade. Recomendações tinham sido feitas, por todos os chefes de grupos, para não responder a nenhuma provocação.

Com a recusa do clero em conceder as preces da Igreja, o corpo foi levado diretamente da casa para o cemitério, seguido de perto por mil pessoas, entre as quais se encontravam umas cinqüenta mulheres e jovens, o que não é de hábito em Lyon. Sobre o túmulo uma prece da circunstância foi lida por um dos assistentes e escutada por todo mundo, a cabeça descoberta, num religioso recolhimento. A multidão silenciosa retirou-se em seguida, e tudo terminou, como tinha começado, com a mais perfeita ordem.

Como contraste diremos que nosso antigo colega, Sr. Sanson, recebeu todos os sacramentos antes de morrer; que foi levado à igreja, e acompanhado por um padre ao cemitério, se bem que tivesse declarado de antemão, de maneira formal, que era Espírita e não renegava nenhuma de suas convicções. "Se, no entanto, disse-lhe o padre, eu colocasse essa condição para minha absolvição, que faríeis? - Lastimaria isso, respondeu o Sr. Sanson, mas persistiria, porque vossa absolvição nada valeria. - Como isso? Não cre-

des, pois, na eficácia da absolvição? - Sim, mas não creio na virtude de uma absolvição recebida por hipocrisia. Escutai-me: o Espiritismo não é somente para mim uma crença, um artigo de fé, é um fato tão patente quanto a vida. Como quereis que negue um fato que me está demonstrado como a luz que nos clareia, e ao qual devo a cura miraculosa de minha perna? Se o fizesse, isto seria dos lábios e não do coração; seria perjúrio: daríeis, pois, a absolvição a um perjuro; digo que ela nada valeria, porque a daríeis na forma e não no fundo. Eis porque prefiro disso abster-me. - Meu filho, respondeu o padre, sois mais cristão do que muitos daqueles que dizem sê-lo."

Tivemos estas palavras do próprio Sr. Sanson.

Circunstâncias semelhantes às do Sr. Renaud podendo se apresentar, ali ou noutra parte, esperamos que todos os Espíritas seguirão o exemplo daqueles de Lyon, e que, em nenhum caso, não desistirão da moderação, que é uma consequência dos princípios da Doutrina, e a melhor resposta a dar aos seus detratores, que não procuram senão pretextos para motivar seus ataques.

O Sr. Renaud, evocado no grupo central de Lyon, trinta e seis horas depois de sua morte, deu a comunicação seguinte:

"Estou ainda um pouco embaraçado para me comunicar e, se bem que encontre aqui rostos amigos e corações simpáticos, me sinto quase acanhado, ou, melhor dizendo, meu pensamento é um pouco novo. Oh! senhora B..., que diferença e que encantamentos em minha posição! Muito obrigado pela vossa constante afeição; obrigado, senhora V..., pelas vossas boas visitas, pelo vosso acolhimento.

"Perguntais e quereis saber o que me ocorreu desde ontem. Comecei a me desligar de meu corpo pela manhã; parecia-me que me evaporava; sentia meu sangue congelar em minhas veias, e acreditava que iria desmaiar; pouco a pouco perdi a percepção das idéias e dormi com uma certa dor compressiva; depois, despertei, e então vi ao meu redor os Espíritos que me cercavam, que me felicitavam; ali tive um pouco de confusão: não distinguia bem os mortos e os vivos; as lágrimas e as alegrias perturbaram um pouco a minha cabeça, e de todos os lados ouvia me chamarem, como me chamam ainda nesse momento. Sim, graças aos verdadeiros amigos que me protegeram, evocado e encorajado nessa dura passagem, porque há sofrimento nesse desligamento, e não é sem uma dor bastante viva que o Espírito deixa o corpo, compreendo o grito de chegada, me explico o suspiro da partida. Já fui evocado várias vezes, e depois me cansei como um viajante.

"Antes de partir, consenti em me permitir retornar e vos apertar a mão a todos?

"G. RENAUD."

O Sr. Renaud foi evocado na Sociedade de Paris; a falta de espaço nos obriga a adiar-lhe a publicação.

RESPOSTA DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS SOBRE AS QUESTÕES RELIGIOSAS.

(Extrato da ata da sessão de 13 de fevereiro de 1863.)

Foi dado conhecimento de uma carta dirigida, de Tonnay-Charente (Charente-Inférieure), ao Sr. Allan Kardec, contendo as respostas ditas a um médium dessa cidade sobre as questões mais delicadas dos dogmas da Igreja. Essas perguntas, dirigidas ao Espírito de *Jesus, filho de Deus*, evocado para esse fim, são as seguintes:

1º O inferno é eterno?

2º Quereis colocar ao alcance de minha inteligência a explicação que vos pedi sobre a ceia de sua Paixão? 3ⁿⁱ Por que vossa Paixão se cumpriu?

4º Que devo pensar da comunhão? Estais na hóstia, meu Jesus?

5º O poder temporal, o que tem de comum com o poder espiritual para não poder dele ser separado?

6º O que o amor tem de tão precioso para estar no coração de todos os homens?

7º O que é a história sagrada, e quem a fez? 8^Q O que se quer dizer com estas palavras: história sagrada? O autor da carta pede que a Sociedade se pronuncie em sessão solene sobre o valor das respostas que ele obteve, e sobre a autenticidade do nome do Espírito que as deu.

A comissão, depois de ter examinado a questão, propôs a resolução seguinte, da qual foi dada leitura à Sociedade, que a aprovou calorosamente, por unanimidade, e pediu sua inserção na *Revista Espírita* para instrução de todo mundo, e a fim de que se compreenda a inutilidade de dirigir, no futuro, perguntas sobre semelhantes assuntos.

Se o autor tivesse se limitado à primeira pergunta, bastaria reenviá-lo ao *O Livro dos Espíritos*, onde ela está tratada. De resto, a pergunta está mal colocada; não se sabe se ele entende a eternidade como lugar de expiação, ou o das penas infligidas a cada indivíduo.

Decisão tomada pela Sociedade Espírita de Paris sobre as perguntas propostas pelo Sr. de Tonnay Charente, na sessão de 13 de fevereiro de 1863.

A Sociedade Espírita de Paris, depois de ter tomado conhecimento da carta do Sr....e das perguntas sobre as quais deseja que ela se pronuncie numa sessão solene, crê dever lembrar ao autor dessa carta que o objetivo essencial do Espiritismo é a destruição das idéias materialistas, e a melhoria moral do homem; que ela não se ocupa, de nenhum modo, em discutir os dogmas particulares de cada culto, deixando sua apreciação à consciência de cada um; que isso seria fazer dele instrumento de uma controvérsia religiosa cujo efeito seria de perpetuar um antagonismo que tende a desaparecer, chamando todos os homens sob a bandeira da caridade, e levando-os a não verem, em seus semelhantes, senão irmãos quaisquer que sejam suas crenças. Se há, em certas religiões, dogmas controvertível, é preciso deixar ao tempo e ao progresso das luzes o cuidado de sua depuração; o perigo dos erros que poderiam encerrar desaparecerá à medida que os homens fizerem do princípio da caridade a base de sua conduta. O dever dos verdadeiros Espíritas, daqueles que compreendem o objetivo providencial da Doutrina, é, pois, antes de tudo, de aplicar-se em combater a incredulidade e o egoísmo, que são as verdadeiras pragas da Humanidade, e em fazer prevalecer, tanto pelo exemplo quanto pela teoria, o sentimento da caridade, que deve ser a base de toda religião racional, e servir de guia nas reformas sociais; as questões de fundo devem passar antes das questões de formas; ora, as questões de fundo são aquelas que têm por objeto tornar os homens melhores, tendo em vista que todo progresso social, ou outro, não pode ser senão a consequência da melhoria das massas; é a isto que tende o Espiritismo, e por aí prepara os caminhos para todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outro modo, é começar um edifício pela cumeeira antes de assentar-lhe os fundamentos; é semear num terreno antes de tê-lo roçado.

Como aplicação dos princípios acima, a Sociedade Espírita de Paris está proibida, pelo seu regulamento, de todas as questões de controvérsias religiosas, de política e de economia social, e ela não cederá a nenhuma iniciativa que tendesse a fazê-la desviar dessa linha de conduta.

Por esses motivos, não poderia emitir nem oficialmente, nem oficiosamente opiniões sobre o valor das respostas ditas a um médium Sr.... essas respostas sendo essencialmente dogmáticas, e mesmo políticas, e ainda menos em fazê-la objeto de uma discussão solene, assim como pede o autor da carta.

Quanto ao livro devendo tratar dessas questões, e cuja publicação está prescrita pelo Espírito que o ditou, a Sociedade não hesita em declarar que ela consideraria essa publicação como inoportuna e perigosa, e que não poderia senão fornecer armas aos inimigos do Espiritismo; ela crê, em conseqüência, seu dever desaprová-la, como desaprova toda publicação própria para falsear a opinião sobre o objetivo e as tendências da Doutrina.

No que concerne à natureza do Espírito que ditou essas comunicações, a Sociedade crê dever lembrar que o nome que um Espírito toma jamais é garantia de sua identidade; que não se poderia ver uma prova de sua superioridade em algumas idéias justas que emitisse, se com essas idéias se encontram idéias falsas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são lógicos e conseqüentes em tudo o que dizem; ora, não é o caso do qual se trata; sua pretensão de crer que esse livro deve ter por conseqüência obrigar o governo a modificar certas partes de sua política, bastaria para fazer duvidar de sua elevação, e ainda mais do nome que toma, porque isso não é racional. Sua insuficiência ressalta ainda de dois outros fatos não menos característicos.

O primeiro é que é completamente falso que o Sr. Allan Kardec tenha recebido missão, assim como o Espírito pretende, de examinar e de fazer publicar o livro de que se trata; se tem missão de examiná-lo, isso não pode ser senão para fazer-lhe sentir os inconvenientes e em combater a publicação.

O segundo fato está na maneira com a qual o Espírito exalta a missão do médium, o que os bons Espíritos jamais fazem, e o que fazem, ao contrário, aqueles que querem se impor captando a confiança com algumas belas palavras, com a ajuda das quais esperam fazer passar o resto.

Em resumo, fica evidente para a Sociedade que o nome, com o qual o Espírito se adorna, que diz ser o do Cristo, é apócrifo: ela crê dever convidar o autor da carta, assim como seu médium, a não se iludirem sobre essas comunicações, e a se conterem no objetivo essencial do Espiritismo.

FRANÇOIS-SIMON LOUVET, DO HAVRE.

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente numa reunião espírita, no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

Teríeis piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo tão cruéis torturas! Oh! o vazio... o espaço... eu caio, eu caio, socorro! Meu Deus, tive uma vida tão miserável!... Era um pobre diabo, sofria freqüentemente a fome nos dias de minha velhice; foi por isso que me pus a beber e tinha vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e me atirei... Oh! meu Deus, que momento!... Por que, pois, desejar acabar-me quando estava tão perto do fim? Ora! para que não veja mais sempre um vazio abaixo de mim... Vou me quebrar sobre essas pedras. A isso vos conjuro, vós que conheceis as misérias daqueles que não são mais desse mundo, dirijo-me a vós, embora não me conheçais, porque sofro tanto... Por que querer ter provas? Sofro, não é isso o bastante? Se tivesse fome em lugar deste sofrimento mais terrível, mas invisível para vós não hesitaríeis em me aliviar dando-me um pedaço de pão. Peco-vos orar por mim. Não posso ficar mais. Perguntai a um destes felizes que estão aqui, e sabereis quem eu era. Ora! por mim.

FRANÇOIS-SIMON LOUVET.

Logo, em seguida a esta comunicação, o Espírito protetor do médium disse: Aquele que acaba de se dirigir a ti, meu filho, é um pobre infeliz que tinha um prova de miséria sobre a Terra, mas o desgosto o tomou, a coragem lhe faltou, e o infortunado, em lugar

de olhar para o alto assim como deveria ter feito, se entregou à embriaguez desceu aos últimos limites do desespero, e pôs termo à sua prova atirando-se da torre de François I, em 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é avançada, mas que, no entanto, tem bastante conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus conceder-lhe essa graça, e fareis uma boa obra. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a dar meus ensinamentos; se um bom Espírito não puder se comunicar a vós por falta de relações físicas, serei seu intermediário; mas estais cercados de bons Espíritos, e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis em fazer o bem pela ingratidão dos homens. Logo os homens serão melhores e os tempos disso estão próximos. Adeus, meus bem amados, sigo-vos em todos os vossos desgostos como em vossas alegrias. A paz esteja sobre vós.

Teu Espírito protetor.

Tendo sido feitas pesquisas, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, o artigo seguinte, do qual eis a substância:

"Ontem, às quatro horas, os que passeavam no cais ficaram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem lançou-se da torre e foi quebrar-se sobre as pedras. É um velho puxador de sirga, que suas inclinações à embriaguez levaram ao suicídio. Chama-se François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas, rua da Corderie; tinha a idade de sessenta e sete anos."

Nota. Um incrédulo, a quem esse fato foi mediunicamente relatado, como prova da realidade das comunicações de além-túmulo, respondeu: "Mas quem sabe se o médium não tinha conhecimento do *Journal du Havre*, e se não construiu seu romance sobre essa historietta?" A fraude, como se vê, é sempre a última trincheira dos negadores quando não podem se dar conta de um fato cuja evidência material não pode ser posta em dúvida; com eles, não basta mesmo mostrar-lhes que não se tem nada nas mãos, nada nos bolsos, porque, dizem, os escamoteadores fazem isso também, e, no entanto, desafiam a perspicácia do observador.

A isso, perguntaremos, de nossa parte, que interesse poderia ter o médium em desempenhar a comédia? Pode-se mesmo aqui supor um interesse de amor-próprio numa coisa que se passa na intimidade de sua família, então quando não enganaria senão a si mesmo e aos seus. Aliás, quando se quer divertir-se, não se toma assuntos dessa natureza, muito pouco recreativos, e não é admissível que uma jovem piedosa misture o nome de Deus a um gracejo grosseiro. O desinteresse absoluto e a honradez da pessoa são as melhores garantias de sinceridade e a mais peremptória resposta a se dar em semelhante caso.

Além disso, faremos notar o castigo infligido a esse suicida. Depois de cerca de seis anos que morreu, vê-se sempre caindo da torre e indo se quebrar sobre as pedras; apavora-se do vazio que tem diante de si; e isto depois de seis anos! Quanto isto durará? não o sabe, e essa incerteza aumenta suas angústias. Isso não vale pelo inferno e suas chamas? Quem nos revelou esses castigos? inventamo-los? Não; foram eles mesmos, os que os suportam, que vieram descrevê-los, como outros descreveram suas alegrias.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO.

CLARA RIVIER.

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de janeiro de 1863. - Médium, Sr. Leymarie.)

O Sr. J... médico em..., (Gard), nos transmite o fato seguinte: "Uma família de lavradores, meus vizinhos do campo, tinha uma menina de dez anos, chamada Clara, completamente enferma há quatro anos. Durante toda a sua vida nunca vez ouvir um único lamento, nem deu um único sinal de impaciência; embora desprovida de instrução, consolava sua família aflita conversando sobre a vida futura e a felicidade que deveria ali encontrar. Morreu em setembro de 1862, depois de quatro dias de torturas e de convulsões, durante os quais não cessou de rogar a Deus. "Não temo a morte, dizia ela, uma vez que uma vida de felicidade me está reservada depois." Dizia ao seu pai, que chorava: "Conso-la-te; voltarei para te visitar; minha hora está próxima, eu o sinto; mas quando ela chegar, sabê-lo-ei e te prevenirei antes." Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de se cumprir, ela chamou todos os seus dizendo: "Não tenho mais do que cinco minutos para viver; dai-me vossas mãos." E ela expirou como havia anunciado.

Desde então, um Espírito batedor veio visitar a casa do casal Rivier, onde transtorna tudo; bate na mesa, como se tivesse uma clava; agita as roupas e as cortinas, revira as louças e joga bolas nos celeiros. Esse Espírito aparece sob a forma de Clara à sua irmãzinha, que não tem senão cinco anos. Segundo essa criança, sua irmã lhe falou frequentemente, e o que exclui todo sentimento de incerteza a esse respeito, é que as aparições lhe fazem dar gritos de alegria, ou reclamações se não se faz em seguida o que ela deseja, quer dizer, apagar o fogo e todas as luzes no quarto onde ocorreu a visão, durante o qual a criança não cessa de dizer: "Mas vede, pois, como Clara é linda!"

"O pai Rivier desejando saber o que Clara queria, esta pediu que lhe fossem devolvidos os cabelos que lhe tinham cortado, segundo o uso do país; mas, se bem que os pais tenham satisfeito a esse desejo levando seus cabelos sobre seu túmulo, o Espírito continuou suas visitas e o seu barulho, dos quais eu mesmo fui testemunha, ao ponto de que os vizinhos e os amigos com isso se emocionaram. Então, falei aos pais da moral, pedindo-lhes, se nada tinham a censurar contra alguém, ou cometido alguma ação desleal; que era provável que o Espírito os atormentasse enquanto não tivessem reparado suas faltas, e que os aconselhava a refletirem seriamente nisso.

"Durante uma ausência de dez dias que foi forçada a fazer, a obsessão tomou um caráter mais violento, ao ponto que Rivier teve que submeter-se a lutas corpo a corpo, e foi derrubado no solo. Ó medo se apoderou desses infelizes, e foram consultar um médium que os aconselhou a darem uma esmola geral a todos os pobres da região, esmola que durou dois dias. Disso vos darei a conhecer o resultado; à espera, ficarei muito feliz em receber vossos conselhos a esse respeito."

1. Evocação de Clara Rivier. - R. Estou junto de vós, disposta a responder.

2. De onde vos chegavam, embora tão jovem e sem instrução, as idéias elevadas que exprimíeis sobre a vida futura, antes de vossa morte? - R. Do pouco tempo que passaria sobre o vosso globo e de minha precedente encarnação. Era médium quando deixei a Terra, e era médium retornando entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

3. Como ocorre que uma criança de vossa idade nunca haja lamentado durante quatro anos de sofrimentos? - R. Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a do meu anjo guardião, que via continuamente junto de mim; ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; tornava a minha vontade maior do que a dor.

4. Como fostes prevenida do instante de vossa morte? - R. Meu anjo guardião mo disse; ele nunca me enganou.

5. Dissestes ao vosso pai: "Conso-la-te, retornarei para te visitar." Como ocorre que, animada de tão bons sentimentos por vossos pais, viésseis atormentá-los depois de vossa morte, fazendo barulho em sua casa? - R. Eu tinha, sem dúvida, uma prova, ou antes uma missão a cumprir. Se vim rever os meus pais, credes que isso fosse para nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas levadas pela minha presença, foram uma ad-

vertência. Fui ajudada por outros Espíritos, cuja turbulência tem uma importância, como tem a minha, aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão nascer. Meus pais tinham uma prova a sofrer; ela cessará logo, mas somente depois de ter dado a convicção a uma multidão de Espíritos.

6. Assim, não fostes vós, pessoalmente, que causastes essa perturbação? - R. Fui ajudada por outros Espíritos que servem à prova reservada aos meus queridos pais.

7. Como ocorre que a vossa irmã vos reconheceu, se não fostes vós que produzistes essas manifestações? - R. Minha irmã não viu senão eu. Ela possui agora uma segunda vista, e não foi a última vez que a minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. A esmola geral que foi aconselhada aos vossos pais terá por efeito fazer cessar essa obsessão? - R. A obsessão acabará quando o tempo requerido para isso tiver chegado; mas, crede-o, a prece e a fé dão uma grande força para dominar a obsessão; a esmola por si mesma é uma prece; ela serve para consolar, e por aí nos ajuda a levar a convicção em muitos corações; é pela fé que devemos reerguer e salvar toda uma população; que importa se os inimigos do Espiritismo gritam ao demônio! Esse grito, em todos os tempos, levou a conhecê-lo, e para um que se curva, há cem cuja curiosidade leva a estudar. A obsessão e a subjugação são, é verdade, provas para aqueles que delas são objetos, mas, ao mesmo tempo, são um caminho aberto às convicções novas. Esses fatos forcem a falar dos Espíritos, dos quais não se pode negar a existência, vendo o que eles fazem.

Nota. Parece evidente que, nessa circunstância, a esmola aconselhada ao casal Rivier era, ao mesmo tempo, uma prova para eles, mais ou menos aproveitável segundo a maneira pela qual fora feita, e um meio de chamar a atenção, a um número maior de pessoas, sobre esses fenômenos. É um meio de provar que o Espiritismo não é a obra do demônio, uma vez que aconselha o bem e a caridade para combater o que chamam demônios. Que podem os adversários do Espiritismo contra manifestações desse gênero? Pode-se proibir de se ocupar dos Espíritos, mas não se pode impedir os Espíritos de virem, e a prova disso é que essas manifestações se produzem nas próprias casas onde não se procura provocá-las, e que, pela sua reputação de santidade, pareciam dever desafiá-los, se fosse o diabo. Contra os fatos não há nem oposição nem negação que possam prevalecer: de onde se conclui que o Espiritismo deve seguir seu curso.

9. Por que, tão jovem, fostes afligida com tantas enfermidades? - R. Eu tinha faltas anteriores a expiar; fiz mau uso da saúde e da posição brilhante que gozava em minha precedente encarnação; então Deus me disse: "Gozastes grandemente, desmesuradamente, sofrerás da mesma forma; eras orgulhosa, serás humilde; eras altiva por tua beleza e serás abatida; em lugar da vaidade esforçar-te-ás para adquirir a bondade e a caridade. "Fiz segundo a vontade de Deus, e o meu anjo guardião me ajudou.

10. Quereríeis dizer alguma coisa aos vossos pais? - R. A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade; tiveram razão em não orarem sempre com os lábios: é necessário fazê-lo com a mão e com o coração. Dar àqueles que sofrem é orar, é ser Espírita.

Deus deu a todas as almas o livre arbítrio, quer dizer, a faculdade de progredir; a todas deu a mesma aspiração, e é por isso que a roupa de lã toca de mais perto a roupa de brocado de ouro do que se pensa geralmente. Também, encurtais as distâncias pela caridade; introduzi o pobre em vossa casa, encorajai-o, elevai-o, não o humilheis. Se se soubesse praticar, por toda parte, essa grande lei da consciência, não se teriam mais, em épocas determinadas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para castigá-los e para abrir-lhes os olhos.

Caros pais, orai a Deus; amai-vos; praticai a lei do Cristo; não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem: implorai a Deus que vos prove, mostrando-vos que a sua vontade é santa e grande como ele. Sabei, em previsão do futuro, vos armar de coragem e de perseverança, porque estais ainda chamados a sofrer; é necessário saber

merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se torna a punição dos maus Espíritos.

Estarei sempre junto de vós, queridos pais. Adeus, ou antes, até breve. Tende a resignação, a caridade, o amor de vosso semelhante, e sereis felizes um dia.

CLARA.

Notas. - É um belo pensamento este: "A roupa de lã toca de mais perto do que se não crê a roupa de brocado de ouro." É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a uma posição humilde ou miserável, porque, freqüentemente, expiam num meio ínfimo o abuso que fizeram dos dons que Deus lhe concedera. É uma justiça que todo o mundo compreende.

Um outro pensamento, não menos profundo, é aquele que atribui a calamidade dos povos à infração da lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. E certo que se praticassem a lei de caridade, não haveria nem guerras, nem grandes misérias. É à prática dessa lei que o Espiritismo conduz; seria, pois, por isso que encontra inimigos tão obstinados? As palavras desta menina aos seus pais são as de um demônio?

FOTOGRAFIA DOS ESPÍRITOS.

O *Courrier du Bas-Rhin* de sábado, 3 de janeiro de 1863 (parte alemã) contém o artigo seguinte, sob o título de *Photographiespectrale*:

"Os Americanos, que nos antecedem em muitas coisas, nos ultrapassam certamente na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Em Boston, hoje, não só os defuntos são chamados pelos médiuns, mas são ainda fotografados. Deve-se esta descoberta maravilhosa a um senhor William Mumler, de Boston.

"Há algum tempo, é ele mesmo que conta, tentava em meu laboratório um novo aparelho de fotografia, fazendo a minha própria fotografia; súbito, senti uma certa pressão se exercer sobre o meu braço direito, e uma certa lassidão geral em todo o corpo. Mas quem descreveria minha admiração quando vi meu retrato reproduzido, e que tinha à sua direita a imagem de uma segunda pessoa que não era outra senão minha prima falecida? A semelhança do retrato, no dizer daqueles que conheceram essa senhora, não deixa nada a desejar.

"A consequência disso é que o Sr. Mumler, desde essa época, não dá mais aos seus clientes, não só senão sessões espiritualistas, mas executa ainda para eles a fotografia dos defuntos evocados. Comumente elas são um pouco pálidas e nebulosas, e os traços bastante difíceis para se reconhecer, o que não impede aos habitantes de Boston, esclarecidos, de declará-los verdadeiros, autênticos. Quem olharia de tão perto pelas imagens espectrais!"

Uma semelhante descoberta, se fosse real, teria seguramente consequências imensas, e seria um dos fatos de manifestações dos mais notáveis; no entanto, convidamos a acolhê-lo com uma prudente reserva; os Americanos que, no dizer do autor, nos ultrapassam em muitas coisas, nos ensinaram também que nos distanciam de muito na invenção de boatos.

Para quem conhece as propriedades do perispírito, a coisa, à primeira vista, não parece materialmente impossível; vêem-se surgir tantas coisas extraordinárias que não seria preciso se espantar com nada. Os Espíritos nos anunciaram manifestações de uma nova ordem, mais surpreendentes ainda do que as que vimos; esta seria incontestavelmente desse número; mas, ainda uma vez, até a constatação mais autêntica do que um relato de jornal, é prudente permanecer na dúvida. Se a coisa for verdadeira, ela se vulgarizará;

à espera disto, é preciso guardar-se de dar crédito a todo relato maravilhoso que os próprios inimigos do Espiritismo se comprazem em difundir para torná-lo ridículo, assim como aqueles que os aceitam facilmente. Além disso, é preciso nisso ver mais de duas vezes antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que não se podem explicar; um exame atento neles mostram, o mais freqüentemente, uma causa toda material que não se tinha percebido. É uma recomendação expressa que fazemos em *O Livro dos Médiuns*.

Em apoio do que acabamos de dizer, e a propósito da fotografia espírita, citaremos o artigo seguinte, tirado de *la Patrie* de 23 de fevereiro de 1863. Não se pode senão colocar-se em guarda contra os julgamentos precipitados.

"Um jovem lorde, que leva um dos nomes mais antigos e mais ilustres da câmara alta, e cujo gosto apaixonado pela fotografia vale grandes e felizes sucessos nessa arte que, talvez, é ainda uma ciência antes que uma arte, um jovem lorde, digo eu, vinha de perder sua irmã que amava com extrema ternura. Ferido no coração e lançado no profundo desencorajamento que, muito freqüentemente, o desgosto produz, deixou lá seus aparelhos fotográficos, deixou a Inglaterra, e fez uma longa viagem pelo continente e não entrou em sua residência, quase real do Lancashire, senão depois de uma ausência de quase quatro anos.

"Seu desespero, como acontece comumente, tinha passado do estado agudo ao estado crônico, quer dizer que, sem ter perdido sua intensidade, havia perdido sua violência, e se transformou pouco a pouco numa morna resignação.

"Quando aqueles que sofrem procuram consolações, se dirigem primeiro a Deus, em seguida ao trabalho. O jovem lorde retomou, pois, pouco a pouco, o caminho de seu laboratório, e retornou aos seus aparelhos de fotografia.

"Por uma espécie de transação com sua dor, a primeira imagem que pensou fazer desenhar pela luz foi o interior da capela onde repousava o despojo mortal de sua irmã. Obtido o negativo, reentrou em seu laboratório, fez sofrer à placa de vidro os preparativos ordinários, e expôs o clichê à luz para dele obter uma prova.

"Lançando os olhos sobre essa prova, faltou-lhe cair desmaiado. O interior da capela tinha vindo com uma grande nitidez de desenho, mas a cabeça da jovem defunta aparecia vagamente na parte menos clara da fotografia. Distinguia-se perfeitamente seus traços doces e encantadores, e mesmo os longos panos de suas roupagens; no entanto, através dessas roupagens, os menores detalhes da capela eram acentuados nitidamente.

"O primeiro movimento do lorde foi o de crer numa aparição, mas logo sorriu tristemente sacudindo a cabeça. Com efeito, lembrava-se que alguns anos antes, nessa mesma placa de vidro, fizera um retrato fotográfico de sua irmã. Esse retrato, não tendo ficado bom, o apagara e, sem dúvida, apagara mal, uma vez que seus contornos vagos se confundiam hoje com a nova imagem fixada sobre a placa.

"Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa aplicação bizarra da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujos esquisitos acoplamentos produzem efeitos estranhos ou agradáveis.

Mostrou-nos, entre outros, um castelo em ruínas acima do qual transparecia seu parque, suas fachadas e suas pequenas torres, tais como deveriam existir antes de sua destruição.

Fazem-se ainda retratos de velhos, através dos quais pode-se ver seu rosto tal como era nos mais belos tempos de sua juventude."

VARIEDADES

O *Akhbar*, jornal de Alger, de 10 de fevereiro de 1863, contém o artigo seguinte:

"O monsenhor bispo de Argel acaba de publicar, para a quaresma de 1863, uma instrução pastoral onde o *Espiritismo* é questão, o assunto forte da ordem do dia, sobre o

qual o clero da África, até aqui, tinha guardado silêncio. Eis as passagens que a ele são relativas:

"É o demônio que dita a filósofos renomados essas doutrinas malsãs de dois princípios iguais, o bem e o mal, governando com a mesma autoridade, mas num sentido oposto: o espírito e a matéria; do materialismo que tudo relaciona ao corpo e não conhece mais nada depois do túmulo; do ceticismo que duvida de tudo; do fatalismo, que desculpa tudo, negando a liberdade e a responsabilidade humana; da metempsicose, da magia e da *evocação dos Espíritos*, tristes e mentirosos sistemas que inteligências desviadas procuram fazer reviver em nossos dias... (Página 21.)

"Que história lamentável não faria as empreitadas diabólicas, a partir do cenáculo, partindo da sinagoga e dos malabarismos de Simão o mágico, para chegar, através das perseguições, dos cismas, das heresias e das incredulidades de toda natureza, ao *Espiritismo* de nossos dias, tão tolamente renovado de um paganismo anterior a Moisés e por ele justamente desonrado como uma abominação diante de Deus." (Página 24.)

"Aqueles que gostam de ouvir as duas partes, em toda questão em litígio, têm inteira facilidade para fazê-lo, porque o Espiritismo teórico e prático está amplamente explicado em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, duas obras que se encontram em todas as livrarias de Alger. Querendo-se levar seus estudos mais longe, pode-se acrescentar a essa pequena biblioteca a *Revista Espírita*, por Allan Kardec. Ao que nos parece, é o melhor meio de se assegurar se o Espiritismo é, com efeito, uma obra do demônio; ou se, ao contrário, é uma revelação sob uma forma nova, como o pretendem seus adeptos."

ARIEL

O Sr. Home veio a Paris onde não permaneceu senão poucos dias. Perguntam-nos, de diversas partes, das notícias sobre os fenômenos extraordinários que teria produzido diante de augustos personagens, e dos quais alguns jornais falaram vagamente. Estas coisas, tendo-se passado na intimidade, não nos cabe revelar o que não tem nenhum caráter oficial, e ainda menos de a isso misturar alguns nomes. Diremos somente que os detratores exploraram essa circunstância, como muitas outras, para tentarem lançar o ridículo sobre o Espiritismo por relatos absurdos, sem respeito nem pelas pessoas, nem pelas coisas. Acrescentaremos que a permanência do Sr. Home em Paris, tão bem quanto a qualidade das casas onde foi recebido, é um desmentido formal dado aos infames caluniadores segundo os quais ele teria sido expulso de Paris, como no tempo, durante uma ausência que fez, fizera-se correr o boato de que estava enfermo em Mazas por causas graves, então que estava tranqüilamente em Nápoles pela sua saúde. Calúnia! sempre a calúnia! Faz muito tempo que os Espíritos vêm de purgá-la da Terra.

Reenviamos nossos leitores aos artigos detalhados que publicamos sobre o Sr. Home e suas manifestações, nos números de fevereiro, março e abril de 1858, da *Revista Espírita*.

Um artigo publicado no *Monde illustré* sobre os supostos médiuns americanos, Sr. e senhora Girroodd, tem igualmente motivado vários pedidos de informações. Não temos nada a acrescentar ao que dissemos a esse respeito na *Revista Espírita* de 1862, número de fevereiro, página 52, senão que vimos por nós mesmos, e que se vê na casa de Robert Houdin coisas não menos inexplicáveis quando não se conhece a astúcia. Nenhum Espírita ou magnetizador, conhecendo as condições normais nas quais se produzem os fenômenos, não pode levar essas coisas a sério, nem perder seu tempo para discuti-las seriamente.

Certos adversários inábeis quiseram explorar esses torneios de destreza contra os fenômenos Espíritas, dizendo que, uma vez que podem ser imitados, é porque não exis-

tem, e que todos os médiuns, a começar pelo Sr. Home, são hábeis prestidigitadores. Não atentam que dão, à incredulidade, armas contra eles mesmos, uma vez que poderiam retornar o argumento contra a maioria dos milagres. Sem revelar o que há de ilógico nessa conclusão, e sem discutir de novo esses fenômenos, diremos simplesmente que há, entre os prestidigitadores e os médiuns, a diferença do ganho ao desinteresse, da imitação à realidade, da flor artificial à flor natural. Não podemos mais impedir um escamoteador de dizer-se médium do que de dizer-se físico. Não temos a tomar a defesa de nenhuma exploração desse gênero e nós à entregamos à crítica.

POESIAS ESPIRITAS

Por que se lamentar?

(Grupo Espírita de Pau. - Médium, Sr. T...)

Deus criou o homem ativo, inteligente e livre,
E o fez artífice de seu próprio destino.
Abriu diante dele dois caminhos que pode seguir:
Um vai para o mal e o outro para o bem.
O primeiro dos dois é doce em aparência;
Para segui-lo não é preciso nenhum penoso esforço:
Sem estudo nem cuidados, viver na indolência,
Aos seus instintos brutais deixar um livre vôo,
Eis tudo o que é preciso. - O segundo, ao contrário,
Quer constantes esforços, um trabalho nobre,
E os cuidados vigilantes, e a procura austera,
A razão liberta e o instinto contido.
O homem, livre em sua escolha, pode tomar o primeiro,
Corromper-se na ignorância e na imoralidade;
Preferir ao dever a paixão grosseira,
À razão, o instinto e a brutalidade.
Ou então pode, ouvindo com interesse dócil
A voz que lhe diz: Tostes feito para crescer,
Para progredir e não para ficar imóvel."
No segundo entrar cheio de um nobre desejo.
Segundo o que decide ver seu destino
Sombrio se desenrolar sob seu olhar desvairado,
Ou então lhe sorrindo como a noiva
Sorri ao homem feliz a quem o seu coração é devido.
Mas se fazeis o mal, podereis neste mundo
A riqueza adquirir, os títulos, as honras;
Mas a calma da alma, e essa alegria profunda
Que nasce dos santos desejos e alegra os corações
Desaparecerão para sempre; e do remorso pungente,
Vos perseguirá a voz no meio dos festins,
Misturando para perturbá-los sua nota discordante
Aos vossos cantos de triunfo, aos vossos alegres estribilhos.
Depois, quando tiver soado para vós a hora fatal,
Quando o Espírito se livra do corpo que o enclausurava,
Entrará de novo na esfera moral
Onde a verdade brilha e o erro desaparece,
Onde o sofisma impuro, a frouxa hipocrisia

Não acham nunca acesso, onde tudo é luminoso,
Fantasma acusador, vosso culposos caminho
Surgirá diante de vós para vos seguir em todos os lugares.
Vossos crimes tornar-se-ão vossos carrascos, e vós, rico,
Sentir-vos-eis nu; poderoso, abandonado;
Fugireis espantados, tremendo como a corça.
Foge diante do caçador em sua perda obstinado.
Talvez que ébrio, então, de orgulho e de sofrimento,
A Deus soltareis um grito blasfemador,
Acusando-o de vossos males; mas vossa consciência
Poderosa elevará este outro grito vingador:
"Cessa de blasfemar, homem, em tua demência.
"Quando Deus te criou livre, ativo, inteligente,
"Só para ti no mundo limitou seu poder,
"E de tua própria sorte te fez o artífice.
"Tua vontade basta para transformar em alegria
"O mal que sentes. Contempla, radioso,
"Aquele que do dever segue o santo caminho,
"Que luta, que vence, e que conquista os céus.
"Por preço do mesmo esforço, a mesma recompensa
"Te espera. - Por que te lamentar então? Reconsidera-te.
"Desse Deus justo e bom implora a assistência;
"Trabalha, luta, ora, e o céu está em ti."

UM ESPÍRITO PROTETOR.

Nota. -Perdoamos algumas irregularidades de versificação em favor dos pensamentos.

A mãe e o filho.

(Sociedade Espírita de Bordeaux, 6 de julho de 1862. - Médiun, Sr. Ricard.)

Num berço repousava um belo anjo
Todo róseo e branco, que cantante embalava;
Sua jovem mãe, com doce olhar de Arcanjo,
Ébria de amor sobre essa criança velava!...

Oh! quanto é belo este filho de minhas ternuras!...
Dorme, querido filho, tua mãe está junto de ti...
Em teu despertar tuas primeiras carícias
E teus beijos, amigo, serão para mim!...

Oh! quanto é belo!... Meu Deus, tomai minha vida
Se deveis me levar a deste filho... Conservai-mo,
Senhor, isto vos peço!...
Já sua boca murmurou: Mamãe!!!...

Esta palavra tão doce... esta palavra que se espia,
Como na primavera um raio de sol...
Esta palavra de amor cuja doce harmonia
Quando ouvida nos faz sonhar com o céu!...

Oh! de seus braços quando estou envolvida
Quando sobre meu seio sinto bater seu coração,
Sou feliz, e minha alma embriagada'
De vossos eleitos partilha a felicidade...

É tudo para mim... Esta criança é meu sonho!
Viver para ela... tudo nela, é a minha sorte.
De meu amor a vivificante seiva
Desse berço deve afastar a morte!!!...

Logo, meu Deus, sustentado por sua mãe
Eu vê-lo-ei dar os seus primeiros passos!...
Oh! dia feliz... que impaciência, eu espero...
Temo sempre que não chegue!

E depois ainda, em minha doce esperança,
Eu o vejo grande, honrado, virtuoso,
Tendo guardado de sua tímida infância
A pureza que deve torná-lo feliz.

Oh! quanto é belo!... Meu Deus, tomai a minha vida
Se a infelicidade deve ferir este filho!
Ao meu amor, deixai-o, eu vos rogo,
Já sua boca murmurou: Mamãe!!...

Mas ele está frio... e seu lábio está pálido!
Desperta-te, querido filho de meu coração!
Venha sobre o seio que te deu a vida...
Está gelado...Estremeço e tenho medo!!

Ah! isto está feito! ele cessou de viver!
Infelicidade sobre mim! porque não tenho mais o filho!
Deus sem piedade... de raiva estou ébria...
Não sois um Deus justo e poderoso!

Que vos fez este anjo de inocência.
Para arrebatá-lo tão cedo ao meu amor?...
Abjuro aqui toda a santa crença...
E sob vossos olhos vou morrer por minha vez...

"Mãe!... sou eu... é minha alma desaparecida
"Que o Eterno reenvia junto de ti.
"Maldizes, minha mãe, uma raiva insensata;
"Retorno a Deus... trago-te a Fé!...

"Inclina-te diante do decreto do Senhor.
"Mãe culpada, num passado distante...
"Fizeste morrer a criança que fizeste nascer:
"Deus te puniu!... Curva-te sob a sua mão!

"Toma, pega este livro; ele acalmará a tua pena,

"Este livro santo... ditado pelos Espíritos,
 "Se tu o leres... ó mãe, estejas certa
 "Que um dia no céu reverás teu filho!!!
 TEU ANJO GUARDIÃO.

SUBSCRIÇÃO RUANESA.

Montante das subscrições depositadas no escritório da *Revista Espírita*,
 e publicado no número de fevereiro.1.491 fr.40c
Novos depósitos até o dia 28 de fevereiro:

Sociedade Espírita de Paris (ela importava na lista de fevereiro em
 423fr., e sobre essa por 317 fr.; total 740 fr.)..... 317 “
Sociedades e grupos espíritas diversos. - Montreuil-sur-Mer, 74 fr.
 (importância sobre a lista de fevereiro, mas não compreendida na
 adição, por erro.) - Mescher-sur-Girond, 32 fr. 50 c. Carmaux (Tarn),
 20 fr. - Monerat e Saint-Gemme (Tarn), 40fr. -Chauny (Aisne), 40 fr.
 -Metz, 50 fr. -Bordeaux (sociedades e grupos Roux e Petit), 70 fr. –
 Albi (Tarn), 20 fr. -Tours, 103 fr. 30 c. -Angoulême, 18 fr.....467 80
Diversos assinantes (Paris). - Sr. e Sra. L..., 5 f r.; Hobach, 40 fr.;
 Nant e Breul (Passy), 100 fr.; Doit, 1fr.; Aumont, livraria (2^o depósito), 5fr.;
 Dufaux, 5fr.; Mazaroz, 20 fr.; Queyras, 3 fr.; X..., 25 fr.; doutor Houat, 20 fr.;
 Dufilleul, oficial de cavalaria, 10fr; X..., (Saint-Junien), 1 fr.; L. D..., 2 f r.;
 X..., 5fr.; Moreau, farmacêutico (Niort), 10 fr.; Blin, capitão (Marseille), 10 fr.
 (figura na lista de fevereiro por 20 fr., em lugar de 10 fr.que só foram
 completados na adição); J. L... (Digne), 3 fr.; doutor Reignier (thionville),
 7 fr. 50 c.; senhora Wilson Klein (gran duquesa de Bade), 20 fr.;
 B..., (Saint-Jeand'Angely), 2fr. A... (Versailles), 1 fr.; V. (Versailles), 2fr.;
 S... (Dole), 2fr.; Martner, oficial do estado maior (Orleans), 10fr.;
 Gevers (Anvers), 10fr.; CBabin (de Champblanc, por Cognac), 40 fr.....369 50.
Espíritas e franceses de Barcelona (Espanha). - Sr. e Sra. Jaime
 Ricart e filhos, 52 fr. 50 c.; Micolier, 5 fr.; Luis Nuty, 5fr.;
 Jean Regembat, 5fr.; AlexWigle, fotógrafo, 5fr.; Ch. Soujol, 2 fr. 60 c.;
 X..., 1 fr. 25 c.....76 35
 (Com a soma de 489 fr. 35 c. importada sobre a lista de _____
 fevereiro, esta faz, para Barcelona, um total de 565 fr, 70 c.)
 Total..... 2 722 05

Errata - Na lista de fevereiro, em lugar de Lausat (de Condom), *lede* Laubat. -Em lu-
 gar de Frothier (dePoitiers), *lede* Frottier. - Em lugar de Bodin (de Cognac), *lede* Babin.

A subscrição permanece aberta.

Sobre o montante desta soma, a *Revista Espirita* depositou, em 6 de fevereiro, na
 subscrição aberta pela *Opinion nationale*, 2 216 fr. 40 c., segundo a nota inserida na dé-
 cima quarta lista publicada por esse jornal, em 15 de fevereiro.

Faremos notar que a maioria dos grupos e sociedades depositaram na subscrição
 aberta na sua localidade. Foi enviada, entre outras, de Lyon, a lista seguinte de subscri-
 ções recolhidas nas diferentes reuniões espíritas.

Grupo Desprêe, curso Charlemagne, 57 f r. 95c.;idemdosTravailleurs, 93 f r. 30 c.;
 idem Virei, 20 fr.; idem da Croix-Rousse, 31 fr. 10 c.; idem Rousset, 48 fr. 30 c.; idem Cen-
 tral, 123fr.; reunião privada, 15fr. 25 c.; outra idem 32 fr. 50 c.; outra idem (Edoux), 22 fr.;
 subscrições isoladas, 316 fr. 50 c. -total , 765 fr. 90 c..

A Sociedade de Saint-Jean d'Angely depositou a subscrição aberta na sub-prefeitura, 100 fr.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 4

ABRIL 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINE;

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

(Quarto artigo) (1-(1) Ver os números de dezembro de 1862, janeiro e fevereiro de 1863.).

Numa segunda edição de sua brochura sobre a epidemia de Morzine (2-(2)Brochura in-8^o, casa Adrien Delahaye, praça da Escola de Medicina. - Preço:2fr.), o Sr. doutor Constant respondeu ao Sr. de Mirville que criticou seu ceticismo com respeito aos demônios, e o censurou por não ter estado nos lugares. "Ele se deteve, disse, em Thonon, certamente não porque haja tido medo dos diabos, mas do caminho, e não se crê menos o homem melhor informado. Censura-me ainda, assim como um outro médico, de ter partido de Paris com uma opinião formada; posso em bom direito, se quiser mo permitir, retornar-lhe esta censura: seremos, então, *ex oequo* sobre esse ponto."

Não sabemos se o Sr. de Mirville ali teria ido com decisão irrevogavelmente tomada de não ver nenhuma afecção física nos doentes de Morzine, mas é muito evidente que o Sr. Constant ali foi com o de não ver nenhuma causa oculta. Deliberadamente, em um sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque, então, vê tudo e relaciona tudo ao seu ponto de vista, negligenciando o que pode lhe ser contrário; esse não é certamente o meio de chegar à verdade. A opinião bem atrasada do Sr. Constant, quanto à negação das causas ocultas, ressalta de que repeliu a *priori* como errôneas toda observação e toda conclusão que se afasta de sua maneira de ver, nos relatórios feitos antes do seu. Assim, ao passo que o Sr. Constant insiste com força sobre a constituição débil, linfática e raquítica dos habitantes, a insalubridade da região, a má qualidade e a insuficiência da alimentação, o Sr. Arthaud, médico chefe dos alienados de Lyon, que foi enviado a Morzine, disse em seu relatório: "que a constituição dos habitantes é boa, que as escrófulas são raras; apesar de iodas as suas *pesquisas*, não pôde descobrir senão um único caso de epilepsia e um de imbecilidade." Mas, replica o Sr. Constant, "o Sr. Constant Arthaud não passou senão muito poucos dias nessa região, e não deveu ver senão uma pequeníssima parte da população, e é muito difícil obter informações sobre as famílias."

Um outro relatório assim se exprime sobre o mesmo assunto:

"Nós, abaixo-assinados..., declaramos que, tendo ouvido falar de fatos extraordinários apresentados como possessões de demônios que ocorreram em Morzine, nos transportamos para essa paróquia onde chegamos em 30 de setembro último (1857), para ser testemunha do que ali se passa e para examinar tudo isso com maturidade e prudência, esclarecendo-nos por todos os meios que fornece a presença nos lugares, com o efeito de poder formar um julgamento razoável em semelhante matéria.

"1º Vimos oito crianças que estão livres e cinco que estão em estado de crise; a mais jovem dessas crianças tem dez anos e a mais velha vinte e dois.

"2º Conforme tudo o que nos foi dito, e o que pudemos observar, essas crianças estão no estado de saúde mais perfeito; fazem todas as obras e os trabalhos que pede a sua posição, de sorte que não se vê para os outros hábitos e as ocupações nenhuma diferença entre elas e as outras crianças da montanha.

"3º Vimos essas crianças, as crianças não curadas, nos momentos lúcidos; ora, podemos assegurar que nada pôde ser observado nelas, seja quanto ao idiotismo, seja quanto a predisposições às crises atuais, por defeitos de caráter ou por um espírito exaltado. Aplicamos a mesma observação àquelas que estão curadas. Todas as pessoas que consultamos sobre os antecedentes e os primeiros anos dessas crianças, nos asseguraram que essas moças estavam, sob o aspecto da inteligência, no mais perfeito estado.

"4º A maioria dessas crianças pertence a famílias que estão numa honesta facilidade de fortuna.

"5º Asseguramos que elas pertencem a famílias que gozam de uma boa reputação, e que há, entre algumas aquelas cuja virtude e piedade são exemplares."

Daremos em pouco a continuação desse relatório concernente a certos fatos. Queríamos simplesmente constatar que nem todo mundo viu as coisas com as cores tão negras quanto o Sr. Constant, que apresenta os habitantes como estando na última miséria, entontecidos, demandistas e mentirosos, embora bons no fundo, e sobretudo piedosos, ou antes devotos. Ora, quem tem razão só o Sr. Constant, ou vários outros não menos honrados que certificam terem bem observado? Não hesitamos, por nossa conta, em nos alinhar com as opiniões destes últimos, segundo o que vimos, e segundo o que nos disseram várias autoridades administrativas da região, e a manter a opinião emitida nos precedentes artigos.

Para nós a causa primeira não está, pois, nem na constituição nem no regime higiênico dos habitantes, porque, assim como fizemos observar, há muitas regiões, a começar pelo Valais limítrofe, onde as condições de toda a natureza, morais e outras, são infinitamente mais desfavoráveis, e onde, no entanto, essa moléstia não maltratou. Nós a veremos, dentro em pouco, circunscrita, não ao vale, mas nos limites somente da comunidade de Morzine. Se, como afirma o Sr. Constant, a causa é inerente à localidade, ao gênero de vida e à inferioridade moral dos habitantes, perguntamos ainda por que o efeito é epidêmico em lugar de ser endêmico como a gota e o cretinismo no Valais? Por que as epidemias do mesmo gênero, das quais nos fala a história, se produziram em casas religiosas onde não faltava nada, e que se achavam nas melhores condições de salubridade?

Eis, de resto, o quadro que o Sr. Constant fez do caráter dos Morzinenses.

"Uma demora prolongada, visitas sucessivas e quase diárias, me permitiram chegar a outras constatações.

"Os habitantes de Morzine são brandos, honestos e de uma grande piedade; seria talvez mais verdadeiro dizer de uma grande devoção.

"São obstinados e dificilmente renunciam à uma idéia que adotaram, o que, a muitos outros inconvenientes, acrescenta-se o de torná-los demandistas: outra fonte de penúria e de miséria, porque as conciliações são raras; mas não é por exceções muito distantes que a justiça criminal encontra entre eles os julgáveis.

"Têm um ar grave e sério que parece um reflexo da rude natureza que os cerca, e que lhes imprime uma espécie de sinal particular que os fariam tomar pelos membros de uma vasta comunidade religiosa; sua existência, com efeito, pouco difere da de um convento.

"Seriam inteligentes, se seu julgamento não fosse obscurecido por uma multidão de crenças absurdas ou exageradas, por um arrastamento invencível para o maravilhoso, que lhes legaram os séculos passados, e dos quais o século presente não soube curá-los.

"Todos gostam dos contos, das histórias impossíveis; se bem que essencialmente honestos, há os que mentem com uma firmeza imperturbável para sustentar o que adiantaram nesse gênero. Se bem que acabem, disso estou persuadido, por mentir de boa fé, por crerem em suas próprias mentiras, sem cessar de crer nas dos outros. Para ser justo, é preciso dizer que a maioria não mente, não faz senão que contar inexatamente o que viu."

Aos nossos olhos, a causa é independente das condições físicas dos homens e das coisas. Se formulamos essa opinião, não é deliberadamente em ver por toda parte a ação dos Espíritos, porque ninguém admite sua intervenção com mais circunspecção do que nós, mas pela analogia que notamos entre certos efeitos e aqueles que nos demonstram ser o resultado evidente de uma causa oculta. Mas, ainda uma vez, como admitir essa causa quando não se crê na existência dos Espíritos? Como admitir, com Raspail, as afecções ocasionadas pelos animáculos microscópicos, negando-se a existência desse animais, por que não foram vistos? Antes da invenção do microscópio, Raspail teria passado por louco vendo por toda parte os animais; hoje, que se está muito mais esclarecido, não se vêem os Espíritos; no entanto, não falta muito, para isso, do que colocar as lunetas.

Não negamos que haja, na afecção da qual se trata, os efeitos patológicos, porque a experiência no-los mostram, freqüentemente, em semelhante caso, mas dizemos que são consecutivos e não causadores. Que um médico espírita fosse enviado a Morzine, teria visto o que outros não viram, sem negligenciar por isso os fatos fisiológicos.

Depois de ter falado do Sr. Mirville que, disse ele, ficou no caminho, o Sr. Constant acrescenta:

"O Sr. Allan Kardec fez a viagem completa. Nos números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863, de sua *Revista Espírita*, já publicou dois artigos, mas não são senão preliminares; o exame dos fatos virá com o número de fevereiro. À espera disso, nos adverte que a epidemia de Morzine é semelhante à que maltratou a Judéia, ao tempo do Cristo. É bem possível.

"Com o risco de incorrer na censura de alguns leitores que acharão que provavelmente teria sido melhor não falar dos Espíritos, convido vivamente aqueles que muito quererão ler esta brochura, a ler o mesmo assunto nos autores que acabo de citar.

"Não seria preciso, no entanto, equivocar-se sobre o objetivo do nosso convite; quanto mais cedo houver leitores sérios das obras do Espiritismo, mais cedo será feita justiça completa de uma crença, de uma *ciência*, diz-se, sobre a qual poderia talvez arriscar uma opinião, depois de ter tantas vezes constatado um de seus resultados: o contingente bastante notável que ela fornece, cada ano, à população de nossos asilos de alienados."

Pode-se ver por aí com quais idéias o Sr. Constant foi a Morzine. Certamente, não procuraremos conduzi-lo à nossa opinião, somente dir-lhe-emos que o resultado da leitura das obras espíritas está demonstrado pela experiência, ao contrário do que ele espera, uma vez que essa leitura, em lugar de fazer pronta justiça dessa pretensa ciência, multiplica-lhe os adeptos, cada ano, por milhares; que são contados hoje no mundo inteiro por cinco ou seis milhões, dos quais a décima parte em torno da França somente. Objetando-se que são todos tolos e ignorantes, lhe perguntaríamos por que essa doutrina conta, entre seus mais firmes partidários, um tão grande número de médicos em todos os países, o que a nossa correspondência atesta, um número de médicos assinantes da *Revista*, e daqueles que presidem ou fazem parte dos grupos e sociedades espíritas, sem falar do número, não menor, dos adeptos pertencendo a posições sociais onde não se chega senão pela inteligência e pela instrução. Eis um fato material que não está no poder de ninguém negar; ora, como todo efeito tem uma causa, a causa desse efeito é que o Espiritismo não parece, a todo mundo, tão absurdo como apraz a alguns dizê-lo. - Infelizmente

é verdade, exclamam os adversários da Doutrina; também não temos mais que nos velar a face sobre a sorte da Humanidade que caminha para sua decadência.

Resta a questão da loucura, hoje o lobisomem, com a ajuda do qual se procura amedrontar as populações, que não se comovem mais com ele, como se pode ver. Quando esse meio estiver esgotado, sem dúvida, imaginar-se-á um outro; à espera disso, remetemos ao artigo publicado no número de fevereiro de 1863, sob o título de: *a Loucura Espírita*, página 51.

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declararam no mês de março de 1857, sobre duas meninas de uma dezena de anos; no mês de novembro seguinte, o número dos doentes era de vinte e sete, e em 1861 atingiu a cifra máxima de cento e vinte.

Se nos dermos conta dos fatos segundo o que vimos, poder-se-ia dizer que não vimos senão o que não quisemos ver; aliás, chegamos ao declínio da doença, e ali não ficamos muito tempo para tudo observar. Citando as observações dos outros, não se nos acusará de não ver senão pelos nossos olhos.

Tiramos do relato do qual demos acima um extrato, as observações seguintes:

"Essas crianças falam a língua francesa durante suas crises com uma facilidade admirável, mesmo as que, fora de lá, dela não sabem senão algumas palavras.

"Essas crianças, uma vez em suas crises, perdem completamente toda reserva para o que quer que seja; perdem também completamente toda afeição de família.

"A resposta é sempre tão pronta e tão fácil, que dir-se-ia que vem antes da interrogação; essa resposta é sempre *ad rem*, exceto quando o falador responde por asneiras, por insultos ou uma recusa exagerada.

"Durante a crise, o pulso fica calmo, e, no maior furor, o personagem tem o ar de se possuir, como alguém que chamasse a cólera à sua ordem, sem se assemelhar às pessoas exaltadas ou presas de um acesso de febre.

"Notamos durante as crises uma insolência estranha que ultrapassa toda expressão, nas crianças que, fora de lá, são doces e tímidas.

"Durante a crise, há em todas essas crianças um caráter de impiedade permanente levado além de todos os limites, dirigido a tudo que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante desses momentos horríveis é o ódio de Deus e de tudo o que a ele se relaciona.

"Está bem constatado para nós que essas crianças revelam *coisas que acontecem ao longe, assim como fatos passados dos quais não tinham nenhum conhecimento; elas revelaram também a várias pessoas os seus pensamentos.*

"*Anunciam algumas vezes o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.*

"Sabemos que deram respostas exatas a perguntas dirigidas em línguas desconhecidas para elas, alemão, latim, etc.

"Essas crianças têm, no estado de crise, uma força que não é proporcional à sua idade, uma vez que é preciso três ou quatro homens para conter, durante os exorcismos, as meninas de dez anos.

"Há a se notar que, durante a crise, as crianças não fazem nenhum mal, nem pelas contorções que parecem de natureza a deslocar seus membros, nem pelas quedas que dão, nem pelos golpes que se dão batendo com violência.

"Há sempre, invariavelmente, em suas respostas, a distinção de vários personagens: *a moça e ele, o demônio e o condenado.*

"Fora da crise, essas crianças não têm nenhuma lembrança do que disseram ou do que fizeram; seja que a crise tenha durado mesmo todo um dia, seja que elas tenham feito obras prolongadas ou incumbências dadas no estado de crise.

.....
"Para concluir, diremos:

"Que a nossa impressão, para nós, é que tudo isso é sobrenatural, na causa e nos efeitos; segundo as regras da lógica sadia, e segundo tudo o que a teologia, a história eclesiástica e o Evangelho nos ensinam e nos contam.

"Declaramos que, na nossa opinião, há uma verdadeira possessão do demônio.

"Em fé do que,

Assinado:*****

"Morzine, 5 de outubro de 1857."

Eis como o Sr. Constant descreve o estado de crise dos doentes, segundo as suas próprias observações:

"No meio da calma mais completa, raramente à noite, sobrevêm de repente os bocejos, os espreguiçamentos, algumas comoções, pequenos movimentos bruscos e de aspecto involuntário e irregular nos braços; pouco a pouco, e num muito curto espaço de tempo, como por efeito de descargas sucessivas, esses movimentos se tornam mais rápidos, em seguida mais amplos, e não parecem logo mais que um exagero dos movimentos fisiológicos; a pupila se dilata e se estreita alternativamente, e os olhos participam dos movimentos gerais.

"Nesse momento, os doentes, cujo aspecto tinha primeiro parecido exprimir o medo, entram num estado de furor, que vai sempre crescendo, como se a idéia que os domina produzisse dois efeitos quase simultâneos: da depressão e logo o da excitação.

"Batem sobre os móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou antes a vociferar; o que elas dizem quase todas, quando não são superexcitadas por perguntas, se reduz a estas palavras indefinidamente repetidas: "S... nome! s... ch... gne! s... vermelho! (Ela chama vermelho aqueles na piedade dos quais não acreditam.) Algumas juntam juramentos.

"Se junto delas não se encontra nenhum expectador estranho; se não lhes faz perguntas, repetem sem cessar a mesma coisa sem nada acrescentar; se é o contrário, respondem ao que disse o espectador, e mesmo aos pensamentos que elas lhe emprestam, às objeções que prevêm, mas sem sair de sua idéia dominante, informando-os de tudo o que dizem. Assim, é freqüente: "Ah! tu crês, b... de incrédulo, que somos loucas, que não temos senão um mal de imaginação! nós somos condenadas, s... n... de Deus! Somos os diabos do inferno!"

"E como é sempre um diabo que fala por sua boca, o pretense diabo conta algumas vezes *o que fazia sobre a Terra, o que fez depois no inferno, etc.*

"Diante de mim acrescentavam invariavelmente: "Não são teus s... médicos que nos curarão! Nós f... muitos de teus médicos! podes bem fazê-los tomar a moça, elas a atormentarão, fá-la-ão sofrer; mas a nós, não farão nada, porque somos diabos! São santos padres, bispos que nos são necessários, etc."

"O que não as impede de insultarem os padres quando eles estão presentes, sob pretexto de que *não são bastante santos para terem ação sobre o demônio*. Diante do prefeito, dos magistrados, era sempre a mesma idéia, mas com outras palavras.

"À medida que elas falam, sempre com a mesma veemência, toda a sua fisionomia não tem outro caráter do que o do furor. Algumas vezes o pescoço se enche, a face se injeta; noutras, ela empalidece, tudo como ocorre às pessoas comuns que, segundo sua constituição, ruborizam ou empalidecera durante um acesso violento de cólera; os lábios, freqüentemente, estão sujos de saliva, o que faz dizer que os doentes babam.

"Os movimentos, no início limitados às partes superiores, ganham sucessivamente o tronco e os membros inferiores; a respiração se torna ofegante; os doentes redobram de furor, se tornam agressivos, deslocam os móveis e lançam cadeiras, tamboretas, tudo o que lhes cai sob a mão, sobre os assistentes; precipitam-se sobre eles para bater-lhes, tanto seus parentes quanto os estranhos; lançam-se no chão, sempre continuando as mesmas crises; rolam, batem a mão sobre o solo, se batem eles mesmos sobre o peito,

sobre o ventre, sobre a parte anterior do pescoço, e procuram arrancar alguma coisa que parece incomodá-los nesse ponto. Voltam-se e se reviram de um pulo; vi duas que, se levantando como pela expansão de uma mola, caem para trás, de tal modo que sua cabeça repousava sobre o solo ao mesmo tempo que seus pés.

"Essa crise dura, mais ou menos, dez, vinte minutos, meia hora, segundo a causa que a provocou. Se for a presença de um estranho, sobretudo de um padre, e é muito raro que ela acabe antes que a pessoa tenha se afastado; nesse caso os movimentos convulsivos, no entanto, não são contínuos; depois de ter sido muito violentos, enfraquecem e acabam por recomeçar imediatamente, como se a força nervosa esgotada tomasse um momento de repouso para se refazer.

"Durante a crise, o pulso, os batimentos do coração, não são de nenhum modo acelerados, e mesmo comumente o contrário: o pulso se concentra, torna-se pequeno, lento, e as extremidades se resfriam; apesar da violência da agitação, os golpes furiosos batidos por todos os lados, as mãos ficam geladas.

"Contrariamente ao que se viu, freqüentemente, em casos análogos, nenhum idéia erótica se mistura ou parece juntar-se à idéia demoníaca; fui mesmo tocado por essa particularidade, porque é comum a todos os doentes: nenhum diz a menor palavra ou faz o menor gesto obscuro: em seus movimentos mais desordenados, jamais elas não se descobrem, e se suas vestes se levantam um pouco quando elas rolam na terra, é muito raro que não a abaixem logo.

"Não parece que haja aqui lesão da sensibilidade genital; também jamais foi questão de incubos, de súcubos ou de cenas do sabá; todas as doenças pertencem, como demoniomaníacas, ao segundo dos quatro grupos indicados pelo Sr. Macario; algumas *ouvem* a voz dos diabos, muito mais geralmente *eles falam pela sua boca*.

"Depois da grande desordem, os movimentos se tornam, pouco a pouco, menos rápidos; alguns gases escapam pela boca, e a crise acaba. O doente olha ao seu redor com um ar um pouco admirável, arruma seus cabelos, apanha e recoloca seu boné, bebe alguns goles de água, e retoma sua obra, se a tinha quando a crise começou; quase todas dizem não sentir nenhum aborrecimento e não se lembrar do que disseram ou fizeram.

"Esta última afirmativa não é sempre sincera; surpreendi algumas lembrando-se muito bem, somente acrescentavam: *"Sei bem que ele (o diabo) disse ou fez tal coisa, mas não fui eu; se minha boca falou, se minhas mãos bateram, foi ELE que fazia falar e bater; teria querido muito permanecer tranqüila, mas ELE é mais forte do que eu."*

"Esta descrição é a do estado mais freqüente; mas entre os extremos existem vários degraus, desde a doença que não tem senão crises de dores gastrálgicas, até à que chega a último paroxismo do furor. Feita esta reserva, não encontrei, em todos os doentes que visitei, diferenças dignas de notas senão somente em algumas.

"Uma, chamá-la-ei Jeanne Br..., quarenta e oito anos, solteira, histérica muito antiga, sente animais que não são outros senão *diabos* que lhe correm sobre o rosto e o picam.

"A mulher Nicolas B..., com a idade de trinta e oito anos, doente há três anos, *late* durante suas crises; ela atribui sua doença a um copo de vinho que bebeu em companhia de um daqueles que fazem o mal.

"Jeanne G..., com a idade de trinta e sete anos, solteira, é aquela cujas crises são as mais diferentes. Ela não tem desses movimentos crônicos gerais que se vêem em todos os outros, e não fala quase nunca. Desde que sinta vir a sua crise, senta-se e se põe a balançar a cabeça de trás para a frente; os movimentos, lentos e pouco extensos de início, vão sempre se acelerando, e acabam por fazer percorrer a cabeça, com uma incrível rapidez, um arco de círculo cada vez mais extenso, até que ela venha alternativa e regularmente bater nas costas e no peito. Por intervalos o movimento se detém um instante, e os músculos contraídos, agora, a cabeça fixada na posição onde ela se encontrava no momento do tempo de parada, sem que seja possível, mesmo com esforços, endireitá-la ou curvária-la.

"Victoire V..., com a idade de vinte anos, tornou-se doente, uma das primeiras, com a idade de dezesseis anos. Seu pai conta assim o que ela sentiu:

"Ela jamais tinha sentido nada, quando, o mal tomou-a um dia na missa; durante os dois ou três primeiros dias, ela não fazia senão saltar um pouco. Um dia ela me levou meu dinheiro à paróquia onde eu trabalhava, o *Angelus* soou quando ela chegava sobre a ponte; se pôs logo a saltar, e se lançou por terra gritando e gesticulando, jurando junto do sineiro. O cura de Montriond se encontrava ali por acaso, ela o injuriou, chamou-o s...ch...de Montriond. O Sr. cura de Morzine veio logo junto dela no momento em que a crise acabava, mas recomeçou logo, porque lhe fez um sinal da cruz sobre a fronte. Tinha-a exorcizado freqüentemente, mas vendo que nada a curava, não mais um exorcismo do que outra coisa, eu a conduzi para Genève, na casa do Sr. Lafontaine (o magnetizador); ela ali ficou um mês, e retornou bem curada: ficou tranqüila quase três anos.

"Há seis semanas teve recaída, mas não tinha mais crise; não queria ver ninguém e se encerrava na casa; não comia senão quando tinha alguma coisa de bom a lhe dar, de outro modo não podia engolir. Não podia manter-se sobre suas pernas nem apenas mover os braços; tentei várias vezes colocá-la de pé, mas ela não se *sentia*, e caía desde que não a segurasse mais. Decidi reconduzi-la à casa do Sr. Lafontaine; não sabia como carregá-la; ela me disse: "Quando estiver na comuna de Montriond, caminharei bem." Ajudado por um de meus vizinhos, carregamo-la, já que ela não caminhou até Montriond. Mas logo do outro lado da ponte, caminhou sozinha e não se lamentou mais do que de um gosto horrível na boca. Depois de duas sessões na casa do Sr. Lafontaine, estava melhor, e agora está colocada como doméstica.

"Geralmente foi notado, disse o Sr. Constant, que *desde que elas estão fora da comuna*, os doentes não têm, senão raramente, crises.

"Um dia, o prefeito, que me acompanhava, foi surpreendido por uma doente e violentamente ferido com uma pedra no rosto; quase no mesmo instante uma outra doente se precipitou sobre ele, armada de um grosso pedaço de madeira, para feri-lo também; vendo esta vir, apresentou-lhe a ponta aguda de seu bastão guarnecido de ferro, ameaçando-a de trespassá-la com ele, se avançasse; ela se deteve, deixou cair seu pedaço de madeira e se contentou em dizer injúrias.

"Apesar das corridas, dos saltos, dos movimentos violentos e desordenados, apesar dos golpes que se dão, seus terrores ou suas divagações, não se menciona tentativa de suicídio ou de acidente grave ocorrido com alguma dentre elas; não perdem, pois, toda a consciência, o instinto de conservação ao menos subsiste.

Se, no começo de uma crise, uma mulher tem seu filho nos braços, freqüentemente, ocorre que um *diabo* menos mau que aquele que vai *trabalhá-la* lhe diz: "*Deixa essa criança, ele (o outro diabo) lhe faria mal.*" Ocorre o mesmo algumas vezes quando elas têm uma faca ou outro instrumento suscetível de ocasionar um ferimento.

"Os homens sofreram, como as mulheres, a influência da crença que os deprime a todos em diversos graus, mas entre eles os efeitos foram menores e bastante diferentes. Há os que, com efeito, sentem absolutamente as mesmas dores que as mulheres; como elas, têm sufocações, experimentam um sentimento de estrangulamento e acusam a sensação da bola histérica, mas nenhum foi até as convulsões; se houve alguns raros exemplos de acidentes convulsivos, podem quase sempre serem atribuídos a um estado mórbido anterior e diferente. O único representante do sexo masculino que parece ter tido realmente crises da mesma natureza que a das moças, é o jovem T... Geralmente são as jovens de quinze a vinte e cinco anos que foram atingidas; no outro sexo, ao contrário, com exceção do menino T..., não são quase, na medida que venho te dizer, senão homens de uma idade madura, aos quais as vicissitudes da vida puderam trazer outras preocupações preexistentes, ou a acrescentar às causadas pela doença."

Depois de ter discutido a maioria dos fatos extraordinários contados a respeito dos doentes de Morzine, e tentado provar o estado de degenerescência física e moral dos habitantes em consequência de afecções hereditárias, o Sr. Constant acrescenta:

"É preciso, pois, assegurar-se bem de que tudo o que se disse de Morzine, uma vez restabelecida a verdade, encontra-se consideravelmente reduzido; cada um fez seu conto e quis ultrapassar os outros contistas. Esses exageros se encontram em todos os relatórios das epidemias desse gênero. Quando muito mesmo alguns fatos seriam reais em todos os pontos e escapariam a toda interpretação, seria isso um motivo para procurar-lhes uma explicação além das leis naturais? Tanto valeria dizer que todos os agentes cujo modo de ação resta descobrir, tudo o que escapa à nossa análise, é necessariamente sobrenatural.

"Tudo o que se viu em Morzine, sobretudo o que se contou, poderá muito bem, para algumas pessoas, ficar o sinal manifesto de uma possessão, mais também, muito certamente, o dessa doença complexa que recebeu o nome de histero-demoniomania.

"Em resumo, acaba-se de ver uma região cujo clima é rude e a temperatura muito variável, onde a histeria foi de todos os tempos reputada endêmica; uma população cuja alimentação, sempre a mesma para todos, mais pobres ou menos pobres, e sempre má, é composta de alimentos freqüentemente alterados, que podem provocar, e provocam, desarranjos nas funções dos órgãos da nutrição, e por aí nevroses particulares; uma população de uma constituição pouco robusta e especial, freqüentemente manchada de predisposições hereditárias; ignorante e vivendo num isolamento quase completo; muito piedosa, mais de uma piedade que tem por base o *medo mais do que a esperança*; muito supersticiosa, e cuja superstição, essa praga que São Tome chamou *um vício oposto à religião por excesso*, foi mais acariciada do que combatida; embalada por contos de feitiçaria que são, fora as cerimônias da Igreja, a única distração que não pôde impedir uma severidade religiosa exagerada; de uma imaginação viva, muito impressionável, que teria necessidade de algum alimento, e que não é outro senão essas mesmas cerimônias."

Resta-nos a examinar as relações que podem existir entre os fenômenos descritos acima, e aqueles que se produzem nos casos de obsessão e de subjugação bem constatados, o que cada um, sem dúvida, já terá notado, o efeito dos meios curativos empregados, as causas da ineficácia dos exorcismos e as condições nas quais podem ser úteis. É o que faremos num próximo e último artigo.

À espera disso, diremos com o Sr. Constant, que não há nenhuma necessidade de ir procurar no sobrenatural a explicação dos efeitos desconhecidos; estamos perfeitamente de acordo com ele sobre esse ponto. Para nós, os fenômenos espíritas nada têm de sobrenatural; eles nos revelam uma das leis, uma das forças da Natureza que não se conhecia e que produz os efeitos até então inexplicados. Essa lei, que ressalta dos fatos e da observação, é, pois, mais insensata porque têm por promotores seres inteligentes antes que animais ou a matéria bruta? É, pois, tão insensato crer em inteligências ativas além do túmulo, sobretudo quando elas se manifestam de modo ostensível? O conhecimento dessa lei, conduzindo certos efeitos à sua verdadeira causa, simples e natural, é o melhor antídoto das idéias supersticiosas.

RESULTADO DA LEITURA DAS OBRAS ESPÍRITAS.

Cartas dos Srs. Michel de Lyon, e D... de Albi

Como resposta à opinião do Sr. doutor Constant no tocante ao efeito que deve produzir a leitura das obras espíritas, publicamos adiante duas cartas entre as milhares da mesma natureza que nos são endereçadas. Sua opinião, como se pôde ver no artigo precedente, é que esse efeito deve ser inevitavelmente de fazer pronta justiça da pretensa ciência do Espiritismo, e é a esse título que recomenda a sua leitura. Ora, eis mais de seis

anos que se lêem essas obras, e, coisa deplorável para sua perspicácia, justiça ainda não foi feita!

Albi, 6 de março de 1863.

Senhor Allan Kardec,

(...) Sei que não devo abusar de vosso tempo precioso; também me privo da alegria de conversar longamente convosco. Dir-vos-ei que lamento amargamente não ter conhecido mais cedo a vossa admirável doutrina, porque sinto que teria sido inteiramente outro homem, e no entanto não sou médium, nem procuro vir a sê-lo ainda, tendo graves contrariedades que me obsidiam sem cessar. Tenho um passado deplorável de negligência; cheguei até a idade de quarenta e nove anos sem saber uma única prece; depois que vos li, peço sempre à noite, algumas vezes pela manhã, e sobretudo por meus inimigos. Vossa doutrina me salvou de muitas coisas, e me fez suportar os revezes com resignação.

Quanto vos seria reconhecido, caro senhor, se quisésseis orar algumas vezes por mim!

Aceitai, etc.

D...

Lyon, 9 de março de 1863.

Meu caro mestre,

Devo começar vos pedindo duplamente perdão, primeiro, por ter adiado por tanto tempo o cumprimento de um dever dessa natureza; em seguida, pela liberdade que tomo, sem ter a honra de ser vosso conhecido, de vos entreter com coisas que, de alguma sorte, me são inteiramente pessoais.

Esta consideração me obriga também a ser breve quanto possível para não abusar de vossa bondade, nem vos fazer perder só por mim um tempo que poderíeis empregar mais utilmente para o bem geral.

Há seis meses que tenho a felicidade de ter iniciado na Doutrina Espírita; senti nascer em mim um vivo sentimento de reconhecimento. Esse sentimento não é, de resto, senão uma conseqüência muito natural da crença no Espiritismo; e, uma vez que tem a sua razão de ser, deve igualmente se manifestar. Na minha opinião, ela deve se dividir em três partes, da qual a primeira é Deus, que cada dia todo verdadeiro Espírita deve agradecer dessa nova prova de sua misericórdia infinita; a segunda pertence de direito ao próprio Espiritismo, quer dizer, aos bons Espíritos e aos seus sublimes ensinamentos; e, enfim, a terceira é adquirida daquele que nos guia no novo caminho e que estamos felizes de reconhecer por nosso mestre venerado.

O reconhecimento espírita assim compreendido, impõe, pois, três deveres bem distintos: para com Deus, os bons Espíritos e o propagador de seus ensinamentos. Tenho a esperança de me absolver diante de Deus pedindo-lhe perdão de meus erros passados, e continuando a lhe pedir cada dia; tentarei pagar minha dívida ao Espiritismo espalhando ao meu redor, tanto quanto estiver em meu fraco poder, os benefícios da instrução espírita; e o objetivo desta carta é de vos testemunhar, senhor, o vivo desejo que experimento de me quitar convosco, o que me acuso de fazê-lo tão tardiamente. Apelo, pois, à vossa caridade, e vos peço aceitar esta homenagem sincera de um reconhecimento sem limites.

Associando-me de coração àqueles que me precederam, venho vos dizer: obrigado a vós que nos tirastes do erro fazendo raiar sobre nós, a tocha da verdade; obrigado a vós que nos fizestes conhecer os meios de chegar à verdadeira felicidade pela prática do bem; obrigado a vós que não tivestes medo de ser o primeiro a entrar na luta.

O advento do Espiritismo no século dezenove, numa época em que o egoísmo e o materialismo parecem partilhar o domínio do mundo, é um fato muito importante e muito extraordinário para não provocar a admiração ou o espanto de pessoas sérias e de espíritos observadores. Esse fato permanece completamente inexplicável para aqueles que se recusam a reconhecer a intervenção divina na marcha dos grandes acontecimentos que se cumprem entre nós, e freqüentemente apesar de nós.

Mas, um fato não menos surpreendente é que se tenha encontrado, nesta mesma época de incredulidade, um homem bastante crente, bastante audacioso, para sair da multidão, para abandonar o corrente e anunciar uma doutrina que deveria colocá-lo em desacordo com a grande maioria, sendo seu objetivo combater e derrubar os preconceitos, os abusos e os erros da multidão, e, enfim, pregar a fé aos materialistas, a caridade aos egoístas, a moderação aos fanáticos, a verdade a todos. Este fato hoje se cumpriu; portanto, não era impossível; mas, para cumpri-lo, seria preciso uma coragem que só a fé pode dar. Eis o que causa a nossa admiração.

Um semelhante devotamento, meu caro mestre, não poderia permanecer infrutífero; também, desde o presente, podeis começar a receber a recompensa de vossos labores, contemplando o triunfo da Doutrina que ensinastes.

Sem vos preocupar com o número e com a força de vossos adversários, descestes só na arena, e não opusestes às zombarias injuriosas senão uma inalterável serenidade, aos ataques e às calúnias senão a moderação; em pouco tempo, o Espiritismo se propagou em todas as partes do mundo; hoje, seus adeptos se contam por milhões, e, coisa mais satisfatória ainda, se recrutam em todos os graus da escala social. Ricos e pobres, ignorantes e sábios, livres pensadores e puritanos, todos responderam ao chamado do Espiritismo, e cada classe se apressou em fornecer seu contingente nessa cruzada da inteligência... Luta sublime! onde o vencido está orgulhoso de proclamar a sua derrota, e mais orgulhoso ainda de poder combater sob a bandeira dos vencedores.

Essa vitória não honra apenas aquele que a alcança, ela atesta também a justeza da causa, quer dizer, a superioridade da Doutrina Espírita sobre todas as que a precederam, e, conseqüentemente, sua origem toda divina. Para o adepto fervoroso, esse fato não pode ser posto em dúvida, e o Espiritismo não pode ser a obra de alguns cérebros em demência, como seus detratores tentaram demonstrá-lo. É impossível que o Espiritismo seja uma obra humana; deve ser e é, com efeito, uma revelação divina. Se assim não fora, já teria sucumbido e teria ficado impotente diante da indiferença e do materialismo.

Toda ciência humana é sistemática em sua essência, e por isso mesmo sujeita a erro; é por isso que não pode ser admitida senão por um pequeno número de indivíduos que, por ignorância ou por cálculo, propagam-lhe as crenças errôneas que caem, elas mesmas, depois de algum tempo de prova. O tempo e a razão sempre fizeram justiça às doutrinas abusivas e destituídas de fundamento. Nenhuma ciência, nenhuma doutrina pode pretender a estabilidade se ela não possui, em seu conjunto, como em seus menores detalhes, essa emanção pura e divina que chamamos a verdade; porque é a única imutável como o Criador, que dela é a fonte.

Disso encontramos um exemplo bem consolador nas divinas palavras do Cristo, que o santo Evangelho, apesar de sua longa e aventureira peregrinação, nos transmitiu tão suaves, tão puras quanto eram saindo da boca do Divino Renovador.

Depois de dezoito séculos de existência, a doutrina do Cristo nos parece tão luminosa quanto no tempo de seu nascimento. Apesar das falsas interpretações de uns, as perseguições de outros, embora pouco praticada em nossos dias, ela não ficou menos fortemente enraizada na lembrança dos homens. A doutrina do Cristo é, pois, uma base inabalável contra a qual as paixões humanas vêm, sem cessar, se quebrar. Como a vaga impotente se quebra sobre a rocha, as tempestades do erro se esgotam, em vão esforços, contra o farol da verdade. Sendo o Espiritismo a confirmação, o complemento dessa dou-

trina, é justo, pois, dizer que ele se tornará um monumento indestrutível uma vez que tem Deus por princípio e a verdade por base.

Do mesmo modo que estamos felizes em predizer sua longa destinação, entreve-mos, com alegria, o momento em que se tornará a crença universal. Esse momento não poderia estar muito longe, porque os homens não poderiam tardar em compreender que não há felicidade possível neste mundo sem a fraternidade. Compreenderão também que a palavra virtude não deve somente errar sobre seus lábios, mas deve se gravar profundamente em seus corações; compreenderão, enfim, que aquele que toma a tarefa de pregar a moral deve, antes de tudo, deve sobretudo, pregá-la pelo exemplo.

Detenho-me, meu caro mestre, a grandeza do assunto me arrasta para as alturas onde me é impossível manter-me. Mãos mais hábeis do que a minha já pintaram, com vivas cores, esse tocante quadro, que a minha pena ignorante tenta em vão esboçar. Perdoai-me, eu vos peço, por vos ter entretido, por tanto tempo, com meus próprios sentimentos; mas experimentava um desejo invencível de me extravasar no próprio seio daquele que dera a calma à minha alma, substituindo a dúvida que a torturou por quinze anos, por uma certeza consoladora!

Fui, alternativamente, católico fervoroso, fatalista, materialista, filósofo resignado; mas, disto dou graças a Deus, jamais fui ateu. Vociferava contra a Providência sem, no entanto, jamais negar a Deus. As chamas do inferno, há muito tempo, estão extintas para mim, e, no entanto, meu Espírito não estava tranqüilo sobre o seu futuro. Os gozos celes-tes preconizados pela Igreja não tinham bastante atrativos para exortar-me à virtude, e, no entanto, minha consciência aprovava muito raramente minha conduta. Estava numa dúvida contínua. Apropriando-me deste pensamento de um grande filósofo: "A consciên-cia foi dada ao homem para vexá-lo," disse cheguei a essa conclusão, de que o homem deve evitar com cuidado tudo o que pode pô-lo mal com a sua consciência. Assim, evitei de cometer alguma grande falta, porque a isso minha consciência se opunha; cumpri algumas boas obras por sentir a satisfação que elas proporcionam; mas não entrevia nada além. A natureza me tirara do nada, a morte deveria me tornar ao nada! Este pensamen-to, freqüentemente, mergulhava-me numa tristeza profunda, mas consultara inutilmente, procurara inutilmente, nada podia me dar a palavra do enigma. As desproporções sociais me chocavam, e, freqüentemente, me perguntava porque nascera no baixo da escala on-de me encontrava tão mal colocado. A isso, não podendo responder, eu dizia: O acaso. Uma consideração de um outro gênero me fazia tomar horror ao nada! Para que se instruir? Para brilhar num salão?... é preciso da fortuna; para tornar-me um poeta, um grande escritor?... é preciso um talento natural. Mas para mim, simples artesão, destinado talvez a morrer sobre a bancada à qual estou ligado pela necessidade de ganhar meu pão de cada dia... para que me instruir?... Não sei quase nada e é muitíssimo; uma vez que meu saber não me serve para nada durante a minha vida, e que deve aniquilar-se ao morrer. Esse pensamento se apresentou muito freqüentemente ao meu espírito; nele cheguei a maldizer essa instrução que se dá grátis ao filho do operário. Essa instrução, embora bem exígua, muito incompleta, parecia supérflua, e me parecia não só nociva à felicidade do pobre, mas incompatível com as exigências de sua condição. Era, na minha opinião, uma calamidade a mais para o pobre, uma vez que lhe fazia compreender a importância do mal sem indicar-lhe o remédio. É fácil de explicar-se os sofrimentos morais de um homem que, sentindo bater um coração nobre em seu peito, é obrigado a curvar sua inteligência sob a vontade de um indivíduo cujo punhado de escudos, freqüentemente mal adquiridos, algumas vezes faz todo o mérito e todo o saber.

É então que é necessário apelar à filosofia; e, olhando do alto da escala, se diz: O dinheiro não faz a felicidade; depois, olhando embaixo, percebem-se pessoas numa posi-ção inferior à sua, e acrescenta-se: Tenhamos paciência, há os que têm mais a lamentar do que nós. Mas, se esta filosofia, algumas vezes, dá a resignação, ela jamais produz a felicidade.

Estava nessa situação quando o Espiritismo veio me tirar do lamaçal de provas e de incertezas onde me enfiava cada vez mais, apesar de todos os esforços que fazia para dele sair.

Durante dois anos ouvi falar de Espiritismo sem lhe dar uma atenção séria; acreditava, segundo o dizer de seus adversários, que um malabarismo novo se introduzia entre os outros. Mas, cansado, enfim, de uma coisa da qual não conhecia realmente senão o nome, resolvi me instruir. Proporcionei-me *O Livro dos Espíritos* e o dos *Médiuns*. Li, ou antes, devorei essas duas obras com uma avidez e uma satisfação que me é impossível definir. Qual foi minha surpresa, lançando os olhos sobre as primeiras páginas, de ver que se tratava de filosofia moral e religiosa, quando esperava ler um tratado de magia acompanhado de relatos maravilhosos! Logo a surpresa deu lugar à convicção e ao reconhecimento. Quando acabei minha leitura, percebi com alegria que era Espírita há muito tempo. Agradei a Deus que me concedeu esse insigne favor. Doravante poderei pedir sem medo que minhas preces se percam no espaço, e suportarei com alegria as tribulações desta curta existência, sabendo que a minha miséria atual não é senão a justa consequência de um passado culposo, ou um período de prova para alcançar um futuro melhor. Não mais dúvida! a justiça e a lógica nos revelam a verdade; e aclamamos com alegria essa benfeitora da Humanidade.

É quase inútil vos dizer, meu caro mestre, quanto era grande meu desejo de tornar-me médium; também estudei com uma grande perseverança. Depois de alguns dias de observação, reconheci que era médium intuitivo; meu desejo não se cumprira senão pela metade, uma vez que desejava vivamente tornar-me médium mecânico.

A mediunidade intuitiva deixa, por muito tempo, a dúvida no espírito daquele que a possui. Devi, para dissipar todos os meus escrúpulos a esse respeito, assistir a algumas sessões de Espiritismo, a fim de poder estabelecer uma comparação entre a minha mediunidade e a dos outros médiuns. Foi então que compreendi a justeza de vossa recomendação que *prescreve ler antes de ver*, querendo-se estar convencido; porque, posso vo-lo dizer francamente, não vi nada de convencimento para um incrédulo. Teria dado muito, então, para poder ser admitido entre aqueles que a Providência colocou sob a direção imediata de nosso chefe bem-amado, porque penso que as provas devem ser mais palpáveis, mais freqüentes na sociedade que presidis. No entanto, eu não me prendia a ela ali, e convidei vários médiuns escreventes, videntes e desenhistas para se reunirem a mim, para trabalhar em comum. Foi então que tive a alegria de ser testemunha dos fatos mais surpreendentes e obter as provas mais evidentes da bondade e da verdade do Espiritismo. Pela segunda vez estava convencido!

Junto a esta carta, já muito longa, algumas de minhas comunicações; ficarei feliz, meu caro mestre, se vos fosse possível lançar sobre elas uma olhada e julgar-lhes o valor. Do ponto de vista moral, eu as creio irrepreensíveis; mas do ponto de vista literário.....

não estando eu mesmo apto para julgá-las, abstenho-me de qualquer apreciação. Se, contra minha espera, encontrardes alguns fragmentos bastante passáveis para serem dados à publicidade, peço-vos dispor delas segundo a vossa conveniência, e seria para mim uma alegria muito grande ter levado uma pequena pedra à construção do grande edifício.

Darei um valor muito grande a uma resposta de vossa mão, meu caro mestre, mas não ousa solicitá-la, sabendo a impossibilidade material que tendes de responder a todas as cartas que vos são dirigidas. Termino vos rogando perdoar-me esta extrer liberdade, esperando que consentireis em crer na sinceridade daquele que tem a honra de se dizer um dos vossos mais fervorosos admiradores e vosso muito humilde servidor.

MICHEL,
Rua Bouteille, 25, em Lyon.

OS SERMÕES CONTINUAM E NÃO SE ASSEMELHAM.

Escreveram-nos de Chauny, em 7 de março de 1863:

"Senhor,

"Venho tentar vos dar a análise de um sermão que nos foi pregado ontem pelo Sr. abade X..., estranho à nossa paróquia. Esse padre, que, de resto, é muito bom pregador, nos explicou, tanto quanto é possível fazê-lo, o que é Deus e o que são os Espíritos. Não devia ignorar que tinha um número muito grande de Espiritas em seu auditório, também sentimos uma vivíssima satisfação de ouvir falar dos Espíritos e de suas relações com os vivos.

"Não me explico de outro modo, disse ele, todos os fatos miraculosos, todas as visões, todos os pressentimentos, senão pelo contato daqueles que nos são caros e que nos precederam no túmulo; e se não temo levantar um véu muito misterioso, ou de vos falar de coisas que não seriam compreendidas por todos, me entendi por muito tempo sobre esse assunto. Sinto-me inspirado, e, obedecendo à voz de minha consciência, não poderia muito vos pedir em guardarem boa lembrança de minhas palavras: Crer nesse Deus de que todos os Espíritos emanam, e a quem deveremos nos reunir um dia."

"Esse sermão, senhor, dito com um acento de doçura, de benevolência e de convicção, aliado ao coração, bem melhor do que os discursos furiosos onde se procura em vão a caridade pregada pelo Cristo; estava ao alcance de todas as inteligências; também todos os compreenderam e saíram reconfortados, em lugar de desencorajados e tristes pelos quadros do inferno e das penas eternas, e tantos outros assuntos em contradição com a sã razão.

"Aceitai, etc.

V...

Este sermão, obrigado Deus, não é único desse gênero; foram-nos assinalados vários outros deles no mesmo sentido, mais ou menos acentuados, que foram pregados em Paris e nos departamentos; e, coisa bizarra, num sentido diametralmente oposto, pregados no mesmo dia, na mesma cidade, e quase na mesma hora. Isso nada tem de surpreendente, porque há muitos eclesiásticos esclarecidos que compreendem que a religião não pode senão perder de sua autoridade ao se inscrever em falso contra a irresistível marcha das coisas, e que, como todas as instituições, ela deve seguir o progresso das idéias, sob pena de receber mais tarde o desmentido dos fatos realizados. Ora, quanto ao Espiritismo, é impossível que muitos desses senhores não estejam no estado de se vencerem por si mesmos da realidade das coisas; conhecemos pessoalmente mais de um desses casos. Um deles nos disse um dia: "Pode-se me proibir de falar em favor do Espiritismo, mas me obrigar a falar contra a minha convicção, a dizer que tudo isso é obra do demônio, quando tenho a prova material do contrário, é o que não farei jamais."

Dessa divergência de opinião ressalta um fato capital, é que a doutrina exclusiva do demônio é uma opinião individual que deverá, necessariamente, curvar-se diante da experiência e da opinião geral. Que alguns persistam em suas idéias até *in extremis*, é possível, mas eles passarão, e com eles as suas palavras.

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO.

O ardor dos adversários em recolher, e sobretudo em desnaturar os fatos que crêem poder comprometer o Espiritismo, é verdadeiramente incrível; está num ponto que não haverá logo um acidente qualquer do qual não o tornem responsável.

Um fato lamentável ocorreu recentemente em Tours, e não podia faltar de ser explorado pela crítica, foi o suicídio de dois indivíduos que se esforçaram por atribuir ao Espiritismo.

O jornal *lê Monde* (antigo *Univers religieux*, e depois dele vários jornais, publicaram sobre esse assunto um artigo do qual extraímos as passagens seguintes:

"Um casal muito avançado em idade, Sr. e senhora ***, ainda bem de saúde e gozando de uma renda que lhes permitia viver comodamente, se entregou há dois anos às operações do Espiritismo. Quase toda noite se reuniam em sua casa um certo número de operários, homens e mulheres, e pessoas jovens dos dois sexos, diante dos quais nossos dois Espíritos faziam suas evocações, *pelo menos pretendiam fazê-las*.

"Não falaremos das questões *de toda espécie* das quais se pedia solução aos Espíritos nessa casa. Aqueles que conheciam essas duas pessoas, há muito tempo, e seus sentimentos sobre a religião, jamais se surpreenderam das cenas que poderiam se produzir em sua casa. *Estranhos a toda idéia cristã, estavam lançados na magia, onde passavam por mestres hábeis e completos*.

.....

"Um e o outro estavam convencidos, há pouco tempo, que os Espíritos lhes convidavam vivamente a deixar a Terra, a fim de gozar num outro mundo, o mundo supraterrrestre, de maior soma de felicidade. Com efeito, não duvidando que seria assim, com o maior sangue frio, consumaram um duplo suicídio, que fez hoje um grande escândalo na cidade de Tours.

.....

"Assim, é hoje o suicídio que se tem a constatar como resultado do Espiritismo e de sua *doutrina*; ontem eram casos de loucura, sem falar das desordens domésticas e de *outras desordens* às quais o Espiritismo, *tão freqüentemente*, tem dado ocasião. Isto não basta para fazer compreender aos homens que não querem escutar a voz da religião, a quais perigos estão expostos entregando-se a essas tenebrosas e estúpidas práticas?"

Notemos primeiro que se esses dois indivíduos *pretendiam fazer evocações*, é que não a faziam realmente; portanto, se não faziam evocações reais era uma quimera, e os Espíritos não podem lhes ter dado maus conselhos.

Eram Espíritos, quer dizer, Espíritos de coração e não de nome? O artigo constata que *eles eram estranhos a toda idéia cristã*; além disso, que passavam por *mestres hábeis e completos em fato de magia*; ora, está constatado que o Espiritismo é inseparável das idéias religiosas, e sobretudo cristãs; que a negação destas é a negação do Espiritismo; que ele condena as práticas da magia, com as quais nada tem de comum; que denuncia como supersticiosa a crença na virtude dos talismãs, sinais cabalísticos e palavras sacramentais; portanto, essas pessoas não eram Espíritos, uma vez que estavam em contradição com os princípios do Espiritismo. Para homenagear a verdade, diremos que, tomadas as informações acima, resulta que essas pessoas não se ocupavam de magia, e que, sem dúvida, quis se aproveitar da circunstância para unir seu nome ao Espiritismo.

O artigo disse, além disso que, em sua casa, eram feitas aos Espíritos *perguntas de toda espécie*. O Espiritismo diz expressamente que não se podem dirigir aos Espíritos todas as espécies de perguntas; que eles vêm para nos instruir e nos tornar melhores, e não para se ocuparem dos interesses materiais; que é se equivocar sobre os objetivos das manifestações nelas vendo apenas um meio de conhecer o futuro, de descobrir tesouros ou heranças, de fazer invenções ou descobertas científicas para se ilustrar ou se enriquecer sem trabalho; em uma palavra, que os Espíritos não vêm ler a sorte; portanto, fazendo aos Espíritos *perguntas de toda espécie*, o que é muito real, esses indivíduos provam a sua ignorância do próprio objetivo do Espiritismo.

O artigo não disse que disso fizessem negócio, e, com efeito, assim não era, de outro modo lembraríamos o que foi dito cem vezes a respeito dessa exploração e de suas conseqüências, das quais o Espiritismo sério não pode assumir a responsabilidade *legal*

ou outra, não mais do que assume a das excentricidades daqueles que não o compreendem; não toma a defesa de nenhum dos abusos que poderiam ser cometidos em seu nome, por aqueles que dele tomassem a forma ou a *máscara* sem assimilar-lhe os princípios.

Uma outra prova de que esses indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo prova, não por uma simples teoria moral, mas por exemplos numerosos e terríveis, que o suicídio é severamente punido; que aquele que crê escapar às misérias da vida por uma morte voluntária, antecipada sobre os desígnios de Deus, cai num estado muito mais infeliz. O Espírita sabe, pois, disso não se pode duvidar, que pelo suicídio, troca-se um estado mau passageiro por um pior, que pode durar muito tempo; é o que teriam sabido esses indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, adiantando que essa doutrina conduz ao suicídio, pois, falou, ele mesmo, de uma coisa que não conhecia.

Não estamos de nenhum modo surpresos do resultado produzido pelo barulho que se fez desse acontecimento. Apresentando-o como uma conseqüência da Doutrina Espírita, estimulou-se a curiosidade, e cada um quis conhecer por si mesmo essa Doutrina, com direito a repeli-la se fosse tal como se a apresentava; ora, reconheceu-se que ela dizia tudo ao contrário daquilo que se lhe fazia dizer; ela não pode, pois, senão ganhar em ser conhecida, do que nossos adversários parecem se encarregar com ardor com o qual não podemos senão lhes ser agradecido, salvo, no entanto, da intenção. Se por suas diatribes produzem uma pequena perturbação */oca/ e momentânea*, não tarda em ser seguida de uma recrudescência no número de adeptos; é o que se vê por toda a parte.

"Se, pois, se nos escrevem de Tours, esses indivíduos creram dever misturar os Espíritos em sua fatal resolução e às suas excentricidades bem conhecidas, é evidente que nada compreenderam do Espiritismo, e que disso não se pode tirar nenhuma conclusão contra a Doutrina; de outro modo seria preciso pronunciar as doutrinas mais sérias e mais sagradas dos abusos, e mesmo dos crimes cometidos em seu nome por pobres insensatos ou fanáticos. A senhora F... pretendia ser médium, mas todos aqueles que a ouviram conversar, jamais puderam tomá-la a sério. As idéias muito conhecidas, os exageros e as excentricidades do casal, e sobretudo da mulher, lhes fizeram impiedosamente fechar as portas do círculo espírita de Tours, onde *não foram admitidos em uma única sessão.*"

O jornal precitado não estava melhor informado sobre as verdadeiras causas desse suicídio. Nós as haurimos nas peças autênticas depositadas num notário de Tours, assim como numa carta que nos foi escrita a esse respeito pelo Sr. X..., procurador judicial dessa cidade.

Os esposos F..., idosos, a mulher de sessenta e dois anos e o marido de oitenta, longe de estar no bem-estar, foram levados ao suicídio pela perspectiva da *miséria única*. Tinham amontoado uma pequena fortuna num comércio de tecido de algodão em Nouvelle-Orléans; arruinados por falências, vieram a Nantes, depois a Tours, com alguns restos de seu naufrágio. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, lhes faltou em 1856, em conseqüência de uma nova falência. Já por três vezes, e bem antes que o Espiritismo estivesse em questão, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz acabara de arruiná-los e de lhes fazer perder a coragem e a razão.

A carta seguinte, escrita pela senhora F... antes de sua morte, e que se encontra entre as peças acima relatadas, e assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur*, fez conhecer-lhe o verdadeiro motivo. Transcrevemo-la textualmente com a ortografia original:

"Senhor e senhora B..., antes de seguir para o céu, quero me entender convosco uma última vez, aceitai meus últimos adeuses, se bem que, espero, no entanto, que nos reveremos, como parto antes de vós, vou reservar o vosso lugar para quando o momento vier quero vos dar parte de nosso projeto, depois de nossas adversidades nutrimos no nosso coração, um desgosto que não pude apagar, é mais do que um tédio, tudo me tor-

na pesado, tenho constantemente o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que, há seis anos, que o negócio de nossa casa nada está ainda acabado, seria preciso talvez completar ainda dois mil francos como vemos que disso não poderemos sair senão com grandes privações, que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso isso acabar, agora somos velhos e as forças começam a nos abandonar, falta a coragem, a parte não é mais igual, é preciso terminar com isso e combinamos a determinação. Rogo-vos muito aceitar meus desejos muito sinceros.

F° F..."

Sabe-se hoje em Tours a que se ater sobre as verdadeiras causas desse acontecimento, e o barulho que se fez a esse respeito volta em proveito do Espiritismo, porque, disse nosso correspondente, dele se fala por toda parte, se quer saber o justo e o que isso é, e desde esse momento as livrarias da cidade venderam mais livros espíritas do que não o tinham ainda feito.

É verdadeiramente curioso ver o tom lamentável de alguns, a cólera furiosa de alguns outros, e no meio de tudo isso o Espiritismo prosseguindo em sua marcha ascendente, como um soldado que toma de assalto sem se inquietar com a metralha. Os adversários, vendo a zombaria impotente, depois de terem dito que era um fogo-fátuo, dizem agora que é um cão raivoso.

VARIEDADES

Lê-se no *Siècle* de 23 de março de 1862:

O casal C..., morando à rua Notre-Dame de Nazareth, tinha dois filhos, um menino de quinze meses, e uma menina de cinco anos que jamais se viam, porque ninguém penetrava em sua casa. Só uma vez se havia percebido atada sob as axilas e suspensa em uma porta, e freqüentemente ouviam-se gemidos sair de seu alojamento. Correu o boato de que era objeto de odioso tratamento. O comissário de polícia foi em sua casa e precisou empregar a força para nela entrar.

Um espetáculo terrível se ofereceu às pessoas que entraram. A pobre menina estava sem camisa nem meia, coberta somente com uma pequena roupa de chita, numa sujeira repelente. A carne dos pés tinha acabado por aderir ao couro do sapato. Estava sentada sobre um pequeno urinol, encostado contra uma caixa e mantido por cordas que passavam nos cabos da caixa. Resultou do inquérito que ela estava nessa posição há vários meses, o que havia produzido uma hérnia do reto; que os pais se levantavam à noite para atormentar a sua vítima; despertavam-na batendo nela, a mulher com tenazes e o cabo de um espanador, e o marido com uma corda. Sob as advertências do comissário, o marido respondeu: "Senhor, sou *muito religioso*; minha filha fazia mal suas preces, eis porque quis corrigi-la."

Que diria o autor do artigo citado mais acima, a propósito dos suicidas de Tours, se fosse imputada à religião essa barbárie de pessoas que se dizem muito religiosas? o ato dessa mãe que mata seus cinco filhos para enviá-los mais cedo ao céu? o dessa jovem criada que, tomando pela letra a máxima do Cristo: "Se a vossa mão direita vos escandaliza, cortai a vossa mão direita," se corta a mão a golpes de machado? Responderia que não basta se dizer religioso, mas que é preciso sê-lo na boa acepção; que não é preciso tirar uma consequência geral de um fato isolado. Somos desta opinião, e lhe enviamos esta resposta a respeito de suas imputações contra o Espiritismo, a propósito das pessoas que dele não tomam senão o nome.

EXTRATO DA REVUE FRANÇAISE.

Os Espíritos e o Espiritismo, pelo Sr. Flammarion.

Sob esse título, o Sr. Flammarion, o autor da brochura sobre *a Pluralidade dos mundos habitados*, da qual demos conta no nosso número de janeiro último, acaba de publicar na *Revue française* de fevereiro de 1863 (1-(1) *Revue française*, rua de Amsterdam, 35. - 20 -fr. pôr ano. - cada entrega mensal de 120 páginas, 2 fr.), um primeiro e muito interessante artigo do qual damos adiante o início. Esse trabalho, que lhe foi pedido pelo diretor desse jornal, coletânea literária importante e muito divulgada, é uma exposição da história e dos princípios do Espiritismo. Sua extensão lhe dá quase a importância de uma obra especial, não tendo esse primeiro artigo menos de vinte e três páginas grandes in 8^o. O autor acreditou dever fazer, até um certo ponto, abstração de sua opinião pessoal sobre a questão, e permanecer num terreno de alguma sorte neutro, restringindo-se a uma exposição imparcial dos fatos, de maneira a deixar ao leitor toda liberdade de apreciação. Ele começa assim:

"Num século em que a metafísica caiu de seu alto pedestal, onde a idéia religiosa quis se livrar de todo dogma e de todo culto especial, onde a própria filosofia mudou seu modo de raciocinar para se ater ao positivismo da ciência experimental, uma doutrina espiritualista veio se oferecer aos homens, e eles a receberam; propôs-lhes um símbolo de crença, e o adotaram; mostrou-lhes um novo caminho que os leva a regiões inexploradas, e aceitaram seu convite, e eis que essa doutrina, baseada sobre a manifestação dos seres invisíveis, se elevou, apenas saída do berço, acima das afeições ordinárias da vida, e se propagou universalmente entre os povos do antigo e do novo mundo. O que é, pois, esse sopro sob o impulso do qual tantas cabeças pensantes olharam o mesmo ponto do céu?

"Vã utopia ou ciência real, engodo fantástico ou a ciência profunda, o acontecimento está aí sob nossos olhos, e nos mostra o estandarte do Espiritismo reunindo ao seu redor grande número de defensores, contando hoje seus defensores por milhões. Este número prodigioso formou-se no espaço restrito de dez anos.

"Temos, pois, um acontecimento novo sob os olhos: é um fato incontestável. Ora, qualquer que seja, aliás, a frivolidade ou a importância desse acontecimento, não será inútil estudá-lo em si mesmo, a fim de saber se tem direito de nascimento entre os filhos do progresso, se sua marcha é paralela ao movimento das idéias progressivas, ou se não faria, como alguns o pretendem, nos fazer retroceder para as crenças caducas, pouco dignas de serem repostas em honra.

"E como para raciocinar sobre um assunto qualquer importa, antes de tudo, conhecê-lo bem, a fim de não se expor a apreciações errôneas, vamos examinar sucessivamente sobre quais *fatos* o Espiritismo repousa, sobre que base se construiu a teoria de seu ensino, e em que consiste sumariamente essa ciência. Observemos que se trata aqui de fatos e não de sistemas especulativos, de opiniões arriscadas; porque, o que quer que seja o maravilhoso da questão que nos ocupa, o Espiritismo não está menos baseado, pura e simplesmente, sobre a observação dos fatos. Se isso fora de outro modo se não se tratasse senão de uma seita de religião, de uma nova escola de filosofia, temos por certo que esse acontecimento perderia muito de sua importância, e que os homens sérios da época presente, em sua maioria discípulos do método baconiano, não teriam perdido o seu tempo no exame de uma questão de pura teoria. Bastante de utopias se inscreveram sobre o livro da fraqueza humana, para que não se procure mais recolher os sonhos que cérebros exaltados concebem e fazem proclamar cada dia.

"Ora, vamos, francamente e sem dissimulação, abordar essa ciência doutrinária, da qual se diz muito bem e muito mal, talvez sem tê-la estudado bastante. Nessa exposição, começaremos pela origem de sua história moderna, - porque o Espiritismo tem sua história antiga, - e daremos a conhecer os fenômenos sucessivos que o estabeleceram defini-

tivamente; seguindo a ordem natural das coisas, examinaremos o efeito antes de remontar à causa."

Segue o histórico das primeiras manifestações na América, sua introdução na Europa, sua conversão em doutrina filosófica.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Cartão de visita do Sr. Jobard.

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Hoje, venho vos prestar minha visita de boa confraternização e, ao mesmo tempo, vos apresentar um velho companheiro de colégio do qual nossas legiões etéreas vêm de se enriquecer; acolhei-o, pois, como um novo e zeloso partidário da verdade nova. Se quando vivo não foi um Espírita autêntico, pode-se afirmar que não se pronunciou jamais contra as nossas crenças; direi mesmo que, no fundo de sua consciência, nele via para o futuro a salvaguarda de todas as religiões. Mais de uma vez em sua vida teve a insigne felicidade de sentir a iluminação interior que lhe mostrava o caminho da verdade, quando a incerteza estava a ponto de invadir sua alma; também, quando nos trocamos, há apenas algumas horas, nossos fraternos apertos de mão, disse-me com seu doce sorriso: Amigo, tínheis razão!

Se não se prestou ao desenvolvimento de nossas idéias, é que a intuição mediúnica, que agia sobre ele, dava-lhe a entender que a hora nem o momento haviam chegado, e que haveria perigo em fazê-lo no meio das graves complicações de seu ministério, e entre um rebanho tão difícil de dirigir quanto o seu.

Hoje, que está livre dos cuidados da vida terrestre, está muito mais feliz por assistir a uma de vossas sessões; porque já há muito tempo tinha essa ambição de vir sentar-se em vosso meio. Muito freqüentemente teve o desejo de visitar nosso caro presidente, pelo qual tinha uma estima toda particular, apreciando o quanto seus livros e seus ensinamentos conduziam almas, senão ao seio da Igreja, pelo menos à crença e ao respeito de Deus, e à certeza da imortalidade. No entanto, devo dizer-lhe, quando fui visitá-lo, me recebendo com a efusão de um antigo discípulo, opusera ao meu zelo, talvez exagerado, de convertê-lo, a famosa razão de Estado, diante da qual devi-me inclinar. Todavia, em me reconduzindo, disse-me estas palavras simpáticas: *Si non é vero é bene trovato!*

Agora que ele veio juntar-se às nossas falanges, e que os mesmos escrúpulos não o retêm mais, faz votos pelo sucesso de nossa obra, e olha com alegria o futuro que ela promete à Humanidade; contempla com uma alegria inefável a terra prometida às novas gerações, ou antes às velhas gerações que já tanto lutaram, e prevê a hora bendita em que seus sucessores erguerão resolutamente essa nova bandeira da fé gálica: o Espiritismo!

O que quer que seja, meu caro presidente e meus bem-amados confrades, tive a honra de receber, às portas da vida, este venerável amigo, e estou orgulhoso de apresentá-lo no meio de vós; encarrego-me de vos assegurar de todas as suas simpatias e dizer-vos que seguirá com muito interesse vossos trabalhos e vossos estudos. À felicidade de ser seu intérprete junto a vós, junto o de vos apresentar as felicitações de uma legião de grandes Espíritos que seguem assiduamente as vossas sessões; trago-vos, pois, em meu nome e no seu, o tributo de nossa estima e os votos que formamos para o sucesso da grande causa.

Vamos! dentro em pouco a Terra não contará mais entre seus habitantes senão alguns raros humanísimos. Aperto a mão de Allan Kardec em nome de todos os vossos ami-

gos de além-túmulo, em nome dos quais peço-vos contar-me como um dos mais devotos.
JOBARD.

Sede severos convosco e indulgentes para com os vossos irmãos.

(1ª Homília.)

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863. - Médiun, Sr. d'Ambel.)

É a primeira vez que venho conversar convosco, meus caros filhos; teria querido escolher um médium mais simpático aos sentimentos que foram o móvel de toda a minha vida terrestre e mais apto a prestar-me um concurso religioso; mas, uma vez que Santo Agostinho há muito tempo se apoderou do médium cujos materiais cerebrais me seriam mais úteis, e para o qual me sentia levado, dirijo-me a vós por este de quem meu excelente condiscípulo Jobard serviu-se para me apresentar em meio de vossa filosófica sociedade. Terei, pois, muita dificuldade para exprimir, hoje, o que vos quero dizer: primeiro, em razão da dificuldade que sinto em manipular a matéria mediana, não tendo ainda o hábito dessa propriedade de meu ser desencarnado; e em seguida daquela que tenho que fazer jorrar minhas idéias de um cérebro que não as admite todas. Dito isto, abordo o meu assunto.

Um espirituoso corcunda da antigüidade dizia que os homens de seu tempo levavam um duplo alforje, cujo bolso de trás continha seus defeitos e suas imperfeições, ao passo que o bolso da frente recebia todos os defeitos de outrem; é o que, mais tarde, o Evangelho lembrou pela alegoria da palha e da trave no olho. Meu Deus! meus filhos, seria bem tempo que os sacos do alforje mudassem de lugar; e cabe aos Espíritas sinceros operar essa modificação levando diante deles o bolso que contém suas próprias imperfeições, a fim de que as tendo continuamente sob os olhos, cheguem a se corrigir delas, e a que contém os defeitos de outrem do outro lado, a fim de não mais ligar-lhes uma vontade ciumenta e zombadora. Ah! como será digno da doutrina que confessais, e que deve regenerar a Humanidade, de ver seus adeptos sinceros e convictos a agirem com essa caridade que proclamam e que lhes manda não mais se aperceber da palha que incomoda a vista de seu irmão, e de se ocupar, ao contrário, com ardor e se desembaraçar da trave que os cega a si mesmos. Ai! meus queridos filhos, essa trave é formada pelo feixe de vossas tendências egoístas, de vossos maus pendores e de vossas faltas acumuladas pelas quais, até o presente, como todos os homens, professastes uma tolerância paternal muitíssimo grande enquanto que, na maior parte do tempo, não tínheis senão intolerância e severidade para com as fraquezas de vosso próximo. Gostaria de tal modo de vos ver inteiramente livres dessa enfermidade moral do resto dos homens, ó meus queridos Espíritas, que vos convido, com todas as minhas forças, para entrarem neste caminho que vos indico. Sei bem que já muito de vossos lados veniais se modificaram no sentido da verdade; mas vejo ainda tanta moleza e tanta indecisão em vós para o bem absoluto, que a distância que vos separa do bando dos pecadores endurecidos e dos materialistas não é tão grande, que a torrente não possa vos levar ainda. Ah! resta-vos uma rude etapa a percorrer para chegar à altura da santa e consoladora doutrina que os Espíritos, meus irmãos, já vos revelam há vários anos.

Da vida militante da qual, graças disso sejam dadas ao Senhor, acabo de sair, vi tantas mentiras se afirmarem como verdades, tantos vícios se ostentarem como virtudes, que estou feliz por ter deixado um meio onde quase sempre a hipocrisia revestia com o seu manto de tristezas e de misérias morais que me cercavam; e não posso senão vos felicitar de ver que as vossas fileiras não se abrem facilmente para os fanáticos dessa hipocrisia mentirosa.

Meus amigos, não vos deixeis jamais prender pelas palavras douradas; vede e sondai os atos antes de abrir vossas fileiras àqueles que solicitam essa honra, porque muitos falsos irmãos procurarão se misturar a vós, a fim de levar a perturbação e de semear sur-

damente a divisão. Minha consciência me manda vos esclarecer, e o faço com toda a sinceridade do meu coração, sem me preocupar com ninguém; estais advertidos: agi, doravante, dessa forma. Mas para acabar como comecei, vos peço em graça, meus muito caros filhos, de vos ocupar seriamente convosco mesmos, de expulsardes de vossos corações todos os germes impuros que podem ainda nele estarem ligados, de vos reformar pouco a pouco, mas sem descanso, segundo a sã moral espírita, de serem enfim tão severos para convosco quanto deveis ser indulgentes para com as fraquezas de vossos irmãos.

Se esta primeira homília deixa alguma coisa a desejar pela forma, não a tomeis senão quanto à minha experiência da mediunidade; farei melhor a primeira vez que me será permitido comunicar-me em vosso meio, onde agradeço meu amigo Jobard por me haver apadrinhado. Adeus, meus filhos, eu vos abençôo.

FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE.

FESTA DE NATAL.

(Sociedade Espírita de Tours, 24 de dezembro de 1862. - Médium, Sr. N...)

Esta noite que, no mundo cristão, se festeja o Nascimento do Menino Jesus; mas vós, meus irmãos, deveis também vos rejubilar e festejar o nascimento da nova Doutrina Espírita. Vê-la-eis crescer como essa criança; virá, como ela, esclarecer os homens e lhes mostrar o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem, eles mesmos, pedir a esta Doutrina os recursos que não encontram mais nas idéias antigas. Não vos trarão mais o incenso e a mirra, mas se prosternarão de coração diante das idéias novas do Espiritismo. Não vedes já brilhar a estrela que deve guiá-los? Coragem, pois, meus irmãos; coragem, e logo podereis com o mundo inteiro celebrar a grande festa da regeneração da Humanidade.

Meus irmãos, por muito tempo guardastes em vosso coração o germe dessa doutrina; mas hoje eis que ele aparece à luz com o apoio de um tutor solidamente plantado e que não deixará curvar seus fracos ramos; com esse apoio providencial, crescerá dia a dia e se tornará a árvore da criação divina. Dessa árvore recolhereis frutos que não conservareis só para vós, mas para vossos irmãos que terão fome e sede da fé sagrada. Oh! então, apresentai-lhes esse fruto, e exclamai do fundo do vosso coração: "Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso espírito e alivia as nossas dores físicas e morais."

Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levantar o primeiro germe; e esse germe cresceu e se tornou já uma árvore própria para dar seu fruto. Restar-vos-á alguma coisa, são esses caules que podereis transplantar; mas antes, vede se o terreno ao qual confiais esse germe não esconde, sob seu leito aparente algum verme roedor que poderia devorar o que vos confiou o Mestre.

Assinado: SÃO LUÍS.

FECHAMENTO DA SUBSCRIÇÃO ROUENSE.

Montante da lista publicada no número de março.....	2 722 fr. 05 c.
Sr. V. Fourrier (Versailles), 101; Sr. Lux (Dole), 2f. 50;	
Senhora D... (Paris), 5fr.; Sr. C. L... (Paris), 30 fr.;	
Sr. Blin, cap. (Marseille), 15fr.; Sr. Derivis, pelo décimo-segundo	
grupo espírita de Albi, 16 fr.; Sr. Berger (Cahors), 2 fr.;	
Sr. Cuvier (Ambroise), 14 fr.; Sr. V... (Bayonne), 10 fr.,	
Sr. L. D... (Versailles), 2 f r.; Senhora Borreau (Niort), 2 f r.;	
Sr. D... (Paris), 3 fr.....	111fr.50
Total	2 833 f r. 55 c.

AOS LEITORES DA REVISTA.

As circunstâncias nos forçaram, há algum tempo, a dar mais desenvolvimento aos artigos de fundo e a restringir as comunicações espíritas, pela necessidade de certas refutações da atualidade. Logo iremos poder restabelecer o equilíbrio.

Tratamos, seguramente, de pôr tanta variedade quanto possível, em nosso jornal, para satisfazer a todos os gostos e um pouco todas as pretensões, mas há coisas que passam antes de tudo; estamos felizes em ver que, geralmente, fomos compreendidos, e que se nos têm em conta as complicações de trabalho resultante da luta a sustentar e da extensão incessante da Doutrina, sendo o centro para onde chegam todas as ramificações e os inumeráveis fios desse entrelaçamento que abarca hoje o mundo inteiro. Graças a Deus, nossos esforços são coroados de sucesso, e, como compensação às nossas fadigas, as satisfações morais não nos faltam.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 5

MAIO 1863

ESTUDO SOBRE OS POSSESSOS DE MORZINES

As causas da obsessão e os meios de combatê-la.

(Quinto e último artigo) (1-(1) Ver os números de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril de 1863. Ver também, sobre o mesmo assunto, o n° de abril de 1862, p. 109.).

Assim como se pôde notar, o Sr. Constant chegou em Morzines com a idéia de que a causa do mal fosse puramente física; podia ter razão, porque seria absurdo supor *a priori* uma influência oculta a todo efeito cuja causa é desconhecida. Segundo ele, essa causa está inteiramente nas condições higiênicas, climáticas e fisiológicas dos habitantes. Estamos longe de pretender que devera ter vindo com uma opinião contrária toda decidida, o que não seria mais lógico; dizemos simplesmente que, com sua idéia preconcebida, não viu senão o que podia a isso relacionar, ao passo que se estivesse em suas opiniões admitir somente a possibilidade de uma outra causa, teria visto outra coisa.

Quando uma causa é real, ela deve poder explicar todos os efeitos que produz; se certos efeitos vêm contradizê-la, é que ela é falsa ou não é a única, e então é preciso procurar uma outra. Incontestavelmente, é o caminho mais lógico; e a justiça, em suas investigações para a procura da criminalidade, não procede de outro modo. Tratando-se de constatar um crime, chega com a idéia de que deveu ser cometido de tal ou de tal maneira, por tal meio ou tal pessoa? Não; ela observa as menores circunstâncias, e, remontando dos efeitos às causas, afasta as que são inconciliáveis com os efeitos observados, e, de dedução em dedução, é raro que não chegue à constatação da verdade. Ocorre o mesmo nas ciências; quando uma dificuldade permanece insolúvel, o mais sábio é suspender seu julgamento. Toda hipótese é permitida, então, para tentar resolvê-la; mas se esta hipótese não resolve todos os casos da dificuldade, é que ela é falsa; não tem o caráter de uma verdade absoluta senão se ela dá a razão de tudo. É assim que no Espiritismo, por exemplo, toda constatação material à parte, remontando-se dos efeitos às causas, chega-se ao princípio da pluralidade das existências, como consequência inevitável, uma vez que só ela explica claramente o que nenhuma outra pôde explicar.

Aplicando-se esse método aos fatos de Morzines, é fácil ver que a causa única admitida pelo Sr. Constant está longe de tudo explicar. Constata, por exemplo, que as crises cessam geralmente desde que os doentes estão fora do território da comuna. Se, pois, o mal prende-se à constituição linfática e à má alimentação dos habitantes, como essa causa cessa de agir quando ultrapassaram o ponto que os separa da comuna vizinha? Se as crises nervosas não fossem acompanhadas de nenhum outro sintoma, ninguém duvida que se possa, segundo toda a aparência, atribuí-las a um estado constitucional, mas há fenômenos que somente esse estado não poderia explicar.

O Espiritismo nos oferece aqui uma comparação evidente. No início das manifestações, quando se viram as mesas girarem, baterem, dirigirem-se, se levantarem no espaço

sem ponto de apoio, o primeiro pensamento foi de que isso poderia ser pela ação da eletricidade, do magnetismo, ou de um fluido desconhecido; essa suposição nada tinha de irracional, ao contrário; oferecia toda probabilidade. Mas quando se viram esses mesmos movimentos darem sinais de inteligência, manifestarem uma vontade própria, espontânea e independente, a primeira hipótese, não podendo resolver essa fase do fenômeno, teve que ser abandonada, e foi preciso muito reconhecer num efeito inteligente uma causa inteligente. Qual era essa inteligência? Foi ainda pela via da experimentação que a isso se chegou, e não por um sistema preconcebido.

Citemos um outro exemplo. Quando Newton, observando a queda dos corpos, notou que caíam todos na mesma direção, procurou a causa disso e fez uma hipótese; essa hipótese, resolvendo todos os casos do mesmo gênero, tornou-se a lei da gravitação universal, lei puramente mecânica, porque todos os efeitos eram mecânicos. Mas suponhamos que, vendo cair uma maçã, esta devesse obedecer à sua vontade; que ao seu comando, em lugar de descer ela tivesse subido, fosse indo para a direita ou para a esquerda, fosse parando ou posta em movimento; que tivesse, por um sinal qualquer, respondido ao seu pensamento, teria sido bem forçado em reconhecer outra coisa senão uma lei mecânica, quer dizer, que a maçã não sendo inteligente por si mesma, deveria obedecer a uma inteligência. Assim ocorreu com as mesas girantes; assim deve ser com os doentes de Morzines.

Para não falar senão dos fatos observados pelo próprio Sr. Constant, nos perguntaremos como a má alimentação e um temperamento linfático podem produzir a antipatia religiosa nas pessoas naturalmente religiosas e mesmo devotas? Se fosse um fato isolado, isso poderia ser uma exceção, mas reconhece-se que é geral e que é um dos caracteres da doença ali e em outra parte; eis um efeito, procurai-lhe uma causa; não a conheceis? seja; confessai-o, mas não digais que ela prende-se a que os habitantes comam a batata-inglesa e o pão negro, nem à sua ignorância e à estreiteza de sua inteligência, porque se vos oporá o mesmo efeito nas pessoas que vivem na abundância e receberam instrução. Se bastasse o conforto para curar a impiedade, espantar-se-ia de encontrar tantos ímpios e blasfemadores entre as pessoas que não se recusam nada.

O regime higiênico explicará melhor esse fato, não menos característico e geral, do sentimento da dualidade que se traduz de maneira inequívoca na linguagem dos doentes? Certamente não. É sempre um terceiro que fala; sempre uma distinção entre ele e a jovem, fato constante nos indivíduos no mesmo caso, a qualquer classe da sociedade que eles pertençam. Os remédios são ineficazes por uma boa razão, é que são bons, como esse terceiro o disse, para a jovem, quer dizer, para o *ser* corporal, mas não para o outro, aquele que não se vê, e que, no entanto, a faz agir, a constrange, a subjuga, a lança por terra, e serve-se de seus membros para bater e de sua boca para falar. Disse ele que nada viu que justifique a idéia da possessão, mas os fatos estavam diante de seus olhos, e ele mesmo os cita. Podem se explicar pela causa que lhes atribuí? Não; portanto, essa causa não é a verdadeira; ele via efeitos morais, seria preciso procurar uma causa moral.

Um outro médico, o doutor *Chiara*, que, ele também, visitou Morzines, e publicou sua apreciação (1-(1) *Os Diabos de Morzines*. casa Mégret, cais do Hospital, 51, em Lyon.), constatou os mesmos fenômenos e os mesmos sintomas que o Sr. Constant; mas para ele, como para este último, os Espíritos malignos estão na imaginação dos doentes. Encontramos no seu relato o fato seguinte, a propósito de um doente;

"O acesso começa por um soluço e movimentos de deglutição, pela flexão e o endireitamento alternativos da cabeça sobre o tronco; depois, após várias contorções que dão ao seu rosto, tão doce, uma expressão assustadora: "S... médico, exclama ela, eu sou o diabo..., tu queres me fazer sair da jovem, eu não te temo... vem!... há quatro anos que a possuo: ela é minha, e nela ficarei. - Que fazes nessa jovem? - Atormento-a. -E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal? - Por que a colocaram a mim

para atormentá-la? - És um celerado." Aqui me detenho, atordoado por uma avalanche de injúrias e de imprecações."

Falando de um outro doente, ele disse:

"Depois de alguns instantes de uma cena muda, de uma pantomima mais ou menos expressiva, nossa possessa se pôs a pronunciar pragas horríveis. Escumando de raiva, nos injuriou a todos com um furor sem igual. Mas, dissemos-lhe logo em seguida, não é a jovem que se exprime assim, é o diabo que a possui e que, servindo-se de seu órgão, fala em seu próprio nome. Quanto à nossa possessa, não é senão um instrumento passivo no qual a noção do *eu* está inteiramente abolida. Interpelando-a diretamente, permanece muda: só Belzebu responderá.

"Enfim, depois de mais ou menos três minutos, essa trama apavorante cessou de repente como por encanto. A jovem B... retomou expressão mais calma, a mais natural do mundo, como se nada tivesse se passado. Tricotava antes, e eis que tricota depois, sem que parecesse haver interrompido seu trabalho. Interrogo-a; responde-me não sentir nenhuma fadiga, e de nada se lembrando. Falo-lhe das injúrias que nos disse: ela as ignora; mas parecia com isso estar contrariada e nos pede suas desculpas.

"Em todos esses doentes, a sensibilidade geral é completamente abolida. Pode-se beliscá-las, picá-las, queimá-las, elas não sentem nada. Numa delas fiz uma prega na pele e a atravessei, de lado a lado, com uma agulha comum; o sangue correu, mas ela não sentiu nada.

"Em Morzines vi várias dessas doentes fora do estado de crise, eram meninas gordas e saudáveis, gozando da plenitude de suas faculdades físicas e morais. Ao vê-las, era impossível supor nelas a existência da menor afecção."

Isto contrasta com o estado raquítico, débil e sofredor que os Sr. Constant acreditou notar. Quanto ao fenômeno da insensibilidade durante as crises, não é, como se pôde vê-lo, a única aproximação que esses fatos apresentam com o estado cataléptico, o sonambulismo e a dupla vista.

De todas suas observações, o doutor Chiara conclui com esta definição do mal:

"É um conjunto mórbido, formado de diferentes sintomas, tomado um pouco em todo o quadro patológico das doenças nervosas e mentais; em uma palavra, é uma afecção *sui generis*, à qual

conservarei, ligando pouca importância às denominações, o nome de *histero-demônia* que já se lhe deu."

É o caso de dizer: "Que aquele que tem ouvido ouça." É um mal particular, formado de diferentes partes, e que tem sua fonte um pouco por toda parte. Tanto valeria dizer muito simplesmente: "É um mal que não compreendo." É um mal *sui generis*; estamos de acordo; mas qual é esse gênero ao qual não sabemos mesmo que nome dar?

Poderíamos provar a insuficiência de uma causa puramente material para explicar o mal de Morzines, por muitas outras aproximações, que os nossos próprios leitores farão. Que queiram, pois, reportar-se aos nossos precedentes artigos sobre o mesmo assunto, ao que dissemos da maneira pela qual se opera a ação dos Espíritos obsessores, dos fenômenos que resultam dessa ação, e a analogia disso sairá com a última evidência. Se, para os Morzinenses, o terceiro interveniente é o diabo, é porque se lhes disse que era o diabo, e que não conhecem senão isso. Sabe-se, aliás, que certos Espíritos de baixo estágio divertem-se em tomar nomes infernais para amedrontar. A esse nome substitui em sua boca a palavra *Espírito*, ou melhor, maus *Espíritos*, e tereis a reprodução idêntica de todas as cenas da obsessão e da subjugação que narramos. É incontestável que, numa região onde dominasse a idéia do Espiritismo, uma epidemia semelhante sobrevindo, os doentes se diriam solicitados pelos maus Espíritos, então passariam, aos olhos de certas pessoas, por loucos; dizem que é o diabo: é uma afecção nervosa. É o que teria ocorrido em Morzines se o conhecimento do Espiritismo ali tivesse precedido à invasão desses Espíritos, e é então que seus adversários teriam gritado alto lá! sobre ele; mas a Provi-

dência não quis lhes dar essa satisfação passageira; ao contrário, quis provar-lhes a impossibilidade de combater o mal pelos meios comuns.

No final de conta, recorreu-se ao isolamento dos doentes que foram dirigidos aos hospitais de Thonon, Chambéry, Lyon, Mâcon, etc. O meio era bom; porque, quando foram todos transportados, pôde-se se gabar de dizer que não havia mais nenhum deles na região. Essa medida podia ser fundada sobre um fato observado, o da cessação das crises fora da comuna, mas parecia ter sido sobre uma outra consideração: o isolamento dos doentes. De resto, a opinião do Sr. Constant é categórica; ele disse: "Deveria ali ter uma espécie de lazareto onde poder-se-ia esconder, logo que se mostrem, as desordens morais e nervosas cuja propriedade contagiosa está estabelecida, disse meu velho amigo o doutor Bouchut. À espera de melhor, esse lazareto está encontrado, é o asilo dos alienados; é o único lugar verdadeiramente conveniente para o tratamento racional e completo dos doentes que me ocupam, seja que se admita que sua doença é bem uma forma, uma variedade de alienação, e quando muito mesmo, ainda que não se quisesse que o fossem, a nenhum título, tomados por alienados; é preciso produzir sobre eles um certo grau de intimidação, ocupar seu espírito de maneira a deixar o menos tempo possível para suas preocupações e para outras preocupações; subtraí-los totalmente de toda influência religiosa irrefletida e não medida, às conversas, a conselhos ou observações suscetíveis de manter seu erro, que, ao contrário, é preciso combater todos os dias; dar-lhes um regime apropriado; obrigá-los enfim a se submeter às prescrições que poderia ser útil associar a um tratamento puramente moral e ter os meios de execução. Acham-se reunidas todas essas condições necessárias, essenciais, em outra parte senão num asilo? Teme-se para esses doentes o contato com os verdadeiros alienados; esse contato tem sido menos deplorável do que não se pensou, e tem sido fácil, depois de tudo, consagrar provisoriamente um quarteirão inteiro somente aos doentes de Morzines. Se sua aglomeração tivesse alguns inconvenientes, ter-se-iam encontrado compensações na própria reunião, e fico convencido de que o nome de asilo, de casa de loucos, só ele poderia talvez conduzir a mais de uma cura, e que se tivessem encontrado poucos diabos que uma ducha não tivesse posto em fuga."

Estamos longe de partilhar o otimismo do Sr. Constant sobre a inocuidade do contato dos alienados e a eficácia das duchas em semelhante caso; estamos persuadidos, ao contrário, que um tal regime pode produzir uma loucura verdadeira ali onde não há senão uma loucura aparente; ora, notai bem que, fora das crises, os doentes têm seu bom senso e são sadios de corpo e de espírito; não há, pois, neles senão uma perturbação passageira que não tem nenhum dos caracteres da loucura propriamente dita. Seu cérebro, necessariamente enfraquecido pelos abalos freqüentes que experimenta, estaria ainda mais facilmente impressionado pela visão dos loucos e só pela idéia de estar com os loucos. O Sr. Constant atribui o desenvolvimento e a manutenção da doença à imitação, à influência das conversas que os doentes têm entre si, e aconselha colocá-los com os loucos ou encerrá-los num quarteirão do hospital! Não é uma contradição evidente, e é isso o que entendem por tratamento moral?

Na nossa opinião, o mal é devido a uma outra causa e deve requerer meios curativos muito diferentes. Tem sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e o mundo invisível, que nos cerca, e no meio do qual vivemos, quer dizer, entre os homens e os Espíritos, que não são outros senão as almas daqueles que viveram e entre os quais há bons e maus. Essa reação é uma das forças, uma das leis da Natureza, e produz uma multidão de fenômenos psicológicos, fisiológicos e morais incompreendidos, porque a causa era desconhecida; o Espiritismo nos fez conhecer essa lei, e desde que os efeitos estão submetidos a uma lei da Natureza, nada têm de sobrenatural. Vivendo no meio desse mundo, que não é tão imaterial quanto se pensa, uma vez que esses seres, embora invisíveis, têm corpos fluídicos semelhantes aos nossos, sentindo-nos a influên-

cia; a dos bons Espíritos é salutar e benfazeja, a dos maus é perniciosa como o contato das pessoas perversas na sociedade.

Dizemos, pois, que em Morzines uma nuvem desses seres invisíveis malfazejos abateu-se momentaneamente sobre essa *localidade*, como isso ocorreu em muitas outras, e não é nem com as duchas, nem com uma alimentação succulenta que serão expulsos. Uns os chamam *diabos* ou *demônios*; nós os chamamos simplesmente *maus Espíritos* ou *Espíritos inferiores*, o que não implica uma melhor qualidade, mas o que é muito diferente pelas conseqüências, tendo em vista que a idéia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da Humanidade, e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não são outros senão as almas dos homens que foram maus sobre a Terra, mas que acabam por se melhorar um dia; vindo a essa localidade, eles fazem, como Espíritos, o que fariam se tivessem vindo em sua vida, quer dizer, o mal que faria um bando de malfeitores. É preciso, pois, expulsá-los, como se expulsaria uma tropa de inimigos.

Está na natureza desses Espíritos o serem antipáticos à religião, porque lhe temem o poder, como os criminosos são antipáticos à lei e aos juizes que os condenam, e exprimem esses sentimentos pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes que estão estritamente na verdade quando dizem não ser senão ecos; o paciente está reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem abatido por um inimigo mais forte, que o constrange a fazer a sua vontade; o *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal; há subjugação obsessional e não possessão.

Que absurdo! dirão certos doutores. Absurdo, tanto que quereis, mas que não é menos hoje tido por uma verdade por um grande número de médicos. Um tempo virá, menos distante do que se pensa, em que, a ação do mundo invisível sendo geralmente reconhecida, a influência dos maus Espíritos será alinhada entre as causas patológicas; será levado em conta o papel importante que o perispírito desempenha na fisiologia, e um novo caminho de cura será aberto para uma multidão de doenças reputadas incuráveis.

Se assim é, dir-se-á, de onde vem a inutilidade dos exorcismos? Isto prova uma coisa, é que os exorcismos tais como são praticados, não valem mais do que as medicinas, e isso porque sua eficácia não está no ato exterior, na virtude das palavras e dos sinais, mas no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos. Os doentes não diziam: "Não são remédios que nos são necessários, mas santos padres;" e insultavam estes dizendo *que não são bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Era a alimentação de batata-inglesa que os fazia falar assim? Não, mas bem a intuição da verdade. A ineficácia do exorcismo em semelhante caso está constatada pela experiência; e por que isto? porque consiste em cerimônias e fórmulas das quais os maus Espíritos se riem, ao passo que cedem ao ascendente moral que lhes impõe; vêem que se quer dominá-los por meios impotentes, e querem se mostrar os mais fortes; são como o cavalo assustadiço que lança por terra o cavaleiro inábil, ao passo que se dobra quando encontrou seu senhor.

"Numa dessas cerimônias, disse o doutor Chiara, havia na igreja onde haviam reunido todos os doentes, um horrível tumulto. Todas essas mulheres caíram em crise simultaneamente, derrubando, quebrando os bancos da igreja e rolando por terra, misturadas com as crianças e os homens, que se esforçavam em vão por contê-las. Proferiam juramentos assustadores, estranhos; interpelam o padre nos mais injuriosos termos."

As cerimônias públicas de exorcismo cessaram desse momento, mas, ia-se exorcisar a domicílio, a qualquer hora do dia e da noite, o que não produzia melhores resultados, e foi preciso renunciar a elas definitivamente.

Citamos vários exemplo da força moral em semelhante caso, e quando dele tivermos muitas provas sob os olhos, bastaria lembrar a que o Cristo exercia e que, para expulsar os demônios, não tinha senão que lhes pedir para que se retirassem. Comparai, no Evangelho, os possessos do seu tempo com os de nossos dias, e vereis uma chocante semelhança. Jesus curava-os por milagres, direis; seja, mas eis um fato que lembrareis tanto menos miraculoso quanto se passou entre os cismáticos.

O Sr. A..., de Moscou, que não tinha lido nosso relato, nos contou, há poucos dias, que em suas propriedades, os habitantes de uma aldeia foram atingidos de um mal em tudo semelhante ao de Morzines; as mesmas crises, as mesmas convulsões, as mesmas blasfêmias, as mesmas injúrias contra os padres, os mesmos efeitos do exorcismo, a mesma impotência da ciência médica. Um de seus tios, Sr. R..., de Moscou, poderoso magnetizador, homem de bem por excelência, muito piedoso de coração, tendo vindo visitar esses infelizes, parou as convulsões mais violentas pela única imposição das mãos, que acompanhava sempre de uma fervorosa prece. Reiterando esse ato, acabou por curar quase todos radicalmente.

Este exemplo não é o único; como explicá-lo se não for pela influência magnética secundada pela prece, remédio do qual os materialistas usam pouco, porque não se encontra nem no codex nem nas farmácias? remédio poderoso, no entanto, quando parte do coração e não dos lábios, e que se apoia sobre uma fé viva e um desejo ardente de fazer o bem. Descrevendo a obsessão nos nosso primeiros artigos, explicamos a ação fluídica que se exerce nessa circunstância, e disso concluímos, por analogia, que teria sido um poderoso auxiliar em Morzines.

O que quer que seja, o mal parece chegado ao seu termo, as condições da região, no entanto, permanecem as mesmas. Por que isto? é o que não nos é permitido ainda dizer; mas, como se reconhecerá mais tarde, terá, mais do que se pensa, servido à causa do Espiritismo, não fosse senão para provar, por um grande exemplo, que aqueles que não o conhecem não estão preservados da ação dos maus Espíritos, e a impossibilidade dos meios ordinários empregados para expulsá-los.

Terminaremos confortando certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns dentre eles teriam podido exercer *dando o mal*, como o dizem; a crença nos lançadores de sorte deve ser relegada entre as crenças supersticiosas. Que sejam piedosos de coração, e que aqueles que estão encarregados de conduzi-los se esforcem por elevá-los moralmente, é o meio mais seguro para neutralizar a influência dos maus Espíritos, e de prevenir o retorno do que se passou. Os maus Espíritos não se dirigem senão àqueles que eles sabem poder dominar, e não àqueles que a superioridade moral, não dizemos intelectual, encouraça contra seus ataques.

Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que é útil de prevenir. Perguntar-se-á, talvez, por que todos aqueles que fazem o mal não são atingidos pela possessão? A isso responderemos que, fazendo o mal, suportam de uma outra maneira a perniciosa influência dos maus Espíritos, dos quais escutam os conselhos, e serão punidos disso com tanto mais severidade quanto ajam com mais conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, de nenhum amuleto, de nenhum sinal, de nenhuma palavra para afastar os maus Espíritos; a pureza de coração e de intenção, o amor de Deus e de seu próximo, eis o melhor talismã, porque lhes tira todo o domínio sobre as nossas almas.

Eis a comunicação que deu sobre esse assunto o Espírito de São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris:

"Os possessos de Morzines estão realmente sob a influência dos maus Espíritos, atraídos nessa região por causas que um dia conhecereis, ou melhor, que reconheceréis vós mesmos um dia. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má; quer dizer, que os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola essa população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços; será o curador desses males dos quais não se conhecia a causa antes, e diante dos quais a ciência fica impotente; sondará as pragas morais, e lhes prodigalizará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, afastará deles os maus Espíritos, atraídos pelos vícios da Humanidade. Se todos os homens fossem bons, os maus Espíritos deles se afastariam, porque saberiam não poder induzi-los ao mal. A presença desses homens de bem fá-los fugir, a dos homens viciados

os atrai, ao passo que é ao contrário para os bons Espíritos. Sede, pois, bons se quiserdes não ter senão bons Espíritos ao vosso redor." (Médium, senhora Costel.)

ALGUMAS REPUTAÇÕES.

Assinalam-nos, de diferentes pontos, novas pregações contra o Espiritismo, todas no mesmo espírito daquelas das quais vos falamos, e como isso não é sempre senão a variante do mesmo pensamento, em termos mais ou menos escolhidos, cremos supérfluo dar-lhes a análise; limitamo-nos a realçar certas passagens, que fazemos seguir de algumas reflexões.

"Meus irmãos, é um cristão que fala aos cristãos, e como tal temos o direito de nos admirar em ver o Espiritismo crescer entre nós. O que é o Espiritismo, eu vos pergunto, se não for uma reunião de *horrores* que só a loucura pode justificar?"

A isso nada temos a responder, se não for que todas as pregações feitas nessa cidade não puderam deter o crescimento do Espiritismo, assim como o constata o orador; portanto, os argumentos que se lhe opõem são menos imperiosos do que os seus; portanto, se as pregações vêm de Deus, e o Espiritismo do diabo, é que o diabo é mais poderoso do que Deus. Nada é brutal como um fato; ora, o fato de propagação do Espiritismo em consequência mesma das pregações é notório, pois, é que se encontram argumentos que dão mais convencimento do que os de seus adversários. E uma trama de horrores, seja; mas haveis de convir que se esses mesmos Espíritos viessem afluir em todas as vossas idéias, em lugar de demônios, com isso vos fadeis santos, e, longe de condenar as evocações, as encorajaríeis.

"Nosso século não respeita mais nada; mesmo a cinza dos túmulos não foi poupada, uma vez que insensatos ousam chamar os mortos para conversar com eles. No entanto, assim é, e eis onde chega esse pretense século de luzes: conversar com os fantasmas."

Conversar com os mortos não é o fato deste século, uma vez que a história de todos os povos prova que se o fez em todos os tempos; a única diferença é que se o faz por toda parte hoje e sem os acessórios supersticiosos com os quais se cercavam outrora as evocações; que se o faz com um sentimento mais religioso e mais respeitoso. De duas uma: ou a coisa é possível, ou ela não o é; se ela não o é, é uma crença ilusória, como a de crer na fatalidade da sexta-feira, na influência do sal derramado; não vemos, pois, que aí haja tantos horrores, e que se falta ao respeito conversando com pessoas que não estão ali; se os mortos vêm conversar conosco, isso não pode ser senão com a permissão de Deus, a menos que se pretenda que venham sem a sua permissão ou contra a sua vontade, o que implicaria que Deus não se ocupa disso, ou que as evocações são mais poderosas do que Deus. Mas notai as contradições: de um lado dizeis que só o diabo se comunica, e de um outro que se perturba as cinzas dos mortos, chamando-os; se for o diabo, não são os mortos, portanto, não se os perturba e não se lhes falta ao respeito; se esses são os mortos, pois, é que não é o diabo. Seria preciso ao menos vos pôr de acordo sobre esse ponto capital. Admitindo que sejam os mortos, reconhecemos que haveria profanação em chamá-los levianamente, por causas fúteis e sobretudo fazendo deles um negócio lucrativo, coisas todas que condenamos, não assumindo mais a responsabilidade daqueles que se afastam dos princípios do Espiritismo sério, que não assumais a dos falsos devotos que não têm da religião senão a máscara, que pregam o que não praticam, ou que especulam sobre as coisas santas. Certamente as evocações feitas nas condições burlescas supostas por um eloqüente orador, que citamos mais longe, seria um sacrilégio, mas, graças a Deus, ali não estamos, e não cremos que a do Sr. Viennois, igualmente narrada adiante, esteja neste caso.

"Fui testemunha, eu mesmo, desses fatos, e ouvi pregar a moral, a caridade, é verdade; mas sobre o que se apoia essa moral, essa caridade? Ai! sobre nada, porque pode se chamar moral uma doutrina que nega as penas eternas?"

Se essa moral leva a fazer o bem sem o medo das penas eternas, com isso ela tem mais mérito. Outrora acreditava-se na impossibilidade de manter os escolares sem o medo da palmatória; eles eram melhores? Não; hoje dela não se serve mais e eles não são piores, ao contrário; portanto, o regime atual é preferível. Julga-se a bondade de um meio pelos seus efeitos. Aliás, a quem se dirige essa moral? àqueles precisamente que não crêem nas penas eternas, e a quem damos um freio que aceitam, ao passo que vós não lhes dais nada, uma vez que não aceitam o vosso. Impedimos de crer na condenação absoluta a quem isso convém? Não, de maneira alguma. Ainda uma vez não nos dirigimos àqueles que têm a fé e a quem essa fé basta, mas àqueles que não a têm ou que duvidam. Amá-lo-íeis mais se permanecessem na incredulidade absoluta? isto seria pouco caridoso. Tendes medo de que não vos levem as ovelhas? é que não tendes grande confiança no poder de vossos meios para retê-las; é que tendes medo de que elas não sejam atraídas pela erva tenra do perdão e da misericórdia divina. Credes, pois, que aquelas que flutuam incertas preferirão os carvões do inferno? De um outro lado, quem deve estar mais convencido das penas eternas senão aqueles que são nutridos no seio da Igreja? Ora, disse por que essa perspectiva não deteve todos os escândalos, todas as atrocidades, todas as prevaricações às leis divinas e humanas, das quais a história está cheia, e que se reproduzem incessantemente em nossos dias? São crimes, sim ou não? Se, pois, aqueles que fazem profissão dessa fé não se detiveram, como quereis que o sejam aqueles que nisso não crêem? Não, é preciso ao homem esclarecido de nossos dias um freio, aquele que a sua razão admite; ora, a crença nas penas eternas, útil talvez para uma outra época, teve seu tempo; ela se extingue todos os dias, e agiríeis inutilmente, não darias mais a vida a esse cadáver que faríeis reviver, os usos e costumes e as idéias da Idade Média. Se a Igreja católica crê a sua segurança comprometida pelo desaparecimento dessa crença, é preciso lamentá-la de repousar sobre uma base tão frágil, porque, se ela tem o verme roedor, é o dogma das penas eternas.

"Também, disse apelo à moralidade de todas as almas honestas; disse apelo aos magistrados, porque são responsáveis por todo o mal que uma semelhante heresia atrai sobre nossas cabeças."

Não sabíamos que, na França, os magistrados estivessem encarregados de perseguir as heresias, uma vez que entre eles, se há católicos, há também protestantes e judeus, heréticos que estariam assim encarregados de perseguirem a si mesmos e de se condenarem; que os há entre os funcionários da mais alta classe.

"Sim, os Espíritas, não temo declará-lo aqui vivamente, não são somente passíveis da polícia correcional, do Tribunal imperial, mas, ouvi-o bem, são ainda passíveis do Tribunal criminal, porque são falsários; assinam comunicações de nomes honrados que, certamente, não teriam assinado, quando vivos, aqueles que se faz tão bem conversar hoje."

Os Espíritas, verdadeiramente, são muito felizes de que Confúcio, Sócrates, Platão, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, Fénelon, etc., não possam vir processá-los por crime de falsa escrita particular. Mas, nisso penso: teriam uma tábua de salvação nos Tribunais criminais onde são julgáveis; porque lá estão os jurados que se pronunciam segundo sua consciência; ora, entre eles há também protestantes e judeus; há mesmo, coisa abominável, filósofos, incrédulos, horríveis livres pensadores, que, tendo em vista as nossas detestáveis leis modernas, se acham por toda parte; portanto, se somos acusados de fazer Santo Agostinho dizer alguma coisa heterodoxa, acharemos sempre jurados para nos absolver. Ó perversidade do século! dizer que em nossos dias Voltaire, Diderot, Lutero, Calvino, João Huss, Arius, teriam sido jurados pelo direito de nascimento, que teriam podido ser juizes, prefeitos, ministros da justiça e mesmo dos cultos! Vede-os, esses tra-

tantes do inferno, se pronunciarem sobre uma questão de heresia! porque, para condenar a assinatura de Fénelon, posta abaixo de uma comunicação supostamente herética, é preciso julgar a questão da ortodoxia, e quem será competente no júri?

"E, no entanto, uma coisa seria bem fácil para interditar semelhantes *crimes enormes!* Que seria preciso fazer? a menor das coisas; e mesmo sem lhes fazer a honra da faixa do comissário, podeis colocar um sargento de cidade na entrada de cada grupo para dizer: não se passa. Pinto-vos o mal, descrevo-vos o remédio, nada de mais, nada de menos, porque os poupo da inquisição."

Muito obrigado, mas não há grande mérito em oferecer o que não se tem, e, infelizmente para vós, não tendes mais a inquisição, sem o que seria duvidoso que nos poupasse dela. Que não dizeis, pois, aos magistrados para interditem a entrada dos templos judeus e protestantes onde se pregam publicamente dogmas que não são os vossos? Quanto aos Espíritas, não têm nem templos, nem padres, mas têm grupos, que para vós é a mesma coisa, a entrada dos quais basta colocar um sargento de cidade para que tudo seja dito; é bem simples, com efeito; mas não vos esqueçais de que os Espíritos forcem todas as senhas e entram por toda parte sem pedir a permissão, mesmo em vossa casa, porque ali tendes ao vosso lado os que vos escutam, sem que disso desconfieis, e, o que é mais, falam aos vossos ouvidos; fazei voltai bem vossas lembranças e vereis que tivestes mais de uma manifestação sem procurá-la.

Pareceis ignorar uma coisa, que é bom que saibais. Os grupos espíritas não são de nenhum modo necessários; são simples reuniões onde ficam felizes de se reencontrarem pessoas que pensam do mesmo modo; e a prova disso é que há hoje na França mais de seiscentos mil Espíritas dos quais noventa e nove por cento não fazem parte de nenhum grupo, e nele jamais puseram o pé; que numa multidão de cidades não há nenhum deles; que nem os grupos, nem as sociedades, abrem suas portas ao público para pregarem suas doutrinas aos transeuntes; que o Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas, porque ele responde a uma necessidade da época; que essas idéias estão no ar e são aspiradas por todos os poros da inteligência; que o *contágio* está no exemplo daqueles que são felizes de suas crenças e que se encontram por toda parte, no mundo, sem ir procurá-los nos grupos. Assim, não são os grupos que fazem a propaganda, uma vez que não chamam o primeiro que chega; ela se faz, passo a passo, de indivíduo a indivíduo; portanto, admitamos a interdição de todas as reuniões, os Espíritas delas seriam tirados para permanecer em suas casas e se reunir em família, assim como isso se faz em milhares de lugares, sem que o Espiritismo disso sofra, muito ao contrário, uma vez que sempre censuramos as grandes assembléias como mais nocivas do que úteis, sendo reconhecida a intimidade como a condição mais favorável às manifestações. Interditareis as reuniões de famílias? Colocais um sargento de cidade para vigiar o que se passa no canto do fogo? Não se o faz na Espanha; não se o faz em Roma, onde há mais Espíritas e médiuns do que pensais. Não faltaria mais do que isso para fazer crescer ainda mais a importância do Espiritismo.

Admitamos agora a interdição legal dos grupos, sabeis o que fariam esses Espíritas que acusais de semear a desordem? Diriam: "Respeitemos a lei; *dura lex, sed lex*; damos o exemplo, e mostramos que se pregamos a união, a paz e a concórdia, isso não é para nos transformar em promotores de perturbações. As sociedades organizadas não são uma condição necessária para a existência do Espiritismo; não há entre elas nenhuma solidariedade material que possa ser quebrada pela sua supressão; o que os Espíritos nelas ensinam, ensinarão do mesmo modo no colóquio; porque o Espiritismo tem esse privilégio estranho de ter por toda parte seu foco de ensinamento; seu sinal de reunião é o amor de Deus e do próximo, e para colocar em prática, não se tem necessidade de reuniões oficiais, o estende sobre seus inimigos como sobre seus amigos. "Todo o mundo pode dele dizer outro tanto, e a autoridade não encontrou mais de uma vez da resistência, ali onde ela teria devido encontrar o mais da submissão? Se os Espíritas fossem pessoas

turbulentas e também pervertidas quanto o pretendeis, por que é que nos centros onde são mais numerosos os funcionários encarregados de manterem a ordem, têm menos trabalho o que faria dizer a um deles que se todos os seus administrados fossem Espíritas, poderia fechar a sua repartição? Por que é que, entre os militares espíritas, há menos penas disciplinares?

Depois, não pensais que há agora Espíritas por toda a parte, do alto ao baixo da escala social; que há reuniões e médiuns até nas casas daqueles dos quais invocais o apoio contra nós. Vede, pois, que vosso meio é insuficiente; é preciso procurar um outro meio. - Temos os raios do púlpito. - Está bem, e dele usais largamente, mas não vedes que por toda parte onde é fulminada, o número de Espíritas aumenta? - Temos as censuras da Igreja e as excomunhão. - Isso é melhor, mas bateis ainda no vazio; ainda uma vez, o Espiritismo não se dirige nem a vós nem àqueles que estão convosco; não vai procurá-los e dizer-lhes: deixai a vossa religião e segui-me, sereis condenados se não o fizerdes; não, é mais tolerante do que isso, e deixa a cada um sua liberdade de consciência. Dirige-se, como dissemos, à massa inumerável de incrédulos, dos que duvidam e dos indiferentes; aqueles não estão convosco, e vossas censuras não podem atingi-los. Retornam a vós, e os repelis, é muito simplesmente imperícia. Se alguns dos vossos os seguem, é que vossos argumentos não são bastante fortes para retê-los, e não é com o rigor que a isso chegareis. O Espiritismo agrada porque não se impõe e se aceita pela vontade e o livre exame; nisso é de nossa época; ele agrada pela sua doçura, pelas consolações que proporciona nas adversidades, pela inabalável fé que dá no futuro, na bondade e na misericórdia de Deus; além disso, se apoia sobre fatos patentes, materiais, irrecusáveis, que desafiam toda negação; eis o segredo de sua propagação tão rápida; que lhe opondes? sempre a condenação eterna, mau meio pelo tempo que encurta; depois a deturpação de suas doutrinas; vós o acusais de pregar o abortamento, o adultério e todos os crimes; àqueles que não o conhecem? Mas entre eles muitos querem saber o que ocorre com essa abominável doutrina; lêem, e vendo que ela diz tudo o contrário daquilo que se lhe fez dizer, vos deixam para segui-lo, e isso sem que vá procurá-los.

A posição, eu o sei, é embaraçadora; porque vos dizeis: Se falamos contra o Espiritismo, lhe recrutamos partidários; se nos calamos, ele caminha sozinho. Que fazer então? Outrora dizia-se: Deixai passar a justiça do rei; agora é preciso dizer: Deixemos passar a justiça de Deus.

(Continua no próximo número.)

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

Sr. Philibert Viennois.

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de março de 1863. - Médiun, Sr. Leymarie.)

1. Evocação.

R. Estou junto a vós.

2. Tínheis prometido, com a senhora V..., que aquele dos dois que ficasse se dirigiria a mim para fazer evocar o primeiro que partiu. A senhora V...fez-me parte de seu dever, e tenho prazer em aceder a ele. Sei que éreis um Espírita fervoroso, e além disso dotado de qualidades do coração; estas circunstâncias não podem senão nos dar o desejo de conversar convosco.

R. Posso, pois, escrever-te e me aproximar de ti para exprimir-te tudo o que meu Espírito sente de benevolente a teu respeito. Obrigado por toda a felicidade que me deste, cara esposa, tu que me fizeste amar a crença, santa regra de meus últimos dias junto a ti.

Estou muito feliz de recolher hoje todos os bens que nos eram prometidos pela fé veneranda que nos afirma uma outra vida senão a da Terra. Estou de posse de um poder desconhecido aos homens; a imensidade nos pertence; posso compreender melhor, amar melhor; minhas sensações não são mais obscuras, e o que há de divino em nós é de uma simplicidade extrema, porque tudo o que é grande é simples; a grandeza é o verdadeiro elemento do Espírito.

Estou sempre perto de ti; doravante serás feliz, porque te cercarei de meu fluido que te fortalecerá, se isso for necessário; quero que sejas sempre corajosa, boa e sobretudo Espírita; com esses três elementos, bendirás a Deus de me ter chamado junto dele, porque te espero, persuadido de que, graças ao Espiritismo, Deus te reserva um bom lugar entre nós.

3. Sede bastante bom, eu vos peço, para nos descrever a vossa passagem no mundo dos Espíritos, vossas impressões e a influência de vossos conhecimentos espíritas sobre a vossa elevação?

R. A morte, que eu esperava, não era uma pena para mim, mas antes um desligamento completo da matéria. O que eu via, era uma nova vida; o futuro divino, essa hora desejada, veio com calma. Lamento, é verdade, a presença de minha companheira, que não podia deixar sem dor: é o último anel da cadeia que une o Espírito à matéria; uma vez rompido, pouco sofri da passagem da vida à morte; meu Espírito levou as preces de minha bem amada. Todas as impressões se extinguíram para me despertar em nosso domínio a nós, Espíritas. A viagem é um sono para o justo; a dilaceração é natural; mas, ao primeiro despertar, que admiração! como tudo é novo, esplêndido, maravilhoso! Aqueles que eu amava, e outros Espíritos, amigos de minhas encarnações precedentes, me acolheram e abriram as portas da existência verdadeira, nesse redil sem limites chamado o céu. Minhas impressões, não podeis compreendê-las, e eu não saberia exprimi-las; tentarei vo-las comunicar numa outra vez.

4. No recebimento da carta da senhora V..., dirigi-lhe uma prece de circunstância. Quereis dizer-me o que pensais disso? R. Obrigado pela vossa benevolência, senhor Kadek; não podíeis fazer melhor. Aqueles que choram os ausentes têm necessidade do Espírito de Deus, mas também do apoio de outros Espíritos benevolentes, e os Espíritos devem sê-lo. Vossa prece emocionou muitos Espíritos levianos e *incrédulos* que são as testemunhas invisíveis de vossas sessões (esta prece havia sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Restituís, freqüentemente, ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desdenhar o conselho de um menor que seja, é reconhecer esse laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas.

5. Queria vos pedir para me dar uma comunicação para a senhora V..., mas vejo que haveis antecipado o meu pensamento.

R. Ao vosso primeiro pedido, respondi à minha mulher quando deveria ter respondido à Sociedade Espírita; perdoai-me, porque cumpria uma promessa. Sei que, pela persuasão, trouxe a vós aqueles que pedem para serem consolados; conversar com os ausentes de um outro mundo será a maior alegria daqueles que não sacrificam tudo ao ouro e ao prazer. Dizei, eu vos peço, à minha mulher que minha presença jamais lhe faltará. Trabalharemos juntos no seu adiantamento espírita. Enviei-lhe minha comunicação; gostaria de dizer-lhe tantas boas palavras que as expressões me faltam; que ela ame sempre a nossa família, a fim de que, pelo seu exemplo, esta possa se tornar Espírita e crer na vida eterna, que á a vida de Deus.

VIENNOIS.

Creemos dever publicar a prece da qual falamos acima, e que nos foi dada pelos Espíritos para as circunstâncias análogas.

Prece para as pessoas a quem tivemos afeição.

Prefácio. - Como é horrível a idéia do nada. Quanto se deve lamentar aqueles que crêem que a voz do amigo que chora seu amigo se perde no vazio e não encontra nenhum eco para lhe responder. Jamais conheceram as puras e santas afeições, aqueles que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é um jogo da matéria que se extingue para sempre, como um sopro; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado, não resta senão um pouco de pó, que o tempo dissipa para sempre!

Como um homem de coração pode permanecer frio a esse pensamento? Como a idéia de um aniquilamento absoluto não lhe gela de pavor e não lhe faz ao menos desejar que não o seja assim? Se até esse dia sua razão não bastou para tirar as suas dúvidas, eis o que o Espiritismo vem dissipar toda a incerteza sobre o futuro pelas provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Por isso, por toda parte, essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, porque o homem sabe, de hoje em diante, que a vida terrestre não é senão uma curta passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos deste mundo não estão perdidos para ele, e que as suas mais santas afeições não estão esfaceladas sem esperança.

Prece. - Deus todo-poderoso, dignai-vos acolher favoravelmente a prece que vos dirijo pelo Espírito de N...; fazei-lhe entrever as vossas divinas claridades, e tornai-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permiti que os bons Espíritos levem a ele as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu que me eras caro neste mundo, ouve minha voz que te chama para te dar um novo testemunho da minha afeição. Deus permitiu que fosses libertado primeiro; eu não poderia me lamentar com isso sem egoísmo, porque seria estar aflito por não ter mais para ti as penas e os sofrimentos da vida. Espero, pois, com resignação, o momento da nossa união no mundo mais feliz, no qual me precedeste.

Sei que a nossa separação não é senão momentânea, e que, tão longa que me possa parecer, a sua duração se apaga diante da eternidade da felicidade que Deus promete aos seus eleitos. Que a sua bondade me preserve de nada fazer que possa retardar esse instante desejado, e me poupe assim a dor de não te reencontrar ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós senão um véu material que te oculta à minha visão! Que tu possas estar aqui, ao meu lado, me ver e me ouvir, como antigamente, e ainda melhor do que antigamente; que não me olvides mais, e que eu mesmo não te olvide; que os nossos pensamentos não cessem de se confundir, e que o teu me siga e me sustente sempre!

UM ARGUMENTO TERRÍVEL CONTRA O ESPIRITISMO.

História de um asno.

Num sermão pregado recentemente contra o Espiritismo, porque a palavra de ordem é dada sobre toda linha para persegui-lo, assim como aos seus partidários, o orador, querendo lhe dar um golpe mortal, contou a historietta seguinte:

"Há três semanas, uma senhora perdeu seu marido. Um medium se apresentou para propor-lhe uma conversa com o defunto, e talvez desfrutar de sua visão. A visão não ocorreu, mas o defunto explicou à sua mulher, pela mão do médium, que não foi julgado

digno de entrar na morada dos bem-aventurados, e que se viu obrigado a se reencarnar *imediatamente*, para expiar seus grandes pecados. Começou a ser onde? A um quilômetro dali, na casa de um moleiro, e na pessoa de um asno roído de pancadas. Julgai da dor da pobre senhora, que corre à casa do moleiro, *abraça o humilde animal* e propõe a sua compra. O moleiro foi duro no negócio, mas enfim cedeu a uma grande bolsa de dinheiro, e o senhor Aliboron ocupa há quinze dias um apartamento particular na casa da senhora, cercado de mais cuidados, que jamais seu semelhante experimentou desde *que aprouve a Deus criar essa raça estimável.*"

Não duvidamos que o auditório haja sido bem convencido por essa historieta; mas, o que temos de testemunhas que ouviram, é que a maior parte achou que estaria melhor seu lugar num folhetim engraçado do que no púlpito, pelo fundo e pela escolha das expressões. Sem dúvida, o orador ignorava que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal. (*O Livro dos Espíritos*, nº 118, 612 e 613.)

O que nos espanta mais ainda, é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto de pura invenção e em termos que não brilham pela dignidade. Além disso, é dever de um padre tratar tão livremente a obra de Deus por estas palavras pouco reverentes: "Desde que aprouve a Deus criar essa raça estimável." O assunto foi tanto mais mal escolhido para fazer graça, que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus, e que Jesus não se achou desonrado em entrar em Jerusalém montado sobre um dos indivíduos dessa raça.

Que se coloque em paralelo o burlesco quadro da dor dessa pretensa viúva com o da viúva verdadeira, do qual demos acima o relato, e que se diga qual dos dois é o mais edificante, o mais cheio de um verdadeiro sentimento religioso e de respeito pela Divindade; enfim, o que estaria melhor colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contaís, senhor pregador, quer dizer, não a encarnação num asno., mas a credulidade da viúva com essa encarnação, como castigo, que lugar lhe teríeis dado? As chamas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa mulher viúva, sem dúvida, teria respondido: "Gosto mais ainda de saber meu marido no corpo de um asno do que queimado durante a eternidade. "Suponde agora que ela tivesse que escolher entre vosso quadro de torturas sem fim e o que nos deu mais acima o Espírito do Sr. Viennois, crede que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por vossa própria conta, não hesitaríeis.

ALGUMAS PALAVRAS SÉRIAS A PROPÓSITO DOS GOLPES DE BENGALA.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de uma cidade do Sul:

"Venho hoje vos fornecer uma nova prova de que a cruzada da qual vos falei se traduz de mil formas. Assisti ontem a uma reunião onde se discutia calorosamente pró e contra o Espiritismo. Um dos assistentes expôs o fato seguinte: "As experiências do Sr. Allan Kardec não são melhores daquelas das quais falamos há pouco. O Sr. Kardec se guarde bem de contar em sua *Revista* todas as mistificações e as tribulações que tolera. Sabeis, por exemplo, que no ano último, no mês de setembro, numa reunião de mais ou menos treze pessoas, que ocorreu na casa do mesmo Sr. Kardec, todos os assistentes foram roçados por golpes de bengala pelos Espíritos. Estava eu em Paris nessa época, e tenho esse detalhe de uma pessoa que acabara de assistir a essa reunião e que me mostrou, sobre sua espádua, o lugar pisado por um golpe violento que ela recebera. - Não vi a bengala, disse-me, mas senti o golpe."

"Não tenho necessidade de vos dizer que desejo ser esclarecido sobre esse ponto, e que vos seria muito reconhecido pelas explicações que teríeis a bondade de me dar, etc."

Não iríamos entreter nossos leitores com um fato tão insignificante, se não nos fornecesse o motivo de uma instrução que pode ter sua utilidade neste momento, porque não o finalizaríamos, se nos fosse preciso realçar todos os contos absurdos que se lhe debita.

Resposta. - Meu caro senhor, o fato do qual me falais está nas coisas possíveis, e dela há mais de um exemplo; dizer que se passou em minha casa, é, pois, reconhecer explicitamente a manifestação dos Espíritos; no entanto, a forma do relato denota uma intenção da qual não posso ser muito agradecido ao autor; esse pode ser *um crente*, mas seguramente não é benevolente e esquece a base da moral espírita: a caridade. Se o fato reportado tivesse ocorrido, assim como o pretende a pessoa tão bem informada, eu não teria guardado de passá-lo sob silêncio, porque isso seria um fato capital que não se poderia por em dúvida, uma vez que teria tido, como se disse, trinta testemunhas levando sobre suas espáduas a prova da existência dos Espíritos. Infelizmente para vosso narrador, não há uma palavra de verdade nesse relato; dou-lhe, pois, um desmentido formal assim como àquele que afirma ter assistido a uma sessão, e os coloca, a um e a outro, no desafio de vir sustentar suas afirmativas diante da Sociedade de Paris, como o fazem a duzentas léguas.

Os fazedores de contos não pensam em tudo e se prendem em sua própria armadilha; foi o que ocorreu nessa circunstância, porque há, para o fato tão positivamente afirmado por uma testemunha supostamente ocular, uma impossibilidade material, é que a Sociedade suspende suas sessões de 15 de agosto a 1^o de outubro; que, partindo de Paris no fim do mês de agosto, não estarei de volta senão em 20 de outubro; que, por consequência, no mês de setembro estaria em plena viagem; portanto, como vedes, é um dos álibis dos mais autênticos.

Se, pois, a pessoa em questão levava sobre suas espáduas a marca dos golpes de bengala, uma vez que não houve reunião em minha casa, é que ela recebeu em *outra parte*, e que, não querendo dizer *nem onde nem como*, achou prazer em acusar disso os Espíritos, o que era menos comprometedor e eliminava toda explicação.

Em verdade, fazeis muita honra, meu caro senhor, a esse pequeno conto ridículo, de alinhá-lo entre os atos de cruzada contra o Espiritismo; há-os tantos dessa natureza que seria preciso não ter nenhuma outra coisa a fazer para realçá-los. A hostilidade se traduz por atos mais sérios, e que, no entanto, não são mais inquietantes. Tomais as diatribes de nossos adversários a peito; pensai, pois, que quanto mais se debate para combater o Espiritismo, mais provam a sua importância; se isso não fora senão um mito ou um sonho oco, não se inquietariam tanto com ele; o que os torna tão furiosos e tão obstinados contra ele, é vê-lo avançar contra vento e maré, e de sentir restringir-se cada vez mais o círculo no qual se movem.

Deixai, pois, os maus gracejadores inventar contos para dormir de pé, e outros lancem o veneno da calúnia, porque semelhantes meios são a prova de sua impotência para atacar com boas razões. O Espiritismo nada tem a temer-lhes, ao contrário; são as sombras que fazem ressaltar a luz; os mentirosos o são às expensas de invenção, e os caluniadores pela vergonha que jorra sobre eles. O Espiritismo tem a sorte de todas as verdades novas que levantam as paixões das pessoas das quais podem machucar as idéias ou os interesses; ora, vede se todas as grandes verdades que foram combatidas, com a maior obstinação, não superaram todos os obstáculos que lhe foram opostos, se uma só sucumbiu sob os ataques de seus inimigos; as idéias novas, que não brilharam senão com um brilho passageiro, caíram por si mesmas, e porque não tinham nelas a vitalidade que só a verdade dá; são aquelas que foram menos atacadas, ao passo que aquelas que prevaleceram o foram com mais violência.

Não penseis que a guerra dirigida contra o Espiritismo tenha chegado ao seu apogeu; não, é preciso ainda que certas coisas se cumpram para abrir os olhos dos mais cegos. Não posso nem devo disso dizer mais para o momento, porque não devo entrar a

marcha necessária dos acontecimentos; mas vos digo à espera: Quando ouvirdes invectivas coléricas, quando virdes atos de hostilidade material, de qualquer parte que venha, longe de vós com isso perturbar-vos, aplaudi-os tanto mais quanto poderão ter mais ressonância, é um dos sinais anunciados do próximo triunfo. Quanto aos verdadeiros Espíritos, devem se distinguir pela moderação, é deixar aos seus antagonistas o triste privilégio das injúrias e das personalidades que não provam nada, senão uma falta de saber viver primeiro, e a penúria de boas razões em seguida.

Algumas palavras ainda, eu vos peço, para aproveitar a ocasião, sobre a conduta a ter com relação aos adversários. Tanto é do dever de todo bom Espírita esclarecer aqueles que, de boa fé, procuram sê-lo, tanto é inútil discutir com os antagonistas de má fé ou de propósito, que, freqüentemente mesmo, estão mais convencidos do que o parecem, mas não querem confessá-lo; com estes toda polêmica é ociosa, porque é sem objetivo e não pode ter por resultado fazer-lhe mudar de opinião. Muitas pessoas de boa vontade nos reclamam, para não perdermos nosso tempo com os outros.

Tal é a linha de conduta que todo tempo tenho aconselhado, e tal é a que, invariavelmente, eu mesmo tenho seguido, tendo sempre me abtido de ceder às provocações que me foram feitas para descer na arena da controvérsia. Se por vezes relevo certos ataques e certas afirmações errôneas, é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta, e dar aos Espíritos meios de refutação na necessidade. Aliás, há as que reservam para mais tarde; não tendo nenhuma impaciência, observo tudo com calma e sangue frio; espero com confiança que chegue o momento oportuno, porque sei que ele virá, deixando os adversários se empenharem num caminho sem saída para eles. A medida de suas agressões não está preenchida, e é preciso que esteja; o presente prepara o futuro. Não há até aqui nenhuma objeção séria que não se encontre refutada em meus escritos; não posso, pois, senão a eles enviar para não me repetir sem cessar com todos aqueles que apraze falar daquilo que não sabe a primeira palavra. Toda discussão torna-se supérflua com pessoas que não leram, ou se o fizeram, tomam, premeditadamente o contrário daquilo que está dito.

As questões pessoais se apagam diante da grandeza do objetivo e do conjunto do movimento irresistível que se opera nas idéias; pouco importa, pois, que tal ou tal seja contra o Espiritismo, quando sabe-se que não está no poder de quem quer que seja impedir de se cumprirem os fatos; é o que a experiência confirma cada dia.

Digo, pois, a todos os Espíritos: continuai a semear a idéia; difundi-a pela doçura e pela persuasão, e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia, aos quais não recorreram senão quando não se sentem bastante fortes pelo raciocínio.

Vosso todo devotado,

A. K.

EXAME DAS COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS QUE NOS SÃO DIRIGIDAS.

Muitas das comunicações nos foram dirigidas de diferentes grupos, seja para nos pedir a nossa opinião e nos colocar no estado de julgar suas tendências, seja, da parte de alguns, com esperança de vê-las aparecer na *Revista*; todas nos foram remetidas com a faculdade de dispormos delas como entendêssemos, para o bem da coisa. Delas fizemos o exame a classificação, e não se admirará da impossibilidade que temos de inseri-las todas, quando souber-se que além daquelas que publicamos, há mais de três mil e seiscentas que, somente elas, teriam absorvido cinco anos *completos* da *Revista*, sem contar um certo número de manuscritos, mais ou menos volumosos, dos quais falaremos dentro em pouco. O relatório desse exame nos fornecerá o assunto de algumas reflexões das quais cada um poderá tirar seu proveito.

Entre elas, encontramos as notoriamente más pelo fundo e pela forma, produtos evidentes de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores, e que juram com os nomes mais ou menos pomposos com os quais se revestem; publicá-las, teria sido dar armas fundadas à crítica. Uma circunstância digna de nota é que a totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados e não de grupos. Soa fascinação poderia fazê-los tomar a sério e impedi-los de ver nelas o lado ridículo. O isolamento, como se sabe, favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram um controle na pluralidade das opiniões.

No entanto, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria; a maioria das outras encerram bons pensamentos e excelentes conselhos, mas não se segue que sejam todas boas para serem publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os bons Espíritos ensinam quase a mesma coisa por toda a parte, porque por toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar; está aí um dos caracteres distintivos do Espiritismo; freqüentemente, a diferença não está senão na maior ou menor correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, com relação à publicidade, não é preciso vê-las de seu ponto de vista, mas no do público. Concebemos a satisfação que se sente em obter alguma coisa de bom, sobretudo em começando, mas, além de que certas pessoas possam se iludir sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares obtêm-se coisas semelhantes, e o que é de um grande interesse individual pode ser a banalidade para a massa.

É preciso considerar, além disso, que há algum tempo as comunicações adquiriram, sob todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam bem longe para trás aquelas que se obtinham há alguns anos; o que se admirava então parece pálido e mesquinho junto do que se obtém hoje. Na maioria dos centros verdadeiramente sérios, o ensino dos Espíritos aumentou com a compreensão do Espiritismo. Uma vez que por toda parte recebem-se instruções quase idênticas, sua publicação não pode interessar senão com a condição de apresentar qualidades salientes, como forma ou como importância instrutiva, seria, pois, iludir-se crendo que toda coletânea deve achar leitores numerosos e entusiasmados. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os Espíritos e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal tornado hábito e que ficou distanciado pela amplitude e importância das comunicações atuais, como os deveres do escolar o são para o trabalho do adulto.

Temos sob os olhos a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações, sob o título de *a Mesa falante*, título característico da época; esse jornal teve, diz-se, de quinze a dezoito centenas de assinantes, cifra enorme para a época; ele continha uma multidão de pequenas conversas familiares e de fatos medianímicos que eram então um poderoso atrativo de curiosidade. Nele inutilmente procuramos alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista*; tudo o que ali teríamos haurido seria hoje pueril e sem interesse. Se esse jornal não tivesse cessado de aparecer, por circunstâncias independentes do assunto, não teria podido viver senão com a condição de se colocar no nível do progresso da ciência, e, se ele reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinquenta assinantes. Os Espíritos são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, ninguém duvida de que os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos; mas não é preciso perder de vista que os focos que os produzem se contam por milhares, e que por toda a parte onde se obtêm coisas superiores, não se pode se interessar por aquilo que é fraco ou medíocre.

O que dizemos não é para desencorajar de fazer publicações, longe disso, mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição *sine qua non* de sucesso; os Espíritos, elevando os seus ensinamentos, tornaram-nos difíceis e mesmo exigentes. As publi-

cações locais podem ter uma imensa utilidade sob um duplo aspecto, o de difundir nas massas o ensino dado na intimidade, depois o de mostrar a concordância que existe nesse ensinamento sobre diferentes pontos; as aplaudiremos sempre e as encorajaremos todas as vezes que sejam feitas em boas condições.

Convém de início descartar tudo o que, sendo de um interesse privado, não interessa senão àquele que lhe concerne; depois, tudo o que é vulgar pelo estilo e pelos pensamentos, ou pueril pelo assunto; uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para dela fazer sua instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais; infelizmente o homem está inclinado a pensar que tudo o que lhe apraz deve aprazer aos outros; o mais hábil pode se enganar, e tudo é se enganar o menos possível. Há Espíritos que se divertem em entreter essa ilusão em alguns médiuns; é porque não saberíamos muito recomendar a estes últimos de não relacioná-las ao seu próprio julgamento, e é nisso que os grupos são úteis, pela multiplicidade das opiniões que permitem recolher; aquele que, nesse caso, recusasse a opinião da maioria, se crendo mais iluminado que todos, provaria super abundantemente a má influência sob a qual se acha.

Fazendo aplicação destes princípios de ecletismo às comunicações que nos são dirigidas, diremos que, sobre três mil e seiscentas, há mais de três mil de uma moralidade irrepreensível e excelentes como fundo, mas que sobre esse número não há senão trezentas para a publicidade, e apenas cem de um mérito sem paralelo. Essas comunicações nos tendo vindo de um grande numero de pontos diferentes, disso inferimos que essa proporção deve ser quase real. Pode-se julgar por aí da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo o que vem dos Espíritos, querendo-se atingir o objetivo que se propõe, tanto sob o aspecto material quanto o do efeito moral e "da opinião que os indiferentes podem se fazer do Espiritismo.

Resta-nos a dizer algumas palavras dos manuscritos ou trabalhos de grande fôlego que nos são dirigidos, entre os quais, sobre trinta deles não encontramos senão cinco ou seis tendo um valor real. No mundo invisível, como sobre a Terra, os escritores não faltam, mas os bons escritores são raros; tal Espírito está apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar um excelente conselho particular, que é incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo podendo suportar o exame, quaisquer que sejam, aliás, as suas pretensões e o nome do qual lhe apraz se vestir, não é uma garantia; quanto mais esse nome é elevado, mais obriga; ora, é mais fácil tomar um nome do que justificá-lo; por isso, ao lado de alguns bons pensamentos, freqüentemente, encontram-se idéias as mais excêntricas e os traços, os menos equivocados, da mais profunda ignorância. Foram nessas espécies de trabalhos medianímicos que notamos o mais de sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção da parte do Espírito de fazê-los imprimir, e mais de um pensa erradamente que essa recomendação basta para encontrar um editor empenhado de se encarregar disso.

É sobretudo em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, não querendo se expor a fazer escola às suas custas; além disso, é o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios que se retiram forçosamente quando não acham instrumentos dóceis que possam fazer suas palavras serem aceitas como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, é um fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Não se saberia, pois, cercar-se muito de precauções para evitar as publicações lamentáveis; mais vale, em semelhante caso, pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em resumo, publicando-se as comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil; publicando aquelas que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade; umas há das quais a publicação seria intempestiva, e por isso mesmo nociva: cada coisa deve vir a seu tempo;

várias daquelas que nos são dirigidas estão neste caso, e embora muito boas, devem ser adiadas; quanto às outras, acharão seu lugar segundo as circunstâncias e seu objeto.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Os Espíritos incrédulos e materialistas.

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de março de 1863.)

Pergunta. - Na evocação do Sr. Viennois, feita na última sessão, encontra-se esta frase: "Vossa prece emocionou muitos Espíritos levianos e *incrédulos*." Como Espíritos podem ser incrédulos? O meio onde se encontram não é para eles a negação da incredulidade?

Pedimos aos Espíritos que consintam se comunicar e tratar esta questão, se julgarem a propósito.

Resposta (médium, Sr. d'Ambel). - A explicação que me pedis não está escrita amplamente em vossas obras? Perguntais-me por que os *Espíritos incrédulos* se emocionaram? Mas vós mesmos não dissestes que os Espíritos que se acham na erraticidade ali entraram com suas aptidões, seus conhecimentos e sua maneira de ver passadas? Meu Deus! sou ainda muito novato para resolver, para a vossa satisfação, as questões espinhosas da Doutrina; posso, no entanto, por experiência, por assim dizer fracamente adquirida, responder às questões de fatos. Geralmente, crê-se, no mundo que habitais, que a morte vem de repente modificar as opiniões daqueles que dele se vão, e que a venda da incredulidade é violentamente arrancada daqueles que negam a Deus sobre a Terra: aí está o erro, porque a punição começa justamente, para aqueles, permanecendo na mesma incerteza relativamente ao Senhor de todas as coisas, e para conservar sua dúvida da Terra. Não, crede-me, a visão obscurecida da inteligência não percebe instantaneamente a luz; procede-se na erraticidade com ou ao menos tanto de prudência quanto sobre a Terra, e não se projetam os raios da luz elétrica sobre os olhos daqueles que estão doentes da vista, para curá-los.

A passagem da vida terrestre para a vida espiritual oferece, isto é certo, um período de confusão e de perturbação para a maioria daqueles que desencarnam; mas há alguns, quando vivos já libertos dos bens da Terra, que cumprem essa transição tão facilmente quanto uma pomba que se eleva no ar. É fácil de vos dar conta dessa diferença, examinando os hábitos dos viajantes que embarcam para atravessar os oceanos; para alguns a viagem é uma partida de prazer, para a maioria é um sofrimento vulgar, mas acabrunhante, que durará até o momento do desembarque. Pois bem! por assim dizer, ocorre o mesmo para o viajor da Terra ao mundo dos Espíritos. Alguns se libertam rapidamente, sem sofrimento e sem perturbação, ao passo que outros são submetidos ao mal da travessia etérea; mas ocorre isto: é que do mesmo modo que os viajores que tocam a Terra ao sair do navio encontram sua firmeza e sua saúde, do mesmo modo que o Espírito que transpôs todos os obstáculos da morte acaba por se encontrar, como no seu ponto de partida, com a consciência limpa e clara de sua individualidade.

É, pois, certo, meu caro senhor Kardec, que os incrédulos e os materialistas absolutos conservam a sua opinião além do túmulo até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro de que se encontra enterrado. Daí essa difusão de idéias nas manifestações e essa divergência nas comunicações dos Espíritos de além-túmulo; daí alguns ditados ainda manchados de *ateísmo* ou de *panteísmo*.

Permiti-me, finalizando, retornar a questões que me são pessoais. Agradeço-vos por me terem feito evocar; isto me ajudou a me reconhecer; agradeço-vos também as consolações que dirigistes à minha mulher, e vos peço continueis vossas boas exortações, a fim

de sustentá-la nas provas que a esperam. Quanto a mim, estarei sempre junto dela e a inspirarei.

VIENNOIS.

Pergunta. - Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreende o materialismo, uma vez que seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada após a morte.

Resposta (médium, Sr. d'Ambel). - Uma palavra somente: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, aqueles que, durante sua vida, não admitiam senão um princípio na Natureza, a matéria, não percebem, freqüentemente, ainda depois da sua morte senão esse princípio único, e absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a sua vida, os encontrareis certamente, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se consideram como corpos fluídicos, eis tudo. Notai bem, eu vos peço, que se percebem sob uma forma nitidamente circunscrita, toda vaporosa que ela seja, e idêntica à que tinham sobre a Terra no estado sólido ou humano. De tal sorte que não vêm, em seu novo estado, senão uma transformação de seu ser na qual não tinham pensado; mas ficam convencidos de que é uma progressão para o fim ao qual chegarão quando estiverem suficientemente libertos, para se apagarem no grande todo universal. Não há nada de tão renitente do que um sábio, e eles persistem em pensar que esse fim, por ser retardado, por isso não é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de impedi-los de se afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão ra-diosas, nas altas esferas do império celeste.

ERASTO.

Outra (médium, Sr. A. Didier).- A dúvida é a causa das penas e, muito freqüentemente, das faltas desse mundo; o conhecimento, ao contrário, do Espiritismo, motivam as penas e as faltas dos Espíritos.

Onde estaria o castigo se os Espíritos não conhecessem seus erros pela consequência que é a realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria seu castigo se seu coração e sua alma não sentissem todo o erro do ceticismo terrestre e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne e o homem materialista que duvidou neste mundo, não duvida mais do outro lado.

O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e as satisfações terrestres, eles que não podem ainda nem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma; e vede o abaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, de lamentar esses bens que fizeram momentaneamente a sua alegria e que fazem atualmente o seu suplício.

Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrestres, pode-se sê-lo mais nas idéias e no espírito do que nos atos da vida. É o que se chama de livres pensadores e aqueles que não ousam aprofundar as causas de sua existência. Aqueles, no outro mundo, serão punidos do mesmo modo; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho rebaixado fá-los sofrer, e lamentam esses dias terrestres onde, pelo menos, tinham a liberdade de duvidar.

LAMENNAIS.

Nota. - Esta apreciação parece, à primeira vista, em contradição com a de Erasto; este admite que certos Espíritos podem conservar as idéias materialistas, ao passo que

Lamennais pensa que essas idéias não são senão o lamento dos gozos materiais, mas esses Espíritos estão perfeitamente esclarecidos sobre seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto; uma vez que vemos Espíritos que, muito tempo mesmo depois de sua morte, se *crêem ainda vivos, vagam ou crêem ocuparem-se de suas ocupações terrestres*, é, pois, que se iludem completamente sobre a sua posição e não se dão nenhuma conta de seu estado espiritual. Desde então, que não crêem estar mortos, não haveria nada de espantoso em que tivessem conservado a idéia do nada depois da morte que, para eles, ainda não chegou. Sem dúvida, foi nesse sentido que Erasto quis falar.

Resposta. - Têm eles, evidentemente a idéia do nada, mas isso não é senão um assunto de tempo. Chega um momento onde, do outro lado o véu se rasga, e onde as idéias materialistas são inaceitáveis. A resposta de Erasto dirige-se sobre fatos particulares e momentâneos; não falei, eu, senão dos fatos gerais e definitivos.

LAMENNAIS.

Nota. - A diferença não era senão aparente e não provinha senão do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É muito evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente materialista; perguntava-se simplesmente se essa idéia era necessariamente destruída logo depois da morte; ora, os dois Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e se pronunciam pela negativa. Acrescentamos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é para ele uma tortura tanto mais pungente quanto não tem as preocupações terrestres para delas fazer diversão.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

As publicações espíritas se multiplicam, e, como dissemos, nossos encorajamentos são dados a todas aquelas que podem servir utilmente à causa que defendemos. São tantas vozes que se elevam e servem para difundir a idéia sob diferentes formas. Se não demos dado nossa opinião sobre certas obras, mais ou menos importantes, tratando de matérias análogas, é que, por medo que não se visse aí um sentimento de parcialidade, preferimos deixar a opinião se formar por si mesma; ora, vemos que a da maioria confirmou a nossa. Pela nossa posição devemos ser sóbrios na apreciação desse gênero, quando sobretudo a aprovação não pode ser absoluta; permanecendo neutro, não se nos acusará de ter exercido uma pressão desfavorável, e, se o sucesso não corresponde à espera, não se poderá atribuir isso a nós.

Entre as publicações recentes, que estamos felizes de recomendar sem restrição, lembraremos notadamente as duas pequenas brochuras anunciadas no nosso último número sobre os títulos de: *o Espiritismo sem os Espíritos* e a *Verdade sobre o Espiritismo experimental nos grupos*, por um Espírita teórico, sobre as quais mantemos a opinião que emitimos dizendo que, num quadro muito restrito, o autor havia sabido resumir os verdadeiros princípios do Espiritismo com uma notável precisão e num estilo atraente. Naquela que é relativa aos grupos, os curiosos e os incrédulos encontrarão uma excelente lição sobre a maneira pela qual convém observar o que se passa nos grupos sérios. - Preço: 50 centavos cada uma; 60 centavos pelo correio. - Casa Dentu, Palais-Royal.

Não podemos omitir, não mais, o jornal *la Vérité*, publicado em Lyon sob a direção do Sr. Edoux, e que anunciamos igualmente. A falta de espaço nos força a limitar-nos em dizer que é um novo combatente que parece ser olhado obliquamente no campo adverso. Assinalou seus princípios por vários artigos de uma alta importância, assinados PHILOLÉTHES, entre os quais nota-se os que têm por título: *o Fundamento do Espiritismo; o Perispírito diante das tradições; o Perispírito diante da filosofia e da história*, etc. Denotam uma pena experimentada, se apoiando sobre uma lógica rigorosa e que pode, perseverando nesse caminho, perseguir nossos antagonistas permanecendo na linha de modera-

ção que parece ser a divisa desse jornal, como a nossa; é pela lógica que é preciso combater, e não pelas personalidades, pelas injúrias e pelas represálias.

ALLAN KARDEC.

Bordeaux terá logo também a sua *Revista* especial, que estaremos felizes em ajudar com os nossos conselhos, uma vez que consintam em no-los pedir. Se, como disso não duvidamos, ela seguirá o caminho da sabedoria e da prudência, não poderá deixar de ter o apoio de todos os verdadeiros Espíritas, daqueles que vêem o interesse da coisa antes das questões de pessoas, de interesse ou de amor próprio; é a estes, sabe-se que nossas simpatias são dirigidas. A abnegação da personalidade, o desinteresse moral e material, a prática da lei de amor e de caridade, serão sempre os sinais distintivos daqueles para quem o Espiritismo não é somente uma crença estéril, nesta vida e na outra, mas uma fé fecunda.

O *Courrier de la Moselle*, jornal de Metz, de 11 de abril de 1863, contém um excelente e notável artigo, assinado: *Um Espírita de Metz*, refutando os casos de loucura atribuídos ao Espiritismo. Gostamos de ver os Espíritas que entram na liça, opor a fria e severa lógica dos fatos às diatribes de seus adversários. Citaremos dele vários fragmentos, que a falta de espaço nos força remeter para o próximo número.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 6

JUNHO 1863

DO PRINCÍPIO DA NÃO-RETROGRADAÇÃO DOS ESPÍRITOS.

Tendo sido levantadas, várias vezes, questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, iremos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todo o mundo, e não deixar aos seus futuros filhos nenhum assunto de querelas de palavras, por isso todos os pontos suscetíveis de interpretação serão sucessivamente elucidados.

Os Espíritos não retrogradam, nesse sentido de que não perdem nada do progresso realizado; podem ficar momentaneamente estacionados; mas de bons, não podem se tornar maus, nem de sábios, ignorantes. Tal é o princípio geral, que não se aplica senão ao estado moral, e não à situação material, que de boa pode se tornar má, se o Espírito a mereceu.

Citemos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduziu às galés; certamente, há para ele uma grande queda como posição social e como bem-estar material; à estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção; e, no entanto, nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão suas faculdades, seus talentos, seus conhecimentos; é um homem caído, e é assim que é preciso entender os Espíritos decaídos. Deus pode, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar, de um mundo onde não terão progredido moralmente, aqueles que o terão *desconhecido*, que terão sido rebeldes às suas leis, para enviá-los para expiar seus erros e seu endurecimento num mundo inferior, entre os seres ainda menos avançados; lá serão o que eram antes, moral e intelectualmente, mas numa condição tornada infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo, e sobretudo pelo meio no qual se encontrarão; estarão, em uma palavra, na posição de um homem civilizado forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem bem educado condenado à sociedade dos forçados. Perderam sua posição, suas vantagens, mas não retrogradaram ao seu estado primitivo; de homens adultos não se tornaram crianças; eis o que é preciso entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomençar; Deus, em sua bondade, não quer deixá-los mais por muito tempo entre os bons, dos quais perturbariam a paz; por isso envia-os entre os homens que terão por missão fazer avançar, comunicando-lhes o que sabem; por esse trabalho eles mesmos poderão avançar e resgatar tudo, expiando suas faltas passadas, como o escravo que amontoa, pouco a pouco, o que comprar com a sua liberdade; mas, como o escravo, muitos não amontoam senão o dinheiro em lugar de amontoar as virtudes, as únicas que podem pagar seu resgate.

Tal é até este dia a situação de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes dela. Tal é razão pela qual há tanta amargura neste mundo, amarguras que estão longe de sentirem no mesmo grau dos povos selvagens. Há certamente retrograda-

ção do Espírito nesse sentido que recua seu adiantamento, mas não do ponto de vista de suas aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social lhe é mais penosa; é assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Segundo um sistema, que tem alguma coisa de especial à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas. Esse sistema cai por esta consideração de que, se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens sobre a Terra nem sobre os outros mundos; ora, como a presença do homem é necessária para a melhoria material dos mundos; que ele concorre pela sua inteligência e sua atividade à obra geral, é um dos órgãos essenciais da criação. Deus não podia subordinar o cumprimento dessa parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que não contasse para isso sobre um número sempre suficiente de culpados para alimentar de obreiros os mundos criados e a criar. O bom senso repele tal pensamento.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha em seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomeçar sua tarefa e multiplica suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta. Um escolar não chega a colar seus graus senão depois de ter passado pela fieira de todas as classes; são essas classes uma punição? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu adiantamento; mas se, por sua preguiça, é obrigado a repeti-las, aí está a punição; poder passar algumas delas é um mérito. Portanto, o que é verdade é que a encarnação sobre a Terra é uma punição para muitos daqueles que a habitam, porque teriam podido evitá-la, ao passo que, talvez, a dobraram, triplicaram, centuplicaram por sua falta, retardando assim sua entrada nos mundos melhores. O que é falso é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Uma outra questão freqüentemente agitada é esta: O Espírito sendo criado simples e ignorante com liberdade de fazer o bem ou o mal, não há queda moral para aquele que toma o mau caminho, uma vez que chega a fazer o mal que não fazia antes?

Esta proposição não é mais sustentável do que a precedente. Não há queda senão na passagem de um estado relativamente bom a um estado pior; ora, o Espírito criado simples e ignorante está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual, como a criança que acaba de nascer; se não fez o mal, não fez, não mais, o bem; não é nem feliz nem infeliz; age sem consciência e sem responsabilidade; uma vez que nada tem, nada pode perder, e não pode, não mais, retrogradar; sua responsabilidade não começa senão do momento em que se desenvolve nele o livre arbítrio; seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e racional; por conseqüência, o mal que faz mais tarde infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhes foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a conseqüência do mau caminho em que se empenhou.

Isso nos conduz a uma outra questão. Nero, por exemplo, pode, enquanto Nero, ter feito mais mal do que em sua precedente encarnação? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que teria feito menos mal fosse melhor. Primeiro, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal; a posição de Nero, como imperador, tendo-o colocado em evidência, o que ele fez foi mais notado; numa existência obscura pôde cometer atos também repreensíveis, embora sobre uma menor escala, e que passaram despercebidos; como soberano pôde fazer queimar uma cidade; como simples particular pôde queimar uma casa e ali fazer perecer uma família; tal assassino vulgar que mata alguns viajantes para despojá-los, se estivesse sobre um trono, seria um tirano sanguinário, fazendo em grande o que sua posição não lhe permitia fazer senão em pequeno.

Tomando a questão sob um outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência do que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isso implique uma degenerescência moral; freqüentemente, o que faltam são as ocasiões para fazer o mal, quando o princípio existe em estado latente; chega a ocasião, e os maus instintos se mostram a nu. A vida comum disso nos oferece numerosos exemplos: tal homem que se acreditava bom, mostra de repente vícios que não se supunha, e disso se admira; muito simplesmente é que soube dissimular, ou que uma causa provocou o desenvolvimento de um mau germe. É muito certo que aquele em que os bons sentimentos estão enraizados não tem mesmo o pensamento do mal; quando este pensamento existe, é que o germe existe: não falta senão a execução.

Depois, como dissemos, o mal, embora sob diferentes formas, não é por isso menos o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma multidão de atos diversos provindo de uma mesma causa; o orgulho, por exemplo, pode fazer cometer um grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Um homem pode, pois, numa existência, ter defeitos que não teriam se manifestado numa outra, e que não são senão conseqüências variadas de um mesmo princípio vicioso. Nero é para nós um monstro, porque cometeu atrocidades; mas crê-se que esses homens perversos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e os abusos de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegar, mais seguramente, aos seus fins e receberem os elogios quando merecem a execração, crê-se, dizemos, que valem mais do que Nero? Seguramente não; ser reencarnado num Nero não seria para eles uma decaída, mas uma ocasião de se mostrarem sob uma nova face; como tais exibirão os vícios que escondiam; ousarão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova não lhe tornará o castigo senão mais terrível, se, em lugar de aproveitar os meios que lhe são dados de reparar, servem-se deles para o mal. E, no entanto, cada existência, por má que ela seja, é uma ocasião de progresso para o Espírito; desenvolve a sua inteligência, adquire da experiência e dos conhecimentos que, mais tarde, ajudá-lo-ão a progredir moralmente.

ALGUMAS REPUTAÇÕES.

(2º artigo. - Ver o número de maio.)

Toda idéia nova tem, necessariamente, contra ela todos aqueles dos quais choca as opiniões e os interesses. Alguns crêem os da Igreja comprometidos, - não o pensamos, mas a nossa opinião não faz lei, - é porque nos atacam em seu nome com um furor ao qual não faltam senão as grandes execuções da Idade Média. Os sermões, as instruções pastorais lançam o raio sobre toda a linha; as brochuras e os artigos de jornais chovem como o granizo, pela maioria com um cinismo de expressão muito pouco evangélico. Em vários é uma raiva que chega ao frenesi. Por que, pois, exibem forças e tanta cólera? Porque dizemos que Deus perdoa ao arrependimento e que as penas não serão eternas senão para aqueles que não se arrependerão jamais; e porque proclamamos a clemência e a bondade de Deus, somos heréticos destinados à execração, e a sociedade está perdida; mostra-nos como perturbadores; intima-se a autoridade para nos perseguir em nome da moral e da ordem pública; dizem que não cumprem seu dever deixando-nos tranqüilos!

Um interessante problema se apresenta aqui. Pergunta-se por que essa fúria contra o Espiritismo, antes que contra tantas outras teorias filosóficas ou religiosas bem menos ortodoxas? A Igreja fulminou contra o materialismo que nega tudo, como o faz contra o Espiritismo que se limita à interpretação de alguns dogmas? Esses dogmas e muitos outros não foram muitas vezes negados, discutidos, controvertidos numa multidão de escri-

tos que ela deixa passar despercebidos? Os princípios fundamentais da fé: Deus, a alma e a imortalidade, não foram publicamente atacados sem que ela com isso se comovesse? Jamais o saint-simonismo, o fourierismo, a própria Igreja do abade Chatel não levantaram tanta cólera, sem falar de outras seitas menos conhecidas, tais como os *fusionistas*, cujo chefe acaba de morrer, que têm um culto, seu jornal, e não admitem a divindade do Cristo; os *católicos apostólicos*, que não reconhecem o papa, que têm seus padres e bispos casados, suas igrejas em Paris e na província, onde fazem batismos, casamentos e enterros. Por que, pois, o Espiritismo, que não tem nem culto nem igreja, e cujos padres não estão senão na imaginação, levanta tanta animosidade? Coisa fora do comum! o partido religioso e o partido materialista, que são a negação um do outro, se dão as mãos para nos *pulverizar*, é a sua palavra. O espírito humano apresenta verdadeiramente singulares esquisitices quando está cego pela paixão, e a história do Espiritismo terá agradáveis coisas a registrar.

A resposta está inteiramente nesta conclusão da brochura do Rev. Pé. Nampon (1-1) Discurso pregado na igreja de São João Batista, em presença de Sua Eminência o cardeal Arcebispo de Lyon, em 14 e 21 de dezembro de 1862, pelo Rev. Pé. Nampon, da Companhia de Jesus, pregador do Advento.): "Em geral nada é mais *abjeto, mais degradante, mais vazias de fundo e de atrativo na forma do que essas publicações, cujo sucesso fabuloso é um dos sintomas os mais alarmantes da nossa época*. Destruí-os, pois, com isso não perdereis nada. Com o dinheiro que se dispensa em Lyon por essas enépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados, atravancados depois da invasão do Espiritismo. E que faremos dessas brochuras malsãs? Faremos delas o que o grande apóstolo *delas* fez em Efeso; e por aí conservaremos, em nosso meio, o império da razão e da fé, e preservaremos as vítimas dessas lamentáveis ilusões de uma multidão de decepções na vida presente e das chamas da eternidade infeliz."

Esse *sucesso fabuloso*, eis o que confunde os nossos adversários; não podem compreender a inutilidade de tudo o que fazem para entravar essa idéia que escapa sob suas armadilhas, se endireita sob seus golpes, e prossegue sua marcha ascendente sem tomar cuidado com as pedras que lhe atiram. Isto é um fato adquirido, e constatado muitas vezes pelos adversários de uma e de outra categoria, em suas pregações e em suas publicações; todos deploram o *progresso inaudito dessa epidemia que ataca mesmo os homens de ciência, os médicos e os magistrados*. É preciso em verdade vir do Texas para dizer que o Espiritismo está morto e dele não se fala mais. (Ver a *Revista* de fevereiro de 1863, página 41.)

Para triunfar, que faremos? Iremos pregar o Espiritismo nas praças? Convocamos o público às nossas reuniões? Temos missionários de propaganda? Temos o apoio da imprensa? Temos, enfim, todos os meios de ação ostensivos e *secretos* que possuis e dos quais usais tão largamente? Não; para recrutar partidários nós nos damos mil vezes menos de trabalho do que tomais para afastá-los. Contentamo-nos em dizer: "Lede, e se isto vos convém, retornai a nós"; fazemos mais, dizemos: lede o pró e o contra e comparai. Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem amargor, porque não temos cóleras; longe de nos lamentar das vossas, nós as aplaudiremos, porque servem à nossa causa. Eis entre as milhares uma prova da força persuasiva dos argumentos de nossos adversários. Um senhor que vem de escrever à Sociedade de Paris para pedir dela fazer parte, começa assim sua carta: "A leitura de *a Questão do sobrenatural, os mortos e os vivos*, do Pé. Matignon, *da Questão dos Espíritos*, do Sr. de Mirville, do *Espírito batedor*, do doutor Bronson, e, enfim, de diferentes artigos contra o Espiritismo, não fizeram senão me ligar mais completamente à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, e me deram o mais vivo desejo de fazer parte da Sociedade Espírita de Paris, para poder continuar o estudo do Espiritismo de maneira mais contínua e mais frutífera."

A paixão cega, às vezes, ao ponto de fazer cometer singulares inseqüências. Na passagem citada mais acima, o Rev. Pé. Nampon disse que: "*Nada é mais vaziao de atrativo do que essas publicações, cujo sucesso fabuloso, etc.*" Não se apercebeu que essas

duas proposições se destroem uma pela outra; uma coisa sem atrativo não poderia ter um sucesso qualquer, porque não pode ter sucesso senão com a condição de ter atrativo; com mais forte razão quando esse sucesso é fabuloso.

Acrescenta ele que, com o dinheiro dispendido em Lyon para essas inépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados dessa cidade, sobrecarregados depois da invasão do Espiritismo. Teriam sido necessário, é verdade, fundar trinta a quarenta mil lugares, em Lyon somente, uma vez que todos os Espíritas são loucos. Por outro lado, uma vez que são *inépcias*, isso não tem nenhum valor; por que, pois, lhes dar as honras de tantos sermões, pastorais, brochuras? A esta questão do emprego do dinheiro sabemos que, em Lyon, muitas pessoas, sem dúvida mal pensantes, disseram que com os dois milhões fornecidos em oferenda a São Pedro, ter-se-ia podido dar pão a muitos operários infelizes durante o inverno, ao passo que a leitura dos livros espíritas lhes deu a coragem e a resignação para suportarem sua miséria sem se revoltarem.

O Pé. Nampon não foi mais feliz em suas citações. Numa passagem de *O Livro dos Espíritos*, nos fez dizer: "Há tanta distância entre a alma do animal e a alma do homem, quanto entre a alma do homem e a alma de Deus. (N^o 597.) Nós colocamos: *que entre a alma do homem e Deus*, o que é muito diferente; a *alma de Deus* implica uma espécie de assimilação entre Deus e as criaturas corpóreas. Concebe-se a omissão de uma palavra por inadvertência ou erro tipográfico; mas não se lhe acrescenta sem intenção; por que essa adição que desnatura o sentido do pensamento, se não for para nos dar uma cor materialista aos olhos daqueles que se contentarão em ler a citação, sem verificá-la no original? Um livro que apareceu pouco antes de *O Livro dos Espíritos*, e que contém toda uma teoria teogônica e cosmogônica, faz de Deus um ser muito de outro modo material, uma vez que dele faz um composto de todos os globos do Universo, moléculas do Ser universal, que tem um estômago, come e digere, e do qual os homens são os maus produtos de sua digestão; e, no entanto, nenhuma palavra foi dita para combatê-la: todas as cóleras se concentraram sobre *O Livro dos Espíritos*; seria isso, pois, porque em seis anos chegou à décima edição, e que está difundido em todos os países do mundo?

Não se contentam em criticar, mas mutilam e desnaturam as máximas para acrescentar o horror que deve inspirar essa abominável doutrina, e nos põe em contradição conosco mesmo. Foi assim que o Pé, Nampon, citando uma frase da introdução de *O Livro dos Espíritos*, página XXXIII, disse: "*Certas pessoas, vós mesmo dizeis, entregando-se a esses estudos perderam a razão.*" Temos assim o ar de reconhecer que o Espiritismo conduz à loucura; ao passo que, lendo todo o parágrafo XV, a acusação cai precisamente sobre todos aqueles que a lançam. Assim é que, tomando-se os fragmentos de frase de um autor, poder-se-ia "fazê-lo enforcar"; os próprios autores mais sagrados não escapariam a essa dissecação. É com esse sistema que certos críticos esperam dar a mudança sobre as tendências do Espiritismo, e fazer crer que ele preconiza o *aborto*, o *adultério*, o *suicídio*, quando lhes demonstra peremptoriamente a criminalidade e as funestas conseqüências para o futuro.

O Pé. Nampon vai mesmo até se apoderar das citações feitas com o objetivo de refutar certas idéias: "O autor, disse ele, chama algumas vezes Jesus-Cristo Homem-Deus; mas em outro lugar (*O Livro dos Médiuns*, página 368), num diálogo com um *médium* que, tomando o nome de Jesus, dizia-lhe: "Não sou Deus, mas sou seu filho," ele replica logo: "Sois, pois, Jesus?" Sim, acrescenta o Pé. Nampon, Jesus é chamado Filho de Deus, é, pois, num sentido ariano, e sem ser por isso consubstancial ao Pai."

De início, não era um *médium* que se dizia Jesus, mas bem um Espírito, o que é muito diferente, e a citação é precisamente feita para mostrar o embuste de certos Espíritos, e ter os médiuns em guarda contra seus subterfúgios. Pretendeis que o Espiritismo nega a divindade do Cristo; onde vistes essa proposição formulada em principia? É, dizeis, a conseqüência de toda a doutrina. Ah! se entrássemos nesse terreno das interpre-

tações, poderíamos ir mais longe do que não quereis. Se disséssemos, por exemplo, que o Cristo não tinha chegado à perfeição, que teve necessidade das provas da vida corpórea para progredir; que sua paixão lhe foi necessária para subir em glória, teríeis razão porque dele faríamos, não mesmo *um puro Espírito*, enviado sobre a Terra com uma missão divina, mas um simples mortal, a quem o sofrimento era necessário para ele mesmo progredir. Onde achais que dissemos isto? Pois bem, o que jamais dissemos, o que jamais diremos, é o que dizeis.

Vimos ultimamente, no parlatório de uma casa religiosa de Paris, a inscrição seguinte, impressa em caracteres grandes e afixada para a instrução de todos: "*Foi preciso que o Cristo sofresse para entrar em sua glória, e não foi senão depois de ter bebido em grandes tragos na torrente da tribulação e do sofrimento que foi elevado ao mais alto dos céus.*" (Salmo 109, v. 8.) É o comentário desse versículo cujo texto é: "*Ele beberá no caminho a água da torrente, e será por aí que erguerá sua cabeça (De torrente in via bibet: propterea exultabit caput).*" Se, pois "FOI PRECISO que o Cristo sofresse para entrar em sua glória; se NÃO PÔDE ser elevado ao mais alto dos céus senão pelas tribulações e o sofrimento," é que antes não estava nem na glória nem no mais alto dos céus, portanto, não era Deus; Seus sofrimentos não eram pois só em proveito da Humanidade, uma vez que eram necessários ao seu próprio adiantamento. Dizer que o Cristo tinha necessidade de sofrer para se elevar, é dizer que não era perfeito antes de sua vinda; não conhecemos protesto mais enérgico contra a sua divindade. Se tal é o sentido desse versículo do salmo que se canta às vésperas, todos os domingos cantam a não divindade do Cristo.

Com o sistema das interpretações se vai muito longe, dizemos; se quiséssemos citar as de alguns concílios sobre este outro versículo: "*O Senhor está à vossa direita, ele abaterá os reis no dia de sua cólera,*" seria fácil provar que disso tiramos a justificação do regicida.

"A vida futura, disse ainda o Pé. Nampon, muda inteiramente de face (com o Espiritismo). A imortalidade da alma se reduz a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado."

É um erro; o Espiritismo jamais disse que a alma fosse sem consciência do passado; dele perde momentaneamente a lembrança durante a vida corpórea, mas "quando o Espírito reentra em sua vida primitiva (a vida espírita), todo o seu passado se desenrola diante dele; vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o teria podido impedir de cometê-las; compreende que a posição que lhe é dada é justa, e procura então a existência que poderia reparar a que vem de se escoar." (*O Livro dos Espíritos*, n^o 393.) Uma vez que há lembrança do passado, consciência do eu, há, pois, identidade moral; uma vez que a *vida espiritual* é a vida normal do Espírito, que as existências corpóreas não são senão pontos na vida espírita, a imortalidade não se reduz a uma *permanência material*; o Espiritismo, como se vê, diz tudo ao contrário. Desnaturando-o assim, o Pé. Nampon não tem por desculpa a ignorância, porque suas citações provam que leu, mas tem o erro de fazer citações truncadas, e de lhe fazer dizer tudo ao contrário do que ele disse.

O Espiritismo é acusado, por alguns, de estar fundado sobre o mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. É ainda uma falsa consequência tirada de um princípio incompletamente informado. Jamais o Espiritismo confundiu a *alma* com o *perispírito*, que não é senão um envoltório, como o corpo dele é um outro. Tivesse ela dez envoltórios, isso não tiraria nada à sua essência imaterial. Não ocorre o mesmo com a doutrina adotada pelo concílio de Viena, em Dauphiné, em sua segunda sessão, em 3 de abril de 1312. Segundo essa doutrina "a autoridade da Igreja ordena crer que a alma não é senão a forma substancial do corpo; que não há idéias inatas, e declara heréticos aqueles que negarem a materialidade da alma." Raoul Fournier, professor de direito, ensina positivamente a mesma coisa em seus discursos acadêmicos

sobre a origem da alma, impressos em Paris em 1619, com a aprovação e os elogios de vários doutores em teologia.

É provável que o concílio, se fundando sobre os fatos numerosos de manifestações espíritas visíveis e tangíveis, narradas nas Escrituras, manifestações que não podem ser senão materiais, uma vez que ferem os sentidos, confundiu a alma com o seu envoltório fluídico ou perispírito, do qual o Espiritismo nos demonstra a distinção. Sua doutrina é, pois, menos materialista do que a do concílio.

"Mas abordemos sem hesitar o homem da França, que é o mais avançado em seus estudos. *Para constatar a identidade do Espírito que fala, é preciso*, disse o Sr. Allan Kardec, *estudar sua linguagem*. Pois bem! seja. Conhecemos por seus escritos autênticos o pensamento certo e, conseqüentemente, a *linguagem* de São João, de São Paulo, de Santo Agostinho, de Fénelon, etc., como, pois, ousais vos atribuir em vossos livros a esses grandes gênios pensamentos e sentimentos muito contrários àqueles que ficaram para sempre consignados em suas obras?"

Assim, admitis que esses personagens não puderam se enganar em nada; que tudo o que escreveram é a expressão da verdade; que retornariam hoje corporalmente e deveriam ensinar tudo o que ensinaram outrora; que retornando em Espírito, não devem negar nenhuma de suas palavras. No entanto, Santo Agostinho olharia como uma heresia a crença na redondeza da Terra e nos antípodas. Sustentaria a existência dos incubos e dos súcubos, e creeria na procriação pelo comércio dos homens com os Espíritos. Credes que ele não possa, a esse respeito, pensar, como Espírito, de outro modo que não pensava como homem, e que professaria essas doutrinas hoje? Se suas idéias deveram se modificar sobre certos pontos, puderam fazê-lo sobre outros. Se se enganou, ele, gênio incontestavelmente superior, por que não vos enganaríeis vós mesmos, e é preciso, por respeito pela ortodoxia, negar-lhe o direito, dizemos melhor, o mérito de retratar seus erros?

"Atribuí a São Luís esta sentença ridícula, sobretudo em sua boca, contra a eternidade das penas: *Supor Espíritos incuráveis, é negar a lei do progresso.*" (*O Livro dos Espíritos, n^o 1007.*)

Não é assim que ela está formulada. A esta pergunta: Há Espíritos que não se arrependem jamais? São Luís respondeu: "Há aqueles cujo arrependimento é muito tardio, mas pretender que não se melhorarão jamais, isso seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode se tornar adulta." A primeira forma poderia parecer ridícula; por que, pois, sempre trincar e desnaturar as frases? A quem pensam enganar? àqueles que não lerão senão esses comentários inexatos? Mas o número deles é muito pequeno perto daqueles que querem conhecer a fundo as coisas sobre as quais vós mesmos chamais a atenção; ora, a comparação não pode ser senão favorável ao Espiritismo.

Nota. Para a edificação de todos, recomendamos a leitura da brochura intitulada: *Do Espiritismo, pelo Rev. Pé. Nampon, da Companhia de Jesus, Casa Girard et Josserand, Lyon, praça Bellecour, n^o30; Paris, rua Cassette, n^o5*, rogando consentir em ler, em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, os textos completos, citados abreviadamente ou alterados na brochura acima.

ORÇAMENTO DO ESPIRITISMO *Ou exploração da credulidade humana.*

Sob esse título, um antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembléia Constituinte em 1848, publicou em Argel uma brochura na qual, procurando provar que o objetivo do Espiritismo é uma gigantesca especulação, estabeleceu cálculos de onde resulta para nós rendas fabulosas, que deixam bem longe para trás delas os milhões com os quais tão generosamente nos gratificou um certo abade de Lyon (V. a *Revista* de

junho de 1862, página 179). Para pôr nossos leitores a par desse interessante inventário, citamo-lo textualmente, assim como as conclusões do autor. Esse extrato dará uma idéia do que pode ser o resto da brochura do ponto de vista da apreciação do Espiritismo.

"Sem nos deter em analisar todos os artigos concernentes, em aparência, às provas do neofitismo e a disciplina da Sociedade, chamaremos a atenção do leitor sobre os artigos 15 e 16. Tudo está ali.

"Ver-se-á ali que, sob o *pretexto* de subvencionar as despesas da Sociedade, cada membro titular paga: 1^o uma entrada de 10 fr.; 2^o uma cotização anual de 24 f r., e que cada associado livre paga uma cotização de 20 fr. por ano.

"As cotizações se pagam integralmente pelo ano, quer dizer, adiantado: o Sr. Allan Kardec toma suas precauções contra as deserções.

"Ora, pelo *entusiasmo* que se nota por toda parte pelo Espiritismo, cremos ser modesto não contando nele para Paris senão 3000 associados, tanto titulares quanto livres. As cotizações produzem, pois, por ano, 63000 fr., sem contar as entradas que serviram para montar o negócio.

"Não contaremos senão para a lembrança os benefícios feitos sobre a venda de *O Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns*. No entanto, devem ser considerados, porque não conhecemos pouco uma obra que haja tido *maior voga*, voga fundada sobre o insaciável desejo que leva o homem a descobrir o mistério da vida futura.

"Mas, no que precede, não mostramos ainda a fonte mais abundante dos proveitos. Existe uma revista mensal espírita, publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de longe as lendas maravilhosas da antigüidade e da Idade Média, e cuja assinatura é de 10 f r. por um ano para Paris; 12 e 14 fr. para a província e o estrangeiro.

"Ora, qual é aquele dos numerosos adeptos do Espiritismo que, por falta de 10 fr. por ano (em torno de 90 centavos por mês), se privaria de sua parte de aparições, de evocações, de manifestações de Espíritos e de lendas? Não se pode contar, pois, na França e no estrangeiro, menos de 30 000 assinantes da *Revista*, produzindo um total anual de.....300 000 fr.

"Os quais, juntados aos 63 000 f r. de cotização..... 63 000 .
dão um total de363.000 fr.

"As despesas a deduzir são:

"1^o O aluguel da sala das sessões da Sociedade, os salários dos secretários, do tesoureiro, dos criados e de bom número de médiuns. Cremos estar acima da realidade levando estas despesas a..... 40 000 fr.

"O preço de custo da *Revista*: Um número de 32 páginas não custa mais de 20 centavos; os 12 números do ano somarão 2 fr. 40c. que, repetidos 30 000 vezes, dá uma cifra de..... 72 000

Total das despesas.....112.000 fr.

Tirando essas despesas dos 363 000 fr., resta para o Sr. Allan Kardec um benefício anual líquido de 250 000 fr., sem contar o da venda de *O Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns*.

No passo que caminha a epidemia, logo a metade da França será espírita, *se isto já não está feito*, e como não se pode ser bom Espírita se não se é pelo menos associado livre e assinante da *Revista*, há a probabilidade de que sobre 20 milhões de habitantes, dos quais se compõe essa metade, haveria 5 milhões de associados e outro tanto de assinantes da *Revista*; conseqüentemente, o rendimento dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100 milhões por ano, e o do Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revista* e soberano pontífice, 38 milhões.

"Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, essa renda será dobrada, e, se a Europa se deixar infestar, isso não será mais por milhões que será preciso contar, mas bem por bilhões.

"Pois bem, ingênuos Espíritas! que pensais dessa especulação baseada sobre a vossa simplicidade? Teríeis acreditado que, do jogo das mesas girantes, pudessem sair semelhantes tesouros, e estais edificados agora com o ardor que põe a fundar sociedades os propagadores da doutrina?"

"Não se tem razão em dizer que a insensatez humana é uma mina inesgotável a explorar?"

"Examinemos agora os meios postos em prática pelo Sr. Allan Kardec, e sua habilidade como especulador será a única coisa que não se poderá colocar em dúvida."

"Compreende que, na voga universal das mesas girantes, se encontra toda pronta, e sem bolsa aberta, a coisa mais difícil a se proporcionar, a *publicidade*."

"Ora, em tais circunstâncias, promete, por meio das mesas girantes, desvendar os mistérios do futuro e da vida futura, e conseqüentemente tudo disposto para escutar suas revelações. Em seguida, pensando que os cultos existentes podem lhe arrebatam bom número de adeptos, proclama sua decadência. Lê-se na brochura: *O Espiritismo em sua mais simples expressão* (p 15): "Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas é *independente de todo culto particular*."

"Essa doutrina, bem feita para seduzir o número sempre crescente dos homens que não querem suportar nenhuma hierarquia social, não podia deixar de ter seu efeito."

(Obs. Há, pois, muitos deles, segundo vós, a quem o jugo da religião é insuportável!)

"O que nos surpreende estranhamente é que, autorizando a pregação do Espiritismo, o governo não viu que essa audaciosa tentativa contém em germe a abolição possível de sua própria autoridade; porque, enfim, quando a epidemia tiver ainda aumentado, não é possível que, sobre a injunção dos Espíritos, a abolição de uma autoridade que pode ameaçar a existência do Espiritismo seja decretada?"

"Poder-se-ia, sem perigo, permitir as sociedades espíritas; mas não era mais sábio interditar-lhes as publicações?"

"Fosse a seita encerrada no recinto das salas de sessões e jamais teria, provavelmente, ultrapassado a importância das representações de *Conus* ou de Robert-Houdin."

"Mas a lei é atea, disse a filosofia moderna, e foi em virtude desse paradoxo que um homem pôde proclamar a decadência da autoridade da Igreja."

"Esse exemplo, diga-se de passagem, demonstraria, aos olhos dos menos clarividentes, a sabedoria dos legisladores da antigüidade, que não acreditavam que a ordem material pudesse coexistir com a desordem moral e que tinham tão intimamente ligado, em seus códigos, as leis civis e as leis religiosas."

"Se estava no poder da Humanidade destruir as criações espirituais de Deus, o primeiro efeito do Espiritismo seria de arrancar a *Esperança* do coração do homem."

"Que esperaria o homem neste mundo, se adquirisse a convicção (não dizemos a prova) que depois da morte, teria à sua disposição e indefinidamente várias existências corpóreas?"

"Esse dogma, que não é outra coisa senão a metempsicose renovada de Pitágoras, não é de natureza a enfraquecer nele o sentimento do dever e fazê-lo dizer neste mundo: *Para mais tarde os assuntos sérios?* A Caridade, tão fortemente recomendada pelo Cristo e pela Igreja e da qual o próprio Espiritismo toma para fazer a pedra angular de seu edifício, não recebe dele um golpe mortal?"

"Um outro efeito do Espiritismo é de transformar a Fé, que é um ato de livre arbítrio e de vontade, numa cega credulidade."

"Assim, para fazer ter êxito a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, o Sr. Allan Kardec prega uma doutrina cuja tendência é a *destruição da Fé, da Esperança e da Caridade*."

"No entanto, que o mundo cristão se tranqüilize, o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja. "Reconhecer-se-á todo o valor de um princípio religioso (Como disse o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863, aos curas de sua diocese), porque basta a si mesmo para vencer todas as apalpadelas, todas as oposições e todas as resistências."

"Mas há verdadeiros Espíritas? - Nós o negaremos enquanto um homem sentir que a Esperança não está apagada em seu coração.

"Que há, pois, no Espiritismo? Nenhuma outra coisa senão um especulador e ingênuos. E do dia em que a autoridade temporal compreender a solidariedade com a autoridade moral e se limitar somente a interditar as publicações espíritas, essa imoral especulação cairá para não mais se levantar."

O jornal de Argel, o *Akhbar*, de 28 de março de 1863, num artigo tão benevolente quanto a brochura, reproduzindo uma parte desses argumentos, conclui que está bem e devidamente provado, por cálculos autênticos, que o Espiritismo nos dá atualmente uma renda positiva de 250 000 fr. por ano. O autor da brochura vê as coisas mais largamente ainda, uma vez que suas previsões levam-no, daqui a poucos anos, a 38 milhões, quer dizer, uma cifra superior à lista civil dos mais ricos soberanos da Europa. Não nos prendamos, certamente, ao trabalho de combater cálculos que se refutam pelo seu próprio exagero, mas que provam uma coisa, é o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, ao ponto de fazê-los dizer as maiores inconseqüências.

Admitamos, com efeito, por um instante, a realidade dos números do autor, não seria o mais enérgico protesto contra as idéias atuais, que desabariam no mundo inteiro diante da idéia emitida por um único homem, desconhecido há seis anos apenas? Não é reconhecer o irresistível poder dessa idéia? Tende ela, dizeis, a suplantiar a religião, e para prová-lo, vós a apresentais adotada dentro em pouco por vinte milhões, depois por quarenta milhões de habitantes só na França; depois exclamais: "Não, a religião não pode perecer." Mas se vossas previsões se realizam, que restará para a religião? Façamos também uma pequena estatística de números segundo o autor: Na França, 36 milhões de habitantes; Espíritas, 40 milhões; resta para os católicos O menos 4 milhões; uma vez que, segundo vós, não se pode ser católico e Espírita. Se a Igreja é tão facilmente trans-tornada por um indivíduo com a ajuda de uma idéia extravagante, não é isso reconhecer que ela repousa sobre uma base bem frágil? Dizer que pode ser comprometida por um absurdo é fazer medíocre elogio do poder de seus argumentos e entregar o segredo de sua própria fraqueza. Onde, pois, então, está sua base inabalável? Desejamos à Igreja um defensor mais forte e sobretudo mais lógico do que o autor da brochura. Não há nada mais perigoso que um amigo imprudente.

Não se pensa em tudo; o autor não pensou que, querendo nos denegrir, exalta a nossa importância, e o meio que emprega vai justamente contra o seu objetivo. Sendo o dinheiro o deus de nossa época, àquele que mais o possui, não faltam cortesãos atraídos pela esperança do saque. Os milhões com os quais nos gratifica, longe de afastá-los de nós, colocariam mesmo os príncipes aos nossos pés. Que diria o autor se, uma vez que não temos filhos, o façamos nosso legatário de algumas dezenas de milhões? Acharia a fonte má? Seria bem capaz de fazê-lo dizer que o Espiritismo é bom para alguma coisa.

Segundo ele, uma das fontes de nossas imensas rendas é a Sociedade de Paris, que supõe ter ao menos 3.000 membros. Poderíamos perguntar-lhe, primeiro, com que direito vem se imiscuir nos negócios privados; mas passamos por cima disso. Uma vez que se considera capaz de tanta exatidão, e isso é preciso quando se quer provar através de números, se tivesse se dado ao trabalho de ler somente a ata da Sociedade, publicada na *Revista* de junho de 1862, teria podido se fazer uma idéia mais verdadeira de seus recursos, e do que ele chama o orçamento do Espiritismo.

Haurindo suas informações em outra parte que em sua imaginação, teria sabido que a Sociedade, alinhada oficialmente entre as sociedades científicas, não é nem uma con-

fraria nem uma congregação, mas uma simples reunião de pessoas ocupando-se do estudo de uma ciência nova que ela aprofunda; que longe de visar ao número, que seria mais nocivo do que útil aos seus trabalhos, o restringe antes que não aumente, pela dificuldade das admissões; que em lugar de 3.000 membros, jamais teve cem; que não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários; que não emprega nenhum médium pago, e sempre se levantou contra a exploração da faculdade medianímica; que jamais recebeu um centavo das visitas que admite sempre em pequeno número, não abrindo jamais suas portas ao público; que fora dos membros *pagantes*, nenhum Espírita é seu tributário; que os membros honorários não pagam nenhuma cotização; que não existe entre ela e as outras sociedades espíritas nenhuma afiliação, nem nenhuma solidariedade material; que o produto das cotizações jamais passa pelas mãos do presidente; que toda despesa, por mínima que seja, não pode ser feita sem a opinião da comissão; enfim, que seu orçamento do 1862 foi liquidado por um encaixe de 429 fr. 40 cent.

Esse magro resultado infirma a importância crescente do Espiritismo? Não, ao contrário, porque prova que a Sociedade de Paris não é uma especulação para ninguém. E quando o autor procura provocar a animosidade contra nós, dizendo aos adeptos que se arruinam em nosso proveito, responderão muito simplesmente que é uma calúnia, porque não se lhes pede nada, e porque nada pagam. Poder-se-ia dizer o mesmo de todo o mundo, e não se poderia reenviar a outros o argumento do autor por números mais autênticos do que os seus? Quanto aos trinta mil assinantes da Revista, nós os desejamos. "Caluniais, caluniais, disse um autor, disso resta sempre alguma coisa." Sim, certamente, disso resta sempre alguma coisa que, cedo ou tarde, recai sobre o caluniador.

Injúrias, calúnias, invenções manifestas, até o imiscuir-se na vida privada, tendo em vista lançar a desconsideração sobre um indivíduo e sobre uma classe numerosa de indivíduos, essa brochura, que ultrapassou de muito todas as diatribes até hoje publicadas, tem todas as condições requeridas para ser deferida à justiça. Não o fizemos, apesar das solicitações que nos foram dirigidas a esse respeito, porque é uma boa fortuna para o Espiritismo, e não gostaríamos, ao preço de maiores injúrias ainda, que não tivesse sido publicada. Nossos adversários, não podendo fazer melhor para se desacreditarem a si mesmos, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar, e até que ponto o sucesso das idéias novas os apavora, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça.

O efeito dessa brochura foi o de provocar uma imensa gargalhada em todos aqueles que nos conhecem, e são numerosos; quanto àqueles que não nos conhecem, deveu-lhes inspirar um vivo desejo de conhecer esse Nababo improvisado, que recolhe milhões mais facilmente do que não se recolhem os grossos centavos, e não tem senão que lançar uma idéia para nela ligar a população de todo um império; ora, como, segundo o autor, não une senão os tolos, disso resulta que esse império não é composto senão de tolos do alto a baixo da escala. A história da Humanidade não oferece nenhum exemplo de semelhante fenômeno. O Autor tivesse sido pago por esse resultado que não tivesse melhor vencido, não temos, pois, nada a lamentar disso (1-(1) Escreveram-nos da Argélia, damo-lo com toda reserva, que o autor da brochura fez parte de um grupo espírita; que seu zelo pela causa o tinha feito nomear presidente; mas que mais tarde, não tendo querido renunciar a certos projetos desaprovados dos outros membros, havia sido riscado da lista.).

UM ESPIRITO COROADO NOS JOGOS FLORAIS.

Reproduzimos textualmente a carta seguinte, que nos foi dirigida de Bordeaux, em 7 de maio de 1863.

"Caro mestre,

"Em 22 de abril último, recebi do Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux, uma carta que me informava que a *Academia dos Jogos Florais* de Toulouse havia dado seu julgamento

sobre o mérito das peças de poesia admitidas no concurso de 1863. Sessenta e oito concorrentes se apresentaram para a fábula; duas fábulas foram distinguidas:

Uma obteve o primeiro prêmio (a Primavera); a outra foi mencionada com elogio na ata. Ora, essas duas peças, disse-me o Sr. Jaubert, pertencem *ambas* ao seu *Espírito familiar*.

"Como esse fato era capital para o Espiritismo, eu mesmo quis dele ser testemunha, e, para esse fim, fui a Toulouse com uma delegação da Sociedade Espírita de Bordeaux, para assistir ao coroamento do *Espírito batedor de Carcassonne*. Assistimos, pois, à sessão solene dos prêmios, e depois da leitura da fábula coroada, misturamos nossos aplausos aos do público toulousiano, e vimos, pelos sufrágios e as honras que recolheu dos honrados membros da academia, desabar sob seus bravos a hidra do materialismo e surgir em seu lugar o dogma santo e consolador da imortalidade da alma.

"Não somos junto a vós, caro mestre, senão os intérpretes de nosso honorável presidente, Sr. Jaubert. Ele encarregou-nos de vos comunicar esse feliz acontecimento, sabendo como nós que ninguém poderá, com tanta sabedoria, deduzir-lhe as conseqüências para torná-lo útil à causa que somos orgulhosos de servir sob vossa paternal direção.

"Aproveitamos com zelo esta ocasião para testemunhar nosso reconhecimento ao excelente e honrado Sr. Jaubert, pela acolhida cordial e simpática que deu à delegação da Sociedade de Bordeaux. Esses testemunhos de amizade são preciosos para nós, e nos encorajam para caminhar com perseverança na via penosa e laboriosa do apostolado, sem nos deter nos obstáculos que nela poderíamos encontrar. O Sr. Jaubert é um desses homens que podem servir de exemplo aos outros; é um verdadeiro Espírita, simples, modesto e bom, cheio de dignidade e de abnegação; calmo e sério como tudo o que é grande; sem orgulho e sem entusiasmo, qualidades essenciais a todo homem que se faz o apóstolo de uma doutrina, e que liga seu nome às corajosas profissões de fé que envia aos fracos e aos tímidos.

"Consideramos o triunfo do Espírito no Capitólio toulousiano como uma vitória para nossa santa e sublime Doutrina. Deus quer deter os sorrisos de ironia e de incredulidade; foi por isso, sem dúvida, que permitiu diante do aerópago coroassem a alma de um morto. Que o 3 de maio seja, pois, gravado em letras de ouro nos fastos da história do Espiritismo; ele cimenta o primeiro elo da solidariedade fraternal que une os vivos aos mortos: revelação esplêndida e sublime que aquece e vivifica as almas pela irradiação da fé.

"Para todos os Espíritas que assistiam a essa solenidade, quanto a festa era bela! Libertando seus pensamentos do mundo material, viam na sala dos Jogos Florais voltejar aqui e ali grupos de bons Espíritos que se felicitavam com a vitória obtida por um de seus irmãos, e, irradiando sobre todos, o Espírito de Clémence Isaure, a fundadora desses novos jogos Olímpicos, tendo em suas mãos uma flexível coroa para depositá-la, no momento do triunfo, sobre a fronte do Espírito laureado.

"Se há na vida momentos de amargura, há também momentos de inefável felicidade; é vos dizer que a 3 de maio de 1863, em Toulouse, tive, ou antes, tivemos um desses momentos que fazem esquecer as tribulações da vida terrestre.

"Recebei, caro mestre, etc.

"SABO."

Com efeito, é um acontecimento sério o que vem de se passar em Toulouse, e cada um conceberá a emoção dos Espíritas sinceros que assistiam a essa solenidade, porque compreendiam-lhe as conseqüências, emoções passadas em termos tão simples e tão tocantes na carta que se acaba de ler; é a expressão da verdade sem fanfarrice, nem jactância, nem bravatas vãs.

Algumas pessoas poderiam se admirar que o Sr. Jaubert não haja confundido os adversários do Espiritismo proclamando, durante a sessão, e diante da multidão reunida, a verdadeira origem das fábulas coroadas. Se não o fez, a razão disso é muito simples: é

que o Sr. Jaubert é um homem modesto que não procura fama, e que acima de tudo sabe viver. Ora, entre os juizes encontravam-se provavelmente os que não partilhavam suas opiniões com respeito aos Espíritos; tivesse, pois, lhes lançado publicamente à face uma espécie de desafio, um desmentido, procedimento indigno de um homem galante, dizermos mais, de um verdadeiro Espírita que respeita todas as opiniões, mesmo as que não são as suas. Que teria produzido esse estrondo? Protestos da parte de alguns assistentes, escândalo talvez. O Espiritismo com isso teria ganho? Não, teria comprometido a sua dignidade. O Sr. Jaubert, assim como os numerosos Espíritas que assistiam à cerimônia, deram, pois, prova de uma alta sabedoria abstendo-se de toda demonstração pública; era uma marca de deferência e de respeito, seja com a academia, seja para com a assembléia; provaram uma vez mais, nessa circunstância, que os Espíritas sabem conservar a calma no sucesso, como sabem conservá-la diante das injúrias de seus adversários, e que não é de sua parte que se deve esperar o estímulo à desordem. Com isso o fato não perde nada de sua importância, porque dentro em pouco será conhecido e aclamado em cem países diferentes.

Os negadores de boa ou de má fé, porque os há de uns e de outros, sem dúvida, dirão que nada prova a origem dessas fábulas, e que o laureado, para servir aos interesses do Espiritismo, poderia ter atribuído aos Espíritos os produtos de seu próprio talento. A isso há uma resposta bem simples, é a honorabilidade notória do caráter do Sr. Jaubert, que desafia toda suspeição de haver desempenhado uma comédia indigna de sua seriedade e de sua posição. Quando os adversários nos opõem os charlatães que simulam os fenômenos espíritas nos teatros de feira, nós lhes respondemos que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com eles, não mais do que a verdadeira ciência não tem de relação com os prestidigitadores que se intitulam físicos; cabe àqueles que querem se dar ao trabalho de estudar fazer-lhes a diferença; tanto pior para o julgamento daqueles que falam do que não conhecem.

A questão de lealdade não podendo ser posta em dúvida, resta saber se o Sr. Jaubert é poeta, e se não teria, de boa fé, tomado como obra dos Espíritos, o que seria a sua. Ignoramos se ele é poeta; mas tivesse ele o talento de Racine, o meio pelo qual obtém suas fábulas não pode deixar a sombra de uma dúvida a esse respeito; é notório que todas as que obteve o foram pela tiptologia, quer dizer, pela linguagem alfabética das pancadas, e que a maioria teve numerosas testemunhas, não menos dignas de fé do que ele; ora, para quem conhece esse modo de obtenção, é evidente que sua imaginação não saberia exercer a menor influência. A autenticidade da origem é, pois, incontestável, e a Academia de Toulouse poderia disso se assegurar assistindo a uma experiência.

Damos a seguir as duas fábulas que obtiveram seu sufrágio.

O LEÃO E O CORVO.

(Primeiro prêmio)

Um leão percorria seus imensos domínios,
Por um nobre orgulho dominado;
Sem cólera, comendo seus súditos por dúzias;
Bom príncipe, de resto, quando havia jantado!
Não andava só; ao redor de sua juba
Se agrupavam solícitos lobos, tigres, leopardos,
Panteras, javalis; dizem que as raposas
Prudentemente, ficavam para trás.
Ora, o monarca, um certo dia,
Como segue arengou os camponeses e a corte:
"Ilustres companheiros, verdadeiros sustentas de minha glória,
Quadrúpedes submetidos à minha nobre maxila,

Para me ouvir, todos vós acorrestes a este lugar,
Escutai: Sou rei pela graça de Deus! Poderia...
Mas por que pensar em minha força?"
Depois, o leão, com facilidade,
Como melhor não o faria um poderoso advogado
Melhor do que um procurador de fértil cérebro,
Falou de seus deveres, das cargas do Estado,
Dos pastores, de seus cães, da carta nova,
Do mal que, muito freqüentemente, lhe dizem os tolos;
E sempre mais emocionado terminou por estas palavras:
"Deixei meu palácio de propósito para vos agradar;
Exponde vossas queixas; eu pesarei o assunto.
Touros, carneiros, cabritos, contai com minha bondade.
Espero; explicai-vos com toda a liberdade.
Oh que coisa! nesse vasto cenário,
Nem um só infeliz! nem um só lamento!..."

Um velho corvo o interrompeu,
E livre no ar respondeu:
"Tu os crês satisfeitos; seu silêncio te toca,
Grande rei!...é o terror que lhes fecha a boca."

O OSSO PARA ROER. (Menção honrosa)

Ornado de um capacete com mecha e cheio de benevolência,
Um discípulo do falecido Vatel,
No pátio de sua vasta mansão,
Aos seus cães dava audiência. "Em vós, dizia-lhes, muito quis pensar;
Amo-vos e vos destino,
Toda sobra saindo de minha cozinha,
Esse osso, esse belo osso para roer!
Mas só um obtê-lo-á de meu favor ensigne;
Sou justo, e entendo dá-lo ao mais digno.
O concurso está aberto; fazei valer vossos direitos.
" Um cão de caça, renomado entre os mais ágeis,
De uma tropa canina outrora primeiro papel,
No mesmo instante arriscou o pulo,
Passeou sobre a multidão um olhar triunfador,
Ladrrou, se fez de morto, saltou para o imperador.
Um dogue exclamou: "Que importa tua flexibilidade!
Sobre toda a casa, eu velo sem cessar.
Senhor, não olvideis que um ladrão imprudente o ano passado caiu sob meu dente."
Um cão d'água dizia: "Valentemente, sem censura,
Desde logo dez anos volteio vosso espeto;
Para vós, há dez anos, munido de um pequeno saco,
Na mais vizinha loja comprei o tabaco."
- Gosto, uivou Tayaut, a fanfarra sonora;
Em caça se me viu nas fileiras dos retardatários?
Vós me deveis ao menos cem lebres, vinte raposas;
Sou sóbrio, submisso; jamais devoro A perdiz encontrada na rede."

Enfim, quem roerá o osso? E se foi um velho basset!
Como o teria feito outrora um delegado do centro,
Como sem mais corar fá-lo-á amanhã,
Diante do cozinheiro se arrastando de bruços
Lambeu-lhe os pés e...fez abrir sua mão.

Bassets de grandes senhores, heróis de refeitório,
Vis abajuladores, eis a vossa história.

Considerações sobre o Espírito batedor de Carca;

Persistindo-se em crer na influência dos conhecimentos pessoais do médium na produção dos versos coroados pela Academia de Toulouse, isto não poderia ser assim para as coisas que lhe é materialmente impossível conhecer. O fato seguinte, entre mil, é uma resposta peremptória a essa objeção. Haurimo-lo numa segunda carta do Sr. Sabô.

"Em 4 de maio, disse ele, a delegação de Bordeaux, tendo partido, permaneci um dia a mais em Toulouse, e numa visita que fiz ao Sr. Jaubert, me propôs uma experiência que aceitei com grande prazer, não o tendo visto jamais operar. Uma pesada mesa de quatro pés se encontrava no quarto, nos colocamos frente a frente um do outro, e depois de diversas evoluções da mesa que obedecia ao seu comando, esta tendo retomado a sua posição normal, pediu-me para evocar *mentalmente* um Espírito. Eis as perguntas colocadas por ele e as respostas dadas pelo Espírito.

Perg. Quereríeis nos dar a conhecer vosso o sexo? - *Resp.* Feminino. (Isto era verdade.)

P. Com que idade deixastes a Terra? -.*R.* Com vinte e dois anos. (Isto ainda era verdade.)

P. Qual é o vosso prenome?

Quando o Espírito mostrou seis letras formando *Félici*, o Sr. Jaubert acreditou adivinhar, e acrescentou: "Isso deve ser *Félicie* ou *Felicite*." Sem responder à sua observação, pedi-lhe para continuar. O Espírito indicou um *a*. Estava eu muito emocionado, e o médium temia uma mistificação. Tranqüilizado a esse respeito, tendo-lhe dito que o nome era bem *Fétida*, ele continuou.

P. Que grau de parentesco tínheis ligado com o Sr. Sabô? - *R* Era sua mulher.

Pela pancada, o Sr. Jaubert se acreditava inteiramente mistificado, uma vez que sabia que minha mulher estava ainda neste mundo. Não vos dissimulo, eu estava muito feliz: vinha de apalpar, se posso me exprimir assim, a alma de minha cara Félicia. Expliquei, então, ao Sr. Jaubert, *o que ele ignorava*, que eu era viúvo e casado há alguns meses somente com a irmã do Espírito que acabava de nos dar uma prova tão irrecusável da manifestação da alma. Estava ele tão feliz quanto eu com esse resultado, embora, disse-me, obtenha fatos dessa natureza aos quais a incredulidade mais absoluta deverá se render bom grado, malgrado. "É impossível," responderia com o Sr. Jaubert: Isto é. Incrédulos! procurai de boa fé e encontrareis."

A nosso turno, diremos a esses senhores que têm muito boa opinião dos *incrédulos absolutos*, crendo que se renderão à evidência; há os que nascerão incrédulos e morrerão incrédulos, não que não possam crer, mas porque não querem crer; ora, não há pior cego do que aquele que não quer ver. Um sábio oficial dizia recentemente a um de nossos amigos que lhe falava desses fenômenos: "Não creria jamais que uma mesa pudesse se mover e se levantar de outro modo senão pelo impulso dos músculos do operador. - Mas se vísseis uma mesa se manter no espaço sem contato e sem ponto de apoio, que diríeis disto? - Não creria mais nisso, porque EU SEI que é impossível."

Crede bem, pois, que todos os Espíritos batedores de Carcassonne, e do mundo inteiro, jamais chegarão a vencer os incrédulos absolutos e os deliberados. O que há de

melhor a fazer, é deixá-los tranquilos; quando, sobre mil pessoas, novecentos e noventa crerão, o que não tardará, que farão as outras dez? Dirão ainda, como hoje, que só elas têm o bom senso, e que é preciso trancar, com os loucos, os noventa centésimos da população. Deixemo-lhes, pois, essa inocente satisfação, e prossigamos nosso caminho sem nos inquietar com os retardatários.

Esta palavra, "*eu sei que é impossível*," nos lembra a historieta seguinte: Um embaixador holandês conversava com o rei do Sião das particularidades da Holanda, da qual esse príncipe se informava, disse-lhe entre outras coisas que, em seu país, a água se endurecia algumas vezes tanto, durante a estação mais fria do ano, que os homens caminhavam em cima, e que essa água assim endurecida suportava elefantes, se nela os houvesse. Sobre o que o rei respondeu: "Senhor embaixador, acreditei até aqui nas coisas extraordinárias que me contastes, porque eu vos tomava por um homem honrado e probo; mas presentemente, estou seguro de que mentis." Não é o equivalente do "*eu sei que é impossível*"?

O fato acima relatado, dirão certos negadores, nada prova, porque se o médium ignorava a coisa, o Sr. Sabô a conhecia perfeitamente; foi, pois, seu pensamento que se reproduziu. Assim, isso seria o pensamento daquele que não era médium que teria refletido na mesa, tê-la-ia agitado de maneira inteligente para fazê-la bater as pancadas indicadoras das letras formulando seu pensamento, e isso sem sua vontade, sem a participação de suas mãos? Singular propriedade do pensamento! Só esse fenômeno, admitindo vossa teoria, não seria prodigioso e digno da mais séria atenção? Por que, pois, desdenhá-lo? Absorvei-vos sobre a composição de um grão de pó, calculais com cuidado as proporções de seus elementos, e não tendes senão desdém para uma manifestação tão estranha do pensamento! Que um novo raio do espectro solar se separe, logo estudareis suas propriedades, sua ação química, calculais seu ângulo de reflexão, seu poder refringente; um raio do pensamento se isola, agita a matéria, se reflete como a luz e isso não desperta a vossa atenção! Para que disso nos ocupar? dizeis; isso não é senão o pensamento!"

Mais como explicaríeis, com essa teoria, os fatos tão numerosos de revelações, seja pela tipologia, seja pela escrita, coisas completamente ignoradas de todos os assistentes, e cuja exatidão foi constatada, entre outros o de Simon Louvei, narrado na *Revista* de março de 1863, página 87? Do pensamento de quem essa comunicação poderia ser o reflexo, uma vez que foi preciso recorrer a um jornal de seis anos anteriores para verificá-la? É mais simples admitir que isso seja o pensamento do jornalista do que o do Espírito do próprio Simon Louvet? Tendes, pois, muito medo de serdes forçados em convir que a alma sobrevive ao corpo! E a idéia de ser aniquilado depois da morte vos sorri, pois, muito mais do que a de reviver em condições mais felizes, e de reencontrar no mundo dos Espíritos as afeições que te-ríeis deixado sobre a Terra! Se vos comprazeis na doce quietude de acabar para sempre no fundo da fossa, e dormir no seio da podridão de vosso corpo, que erro vos fazem aqueles que crêem o contrário, e por que os perseguis como os inimigos do gênero humano? Em razão de vossa crença, procurais fazer-lhes o mal; em razão da sua não lhes é preciso, então que, sem isso, talvez se vingassem de vossas injúrias; esta aí a condenação das conseqüências sociais de vossas doutrinas.

Não nos recusamos crer, dizem alguns dentre vós, mas não podemos nada ver; recusam-nos mesmo a entrada nas reuniões onde poderíamos nos convencer, e onde não se admite senão pessoas convencidas. É-vos recusada a entrada nas reuniões por uma razão muito simples: é que não desejais fazer o que é preciso para vos esclarecer, nem seguir o caminho que vos é indicado; é que vindes às reuniões, não para estudar friamente e seriamente, mas com um sentimento hostil, com o pensamento de ali fazer prevalecer vossas idéias preconcebidas, e que, na maior parte do tempo, ali levais a perturbação; que, sem respeito pelo caráter privado, embora não secreto, das reuniões, procurais ali penetrar pela astúcia para satisfazer uma inútil curiosidade, e procurar temas para os vossos sarcasmos, e, freqüentemente, para desnaturar em seguida o que ali tiverdes vis-

to; tais são os motivos de vossa exclusão que não poderia jamais ser muito rigorosa, uma vez que ali serieis nocivos a uns, e sem utilidade para vós. Aqueles que quiserão conscientemente se instruir devem prová-lo por uma boa vontade paciente e perseverante, e os meios não lhes faltarão; mas não se poderia ver essa boa vontade no desejo de submeter a coisa às suas exigências, em lugar de se submeterem, eles mesmos, às exigências da coisa. Dito isto, deixemos os negadores em repouso, esperando que chegue a hora em que poderão ver a luz.

A primeira resposta dada pelo Espírito de Félicia poderia, para certas pessoas, parecer uma contradição; ela disse ser do sexo feminino, e sabe-se que os Espíritos não têm sexo. Não têm eles sexo, é verdade, mas sabe-se que para se fazer reconhecer se apresentam sob a forma que os conhecemos quando vivos. Para seu antigo marido, Félicia é sempre uma mulher; ela não poderia, pois, se apresentar a ele sob um outro aspecto que perturbasse a sua lembrança. Há mais: quando este entrar no mundo dos Espíritos, encontrar-la-á como era sobre a Terra, de outro modo não a reconheceria; mas, pouco a pouco, os caracteres puramente físicos se apagam, para não deixar subsistir senão os caracteres essencialmente morais. É assim que uma mãe encontra seu filho em baixa idade, embora que na realidade não seja mais uma criança. Acrescentemos, ainda, que os caracteres materiais são tanto mais persistentes quanto os Espíritos sejam menos desmaterializados, quer dizer, menos elevados na hierarquia dos seres; depurando-se, os traços da materialidade desaparecem à medida que o pensamento se liberta da matéria; é por isso que os Espíritos inferiores, ainda presos à Terra, são, no mundo invisível, quase o que eram quando vivos, com os mesmos gostos e os mesmos pendores.

Faremos sobre este capítulo uma última observação, que é sobre a qualificação de *batedor* dada, erradamente na nossa opinião, ao Espírito que se comunica ao Sr. Jaubert. Esta qualificação não convém, como dissemos em outra parte, senão aos Espíritos dos quais se pode dizer batedores de profissão, e que pertencem sempre, pela pouca elevação de suas idéias e de seus conhecimentos, às categorias inferiores. Não poderia sê-lo assim com aquele que prova, ao mesmo tempo, a superioridade de suas qualidades morais e intelectuais. A tiptologia não é para ele um divertimento; é um meio de transmissão do pensamento, do qual se serve na falta de ter encontrado, em seu médium, a faculdade necessária ao emprego de um outro modo. Seu objetivo é sério, ao passo que o dos Espíritos batedores, propriamente ditos, é quase sempre fútil, se mesmo não for malévolos. A qualificação de Espírito batedor, podendo ser tomada em mau sentido, preferiríamos a de *Espírito tiptólogo*, palavra que se relaciona à linguagem da tiptologia.

MEDITAÇÕES SOBRE O FUTURO.

Poesia pela senhora Raoul de Navery. Lida na Sociedade Espírita de Paris, em 27 de março de 1863.

Nota. - Embora não esteja em nossos hábitos publicar poesias que não sejam produtos medianímicos constatados, nossos leitores nos serão gratos, sem dúvida, de abrir exceção para o trecho seguinte, por assim dizer, inspiração espontânea de uma pessoa que, há pouco tempo ainda, relegava as crenças espíritas entre as utopias.

Quando a mão da Morte, multiplicando seus golpes,
Semeava outrora o luto, o vazio ao nosso redoc,
A única palavra consoladora que atingia, nosso ouvido
Era: "Se no túmulo um ser amado dorme,
"A alma, libertando-se da prisão do corpo,
"De um pesado envoltório quebra as forças;

"Agora, retornado à sua fonte primeira,
"Goza de Deus, sua força e sua luz;
"Reencontrá-la-eis, e confundireis um dia
"Com o amor terrestre um imortal amor!"
Hoje não é a esperança distante
Que lança sobre nossos males seu clarão incerto;
Não é mais o futuro que nos restituirá nossos mortos:
Lá estão, junto a nós, secundando nossos esforços,
Atentos aos nossos votos, sofrendo os nossos sofrimentos;
Mensageiros trazendo santas esperanças,
Respondem do alto aos nossos secretos pensamentos;
Suas mãos apertam nossas mãos, sua boca tem beijos;
Mais consoladores, mais doces, do seio de uma outra esfera,
Juntam ao amor a grandeza do mistério.
Quando os evocamos, invisíveis multidões,
Sopram o conhecimento, o calor em nossos seios;
Eles vêm! e para nós tudo muda, se colore;
Mundos desconhecidos nos pressentem a aurora;
Um reflexo sideral ilumina nossas frentes,
E curvados, de joelhos, mudos adoramos
A majestade do Deus que para eles se revela.

Responde! Nós te ofendemos, ó Sabedoria eterna!
Quando santamente ousados, rasgamos com as mãos
O véu que limitava o olhar dos humanos?
Iremos nós, sectários de um espírito indócil
Lacerar as folhas divinas do Evangelho?
Não! Homens convencidos, homens de valente coração,
Fazemos junto dele o que fez o Senhor:
Cremos: - Podemos operar milagres,
Fazer de nossos lares tantos outros cenáculos,
Chamar esse Espírito cujas línguas de fogo

Mudam de obscuros pecadores em apóstolos de Deus.
Dos quatro cantos do céu, soprais, ó ventos celestes!
Expulsai de nosso redor as trevas funestas;
Derramai vossas claridades, ó candelabro de ouro,
Que do arco sagrado clareais o tesouro!
Raios do Sinal! sarça de Horeb em chamas!
Espíritos poderosos dos fortes, dos profetas, das mulheres,
Espírito, sopro furtivo que Job sentiu passar
Sobre o pelo de sua carne até se eriçar;
Todos vós que, consumando as almas exaltadas,
Fizestes tantos mártires das multidões amotinadas,
Quando a Idade Média, com a ajuda do carrasco,
Cria todo sangrento o monge inquisidor;
Vinde! temos sede de ensinamentos estranhos;
Da infância para sempre rejeitamos os cueiros;
São-nos necessárias outras palavras e outras verdades
Do que aquelas dos discursos que nos são repetidos.
Caminhamos adiante das multidões indolentes,
E se a Verdade, com suas tochas ardentes

Nos devora, e de nós se digna fazer um mártir,
Morremos sorrindo e sem desmenti-la.
Precedemos nosso tempo; procuramos como os Magos
O Deus oculto que deve receber nossas homenagens.
Nós o sabemos, mais de um dirá falando de nós:
"Esses poetas sonhadores se tornaram loucos!"
Pois bem! seja! porque esse nome de que nosso orgulho zomba,
A Jesus foi dado quando a criadagem
Esbofeteou sua face, e sobre suas vestes
Lançadas, sublime emblema, uma roupa com dobras brancas.
Paulo disse: "A loucura, então, é a sabedoria!"
Sem nos desencorajar, procuremos, pesquisemos sem cessar;
Perguntemos à morte seus segredos todo-poderosos,
Despojemos nosso espírito dos entraves dos sentidos;
Do mundo que por nós Deus revela as regras,
E que nos muda assim como rejuvenesce as águias!
Sustentados pelo seu Direito, e fortes em seu poder,
Abriremos a todos as fontes do saber.

Um dia virá, - creio que sua aurora está próxima, -
Onde, cansada de chorar, a multidão humana,
Sabendo que temos para a sede de nossos corações
A onda que desaltera em lugar do ardor dos prantos,
Virá nos repetir num imenso lamento:
"Dai-nos a luz e a esperança santa;
Colocai com vossa mão a unção de virtude
Que levanta a frente para a terra abatida.
A nossos olhos cegos pelo pó imundo,
Fazei luzir súbito uma claridade fecunda.
Pronunciai o *Ephpheta* misterioso do Cristo!
Transfigurai a carne escravizada ao Espírito!
Colocai-nos, nós viventes, no meio das coortes
Das aparições e das figuras mortas?
Os sepulcros, ai! não estão nos túmulos,
Mas bem nos corações maus, mal branqueados pela cal.
Os mortos nos ensinarão como devemos viver
Para obter que em Deus possamos sobreviver!"

E nós, que do Senhor recebemos o benefício
De habitar sobre a Terra um centro mais perfeito,
Abriremos os braços ao adepto dócil,
Em nome do Espiritismo! em nome do Evangelho!

RAOUL DE NAVERY.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

Conhecer-se a si mesmo.

(Sociedade Espírita de Sens, 9 de março de 1863.)

O que se opõe, freqüentemente, a que vos corrija de um defeito, de um vício, seguramente, é porque não vos apercebeis mesmo que o tendes. Ao passo que vedes os menores defeitos de vosso vizinho, de vosso irmão, não desconfiais mesmo que tendes os

mesmos defeitos, talvez cem vezes maiores do que os deles. Isto não é senão uma consequência do orgulho que vos leva, como todos os seres imperfeitos, a não encontrar nada de bem senão em vós. Deveríeis vos considerar um pouco como se isso não fosse vós. Figurai-vos, por exemplo, que o que fizestes ao vosso irmão, foi o vosso irmão que vos fez; colocai-vos em seu lugar, que faríeis? Respondei sem dissimulação, porque creio que quereis a verdade. Fazendo isto, estou seguro que encontrareis, freqüentemente, os defeitos que não vos apercebiéis antes. Sede franco convosco mesmos; dai um pouco conhecimento ao vosso caráter, mas não o estragueis, porque as crianças que se estragam se tornam, freqüentemente, muito más, e aqueles que as estragaram são os primeiros a lhes sentir o efeito. Retornai um pouco o alforje onde estão colocados os vossos defeitos e os de outrem; colocai o vosso adiante e os de outrem para trás, e olhai bem se isso não vos faz abaixar a cabeça, quando tiverdes essa carga à frente.

LA FONTAINE.

A Amizade e a Prece.

(Sociedade Espírita de Viena, na Áustria. - Traduzido do alemão.)

Deus, criando as almas, não fez diferenças entre elas. Que essa igualdade de direitos entre as almas serve de princípio à amizade, que não é outra coisa senão a unidade nas tendências e nos sentimentos. A verdadeira amizade não existe senão entre os homens virtuosos que se reúnem sob a proteção do Todo-Poderoso para se encorajarem reciprocamente no cumprimento de seus deveres. Todo coração verdadeiramente cristão possui o sentimento da amizade; ao contrário, essa virtude acha no egoísmo das almas viciosas a dificuldade imprevista que, semelhante à semente caída sobre a rocha árida, se torna infecunda para o bem.

Cercai vossa alma da muralha protetora de uma prece cheia de fé, a fim de que o inimigo, seja inteirar, seja exterior, não possa ali penetrar.

A prece eleva o Espírito do homem para Deus, liberta-o de todas as inquietações terrestres, transporta-o num estado de tranqüilidade, de paz, que o mundo não poderia lhe oferecer. Quanto mais a prece é confiante e fervorosa, melhor é escutada e mais agradável é a Deus. Quando a alma do homem, inteiramente penetrada de um santo zelo, se lança para o céu na íntima e ardente prece, então os inimigos interiores, quer dizer, as paixões do homem, e os inimigos exteriores, quer dizer, os vícios do mundo, são impotentes para forçar as muralhas que o protegem. Homens, orai a Deus com toda confiança, do fundo do coração, com fé e verdade!

O futuro do Espiritismo.

(Lyon, 21 de setembro de 1862. - Médiun, senhora B...)

Perguntas-me qual será o futuro do Espiritismo, e que lugar terá no mundo. Não terá ele um lugar somente, preencherá o mundo inteiro. O Espiritismo está no ar, no espaço, na Natureza. É a pedra principal do edifício social; podes pressagiar de seu futuro por seu passado, por seu presente. O Espiritismo é a obra de Deus; vós, homens, lhe destes um nome, Deus dele vos deu o pensamento quando o tempo chegou; porque o Espiritismo é a lei imutável do Criador. Desde que o homem teve inteligência, Deus lhe inspirou o Espiritismo, e, de época em época, enviou sobre a Terra Espíritos avançados, que ensaiaram sobre as naturezas corpóreas a influência do Espiritismo. Se esses homens não triunfaram, foi porque a inteligência humana não estava bastante aperfeiçoada; mas esses homens dele não implantaram menos a idéia, e deixaram atrás deles seus nomes e seus atos, como se coloca um mourão indicador sobre um caminho, a fim de que o viajante possa reencontrar seu caminho. Olhai para trás e verás quanto de fé já Deus tentou da influência Espírita como adiantamento moral.

Há dezoito séculos, que era o Cristianismo senão do Espiritismo? Só o nome é diferente, mas o pensamento é o mesmo. Somente o homem, com seu livre arbítrio, desnaturou a obra de Deus. A Natureza foi preponderante e o erro veio se implantar sobre essa preponderância. -Depois, o Espiritismo fez esforços para germinar; mas o terreno era inculto e a semente se rompeu e feriu na fronte os semeadores que Deus encarregara de difundir-la. Com o tempo a inteligência cresceu, o campo pôde ser arroteado, porque a época se aproxima em que o terreno deve estar de novo semeado; o Espiritismo se difunde, cada um o admite; até os mais incrédulos o compreendem, e se não o confessam, se fecham os olhos, é que a luz ofuscante do Espiritismo os cega; mas Deus protege a sua obra, a sustenta com seu poderoso olhar, a encoraja e, logo, todos os povos serão Espíritas, porque é a universalidade de todas as crenças.

O Espiritismo é o grande nivelador que avança para aplainar todas as heresias; é conduzido pela simpatia, e é seguido pela concórdia, pelo amor, pela fraternidade; ele avança sem abalos, sem revolução; não vem destruir nada, nada transtornar na organização social, vem tudo renovar. Não vejo aí uma contradição: os homens, tornados melhores, cogitarão de leis melhores; o senhor, compreendendo que o operário é da mesma essência dele, introduzirá em suas transações comerciais leis mais brandas, mais sábias; as próprias relações sociais se transformarão muito naturalmente entre a fortuna e a mediocridade; o Espírito não podendo se constituir em herdeiro privilegiado, o Espírita sentirá que há outra coisa mais importante, para ele, do que a riqueza; se desligará desse pensamento de amontoar que a cupidez engendra, e certamente ainda o pobre aproveitará dessa diminuição do egoísmo. Dizer-te que não haverá rebeldes a essa idéia, que todos crescerão universalmente fecundados pela onda do Espiritismo, não; haverá ainda refratários, anjos decaídos; porque os homens têm seu livre arbítrio, e, se bem que os conselhos não lhes falem, muitos não vendo senão do seu ponto de vista, que restringe o horizonte da cupidez, não quererão render-se à evidência. Infelizes aqueles! Lamentai-os, esclarecei-os; porque não sois seu juiz, e só Deus é o senhor de censurar a sua conduta.

Pelo futuro que te mostro para o Espiritismo, podes julgar da influência que exercerá sobre as massas. Como estais organizados, moralmente falando? tendes feito uma estatística de vossos defeitos e de vossas qualidades? Os homens levianos e neutros povoam uma boa parte de vossa Terra; os benevolentes têm a maioria? é duvidoso; mas entre os neutros, quer dizer, entre aqueles que têm um pé na balança do bem e o outro na balança do mal, muitos podem colocar os dois pés nesse prato de benevolência, que é o primeiro degrau conduzindo rapidamente às regiões mais avançadas. Há ainda sobre o globo uma parte de seres maus, mas ela tende a diminuir cada dia. Quando os homens estiverem bem imbuídos deste pensamento: que a pena de talião é a lei imutável que Deus lhes inflige, lei bem mais terrível do que vossas mais terríveis leis terrestres, bem mais assustadora e mais lógica do que as chamadas eternas do inferno, nas quais não crêem mais, terão medo dessa reciprocidade de penas, e considerarão duas vezes antes de cometer um ato censurável. Quando, pela manifestação espírita, o criminoso puder prognosticar a sorte que o espera, recuará diante do pensamento do crime, porque saberá que Deus vê tudo e que o crime, restasse ele impune sobre a Terra, lhe será preciso pagar um dia caramente essa impunidade. Então, todos esses crimes odiosos, que vêm de tempo a outro trazer sua marca indelével, na fronte da Humanidade, desaparecerão para dar lugar a uma concórdia, uma fraternidade que vos é pregada há muitos séculos; vossa legislação se abrandará em razão do adiantamento moral, e a escravidão e a pena de morte não ficarão mais em vossas leis que a assemelham à lembrança das torturas da inquisição. O homem, assim regenerado, poderá se ocupar mais de seus progressos intelectuais; o egoísmo, não existindo mais, as descobertas científicas, que pedem freqüentemente o concurso de várias inteligências, se desenvolverão rapidamente, cada um dizendo a si mesmo: "Que importa aquele que produz o bem, uma vez que o bem se produza!" Porque, com efeito, que detém, freqüentemente, os vossos sábios em sua marcha ascendente

para os progressos, se não é a personalidade, a ambição de ligar seu nome à sua obra? Eis qual é o futuro e a influência do Espiritismo sobre os povos da Terra.

(Um filósofo do outro mundo.)

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

Dissemos em nosso último número, falando do jornal *la Vérité de Lyon*, que Bordeaux teria logo também a sua *Revista Espírita*; vimos uma prova dessa publicação, que levará o título de: *la Ruche bordelaise, Revue de l'enseignement des Esprits*, e promete um novo órgão sério para a defesa e a propagação do Espiritismo. Tendo os diretores consentido em pedir nossos conselhos, formulamo-los numa carta que acreditaram dever colocar na cabeça de seu primeiro número, declarando querer seguir em todos os pontos a bandeira da Sociedade de Paris. Estamos felizes com uma adesão que não pode senão apertar, pela comunhão de idéias, os laços de uma união entre todos os Espíritas sinceramente devotados à causa comum, sem dissimulação pessoal.

A *Ruche Spirite bordelaise* aparece, a 1º e a 15º de cada mês, com cadernos de 16 páginas grandes in-8º, a partir de 1º de junho de 1863. Preço 6 francos por ano para a França e Argélia. Escritório em Bordeaux, 44, rua des Trois-Conils.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 7

JULHO 1863

DUALIDADE DO HOMEM PROVADA PELO SONAMBULISMO.

Sem lembrar aqui os inumeráveis fenômenos que ressaltam do Espiritismo experimental, e provam, com a última evidência, a independência do Espírito e da matéria, chamamos a atenção sobre um fato vulgar do qual não se tem, que saibamos, tirado todas as conseqüências, e que, no entanto, é de natureza a impressionar todo observador sério; queremos falar do que se passa no sonambulismo natural ou artificial, nas estranhas faculdades que se desenvolvem nos catalépticos, no fenômeno não menos estranho da dupla vista, hoje perfeitamente averiguado, mesmo pelos incrédulos, mas da qual não se achou a causa, embora a coisa tenha valido bem a pena. A carta seguinte, que nos dirige um honrado médico de Tarn, prova, por qual encadeamento de idéias, um homem que reflete pode passar da incredulidade à crença, com a única ajuda de seu raciocínio e da observação feita de boa fé.

"Senhor,

"Confundido na massa dos doutores e dos incrédulos, a leitura de *O Livro dos Espíritos* produziu sobre mim uma sensação muito viva. A doce satisfação que me restou dessa leitura me fez nascer o desejo muito natural de crer, sem nenhuma restrição, em todos os ensinamentos dados, nesse livro, pelos Espíritos. Para chegar a esse objetivo, teria primeiro querido constatar por mim mesmo a realidade das comunicações; portanto, trabalhei para me tornar médium, mas não tive sucesso, e me vi assim detido em minhas pesquisas. Cansado de viver em minha incerteza, tive que tomar a resolução de nisso me informar com as observações de outrem, mas como não sou de natureza fácil a persuadir, senti a necessidade de conhecê-los para poder julgar de sua realidade. Depois deter percorrido os quatro primeiros anos da *Revista Espírita*, e ter sobretudo notado com que precauções os numerosos fatos são ali narrados, que as manifestações dos Espíritos e suas comunicações se encontram sempre constatadas por pessoas honradas, desinteressadas e dignas de fé, não se pode mais conservar nenhuma dúvida sobre a sua autenticidade.

"Mas uma vez admitidas as comunicações, tinha ainda a me fazer uma idéia do grau de confiança que se deveria conceder às revelações, e sobretudo àquelas que constituem a base da filosofia espírita. Nessa apreciação, as chamas do inferno não poderiam pouco deter-me, a menos que negasse a bondade infinita de Deus; a diferença das religiões não trazia quase obstáculos, não mais, à minha lógica, tendo em vista que semeando o bem, o mais simples bom senso diz também que não se pode disso recolher o mal. Mas me restava o ponto capital da reencarnação. O sonambulismo me foi, a esse respeito, um poderoso recurso, e, se não resolveu inteiramente a questão, tornou-a, na minha opinião, tão provável que seria preciso uma forte dose de má vontade para não admiti-la. E primeiro, se a existência da alma não estivesse já demonstrada pelas manifestações e as comunicações dos Espíritos, seria claramente provada pela visão à distância e através dos

corpos opacos, o que não pode ser explicado senão por seu intermédio. Em seguida, depois de ter feito a parte das faculdades da alma liberta da matéria, tais como a visão à distância, a comunicação dos pensamentos, etc., o sonambulismo nos fez descobrir no sujeito conhecimentos bem mais extensos do que aqueles que o mesmo sujeito possui no estado de vigília. Resulta desse fato que a alma deve ser mais antiga do que o corpo, uma vez que, criada ao mesmo tempo que ele, não poderia ter conhecimentos outros senão aqueles que teria adquirido durante a existência deste último. "Mas depois de ter constatado que a alma é mais antiga do que o corpo, não se sente mais nenhuma repugnância em lhe conceder outras encarnações, porque se a existência atual não é o começo, nada prova que ela seja a última; torna-se, ao contrário, muito natural e mesmo indispensável. Há mais: o sonâmbulo, no estado de vigília, geralmente, não tem nenhuma lembrança do que disse ou fez durante seu sono; mas durante seu sono reencontra, sem dificuldade, tudo o que fez, não só durante os sonos precedentes, mas ainda durante o estado de vigília. Não está aí o quadro exato da existência da alma em seus numerosos estados, errantes e encarnados, com suas lembranças e seus esquecimentos?"

"Filho do povo, minha instrução, extremamente medíocre e adquirida por mim mesmo, remonta apenas ao terço de minha idade que é de quarenta e dois anos, também me parece que uma pena, tanto seja pouco experimentada, faria ressaltar bem mais claramente desse sujeito as verdades que tentei nele descobrir. No entanto, por tão imperfeitas que sejam essas aproximações, bastaram para determinar a minha convicção, e me consideraria feliz se as julgásseis dignas de poder exercer a mesma influência sobre outros.

"Embora minha convicção seja de data muito recente, ela começou a dar seus frutos, e, independentemente das felizes modificações que já trouxe em minhas maneiras de ser, é para mim a fonte de muitas doces consolações. Essas felizes mudanças são unicamente devidas ao conhecimento de vossas obras; também vos peço, senhor, dignar-se aceitar o eterno reconhecimento daquele que deseja no futuro ser contado no número de vossos mais fervorosos adeptos.

"G..."

A visão à distância, as impressões que o sonâmbulo sente segundo o meio que vai visitar, provam que uma parte de seu ser é transportada; ora, uma vez que não é seu corpo material, visível, que não muda de lugar, esse não pode ser senão o corpo fluídico, invisível e sensitivo. Não é o fato mais patente da dupla existência corpórea e espiritual? Mas, sem falar dessa singular faculdade que não é geral, basta observar o que se passa entre os sonâmbulos mais vulgares; a dualidade se manifesta, de maneira não menos evidente, assim como o faz notar nosso correspondente no fenômeno do esquecimento do sonho. Não há ninguém que, tendo observado os efeitos magnéticos, não haja estado em condições de constatar a instantaneidade desse esquecimento. Um sonâmbulo fala, sua conversação é perfeitamente seqüente e racional; sendo despertado subitamente, no meio de uma frase, de uma palavra mesmo que não pôde acabar, depois, perguntando-se-lhe o que vem de dizer, lembrando-se-lhe a palavra começada, ele responde que nada disse. Se o pensamento fosse o produto da matéria cerebral, por que esse esquecimento, uma vez que esta matéria está sempre ali, e sempre a mesma? por que basta um instante para mudar o curso das idéias? Mas o que é mais característico ainda, é lembrar perfeitamente, num novo sono, daquilo que disse e fez num sono precedente, embora com um ano de intervalo. Só este fato provaria que, ao lado da vida do corpo, há a vida da alma, e que a alma pode agir e pensar de maneira independente. Se ela pode manifestar essa independência durante a vida do corpo, do qual ela sofre sempre mais ou menos os entraves, com mais forte razão, o pode quando goza de toda a sua liberdade.

As conseqüências que nosso correspondente tira desses fenômenos, para provar a anterioridade da alma e a pluralidade das existências, são perfeitamente lógicas. Os fenômenos sonambúlicos, como tantos outros, parecem conduzidos pela Providência para nos

colocar no caminho do mistério do pensamento. A ciência, no entanto, não se digna considerá-los; para vê-los, ela não afastará os olhos de um polipo, de um cogumelo ou de um filete nervoso. É verdade que a alma não se mostra à ponta do escalpelo, nem sob a lupa; mas como se julga a causa pelos efeitos, os efeitos da alma estão a cada instante sob vossos olhos e não o olhais; faríeis cem léguas para observar um fenômeno astronômico sem utilidade prática, ao passo que não tendes senão sarcasmo e desdém quando se trata dos fenômenos da alma, que estão à vossa altura, e que interessam a toda a Humanidade, em seu presente e em seu futuro.

Se a ciência oficial renuncia dificilmente a seus preconceitos, seria injusto disso fazer cair a responsabilidade sobre todos os sábios; manifesta-se entre eles um movimento de bom augúrio a respeito das idéias novas; as adesões individuais e tácitas são numerosas, mas mais do que outros, talvez, temam se porem em evidência; bastará que algumas sumidades levantem a bandeira, para fazer calar os escrúpulos dos outros, impor silêncio aos maus gracejadores e fazer refletir os agressores interessados; é o que não se pode tardar a ver.

CARÁTER FILOSÓFICO DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS.

Como resposta a certas calúnias que os adversários do Espiritismo se comprazem em derramar contra a Sociedade, cremos dever publicar os pedidos de admissão formulados nas duas cartas adiante, que fazemos seguir de algumas notas.

Ao senhor presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris.

"Senhor,

"Ser-me-ia permitido aspirar a ser admitido como membro da honorável Sociedade que presidis?

"Tive a felicidade também de conhecer o Espiritismo, e de sentir em toda a sua plenitude, sua influência benfazeja. Estava atormentado, há muito tempo, pelo sofrimento físico, e conseqüentemente pelo sofrimento moral que dele decorre naturalmente quando o pensamento não vê por compensação senão a dúvida e a incerteza. *O Livro dos Espíritos* entrou em minha casa como o salvador cuja mão benfazeja nos retira do abismo, como o médico que cura instantaneamente.

"Li, compreendi; e logo o sofrimento moral deu lugar a uma imensa felicidade, diante da qual destruiu-se o sofrimento físico, porque, desde então, este não mais me apareceu senão como efeito da vontade e da sabedoria divinas, que não nos envia os males senão para nosso maior bem.

"Sob a influência dessa crença benfazeja, meu estado físico melhorou sensivelmente, e espero que Deus completará sua obra, porque se desejo hoje o retorno à saúde, não é mais, como outrora, para gozar a vida, mas para consagrá-la unicamente ao bem, quer dizer, para empregá-la exclusivamente a caminhar para o futuro, trabalhando com ardor, e por todos os meios em meu poder, no bem de meus semelhantes, e particularmente devotando-me à propagação da sublime Doutrina que Deus, em sua bondade infinita, envia à pobre Humanidade para regenerá-la.

"Glória seja, pois, dada a Deus pela divina luz que, em sua misericórdia, dignou-se enviar às suas cegas criaturas! E graças vos sejam dadas, a vós, senhor, a quem ele escolheu para lhes levar a luz sagrada!

"Se vos dignais, senhor, acolher meu pedido, eu vos serei profundamente reconhecido de transmiti-lo aos vossos honrados colegas. Não tenho a honra de vos ser conheci-

do pessoalmente, meu estado de saúde sempre impediu-me de vos visitar; mas meu amigo, o Sr. Canu, e vosso colega, quererá muito responder por mim.

"Aceitai, senhor e caro mestre, a segurança de meus sentimentos respeitosos e de meu sincero devotamento.

"HERMANN HOBACH."

"Senhor e venerado mestre,

"Confiante em vossa benevolência, venho vos dirigir um pedido que, se fosse atendido, me encheria de alegria. Já tive a felicidade de vos escrever, há algum tempo, no duplo objetivo de vos exprimir os sentimentos, por assim dizer, novos que fez nascer em mim a leitura séria de *O Livro dos Espíritos*, e obedecer ao dever sagrado de agradecer ao homem venerado que estende mão segura à coragem vacilante dos fracos deste mundo, entre os quais me encontrava há bem pouco tempo ainda, pela ignorância desses princípios sublimes que designam, enfim, ao homem uma tarefa a cumprir segundo suas forças e suas faculdades.

"Destes a esta carta uma resposta cheia de amenidade, e pela qual me convidastes a vir, como ouvinte, assistir às sessões gerais da Sociedade. Essas sessões e a leitura de *O Livro dos Médiuns* não fizeram senão me dar, cada vez mais, a força e a coragem, e me inspiraram o desejo de fazer parte de uma sociedade fundada sobre esses mesmos princípios que vinham de afastar a perturbação, a difusão, o caos, que presidiam a todas as minhas ações; disso vinha supor que a palavra do enigma da existência deveria ser bem insignificante, porque meu Espírito não me fizera ainda compreender que, fora do mundo material que me cercava, estava um mundo espiritual, caminhando concorrentemente com o nosso para a melhoria.

"Afirmo, pois, de novo, senhor, feliz se pudesse afirmar diante do mundo inteiro dos incrédulos e dos cépticos, que a Doutrina Espírita tem feito em mim uma mudança de tal modo radical na minha maneira de ser, que essa mudança poderia certamente, sem exagero, ser qualificada de milagre, naquilo que, me abrindo os olhos sobre todo o bem que se pode fazer e que não se faz, percebo primeiro um objetivo para a nossa vida atual, e em seguida, que acabrunhado dos defeitos de toda espécie, vi, enfim, que a Providência não nos havia deixado faltar ao trabalho, e que o Espírito não tinha demasiado uma existência para se aperfeiçoar trabalhando para dominar primeiro o seu corpo, para poder em seguida dominar-se a si mesmo.

"Se julgais conveniente, senhor, me receber, embora bem jovem ainda, como um dos membros Sociedade Espírita, peço-vos consentir em apresentar meu requerimento ao conselho, e lhe afirmar que a honra que me faria a Sociedade, me recebendo em seu seio, seria apreciada por mim com o sentimento do mais inteiro reconhecimento.

"Aceitai receber, senhor, a segurança de minha profunda veneração.

"PAUL ALBERT."

Se tais cartas honram seus autores, honram também a Sociedade à qual são dirigidas, e que vê com alegria aqueles que pedem para dela fazerem parte, animados portais sentimentos. É uma prova de que compreendem o objetivo exclusivamente moral que a Sociedade se propõe, uma vez que não são movidos por uma vã curiosidade, que não entraria, aliás, em nossa consideração de satisfazer. A Sociedade não acolhe senão pessoas sérias, e as cartas como as que vêm de ser relatadas, indicam-lhes o verdadeiro caráter. É entre os adeptos dessa categoria que ela se sente feliz de se recrutar, e é a melhor resposta que se possa dar aos detratores do Espiritismo, que se esforçam por apresentá-la, assim como suas irmãs dos departamentos do estrangeiro que caminham sob a mesma bandeira, como focos perigosos para a razão e a ordem pública, ou como

uma vasta especulação. Praza a Deus que o mundo não tenha outras fontes de perturbação!

O Espiritismo moderno, como dissemos, terá a sua história, que será a das fases que tiver percorrido, de suas lutas e de seus sucessos, de seus defensores, de seus mártires e de seus adversários, porque é preciso que a posteridade saiba de que armas se serviram para atacá-lo; é preciso sobretudo que conheça os homens de coração, que se devotaram à sua causa com uma inteira abnegação, um completo desinteresse material e moral, a fim de que possa lhes pagar um justo tributo de reconhecimento. É uma grande alegria para nós quando nos é dado inscrever um novo nome glorioso por sua modéstia, sua coragem e suas virtudes, sobre esses anais onde são confundidos o príncipe e o artesão, o rico e o pobre, os homens de todos os países e de todas as religiões, porque para o bem não há senão uma única casta, uma só seita, uma só nacionalidade e uma só bandeira: a da fraternidade universal.

A Sociedade Espírita de Paris, a primeira que foi fundada e oficialmente reconhecida, a que, pode-se dizer, deu o impulso e sob a égide da qual se formaram tantos outros grupos e sociedades, que se tornaram pela força das coisas, e por restrito que seja o número de seus membros, o centro do movimento espírita, uma vez que seus princípios são os da quase universalidade dos adeptos, esta Sociedade, dizemos, terá também seus anais para a instrução daqueles para os quais preparamos os caminhos, e para a confusão de seus caluniadores.

Não é só ao longe que a calúnia lança seu veneno, é às nossas portas. Recentemente, uma pessoa nos disse que, depois de muito tempo, tinha o maior desejo de assistir a algumas sessões da Sociedade, mas que disso foi retida porque tinham-lhe afirmado que seria preciso pagar dez francos. Sua surpresa foi grande, e podemos dizer sua alegria, quando lhe dissemos que esse boato era o fato da malevolência; que desde que a Sociedade existe, jamais um ouvinte pagou um centavo; que não é imposta nenhuma obrigação pecuniária sob qualquer forma e a qualquer título que seja, nem como assinatura da *Revista Espírita*, nem como compra de livros; que nenhum de nossos médiuns é retribuído, todos, sem exceção, dão seu concurso por puro devotamento pela causa; que os membros titulares e associados só participam das despesas materiais, mas que os membros correspondentes e honorários não suportam mesmo nenhuma carga, limitando-se a Sociedade a subvencionar suas despesas correntes, restritas tanto quanto possível, e não amontoando capital; que o Espiritismo é uma coisa toda moral, que não pode, não mais que as coisas santas, ser objeto de uma exploração que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que assim não pode aí ter senão uma malevolência insigne, capaz de emprestar à Sociedade semelhantes idéias.

Acrescentamos que o autor dessa informação oficiosa disse haver pago seus dez francos, o que prova que não se dera inocentemente ao eco de um falso boato. A Sociedade Espírita de Paris, pela sua própria posição e pelo papel que cumpre, não pode deixar de ter mais tarde uma certa ressonância; é, pois, necessário para nossos futuros irmãos, que seu objetivo e suas tendências não sejam desnaturadas pelas manobras da malevolência, e, por isso, não bastam algumas refutações individuais que não têm efeito senão no presente e se perdem na multidão; as retratações que se obtêm não são senão uma satisfação momentânea, cuja lembrança logo passa; é preciso um monumento especial, autêntico e durável, e esse monumento se fará em tempo útil; à espera, deixemos nossos adversários se desacreditarem por si mesmos pela mentira: a posteridade os julgará.

AS APARIÇÕES SIMULADAS NO TEATRO.

"Senhor,

"Os adversários do Espiritismo acabam de imaginar, para o combate, uma nova tática; ela consiste em" fazer aparecer no teatro espectros e fantasmas impalpáveis que se representam como sendo os do Espiritismo; essas aparições ocorrem todas as noites na sala Robin, boulevard do Temple. Assisti, ontem, à segunda representação, e não foi sem espanto que ouvi o Sr. Robin dizer aos seus espectadores: que se propunha, por suas experiências, combater a estranha crença, de certas pessoas, que imaginam que os Espíritos fazem mover mãos ou as mesas girarem.

"Jamais compreendi, senhor, por minha conta, a analogia que pode ali ter entre essas imitações criadas pela física recreativa e as manifestações espíritas, que estão nas leis da Natureza; também de tais manobras quase não são de temer para os adeptos do Espiritismo; entretanto, como não é preciso deixar surpreender a boa fé do público, devo vos informar desses fatos, a fim de que lhes consagreis um artigo especial na *Revista*, se julgardes conveniente; e como tenho o hábito de agir, não na sombra, mas à luz do dia, vos autorizo a fazer de minha carta o uso que vos agrade.

"Recebei, etc.

"SIMOND,
"Estudante de direito em Paris."

Há algum tempo, fala-se de uma peça fantástica que se monta no teatro Châtelet, e onde se devem, por um procedimento novo e secreto, fazer aparecer em cena sombras-fantasmas impalpáveis. Parece que o segredo foi descoberto, uma vez que o Sr. Robin o explora neste momento. Como não o vimos, nada podemos dizer sobre o mérito da imitação; desejamos-lhe que seja menos grosseira da que tinham imaginado o Sr. e Sra. Guirrod, Americanos do Canadá (Alguns traduzem: Girod de Saint-Flour), para simular a transmissão do pensamento através das muralhas, e que devia desacreditar, sem retorno, os médiuns e os sonâmbulos; desejamos sobretudo que a sua invenção não desempenhe a mesma funesta partida que a deles. O que quer que seja, o Sr. Simond tem perfeitamente razão de pensar que tais manobras não são, de nenhum modo, de temer, porque, do fato de que se pode imitar uma coisa, não se segue que a coisa não existe; os falsos diamantes nada roubam do valor dos diamantes finos; as flores artificiais não impedem de que haja as flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque se pode imitá-los, seria absolutamente como se aquele que fabrica o vinho Champagne com a poeira da água de Seltz pretendesse provar por aí que o champagne e a preguiça não existem senão na imaginação. Jamais a imitação foi mais engenhosa, mais sagaz e mais espiritual do que a da dupla vista por Robert Houdin, e no entanto isso não tem de nenhum modo desacreditado o sonambulismo, ao contrário, porque depois de se ter visto a pintura, se quis ver o original.

O Sr. e Sra. Guirrod tinham a pretensão de desacreditar os médiuns fazendo passar todos os fenômenos espíritas pelas destrezas da escamoteação; ora, como esses fenômenos são o pesadelo de certas pessoas, tinham recolhido as adesões, *exibidas em seus prospectos*, de vários padres e bispos espirito-fóbios, encantados com o golpe mortal dado ao Espiritismo; mas, em sua alegria, esses senhores não tinham refletido que os fenômenos espíritas vinham demonstrar a possibilidade dos fatos miraculosos; que provar, se fosse possível, que esses fenômenos não são senão formas de destreza, é provar que pode ocorrer o mesmo com os milagres; que, por consequência, desacreditar uns era desacreditar os outros. Jamais se pensa em tudo. Estando de alguma forma usadas as habilidades do Sr. Guirrod, esses senhores farão agora causa comum com o Sr. Robin para suas aparições?

O *Indépendance belge*, que não gosta do Espiritismo, não sabemos muito por quê, uma vez que não lhe fez mal, falando desse novo truque cênico, num número de junho, exclamava: "Eis a religião do Sr. Allan Kardec escoada a fundo; como o Espiritismo vai se levantar daí?" Notai que esta última questão foi muitas vezes colocada por todos aqueles

que pretenderam lhe dar o golpe mortal, sem disso excetuar o Sr. abade Marouzeau, e que nisso não se porta mais mal. Diremos ao *Indépendance* que é provar uma ignorância completa da própria base do Espiritismo crer que ele repousa sobre as aparições, e que tirar-lhas é tirar-lhe a alma. Se o fato das manifestações fosse oficialmente controvertido, a religião disso sofreria mais do que o Espiritismo, uma vez que os três quartos dos milagres mais importantes não têm outro fundamento. A arte cênica é a arte de imitação por excelência, desde o frango de papelão até as mais sublimes virtudes, e não se segue que não se deva crer nem nos frangos verdadeiros nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo, pela sua estranheza, vai aguçar a curiosidade pública, e será repetido em todos os teatros, porque fará ganhar dinheiro; fará falar do Espiritismo mais ainda talvez do que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais vão se esforçar por estabelecer. É preciso muito se persuadir de que tudo o que tende a preocupar "a opinião, leva forçosamente ao exame, não fosse senão por curiosidade, e é do exame que saem os adeptos. Os sermões o representam sob um aspecto sério e terrível, como um monstro invadindo o mundo e ameaçando a Igreja até em seus fundamentos; os teatros vão se dirigir à multidão dos curiosos, de sorte que aqueles que não freqüentam os sermões, dele ouvirão falar no teatro, e aqueles que não freqüentam o teatro, dele ouvirão falar no sermão; há-os como se vê para todo o mundo. É verdadeiramente uma coisa admirável ver por que meios as forças ocultas que dirigem esse movimento chega a fazê-lo penetrar por toda a parte, servindo-se daqueles mesmos que querem transtorná-lo. É bem certo que, sem os sermões de um lado e os gracejos dos jornais de um outro, a população espírita seria hoje dez vezes menos numerosa do que não o é.

Dizemos, pois, que essas imitações, mesmo supondo-as tão perfeitas quanto possível, não podem trazer nenhum prejuízo; dizemos mesmo que elas são úteis. Com efeito, eis o Sr. Robin que, com a ajuda de um procedimento qualquer, produz diante dos espectadores coisas espantosas, que afirma serem as mesmas do Espiritismo e que os médiuns produzem; ora, entre os assistentes, mais de um dirá: "Uma vez que com o Espiritismo se pode fazer a mesma coisa, estudemos o Espiritismo, aprendamos a ser médium, poderemos ver em nossa casa tanto quanto quisermos, e sem pagar, o que se vê aqui." Entre eles muitos reconhecerão o lado sério da questão, e é assim que, sem o querer, servem àqueles que quem prejudicar.

O que as pessoas sérias temem é que esses malabarismos não enganem certas pessoas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo. Aí, sem dúvida, está o lado mau, mas o inconveniente é sem importância, porque o número daqueles que se deixariam enganar é mínimo; aqueles mesmo que diriam: "Isso não é senão isto!" terão, cedo ou tarde, a ocasião de reconhecer que é outra coisa; e, à espera disso, a idéia se difunde, familiariza-se com palavra que, sob o manto burlesco, penetra por toda parte; é pronunciada sem desconfiança, e quando a palavra é alguma parte, a coisa está muito perto de aí estar.

Que isso seja uma manobra dos adversários do Espiritismo, ou simplesmente uma combinação pessoal para forçar a receita, é preciso convir que é desajeitada; haveria mais destreza da parte do casal Robin e participantes a negar toda paridade com o Espiritismo ou o magnetismo; porque, proclamando essa paridade, é reconhecer uma concorrência, -falamos do seu ponto de vista comercial, - é dar o desejo de ver essa concorrência, é confessar que podem abster-se deles.

Uma vez que estamos no capítulo das imperícias, eis uma como já dela houve tanto; lamentamos fazê-la figurar ao lado da do casal Robin e Girroodd, mas é a analogia do resultado que a isso nos força. De resto, uma vez que os dignatários da Igreja não acreditaram abaixo deles patrocinar um prestidigitador contra o Espiritismo, não poderão se escandalizar de encontrar um sermão neste capítulo.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de Bordeaux:

"Caro mestre, acabo de receber uma carta de minha irmã, que habita a pequena cidade de B...; ela se desespera por não encontrar ninguém com quem possa conversar sobre o Espiritismo, quando os adversários de nossa cara Doutrina vieram tirá-la do embarço. Algumas pessoas, tendo ouvido falar dele vagamente, acreditaram dever se dirigir aos Carmelitas para se informarem do que era; estes, não contentes de desviá-los dele, pregaram quatro sermões sobre o assunto, dos quais eis as principais conclusões:

"Os médiuns são possuídos do demônio; não agem senão com o objetivo de interesse, e não se servem de seu poder senão para fazer encontrar os tesouros escondidos ou os objetos preciosos que são perdidos, mas, ao contato de uma santa relíquia, vede-os se enrijecerem e se torcerem em horríveis convulsões.

"Os tempos preditos pelos evangelhos estão chegados; os médiuns não são outros senão os falsos profetas anunciados pelo Cristo; logo terão por chefe o Anticristo. Farão milagres e prodígios espantosos; por esse meio ganharão para a sua causa os três quartos da população do globo, o que será o sinal do fim dos tempos, porque Jesus descera sobre uma nuvem celeste e, de um só sopro, precipitar-los-á nas chamas eternas."

"Disso resultou que toda a cidade ficou emocionada; por toda parte se fala do Espiritismo; não se contenta com a explicação do padre, quer se saber mais, e minha irmã, que não via ninguém, tem dias em que recebe mais de trinta visitas; ela envia sempre a *O Livro dos Espíritos*, que dentro em pouco, estará em todas as mãos, e muitos daqueles que o têm já se dizem que isso não se parece de todo com o quadro que dele fez o pregador, que dele disse mesmo tudo ao contrário; também contamos agora com vários adeptos sérios, graças a esses sermões, sem os quais o Espiritismo não teria penetrado, há muito tempo, nessas regiões recuadas."

Não tínhamos razão de dizer que é ainda uma imperícia e teremos razão de querer que os adversários trabalhem tão bem por nós? Mas não é a última; esperamos a maior de todas, que coroará a obra. Há um ano cometendo, uma delas muito grave, que nos guardamos de revelar, porque é preciso que vá até o fim, mas da qual se verão um dia as conseqüências. Há mais ou menos dois anos, perguntávamos a um de nossos guias espirituais por que meio o Espiritismo poderia penetrar nos campos. Responderam-nos: "Pelos curas. - *Perg.* Será isso voluntariamente ou involuntariamente de sua parte? - *R.* Involuntariamente no início; voluntariamente mais tarde. Dentro em pouco farão uma propaganda da qual não podeis prever a importância. Não vos inquieteis nada e deixai fazer: os Espíritos velam e sabem o que é preciso."

A primeira parte da predição, como se vê, cumpriu-se não se pode melhor. De resto, todas as fases por onde passa o Espiritismo nos foram anunciadas, e todas as que devem percorrer ainda, até seu estabelecimento definitivo, no-lo são igualmente, e cada dia se verifica o acontecimento.

É em vão que procuram dissuadir do Espiritismo apresentando-o sob cores assustadoras. O efeito, como se vê, é todo outro do que aquele que se espera; para dez pessoas desviadas, há cem delas reunidas. Isso prova que ele tem, por si mesmo, um irresistível atrativo, sem falar daquele do fruto proibido. Isso nos traz à memória a pequena historietta seguinte:

Um proprietário, um dia, fez vir à sua casa um tonei de excelente vinho; mas, como temia a infidelidade de seus servidores, colocou esta etiqueta em grandes caracteres: *Horrível vinagre*. Ora, o tonei deixando escapar algumas gotas, um deles teve a curiosidade de degustá-lo na ponta do dedo, e achou que o vinagre era bom. Foi dito de um para o outro, se bem que, cada um vindo ali haurir, ao cabo de algum tempo o tonei se encontrava vazio. Como o proprietário dava às suas pessoas vinho ordinário para beber, diziam entre si: "Isto não vale o horrível vinagre."

Será bom dizer que o Espiritismo é do vinagre, não se fará senão àqueles que o degustaram não o achando doce; ora, aqueles que dele terão gostado o dirão aos outros, e todos quererão dele beber.

UM QUADRO MEDIANÍMICO NA EXPOSIÇÃO DE CONSTANTINOPLA.

O presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris, nos escreveu o que segue, em data de 22 de maio último:

Caro senhor Allan Kardec e irmão espírita,

Já há muito tempo me propus vos dar minhas notícias, mas não credes, por isso, que haja inatividade na propaganda espírita; ao contrário, há mais atividade do que nunca. Por toda parte, crede-o, neste país fanatizado e todo arregimentado nas seitas, o Espiritismo encontra obstáculos que não existem talvez em nenhuma parte, mas as raízes são tão vivazes e tão produtivas que, apesar de tudo, penetram pouco a pouco e acabam por dar nascimento a rebentos vigorosos, que nenhuma força humana poderá abater. Constantinopla já conta com numerosos adeptos do Espiritismo, e, posso vos afirmar, nas classes mais elevadas da Sociedade; somente notei que cada um se contém ainda em si de medo de se comprometer.

Permiti-me vos citar um fato que se passa aqui, e que denota até que ponto o Espiritismo aqui se inculca: é que várias livrarias que fizeram vir obras espíritas, notadamente *O Livro dos Espíritos* e *o dos Médiuns*, os venderam imediatamente, e a quem? Ignoramos, nós Espíritas conhecidos e confessos aos olhos de todos. Temos a certeza desse fato sobre o qual chamo a vossa atenção, porque quando alguns, dentre nós, querem comprar vossas obras, o livreiro lhes responde: "Recebi-as, e as vendi imediatamente." Nós nos perguntamos quem açambarca essas obras quase logo em seu desencaixotamento, e isto ao ponto de que aqueles dos nossos que querem delas se proporcionar, não mais as encontram?

Eis agora uma outra notícia que, sem dúvida, não vos interessará menos.

Nosso amigo e irmão espírita Paul Lambardo, médium desenhista do qual vos enviei algumas flores, executou uma pintura em aquarela representando um belo buquê de flores, entre as quais os amadores notam sobretudo uma dália vermelho vivo aveludado de um efeito magnífico; todas as outras flores, rosas, cravos, tulipas, lírios, camélias, margaridas, papoulas, dormideiras, amores-perfeitos etc, são de um fino e de um natural perfeitos. Impeli-o a apresentar esse quadro à Exposição nacional otomana, aberta neste momento, e o quadro foi admitido com esta inscrição:

DESENHO MEDIANIMICO

Executado pelo Sr. Paul Lambardo, de Constantinopla, a quem as artes de desenho e da pintura são completamente desconhecidas.

Nos tempos que correm, o quadro figura de maneira notável no palácio da Exposição, à direita do lugar reservado aos quadros e gravuras. O preço dele foi fixado em 20 libras turcas ou 460 francos. Notai que se trata de um fato que milhares de pessoas podem constatar autenticamente.

Recebo cartas de diferentes pontos da Europa, da Ásia e da África, mas sou sóbrio nas respostas, senão para encorajar o estudo sério e aprofundado de nossa grande e bela ciência; depois os remeto sempre às vossas excelentes obras *O Livro dos Espíritos* e *dos Médiuns*.

Temos sempre reuniões para as experiências físicas e para os estudos psicológicos; embora as primeiras nos fiquem quase sempre, não podemos abandoná-las completamente, pela razão de que servem para convencer certos incrédulos que querem ver e tocar.

Apresentai, eu vos peço, à Sociedade Espírita de Paris, os respeitosos e fraternos cumprimentos de nossos irmãos espíritas de Constantinopla, e em particular daquele que se diz também vosso todo devotado irmão espírita.

REPOS Filho, *advogado*.

O fato significativo da exposição do quadro do Sr. Lambardo, em Constantinopla, embora admitido, ostensivamente apresentado como produto medianímico, é o semelhante das fábulas espíritas coroadas nos Jogos Florais de Toulouse. Diz-se em alguma parte que se a Academia de Toulouse tivesse conhecido a origem dessas fábulas, tê-las-ia repellido; é fazer-lhe a injúria; é esquecer, além disso, que os sujeitos enviados a essas espécies de concurso não devem levar nenhuma assinatura, nem nenhum sinal podendo revelar o autor, sob pena de exclusão; o Sr. Jaubert não podia, pois, mais colocar o de um Espírito do que o seu, nem mesmo dizer que elas vinham de um Espírito, porque isso violaria a lei do concurso, que quer o segredo mais absoluto. É a resposta àqueles que acusam o Sr. Jaubert de ter usado de fraude guardando o silêncio sobre a proveniência dessas fábulas. O que quer que seja, nas duas extremidades da Europa uma sanção oficial foi dada a produtos de além-túmulo.

Semelhantes fatos bastariam para demonstrar o irresistível poder do Espiritismo, se, aliás, não se tornara evidente por tudo o que se passa sob nossos olhos, há alguns anos, e pela inutilidade dos esforços que se fazem para combatê-lo. E por que esses esforços são inúteis? Porque, como dissemos, há um caráter que o distingue de todas as doutrinas filosóficas, é de não ter um foco único, de não depender da vida de nenhum homem; seu foco está por toda parte, sobre a Terra e no espaço, e se é incomodado de um lado, sai do outro; porque, como o disse a Sociedade Espírita de Palermo, ele se afirma e por fatos que cada um pode experimentar, e por uma teoria que tem suas raízes no senso íntimo de cada um. Para abafá-lo, não seria preciso comprimir um ponto do globo, uma aldeia, uma cidade, um país mesmo, mas o globo inteiro; e ainda não seria isso senão uma parada momentânea, porque a geração que se eleva, leva em si a intuição das idéias novas que fará cedo ou tarde prevalecer. Vede o que se passa numa região vizinha onde se coloca sobre essas idéias uma tampa de chumbo, e onde, no entanto, elas escapam por todas as fissuras.

UM NOVO JORNAL ESPÍRITA NA SICÍLIA.

Estamos felizes em termos para assinalar o aparecimento de um novo órgão do Espiritismo em Palermo, na Sicília, publicado em língua italiana, sob o título de: *O Espiritismo, jornal de psicologia experimental*. A multiplicação dos jornais especiais sobre esta matéria é um indício inequívoco do terreno que ganham as idéias novas a despeito, ou antes, em razão mesma dos ataques dos quais são objetos; essas idéias, que se implantaram em poucos anos em todas as partes do mundo, contam na Itália com numerosos e sérios representantes; é que, nessa pátria da inteligência como por toda a parte, quem lhes sonde a importância, compreende que encerram os elementos de todos os progressos, que elas são a bandeira sob a qual se abrigarão, um dia, todos os povos, e que só elas resolvem os temíveis problemas do futuro, de maneira a satisfazer a razão. Nosso concurso simpático é naturalmente alcançar a todas as publicações dessa natureza próprias para secundar nossos esforços na grande e laboriosa tarefa que empreendemos.

A carta seguinte, acompanhando a remessa desse jornal, nos anuncia, ao mesmo tempo, a constituição de uma Sociedade Espírita em Palermo, sob o título de *Societa Spiritista di Palermo*.

"Senhor, "Uma nova Sociedade espírita vem de ser constituída aqui, em Palermo, sob a presidência do Sr. cavaleiro Joseph Vassal lo Paleologo; ela já tem seu órgão de

publicidade: *O Espiritismo, ou Jornal de Psicologia experimental*, cujas duas primeiras entregas acabam de aparecer. Consenti em aceitar um exemplar que me permito vos oferecer, como àquele que tem muito merecido da Humanidade pelo progresso das idéias morais sob o impulso providencial do Espiritismo.

"Aceitai, etc.

Assinado: Paolo Morello,
Professor de história e filosofia da Universidade de Palermo.

Cada número do jornal começa pela citação de alguns aforismos, em forma de epígrafe, tirados de *O Livro dos Espíritos* ou de o dos *Médiuns*, por exemplo:

"Se o Espiritismo é um erro, cairá por si mesmo; se é uma verdade, todas as diatribes do mundo não o farão tornar-se uma mentira."

É um erro crer que baste a certas categorias de incrédulos ver os fenômenos extraordinários para serem convencidos; aqueles que não admitem a alma ou o Espírito no homem não podem admiti-lo fora do homem; por isso, negando a causa, negam o efeito."

"As reuniões frívolas têm um grave inconveniente para os novatos que as assistem, naquilo que lhes dão uma falsa idéia do Espiritismo."

Acrescentamos nós: e que, sem serem frívolas, não são realizadas com a ordem e a dignidade convenientes.

O primeiro número contém uma exposição de princípios, em forma de manifesto, do qual extraímos as passagens seguintes:

"Toda ciência repousa sobre dois pontos: os fatos e a teoria; ora, segundo o que vemos e vimos, estamos no estado de afirmar que o Espiritismo possui os materiais e as qualidades de uma ciência; porque, de uma parte, se afirma pelos fatos que lhe são próprios e que resultam da observação e da experiência, absolutamente como em toda outra ciência experimental; e de outra parte se afirma, pela sua teoria deduzida logicamente da observação dos fatos.

"O Espiritismo, considerado do ponto de vista dos fatos ou da teoria, não saiu do cérebro humano, mas decorre da própria natureza das coisas. A criação da inteligência estando dada, assim como a existência espiritual, o que recebeu o nome de Espiritismo se apresenta como uma necessidade da qual, nas condições atuais da ciência e da Humanidade, pode-se ser testemunha antes do que juiz; necessidade de onde resulta um fato complexo que pede para ser estudado seriamente antes de poder ser julgado. É permitido a cada um não estudá-lo se isso não lhe apraz, mas isso não dá a ninguém o direito de escarnecer daqueles que o estudam.

"A sociedade fundadora deste jornal não entende emitir nem uma crença, nem uma doutrina a ela; como em sua convicção nada pertence menos à invenção humana do que o Espiritismo, se propõe a expor a Doutrina Espírita, e de nenhum modo impô-la. Aliás, reserva-se uma inteira liberdade de exame e a mais completa independência de consciência na apreciação dos fatos, sem se deixar influenciar pela opinião de qualquer indivíduo ou de qualquer corpo que isso seja; isto da qual se torna responsável diante de sua própria consciência, diante de Deus e diante dos homens, é da sinceridade dos fatos."

A comunicação seguinte, assinada O Dante, extraída do segundo número, testemunha da natureza dos ensinamentos que são dados a essa sociedade.

Os Médiuns e os Espíritos.

Ninguém pode se tornar bom médium se não chega a se despojar dos vícios que degradam a Humanidade. Todos esses vícios têm sua origem no *egoísmo*, e como a negação do egoísmo é o amor, toda virtude se resume nesta palavra: *Caridade*.

A caridade ensinada por este preceito: *Quod tibi non vis*, etc. Deus não a tem somente gravada, de maneira indelével, no coração do homem, mas sancionou por seu próprio fato em nos dando seu Filho por modelo de caridade e de abnegação. Se ela deve

ser o guia de cada um, em qualquer condição social que isso chega, é sobretudo a condição *sine qua non* de todo bom médium.

Todo homem pode se tornar médium, mas a questão não é ser médium, trata-se de ser bom médium, o que depende das qualidades morais. Os Espíritos, é verdade, se comunicam aos homens em todas as condições, mas com a missão de aperfeiçoá-los se suas qualidades são boas; e operam esse aperfeiçoamento submetendo-os às mais duras provas para purificá-los, provas que o homem de bem suporta sem desmentir o sentimento moral de sua consciência e sem se deixar afastar do bom caminho pela tentação. Àqueles cujas qualidades são más, os Espíritos se comunicam para guiá-los pela mão e conduzi-los a uma conduta mais conforme à razão e mais em harmonia com o objetivo para o qual deve tender todo homem persuadido de que sua existência, neste mundo, não é outra coisa senão uma expiação. Quando tem mistura de bem e de mal, os Espíritos provocam a melhoria por meios intermediários.

Muitos serão abandonados pelos seus Espíritos, porque não quererão compreender que a caridade é o único meio de avançar. E, então, infeliz daquele que não tiver querido escutar a voz da verdade! Deus perdoa à ignorância, mas não àquele que faz o mal conscientemente. O objetivo de nossa missão é o vosso adiantamento moral, e o vosso dever é igualmente de vos melhorar; mas não espereis adiantamento de nenhuma espécie sem a caridade.

PODER DA VONTADE SOBRE AS PAIXÕES.

(Extraído dos trabalhos da Sociedade Espírita de Paris.)

Um jovem de vinte e três anos, Sr. A....., de Paris, que não está iniciado no Espiritismo senão há dois meses, entendeu-lhe a importância com uma tal rapidez que, sem ter visto nada, aceitou-o com todas as suas conseqüências morais. Isso não é de admirar, dir-se-á, da parte de um jovem, e isso não prova senão uma coisa: da leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja; mas prossigamos. Esse jovem irrefletido tinha, como disso conviu ele mesmo, um número muito grande de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível disposição da cólera desde sua infância; pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em sua casa e não encontrava imediatamente o que queria, que uma coisa não estava em seu lugar habitual, que o que tinha pedido não estava pronto no minuto, entrava em furores de tudo quebrar; estava ao ponto de que, um dia, no paroxismo da cólera, enfurecido contra a sua mãe, disse-lhe: "Vá-te, ou te mato!" Depois, esgotado por essa superexcitação, caiu inconsciente. Acrescentamos que nem os conselhos de seus pais, nem as exortações da religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado de resto por uma alta inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

E feito de um temperamento bilioso-sangüíneo-nervoso, dir-se-á, resultado do organismo; por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus descaminhos, tivesse cometido um homicídio, seria perfeitamente excusável, porque teria sido o fato de um excedente de bile. Disso resulta ainda que, a menos de modificar o temperamento, de mudar o estado normal do fígado e dos nervos, esse estava predestinado a todas as funestas conseqüências da cólera.

- Conheceis um remédio a um tal estado patológico? - Não, nenhum, se não for a idade talvez que, com o tempo possa acalmar a abundância das secreções mórbidas. - Pois bem! o que não pôde a ciência, o Espiritismo o fez, não com o tempo e em conseqüência de um esforço contínuo, mas instantaneamente; alguns dias bastaram para fazer desse jovem um ser doce e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem revelado pelo livre arbítrio que o coloca

acima do animal, a responsabilidade que disso decorre, o pensamento de que a maioria dos males terrestres são a consequência de nossos atos, todas essas idéias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma revolução súbita; parece-lhe que um véu foi levantado de cima de seus olhos; a vida lhe apareceu sob uma outra face; certo, então, de que havia nele um ser inteligente independente da matéria, disse a si mesmo: "Esse ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; por tanto, deve poder dominar a matéria." Daí este outro raciocínio: "O resultado de minha cólera foi o de me tornar doente e infeliz, e ela não faz ver o que me falta; portanto, é inútil, uma vez que com ela não avancei mais; me produziu o mal e não me deu nenhum bem em compensação; muito mais, poderia me levar a atos repreensíveis, criminosos talvez." Quis vencer, e venceu. Desde então mil ocasiões se apresentaram que, antes, o colocariam enfurecido, e diante das quais ficou impassível e indiferente, com grande estupefação de sua mãe. Sentia seu sangue ferver e subir ao cérebro, e, pela sua vontade, refluía-o e o forçava a descer.

Um milagre não teria feito melhor; mas o Espiritismo fez muitos outros deles, que a nossa Revista não bastaria para registrá-los, se quiséssemos narrar todos aqueles que são do nosso conhecimento pessoal, em fato de reformas morais dos hábitos mais inveterados. Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade, e, além disso, porque levanta um problema importante que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A.....nos perguntou, a esse respeito, se seu Espírito

era responsável por seus desatinos, ou se não fazia senão sofrer a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o haveis seriamente querido, detivestes o movimento sangüíneo. Portanto, se tivésseis querido mais cedo, os acessos teriam cessado mais cedo, e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, o que é que se coloca em cólera? É o corpo ou o Espírito? Se os acessos tivessem vindo sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sangüíneo; mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade; ora, é evidente que não era o corpo que estava contrariado, mas o Espírito, muito suscetível; o Espírito contrariado, reagindo sobre um sistema orgânico irritável, que teria ficado em repouso se não fosse provocado. Tomemos uma comparação. Tendes um cavalo feroso; se sabeis governá-lo, ele se submete; se o maltratais, ele se levanta e vos lança à terra; de quem a falta? vossa, ou do cavalo?

Para mim, fica evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um leva consigo seu pecado original, quer dizer, um resto dos seus antigos pendores, não é menos evidente que, em vossa existência precedente, deveis ter sido um homem de uma extrema violência que, provavelmente, pagastes muito caro, talvez com a vossa vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender os vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer, e para isso de lutar numa nova existência; mas se tivésseis escolhido um corpo mole e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganho, estaria a recomençar para vós; foi por isso que escolhestes um corpo bilioso, para ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada; vencestes um inimigo de vosso repouso, e nada pode entrar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis Espírita há muito tempo; essa crença era inata em vós, e o materialismo não foi senão um resultado da falsa direção dada às vossas idéias. A idéia espírita, abafada no início, ficou em estado latente, e bastou uma centelha para despertá-la; bendizei, pois, a Providência que permitiu que essa centelha chegasse em boa hora para deter uma tendência que talvez vos fosse a causa de amargos remorsos, ao passo que vos resta uma longa estrada a percorrer no caminho do bem.

Todas as filosofias se chocaram com esses mistérios da vida humana que pareciam insondáveis, até que o Espiritismo lhes trouxe a sua luz. Em presença de tais fatos, pode-

se perguntar ainda para que serve ele, e não está em direito de bem augurar o futuro moral da Humanidade quando for compreendido e praticado por todo o mundo.

PRIMEIRA CARTA AO CURA MAROUZEAU.

Senhor cura,

Espantai-vos de que, depois de dois anos, não haja respondido à vossa brochura contra o Espiritismo; estais no erro, porque depois de seu aparecimento tratei em muitos artigos de minha Revista a maioria das questões que levantai. Sei bem que teríeis desejado uma resposta pessoal, uma contra-brochura; que eu tomasse os vossos argumentos um a um para vos dar o prazer da réplica; ora, tive o irreparável erro de nem mesmo vos nomear, mas vossa modéstia, disto estou seguro, disso não me faz um crime. Reparei hoje essa omissão, mas não creiais que seja para estabelecer convosco uma polêmica, não, limito-me a algumas simples reflexões e a vos explicar os meus motivos.

Dir-vos-ei de início que se não respondi diretamente à vossa brochura, é que me tínheis anunciado que ela deveria enterrar todos vivos; portanto, quis esperar o acontecimento, e constato com prazer que não estamos mortos; que mesmo o Espiritismo está um pouco mais vivaz do que antes; que o número das sociedades se multiplica em todos os países; que por toda a parte onde se prega, contra ele o número dos adeptos aumentou; que este crescimento está em razão da violência dos ataques; isto não são hipóteses, mas fatos autênticos que, em minha posição e pela extensão de minhas relações, estou melhor do que quem quer que seja no estado de verificar. Constato, além disso, que os indigentes aos quais os padres zelosos proibiram de receber os vales de pão dados pelos Espíritas caridosos, porque era o pão do diabo, não estão mortos para vê-los comer; que os padeiros aos quais se disse para não recebê-los, porque o diabo os tiraria, não perderam um só deles; que os industriais aos quais, sempre por zelo evangélico, se quis cortar os alimentos tirando suas práticas, encontraram uma compensação nos novos clientes que lhes valeram o crescimento do número dos adeptos. Desaprovais, disto não tenho dúvida, essa maneira de atacar o Espiritismo, mas esses fatos não existem menos. Esses meios, convireis com isto, não são quase próprios para levarem à religião àqueles que dela se afastam; o medo pode reter momentaneamente, mas é um laço frágil que se rompe na primeira ocasião; os únicos laços sólidos são os do coração, cimentados pela convicção; ora, a convicção não se impõe pela força.

A vossa brochura, vós o sabeis, senhor cura, foi seguida de um grande número de outras; a vossa tem sobretudo um mérito, o da perfeita urbanidade; quereis nos matar polidamente, e vos sou grato por isso; mas por toda a parte os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos agradavelmente, e em francês mais ou menos correto; para refutá-las todas, artigo por artigo, seria necessário me repetir sem cessar, e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer; isso era, aliás, sem utilidade, e ireis compreendê-lo.

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, julgando tudo friamente; raciocino segundo os fatos e digo: Uma vez que os Espíritas são mais numerosos do que nunca, apesar da brochura do Sr. Marouzeau e todos os outros, apesar de todos os sermões e pastorais, é que os argumentos que ali se fazem valer não persuadiram as massas, que produziram um efeito contrário; ora, julgar o valor da causa por seus efeitos, creio que é a lógica elementar; desde então para que refutá-las? Uma vez que nos servem em lugar de nos prejudicarem, devemos nos guardar de pôr-lhes obstáculos. Vejo as coisas de um outro ponto de vista que o vosso, senhor abade; como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o barulho que fazem, mas o efeito que produzem; é o conjunto que vejo, ora, o conjunto é satisfatório, é tudo o que é preciso. Respostas indi-

viduais seriam, pois, sem utilidade. Quando trato de maneira geral as questões levantadas por algum adversário, não é para convencê-lo, a isto não me prendo de nenhum modo, e ainda menos para fazê-lo renunciar à sua crença, que respeito quando é sincera, é unicamente para a instrução dos Espíritas, e porque ali encontro um ponto para desenvolver ou para esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os princípios ficam, e os indivíduos desaparecem; é por isso que pouco me inquieto com as personalidades que talvez amanhã não serão mais e das quais não se falará mais, qualquer que seja a importância que procurem se dar. Vejo o futuro bem mais do que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais do que os fatos isolados e secundários. Conduzir ao bem é aos nossos olhos a verdadeira conversão. Um homem arrancado aos seus maus pendores e levado a Deus e a caridade *para todos* pelo Espiritismo é para nós a vitória mais útil; é a que nos causa a maior alegria, e agradecemos a Deus por no-la dar tão freqüentemente. Para nós a vitória mais honrosa não consiste em tirar o indivíduo de tal ou tal culto, de tal ou tal crença, pela violência ou pelo medo, mas tirá-lo do mal pela persuasão. Prezamos acima de tudo as convicções sinceras e não aquelas que são obtidas pela força ou não têm senão as aparências.

É assim, por exemplo, que, em vossa brochura, perguntais quais milagres o Espiritismo pode invocar em seu favor, e que isso respondi no número de fevereiro de 1862, página 40, pelo artigo intitulado: *o Espiritismo é provado por milagres?* e ao mesmo tempo respondi a todos aqueles que fizeram a mesma pergunta. Pedis os milagres do Espiritismo? mas haverá um maior do que a sua propagação estranha, para e contra tudo, apesar dos ataques dos quais é objeto, apesar sobretudo dos golpes tão terríveis que lhe destes? Não está aí um fato da vontade de Deus? "Não, direis, é a vontade do diabo. "Então convinde que a vontade do diabo se impõe sobre a de Deus, e que é mais forte do que a Igreja, uma vez que a Igreja não pode detê-lo. Mas esse não é o único milagre que o Espiritismo fez; ele o faz todos os dias, levando a Deus os incrédulos, convertendo ao bem aqueles que se dão ao mal, dando a força de vencer as más paixões. Pedi-lhe milagres! mas o fato narrado acima da jovem A... não é um deles? Por que a religião não o fez e deixou-o fazer ao Espiritismo, quer dizer, ao diabo? - Não está aí o que se chama um milagre. - Mas a Igreja não qualifica certas conversões de miraculosas? - Sim, mas essas são as conversões de heréticos à fé católica. - De sorte que a conversão do mal ao bem não é, na vossa opinião, um milagre; preferiríeis um sinal material: a liquefação do sangue de santo Janeiro, a cabeça de uma estátua que se move numa igreja, uma aparição no céu, como a cruz de Migné. O Espiritismo não faz dessas espécies de milagres; os únicos aos quais dá um valor infinito e dos quais se glorifica, são as transformações morais que ele opera.

Senhor abade, o tempo me apressa e o espaço me falta; uma outra vez vos direi ainda algumas palavras que poderão vos servir para a nova obra que preparais e que deve aniquilar o Espiritismo e os Espíritas para sempre. Desejo-lhe melhor chance que na primeira. Algumas passagens deste número poderão talvez vos esclarecer sobre as dificuldades que tereis que superar para ter sucesso.

Recebei, etc.

ALLAN KARDEC

UMA EXPIAÇÃO TERRESTRE.

Max, o mendigo.

Numa cidade da Baviera morreu, pelo ano de 1850, um velho quase centenário, conhecido sob o nome de pai Max. Ninguém conhecia direito a sua origem, porque ele não tinha família. Há quase meio século, acabrunhado por enfermidades que o punham fora do estado de ganhar sua vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade

pública, que dissimulava vendendo, nas fazendas e nos castelos, almanaques e pequenos objetos. Foi-lhe dada a alcunha de conde Max, e as crianças não o chamavam nunca senão senhor conde, do que ele sorria sem se melindrar. Por que esse título? Ninguém poderia dizê-lo; passou a ser hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com os andrajos. Vários anos depois de sua morte, apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, onde recebia a hospitalidade na estrebalaria, porque não havia domicílio para ele. Disse-lhe: obrigado a vós por vos terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, porque elas foram ouvidas pelo Senhor. Desejais saber quem sou, alma caridosa que vos interessastes pelo infeliz mendigo; vou satisfazer-vos; isto será para todos uma grande instrução".

Ele fez, então, o relato seguinte, aproximadamente nestes termos:

"Há um século e meio mais ou menos, eu era um rico e poderoso senhor deste país, mas vão, orgulhoso e enfatuado pela minha nobreza; a minha imensa fortuna nunca serviu senão aos meus prazeres, e a isso apenas ela bastava, porque eu era jogador, libertino e passava minha vida nas orgias. Meus vassalos, que acreditava criados para o meu uso, como os animais da fazenda, eram pressionados e maltratados, para proverem as minhas prodigalidades. Permaneci surdo às suas queixas como aos de todos os infelizes, e, segundo eu, eles deveriam se sentir muito honrados por servirem aos meus caprichos. Morri com uma idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem que provasse nenhuma infelicidade verdadeira; ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de modo que eu era, aos olhos de todos, um dos felizes do mundo; a minha posição valeu-me suntuosos funerais; os boêmios lamentavam em mim o faustoso senhor, mas nenhuma lágrima foi vertida sobre a minha tumba, nem uma prece do coração foi dirigida a Deus por mim, e a minha memória foi amaldiçoada por todos aqueles dos quais aumentara a miséria. Ah! quanto é terrível a maldição dos infelizes que se fez! ela não cessou de retinir nos meus ouvidos durante longos anos, que pareceram uma eternidade! e, na morte de cada uma de minhas vítimas, era um novo rosto ameaçador ou irônico que se erguia diante de mim e me perseguia sem descanso, sem que pudesse encontrar um canto escuro para subtrair-me à sua visão. Nenhum olhar amigo! meus antigos companheiros de deboche, infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam dizer-me com desdém: "Não podes mais pagar os nossos prazeres. "Oh! quanto teria pago muito caro um instante de repouso, um copo de água para estancar a sede ardente que me devorava! mas não possuía mais nada, e todo o ouro que semeiei, a mãos cheias, sobre a terra não produzira uma única bênção! nem uma só, entendeis, minha filha?"

Por fim, oprimido pela fadiga, esgotado como um viajor esfalfado que não vê o fim de seu caminho, exclamei: "Meu Deus, tende piedade de mim! Quando, pois, terminará está horrível situação?" Então uma voz, a primeira que eu ouvia desde que deixara a Terra, disse-me: "Quando tu quiseres. Que é necessário fazer, grande Deus? Respondi eu; disse: eu me submeterei a tudo. - E necessário o arrependimento, se humilhar diante daqueles que humilhaste. Pedir-lhes para que intercedam por ti, porque a prece do ofensor que perdoa é sempre agradável ao Senhor." Humilhei-me, pedi aos meus vassalos, meus servidores que estavam diante de mim, e cujos rostos, de mais em mais benevolentes acabaram por desaparecer. Isto foi, então, para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. A voz me disse em seguida: "Príncipe!" e eu respondi: "Não há aqui outro príncipe senão o Deus Todo-Poderoso que humilha os soberbos. Perdoai-me, Senhor, porque pequei; fiz de mim o servidor de meus servidores, se tal é a vossa vontade."

Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres camponeses. Meus pais morreram quando eu era ainda criança, e permaneci só no mundo e sem apoio. Ganhei minha vida como pude, ora como operário, ora como empregado de fazenda, mas sempre honestamente, porque eu acreditava em Deus desta vez. Com a idade de quarenta anos, uma doença tornou-me paralítico de todos os meus membros, e

me foi necessário mendigar, durante mais de cinqüenta anos, sobre essas mesmas terras das quais fora o senhor absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que possuí, onde, por uma amarga zombaria alcunharam-me senhor conde, freqüentemente, muito feliz por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora o meu. No meu sonho, agradava-me percorrer esse mesmo castelo onde fora déspota; quantas vezes em meus sonhos, revi-me ali no meio de minha antiga fortuna! Essas visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de desgostos; mas nunca uma queixa escapou da minha boca; e quando aprouve a Deus chamar-me para ele, eu o bendisse por ter me dado a coragem de suportar, sem murmúrio, essa longa e penosa prova da qual recebo, hoje, a recompensa; e vós, minha filha, eu vos bendigo por terdes orado por mim."

Nota. - Recomendamos este fato àqueles que pretendem que os homens não teriam mais freios se não tivessem mais, diante deles, o espantinho das penas eternas, e perguntamos se a perspectiva de um castigo como aquele do pai Max é menos feita para deter no caminho do mal do que aquela de tortura sem fim, nas quais não crêem mais.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Bem-aventurados os que têm os olhos fechados

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. - Médium, Sr. Vézy.)

Nota. Está comunicação foi dada a propósito de uma senhora cega, que assistia à sessão.

Meus bons amigos, não venho freqüentemente entre vós, mas hoje eis-me aqui; disso agradeço a Deus e aos bons Espíritos que vêm vos ajudar a caminhar no novo caminho. Chamastes-me por que? É para me fazer impor as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e curá-la? E que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista, e as trevas se fizeram para ela!... pobre criança! que ore e que espere! não sei fazer milagres, eu, sem a vontade do bom Deus; todas as curas que pude obter e que vos foram assinaladas, não as atribuais senão Àquele que é nosso pai em tudo. Em vossas aflições, portanto, olhai sempre o céu, e dizei, do fundo do vosso coração: "Meu Pai, curai-me, mas fazei que minha alma doente seja curada antes das enfermidades de meu corpo; que minha carne seja castigada, se preciso for, para que minha alma se eleve até vós com a brancura que tinha quando a criastes." Depois desta prece, meus bons amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, a força e a coragem vos serão dadas e, talvez, também essa cura, que não tereis pedido senão timidamente como recompensa da vossa abnegação carnal.

Mas, uma vez que estou aqui, numa assembléia onde se trata, antes de tudo, de estudos, eu vos direi que aqueles que estão privados da vista deveriam se considerar como os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse que seria preciso arrancar vosso olho, se ele fosse mau, e que valeria mais que ele fosse lançado ao fogo do que ser causa de vossa perdição. Ah! quantos há sobre a vossa Terra, que maldirão um dia nas trevas terem visto a luz! Oh! sim, são felizes estes que, na expiação, são atingidos na vista! Seu olho não lhe será motivo de escândalo e de queda; podem viver inteiramente a vida das almas, podem ver mais do que vós que vedes claro... quando Deus me permite ir abrir a pálpebra de alguns desses pobres sofredores e lhes devolver vossa luz, digo a mim mesmo: "Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Ela não pediria para ver imagens menos puras e menos suaves do que aquelas que lhe é dado ver na cegueira."

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! mais feliz do que vós, que estais aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode se lançar com elas nas esferas espíritas que os próprios predestinados de vossa Terra não vêem.

O olho aberto está sempre pronto para fazer a alma falir; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto para fazê-la alçar para Deus. Crede-me bem, meus bons e caros amigos, a cegueira dos olhos, freqüentemente, é a verdadeira luz do coração, enquanto que a vista, freqüentemente, é o anjo tenebroso que conduz à morte.

E agora, algumas palavras para ti, minha pobre sofredora; espera e tem coragem! Se te dissesse: "Minha filha, teus olhos vão se abrir," como serias ditosa! E quem sabe se essa alegria não te perderia? Tem confiança no bom Deus que fez a felicidade e permite a tristeza. Farei por ti tudo o que me for permitido; mas, a teu turno, ora e, sobretudo, medita em tudo o que acabo de te dizer.

Antes que me afaste, vós que estais aqui, recebei a minha bênção, meus bons amigos, eu a dou a todos, aos loucos, aos sábios, aos crentes, e aos infiéis desta assembléia, e que ela sirva a cada um de vós!

VIANNEY, *cura d'Ars.*

Nota. - Perguntamos se está aí a linguagem do demônio, e se se ofende o cura d'Ars atribuindo-lhe tais pensamentos. Uma jovem do campo, sem instrução, sonâmbula natural, vendo muito bem os Espíritos, veio à sessão em estado de sonambulismo. Não conhecia o cura d'Ars, mesmo de nome, e no entanto viu-o ao lado do médium e dele fez um retrato perfeitamente exato.

O Arrependimento.

(Sociedade Espírita de Paris, médium senhora Costel.)

O arrependimento eleva para Deus; é-lhe mais agradável do que a fumaça dos sacrifícios e mais precioso do que o incenso espalhado nos adros sagrados. Semelhante às tempestades que transtornam o ar purificando-o, o arrependimento é um sofrimento fecundo, uma força reativa e atuante. Jesus santificou a sua virtude, e as lágrimas da Madalena se derramaram como um orvalho sobre os corações endurecidos, que ignoram a graça do perdão. A soberana virtude proclamou o poder do arrependimento, e os séculos repercutiram a palavra do Cristo, enfraquecendo-o.

Chegou a hora em que o Espiritismo deve rejuvenescer e vivificar a própria essência do Cristianismo. Apagai, pois, em toda a parte e sempre, a cruel sentença que despoja de toda esperança a alma culpada. O arrependimento é uma virtude militante, uma virtude viril, que só os Espíritos avançados ou os corações ternos podem sentir. O remorso momentâneo e pungente de uma falta não leva com ele a expiação que dá o conhecimento de justiça de Deus, justiça rigorosa em suas conclusões, que aplica a lei do talião à vida moral e física do homem, e o castigo pela lógica dos fatos decorrentes do bom ou do mau uso de seu livre arbítrio.

Amai aqueles que sofrem, e assisti o arrependimento, que é a expressão e o sinal que Deus imprimiu em sua criatura inteligente, para elevá-la e aproximá-la de si.

JOÃO, *discípulo.*

Os fatos cumpridos.

(Sociedade Espírita de Paris, 26 de dezembro de 1862. Médium Sr. D'Ambel.)

Nota. Esta comunicação foi dada a propósito de um relatório feito na Sociedade sobre as novas sociedades espíritas, que se formam em todas as partes da França e do estrangeiro.

O progresso se manifesta de maneira muito evidente hoje na crença nas doutrinas regeneradoras que trazemos ao vosso mundo, para que seja necessário constatá-lo doravante. Cego quem não vê a marcha triunfante de nossas idéias! Quando homens eminentes, pertencentes às funções mais liberais, pessoas de ciência e de estudos, médicos, filósofos, jurisconsultos, se lançam resolutamente à procura da verdade nos caminhos novos abertos pelo Espiritismo; quando a classe militante vem nele procurar consolações e forças novas, quem, pois, entre os humanos, se crera bastante forte para opor uma barreira ao desenvolvimento dessa nova ciência filosófica? Recentemente Lamennais dizia, nesse estilo conciso e eloqüente a que vos habituastes: que o futuro era para o Espiritismo! Tenho o direito de exclamar hoje: Não está aí um fato cumprido?

Com efeito, o caminho se torna largo; o riacho de ontem se esparrama como um rio, e, a partir de valesinhos atravessados, seu curso majestoso se rirá das magras eclusas e das tardias barricadas que alguns ribeirinhos atrasados tentarão estabelecer, a fim de entrar sua marcha para o grande oceano do infinito. Pobres pessoas! a corrente vos levará logo a vós mesmos e logo vos ouviremos gritar, vós também: "É verdade! a terra gira!"

Se as ondas de sangue derramado nas Américas não chamaram a atenção de todos os pensadores sérios e de todos os amigos da paz, cujo coração sangra ao relato dessas lutas sangrentas e fratricidas; se as nações mal assentadas não procurarem em todo o continente encontrar sua base normal; se as aspirações de todos, enfim, não tenderem para uma melhoria material e moral desde há muito tempo perseguida, poder-se-ia negar a utilidade dos cataclismos morais anunciados por alguns Espíritos iniciadores; mas todos esses sinais característicos são muito aparentes para que não se reconheça a necessidade, a urgência de um novo farol, que possa salvar ainda o mundo em perigo.

Outrora, quando o mundo pagão, minado pela mais completa desmoralização, vacilava sobre a sua base, de toda parte vozes proféticas anunciavam a chegada próxima de um redentor. Há alguns anos não tendes ouvido, ó Espíritas! as mesmas vozes proféticas? Ah! eu o sei: ninguém dentre vós não o esqueceu. Pois bem! tende por certo que o tempo é chegado, e exclamemos juntos, como outrora na Judéia: "Glória a Deus no mais alto dos céus!"

ERASTO.

As épocas de transição na Humanidade.

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. - Médiun, Sr. Alfred Didier.)

Os séculos de transição na história da Humanidade se assemelham a vastas planícies semeadas de monumentos misturados confusamente sem harmonia, e a harmonia mais pura, a mais justa, existe no detalhe e não no conjunto. Os séculos abandonados pela fé, pela esperança, são sombrias páginas em que a Humanidade, trabalhada pela dúvida, se mina surdamente nas civilizações aperfeiçoadas, para chegar a uma reação que, o mais freqüentemente, as levaria, para substituí-las por outras civilizações. Os pesquisadores do pensamento, mais do que os sábios, aprofundam na nossa época, no ecletismo racional, esses misteriosos encadeamentos da história, essas trevas, essa uniformidade lançada como nevoeiros e nuvens espessas sobre civilizações há pouco vivazes e férteis. Estranho destino dos povos! É quase no nascimento do Cristianismo, é nas mais opulentas cidades, sedes dos maiores bispados do Oriente e do Ocidente, que os estragos da decadência começam; é no próprio meio da civilização, do esplendor inteligente das artes, das ciências, da literatura e dos ensinamentos sublimes do Cristo, que começa a confusão das idéias, as dissensões religiosas; é no próprio berço da Igreja romana, orgulhosa e soberba do sangue dos mártires, que a heresia, gerada pelos dogmas supersticiosos e as hierarquias eclesiásticas, se insinua como uma serpente iminente para morder no coração a Humanidade e lhe infiltrar nas veias, no meio de desordens políticas

e sociais, o mais terrível e o mais profundo de todos os flagelos: a dúvida. Esta vez a queda é imensa, a apatia religiosa dos padres, unida aos fanáticos heresiarcas, tira toda a força à política, todo amor ao país, e a Igreja do Cristo se torna humana, mas não mais humanitária. E inútil aqui, creio, apoiar sobre as relações assustadoras dessa época com a nossa; vivendo ao mesmo tempo com as tradições do Cristianismo e com a esperança do futuro, os mesmos abalos sacodem nossa velha civilização, as mesmas idéias são partilhadas, e a mesma dúvida atormenta a Humanidade, sinais precursores da renovação social e moral que se prepara. Ah! orai, Espíritas, vossa época atormentada e blasfematória e uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar.

LAMENNAIS.

Sobre as comunicações dos Espíritos.
(Grupo Espírita de Sétif, Argélia.)

Freqüentemente vos admirais ao ver faculdades medianímica, físicas ou morais, que, na vossa opinião, deveriam ser a prova de um mérito pessoal, possuídas por pessoas que seu caracter moral fica abaixo de um semelhante favor; isso se prende à falsa idéia que fazeis das leis que regem essas coisas, e que quereis considerar como invariáveis. O que é invariável é o objetivo, mas os meios variam ao infinito, para que a vossa liberdade seja respeitada. Tal possui uma faculdade, e tal possui uma outra faculdade; este é levado pelo orgulho, aquele pela cupidez, um terceiro pela fraternidade. Deus emprega as faculdades e as paixões de cada um, e as utiliza na esfera de cada um, e do próprio mal sabe fazer sair o bem. Os atos do homem, que vos parecem tão importantes, nada são para ele, é a intenção que lhe faz, aos seus olhos, o mérito ou o demérito. Feliz, pois, aquele que é guiado pelo amor fraternal. A Providência não criou o mal; tudo foi feito em vista do bem. O mal não existe senão pela ignorância do homem e pelo mau uso que faz das paixões, das tendências, dos instintos que adquiriu por seu contato com a matéria. Grande Deus! quando lhe terás inspirado a sabedoria de saber tomar na mão a direção desse poderoso móvel: a paixão, que de males desaparecerão, que de bem resultará dessa força da qual não se conhece hoje senão o mau lado, que é sua obra! Oh! continuai ardentemente vossa obra, meus amigos; que a Humanidade entreveja, enfim, o caminho no qual deve colocar o pé, para alcançar a felicidade que lhe dado adquirir sobre este globo!

Não vos admireis se as comunicações que vos dão os Espíritos elevados, se apoiando inteiramente sobre a moral do Salvador, confirmando-a e desenvolvendo-a, vos oferecem tantos pontos de contato e de semelhança com os mistérios dos Antigos; é que os Antigos tinham a intuição das coisas do mundo invisível e daquilo que deveria chegar, e que vários tinham por missão de preparar os caminhos. Observai e estudai com cuidado as comunicações que recebeis; aceitai o que a vossa razão não rejeita; repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aí a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, sem medo de vê-las desnaturadas, as verdades que distinguireis sem dificuldade de seu cortejo inevitável de erros.

Trabalhai, tornai-vos úteis aos vossos irmãos e a vós mesmos; quase não podeis prever a felicidade que o futuro vos reserva pela contemplação de vossa obra.

SANTO AGOSTINHO.

Nota. - Esta comunicação foi obtida por um jovem, médium sonâmbulo iletrado. Foi-nos enviada pelo Sr. Dumas, negociante de Sétif, membro da Sociedade Espírita de Paris, que acrescenta que o sujeito não conhecia o sentido da maioria das palavras, e nos transmite o nome de dez pessoas notáveis que assistiam à sessão. Os médiuns iletrados que têm comunicações acima de seu alcance intelectual são muito numerosos. Vem-se de nos mostrar uma página verdadeiramente notável, obtida em Lyon, por uma mulher

que não sabia nem ler nem escrever, e não sabia uma palavra do que escreve; seu marido, que não é quase mais forte, a decifra por intuição, durante a sessão, mas no dia seguinte isto lhe é impossível; as outras pessoas o lêem sem muita dificuldade. Não está aí a aplicação desta palavra do Cristo: "Vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, e farão prodígios?" Não é um prodígio que de escrever, pintar, desenhar, fazer da música e da poesia quando não se o sabe? Pedis sinais materiais? ei-los. Os incrédulos dirão que é um efeito da imaginação? Se isso fora, seria preciso convir que essas pessoas têm a imaginação na mão e não no cérebro. Ainda uma vez, uma teoria não é boa senão com a condição de dar razão de todos os fatos; se um único fato vem contradizê-la, é que ela é falsa ou incompleta.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6ª ANO

NO. 8

AGOSTO 1863

JEAN REYNAUD E OS PRECURSORES DO ESPIRITISMO.

A nosso turno, viemos lançar algumas flores sobre o túmulo recentemente fechado de um homem tão recomendável pelo seu saber quanto por suas eminentes qualidades morais, e ao qual, coisa rara, todos os partidos concordam em render justiça.

Jean Reynaud, nascido em Lyon, em fevereiro de 1808, morreu em Paris a 28 de junho de 1863. Não saberíamos dar uma idéia mais justa de seu caráter senão reproduzindo a curta e tocante notícia necrológica que seu amigo, o Sr. Ernest Legouvé, publicou no *Siècle* de 30 de junho de 1863.

"A democracia, a filosofia, e, não temo dizer-lo, a religião, acabam de ter uma perda imensa: Jean Reynaud morreu ontem depois de uma curta doença. De qualquer ponto de vista que se julguem suas doutrinas, sua obra, como sua vida, foi eminentemente religiosa; porque sua vida, como sua obra, foi um dos protestos mais eloqüentes contra o grande flagelo que nos ameaça: o ceticismo sob todas as formas. Ninguém acreditou mais energicamente na personalidade divina, ninguém acreditou mais energicamente na personalidade humana, ninguém amou mais ardentemente a liberdade. Em seu livro *Terra e Céu*, que cavou desde o início um sulco tão profundo, cujo traço ir-se-á se marcando sempre mais, nesse livro respira um tal sentimento do infinito, um tal sentimento da presença divina, que se pode dizer que Deus ali palpita em cada página! E como poderia sê-lo de outro modo, quando aquele que as escreveu, essas páginas, vivia sempre em presença de Deus! Sabemo-lo bem, nós todos que o conhecemos, o amamos, e cujo mais belo título de honra é de termos sido amados por um tal homem. Era uma fonte de vida moral sempre a jorrar; não se podia aproximar-se dele sem estar mais assegurado no bem; só seu rosto era uma lição de justiça, de honra, de devotamento; as almas decaídas se perturbam diante desse claro olhar como diante do próprio olhar da justiça: e tudo isto partiu! partiu em plena força, quando tantas palavras úteis, tantos grandes exemplos poderiam ainda sair dessa boca, desse coração!... Não choramos Reynaud só por nós, nós o choramos por nosso país inteiro.

"E. LEGOUVÉ."

O Sr. Henri Martin, no mesmo jornal de 16 de julho, deu sobre a vida e as obras de Jean Reynaud detalhes mais circunstanciados. "Educado, disse ele, na liberdade do campo por uma mãe de alma forte e terna, foi lá que tomou esses hábitos de intimidade com a Natureza que não o deixaram jamais, e se formaram esses órgãos robustos com os quais, mais tarde, fazia vinte léguas de um fôlego, e passava de geleira a geleira, de uma crista a outra dos Alpes, em estreitas cornijas onde não se arriscavam os caçadores de camurças. Seus estudos foram rápidos e fecundos; tudo se manifestando desde sua juventude o gosto mais vivo pelas letras e por todas as formas do belo, voltou de início seus objetivos futuros para as ciências, feliz direção que lhe deveria fornecer os alimentos e os ins-

trumentos de seu pensamento, e fazer do sábio útil o servidor do filósofo. Saído em primeiro lugar da Escola Politécnica, era engenheiro de minas em Corse, no momento da revolução de julho. Retornou a Paris; o saint-simonismo ali vinha de explodir; foi envolvido nesse grande e singular movimento que tomava, então, tantas jovens inteligências pelo atrativo do dogma da perfectibilidade do gênero humano. A escola, no entanto, pretendia se tornar uma *igreja*; Jean Reynaud não a seguiu; deixou o saint-simonismo pela democracia; tratou de reconstituir um grupo e um centro de ação intelectual com os amigos que dele tinham se separado ao mesmo tempo que ele. Pierre Leroux, Carnot e ele retomam das mãos de Julien (de Paris) a *Revista Enciclopédica*; foi lá que Pierre Leroux publicou seu notável *Ensaio sobre a doutrina do progresso contínuo*, e Jean Reynaud o trecho tão surpreendente do *Infinito dos céus*, germe de seu grande livro *Terra e Céu*. Fundou em seguida, com Pierre Leroux, a *Enciclopédia Nova*, obra imensa que permaneceu inacabada. O 24 de fevereiro arrancou o filósofo de seus pacíficos trabalhos para lançá-lo na política ativa. Presidente da comissão dos altos estudos científicos e literários, depois subsecretário de Estado no ministério da Instrução Pública, e elaborou com o ministro Carnot, um de seus mais antigos e de seus mais constantes amigos, os planos destinados a pôr a instrução pública ao nível das instituições democráticas. Da Instrução Pública transferido para o Conselho de Estado, Jean Reynaud ali ganhou rapidamente uma autoridade que procedia de seu caráter quanto de suas luzes, e, tão curta que tenha sido sua passagem, ali deixou, na memória dos homens especiais mais eminentes, uma impressão inapagável."

De todos os escritos de Jean Reynaud, aquele que mais contribuiu para a sua popularidade, sem contradita, foi seu livro *Terra e Céu*, embora a forma abstrata da linguagem o coloque à altura de todo o mundo; mas a profundidade das idéias e a lógica das deduções o fizeram apreciado de todos os pensadores sérios, e colocaram o autor na primeira linha dos filósofos espiritualistas. Essa obra pareceu, à Igreja, um perigo para a ortodoxia da fé; em consequência disso foi condenado e colocado no Index pela corte de Roma, o que aumentou ainda o crédito do qual já gozava e fê-lo procurar com mais avidez. Na época em que apareceu essa obra, em torno de 1840, não havia ainda a questão dos Espíritos, e, no entanto, Jean Reynaud parece ter tido, como de resto muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloqüentes precursores. Como Charles Fourier, admite o progresso indefinido da alma, e, como consequência desse progresso, a necessidade da pluralidade das existências pelos diversos estados do homem sobre a Terra.

Jean Reynaud nada tinha visto; tudo hauriu em sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo não fez senão pressentir; acrescenta assim a sanção da experiência à teoria puramente especulativa, e a experiência lhe fez naturalmente descobrir os pontos de detalhe que só a imaginação pode entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes idéias que revolucionaram o mundo, o Espiritismo não eclodiu subitamente; germinou em mais de um cérebro, mostrou-se, aqui e ali, pouco a pouco, como para habituar os homens a essa idéia; uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muito viva: teria deslumbrado sem convencer. Cada coisa, aliás, deve vir a seu tempo, e toda planta deve germinar e crescer antes de atingir seu inteiro desenvolvimento. Ocorre o mesmo em política; não há nenhuma revolução que não tenha sido elaborada de longa data, e alguém que, guiado pela experiência e pelo estudo do passado, seguindo atentamente essas preliminares, pode, quase infalivelmente, sem ser profeta, prever-lhe o desenlace. Foi assim que os princípios do Espiritismo moderno se mostraram parcialmente e sob diferentes faces em várias épocas: no século último, em Swedenborg; no começo deste século, na doutrina dos teósofos, que admitiam claramente as comunicações entre o mundo visível e o mundo invisível; em Charles Fourier, que admite os progressos da alma pela reencarnação; em Jean Reynaud, que admite o mesmo princípio, sondando o infinito, a ciência à mão; há uma dúzia

de anos, nas manifestações americanas que tiveram uma tão grande repercussão e vieram provar as relações materiais entre os mortos e os vivos, e, finalmente, na filosofia espírita, que reuniu esses diversos elementos em corpo de doutrina e deduziu-lhes as conseqüências morais. Quem teria dito, então, quando se ocupavam das mesas girantes, que desse divertimento sairia toda uma filosofia? Quando essa filosofia apareceu, quem teria dito que, em alguns anos, ela faria a volta ao mundo e conquistaria milhões de adeptos? Hoje, quem poderia afirmar que ela disse a sua última palavra? Não, certamente, não a disse; se as bases fundamentais lhe estão estabelecidas, há ainda muitos pontos de detalhe a elucidar e que virão ao seu turno; depois, quanto mais se avança, mais se vê quanto são múltiplos os interesses nos quais ela toca, porque, pode se dizer sem exagero, toca a todas as questões da ordem social; só o futuro pode, pois, desenvolver-lhe todas as conseqüências, ou, melhor dizendo, essas conseqüências se desenvolverão por si mesmas pela força das coisas, porque se encontra no Espiritismo o que inultamente se procurou em outro lugar; por isto mesmo ser-se-á conduzido a reconhecer que só ele pode encher o vazio moral que se faz, cada dia, em torno do homem, vazio que ameaça a própria sociedade em sua base, e do qual começa-se ela se assustar. Em um dado momento o Espiritismo será a âncora de salvação; mas não seria preciso esperar esse momento para lançar a corda de salvamento, do mesmo modo que não se espera o momento em que se tem necessidade da colheita para semear. A Providência, em sua sabedoria, prepara as coisas há muito tempo; por isso a idéia-mãe teve, como dissemos, numerosos precursores que abriram o caminho e prepararam o terreno para receber a semente, uns em um sentido, os outros em outro, e reconhecer-se-á, um dia, por que fios numerosos todas essas idéias parciais se ligam à idéia fundamental; ora, cada uma dessas idéias tendo seus partidários, disso resulta neles uma predisposição muito natural a aceitar o complemento da idéia, cada uma dessas teorias tendo desmontado uma porção do terreno; aí, sem contradita, está uma das causas dessa propagação que se prende ao prodígio, e da qual a história das doutrinas filosóficas não oferece nenhum exemplo; já os adversários se espantam com a resistência que apresenta aos seus ataques; mais tarde deverão ceder diante da força da opinião.

Entre os precursores do Espiritismo é preciso ainda colocar uma multidão de escritores contemporâneos, cujas obras estão semeadas, talvez com seu desconhecimento, de idéias espíritas. Haveria volumes a fazer se se quisesse recolher as inumeráveis passagens onde está feita uma alusão, mais ou menos direta, da preexistência e da sobrevivência da alma, de sua presença entre os vivos, de suas manifestações, de suas peregrinações através dos mundos progressivos, da pluralidade das existências, etc. Admitindo que isso não seja, da parte de certos autores, senão um jogo de imaginação, a idéia não se infiltra menos no espírito das massas onde está latente até o momento em que será demonstrada como uma verdade. É um pensamento mais espírita que aquele que encerra a carta do Sr. Victor Hugo sobre a morte da senhora Lamartine, e que a maioria dos jornais aclamou com entusiasmo, mesmo aqueles que mais censuram sobre a crença nos Espíritos? Eis essa carta, que disso diz muito em algumas linhas:

"Hauteville-House, 23 de maio.

"Caro Lamartine,

"Uma grande infelicidade nos fere; tenho necessidade de colocar meu coração perto do vosso. Venero aquilo que amais. O vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

"Não é a vós que é necessário dizer: Esperai. Sois daqueles que sabem e que esperam.

Ela é sempre a vossa companheira, invisível, *mas presente*. Perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.

"Victor Hugo."

Não são apenas os escritores isolados que semeiam, aqui e ali, algumas idéias, é a própria ciência que vem preparar os caminhos. O magnetismo foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas; o sonambulismo foi a primeira manifestação de isolamento da alma. A frenologia provou que o organismo cerebral é um chaveiro a serviço do princípio inteligente para a expressão das diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. A homeopatia, provando a força da matéria espiritualizada, se liga ao papel importante que o perispiritito desempenha em certas afecções; ela ataca o mal em sua própria fonte que está fora do organismo, do qual a alteração não é senão consecutiva. Tal é a razão pela qual a homeopatia triunfa numa multidão de casos onde a medicina comum fracassa: mais do que isto, toma em conta o elemento espiritualizado tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo, e porque a maior parte dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann. Até as recentes descobertas sobre as propriedades da eletricidade não há, enfim, as que não vieram trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando sua parte de luz sobre o que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Nisso não terminaríamos mais se quiséssemos analisar todas as circunstâncias, pequenas ou grandes, que há meio século vieram abrir o caminho à filosofia nova; veríamos as doutrinas mais contraditórias provocarem um desenvolvimento da idéia, os próprios acontecimentos políticos prepararem a sua introdução na vida prática; mas de todas essas causas, a mais preponderante, é a Igreja, que parece predestinada a impeli-lo fatalmente.

Tudo lhe vem em ajuda, e conhecendo-se a inumerável quantidade de documentos que nos chegam de todas as partes; se se pudesse seguir, como estamos em condições de fazê-lo, essa marcha providencial através do mundo, favorecida pelos acontecimentos menos esperados, e que, à primeira vista, pareceriam serem-lhe contrários, compreender-se-ia melhor ainda o quanto ela é irresistível, e se admiraria menos de nossa impassibilidade; é que vemos todo mundo nele trabalhar, de boa vontade ou à força, voluntariamente ou involuntariamente; é que vemos o objetivo, e que sabemos quando e como será alcançado; vemos o conjunto que avança, é por isso que nos inquietamos pouco com algumas individualidades que vão obliquamente.

Jean Reynaud foi, pois, um precursor do Espiritismo por seus escritos; também ele tinha sua missão providencial e deveria sulcar um campo; ser-lhe-á ainda útil depois de sua morte. Um eminente Espírito deu a apreciação seguinte sobre esse acontecimento:

"Ainda uma circunstância que vai resultar em proveito do Espiritismo.

Jean Reynaud havia cumprido o que devia fazer nesta última existência; vai se falar de sua morte, de sua vida, e mais do que nunca de suas obras; ora, falar de suas obras é colocar um pé no caminho do Espiritismo. Muitas inteligências aprenderão a nossa crença querendo estudar esse filósofo que se fez autoridade; comparar-se-á, e ver-se-á que não sois loucos como o pretendem aqueles que riem de vós e de vossa fé. Tudo o que Deus fez está bem feito, crede-me. Ele será louvado pelos vossos próprios detratores, e sabeis que são eles que, sem o querer, mais trabalham para vos fazer adeptos. Deixai fazer, deixai gritar, tudo será segundo a vontade de Deus. Ainda um pouco de paciência, e a elite dos homens inteligentes e de saber se juntará a vós, e diante de certas adesões ostensivas, a crítica deverá abaixar a voz.

"SANTO AGOSTINHO."

Nota. - Ver adiante, nas dissertações, algumas comunicações de Jean Reynaud.

PENSAMENTOS ESPÍRITAS EM DIFERENTES ESCRITORES.

Extraído do *Voyage en Orient*, pelo Sr. de Lamartine.

"Oh! Para isso, disse-lhe, é uma outra questão. Ninguém mais do que eu não sofre e não geme do gemido universal da Natureza, dos homens e das sociedades. Ninguém não confessa mais alto os enormes abusos sociais, políticos e religiosos. Ninguém não deseja e não espera mais uma reparação a esses males intoleráveis da Humanidade. Ninguém não está mais convencido de que esse reparador não pode ser senão divino! Se chamais isso esperar um messias, eu o espero como vós, e mais do que vós suspiro por seu próximo aparecimento; como vós, e mais do que vós vejo nas crenças abaladas do homem, no tumulto de suas idéias, no vazio de seu coração, na depravação de seu estado social, nos estremecimentos repetidos de suas instituições políticas, todos os sintomas de uma comoção, e por conseguinte de uma renovação próxima e iminente. Creio que Deus se mostra sempre no momento preciso onde tudo o que é humano é insuficiente, onde o homem confessa que nada pode por si mesmo. O seu mundo aí está. Creio, pois, num messias; não vejo Cristo que nada tem de mais a nos dar em sabedoria, em virtude e em verdade; vejo aquilo que o Cristo anunciou dever vir após ele: esse Espírito-Santo sempre atuante, sempre assistindo o homem, sempre lhe revelando, segundo os tempos e as necessidades, o que deve fazer e saber. Que esse Espírito divino se encarne num homem ou numa doutrina, num fato ou numa idéia, pouco importa, é sempre ele, homem ou doutrina, fato ou idéia. Creio nele, espero nele e o espero, e mais do que vós, milady, eu o invoco! Vede, pois, que podemos nos entender e que nossas estrelas não são tão divergentes do que esta conversação vo-lo pôde fazer pensar." (1^o vol. página 176.)

"A imaginação do homem é mais verdadeira do que se pensa; ela não edifica sempre com os sonhos, mas procede por assimilações instintivas de coisas e de imagens que lhe dão resultados mais seguros e mais evidentes do que a ciência e a lógica. Excetuados os vales do Líbano, as ruínas de Balbek, as margens do Bósforo em Constantinopla, e o primeiro aspecto de Damasco, do alto do Anti-Líbano, jamais encontrei um lugar, uma coisa cuja primeira visão não fosse para mim como uma lembrança!

"Vivemos duas vezes ou mil vezes? Nossa memória não é senão um gelo embaçado que o sopro de Deus reanima? ou bem temos na nossa imaginação o poder de pressentir e de ver, antes que vejamos realmente? Questões insolúveis!" (1^o vol., página 327.)

Nota. - Em nosso precedente artigo sobre os precursores do Espiritismo, dissemos que se encontram em muitos autores os elementos esparsos desta doutrina; os fragmentos acima são muito claros para que seja necessário fazê-los ressaltar a presença de espírito.

Do fato de que homens, como o Sr. Lamartine e outros, emitam, em seus escritos, idéias espíritas, segue-se que adotem francamente o Espiritismo? Não; para a maioria não estudaram, ou se o fizeram não ousam ligar seu nome conhecido a uma nova bandeira. Sua convicção, aliás, não é senão parcial, e a idéia, freqüentemente, não é para eles senão um relâmpago que parte de uma intuição vaga não formulada, não retida em seu espírito; podem, pois, recuar diante de um conjunto do qual certas partes podem ofuscá-los, assustá-los mesmo; para nós, isso não é menos o indício do pressentimento da idéia geral que germina parcialmente nos cérebros de elite, e isto basta para provar a certos adversários que essas idéias não são tão desprovidas de sentido quanto o pretendem, uma vez que são partilhadas pelos próprios homens cuja superioridade reconhecem. Reunindo e coordenando as idéias parciais de cada um, chegar-se-ia certamente a constituir a Doutrina Espírita completa segundo os homens mais eminentes e os mais acreditados.

Agradecemos ao nosso assinante de Joinville que teve a fineza de nos transmitir as duas passagens pre-citadas, e seremos sempre muito reconhecidos para com as pessoas que consentirem, como ele, nos fazer parte do fruto de suas leituras.

Nota. - Aproveitamos esta ocasião para agradecer à pessoa que nos dirigiu uma brochura intitulada: *Dissertação sobre o dilúvio*. Não estando esse envio acompanhado de nenhuma carta, não podemos agradecer diretamente. Um golpe de vista lançado sobre essa brochura nos convenceu de que o sistema original do autor está em contradição com os dados mais vulgares e os mais positivos da ciência geológica, que, o que quer que se diga deles, têm sempre seu valor. Seria, pois, fácil refutar sua teoria por observações ao menos tão rigorosas quanto as suas.

DESTINO DO HOMEM NOS DOIS MUNDOS.

Por Hippolyte Renaud, antigo aluno da Escola Politécnica (1-(1) 1 vol. In-18. Preço 2 fr., Ledoyen; Palais-Royal. Não confundir com Jean Reynaud.)

A *Presse* de 27 de julho de 1862 deu o relatório seguinte da obra acima indicada. Ela se liga de maneira muito direta à Doutrina Espírita para que nossos leitores não nos agradeçam por reproduzi-lo. Poderíamos nós mesmos fazer uma análise dessa obra, mas preferimos a de uma pessoa desinteressada na questão. Limitar-nos-emos a fazê-la seguir de algumas considerações:

O que de mais atraente para o espírito, disse o redator, e de mais refrescante para a alma do que encontrar, na hora presente, um homem de fé sincera, ingênua e profunda, um homem que crê e, no entanto, raciocina, e raciocina deliberadamente para procurar a verdade, à luz de sua consciência? Tal é o Sr. Renaud. Nela as matemáticas e a ciência não mataram o sentimento e perturbaram as fontes misteriosas que nos ligam ao infinito pela fé. O Sr. Renaud é um crente firme, convicto, um excelente cristão mesmo, se é aliás um mau católico, do que não se defende, ao contrário.

Sua razão esclarecida, não menos que seu coração afetuoso, lhe faz repelir para bem longe a idéia de um Deus vingador, ciumento e colérico, de um Deus que teria escolhido a cólera para ligar a criatura ao seu autor, de um Deus que pune o filho pela falta de seu pai, coisa única aos olhos da justiça humana.

O Deus do Sr. Renaud é um Deus de luz e de amor. A harmonia de sua obra infinita manifesta sua onipotência e sua bondade. O homem não é sua vítima, mas seu colaborador por uma parte mínima, mas ainda gloriosa e proporcional às suas forças. Então, por que o mal e como explicá-lo? O mal não vem de uma queda primitiva que teria mudado todas as condições da vida humana, tem por causa o não cumprimento da lei de Deus e a desobediência do homem fazendo mau uso de seu livre arbítrio. Teríamos achado mais claro que o Sr. Renaud nos dissesse muito simplesmente que o homem começou pelo instinto, e que não foi senão gradualmente que ele pôde desenvolver seus sentimentos superiores e sua inteligência. O homem espécie, como todos os seres vivos, não pode de repente compreender a plenitude de seu ser. Percorreu evoluções sucessivas e normais. Sua infância social é caracterizada pela dominação dos instintos; daí sua ignorância, sua miséria e sua brutalidade. À medida que se eleva na vida, se liberta pouco a pouco do lodo das primeiras idades. A inteligência cresce, os sentimentos tomam força, começa a se humanizar. Quanto mais o homem compreende, mais ele se liga à lei, mais se torna religioso, e concorre por sua parte para a harmonia geral. O sofrimento é uma advertência, um estimulante para se livrar do mal, para se retirar da sombra e caminhar para a luz. Quanto mais ele avança, mais tem horror do mundo do instinto, da luta, da violência e da guerra; quanto mais vê e compreende, melhor aspira ao mundo de paz e de ordem, ao

império da razão, ao reino dos sentimentos elevados, que são a dignidade e o sinal sagrado de sua espécie.

Resulta daí que, graças à ciência, à indústria, ao progresso incessante da sociabilidade, o gênero humano tende a se constituir como o rei, ou, preferindo-se um termo menos ambicioso, como o gerente de seu globo. Mas depois, e admitindo por um momento esta hipótese que, diga-se a verdade, parece se tornar mais certa cada dia, mas depois, restará sempre a satisfazer a esse desejo insatisfeito do homem, que não pode se deter e se limitar ao presente, por magnífico que possa ser?

Que me importa, depois de tudo, vossa alegria material e terrestre, se me deixa a alma vazia e alterada? A pessoa se sente apoderar de um soberano tédio e de um grande desgosto em presença de uma tal felicidade que dura tão pouco.

Isto é verdade, responde o Sr. Renaud, e é aqui que triunfa. Iluminado pela ciência, sua fé robusta nos destinos eternos do homem lhe mostra todo um futuro infinito de atividade consciente e de alegrias paradisíacas.

Ao primeiro despertar de seu pensamento, às primeiras comoções de sua alma, o homem levanta seu olhar para o céu, interroga suas profundezas infinitas e procura qual pode ser seu laço com o universo que entrevê. Esta existência terrestre, tão curta e freqüentemente tão triste, não lhe basta. Sente que participa do infinito, e, a qualquer preço, quer nele encontrar o lugar. O homem tem horror ao nada, como a natureza o tem ao vazio. Antes que ficar sem ideal, ele se lançará desvairado nas crenças mais estranhas. Daí tantas concepções paradisíacas mais ou menos loucas, mas que atestam essa necessidade absoluta e fundamental de se sentir ligado ao infinito, seguro da imortalidade.

Conhece-se o paraíso dos budistas, os campos Elíseos dos Gregos, o paraíso dos selvagens, com suas florestas e suas planícies abundantes de caça, o paraíso de Maomé, com suas delícias materiais e suas mulheres sem mancha. O paraíso católico, que coloca a Humanidade num estado de beatitude contemplativa infinita, é uma concepção em relação com as épocas cruéis, onde o trabalho era pena e castigo, onde o sofrimento geral é tal que a resignação neste mundo e o repouso no outro puderam parecer a soberana sabedoria e o ideal mais elevado. Mas, evidentemente, essa hipótese é inteiramente contraditória com as noções mais simples e as mais claras da existência. Viver é ser; ser é agir com todas as forças de suas faculdades e de sua energia vital. Viver é aspirar e se transformar sem cessar.

A metempsicose de Pitágoras, em tudo respeitando a idéia da atividade, é incompleta nesse sentido de que ela limita a transformação a passagens em organismos vivendo na superfície da Terra, e que não leva em conta a lei do progresso ascendente, que governa todas as coisas.

Segundo o Sr. Renaud, não há senão uma maneira racional de encarar essa questão da imortalidade. O autor repele de início essa concepção de que, em continuação a uma estada no mundo visível, lugar de prova, colocaria o homem no mundo invisível, o Paraíso, no estado de beato contemplativo e mais que desinteressado de seus semelhantes e de sua obra terrestre. Que eleitos e que viventes são esses seres despojados de todo o desejo e de toda aspiração, de toda atividade fecunda, de todo interesse pelo seu passado e seu semelhante, para o universo infinito onde trabalharam, sentiam e pensaram!...

O Sr. Renaud repele igualmente esta hipótese de uma seqüência indefinida de existências, seja sobre a Terra, seja em outros globos. Esse gênero de imortalidade possui já uma grande vantagem sobre a primeira concepção, uma vez que abre à atividade humana um campo indefinido. Os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais, se juntam mais ou menos a essa idéia. Mas há um ponto capital que a arruina pela base, é a ausência da memória. Que me importa uma imortalidade da qual não tenha consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, é preciso que, numa vida diferente da minha atual, eu tenha a lembrança de minhas existências anteriores,

tenha a consciência da continuidade e da identidade de meu ser. Só com essa condição, sou verdadeiramente imortal, participando do infinito e consciente de minha função no Universo. Não conhecemos nosso ser senão por suas manifestações; sua essência virtual nos escapa. Em que repugnaria, pois, à nossa razão admitir que nosso ser, de que constatamos neste mundo a persistência em suas modificações incessantes, persistisse eternamente? Somente muda de forma e de órgãos segundo o meio que atravessa em suas encarnações sucessivas.

É assim que o Sr. Renaud chega a expor sua concepção, que satisfaz a esta condição essencial, conservar a memória, e, além disso, está conforme à justiça e a onipotente bondade de Deus.

No Universo não há vazio, não mais do que não há o nada. Ora, se o mundo visível está por toda a parte, o mundo invisível não está em parte alguma, disse justamente o Sr. Renaud, a menos que não esteja por toda a parte também.

Sobre esta Terra, o homem tem dois estados bem distintos. Durante a *vigília*, lembra-se geralmente de todos os seus atos e tem a consciência de si mesmo; durante o sono, perde a memória e a consciência. Por que o homem não teria consequentemente dois modos de existências distintos, sempre ligados entre si, sempre unidos à vida da espécie e do planeta? Primeiro, a existência que conhecemos neste mundo, depois uma outra existência de uma ordem mais elevada, onde o indivíduo se organiza e se encarna no meio dos fluidos imponderáveis, participa de um modo mais amplo da vida de nosso turbilhão, conserva, então, a memória de suas existências anteriores e possui plena consciência de seu papel e de sua função no Universo? A existência mundana ou visível está em relação com o sono, a existência transmudana ou etérea está em analogia com a vigília?

Nesta hipótese, a solidariedade do gênero humano, em suas gerações presentes e futuras, nos aparece completa e inteira, cada um de nós viveu, vive e viverá as diferentes épocas da vida da espécie sobre esta Terra, e em seu duplo modo visível e invisível. Cada um de nós nela nasce e dela sai, segundo a lei de número, pesos e medidas que presidem à harmonia dos mundos. Nossas diversas alternativas são contadas como os dias e as estações. Cada um de nós renasce sobre a Terra, toma seu lugar na espécie e sua função no trabalho geral, de conformidade com o seu valor e segundo a lei da ordem universal. Talvez cada um de nós passe por diversos estados e funções que nos apresenta o conjunto da espécie. Certamente a justiça mais absoluta preside a essas transformações, como a ordem mais harmoniosa manifesta-se na eterna criação, nas combinações variadas que caracterizam todo organismo e todo ser vivo. Renascemos para a vida etérea, e dela saímos sob essas mesmas condições de ordem e de harmonia.

Tal é a concepção do Sr. Renaud, que não posso expor aqui com todo o desenvolvimento conveniente. É preciso recorrer ao seu livro, claro, simples, rápido, onde uma fé profunda, unida a uma razão não menos alta quanto imparcial, prende constantemente o leitor sob o encanto de uma teoria tão consoladora quanto é religiosa e grandiosa. A livre espontaneidade do homem, sua solidariedade íntima e incessante com seus semelhantes, com seu globo, com seu turbilhão, com o Universo, sua atividade cada vez mais progressiva, eficaz, irradiante, em harmonia com as leis divinas, uma carreira infinita para sua eterna aspiração, a onipotência e a bondade de Deus justificadas, explicadas e glorificadas, o amor por laço entre Deus e o homem, eis o que ressalta desse pequeno livro, o mais completo de todos os que foram escritos sob a inspiração desta grande palavra: "Os desejos do homem são as promessas de Deus."

E. de POMPÉRY.

Este artigo deu lugar às duas cartas seguintes, igualmente publicadas na *Presse* de 31 de julho e 5 de agosto de 1862.

"Paris, 29 de julho de 1862.

Ao redator. "Senhor,

"Acabo de ler na *Presse* de ontem de tarde, a passagem seguinte (artigo do Sr. de Pompéry, sobre a obra do Sr. Renaud):

"O Sr. Renaud repele a hipótese de uma seqüência indefinida de existências, seja sobre a Terra, seja em outros globos... Hipótese à qual se liga mais ou menos o Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin. Lamennais... é um ponto capital que a arruina pela base, é a ausência da memória. Que me importa uma imortalidade da qual não tenha consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, é preciso que, numa vida diferente da minha vida atual, eu tenha a lembrança de minhas existências anteriores, tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser."

O Sr. de Pompéry tem razão, na minha opinião: uma metempsicose indefinida e sem memória não é a imortalidade. Mas, se tem razão quanto às idéias, está errado quanto às pessoas. Dos quatro escritores que ele cita, um só professou a doutrina que combatia, é o Sr. Pierre Leroux, em seu livro da *Humanidade*. Por minha conta, uma vez que me é preciso aqui comparecer, embora sem título para figurar junto dos três célebres filósofos, devo dizer que não tenho outra opinião senão aquela que acaba de expressar acima o Sr. de Pompéry.

"Quanto ao Sr. Jean Reynaud, fez ele dessa opinião o coroamento, de alguma sorte de seu livro *Terra e Céu*, onde apresenta a ausência de memória como a condição das existências inferiores, e a memória reencontrada e conservada para sempre como um atributo essencial da vida do mais alto.

"Não creio, não mais que o Sr. Lamennais, numa época qualquer de sua carreira, haja de nenhum modo parecido se inclinar à idéia da transmigração inconsciente e indefinida; ela era muito contrária a todas essas tendências.

"Ser-vos-ia reconhecido, senhor redator chefe, em consentir acolher esta reclamação, e vos peço aceitar meus sentimentos mais distintos.

"HENRI MARTIN."

Ao redator.

"Senhor,

"Dando conta do livro do Sr. Renaud, eu disse, segundo o autor, que os Srs. Henri Martin, Jean Reynaud, Pierre Leroux e Lamennais não podiam, segundo os sistemas adotados por eles, conservar ao homem a memória em suas encarnações ulteriores. Isto não implica que não estivesse, no pensamento desses filósofos, conservar ao homem, em suas existências indefinidas, a identidade e a perpetuidade de seu ser por meio da memória.

"A reclamação do Sr. Henri Martin seria, pois, muito justa, do ponto de vista de sua intenção, eu o constato com prazer. Resta saber agora se o Sr. Renaud, discutindo os sistemas desses ilustres contraditores, não tem razão de concluir pela sua impossibilidade. Aí está toda a questão, na qual não posso entrar neste lugar. É preciso ver o debate no livro do Sr. Renaud, que testemunha, aliás, a mais alta simpatia por esses homens eminentes.

"Aceitai, etc.

"E. de POMPÉRY."

Eis, pois, um debate seriamente iniciado num jornal, sem tolos e chatos gracejos, sobre a questão da pluralidade das existências, uma das bases fundamentais da Doutrina Espírita, por homens cujo valor intelectual não poderia ser contestado, o que prova que ela não é tão ridícula quanto agrada a alguns dizê-lo. Querendo-se muito aprofundar essas ideais emitidas no artigo do Sr. de Pompéry, encontrar-se-ão todas as da Doutrina

Espírita sobre esse ponto; não lhe falta, para completá-las, senão as relações do mundo visível e do mundo invisível, as quais não questiona. Só pela força do raciocínio e da intuição, esse senhores, aos quais se poderiam juntar muitos outros, tais como Charles Fournier e Louis Jourdan, chegaram ao ponto culminante do Espiritismo sem terem passado pela feira intermediária. A única diferença entre eles e nós, é que encontraram a coisa por si mesmos, ao passo que a nós foi revelada pelos Espíritos, e, aos olhos de certas pessoas, aí está o seu maior erro.

AÇÃO MATERIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE O ORGANISMO.

O fato seguinte nos foi transmitido pelo Sr. A. Superchi, de Parma, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

"Em nossa sessão de 23 de abril último, fiz o médium colocar a mão sobre o papel sem evocar nenhum Espírito. Logo que sua mão começou a se mover, sentiu uma força desconhecida que o constrangia a ter o indicador levantado e esticado, em uma posição inteiramente anormal; o dedo estava singularmente frio. Não podendo me dar razão de uma semelhante estranheza, disso pedi explicação ao Espírito. Respondeu ele: "Esquecidos que sois, não vos lembrais daquele que, quando vivo, escrevia de tal modo? Eu estiquei esse dedo para vos dar uma prova de nossa autenticidade e de nosso poder." Era o Espírito de um irmão do médium, morto há mais de vinte anos em Florença. Tinha se ferido no dedo quebrando uma garrafa, enquanto derramava o seu conteúdo, de tal sorte que o dedo ficou atacado de ancilose. Junta-se um desenho representando a posição da mão do médium.

"Um outro médium, contrariado por uma mistificação merecida, se esforçava por provar que os fenômenos provinham de nosso próprio espírito concentrado não sei de que modo. Tudo disso falando, um dia, tomou maquinalmente um lápis para desenhar algumas linhas, brincando; mas sua mão ficou imóvel, apesar de todos os seus esforços para dela se servir. Afinal se pôs em movimento e escreveu estas palavras: "Quando eu não quiser, jamais poderás escrever." Surpreso, mas ao mesmo tempo ferido em seu amor-próprio, retomou o lápis, dizendo que não queria mais escrever, e que assim veria bem se esse suposto Espírito teria a força de fazê-lo ir. Apesar de sua resolução, sua mão se abalou rapidamente e escreveu: "Quando eu quiser, não poderás mais escrever."

Nos dois fatos acima, a ação do Espírito sobre os órgãos, como se vê, é inteiramente independente da vontade; concebe-se desde então que pode se exercer espontaneamente, abstração feita de toda noção do Espiritismo; é, com efeito, o que provam muitas observações; aqui ocorreu sobre um dedo, noutra parte isso será sobre um outro órgão, e poderá se traduzir por outros efeitos. Essa ação, temporária nessa circunstância, poderia adquirir uma certa duração e apresentar uma aparência patológica, que não existiria em realidade, e contra a qual a terapêutica comum seria impotente.

Esse fenômeno, considerado do ponto de vista das manifestações espíritas, oferece uma prova notável de identidade. O Espírito, enquanto Espírito, incontestavelmente, não tem o dedo ancilosado, mas a um médium vidente se apresentaria com essa enfermidade para se fazer reconhecer; àquele que não fosse vidente, comunicaria momentaneamente a sua enfermidade; aí está ainda uma prova evidente de que o Espírito se identifica com o médium e se serve do corpo deste como se serviria do seu próprio. Que essa ação seja produzida por um Espírito malévolo, que ela adquira uma certa duração, que tome as formas mais caracterizadas e mais excêntricas, e ter-se-ia a explicação da maioria dos casos de subjugação corporal, que se toma peia loucura.

O fato seguinte, de uma natureza análoga, nos foi narrado por um membro da Sociedade de Paris, que foi dele testemunha numa cidade da província.

"Vi, disse ele, um médium muito singular; é uma senhora jovem ainda que pede ao seu Espírito familiar para paralisar-lhe a língua, por exemplo, e logo não pode mais falar senão à maneira de um mudo que se esforça por se fazer compreender. A seu pedido, faz aderir suas mãos uma contra a outra, de tal modo que se torna impossível desjuntá-las; ele a prega sobre sua cadeira até que peça ao Espírito para restituir-lhe a liberdade. Pedi ao Espírito para adormecê-la instantaneamente, o que fez: o médium dormiu pela primeira vez, quase em seguida, sem o concurso de ninguém. Foi nesse estado que acreditei reconhecer a natureza desse Espírito, que me pareceu obsessivo, porque quando essa senhora sofria, ou pelo menos estava muito agitada durante o sono, se eu quisesse fazer-lhe alguns passes magnéticos para acalmá-la, o Espírito a fazia repelir-me muito duramente. Aconselhei a essa senhora para não repetir com freqüência essas experiências."

Quanto a nós, lhe aconselhamos se abster totalmente disso, porque poderiam lhe pregar uma peça má. É evidente que um bom Espírito não pode se prestar a semelhantes coisas; disso se fazer um jogo é se colocar voluntariamente sob uma funesta dependência, *moralmente e fisicamente*, e Deus sabe onde isso se deteria; poderia disso resultar para ela alguma terrível subjugação corporal da qual lhe seria muito difícil depois, senão impossível, se desembaraçar. Já é bastante que esses acidentes ocorram espontaneamente, sem dar-lhes lugar provocando-os por prazer, e para satisfazer a uma vã curiosidade. Tais experiências são de nenhuma utilidade para o adiantamento moral, e podem ter os mais graves inconvenientes; depois seriam ligados ao Espiritismo, ao passo que não seria preciso acusar senão a imprevidência ou o orgulho daqueles que se crêem capazes de conduzir à sua vontade os maus Espíritos; não é jamais impunemente que se faz por muito desafiá-los. Não afirmamos que o Espírito em questão seja essencialmente mau, mas o que é certo, é que não pode ser elevado, nem mesmo essencialmente, e que é sempre perigoso se submeter a uma semelhante subordinação, da qual o menor inconveniente seria a neutralização do livre arbítrio. Dando acesso aos Espíritos dessa espécie, penetra-se em seus fluidos, necessariamente refratários às influências de bons Espíritos, que se afastam, se não se esforçam por atraí-los para si, procurando no Espiritismo os meios de se melhorar. *O perispírito, uma vez penetrado por um fluido malfazejo, é como uma veste impregnada de um odor acre, que os deliciosos perfumes não podem fazer desaparecer.*

AINDA UMA PALAVRA SOBRE OS ESPECTROS ARTIFICIAIS E AO SR. OSCAR COMETTANT.

A revista hebdomanária do Siècle de 12 de julho de 1863, contém o parágrafo seguinte:

"Fora dessas questões importantes, há as de uma outra ordem que não é preciso, não mais, negligenciar, entre outras a questão tão viva dos espectros. Vistes os espectros? Depois de oito dias o espectro é o único assunto que alegra a conversação. Também cada teatro tem seus espectros, espectros de honestos velhacos que roubaram, pilharam, assassinaram, e que retornam, sombras impalpáveis, passeando na hora de meia noite no quinto ato de um drama fortemente construído. Esse segredo do espectro ou, para falar a linguagem dos bastidores, esse *truque*, pago, diz-se, tão caro a um Inglês, é de uma simplicidade de tal modo elementar, que todos os teatros tiveram seus espectros no mesmo dia, este exagerando sobre aquele; depois do teatro o espectro passou para o salão, onde faz as belas noites dos senhores e madames, tomados como de uma tarântula dessa amável espectromania. Eis um divertimento que chega a propósito para explicar muitos prodígios, e quero sobretudo falar dos prodígios do Espiritismo. Tem-se falado muito desses Espíritos que evocam os mortos e os mostram a uma pequena comissão de crentes ter-rificados; pode-se, com a ajuda de um simples truque, fazer o mesmo trabalho

sem passar por um grande feiticeiro. Essa evocação geral dos espectros dá um golpe funesto ao maravilhoso, hoje que está provado que não é mais difícil fazer aparecer os fantasmas do que as pessoas em carne e osso. O célebre Sr. Home, ele mesmo, já deveu baixar de sessenta e cinco por cento na estima de seus numerosos admiradores.

"O ideal cai em pó ao tocar o real. O real é o truque.

"EDMOND TEXIER."

Tínhamos razão para dizer que, a propósito desse novo procedimento fantasmagórico, os jornais não deixariam de falar do Espiritismo; já o *Indépendance belge* também se esfregou as mãos exclamando: Como os Espíritas vão sair dessa? Diremos simplesmente a esses senhores de se informarem como se porta o Espiritismo. O que ressalta mais claramente desses artigos é, como sempre, a prova da ignorância mais absoluta do assunto que atacam. Com efeito, é preciso não saber dele a primeira palavra, para crer que os Espíritas se reúnem para fazer aparecer fantasmas; ora, o que é o mais singular é que não os vimos jamais, mesmo os dos teatros, embora, no dizer desses senhores, estejamos grandemente interessados na questão.

O Sr. Robin, o prestidigitador citado em nosso artigo precedente, do mês de julho, vai mais longe: não é apenas o *Espiritismo* que ele pretende demolir, é a própria Bíblia; na sua alocução cotidiana aos seus espectadores, afirma que a aparição de Samuel a Saul ocorreu pelo mesmo procedimento que o seu. Não pensávamos que a ciência da ótica estivesse tão avançada nessa época, entre os Hebreus, que não passavam por muito sábios. Nessa conta, sem dúvida, foi por meio de algum *truque* que Jesus apareceu aos seus discípulos.

Os falsos espectros não produzindo o resultado esperado, sem dúvida, logo veremos surgir algum novo estratagema. Terão seu tempo, como tudo o que não tem por resultado senão satisfazer a curiosidade; esse tempo será talvez mais curto do que não se crê, porque se deixa depressa e que não deixa nada no espírito. Os teatros, pois, bem disso se aproveitem enquanto têm o privilégio de atrair a multidão pelo atrativo da novidade. Sua aparição terá sempre tido a vantagem de fazer falar do Espiritismo e difundir-lhe a idéia; era um meio, como um outro, de excitar muitas pessoas a se inquirirem da verdade.

Que diremos do folhetim do Sr. Oscar Comettant sobre o livro do Sr. Home, publicado no *Siècle*, do dia 15 de julho de 1863? Nada, senão que é a melhor das propagandas para fazer vender a obra, e do qual o Espiritismo aproveitará. É útil que, de tempos em tempos, haja dessas chicotadas para despertar a atenção dos indiferentes. Se o artigo não é espírita, nem espiritualista, pelo menos é espirituoso? Deixamos aos outros o cuidado de se pronunciarem.

Há, no entanto, alguma coisa de boa nesse artigo, é que o autor, a exemplo de vários de seus confrades, cai com a maior violência sobre aqueles que fazem um ofício da faculdade mediúnica; censura, com uma justa severidade, os abusos que disso resulta, e por aí contribui para desacreditá-los, isso do que o Espiritismo sério não poderia se lamentar, uma vez que ele mesmo repudia toda exploração desse gênero, como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo, e como um atentado ao respeito que se deve aos mortos. O Sr. Comettant tem o erro de generalizar o que seria, no máximo, uma exceção muito rara, e sobretudo de assemelhar os médiuns aos escamoteadores, aos ledores de cartas, aos ledores de sorte, aos saltimbancos, porque viu os saltimbancos tomarem o nome de médiuns, como se vêem os charlatães se dizerem médicos. Parece ignorar que há médiuns entre os membros das famílias da classe mais elevada, que os há mesmo entre certos escritores renomados, tidos em grande estima por ele e seus amigos; que é notório que a senhora Émile de Girardin era uma excelente médium; estaríamos curiosos em saber se ele ousaria dizer-lhes em face que são fazedores de ingênuos.

Se aqueles que assim falam se dessem ao trabalho de estudar antes de falar, saberiam que o exercício da mediunidade exige um profundo recolhimento, incompatível com a

leviandade de caráter e a multidão dos curiosos, e que não se deve esperar nada de sério nas reuniões públicas. Ó Espiritismo desaprova toda experiência de pura curiosidade, feitas com o objetivo de um passatempo, porque não se deve se divertir com essas coisas. Os Espíritos, quer dizer, as almas daqueles que deixaram a Terra, de nossos parentes e de nossos amigos, o que não tem nada de agradável, vêm nos instruir, nos moralizar, e não para alegrar os ociosos; não vêm nem predizer o futuro, nem descobrir os segredos e os tesouros escondidos; vêm nos ensinar que há uma outra vida, e como é preciso se conduzir para nela ser feliz, o que é pouco recreativo para certas pessoas. Se não se crê na alma e na sobrevivência daqueles que nos foram caros, é sempre deslocado tornar essa crença em zombaria, não fosse senão por respeito à sua memória. O Espiritismo nos ensina ainda que os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem que pretendesse tê-los à sua disposição e governá-los à vontade, pode, com razão passar por um ignorante ou um charlatão; que é ilógico, assim como irreverente, admitir que os Espíritos sérios estejam ao capricho do primeiro que chegue, que pretenda evocá-los, a toda hora e a tanto por sessão, para fazê-los desempenhar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado a idéia de que a alma do ser que se chora venha ao preço de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que os Espíritos não se comunicam, nem facilmente nem voluntariamente, por certos médiuns, que entre estes últimos há os completamente repulsivos a certos Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação dos fluidos. Pode, pois, haver entre o Espírito e o médium atração ou repulsão, segundo o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as semelhanças morais e a afeição; ora, que simpatia pode o Espírito ter por um médium que não o chama senão por dinheiro? Dir-se-á, talvez, que o Espírito vem pela pessoa que o chama e não pelo médium, que não é senão um instrumento. De acordo, mas não é preciso menos nestes as condições fluídicas necessárias, essencialmente modificadas pelos sentimentos morais e pelas relações pessoais de Espírito a médium; é por isso que não há um médium que possa se gabar de se comunicar indistintamente com todos os Espíritos, dificuldade capital para aquele que quisesse explorá-los. Eis o que ensinamos ao Sr. Comettant, uma vez que não o sabe, e o que destrói as assimilações que pretende estabelecer. A mediunidade real é uma faculdade preciosa, que adquire tanto mais valor quando seja empregada para o bem, e que é exercida religiosamente e com um completo desinteresse moral e material. Quanto à mediunidade *simulada, ou abusiva no que quer que seja*, nós a entregamos a todas as severidades da crítica, e é ignorar os princípios mais elementares do Espiritismo que disso se constitui o defensor, e que a repressão legal de um abuso, se ela ocorresse, fosse um revés; nenhuma repressão poderá atingir os médiuns que não farão profissão de sua faculdade e não se afastam do caminho moral que lhes é traçado pela Doutrina. As armas que os abusos fornecem aos detratores, sempre ardentes para agarrar as ocasiões de censura, a inventá-las mesmo quando não existam, fazem ressaltar melhor ainda, aos olhos dos Espíritos sinceros, a necessidade de mostrar que não há nenhuma solidariedade entre a verdadeira doutrina e, aqueles que a parodiam.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Mistificações.

Uma carta de Locarno contém a seguinte passagem:

"... Para mim a dúvida seria impossível, uma vez que tenho uma filha, muito bom médium, e que meu próprio filho escreve; mas, ai! teve tão cruéis mistificações, que seu desencorajamento me ganhou um pouco, sem, no entanto, abalar nossa crença tão pura e tão consoladora, apesar dos desgostos que se sente quando se vê enganado por respostas falazes. Por que, pois, Deus permite que aqueles que têm boas intenções sejam assim enganados por aqueles que deveriam esclarecê-los?..."

Resposta. - O mundo corpóreo se derrama pelo mundo espírita pela morte, e o mundo espírita se derrama no mundo corpóreo pela encarnação, e disso resulta que a população normal do espaço que cerca a Terra se compõe de Espíritos provindos da Humanidade terrestre; essa Humanidade, sendo uma das mais imperfeitas, não pode dar senão produtos imperfeitos; é a razão pela qual os maus Espíritos pululam ao seu redor. Pela mesma razão, nos mundos mais avançados, naqueles onde o bem reina sem partilha, não há senão bons Espíritos. Estando isto admitido, compreender-se-á que a ingêrência tão freqüente dos maus Espíritos nas relações medianímicas é inerente à inferioridade de nosso globo; aqui corre-se o risco de ser vítima dos Espíritos enganadores, como num país de ladrões corre-se o risco de ser roubado. Não se poderia também perguntar por que Deus permite que as pessoas honestas sejam despojados pelos gatunos, vítimas da malevolência, alvo de todas as espécies de misérias? Perguntai antes por que estais sobre essa Terra, e vos será respondido que é porque não merecestes uma morada melhor, salvo os Espíritos que aqui estão em missão; é preciso, pois, sofrer-lhes as consequências e fazer seus esforços para dela sair o mais cedo possível. À espera disso, é preciso se esforçar por se preservar dos ataques dos maus Espíritos, o que não se chega senão fechando-lhes todas as saídas que poderiam lhes dar acesso em nossa alma, impondo-se-lhes pela superioridade moral, a coragem, a perseverança e uma fé inabalável na proteção de Deus e dos bons Espíritos, no futuro que é tudo, ao passo que o presente não é nada. Mas como ninguém é perfeito sobre a Terra, ninguém pode se gabar, sem orgulho, de estar ao abrigo de suas malícias de maneira absoluta. A pureza das intenções é muito, sem dúvida; é o caminho que conduz à perfeição, mas não é a perfeição, e pode aí ter ainda, no fundo da alma, algum velho fermento; é porque não há um único médium que não haja sido mais ou menos enganado.

A simples razão nos diz que os bons Espíritos não podem fazer senão o bem, de outro modo não seriam bons, e que o mal não pode vir senão dos Espíritos imperfeitos; portanto, as mistificações não podem ser senão o fato de Espíritos levianos ou mentirosos que abusam da credulidade, e freqüentemente exploram o orgulho, a vaidade ou outras paixões. Essas mistificações têm por objetivo pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé, e de exercer o julgamento. Se os bons Espíritos as permitem, em certas ocasiões, isso não é por impossibilidade de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta: sendo a mais proveitosa a experiência que se adquire às próprias custas; se a coragem dobra, é uma prova da fraqueza que nos deixa à mercê dos maus Espíritos. Os bons Espíritos vejam sobre nós, nos assistem e nos ajudam, mas com a condição de que nos ajudaremos a nós mesmos. O homem está sobre a Terra para a luta, e lhe é preciso vencer para dela sair, senão ele aqui fica.

Infinito e indefinido.

Escrevem-nos de São Petersburgo, a primeiro de julho de 1863:

"... Em *O Livro dos Espíritos*, livro I, capítulo 1º, nº 2, anotei esta proposição: *Tudo o que é desconhecido é infinito*. Parece-me que muitas coisas nos são desconhecidas sem por isso serem *infinitas*. Encontrando-se essa palavra em todas as edições, pedi sua explicação ao meu guia, que me respondeu: "A palavra *infinito* é aqui um erro; é preciso *indefinido*." Que pensar disso?..."

Resposta. Essas duas palavras, embora sinônimas pelo sentido geral, têm cada uma acepção especial. A Academia as definiu assim:

Indefinido, cujo fim, os limites não podem ser determinados. *Tempo indefinido*. *Número indefinido*. *Linha indefinida*. *Espaço indefinido*.

Infinito, que não tem começo nem fim, que é sem marco e sem limites. *O espaço é infinito*. *Deus é infinito*. *A misericórdia de Deus é infinita*. Diz-se, por extensão, daquilo em que não se podem assinalar os marcos, o termo, e, por exagero, tanto no sentido físico quanto no sentido moral, de tudo o que é muito considerável em seu gênero. Diz-se particularmente por inumerável. *Uma duração Infinita*. *A beatitude infinita dos eleitos*. *Dos astros colocados a uma distância infinita*. *Eu vos sei de uma vontade infinita*. *Uma infinita variedade de objetos*. *As penas infinitas*. *Há um número infinito de autores que escreveram sobre este assunto*.

Resulta daí que a palavra *indefinido* tem o sentido mais particular, e a palavra *infinito* um sentido mais geral; que o primeiro se diz antes em relação às coisas materiais e o segundo das coisas abstratas: é mais vago do que o outro. O sentido mais geral da palavra *infinito* permite aplicá-la em certos casos ao que não é senão *indefinido*, ao passo que o inverso não poderia ocorrer. Diz-se igualmente: uma duração infinita e uma duração indefinida; não se poderia dizer: Deus é indefinido, sua misericórdia é indefinida.

Sob esse ponto de vista, o emprego da palavra *infinito* na frase pre-citada não é, pois, abusivo, e não é um erro. Dizemos, além disso, que a palavra *indefinido* não daria a mesma idéia. Do momento que uma coisa é desconhecida, ela tem para o pensamento o vago do infinito, senão absoluto, pelo menos relativo. Por exemplo, não sabeis o que vos acontecerá amanhã: vosso pensamento erra no infinito; são os acontecimentos que são indefinidos; não sabeis o quanto há de estrelas: é um número indefinido, mas é também o infinito para a imaginação. No caso do qual se trata, convém, pois, empregar a palavra que generalize o pensamento, de preferência à que lhe daria um sentido restrito.

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

Sr. Cardon, médico, morto em setembro de 1862.

(Sociedade de Paris. - Médiun, Sr. Leymarie.)

O Sr. Cardon tinha passado uma parte de sua vida na marinha mercante, na qualidade de médico de baleeiro, e havia adquirido hábitos e idéias um pouco materiais; retirado na aldeia de J..., exercia a modesta profissão de médico do campo. Há algum tempo tinha adquirido a certeza de que estava atingido de uma hipertrofia do coração, e, sabendo que essa doença é incurável, o pensamento da morte o mergulhou numa sombria melancolia, da qual nada podia distraí-lo. Em torno de dois meses antes, predisse seu fim em dia fixado; quando se viu perto de morrer, reuniu sua família ao seu redor para lhe dizer um último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam reunidos ao redor de seu leito; no momento em que sua mulher tentava levantá-lo, se prostrou, tornou-se de um azul lívido, seus olhos se fecharam, e se o acreditou morto; sua mulher se colocou diante dele para esconder esse espetáculo aos seus filhos. Depois de alguns minutos, ele reabriu os olhos; seu rosto, por assim dizer, iluminado, tomou uma expressão de radiosa beatitude, e exclamou:

"Oh! meus filhos, quanto é belo! quanto é sublime! Oh! a morte! que benefício! que coisa doce! Estava morto, e senti minha alma se elevar bem alto, bem alto; mas Deus me permitiu retornar para vos dizer: "Não mais temais a morte, é a libertação..." Que não posso vos pintar a magnificência do que vi e as impressões das quais me senti penetrado! Mas não poderíeis compreendê-lo... Oh! meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivei segundo a carida-

de; se tendes alguma coisa, dai uma parte dela àqueles a quem falta o necessário... Minha cara mulher, deixo-te numa posição que não é feliz; nos devem dinheiro, mas disso te peço, não atormentes aqueles que nos devem; estão torturados, espera que possam se quitar, e aqueles que não o puderem, faze disso o sacrifício: Deus te recompensará por isso. Tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sé sempre homem honesto e guarda-te de nada fazer que possa desonrar nossa família. Toma esta cruz que vem de minha mãe; não a deixes, e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sede nem vãos, nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos se quereis que Deus vos perdoe..." Depois, tendo feito seus filhos se aproximarem, estendeu suas mãos para eles, e acrescentou: "meus filhos, eu vos abençôo." E seus olhos esta vez se fecharam para sempre; mas seu rosto conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão numerosa veio contemplá-lo com admiração.

Tendo esses interessantes detalhes sido transmitidos por um amigo da família, pensamos que essa evocação poderia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo que seria útil ao Espírito.

1. **EVOCAÇÃO.** - *Resp.* Estou junto a vós.

2. Narraram-nos os vossos últimos instantes que nos arrebataram de admiração. Quereríeis ser bastante bom para nos descrever, melhor do que não haveis feito, o que vistes no intervalo daquilo que se poderia chamar vossas duas mortes?

Resp. O que vi, poderíeis compreendê-lo? Não o sei, porque não poderia encontrar expressões capazes de tornar compreensível o que pude ver durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meu despojo mortal.

3. Dai-vos conta de onde estivestes? É longe da Terra, num outro planeta ou no espaço? - *R.* O Espírito não conhece o valor das distâncias, como as considerais. Levado não sei por qual agente maravilhoso, vi o esplendor no céu como só nos sonhos poder-se-ia realizá-lo. Essa corrida através do infinito foi feita tão rapidamente que não posso precisar os instantes empregados pelo meu Espírito.

4. Atualmente gozais da felicidade que entrevistastes? - *R.* Não; bem que gostaria dela poder gozar, mas Deus não pode me recompensar assim. Muito freqüentemente, senti-me revoltado contra os pensamentos abençoados que meu coração ditava, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, tinha haurido na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco elevadas; no entanto, o vazio me assustava, porque amaldiçoei muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. E filosofia me tinha extraviado, sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da Humanidade.

5. Quando de vossa morte verdadeira, vos reconhecestes logo? - *R.* Não; me reconheci durante a transição que meu Espírito fez para percorrer os lugares etéreos, mas depois da morte real, não; foi preciso alguns dias para o meu despertar.

Deus me havia concedido uma graça; disso vou dizer-vos a razão:

Minha incredulidade primeira não existia mais; antes de minha morte, tinha acreditado, porque depois de ter cientificamente sondado a matéria pesada desfalecer, não tinha, ao cabo de razões terrestres, encontrado senão a razão divina; ela me havia inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte do que a dor. Eu bendizia o que havia amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! que suprema consolação na prece que dá emoções inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e foi por isso que Deus, escutando as minhas ações benditas, consentiu em me recompensar antes de acabar a minha encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que, na primeira vez, estáveis morto? - *R.* Sim e não; tendo o Espírito deixado o corpo, naturalmente a carne morre aos poucos; mas retomando a posse de minha morada terrestre, a vida retornou ao corpo que havia sofrido uma transição, um sono.

7. Nesse momento sentíeis os laços que vos ligavam ao vosso corpo? - *R.* Sem dúvida; o Espírito tem um laço difícil de quebrar, e lhe é preciso o último estremecimento da carne para reentrar em sua vida natural.

8. Como ocorre que, quando de vossa morte aparente, e durante alguns minutos, vosso Espírito haja podido se libertar instantaneamente e sem perturbação, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de vários dias? Parece que, no primeiro caso, os laços entre a alma e o corpo subsistindo mais do que no segundo, o desligamento deveria ser mais lento, e o que ocorreu foi ao contrário.- *R.* Freqüentemente tendes feito a evocação de um Espírito encarnado, dele recebestes respostas reais; estou na posição desses Espíritos. Deus me chamou, e seus servidores me disseram: "Vem..." obedeci, e agradeço a Deus da graça especial que consentiu em me fazer; pude ver o infinito de sua grandeza e disso me dou conta. Obrigado a vós, que me haveis, antes da morte real, permitido ensinar aos meus, para que tenham boas e justas encarnações.

9. De onde vos provinham as belas e boas palavras que, então do vosso retorno à vida, endereçastes à vossa família? - *R.* Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam minha voz e animavam meu rosto.

10. Que impressão credes que vossa revelação fez sobre os assistentes e sobre vossos filhos em particular? - *R.* Surpreendente, profunda; a morte não é mentirosa; os filhos, por ingratos que possam ser, se inclinam diante da encarnação que se vai. Se se pudesse perscrutar o coração de seus filhos, junto de um túmulo entreaberto, não se sentiria bater senão os sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela mão secreta dos Espíritos que dizem a todos os pensamentos: Tremei se estais na dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus; e vos asseguro, apesar dos incrédulos, meus amigos e minha família crerão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. Dissestes que não gozáveis da felicidade que entrevistastes; é que sois infeliz? - *R.* Não, uma vez que eu acreditava antes de morrer, e isto em minha alma e consciência. A dor apertada aqui em baixo, mas eleva para o futuro Espírita. Notai que Deus soube levar em conta minhas preces e de minha crença absoluta nele; estou sobre o caminho da perfeição e chegarei ao objetivo que me foi permitido entrever. Orai, meus amigos, por esse mundo invisível, que preside aos vossos destinos; essa permuta fraterna é da caridade; é uma alavanca poderosa, que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12. Quereriéis dirigir algumas palavras à vossa mulher e aos vossos filhos?

Resp. Peço a todos os meus para crerem em Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembre que se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório diante de Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco; é preciso que o rico dê grandemente e freqüentemente para merecer tanto quanto ele.

O futuro, é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, não se prevalecendo jamais de todas as pueris vaidades.

Família bem-amada, terás rudes provas; mais sabe tomá-las corajosamente, pensando que Deus as vê.

Dizei freqüentemente está prece:

Deus de amor e de bondade, que dás tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua diante de nenhuma dificuldade; torna-nos bons, dóceis e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração; que nosso Espírito seja Espírita sobre a Terra para melhor vos compreender e vos amar.

Que vosso nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos aqueles que têm necessidade de amar, perdoar e crer.

CARDON.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS
O Espírito de Jean Reynaud.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel.)

Meus amigos, quanto esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta em seu curso imenso as almas ébrias do infinito! Depois da ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os horizontes novos que me cercam, e gozei das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da matéria à alvorada brilhante que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas imprimidas pela ignorância à pobre Humanidade. Minha morte foi bendita; meus biógrafos a julgaram prematuramente; os cegos! Lamentaram alguns escritos nascidos do pó, e não compreenderão o quanto o pouco de barulho que se faz ao redor de minha tumba semi-fechada é útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra tinha acabado; meus antecessores corriam na carreira; eu tinha esperado esse ponto culminante em que o homem deu o que havia de melhor, e onde não faz mais do que recomeçar. Minha morte desperta a atenção dos letrados e a conduz sobre minha obra capital, que toca a grande questão espírita que eles aparentam desconhecer, e que logo os enlaçará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, vou ser um dos batedores, que demarcam o vosso caminho.

(Numa reunião de família. - Médiun, Sr. Charles V...)

O Espírito responde a esta reflexão: A vossa morte inesperada, numa idade tão pouco avançada, surpreendeu muita gente.

"Quem vos disse que minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para as suas conseqüências? Notastes, meu amigo, a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Primeiramente Deus deu as provas materiais: dança das mesas, pancadas e todas as espécies de fenômenos; era para chamar a atenção; era um prefácio divertido. Aos homens são necessárias provas palpáveis para crerem. Agora é bem outra coisa! Depois dos fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à fria razão; não são mais os torneios de força, mas coisas racionais que devem convencer e reunir mesmo os incrédulos mais renitentes. E isso não é ainda senão o começo. Notai bem o que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis, vão se seguir, e o número de adeptos da fé espírita, já tão grande, vai ainda aumentar. Deus não vai se prender às inteligências de elite, às sumidades do espírito, do talento e do saber. Isso vai ser um raio luminoso que se derramará sobre toda a Terra, como um fluido magnético irresistível, e levará os mais recalcitrantes à procura do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes. Todos vão se agrupar ao vosso redor, e, fazendo abstração do diploma de gênio que lhes foi dado, vão se fazer humildes e pequenos para aprenderem e para se convencerem. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, se servirão de sua autoridade e da notoriedade de seu nome para impelir ainda mais longe, e alcançar os últimos limites do objetivo que todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo."

JEAN REYNAUD.

Venho com prazer ao vosso chamado, senhora. Sim, tendes razão, a perturbação espírita não tem, por assim dizer, existido para mim (isto respondia ao pensamento do médium); exilado voluntariamente sobre vossa Terra, onde tinha que lançar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo neste momento, sempre tive a consciência da pátria, e depressa me reconheci no meio de meus irmãos.

P. Agradeço-vos por consentir em vir; mas não teria acreditado que meu desejo de vos entreter tivesse influência sobre vós; necessariamente, deve haver uma diferença tão grande entre nós, que nisso não penso senão com respeito.

R. Obrigado por esse bom pensamento, minha filha; mas deveis saber também que alguma distância que as provas terminadas mais ou menos prontamente, mais ou menos felizmente, possam estabelecer entre nós, há sempre um laço poderoso que nos une: a simpatia, e esse laço, o tendes apertado por vosso pensamento constante.

P. Se bem que muitos Espíritos tenham explicado suas primeiras sensações ao despertar, serieis bastante bom para me dizer o que sentistes ao vos reconhecer, e como a separação de vosso Espírito e de vosso corpo se operou?

R. Como para todos. Senti o momento da libertação se aproximar, mas, mais feliz que muitos, ela não me causou angústia, porque lhe conhecia os resultados, embora fossem ainda maiores do que não o pensava. O corpo é um entrave às faculdades espirituais, e, quaisquer que sejam as luzes que se haja conservado, elas são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. Dormi esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração imensa! Os esplendores celestes desenrolados aos meus olhares brilhavam com toda a sua luz. Minha visão maravilhada mergulhava nas imensidades desses mundos dos quais tinha afirmado a existência e a habitabilidade. Era uma miragem que me revelava e me confirmava a verdade de meus sentimentos. O homem tem alegria em se crer seguro, quando fala, freqüentemente, há no fundo de seu coração momentos de dúvida, de incerteza; ele desconfia, senão da verdade que proclama, freqüentemente, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para demonstrar. Convencido da verdade que eu queria fazer admitir, com freqüência, tive que combater contra mim mesmo, contra o desencorajamento de ver, de tocar por assim dizer, a verdade, e não poder torná-la palpável àqueles que tinham tanta necessidade de nela crerem para caminhar seguramente no caminho que têm a seguir.

P. Quando vivo, professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitas pessoas professam uma doutrina que não a praticam; pratiquei e não professei. Do mesmo modo que todo homem é cristão, quem segue as leis do Cristo, fosse isso sem conhecê-las, do mesmo modo todo homem pode ser Espírita que crê em sua alma imortal, em suas reexistências, em sua marcha progressiva incessante, nas provas terrestres, abluções necessárias para se purificar; eu acreditava, era, pois, Espírita. Compreendi a erraticidade, esse laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para revestir uma roupa nova, onde o Espírito em progresso *tece* com cuidado a roupa que vai carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar.

Nota. Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes completamente estranhos um ao outro. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou, mas, à analogia dos pensamentos, à forma da linguagem, pode se admitir, pelo menos, a presunção de identidade. A expressão: *tece com cuidado a roupa que vai carregar de novo*, é uma encantadora figura que pinta a solicitude com a qual, o Espírito em progresso, prepara a nova existência que deve fazê-lo progredir ainda. Os Espíritos atrasados tomam menos precauções e fazem muitas vezes escolhas infelizes e os forçam a recomeçar.

A medicina homeopática.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863. - Médiun senhora Costel.)

Minha filha, venho dar um ensino médico aos Espíritas. A astronomia, a filosofia têm aqui eloqüentes intérpretes: a moral conta tanto escritores quanto médiuns; por que a medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Fui o criador da renovação médica que penetra hoje até nas classes dos sectários da antiga medicina; ligados contra a homeopatia, acharam bom criar-lhe diques inumeráveis, acharam bom de exclamar: "Não irás mais longe!" a jovem medicina, triunfante, venceu todos esses obstáculos; o Espiritismo ser-lhe-á um poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, há muito tempo, retardou o seu vôo. O estudo médico está inteiramente ligado à procura das causas e dos efeitos espiritualistas; disseca os corpos, e deve também analisar a alma, Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e o objetivo da doutrina que propagou, e que vê estranhamente desfigurada nesse mundo pelos nobres, e no alto pelos Espíritos ignorantes que usurpam seu nome. Gostaria que minha palavra escutada tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia e a impedem de ser tão útil quanto o deveria.

Se falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com fruto, levantar-me-ia a contra a negligência de meus colegas terrestres, que desconhecem as leis primordiais do *Organon*, exagerando as doses, e sobretudo não trazendo à trituração tão importante dos medicamentos os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem e, freqüentemente, duzentos golpes são absolutamente necessários ao desligamento do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele desenvolve os germes da doença que estava chamado a combater.

Mas deixo-me arrastar pelo meu assunto, e eis-me no pendor de fazer um curso de homeopatia a um auditório que não pode se interessar por essa questão. No entanto, não creio inútil iniciar os Espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de premuni-los contra as decepções que sofrem, seja da parte dos homens, seja mesmo da dos Espíritos.

SAMUEL HAHNEMANN.

Nota.-Esta dissertação foi motivada pela presença, na sessão, de um médico homeopata estrangeiro, que desejava ter a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência. Faremos observar que foi dada por intermédio de uma jovem senhora que jamais fez estudos médicos, e à qual, necessariamente, muitos termos especiais são estranhos.

CORRESPONDÊNCIA.

Carta do Sr. T. Jaubert, de Carcassonne.

O Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, dirige-nos a carta seguinte, a respeito do título de membro honorário que lhe concedeu a Sociedade Espírita de Paris. A Sociedade foi feliz em dar ao Sr. Jaubert esse testemunho de simpatia, e lhe provar o quanto ela aprecia o seu devotamento à causa do Espiritismo, sua modéstia tanto quanto sua firmeza de caráter. Há posições que realçam ainda o mérito da coragem da opinião, e das qualidades que colocam o homem acima da crítica. (Ver a *Revista* de junho de 1863: *Um Espírito coroado pela Academia de Jogos Florais.*)

Moligt-les-Bains, 21 de julho de 1863.

"Senhor presidente,

"Vossa carta e a ata constatando a minha admissão entre os membros honorários da Sociedade Espírita Parisiense me acham em Molitg onde esgote, no interesse de minha saúde, uma licença de vinte e nove dias; tenho a vos dar *imediatamente* a expressão de toda a minha gratidão.

"Creio na imortalidade da alma, na comunicação dos mortos com os vivos, como creio no sol. Amo o Espiritismo como a afirmação mais legítima da lei de Deus: a lei do progresso. Confesso-o abertamente, porque confessá-lo é fazer o bem. Aceitei a primavera da Academia de Toulouse como uma resposta brilhante àqueles que não querem ver, nos ditados reais dos Espíritos senão percepções errôneas ou elucubrações ridículas. Recebo o título de membro honorário da Sociedade, da qual sois o chefe, como o mais honroso entre aqueles que tenho da mão dos homens. Ainda uma vez, senhor, recebi por vós e por todos os membros da Sociedade parisiense os meus agradecimentos mais sinceros.

"Vosso relatório da sessão dos Jogos Florais interpretou fielmente os meus sentimentos e minha conduta. Não podia, declarando que a fábula coroada era obra de meu Espírito familiar, me expor a chocar o público e os meus juizes. Expressastes perfeitamente, em vossa *Revista*, o respeito que tenho de mim mesmo e da opinião dos outros. E agora, se em todo esse caso não tomei a iniciativa a vosso respeito, se não faço senão vos responder, é que seria preciso vos falar de mim, e associar meu nome a um acontecimento pelo qual sou feliz, sem dúvida, mas que outros se dignaram considerar como um sucesso.

"Hoje me sinto mais livre, e é do mais profundo do meu coração que vos peço, senhor e caro mestre, aceitar a homenagem de meu reconhecimento, de minha simpatia e de minha consideração mais distinta.

"T. JAUBERT,

"Vice-presidente do tribunal de Carcassonne.

A abundância das matérias nos força a remeter ao próximo número nossa *segunda carta ao Sr. abade Marouzeau*, assim como a resposta à pergunta que nos foi dirigida sobre a distinção a fazer entre a *expição* e a *prova*.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 9

SETEMBRO 1863

UNIÃO DA FILOSOFIA E DO ESPIRITISMO.

Nota. - O artigo seguinte é a introdução a um trabalho completo que o autor, Sr. Herrensneider, se propôs fazer sobre a aliança entre a filosofia e o Espiritismo.

Há dez ou doze anos que o Espiritismo foi revelado na França, as comunicações incessantes dos Espíritos provocaram, em todas as classes da sociedade, um movimento religioso benfazejo que importa encorajar e desenvolver. Neste século, com efeito, o Espírito religioso está sobretudo perdido entre as classes letradas e inteligentes. O sarcasmo voltairiano tirou-lhe o prestígio do cristianismo; o progresso das ciências lhes fez reconhecer as contradições que existem entre os dogmas e as leis naturais; e as descobertas astronômicas tinham demonstrado a puerilidade da idéia que formaram de Deus os filhos de Abraão, de Moisés e do Cristo. O desenvolvimento das riquezas, as invenções maravilhosas das artes e da indústria, toda a civilização protestava, aos olhos da sociedade moderna, contra a renúncia ao mundo. Foi por causa desses motivos numerosos que a incredulidade e a indiferença se introduziram nas almas, que a negligência dos destinos eternos tinha entorpecido o nosso amor do bem, detido nosso aperfeiçoamento moral, e que a paixão do bem-estar, do prazer, do luxo e das vaidades terrestres acabou por cativar quase toda nossa ambição; quando, de repente, os mortos vieram nos lembrar que nossa vida presente tem o seu amanhã, que nossos atos têm suas conseqüências fatais, inevitáveis, senão sempre nesta vida, mas infalivelmente naquela a vir.

Essa aparição dos Espíritos era uma paixão súbita, que fez tremer mais de um ao aspecto desses móveis postos em movimento sob o impulso de uma força invisível; à audição desses pensamentos inteligentes, ditados por meio de uma telegrafia grosseira; à leitura dessas páginas sublimes, escritas de nossas mãos distraídas, sob o impulso de uma direção misteriosa. Quantos corações batiam, tomados de um medo súbito, quantas consciências oprimidas despertaram em angústias merecidas; quantas inteligências mesmo foram feridas de estupor! A renovação dessas relações com as almas dos mortos é e ficará um acontecimento prodigioso, que terá por conseqüência a regeneração, tão necessária, da sociedade moderna.

É que, quando a sociedade humana não tem outro objetivo de atividade senão a prosperidade material e o prazer dos sentidos, ela mergulha no materialismo egoísta, aprecia todas as ações segundo o bem que delas retira, renuncia a todos os esforços que não levam a uma vantagem palpável, não estima senão aqueles que possuem, e não respeita senão a força que se impõe. Quando os homens não se preocupam senão com os sucessos imediatos e lucrativos, perdem o senso de honestidade, renunciam à escolha dos meios, calcam aos pés a felicidade íntima, as virtudes privadas, e cessam de se guiar segundo os princípios de justiça e de equidade. Numa sociedade lançada nessa direção imoral, o rico leva uma vida de moleza ignóbil, embrutecedora, e o deserdado nela arrasta uma existência dolorosa e monótona, da qual o suicídio parece ser a última consolação!

Contra uma semelhante disposição moral, pública e privada, a filosofia é impotente. Não que os argumentos lhe façam falta para provar a necessidade social de princípios puros e generosos, não que ela não possa demonstrar a iminência da responsabilidade final, e estabelecer a perpetuidade de nossa existência, mas os homens não têm, geralmente, nem o tempo, nem o gosto, nem o espírito bastante refletido, para prestar atenção à voz de suas consciências e às observações da razão. As vicissitudes da vida, aliás, frequentemente, são muito imperiosas para que se decida ao exercício da virtude pelo simples amor ao bem. Quando mesmo que a filosofia tivesse sido, verdadeiramente, o que deveria ser: uma doutrina completa e certa, jamais teria podido provocar, só pelo seu ensino, a regeneração social de maneira eficaz, uma vez que até este dia não pôde dar, à autoridade de sua doutrina, de outra sanção senão do amor abstrato do ideal e da perfeição.

É que aos homens é preciso, para convencê-los da necessidade de se consagrarem ao bem, fatos que falem aos sentidos. Preciso lhes é o quadro impressionante de suas dores futuras, para que consintam em subir novamente a rampa funesta onde seus vícios os arrastam; é-lhes preciso tocar com o dedo as infelicidades eternas que se preparam por seu desleixo moral, para que compreendam que a vida atual não é o objetivo de sua existência, mas o meio que o Criador lhes deu de trabalhar pessoalmente no cumprimento de seus destinos finais. Também é por esse motivo que todas as religiões apoiaram seus mandamentos sobre o terror do inferno e sobre as seduções das alegrias celestes. Mas, desde que, sob o império da incredulidade e da indiferença religiosa, as populações se tranquilizaram sobre as conseqüência últimas de seus pecados, uma filosofia fácil e inconseqüente ajudando o culto dos sentidos, dos interesses temporais e das doutrinas egoístas, acabou por prevalecer. Hoje os homens esclarecidos, inteligentes e fortes se afastam da Igreja e seguem suas próprias inspirações; a autoridade necessária lhe faz falta para recobrar sua influência vinte vezes secular. Pode-se, pois, dizer que a Igreja é tão impotente quanto a filosofia, e que nenhuma nem outra exercerão influência salutar sujeitando-se, cada uma em seu gênero, a uma reforma radical.

À espera disso, a Humanidade se agita, os acontecimentos se sucedem, e o aparecimento das manifestações espíritas neste século sábio, prático, suficiente e cético, sem contradita, dele é o mais considerado. Eis, pois, que o túmulo está aberto diante de nós, não como o fim de nossas penas e de nossas misérias terrestres, não como o abismo escancarado onde vêm se dissipar nossas paixões, nossos gozos e nossas ilusões, mas bem como pórtico majestoso de um novo mundo, onde uns recolherão, malgrado seu, os frutos amargos que suas fraquezas lhes terão feito semear; e outros, ao contrário, se assegurarão por seu mérito a passagem nas esferas mais puras e mais elevadas. É, pois, o Espiritismo que nos revela nossos destinos futuros, e, quanto mais for conhecido, mais a regeneração moral e religiosa ganhará em impulso e em extensão.

A união do Espiritismo com as ciências filosóficas nos parece, com efeito, de uma alta necessidade para a felicidade da Humanidade e para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna; porque não estamos mais no tempo em que se podia afastar a ciência humana e preferir-lhe a fé cega. A ciência moderna é muito sábia, muito segura de si mesma, e muito avançada no conhecimento das leis que Deus impôs à inteligência e à Natureza, para que a transformação religiosa possa ter lugar sem seu concurso. Conhece-se muito exatamente a exigüidade relativa de nosso globo para conceder à Humanidade um lugar privilegiado nos desígnios providenciais. Aos olhos de todos, não somos mais do que um grão de pó na imensidade dos mundos, e sabe-se que as leis que regem essa multidão indefinida de existências são simples, imutáveis e universais. Enfim, as exigências da certeza de nossos conhecimentos foram muito fortemente aprofundadas, para que uma doutrina nova pudesse se elevar e se manter sem outra base senão um misticismo tocante e inofensivo. Então, pois, que o Espiritismo quer estender seu império sobre todas as classes da sociedade, sobre os homens superiores e inteligentes, como

sobre as almas delicadas e crentes, é preciso que se lance, sem reserva, na corrente do pensamento humano, e que pela sua superioridade filosófica saiba se impor à soberba razão o respeito de sua autoridade.

É essa ação independente dos adeptos do Espiritismo, que compreendem perfeitamente os Espíritos elevados que se manifestam. Aquele que se designa sob o nome de Santo Agostinho disse recentemente: "Observai e estudai com cuidado as comunicações que vos são feitas; aceitai o que vossa razão não rejeite, repeli o que a choque; pedi esclarecimento sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aí o caminho a seguir para transmitir, às gerações futuras, sem medo de vê-las desnaturadas, as verdades que distinguíssemos sem dificuldade no seu cortejo inevitável de erros."

Eis, em poucas palavras, o verdadeiro espírito do Espiritismo, aquele que a ciência pode admitir sem derrogar, e aquele que nos servirá para conquistar a Humanidade. O Espiritismo, de resto, nada tem a temer de sua aliança com a filosofia, porque repousa sobre fatos incontestáveis, que têm sua razão de ser nas leis da criação. Cabe à ciência estudar-lhe a importância, e coordenar os princípios gerais, segundo a nova ordem de fenômenos. Porque é evidente que, uma vez que não tinha pressentido a existência necessária, no espaço que nos cerca, das almas trespassadas e daquelas destinadas a renascer, a ciência deve compreender que sua filosofia primeira era incompleta, e que os princípios primordiais lhe tinham escapado.

A filosofia, ao contrário, tem tudo a ganhar considerando seriamente os fatos do Espiritismo; primeiro, porque estes são a sanção solene de seu ensino moral, e que, por eles, provará aos mais endurecidos a importância fatal de sua má conduta. Mas, por importante que seja essa justificação positiva de suas máximas, o estudo aprofundado das consequências, que se deduzem da constatação da existência sensível da alma no estado não encarnado, servir-lhe-á em seguida para determinar os elementos constitutivos da alma, sua origem, seus destinos, e para estabelecer a lei moral e a do progresso anímico sobre bases certas e inabaláveis. Além disso, o conhecimento da essência da alma conduzirá a filosofia ao conhecimento da essência das coisas e mesmo da de Deus, e lhe permitirá unir todas as doutrinas que a dividem em um único e mesmo sistema geral, verdadeiramente completo. Enfim, esses diversos desenvolvimentos da filosofia, provocados por essa preciosa determinação da essência anímica, a conduzirão infalivelmente sobre os traços dos princípios fundamentais da antiga cabala e da antiga ciência oculta dos hierofantes, do qual a Trindade cristã é o último raio luminoso chegado até nós. É assim que, pela simples aparição das almas errantes, chegar-se-á, como temos todo o ensejo de esperar, a constituir a cadeia ininterrupta das tradições morais, religiosas e metafísicas da Humanidade antiga e moderna.

Esse futuro considerado, que concebemos à filosofia aliada ao Espiritismo, não parecerá impossível àqueles que têm alguma noção dessa ciência, se consideram o vazio dos princípios sobre os quais se fundam as diversas escolas, e a impossibilidade que disso resulta, para elas, de explicar a realidade concreta e viva da alma e de Deus. Assim é que o materialismo pensa que os seres não são senão fenômenos materiais, semelhantes àqueles que produzem as combinações das substâncias químicas, e que o princípio que os anima faz partir de um pretensível princípio vital universal. Segundo esse sistema, a alma individual não existiria, e Deus seria um ser completamente inútil.

Os discípulos de Hegel, de seu lado, imaginam que a idéia, esse fenômeno indisciplinado de nossa alma, é um elemento em si, independente de nós; que ela é um princípio universal que se manifesta pela humanidade e sua atividade intelectual, como também pela natureza e suas maravilhosas transformações. Esta idéia nega, conseqüentemente, a individualidade eterna de nossa alma, e a confunde, num só todo, com a Natureza. Supõe que existe uma identidade perfeita entre o universo visível e o mundo moral e intelectual; que um e outro são o resultado da evolução progressiva e fatal da idéia primitiva, universal, do absoluto em uma palavra. Deus, nesse sistema, não tem igualmente ne-

nhuma individualidade, nenhuma liberdade, e não se conhece pessoalmente. Ele não se apercebeu a si mesmo, pela primeira vez, que, em 1810, por intermédio de Hegel, quando este o reconheceu na idéia absoluta e universal. (Histórico.)

Enfim, nossa escola espiritualista, vulgarmente chamada o ecletismo, considera a alma como não sendo senão uma força sem extensão e sem solidez, uma inteligência imperceptível no corpo humano, e que, uma vez desembaraçada de seu envoltório, conservando em tudo sua individualidade e sua imortalidade, não existiria mais nem no tempo nem no espaço. Nossa alma seria, pois, um não sei quê sem laço com o que existe, e não preencheria nenhum lugar determinado. Deus, segundo esse mesmo sistema, não é mais compreensível. É o pensamento perfeito, e não tem igualmente nem solidez, nem estabilidade, nem forma, nem realidade sensível; é um ser vazio; sem nossa razão nele não poderíamos ver nenhuma intuição. No entanto, quem são aqueles que inventaram o ateísmo, o ceticismo, o panteísmo, o idealismo, etc.? Esses são os homens de razão, os inteligentes, os sábios! Os povos ignorantes, cujas sensações são os principais guias, jamais duvidaram nem de Deus, nem da alma, nem de sua imortalidade. A razão, somente, parece, pois, ser má conselheira!

Essas doutrinas, como se pode disso convencer-se, necessitam, em conseqüência, de um princípio real, estável, vivo, da noção do Ser real. Movem-se num mundo *inteligível* que não concerne à realidade concreta. O vazio de seus princípios se transporta sobre o conjunto de seus sistemas, e os torna tão sutis quanto vagos e estranhos à realidade das coisas. O próprio senso comum com isso se ofende, apesar do talento e da prodigiosa erudição de seus adeptos. Mas o Espiritismo é ainda mais brutal a seu respeito, transtorna todos esses sistemas abstratos, opondo-lhes um fato único: a realidade substancial, viva e atual da alma não encarnada. Ele lha mostra como um ser pessoal, existindo no tempo e no espaço, se bem que invisível para nós; como um ser tendo seu elemento sólido, substancial e sua força ativa e pensante. Mostra-nos mesmo as almas errantes se comunicando conosco, por sua própria iniciativa! é evidente que semelhante acontecimento deve fazer desabar todos esses castelos de cartas e desvanecer, num impulso, essas soberbas bases de fantasia.

Mas para aumento de confusão, pode-se provar aos partidários dessas doutrinas sutilizadas, que todo homem leva em sua própria consciência os elementos suficientes para demonstrar a existência da alma, tal como o Espiritismo a estabelece pelos fatos; de modo que seus sistemas, não só são errôneos em seu ponto de chegada, mas o são ainda em seu ponto de partida. Também, o mais sábio partido que resta a tomar a esses honrados sábios, é de refundir completamente sua filosofia, e de consagrar seu profundo saber à fundação de uma ciência primeira, e mais precisa e mais conforme à realidade.

É que, efetivamente, trazemos em nós mesmos quatro noções irreduzíveis, que nos autorizam a afirmar a existência de nossa alma, tal qual o Espiritismo no-la apresenta. Primeiramente, temos em nós o sentimento de nossa existência. Este sentimento não pode se revelar senão por uma impressão que recebemos de nós mesmos. Ora, nenhuma impressão se faz sobre um objeto privado de solidez e de extensão; de sorte que pelo único fato de nossas sensações, devemos induzir que temos em nós um elemento sensível, sutil, extenso e resistente: quer dizer, *uma substância*. Segundo, temos em nós a consciência de um elemento ativo, causador, que se manifesta em nossa vontade, em nosso pensamento e em nossos atos. Conseqüentemente, é evidente que possuímos em nós um segundo elemento: *uma força*. Portanto, pelo único fato de que sentimos e de que sabemos, devemos concluir que encerramos dois elementos constitutivos, força e substância; quer dizer, uma dualidade essencial, anímica.

Mas essas duas noções primitivas não são as únicas que trazemos em nós. Nós nos concebemos ainda, em terceiro lugar, *uma unidade* pessoal, original, que fica sempre idêntica a si mesma; e em quarto lugar, *um destino* igualmente pessoal; porque todos nós procuramos nossa felicidade e nossas próprias conveniências em todas as circunstâncias

de nossa vida. De maneira que, juntando essas duas novas noções, que constituem nosso duplo aspecto, às duas precedentes, reconhecemos que nosso ser encerra *quatro princípios* bem distintos: sua *dualidade de essência e sua dualidade de aspecto*.

Ora, como esses quatro elementos do conhecimento de nosso *eu*, que nos levam a nos afirmar pessoalmente, são noções independentes do corpo, que não têm nenhuma relação com o nosso envoltório material, é peremptório e evidente, para todo espírito justo e não prevenido, que nosso ser depende de um princípio invisível, chamado Alma; e que essa alma existe como tal, porque tem uma substância e uma força, uma unidade e uma destinação próprias e pessoais.

Tais são os quatro elementos primordiais de nossa individualidade anímica, dos quais cada um de nós traz a noção em seu seio, e que cada um não saberia recusar. Em conseqüência, como dissemos, a filosofia possuiu, de todos os tempos, os elementos suficientes para o conhecimento da alma, tal como o Espiritismo no-la faz compreender. Se, pois, até o presente, a razão humana não conseguiu construir uma metafísica verdadeira e útil que lhe haja feito compreender que a alma deve ser considerada como um ser real, independente do corpo, e capaz de existir por si mesma, substancialmente e virtualmente, no tempo e no espaço, é que desdenhou a observação direta dos fatos de consciência, e que, em seu orgulho e sua suficiência, a razão se pôs no lugar e categoria da realidade.

Segundo estas observações pode-se compreender quanto importa à filosofia unir-se ao Espiritismo, uma vez que disso retirará a vantagem de se crer uma ciência primeira, séria e completa, fundada sobre o conhecimento da essência da alma e das quatro condições de sua realidade. Mas não é menos necessário ao Espiritismo se aliar à filosofia, porque não é senão por ela que poderá estabelecer a certeza científica dos fatos espíritas que fazem a base fundamental de sua crença, e deles tirar as conseqüências importantes que contêm. Sem dúvida, basta o bom senso ver um fenômeno para crer em sua realidade; e muitos se contentam com isso; mas a ciência, muito freqüentemente, teve motivos para duvidar dos protestos do sentido comum, para não desconfiar das impressões de nossos sentidos e das ilusões de nossa imaginação. O bom senso não basta, pois, para estabelecer cientificamente a realidade da presença dos Espíritos ao nosso redor. Para dela ser certo de um modo irrefutável, é preciso estabelecer racionalmente, segundo as leis gerais da criação, que sua existência é necessária por si mesma, e que sua presença invisível não é senão a confirmação dos dados racionais e científicos, tais como acabamos de indicar alguns deles, de maneira sumária. Não é, pois, senão pelo método filosófico que se pode obter esse resultado. Está aí um trabalho necessário à autoridade do Espiritismo, e é só a filosofia que pode lhe prestar este serviço.

Em geral, para triunfar em qualquer empresa que seja, é necessário juntar o conhecimento dos princípios à observação dos fatos. Nas circunstâncias particulares do Espiritismo, é muito mais necessário ainda de proceder dessa maneira rigorosa para chegar à verdade, porque nossa nova doutrina toca em nossos interesses mais caros e mais elevados, àqueles que constituem nossa felicidade presente e eterna. Em conseqüência, a união do Espiritismo e da filosofia é da mais alta importância para o sucesso de nossos esforços e para o futura Humanidade.

F. HERRENSCHNEIDER.

PERGUNTAS E PROBLEMAS

Sobre a expiação e a prova.

Moulins, 8 de julho de 1863.

Senhor e venerável mestre,

Venho submeter à vossa apreciação uma questão que foi discutida em nosso pequeno grupo e que não pudemos resolver por nossas próprias luzes; os próprios Espíritos, que consultamos, não responderam bastante categoricamente para nos tirar da dúvida. Redigi uma pequena nota, que tomo a liberdade de vos endereçar, nas quais reuni os motivos de minha opinião pessoal, que difere da de vários de meus colegas. A opinião destes últimos é de que a expiação tem lugar mesmo durante a encarnação, apoiando-se sobre o fato de que esta expressão foi empregada em muitas comunicações, e notadamente em *O Livro dos Espíritos*.

Venho, pois, vos rogar serdes bastante bom para nos dar a vossa opinião sobre esta questão. Vossa decisão será lei para nós, e cada um de nós fará de boa vontade o sacrifício de sua maneira de ver para se alinhar sob a bandeira que plantastes e que sustentais de maneira tão firme e tão sábia.

Recebei, senhor e caro mestre, etc.

"T. T."

"Várias comunicações, emanando de Espíritos diferentes, qualificam indistintamente de *expiações* ou de *provas*, os males e as tribulações formando o destino de cada um de nós, durante nossa encarnação sobre esta Terra. Resulta dessa aplicação de duas palavras, muito diferentes em seu significado, a uma mesma idéia, a uma certa confusão, pouco importante, sem dúvida, para os Espíritos desmaterializados, mas que dá lugar, entre os encarnados, a discussões que seria bom fazer cessar por uma definição clara e precisa e explicações fornecidas pelos Espíritos superiores, as quais fixariam este ponto de doutrina, de modo irrevogável.

"Tomando primeiro essas duas palavras em seu sentido absoluto, parece que a *expiação* seria o castigo, a pena imposta para o resgate de uma falta, com perfeito conhecimento, da parte do culpado punido, da causa desse castigo, quer dizer, da falta a expiar.

Compreende-se que a expiação, neste sentido, é sempre imposta por Deus.

"A *prova* não implica nenhuma idéia de reparação, pode ser voluntária ou imposta, mas não é a consequência rigorosa e imediata das faltas cometidas.

"A prova é um meio de se constatar o estado de uma coisa para reconhecer se ela é de boa qualidade. Assim, faz-se sofrer uma prova a um cordame, a uma ponte, a uma peça de artilharia, não por causa de seu estado anterior, mas para assegurar-se de que são próprios para o serviço ao qual estão destinados.

"Do mesmo modo, por extensão, chamam-se *provas da vida*, o conjunto dos meios físicos e morais que revelam a existência, ou a ausência, das qualidades da alma, que estabelecem sua perfeição ou os progressos que fez para essa perfeição final.

Parece, pois, lógico admitir-se a *expiação* propriamente dita, e no sentido absoluto dessa palavra, ocorre na vida espiritual depois da desencarnação ou morte corpórea; que pode ser mais ou menos longa, mais ou menos penosa, segundo a gravidade das faltas; mas que ela se completa no outro mundo e termina sempre por um ardente desejo de receber uma nova encarnação, durante a qual as provas escolhidas ou impostas deverão dar à alma o progresso para a perfeição que suas faltas anteriores impediram de se cumprirem.

"Assim, pois, não conviria admitir que há *expiação* sobre a Terra, mesmo que ela possa existir excepcionalmente, porque seria preciso admitir também o conhecimento das faltas punidas; ora, esse conhecimento não existe senão na vida de além-túmulo. A *expiação* sem esse conhecimento seria uma barbárie sem utilidade e não concordaria nem com a justiça nem com a bondade de Deus.

"Pode-se conceber, durante a encarnação, quanto de *provas*, porque, quaisquer que sejam os males e as tribulações desta Terra, é impossível considerá-los como podendo constituir uma *expiação* suficiente para faltas de qualquer gravidade. Pensa-se que um

culpado deferido à justiça dos homens se encontraria bem punido se fosse condenado a viver como o menos feliz de nós? Não exageremos, pois, a importância dos males desta Terra para nos fazer um mérito o tê-los suportado. A *prova* consiste mais na maneira pela qual os males foram suportados do que em sua intensidade que, como a felicidade terrestre, é sempre relativa para cada indivíduo.

"Os caracteres distintivos da *expição* e da *prova* são que a primeira é sempre imposta e que sua causa deve ser conhecida daquele que a suporta, ao passo que a segunda pode ser voluntária, quer dizer, escolhida pelo Espírito, ou imposta pelo próprio Deus, na falta de escolha; além disso, concebe-se muito bem sem causa conhecida, uma vez que ela não é, necessariamente, a conseqüência das faltas passadas.

"Em uma palavra: A *expição* cobre o passado; a *prova* abre o futuro.

"O número de julho da *Revista Espírita* contém um artigo intitulado: *Expição terrestre*, que parece contrário à opinião emitida acima; no entanto, lendo atentamente, ver-se-á que a *expição* verdadeira ocorreu durante a vida espírita, e que a posição que Max ocupou durante sua última encarnação não era senão o gênero de *provas* que escolheu ou que lhe foi imposto, e do qual saiu vitorioso; mas que, durante toda essa encarnação, ignorante de sua posição anterior, não podia aproveitar nada de uma *expição* sem objeto.

"Esta questão, talvez, seja antes uma questão de palavras do que de princípio. Com efeito, foi dito freqüentemente: "Não vos ligueis às palavras, vede o fundo do pensamento." Em todos os casos, convém, para nós, que nos entendamos no meio das palavras, de estar bem fixados sobre o sentido que a elas se dá."

Resposta. - A distinção estabelecida pelo autor da notícia acima, entre o caráter da *expição* e o das *provas* é perfeitamente justa, e, no entanto, não saberíamos partilhar sua opinião no que concerne à aplicação dessa teoria à situação do homem sobre a Terra.

A *expição* implica necessariamente a idéia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a *prova* implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porque aquele que chegou ao ponto culminante, ao qual aspira, não tem mais necessidade de *provas*. Em certos casos, a *prova* se confunde com a *expição*, quer dizer que a *expição* pode servir de *prova*, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para obter um grau, sofre uma *prova*; se fracassa, lhe é preciso recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência levada no primeiro; a segunda *prova* torna-se assim uma *expição*. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação conduzindo-se bem, a pena é, ao mesmo tempo, uma *expição* por sua falta, e uma *prova* para a sua sorte futura; se, em sua saída da prisão, não estiver melhor, a *prova* é nula, e um novo castigo trará uma nova *prova*.

Se consideramos agora o homem sobre a Terra, vemos que ele aqui sofre males de todas as espécies e freqüentemente cruéis; esses males têm uma causa; ora, a menos de atribuí-las ao capricho do Criador, é-se forçado a admitir que essa causa está em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, elas têm sua fonte em nossas imperfeições. Que um Espírito se encarne sobre a Terra no seio da fortuna, das honras e de todos os gozos materiais, poder-se-á dizer que sofre a *prova* do arrastamento; para aquele que cai na infelicidade por sua má conduta ou sua imprevidência, é a *expição* de suas faltas atuais, e pode-se dizer que é punido por onde pecou. Mas que se dirá daquele que, desde seu nascimento, luta com as necessidades e as privações, que arrasta a existência miserável e sem esperança de melhoria, que sucumbe sob o peso de enfermidades congênitas, sem ter *ostensivamente* nada feito para merecer uma semelhante sorte? Que isso seja uma *prova* ou uma *expição*, a sua posição não é menos penosa, e isso não seria mais eqüitativo do ponto de vista de nosso correspondente, uma vez que se o homem não se lembra da falta, não se lembra mais de ter escolhido a *prova*. É preciso, pois, procurar em outra parte a solução da questão.

Todo efeito tendo uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se essa causa não está na vida atual, deve estar na vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, esses efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, o castigo pelo passado, e a prova para o futuro. São expiações nesse sentido de que são a consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que dela se retira. A razão nos diz que Deus não pode ferir um inocente; portanto, se somos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira pela qual o suportamos, é a prova.

Mas ocorre, freqüentemente, que, a falta não se achando nesta vida, acusa-se a justiça de Deus, nega-se sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência; aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem admite um Deus soberanamente justo e bom deve-se dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo nesse caso que não compreendemos, e que se sofremos uma pena, é que a merecemos; portanto, é uma expiação. O Espiritismo, pela revelação da grande lei da pluralidade das existências,- levanta completamente o véu sobre o que essa questão deixava de obscuro; nos ensina que, se a falta não foi cometida nesta vida, o foi em uma outra, e que assim a justiça de Deus segue seu curso nos punindo por onde nós pecamos.

Vem em seguida a séria questão do esquecimento que, segundo nosso correspondente, dá aos males da vida o caráter de expiação. É um erro; dai-lhe o nome que quiserdes, não fareis que não sejam a consequência de uma falta; se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das próprias faltas, não tem as consequências que lhe atribuíis. Demonstramos em outra parte que a lembrança precisa dessas faltas traria inconvenientes extremamente graves, em que isso nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos de nossos próximos; que nos traria uma perturbação nas relações sociais, e que, por isso mesmo, entravaria nosso livre arbítrio. De um outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; não ocorre senão durante a vida exterior de relação, no próprio interesse da Humanidade; mas a vida espiritual não tem solução de continuidade; o Espírito, seja na erraticidade, seja em seus momentos de emancipação, se lembra perfeitamente, e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência que o adverte do que deve fazer ou não fazer; se não a escuta, é, pois, culpado. O Espiritismo dá, além disso, ao homem um meio de remontar ao seu passado, senão nos atos precisos, pelo menos nos caracteres gerais desses atos que pesaram mais ou menos sobre a vida atual. Das tribulações que sofre, expiações ou provas, deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas, e apoiando-se sobre o princípio de que a punição mais justa é aquela que é a consequência de sua falta, pode deduzir disso seu passado moral; suas más tendências lhe mostram o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual é para ele um novo ponto de partida; aqui chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar a si mesmo para ver o que lhe falta, e se dizer: "Se sou punido, é que pequei," e a própria punição lhe ensinará o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado aos trabalhos forçados por tantos anos e nisso sofrendo um castigo especial, mais ou menos rigoroso, segundo sua falta: suponhamos, além disso, que, entrando na prisão, perde a lembrança dos atos que ali o conduziram; não se poderá dizer: "Se estou na prisão, é que fui culpado, porque aqui não se colocam as pessoas virtuosas; portanto, tratemos de nos tornar bons para não reentrar aqui quando dela tivermos saído." Quer saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais são os crimes que para lá o conduzirão, porque não se é posto a ferro por uma travessura; da duração e da severidade da pena, disso concluirá o gênero daqueles que deveu cometer; para deles ter uma idéia mais exata, não terá senão que estudar aqueles para os quais se sente instintivamente, arrastado; saberá, pois, o que deve evitar doravante para conservar sua liberdade, e nisso será mais estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de instruí-lo e de dirigi-lo no bom caminho. Se disso não se aproveita, sofre-lhe

as conseqüências. Tal é a situação do homem sobre a Terra, onde, não mais do que o condenado à prisão não pode estar colocado por suas perfeições, uma vez que ali é infeliz e forçado ao trabalho. Deus lhe multiplica os ensinamentos proporcionais ao seu adiantamento; adverte-o, sem cessar, fere-o mesmo para despertá-lo de seu torpor, e aquele que persiste em seu endurecimento não pode se desculpar sobre sua ignorância.

Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter de provas, outras têm, incontestavelmente, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro crer que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposto; vemos todos os dias na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e a camisa de pele de cabra. Não há, pois, nada de irracional em admitir que um Espírito, na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrestre que o coloque de modo a reparar seus erros passados. Fosse essa existência mesmo imposta, por isso não seria menos justa, apesar da ausência momentânea de lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias deste mundo são, pois, expiações pelo seu lado efetivo e material, e provas pelas suas conseqüências morais. Qualquer que seja o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: a melhoria. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer uma questão de princípio de uma questão de palavra; isso provaria que se liga mais importância às palavras do que à coisa.

Temos o prazer de responder às perguntas sérias e elucidá-las, quando isso é possível. Tanto a discussão é útil com as pessoas de boa fé, que estudaram e querem aprofundar as coisas, porque é trabalhar para o progresso da ciência, tanto é ociosa com aqueles que julgam sem conhecer e querem saber sem se darem ao trabalho de aprender.

SEGUNDA CARTA AO SR. CURA MAROUZEAU.

(Ver o n^o de julho de 1863.)

Senhor cura,

Em minha precedente carta, eu vos disse os motivos que me fazem não responder artigo por artigo à vossa brochura; não os lembrarei, e me limito a realçar algumas passagens.

Dissestes: "Concluímos de tudo isso que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio das manifestações de além-túmulo bem constatadas; que, fora desse caso, tudo nele não é senão incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos; que, como doutrina filosófico-religiosa, não é senão uma verdadeira utopia, assim como tantas outras, consignadas na história, e da qual o tempo fará boa justiça, a despeito do exército espiritual do qual vos constituístes general-em-chefe."

Concordai, primeiro, senhor abade, que as vossas previsões não se realizaram quase, e que o tempo não se apressa muito para fazer justiça ao Espiritismo. Se ele não succumbir, não é preciso acusar-lhe a indiferença e a negligência do clero e de seus partidários; os ataques não faltaram: brochuras, jornais, sermões, excomunhões, fizeram fogo sobre toda a linha; nada faltou, nem mesmo o talento e o mérito incontestáveis de alguns dos combatentes. Se, pois, sob uma tão formidável artilharia as fileiras dos Espíritas aumentaram em lugar de diminuir, é que o fogo se desfez em fumaça. Ainda uma vez, uma regra de lógica elementar nos diz que se julga de uma força por seus efeitos; não pudesdes deter o Espiritismo, portanto, ele vai mais depressa do que vós; a razão disso é que vai adiante, ao passo que a vós vos empurra para trás, e o século caminha.

Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, disso ressalta um ensinamento sério e triste ao mesmo tempo; os que vêm do partido cético e materialista

são caracterizados pela negação, a zombaria mais ou menos espirituosa, por sarcasmos o mais freqüentemente tolos e maçantes, ao passo que, e é lamentável dizê-lo, é nos do partido religioso que se encontram as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é do púlpito que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que se tem publicado o ignóbil e mentiroso panfleto sobre o pretense orçamento do Espiritismo. Disso dei algumas amostras na *Revista*, e não disse tudo, por deferência, e porque sei que todos os membros do clero estão longe de aprovarem semelhantes coisas. É útil, no entanto, que mais eclesiásticos que não crêem mais do que vós na comunicação exclusiva do diabo; que se ocupam de evocações com toda a segurança de consciência; que mesmo não crêem mais do que eu nas penas irremissíveis e na condenação eterna absoluta, de acordo nisso com mais de um Pai da Igreja, assim como vos será demonstrado mais tarde. Sim, muito mais de eclesiásticos do que não se pensa, encaram o Espiritismo de um ponto mais elevado; tocados da universalidade das manifestações e do espetáculo imponente dessa marcha irresistível, nele vêem a aurora de uma era nova, e um sinal da vontade de Deus, diante da qual se inclinam no silêncio.

Dissestes, senhor abade, que o Espiritismo deveria se deter em tal ponto e não ir além. É preciso em tudo ser conseqüente consigo mesmo. Para que essas almas possam convencer os incrédulos de sua existência, é preciso que elas falem; ora, pode-se impedi-las de dizerem o que querem? É minha falta se elas vêm descrever sua situação, feliz ou infeliz, de outro modo do que o ensina a Igreja? se elas vêm dizer que já viveram e que reviverão ainda corporalmente? que Deus não é nem cruel, nem vingativo, nem inflexível, como é representado, mas bom e misericordioso? se, sobre todos os pontos do globo onde são chamadas para se convencer da vida futura, elas dizem a mesma coisa? É minha falta, enfim, se o quadro que elas fazem do futuro reservado aos homens é mais sedutor do que aquele que ofereceis? se os homens preferem a misericórdia à condenação? Quem fez a Doutrina Espírita? São suas palavras, e não minha imaginação; são os próprios atores do mundo invisível, as testemunhas oculares das coisas de além-túmulo que a ditaram, e ela não foi estabelecida senão sobre a concordância da imensa maioria das revelações feitas de todos os lados e por milhares de pessoas que jamais vi. Não fiz, pois, em tudo isso senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos Espíritos; sem ter nenhuma conta às opiniões isoladas, adotei as da maioria, afastando todas as idéias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da ciência.

Desses ensinamentos e de sua concordância, assim como da observação atenta dos fatos, ressalta que as manifestações espíritas nada têm de sobrenatural, mas são, ao contrário, o resultado de uma lei da Natureza, desconhecida até este dia, como o foram por muito tempo as da gravidade, do movimento dos astros, da formação da Terra, da eletricidade, etc. Desde então que esta lei está na Natureza, ela é obra de Deus, a menos de dizer que a Natureza é obra do diabo; essa lei, "explicando uma multidão de coisas inexplicáveis sem isso, converteu tantos incrédulos quanto à existência da alma do que o fato propriamente dito das manifestações, e a prova disso está no grande número de materialistas reconduzidos a Deus unicamente pela leitura das obras, sem terem visto nada. Teria sido melhor que ficassem na incredulidade, com o risco mesmo de não estarem inteiramente na ortodoxia católica?

A Doutrina Espírita não é, pois, obra minha, mas dos Espíritos; ora, se esses Espíritos são as almas dos homens, ela não pode ser a obra do demônio. Se fosse minha concepção pessoal, vendo seu prodigioso sucesso, não poderia senão me felicitar por isso; mas não poderia me atribuir o que não é meu. Não, ela não é a obra de um só, nem homem nem Espírito, que, quem quer que fosse, não teria podido lhe dar uma sanção suficiente, mas de uma multidão de Espíritos, e aí está o que faz a sua força, porque cada um está em condições de receber-lhe a confirmação. O tempo, como dissestes, dela fará boa justiça? Seria preciso para isso que ela deixasse de ser ensinada, quer dizer, que os Es-

píritos cessassem de existir e de se comunicarem por toda a Terra; seria preciso, além disso, que ela deixasse de ser lógica e de satisfazer às aspirações dos homens. Acrescentais que esperais que eu retorne de meu erro; não o penso, e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de opinião, nem desertar do posto onde a Providência me colocou, posto onde tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar sobre a Terra, vendo frutificar aquilo que semeou. É uma felicidade muito grande e bem doce, vos asseguro, a visão dos felizes que se faz, de tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e conduzidos ao bem; uma única de suas bênçãos me paga largamente de todas as minhas fadigas e de todos os insultos; essa felicidade não está no poder de ninguém de ma tirar; não a co-nheceis, uma vez que gostaríeis de ma tirar; eu vo-la desejo de toda minha alma; tentai-a, e vereis.

Senhor abade, eu vos adio para dez anos para ver o que então pensareis da Doutrina.

Aceitai, etc.

ALLAN KARDEC.

O ÉCHO DE SÉTIF AO SR. LEBLANC DE PRÉBOIS.

Extraímos a passagem seguinte de um artigo publicado no *Écho de Sétif*, do dia 23 de julho de 1863, em resposta à brochura intitulada: *o Orçamento do Espiritismo*, do qual falamos no número da *Revista Espírita* do mês de junho último:

.....

"Não demos tanta extensão à questão, e, para melhor nos compreender, procedamos por ordem:

"1º Credes na imortalidade da alma e eu também. Eis-nos de acordo sobre este ponto.

"2º Depois de minha morte, enviais minha alma para Deus e eu também. Segundo ponto sobre o qual estamos de acordo.

"3º Uma vez minha alma chegada a Deus, quereis seja que ela fique em presença de Deus, seja que ela vá para o inferno, seja, enfim, que ela vá para o purgatório; eis os únicos três lugares onde lhe permitis mover-se.

"Aqui, não estamos mais de acordo. Eu creio que Deus pode permitir a uma alma viajar por toda parte; vós lhe circunscreveis o espaço, e eu o amplio.

"Dizei-me, leal e francamente, se pensais que vossa opinião seja melhor fundada do que a minha; dizei-me por que Deus impediria minha alma de viajar depois da morte de meu corpo? Tendes a esse respeito alguma revelação? tendes uma prova tirada unicamente de um raciocínio? Não o creio.

"Eu, eu tenho uma: é o raciocínio que tiro do conhecido para o desconhecido. Deus criou leis imutáveis que jamais se contradizem; ora, vejo na natureza que me é conhecida que tudo se move, que tudo se agita, que nada fica em repouso; Deus quer assim.

"Essa única verdade que toco, que sinto, me basta para provar-me que ocorre o mesmo em todos os mundo que me são desconhecidos. De vosso lado, dizei-me porque quereis que isso seja de outro modo.

"Se não contestais que minha alma possa se mover depois da morte de meu corpo, se ela vive, se ela sente, se pode se comunicar com alguma coisa, com qualquer um, dizei-me por que não poderá jamais se comunicar com a vossa alma, ainda ligada ao vosso corpo; dai-me uma razão, uma razão que tenha a razão, de outro modo eu a recuso.

"Se me dizeis que vossa inteligência se recusa a crer nisso, é uma razão que não admito, porque há milhões de coisas que vossa inteligência se recusa a crer, e que, no entanto, crereis depois de tê-las visto; tal fez São Tome.

"Não tenho senão uma prece a vos dirigir, eu; não me prendo a que creiais, nisso não tenho nenhum interesse, - mas vos suplico não insultar ninguém sem necessidade.

"Qualquer que seja vosso mérito, há homens que vos valem no Espiritismo. Há os que querem ver, estudar, se instruir; há os que viram coisas surpreendentes, querem conhecer-lhes as causas antes de se pronunciarem. Então! fazei como eles: estudai, tratai de encontrar. Depois, quando tiverdes encontrado, dai-nos a explicação clara e precisa do fenômeno; eis que valerá mais do que expressões mal sonantes. Tereis feito dar um passo à ciência, e acalmado as consciências alarmadas contra a vossa. Eis, enfim, um belo papel a cumprir!

"Antes de terminar, colocamos uma última pergunta ao Sr. Leblanc de Prébois.

"Vendeu sua brochura, ou a publicou somente por amor pela Humanidade?

"C***."

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Revelações sobre minha vida sobrenatural.

Por Daniel Dunglas HOME (1-(1) Um vol. in-12; traduzido do inglês. Preço: 3 fr. 50, e não 2 fr. como foi anunciado por erro tipográfico no precedente número da *Revista*. Franco pelo correio, 3 fr. 90.).

Esta obra é um relato puro e simples, sem comentários nem explicações, dos fenômenos medianímicos produzidos pelo Sr. Home. Esses fenômenos são muito interessantes para quem conhece o Espiritismo e os possa explicar, mas por eles mesmos são pouco convincentes para os incrédulos que, não crendo mesmo naquilo que vêem, crêem ainda menos naquilo que se conta; é uma coletânea de fatos mais apropriada àqueles que sabem do que àqueles que não sabem, instrutiva para os primeiros, simplesmente curiosa para os segundos. Nossa intenção não é nem examinar nem discutir aqui esses fatos que fazem duplo emprego com os artigos que publicamos sobre o Sr. Home na *Revista Espírita* (fevereiro, março, abril e maio de 1858, páginas 58, 88, 117, 120, 145). Diremos somente que a simplicidade do relato é uma marca de verdade que não se poderia desconhecer, e que, para nós, não temos nenhum motivo para suspeitar de sua autenticidade; o que se pode censurar-lhe é muita monotonia, e a ausência de toda conclusão, de toda dedução filosófica ou moral; são também muito freqüentes incorreções de estilo; a tradução, sobretudo em certas partes, se afasta muitíssimo do gênio da língua francesa. Se a dúvida é a primeira impressão naquele que não pode se dar conta desses fatos, quem tiver lido atentamente e compreendido nossas obras, principalmente *O Livro dos Médiuns*, neles encontrará pelo menos a possibilidade, porque terá disso a explicação.

O Sr. Home, como se sabe, é um médium de efeitos físicos de um poder muito grande; uma particularidade notável é que ele reúne em sua pessoa a aptidão necessária à obtenção da maioria dos fenômenos desse gênero, e isso num grau de alguma sorte excepcional. Embora a malevolência lhe tenha atribuído uma multidão de fatos apócrifos, ridículos pelo seu exagero, resta-lhe bastante para justificar sua reputação; sua obra terá sobretudo a grande vantagem de participar do verdadeiro e do falso.

Os fenômenos que produz nos transportam ao primeiro período do Espiritismo, ao das mesas girantes, dito de outro modo, de *curiosidade*; quer dizer, àquela dos efeitos preliminares que tinham por objetivo chamar a atenção sobre a nova ordem de coisas e abrir o caminho do período filosófico. Essa marcha era racional, por que toda filosofia deve ser a dedução de fatos conscienciosamente estudados e observados, e à que não repousasse senão sobre ideais puramente especulativas, faltaria a base. A teoria deveria, pois, decorrer dos fatos, e as conseqüências filosóficas deveriam decorrer da teoria. Se o Espiritismo fosse se limitar aos fenômenos materiais, uma vez satisfeita a curiosidade,

não teria tido senão uma voga efêmera; dele se teve a prova pelas mesas girantes, que tiveram o privilégio de divertir os salões durante alguns invernos somente. Sua vitalidade não estava senão em sua utilidade; também a extensão prodigiosa que adquiriu data da época em que entrou no caminho filosófico; somente desta época ele tomou lugar entre as doutrinas.

A observação e a concordância dos fatos conduziram à procura das causas; a procura das causas conduziu a reconhecer que as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem em virtude de uma lei; uma vez conhecida essa lei, deu a explicação de uma multidão de fenômenos espontâneos até então incompreendidos, e reputados sobrenaturais, antes que se lhes conhecesse a causa; estabelecida a causa, esses mesmos fenômenos reentraram na ordem dos fatos naturais, e o maravilhoso desapareceu. Sob esse aspecto pode-se, com razão, criticar a qualificação de *sobrenatural* que o Sr. Home dá à sua vida em sua obra; outrora, sem dúvida, teria passado por um taumaturgo; na Idade Média, se tivesse sido monge, dele se teria feito um santo tendo o dom dos milagres; simples particular, teria passado por feiticeiro e se o teria queimado; entre os Pagãos, dele teriam feito um deus e lhe elevado altares; mas outros tempos, outros costumes: hoje, é um simples médium, predestinado pela força de sua faculdade a restringir o círculo dos prodígios, provando, pela experiência, que certos efeitos ditos maravilhosos não saem das leis da Natureza.

Algumas pessoas dele conceberam medos pela autenticidade de certos milagres, vendo estes caírem no domínio público. O Sr. Home partilhava esse dom com uma multidão de outros médiuns, que reproduzem esses fenômenos à vista de todo o mundo, e seria impossível, com efeito, considerá-los como derrogações às leis da Natureza, caráter essencial dos fatos miraculosos, a menos de admitir que era dado ao primeiro que chegasse poder transtornar essas leis. Mas como fazê-lo? Não se pode impedir de ser o que é; não se pode colocar sob o alqueire o que não é privilégio de nenhum indivíduo; é preciso, pois, resignar-se em aceitar os fatos ocorridos, do mesmo modo que se aceitaram o movimento da Terra e a lei de sua formação. Se o Sr. Home fosse sozinho em seu gênero, ele morto, poder-se-ia negar o que fez, mas como negar os fenômenos tornados vulgares pela sua multiplicidade e a perpetuidade dos médiuns que se formam cada dia, em milhares de famílias, sobre todos os pontos do globo? Ainda uma vez, por vontade ou a força, é preciso aceitar o que é, e o que não se pode impedir.

Mas o fato de que certos fenômenos perdem em prestígio do ponto de vista miraculoso, ou ganham em autenticidade; a incredulidade com relação aos milagres está na ordem do dia, é preciso nisso muito convir, e a fé neles estava realmente abalada; agora, em presença desses efeitos medianínicos, e graças à teoria espírita que prova que esses efeitos estão na Natureza, a possibilidade desses fenômenos está demonstrada, e a incredulidade deverá calar-se. A negação de um fato leva à negação de suas conseqüências; vale mais negar o fato, enquanto miraculoso, do que admiti-lo como simples lei da Natureza? É que as leis da Natureza não são a obra de Deus? é que a revelação de uma nova lei não é uma prova de seu poder? Deus é menos grande em agir em virtude dessas leis do que as derogando? Aliás, é que os milagres são o atributo exclusivo do poder divino? A própria Igreja não nos ensina que "falsos profetas, suscitados pelo demônio, podem fazer milagres e prodígios, para seduzir mesmo os eleitos?" Se o demônio pode fazer milagres, pode derogar as leis de Deus, quer dizer, desfazer o que Deus fez; mas a Igreja não diz em nenhuma parte que o demônio pode fazer leis para reger o Universo; ora, uma vez que os milagres podem ser feitos por Deus e pelo demônio, que as leis são a obra só de Deus, o Espiritismo, provando que certos fatos considerados como exceções, são aplicações das leis da Natureza, atesta, por isso mesmo, bem mais o poder de Deus do que os milagres, uma vez que não atribui senão a Deus o que, em outra hipótese, poderia ser a obra do demônio.

Dos fenômenos produzidos pelo Sr. Home ressalta um outro ensinamento, e seu livro vem em apoio do que dissemos muitas vezes sobre a insuficiência das manifestações físicas somente para levar a convicção entre certas pessoas. É um fato bem conhecido que muitas pessoas foram testemunhas das manifestações mais extraordinárias sem serem convencidas, e isso porque não as compreendia, e não tendo nenhuma base para assentar um raciocínio, nelas não viram senão do malabarismo. Seguramente, se alguém era capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, era o Sr. Home; nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em melhores condições de honradez, e, no entanto, bom número daqueles que o viram trabalhando o tratam ainda, nos tempos que correm, de ágil prestidigitador; para muitos, ele faz coisas muito curiosas, mais curiosas do que em Robert Houdin, e eis tudo. No entanto, parecia que, em presença de fatos tão manifestos, tornados notórios pelo número e a qualidade das testemunhas, toda negação se tornasse impossível, e que a França iria ser convertida em massa. Quando esses fenômenos não se produzissem senão na América, seriam rejeitados sobre a impossibilidade de vê-los; o Sr. Home veio mostrá-los à elite da sociedade, e nessa própria sociedade encontrou mais curiosos do que crentes, se bem que desafiassem toda suspeição fundada no charlatanismo. Que faltava, pois, a essas manifestações para convencerem? Faltava-lhes a chave para serem compreendidas. Hoje, não há um Espírita, tendo estudado um pouco seriamente a ciência, que não admita todos os fatos relatados no livro do Sr. Home, sem tê-los visto, ao passo que, mesmo entre aqueles que os viram, há mais de um incrédulo, tanto é verdade que o que fala ao espírito e se apoia sobre o raciocínio tem um poder de convicção que não possui aquele que não fala senão aos olhos.

Segue-se que a vinda do Sr. Home foi inútil? Certamente não; dissemos e repetimos: ele acelerou a eclosão do Espiritismo na França, pela luz que lançou sobre os fenômenos, mesmo entre os incrédulos, provando que não estão cercados de nenhum mistério, nem de nenhuma das fórmulas ridículas da magia, e que se pode ser médium sem ter o ar de um feiticeiro; enfim, pela repercussão que seu nome e o mundo que ele freqüentou deram à coisa; sua vinda foi, pois, muito útil, quando isso não fosse senão para ter fornecido ao Sr. Oscar Comettant a ocasião de dele falar, e fazer o *espiritoso* artigo que se conhece, pelo qual não deixou ao autor senão de conhecer o que quis criticar; absolutamente como se um homem não sabendo uma palavra de música, quisesse criticar Mozart ou Beethoven. (Ver o relatório da obra do Sr. Home pelo Sr. Comettant no *Siècle* de 15 de julho de 1863, e algumas palavras de nossa parte sobre esse artigo na *Revista Espírita* do mês de agosto seguinte.)

Sermões sobre o Espiritismo

Pregados na catedral de Metz, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863, pelo Rev. Pé. Letierce, da Companhia de Jesus; - refutados por um Espírita de Metz, e precedidos de considerações sobre a loucura espírita (1-(1) Brochura in-12. Preço: 1 fr; pelo correio, 1 fr. 10 c.- Paris, casa dos Srs. Didier, 35, cais dos Augustins; Ledoyen, Palais-Soyal; Metz, casa Linden, 1, rua Pierre-Hardie.).

Embora não conheçamos pessoalmente o autor desse opúsculo, podemos dizer que é a obra de um Espírita esclarecido e sincero; e somos felizes de ver a defesa do Espiritismo feita por mãos hábeis que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força. Os argumentos dos adversários ali são combatidos com uma lógica à qual não sabemos que lógica poder-se-ia opor, porque não há delas senão uma séria, aquela cujas deduções não deixam nenhum lugar à réplica, e achamos que a do autor está nesse caso. Sem dúvida, errado ou com razão, pode-se sempre replicar, pois há pessoas com as quais não se tem nunca a última palavra, tratando de provar-lhes que fez luz ao meio dia; mas esse não é daqueles que se trata de ter razão; pouco impor-

ta que sejam ou não convencidos de seu erro; também não é a eles que se dirige, mas ao público, juiz em última instância das boas e das más causas. Há no espírito das massas um bom sentido que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

A brochura da qual se trata reúne, na nossa opinião, as vantagens do fundo e da forma; quer dizer, que, à justeza do raciocínio, junta a correção e a elegância do estilo, que não estragam nada jamais e tornam a leitura, de todo o escrito, mais atraente e mais fácil. Não duvidamos que esse escrito não seja acolhido com a simpatia que merece por todos os Espíritos; nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrição; contribuindo para difundi-lo, prestarão serviço à causa.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Uma morte prematura.

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863. - Médiun senhora Costel.)

Eis-me, pois, ainda sobre o teatro do mundo, eu que me acreditava enterrado para sempre em meu véu de inocência e de juventude. O fogo da Terra me salvava do fogo do inferno: assim eu pensava em minha fé católica, e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trêmula se refugiava na expiação do purgatório, e eu orava, eu sofria, eu chorava. Mas quem dava à minha fraqueza, a força de suportar as minhas angústias? quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se inclinava sobre minha cama de martírio? quem refrescava meus lábios secos? Era vós, meu anjo guardião, cuja branca auréola me cercava; eram também vós, caros Espíritos amigos, que vinham murmurar ao meu ouvido as palavras de esperança e de amor.

A chama que consumia meu fraco corpo me despojou do apego àquilo que passa; também já morri vivo da verdadeira vida. Não conheci a perturbação, e entrei sereno e recolhido no dia radioso que envolve aqueles que, depois de terem muito sofrido, esperaram um pouco. Minha mãe, minha querida mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Quanto queria que ela se tornasse Espírita!

Destaquei-me da árvore terrestre como um fruto maduro antes do tempo. Não estava ainda senão roçado pelo demônio do orgulho que excita as almas dos infelizes arrasados pelo sucesso brilhante e a embriaguez da juventude. Abençoei a chama; abençoei os sofrimentos; abençoei a prova que era uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, flutuo arrastado na corrente luminosa; não são mais as estrelas de diamante que brilham sobre minha fronte, mas as estrelas de ouro do bom Deus.

• * *
•

Nota - Nossa intenção tinha sido evocar, nessa sessão, esse Espírito, ao qual sabíamos que muitos dentre nós eram simpáticos. Razões particulares nos tinham feito adiar essa evocação, da qual não tínhamos conversado com ninguém; mas esse Espírito, sem dúvida, atraído pelo nosso pensamento e o de vários membros, veio espontaneamente, e sem ser chamado, ditar a encantadora comunicação acima.

O Purgatório.

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863. - Médiun, Sr. Alfred Didier.)

A religião católica nos mostra o purgatório como um lugar onde a alma, sofrendo terríveis expiações, alivia suas faltas e reivindica pouco a pouco, pela dor, seus direitos ao sol da vida eterna. Imagem esplêndida! a mais verdadeira, a mais perfeita da grande trindade dogmática do inferno, do purgatório e do paraíso. Apesar de suas severidades desesperadora, a Igreja compreendeu que lhe faltava um meio entre a condenação eterna e a felicidade eterna. Confundiu, no entanto, nessa estranha reunião, o tempo infinito e pro-

gressivo, que não é senão um, com três situações limitadas e incompreensíveis. À religião, ou antes, ao ensinamento todo humanitário e todo progressivo do Cristo, o Espiritismo acrescenta os meios de realizar essa ideal humanidade. Nesses desvios filosóficos de nossa época, há mais de um germe espírita; e tal filósofo cético que não aconselha para a felicidade definitiva da Humanidade senão o distanciamento e a destruição de toda crença humana e divina, trabalha mais do que se não crê para a tendência universal do Espiritismo. Somente é um caminho onde o céu parece pouco, onde a existência futura quase não aparece, mas onde pelo menos a tranqüilidade material, e por assim dizer, egoísta desta vida é compreendida com a evidência do legislador, e, senão do santo, pelo menos de um filantropo humanitário.

Ora, tratava-se de saber se, em estado latente, por assim dizer, da vida extracorpórea, e que se poderia chamar intra-vital, tratava-se de saber se, com a medida de conhecimentos e de sagacidade clarividente que os Espíritos superiores possuem, o progresso universal é tão eficaz quanto o progresso terrestre. Essa questão fundamental para o Espiritismo é até o presente insuficiente por respostas de detalhe; isso não é mais somente, como disse a Igreja, um lugar de expiações, é uma sede universal onde justamente as almas que ali circulam, temem com angústia ou aceitam com esperança, as existências que se revelam a elas. Lá está, na nossa opinião, somente o começo do que se chama o purgatório; e a erraticidade, essa fase importante da vida da alma, não nos parece de nenhum modo explicada, nem mesmo mencionada pelos dogmas católicos.

LAMENNAIS.

A Castidade.

(Grupo de Orléans. - Médiun, Sr. de Monvel.)

De todas as virtudes das quais o Cristo nos deixou o adorável exemplo, não há uma que haja sido mais indignamente esquecida pela triste Humanidade do que a castidade. E não falo somente da castidade do corpo, da qual se encontram ainda, sem dúvida, sobre a Terra numerosos exemplos, mas dessa castidade da alma, que jamais concebeu um pensamento, deixou escapar uma palavra de natureza a manchar a pureza da virgem ou da criança que a escuta.

O mal é tão universal, as ocasiões de perigo tão multiplicadas, que os pais, mesmo os mais verdadeiramente castos em seus atos como em seus discursos, não podem escapar à dolorosa certeza de que seus filhos não poderão, o que quer que façam, subtraírem-se ao funesto contágio. Preciso lhes é, qualquer repugnância que nisso sintam, resignar-se a abrir os próprios olhos à essas inocentes criaturas, para preservá-las pelo menos do perigo físico, uma vez que é absolutamente impossível preservá-las do perigo moral; e, muito freqüentemente ainda, quando crêem ter evitado o perigo, se encontra algum escolho do qual não haviam suposto a existência, e sobre o qual vem fracassar a pobre e inocente criança que seu amor não pôde preservar da mancha do vício.

Quantas palavras imprudentes, mesmo na sociedade mais seleta; quanto de imagens e de descrições, mesmo nos livros mais sérios, não vêm, com o desconhecimento dos pais, despertar, excitar, ou mesmo satisfazer completamente essa curiosidade ávida, tão temível, da criança que não tem nenhuma consciência do perigo! Se o mal é difícil de evitar, mesmo nas classes mais esclarecidas da sociedade, o que é, pois, das classes inferiores? Supondo que uma criança haja tido a felicidade de escapar disso sob o teto paterno, como garantir-lhe desse inevitável contato com os vícios que a acotovelam cada dia?

Há aí uma chaga bem profunda, muito perigosa, e da qual todo homem que conserveu no fundo do coração o senso moral deve sentir a mais imperiosa necessidade de purgar a sociedade. O mal está enraizado nos corações, e decorrerá muito tempo ainda antes que cada um de nós tenha se tornado bastante puro para supor-lhe somente a gravi-

dade. Tal cria cometer uma falta séria permitindo-se, diante de uma criança, a menor palavra de dupla interpretação, que, crendo-se cercado de pessoas de uma idade madura, achará um prazer confessar em seus gracejos, obscenos os triviais, que, diz ele, não fazem mal a ninguém. Não vê que a obscenidade é um mal de tal modo imoral, que mancha tudo o que toca, mesmo o ar, cujas vibrações vão levar ao longe o contágio. Diz-se que as paredes têm ouvidos, e se esta figura jamais foi verdadeira, é sobretudo em semelhante matéria. A pura e santa castidade não estabelecerá definitivamente seu reino sobre a Terra senão quando toda criatura que pense e que fale tiver compreendido que não deve jamais, em qualquer circunstância que seja, não escrever um termo nem pronunciar uma palavra, que a virgem mais pura não possa ouvir sem ruborizar.

Não tendes filhos, direis, e não há deles um só em vossa casa, e, desde então, não tendes nenhuma razão, ao que vos parece, para vos constranger. Mas se vós mesmos fósseis puros, não serieis obrigados a vos constranger; e não tendes amigos que vos escutam, que vosso exemplo excita, e que talvez, em outra parte, perderão diante dos filhos, que não conheceis, a reserva que um resto de pudor lhes fizera observar até ali. Depois também, é quase sempre nas horas das refeições que vosso espírito se deixa ir aos impulsos que excitam o riso dos convivas; mas não vedes esses servidores que vos cercam, e vosso vizinho tem filhos! Não conheceis nem esse vizinho nem seus filhos, e não sabeis jamais o mal do qual fostes a causa; mas o mal, de qualquer parte que venha, será sempre punido, disso estejais convencidos. Não há senão as paredes que têm ouvidos, há no ar que respirais coisas que não conheceis ainda, ou que não quereis conhecer.

Ninguém tem o direito de exigir de seus subalternos uma virtude que não pratique e não possua em si mesmo.

Uma única palavra impura basta para alterar a pureza de uma criança; uma única criança impura, introduzida numa casa de educação pública, basta para gangrenar toda uma geração de crianças, que, mais tarde, tornar-se-ão homens. Há um único homem sensato que ponha em dúvida a verdade patente e dolorosa deste fato? Ninguém disso duvida, ninguém ignora toda a extensão do mal que uma única palavra pode fazer, e, no entanto, ninguém se crê obrigado a essa castidade da alma que se indigna com todo pensamento obsceno, por disfarçado que seja, e mesmo, em certas circunstâncias, ninguém considera como uma estrita obrigação moral abster-se dos gracejos que deveriam fazê-lo ruborizar, se não se faz glória de não mais ruborizar. Triste e vergonhosa glória quanto esta!

Não é somente a castidade que deveríamos respeitar nas crianças, é também essa delicada candura que toda idéia de falsidade faz subir o vermelho à face; e essa virtude é bem rara também; mas quando se observa como está educada a imensa maioria de nossas crianças, não se deve espantar muito com isso. Para a maioria dos pais, os filhos, sobretudo os de tenra idade, não são quase senão pequenas bonecas com as quais se divertem num jogo encantador. E o que as torna tão divertidas, é que sua ingênua credulidade permite aborrecê-las, da manhã à noite, por essas pequenas mentiras que se crêem inocentes porque são feitas sem maldade nenhuma, e unicamente, como se disse, para rir. Ora, em sua verdadeira acepção, a palavra *inocente* significa: *que não prejudica*; mas o que há de mais nocivo, ao contrário, à candura de uma criança, do que esses pequenos abusos de confiança incessantes das quais é vítima um instante, mas um instante somente, do qual ri e se diverte em seguida, e que procura o maior prazer em imitar ela mesma tanto quanto o pode.

Resulta disso que a criança, freqüentemente, a mais cândida, aprende a enganar tão depressa quanto aprende a falar, e que ao cabo de muito pouco tempo, é capaz de dar lições aos seus mestres.

Não se desconfia quase o quanto, sobretudo nessa idade, com freqüência, uma fraca causa pode produzir mais tarde os mais deploráveis resultados. Os órgãos da inteligência, nas crianças muito jovens, são como uma cera mole apta a receber a impressão

do mais fraco objeto que a toca; e, não fosse isso senão um instante, há deformação; e quando essa cera, tão fluida de início, vier a congelar, a impressão ficará doravante inapagável. Pode-se crer que ela será coberta por outras, é um erro: a impressão primitiva ficará sozinha, inapagável, e serão as impressões ulteriores, ao contrário, que não deixarão senão um traço fugidio e sob o qual a primeira reaparecerá sempre.

Eis o que bem pouco de pais jovens são capazes de sentir com bastante força para disso fazer uma regra de conduta com seus filhos, e o que lhes é preciso repetir, à saciedade.

CÉCILE MONVEL

O DEDO DE DEUS.

(Thionville, 25 de dezembro de 1862. - Sr. doutor R...)

Fizemos entrever a aurora da regeneração humana; deveis ver aí, como em toda a marcha da Humanidade através das idades, o dedo de Deus.

Dissemos muito freqüentemente: Tudo o que chega neste mundo, como tudo o que se passa no Universo inteiro, está submetido a uma lei geral: a do *progresso*.

Inclinai-vos diante dela, orgulhosos e soberbos, que pretendeis vos colocar acima dos decretos do Mais Alto! Procurai por toda a parte a causa de vossas infelicidades e de vossas alegrias, e ali reconheceréis sempre o dedo de Deus.

Mas, direis, o dedo de Deus, é, pois, a fatalidade! Ah! guardai-vos de confundir esta palavra ímpia com as leis que a Providência vos impôs, a Providência, que quis vos deixar vosso *livre arbítrio* para vos deixar ao mesmo tempo o mérito de vossos atos, mas que lhe tempera o rigor por essa voz, tão freqüentemente desconhecida, que vos adverte do perigo ao qual vos expondes.

O fatalismo é a negação do dever, porque, nossa sorte sendo fixada de antemão, não nos convém mudá-la.

Em que se tornaria o mundo com essa terrível teoria, que abandonaria os homens às pérfidas sugestões das piores paixões? Onde estaria o objetivo da criação? onde estaria a razão de ser da ordem admirável que reina no Universo?

O dedo de Deus, ao contrário, é a punição sempre suspensa sobre a cabeça do culpado; é o remorso que lhe rói o coração, reprovando-lhe os crimes a cada instante do dia; é o terrível pesadelo que o tortura durante longas noites sem sono; é essa marca sanguinolenta que o segue em todos os lugares, como para reproduzir, sem cessar, a seus olhos, a imagem de seus crimes; é a febre que atormenta o egoísta; são as angústias perpétuas do mau rico, que vê em todos aqueles que se aproximam expoliadores dispostos a lhe arrebatam um bem mal adquirido; é a dor que sente em sua hora última por não poder levar seus inúteis tesouros!

O dedo de Deus é a paz do coração reservada ao homem justo; é esse doce perfume que vos enche a alma depois de uma boa ação; é essa suave alegria que se sente sempre ao fazer o bem; é a bênção do pobre que se assiste, é o doce olhar de uma criança da qual se secaram as lágrimas; é a prece fervorosa de uma pobre mãe a quem se proporcionou o trabalho que deve arrancá-la à miséria; em uma palavra, é o contentamento de si mesmo.

O dedo de Deus, enfim, é a justiça séria e austera, temperada pela misericórdia! o dedo de Deus, é a esperança, que não abandona o homem em seus mais cruéis sofrimentos, que o consola sempre, e que deixa entrever ao mais criminoso, que o arrependimento tocou, um canto da morada celeste da qual se acreditava repellido para sempre!

ESPÍRITO FAMILIAR

O Verdadeiro.

(Thionville, - Médiun, Sr. doutor R...)

Um poeta disse:

Nada é belo quanto o verdadeiro, só o verdadeiro é amável.

Reconheci nesse verso uma das mais belas inspirações que hajam jamais sido dadas ao homem. O verdadeiro, é a linha direita; o verdadeiro, é a luz, cujo esplendor não tem necessidade de ser velado pelos homens justos, cujo Espírito é maravilhosamente disposto a compreender seus imensos benefícios. Porque, na vossa sociedade atual, a luz tem tanta dificuldade para ser percebida pela maioria dos homens? Por que o ensino da verdade é cercado de tantos obstáculos? É que, até o presente, a Humanidade não fez progresso bastante notável, desde a origem do cristianismo. Desde o Cristo, que teve que velar seus admiráveis ensinamentos sob as formas da alegoria e da parábola, todos aqueles que tentaram propagar a verdade não foram mais escutados do que seu Divino Mestre; é que a Humanidade devia progredir com uma sábia lentidão, para que sua marcha fosse mais segura; é que ela tinha necessidade de um longo noviciado para estar apta a conduzir a si mesma.

Mas tranquilizai-vos! O sol da regeneração, há muito tempo na sua aurora, não tardará a derramar sobre vós sua ofuscante claridade; a verdadeira luz vos aparecerá, e sua influência benfazeja se estenderá a todas as classes da sociedade. Quanto, então, se espantarão de não terem acolhido mais cedo essa verdade, que data da mais alta antiguidade, e que um sentimento de orgulho lhes fez sempre costear, sem vê-la!

Desta vez, pelo menos, não tereis que sofrer nenhum desses assustadores cataclismos que parecem como tantos marcos destinados a marcar, através dos séculos, a marcha da verdadeira luz; os homens, mais instruídos, compreenderão que os transtornos que deixam após si um rastro de fogo e de sangue não poderiam adaptar-se hoje com os nossos costumes abrandados pela prática da caridade. Compreenderão, enfim, a importância desta palavra sublime que o Cristo os fez ouvir outrora: "Paz aos homens de boa vontade!"

Não haverá mais outra guerra do que aquela que será feita às más paixões; todos unirão suas forças para expulsar o espírito do mal, cujo reino desastroso não tem senão detido, por muito tempo, o vôo da civilização. Todos se deterão a este pensamento de que a verdadeira luz é a única conquista legítima, a única que devem doravante ambicionar, a única que poderá conduzi-los à felicidade.

À obra, pois, todos vós que tendes a bandeira do progresso! não temais arvorá-la alto e firme, para que de todos os cantos do globo os homens possam acorrer e se alinhar sob sua égide. Pedi ao nosso Pai celeste a força e a energia que vos são indispensáveis para essa grande obra, e, se não deveis desfrutar nesse mundo da felicidade de vê-la se realizar, pelo menos, morrendo, levareis a convicção de que a vossa existência foi útil a todos, e que a mais doce recompensa vos espera entre nós: a alegria de ter cumprido a vossa missão para a maior glória de Deus.

ESPÍRITO FAMILIAR.
ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 10

OUTUBRO 1863

REAÇÃO DAS IDÉIAS ESPIRITUALISTAS.

Há um século a sociedade era trabalhada pelas idéias materialistas, reproduzidas sob todas as formas, traduzindo-se na maioria das obras literárias e artísticas; a incredulidade era moda, era do bom tom ostentar a negação de tudo, mesmo de Deus. A vida presente, eis o positivo; fora disso tudo é quimera e incerteza; vivamos, pois, o melhor possível, e depois advenha o que advier. Tal era o raciocínio de todos aqueles que pretendiam estar acima dos preconceitos, e se chamavam por essa razão *espíritos fortes*; era, é preciso nisso convir, o de maior número, daqueles mesmos que davam o movimento à sociedade e estavam encarregados de conduzi-la, e cujo exemplo devia, necessariamente, ter uma grande influência. O próprio clero sofria essa influência; a conduta privada ou pública de muitos de seus membros, em completo desacordo com seus ensinamentos e os do Cristo, provava que não acreditavam naquilo que pregavam, uma vez que, se acreditassem firmemente na vida futura e nos castigos, teriam negligenciado menos os interesses do céu pelos da Terra.

Tinham-se, pois, procurado todas as bases das instituições humanas na ordem das coisas materiais; no entanto, acabou-se por reconhecer que faltava, a essas instituições, um ponto de apoio sólido, desde que aqueles, que pareciam melhor assentados, desmoronavam em um dia de tempestade; que as leis repressivas mascaravam os vícios, mas não tornavam os homens melhores. Qual era esse ponto de apoio? Aí está a questão; mas procurava-se, e alguns acabaram por acreditar que Deus poderia bem estar, por alguma coisa, no Universo. Depois alguns espíritos fortes começaram a ter medo, e por não mais rirem do futuro senão de lábios, dizendo a si mesmos: Pretende-se que tudo acaba com a morte; mas que disso sabem, em definitivo, aqueles que o afirmam? Isso não é, além do mais, senão a sua opinião. Antes de Cristóvão Colombo acreditava-se também que não havia nada além do Oceano; se, pois, houvesse alguma coisa além do túmulo? no entanto, seria interessante sabê-lo; porque, se há alguma coisa, é preciso que todos nós a passemos, uma vez que todos nós morreremos? Como se está ali? está-se bem? está-se mal? A questão é importante, e a ser considerada. Mas se nós sobrevivemos, isso não é nosso corpo seguramente; temos, pois, uma alma? A alma não seria, pois, uma quimera? Então essa alma, como é ela? de onde vem? para onde vai?

Daí uma vaga inquietação se apoderou dos mais fanfarrões em presença da morte; estavam prontos a procurar, a discutir; depois, reconhecendo que, o que quer que fosse, não se estava jamais completamente bem sobre a Terra, que nela se estava às vezes muito mal, lançavam seus objetivos e esperanças sobre o futuro. Todas as coisas extremas têm sua reação, quando não estão na verdade; só a verdade é imutável. As idéias materialistas tinham chegado ao seu apogeu; então, percebeu-se que elas não davam o que delas se esperava; e deixavam o vazio no coração; que abriam um abismo insondável, do qual se recuava com pavor, como diante de um precipício; daí uma aspiração para

o desconhecido, e, conseqüentemente, uma reação inevitável para as idéias espiritualistas, como única saída possível.

É essa reação que se manifesta há alguns anos; mas o homem chegou a um dos pontos culminantes da inteligência; ora, nessa idade em que a faculdade de compreender é adulta, não pode mais ser conduzido como na infância ou na adolescência. O positivismo da vida ensinou-o a procurar, dizemos nós, tornou-lhe necessário o porquê e o como de cada coisa, uma vez que, no nosso século matemático, se tem necessidade de se dar conta de tudo, de tudo calcular, de tudo medir, para saber onde se põe o pé. Quer-se a certeza, senão material, pelo menos moral, até na abstração; não basta dizer que uma coisa é boa ou má, se quer saber por que ela é boa ou má, e se há razão ou não de prescrevê-la ou proibi-la; eis porque a fé cega não tem mais curso em nosso século racional. Pede-se mais que ter a fé, se a deseja, dela se tem sede hoje, porque é uma necessidade; mas se quer uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma necessidade da época, à qual é preciso, de bom grado ou malgrado, se resignar.

As idéias espiritualistas respondem bem às aspirações gerais, são preferidas ao ceticismo e à idéia do nada, uma vez que se sabe, instintivamente, que elas estão na verdade, mas não satisfazem senão imperfeitamente, porque deixam ainda a alma no vago, e que sozinhas são impotentes para darem a solução de uma multidão de problemas. O simples Espiritualista está na posição de um homem que percebe o objetivo, mas que não sabe ainda por qual caminho para a ele chegar, e que encontra escolhos sobre seus passos. Eis por que, nestes últimos tempos, um tão grande número de escritores e de filósofos trataram de sondar esses misteriosos arcanos, porque tantos sistemas foram criados tendo em vista resolver as inumeráveis questões permanecidas insolúveis. Que esses sistemas sejam racionais ou absurdos, nisso não testemunham menos as tendências espiritualistas da época, tendências das quais não se faz mais mistério, que não se procura esconder, da qual se faz glória, ao contrário, como outrora se glorificava de sua incredulidade. Se todos esses sistemas não chegaram à verdade completa, é incontestável que vários dela se aproximaram ou a roçaram, e que a discussão que dela foi a conseqüência, preparou o caminho dispondo os espíritos a essa espécie de estudo.

Foi nessas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais tarde, foi chocar-se contra o materialismo todo-poderoso; num tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Apresenta-se no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não lhe pode opor mais barreira séria, e onde está fatigado pelo vazio deixado pelo materialismo; num momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apoderou de todos os espíritos, onde se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da Humanidade. Foi, pois, nesse momento, que veio resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritualismo o caráter positivo único que convém à nossa época. Nele se acha o que se procura, e o que não se encontrou em outra parte: eis porque é aceito facilmente. Milhares de órgãos traçaram-lhe, e lhe traçam ainda, o caminho, semeando parte por parte as idéias que professa; não é preciso crer que não haja, nesse caso, senão as obras sérias, lidas por um pequeno número de eruditos! Notai quanto, sob uma forma leve, a do romance ou do folhetim, os pensamentos espíritas são abundantes neste momento: por aí eles penetram por toda a parte, mesmo entre aqueles que menos pensam neles; são tantos germes latentes que eclodirão quando a grande luz lhes tiver vindo, porque estarão familiarizados com as idéias novas.

Um dos princípios mais importantes do Espiritismo, sem contradita, é o da pluralidade das existências corpóreas, quer dizer, da reencarnação, que os céticos confundem, voluntariamente ou por ignorância, com o dogma da metempsicose. Sem esse princípio choca-se com tantas dificuldades insolúveis, na ordem moral e fisiológica, que muitos filósofos modernos foram conduzidos a ele pela força do raciocínio, como a uma lei necessária da Natureza; tais são Charles Fourier, Jean Reynaud, e muitos outros. Este princípio,

discutido hoje abertamente por homens de um grande valor, sem serem por isso Espíritas, tem uma tendência manifesta a se introduzir na filosofia moderna; uma vez de posse dessa chave, ele verá abrirem-se diante dela horizontes novos e as dificuldades, as mais difíceis, se aplainarem como por encanto; ora, ela não pode deixar de chegar aí; a isso será conduzida pela força das coisas, porque a pluralidade das existências não é um sistema, mas uma lei da Natureza, que ressalta da evidência dos fatos.

Sem sertão nitidamente formulado como em Fourier e Reynaud, nem erigido em doutrina, o princípio da pluralidade das existências se encontra agora numa multidão de escritores, e daí em todas as bocas; de sorte que se pode dizer que está na ordem do dia, e tende a tomar lugar entre as crenças vulgares, embora, em muitos, preceda o conhecimento do Espiritismo; é uma conseqüência natural da reação espiritualista que se opera neste momento, e à qual o Espiritismo vem dar um poderoso impulso. Para as citações, não teríamos senão o embaraço da escolha, nos limitamos à passagem seguinte de um dos últimos romances da senhora George Sand: *Mademoiselle de La Quintinie*; obra filosófica notável, colocada no índice pela corte de Roma, assim como a *Revista dos Dois Mundos*, que a publicou em seus números de 1º e 15 de março, abril e maio de 1863. Nesta passagem, trata-se de um padre muito culpado, levado ao arrependimento, à reparação e à expiação terrestres pelos severos conselhos de um laico que lhe disse, entre outras coisas, isto:

"Passastes a idade das paixões, dizeis!... Não, porque entraís na das vinganças e das perseguições. Guardai-vos disso! Qualquer que seja, no entanto, a vossa sorte entre nós, vereis clarear um dia além do túmulo, e como não creio mais nos castigos sem fim, quanto nas provas sem frutos, vos anuncio que nos reencontraremos em alguma parte onde nos entenderemos melhor em lugar de nos combatermos; mas, não mais do que vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. *Creio que expiareis o endurecimento voluntário de vosso coração por grandes dilaceramentos de coração em alguma outra existência.* Não teríeis, no entanto, senão que reentrar no caminho direto da felicidade progressiva, porque estou certo de que se pode tudo resgatar desde esta vida. A alma humana está dotada de magníficos poderes de arrependimento e de reabilitação. Isto não é contrário aos vossos dogmas, e vossa palavra de *contrição* disse muito."

Num próximo artigo examinaremos a obra do Sr. Renan sobre a vida de Jesus, e mostraremos que, apesar das aparências e com o desconhecimento do autor, é ainda um produto da reação espiritualista. O materialismo inutilmente proclama o nada, sacode em vão o círculo da lógica e da consciência universal que a encerra, seus últimos gritos são abafados pela voz que lhe grita dos quatro cantos do Mundo: "Temos uma alma imortal!" Mas em proveito de quem será a reação? É o que um futuro, que não está longe, nos ensinará.

À espera de que falemos da obra do Sr. Renan, recomendamos com instância aos nossos leitores uma pequena brochura, onde a questão nos parece encarada de um ponto de vista muito racional, e que contém observações muito judiciosas sobre essa delicada questão. É intitulada: *Reflexões de um ortodoxo da Igreja grega sobre a Vida de Jesus, pelo Sr. Renan.* (Casa dos Srs. Didier e Cia. Preço, 50 cent.)

ENTERRO DE UM ESPÍRITA NA VALA COMUM.

Um dos nossos irmãos em Espiritismo, membro da Sociedade de Paris, Sr. Costeau, acaba de morrer; foi inumado em 12 de setembro de 1863, no cemitério de Montemartre. Era um homem de coração, que o Espiritismo levou a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda; era um simples operário calceteiro, praticando a caridade em pensamentos, em palavras e em ações, segundo seus fracos recursos, porque procurava ainda meio de assistir aqueles que tinham menos do que ele.

Estar-se-ia em erro considerando-se a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, porque ela conta mais de um proletário em seu seio; acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, que venham do alto ou do baixo da escala social; o grande senhor e o artesão se dão a mão fraternalmente. Há algum tempo, ao casamento de um de nossos colegas, trabalhador também, assistiam um alto dignatário estrangeiro e a princesa sua mulher, ambos membros da Sociedade, que não tinham acreditado derogar vindo sentar-se lado a lado com os outros assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada numa capela obscura de uma opulenta paróquia, estivesse reduzida à sua mais simples expressão. É que o Espiritismo, sem cogitar uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens sob o mesmo nível social impossível, fá-los apreciar de um outro ponto de vista do que o prisma fascinante do mundo; ensina que o pequeno pode ter sido grande sobre a Terra, que o grande pode tornar-se pequeno, e que no reino celeste as classes terrestre não são contadas por nada. Assim é que, destruindo logicamente os preconceitos sociais de castas e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.

Nosso irmão Costeau era pobre; deixa uma viúva na necessidade, também foi colocado na vala comum, porta que também conduz ao céu tão bem quanto o suntuoso mausoléu. O Sr. d'Ambel, vice-presidente, e o Sr. Canu, secretário da Sociedade, conduziram o féretro; um e outro pronunciaram sobre o túmulo palavras que causaram uma viva impressão sobre o auditório e sobre os próprios coveiros, visivelmente emocionados, embora insensíveis a essas espécies de cerimônias. Eis a alocução do Sr. Canu:

"Caro irmão Costeau, há alguns anos apenas, muitos dentre nós, e, o confesso, eu sendo o primeiro, não teríamos visto diante dessa tumba aberta senão o fim das misérias humanas, e, depois, o nada, o terrível nada! quer dizer, nada de alma para merecer ou expiar, e conseqüentemente nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina Doutrina, aqui vemos o fim das provas, e para vós, caro irmão, do qual restituímos à terra o despojo mortal, o triunfo de vossos labores e o começo das recompensas que mereceram vossa coragem, vossa resignação, vossa caridade, em uma palavra, vossas virtudes, e, acima de tudo, a glorificação de um Deus sábio, todopoderoso, justo e bom. Levai, pois, caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que consentiu em dissipar de nosso derredor as trevas do erro e da incredulidade, porque há pouco tempo ainda, vos teríamos dito, nesta circunstância, a fronte abatida e o desencorajamento no coração: "Adeus, amigo, para sempre." Hoje dizemos, a fronte alta e irradiando esperança, o coração cheio de coragem e de amor: "Caro irmão, até breve, e orai por nós."

Alocução do Sr. d'Ambel:

"Senhoras, senhores, e vós, caros colegas da Sociedade de Paris, é a segunda vez que conduzimos um de nossos colegas à sua última morada. Aquele a quem acabamos de dizer adeus foi um desses obscuros lutadores que os obstáculos da vida sempre encontraram inabalável; entretanto, a certeza absoluta lhe faltara por muito tempo; também, desde que o Espiritismo lhe foi conhecido, se apressou em abraçar uma doutrina que o levava à verdade, e cujos ensinamentos são tão próprios para consolar, de suas provas, os aflitos deste mundo. Modesto trabalhador, sempre cumpriu a sua tarefa com a serenidade do justo, e a adversidade que o feriu tão cruelmente, e com o nosso desconhecimento, os últimos dias de sua vida, abriu-lhe, ficai disto convencidos, vós todos que me escutais, um próximo caminho de prosperidade e de felicidade.

"Ah! quanto lamento que nosso mestre venerado não esteja em Paris; sua voz autorizada teria sido bem mais agradável do que a minha ao irmão que perdemos, e ter-lhe-ia dado uma homenagem mais considerável do que a minha obscuridade não lhe pode dar. Teria desejado dar ao enterro de nosso colega uma solenidade maior, mas prevenido

muito tarde para disto fazer parte a todos os membros da Sociedade presentes em Paris; mas, tão poucos que sejamos aqui, representamos a grande família espírita, que uma fé comum no futuro une de um canto a outro no mundo; somos os delegados de vários milhões de adeptos, em nome dos quais viemos vos pedir, caro e lamentado colega, de querer muito contribuir doravante, no limite de vossas novas faculdades, à propagação de nossa grande Doutrina, que, no meio das vossas últimas e cruéis provas, vos sustentou tão energicamente. Ah! como disse eloqüentemente nosso caro presidente Allan Kardec, no enterro de nosso irmão Sanson, é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força da qual só se pode dar conta aquele que a possui, e, esta fé, o Sr. Costeau a possuiu no mais alto grau.

"Caro senhor Costeau, sabeis o quanto a Sociedade Espírita de Paris tinha por vós um vivo interesse; ela lamentará sempre em vós um de seus membros mais assíduos, e é em seu nome, em nome do seu presidente, em nome de vossa mulher e de vossa irmã desoladas, que venho vos dizer, como nosso amigo Sr. Canu, não adeus, mas até breve, num mundo mais feliz. Que possais gozar naquele em que estais agora a felicidade que mereceis, e vir nos estender a mão, quando vier nossa vez de aí entrar.

"Caros Espíritos dos Srs. Jobard e Sanson, acolhei, eu vos peço, nosso colega Costeau, e facilitai-lhe o acesso às vossas serenas regiões; caros Espíritos, orai por ele, orai por nós. Assim seja.

Depois desta alocução, o Sr. d'Ambel pronunciou textualmente a prece por aqueles que acabam de morrer, e que foi dita sobre a tumba do Sr. Sanson (*Revista Espírita*, maio de 1862, página 137)."

O Sr. Vézy, um dos médiuns da Sociedade, cujo nome é conhecido de nossos leitores pelas belas comunicações de Santo Agostinho, é então descido à fossa, e o Sr. d'Ambel fez, em voz alta, a evocação do Sr. Costeau, que deu, pelo Sr. Vézy, a comunicação seguinte, da qual todos os assistentes, aí compreendidos os coveiros, escutaram a leitura *com a cabeça descoberta* e com uma profunda emoção. Era, com efeito, um espetáculo novo e surpreendente de ouvir as palavras de um morto, recolhidas no próprio seio da tumba.

"Obrigado, amigos, obrigado; meu túmulo não está ainda fechado, e, no entanto, um segundo mais e a terra vai cobrir meus restos. Mas, sabei-o, sob este pó, minha alma não será escondida, vai planar no espaço para subir a Deus!

"Também, quanto é consolador poder dizer ainda, apesar do envoltório quebrado: Oh! não, não estou morto! eu vivo a verdadeira vida, da vida eterna!

"O enterro do pobre não é seguido por um grande número; orgulhosas manifestações não ocorrem sobre a sua tumba, e, no entanto, amigos, crede-me, *a multidão imensa não falta aqui*, e bons Espíritos seguiram convosco e com essas mulheres piedosas o corpo daquele que ali está deitado! Todos, ao menos, credes e amais o bom Deus!

"Oh! certamente não! não morremos porque nosso corpo se quebra, mulher bem amada! e doravante estarei sempre perto de ti para te consolar e te ajudar a suportar a prova. A vida será rude para ti; mas com a idéia da eternidade e do amor de Deus enchendo o teu coração, como os sofrimentos ser-te-ão leves!

"Parentes que cereais a minha bem amada companheira, amai-a, respeitai-a; sede para ela irmãos e irmãs. Não vos esqueçais que todos vós vos deveis assistência sobre a Terra, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

"E vós, Espíritas! irmãos, amigos, obrigado por terdes vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e de lama; mas sabeis, vós, sabeis bem que minha alma vive imortal, e que irá algumas vezes vos pedir prece, que não me serão recusadas, para me ajudar a marchar neste caminho magnífico que me abristes durante minha vida.

"Adeus a todos, que estais aqui, poderemos nos rever em outra parte do que sobre esta tumba. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus! orai por aqueles que sofrem. Até breve.

"COSTEAU."

Depois de cumpridas as últimas formalidades fúnebres, esses senhores foram, no mesmo cemitério, fazer uma visita espírita ao túmulo de GEORGES, esse eminente Espírito que deu, por intermédio da senhora Gostei, as belas comunicações que nossos leitores, freqüentemente, têm admirado. O Sr. Georges, quando vivo, era o cunhado do Sr. d'Ambel. Ali, por intermédio do Sr. Vézy, recolheu as palavras seguintes:

"Embora não vivamos aqui (no lugar da inumação), gostamos, no entanto, de aqui vir vos agradecer as preces que vinde aqui dirigir para nós, e de algumas flores que deramais sobre nossos túmulos.

"Quanto bem faz crer nesses lugares de repouso e de prece! as almas podem conversar mais facilmente, e se dizem melhor, nesses impulsos íntimos, os sentimentos que as animam: uma junto de um túmulo, a outra planando acima!

"Acabais de dizer adeus a um de vossos amigos; eu vos agradeço por não terem me esquecido. Estava convosco nessa multidão de Espíritos que se pressionam junto à tumba que acaba de se abrir, e estava feliz em ver em vossos corações a vossa convicção e a vossa fé. Misturei minhas preces às vossas, e os Espíritos bem-aventurados as levaram para Deus!

"A fé espírita, meus bons amigos, fará volta ao mundo e acabará por tornar sábios os loucos; penetrará mesmo no coração desses padres que vistes há pouco sorrirem, e que vos causaram uma verdadeira dor... (alusão à maneira pela qual se realizou a cerimônia religiosa). Seu escândalo fez sangrar vossos corações, mas superastes vossa indignação pensando no bem que vós mesmos iríeis derramar sobre a alma de vosso amigo. Está ela aqui, junto a mim, e me pede para vos agradecer em seu nome.

"Já vos foi dito, o túmulo é a vida. Vinde algumas vezes, freqüentemente, à sombra do salgueiro, ao pé da cruz mortuária; no meio do silêncio, da calma, ouvireis uma harmonia divina, ouvireis, no meio das brisas, os concertos de nossas almas cantarem Deus... a eternidade... depois alguns de nós se destacarão dos coros sagrados para virem vos instruir sobre os vossos destinos. O que, até este dia, permaneceu mistério para vós, se revelará pouco a pouco aos vossos olhares, e podereis compreender vosso começo e vossas grandezas futuras.

Tomai, pois, encontros aqui, vós que quereis vos tornar sábios; aqui lereis as páginas da eternidade, e o livro da vida estará sempre aberto para vós. Neste lugar de calma e de paz, a voz do Espírito parece melhor se fazer ouvir àquele que quer se instruir; ela toma proporções mágicas e sonoras, e seus acentos penetram mais sobre aquele que ela quer agir.

"Trabalhai com zelo e fervor para a propaganda da idéia nova, nisso vos ajudarei sem cessar, e se a tranqüilidade do túmulo amedronta alguns, que saibam que os bons Espíritos são felizes por instruírem por toda a parte.

"Adeus e obrigado! Gostaria de poder comunicar ao mundo inteiro a fé da qual estais cheios! mas, em verdade, eu vo-lo digo, o Espiritismo é a alavanca com a qual Arquimedes levantará o mundo!

"Algumas palavras a vós, meu irmão, particularmente, uma vez que a ocasião disso se apresenta. Dizei à minha irmã para sempre amar os deveres impostos por Deus, tão pesados que sejam esses deveres; dizei-lhe para amar nossa mãe e me substituir junto dela; dizei-lhe para velar sobre minha filha, de sorrir ao céu e de encontrar os perfumes em cada flor da terra... Avós, meu irmão, aperto as duas mãos.

"GEORGES."

Daí ressalta um duplo ensino. Poder-se-ia admirar-se de que um Espírito, tão vizinho da época da morte, haja podido se exprimir com tanta lucidez, mas deve-se lembrar que o Sr. Sanson foi evocado na câmara mortuária, antes da retirada do corpo, e que deu, nes-

se momento, a bela comunicação que se pôde ver na *Revista*. Sua perturbação não havia durado senão algumas horas, e sabe-se, aliás, que o desligamento é rápido nos Espíritos avançados moralmente.

De um outro lado, por que o Sr. Vézy desceu à sepultura? Havia nisso utilidade ou era isso uma simples encenação? Afastemos primeiro este último motivo, porque os Espíritos sérios agem seriamente e religiosamente, e não fazem exibição; em semelhante momento, teria sido uma profanação. A utilidade, seguramente, não era absoluta; é preciso nisso ver um testemunho mais especial de simpatia, em razão mesmo de que o defunto estava na fossa comum. Sabe-se, aliás, que o acesso a essas valas é mais fácil do que os das covas particulares, cuja entrada é estreita, e o Sr. Vézy encontrava-se ali mais comodamente para escrever.

Isso poderia ter, no entanto, sua razão de ser, de um outro ponto de vista que, provavelmente, não veio ao pensamento do Sr. Vézy. Sabe-se que a evocação facilita o desligamento do Espírito, e pode abreviar a duração da perturbação. Sabe-se igualmente que os laços que unem o Espírito ao corpo não são sempre inteiramente quebrados logo depois da morte. Disso eis um notável exemplo:

Um jovem havia perecido acidentalmente de maneira muito infeliz. Sua vida havia sido a de muitos jovens ricos, desocupados, quer dizer, muito material. Comunicou-se espontaneamente a um médium de nosso conhecimento, que o conhecera quando vivo, pedindo que fosse lá evocá-lo e orar sobre seu *túmulo* para ajudar a romper os laços que o retinham ao seu corpo, do qual não podia chegar a se desembaraçar. Evidentemente, deve haver nesse caso uma ação magnética facilitada pela proximidade do corpo, e aí está, talvez, uma das causas que levam instintivamente os amigos dos defuntos a irem orar no lugar onde seu corpo repousa.

INAUGURAÇÃO DA CASA DE RETIRO DE CEMPUIS.

Já falamos da casa de retiro fundada em Cempuis, perto de Grandvilliers, no departamento do Oise, pelo Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris. Essa construção está hoje terminada, assim como as instalações interiores. Contígua ao estabelecimento, embora formando um corpo de edifício isolado, há uma capela de estilo gótico e de um aspecto monumental. A inauguração dessa capela ocorreu no domingo, 19 de julho último, dia de São Vicente de Paulo, a quem ela é dedicada, por uma cerimônia toda de caridade, quer dizer, por uma distribuição de pão, de vinho e de carne de açougue aos pobres da paróquia. O Sr. Prévost pronunciou a esse respeito o discurso seguinte, que estamos felizes em poder reproduzir:

"Senhores,

"O objetivo desta reunião vos é conhecido; não me estenderei, pois, sobre os detalhes sem utilidade, e que não vos ensinariam nada que já não sabeis. A obra material está hoje quase cumprida, graças à proteção evidente do Todo-Poderoso, que se dignou secundar meus esforços. Estamos aqui em família, todos, disto não duvido, animados dos mesmos sentimentos por sua divina bondade; unimo-nos, pois, num impulso comum de gratidão; roguemos a ele para continuar sua assistência e nos dar as luzes, que nos faltam.

"Deus do céu e da Terra, soberano senhor de todas as coisas, tem piedade de nossa fraqueza; eleva nossos corações para ti, a fim de que aprendamos a cumprir os nossos deveres segundo a tua vontade, e para que todas as nossas ações estejam de acordo com tua lei universal. Senhor, faça que nossa alma esteja cheia de teu amor; que ela se apaixone do fogo sagrado da convicção, e que ela prove a sua fé por atos de uma verdadeira caridade. Todas as palavras, por boas que sejam, se não são seguidas dos efeitos

da benevolência para com as tuas criaturas, se assemelham a uma bela árvore que não produz frutos.

Ajuda-nos, pois, Poder infinito, a superar os obstáculos que poderiam se elevar sobre nossos passos, e entravar nosso desejo de nos tornarmos úteis na missão para a qual nos escolheste; dá-nos a força necessária para cumpri-la com amor e sinceridade.

"Os bons socorros dados à velhice te são agradáveis, meu Deus, porque são um ato de justiça; ela nos precedeu no caminho; o sulco que ela traçou foi molhado com seus suores, e deles recolhemos os frutos; hoje sua experiência é um campo já ceifado, onde achamos ainda a respigar; portanto, é justo que a indenizemos por seus sacrifícios, assegurando-lhe o repouso após o trabalho. É um dever para nós, porque gostaríamos que fosse cumprido para conosco mesmos; mas para cumpri-lo dignamente é-nos necessária a tua assistência, porque não temos consciência de nossa fraqueza.

"É também em teu nome, Senhor, que o órfão encontrará aqui uma nova família; a criança abandonada crescerá em nossa casa ao doce calor do fogo divino, do qual favoreceste São Vicente de Paulo, a quem pedimos para nos assistir, a fim de que possamos cumprir este ato conforme o seu exemplo.

"Espírito infinito, tudo está em ti, tudo está para ti, nada está fora de ti; os castigos, como as recompensas, nos vêm de tua mão bendita; conheces nossas necessidades, somos teus filhos, e nisso nos remetemos à tua divina Providência.

"Os bons Espíritos que presidem, sob teu olhar paternal, aos destinos da Terra, os anjos guardiães dos homens, mereceram a tua confiança, Senhor; esperamos que, por ti, eles nos ajudarão a conservar intacto o sublime código moral promulgado pelo Cristo, teu filho bem amado. - Amai a Deus, nos disse do alto de sua cruz, há dezoito séculos; amai-vos uns aos outros; amai o vosso próximo como a vós mesmos; praticai a caridade para com todos e em todas as coisas. Eis sua lei, Senhor, e essa lei é a tua; possa ela se gravar em nossos corações, e nos fazer ver irmãos em todos os semelhantes, que, como nós, são teus filhos. Assim seja."

"Meus amigos, meus irmãos, sigamos este grande exemplo, e tenhamos uma fé sincera em Deus; ele nos ajudará a suportar as conseqüências da má direção que o esquecimento desses deveres imprimiu à sociedade, nos tempos já distantes de nós. Hoje muitas coisas reentram na ordem prescrita pelo Criador; apesar do egoísmo que nos domina ainda, num grande número, compreende-se melhor o amor fraterno; os preconceitos de casta, de seitas de nacionalidades se apagam pouco a pouco; a tolerância, uma das filhas da caridade evangélica, faz pouco a pouco desaparecerem esses antagonismos que por muito tempo dividiram os filhos de um mesmo Deus; o sentimento de humanidade se infiltra no coração das massas e já realizaram grandes coisas sobre diversos pontos da Terra. Na França, numerosas fábricas que ficaram sem trabalho recentemente experimentaram os doces efeitos desse amor do próximo. Esse impulso para o sofrimento fala bem alto em favor de nosso país; é preciso nele ver a mão de Deus. É com alegria que vemos a primeira nação do mundo civilizado levar, até sobre as regiões mais afastadas, o fruto desse amor da humanidade, o único que dá a verdadeira grandeza, e que ela hauriu no centro irradiante da cruz, ajudada pela luz do progresso que obriga o homem a ser melhor para com seu semelhante e a tornar-se ele mesmo.

"Espero, meus amigos, com o concurso dos homens instruídos e benevolentes, formar ulteriormente uma biblioteca moral e instrutiva anexada a este estabelecimento, onde cada um poderá retirar os meios de se melhorar, tanto sob o aspecto do espírito quanto sob o do coração.

Agradeço-vos muito sinceramente, a todos vós que viestes ao meu chamado oferecer em comum ações de graça à Divindade, em reconhecimento pela inspiração que deu da fundação do estabelecimento.

"A partir deste dia, 19 de julho de 1863, esta capela, dedicada a São Vicente de Paulo, do qual retrata sobre seus vitrais a doce e imortal imagem, Ihe é publicamente

consagrada pelo seu fundador, e que quer que. doravante, seja considerada como um lugar Santo, um lugar de prece. Deus ali deve ser adorado, e diante do símbolo de seu amor para com os homens, diante dessa venerável e grande figura do apóstolo da caridade cristã, se deverá compenetrar-se, de que o amor do próximo deve ser praticado por atos, que deve estar no coração e não sobre os lábios.

"Antes de nos separarmos, vamos repetir a Oração dominical.

"Nosso Pai, que está nos céus, que o vosso nome seja santificado, que o vosso reino chegue, que a vossa vontade seja feita sobre a Terra como no céu. Dai-nos hoje nosso pão de cada dia. Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos àqueles que nos ofenderam. Não nos deixei cair em tentação, mas preservai-nos do mal. Assim seja."

O Sr. Prévost muito quis, nesta ocasião, nos remeter pessoalmente uma soma de 200 fr. para as obras de beneficência, e cujo emprego, infelizmente, não era difícil de encontrar.

A Sociedade Espírita de Paris, com relação ao discurso acima, votou pela unanimidade e por aclamação a carta seguinte, que lhe foi dirigida:

"Senhor e muito caro colega,

A Sociedade Espírita de Paris, da qual fazeis parte, ouviu com o mais vivo interesse a leitura do discurso que pronunciastes pela inauguração da capela da casa de retiro que haveis fundado em vossa propriedade de Cempuis. Esse discurso é a expressão dos nobres sentimentos que vos animam; é digno daquele que faz tão bom uso da fortuna adquirida por seu trabalho, e que não espera, para dela fazer proveito os infelizes, que a morte a tenha tornado inútil a ele, porque é quando vivo que vos impondes privações para fazer sua parte mais longa. A Sociedade se honra de contar entre seus membros um adepto que faz uma aplicação tão cristã dos princípios da Doutrina Espírita; ela decidiu, pela unanimidade, vos transmitir oficialmente a expressão de sua viva e fraternal simpatia pela obra humanitária que empreendestes, e para a vossa pessoa em particular.

"Recebei, etc.,"

A fortuna do Sr. Prévost é inteiramente o fruto de suas obras, e disso não tem senão mais mérito; depois de ter sofrido o contragolpe das revoluções que lhe fez perdê-la, reedificou-a por sua coragem e sua perseverança. Hoje, que chegou à idade do repouso, que se poderia dar largamente ao luxo e aos gozos da vida, contenta-se com estrito necessário, e, ao encontro de muitos outros, não espera para fazer parte de seu supérfluo aos seus irmãos em Jesus Cristo, de não ter mais necessidade de nada. Também sua recompensa será bela, e dela goza as primícias pelo prazer que proporciona o bem que se faz.

O Sr. Prévost tem, portanto, um grande erro aos olhos de certas pessoas: é de ser Espírita, de professar a doutrina do demônio. Seu discurso, no entanto, não é o de um ateu, muito longe disso, nem mesmo de um deísta, é o de um cristão; sua própria moderação é uma prova de caridade, porque se absteve de maldizer de seu próximo, nem mesmo de fazer alguma alusão àqueles que punham ao seu concurso condições que a sua consciência não lhe permitia aceitar.

OS BENFEITORES ANÔNIMOS.

O fato seguinte foi narrado pela *Patrie*, do mês de abril último:

"O proprietário de uma casa da rua do Cherche-Midi tinha permitido, anteontem, a um locatário, de trocar de residência sem tê-lo pago, mediante, no entanto, um reconhecimento de sua dívida; mas, enquanto se carregavam os móveis, o proprietário muda de

opinião e quer ser pago antes da partida do mobiliário. O locatário se desesperou, sua mulher chorou, e duas crianças de tenra idade imitavam sua mãe. Um senhor, condecorado da Legião de honra, passava, nesse momento, na rua; deteve-se. Tocado por esse desolador espetáculo, aproximou-se do infeliz devedor, e, sendo informado da soma devida pelo aluguel, entregou-lhe duas cédulas e desapareceu, seguido pelas bênçãos dessa família que ele salvou do desespero."

O *Opinion du Midi*, jornal de Nîmes, relatou no mês de julho um outro episódio do mesmo gênero:

"Acaba de se passar um fato tão estranho pelo mistério com o qual se realizou quanto tocante pelo seu objetivo e pela delicadeza do procedimento da pessoa que dele foi o autor.

"Narramos, há três dias, que um violento incêndio havia consumido quase inteiramente a loja e as oficinas do senhor Marteau, marceneiro em Nîmes. Contamos a dor desse infeliz homem em presença de um sinistro que consumava a sua ruína, porque o seguro mobiliário, que ele havia subscrito, era infinitamente abaixo do valor das mercadorias destruídas.

"Soubemos que hoje três carroças contendo madeiras de diversas espécies e qualidades, e instrumentos de trabalho, foram conduzidas diante da casa do senhor Marteau, e descarregadas em suas oficinas semi-devoradas pelas chamas.

"O indivíduo encarregado de conduzir essas carroças respondeu às interpelações das quais era o objeto, alegando a ignorância, em que estava, relativamente ao nome do doador do qual executava a vontade. Pretendeu não conhecer a pessoa que lhe havia dado a incumbência de conduzir as madeiras e as ferramentas à casa de Marteau, e nada saber fora dessa incumbência. Retirou-se depois de ter esvaziado completamente suas três viaturas.

"Alegria e a felicidade substituíram, em Marteau, o abatimento do qual era impossível tirá-lo desde o dia do incêndio.

"Que o generoso desconhecido que tão nobremente veio em socorro de um infortúnio que, sem ele, talvez tivesse sido irreparável, receba aqui os agradecimentos e as bênçãos de uma família que lhe deve, desde hoje, a mais doce das consolações e que talvez logo lhe deverá a sua prosperidade."

O coração se tranqüiliza lendo semelhantes fatos que vêm, de tempos em tempos, fazer a contrapartida dos relatos de crimes e torpezas que os jornais expõem em suas colunas. Os episódios como os relatos acima, provam que a virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas. Sem dúvida, o mal nela domina ainda, mas, quando se procura na sombra, acha-se que, sob a erva má, há mais violetas, quer dizer, mais boas almas do que não se crê. Se elas parecem tão dispersas, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os gozos do coração e da aprovação de sua consciência, ao passo que o vício se expõe impudentemente à luz; faz ruído, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois pólos do coração humano: um atrai todo o bem, e o outro todo o mal; um tem a calma, e o outro a tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conduzindo a cada um dos dois.

O benfeitor anônimo, do mesmo modo que aquele que não espera para dar depois de sua morte àqueles que não têm, sem contradita, é o tipo do homem de bem por excelência; é a virtude modesta personificada, aquela que não procura os aplausos dos homens. Fazer o bem sem ostentação é um sinal incontestável de uma grande superioridade moral, porque é preciso uma fé viva em Deus e no futuro, é preciso fazer abstração da vida presente e se identificar com a vida futura para esperar a aprovação de Deus, e renunciar à satisfação que proporciona o testemunho atual dos homens. O reconhecido bendiz em seu coração a mão generosa desconhecida que o socorreu, e esta bênção sobe aos céus mais do que os aplausos da multidão. Aquele que toma o sufrágio dos homens mais do que o de Deus, prova que tem mais fé nos homens do que em Deus, e que

a vida presente é mais para ele do que a vida futura; se diz o contrário, age como se não cresse no que disse. Quantos há deles que não reconhecem senão com esperança de que o agradecido irá gritar o benefício sobre os telhados; que, à luz, dariam uma grande soma, e na sombra não dariam uma peça de moeda! Eis porque Jesus disse: "Aqueles que fazem o bem com ostentação já receberam sua recompensa." Com efeito, àquele que procura sua glorificação sobre a Terra, Deus não deve nada; não lhe resta a receber senão o preço de seu orgulho.

Que relação tem isso com o Espiritismo? dirão talvez certos críticos; que não contaís fatos mais divertidos do que essa moral *aborrecida!* (*Julgamento da moral espírita*, pelo Sr. Figuier, IV vol, página 369.) Isto deveu semelhança, nesse sentido de que o Espiritismo, dando uma fé inabalável na bondade de Deus e na vida futura, graças a ele, os homens fazendo o bem pelo bem, serão um dia menos dispersos do que não o são hoje; que os jornais terão para registrar menos crimes e suicídios e mais atos da natureza daqueles que deram lugar a estas reflexões.

ESPÍRITOS VISITANTES.

François Franckowski.

Certas pessoas pensam que os Espíritos não vêm senão ao chamado que se lhes faz; é um erro que não partilham aqueles que conhecem o Espiritismo, porque sabem que muitas vezes se apresentam espontaneamente, sem serem chamados, o que nos leva a dizer que se fosse proibido chamar os Espíritos, não se poderia impedi-los de virem. Mas, dir-se-á, eles vêm porque praticais a mediunidade, e que nela chamais outros; se vos absterdes, não virão. Está aí ainda um grave erro, e os fatos estão aí para provar quantas vezes os Espíritos se manifestaram pela visão, pela audição, ou de toda outra maneira, a pessoas que não tinham jamais ouvido falar do Espiritismo. Não é, pois, contra os médiuns que seria preciso uma ordem de interdição, mas bem contra os Espíritos, para lhes fazer a proibição de se comunicarem, mesmo com permissão de Deus.

As comunicações espontâneas têm o interesse muito mais comovente quando são Espíritos que não eram esperados nem são conhecidos, e nos quais mais tarde pode-se verificar a identidade. Deles citamos um exemplo notável na história de Simon Louvet, narrada na *Revista* de março de 1863, página 87; eis um outro fato não menos instrutivo obtido por um médium de nosso conhecimento.

Um Espírito se apresentou sob o nome de *François Franckowski*, e ditou o que segue:

"O amor de Deus é o sentimento que resume todos os amores, todas as abnegações. O amor da pátria é um raio desse sublime sentimento. Ó meu pobre país! ó infeliz Polônia! quantas infelicidades vieram se fundir sobre ti! quanto os crimes daqueles que se crêem civilizados são horríveis, e quanto os infelizes que querem entrar a liberdade serão castigados! Ó Deus! lança um olhar sobre esse infeliz país, e faz a graça àqueles que, inteiramente na vingança, não pensam que tu os punirás além de sua vida. A Polônia é uma terra bendita, porque engendra grandes devotamentos, e nenhum de seus filhos é frouxo. Deus ama aqueles que se esquecem para o bem de todos. É uma recompensa do devotamento dos Poloneses que fará graça e que seu jugo será quebrado. Morri vítima de nossos opressores, que todos os nossos deles eram execrados. Era jovem, tinha vinte e quatro anos; minha pobre mãe está morrendo de dor por ter perdido tudo o que ela amava nesse mundo: seu filho. Peco-vos por ela, orai por ela, para que esqueça e que perdoe ao meu carrasco, porque sem esse perdão, estará para sempre separada de mim...Pobre mãe! eu a revi somente na manhã de minha morte e era tão terrível de se sentir separados!... Deus teve piedade de mim, e não a deixou desde que pude sacudir o resto de vitalidade que prendia meu Espírito ao meu corpo... Venho avós, porque sei que orais por

e/a/tão boa, tão resignada comumente, e tão revoltada contra Deus desde que não estou mais lá!.....É preciso que ela perdoe. Orai

para que esse sublime perdão de uma mãe ao carrasco de seu filho venha acabar uma vida tão gloriosamente começada. Adeus!

Orareis, não é?

"FRANÇOIS FRANCKOWSKI."

O médium jamais ouvira falar dessa pessoa, e pensava que talvez fosse o juguete de uma mistificação, quando, alguns dias depois, recebeu diversos objetos de roupa branca, que havia mandado, envolvido num fragmento do *Petit Journal*, de 7 de julho último. Maquinalmente percorreu-o, e, sob a rubrica de *Execuções capitais*, leu um artigo começando assim:

"Achamos curiosos detalhes sobre a execução de um jovem Polonês, prisioneiro dos Russos. Franckowsky era um jovem de vinte e quatro anos. Tem ainda seus pais, que tinham mesmo recebido a permissão de visitá-lo na prisão. Não tendo sido preso de armas à mão, foi condenado pelo conselho de guerra a ser enforcado. Assisti à execução, e não posso pensar sem emoção nesse acontecimento terrível..."

Segue o relato detalhado da execução e dos últimos momentos da vítima, morta com a coragem do heroísmo.

Àqueles que negam as manifestações, - o seu número diminui todos os dias, - àqueles que atribuem as comunicações medianímicas à imaginação, ao reflexo do pensamento, mesmo inconsciente, perguntaremos de onde poderia vir ao médium a intuição do nome de Franckowsky, com a idade de vinte e quatro anos, da mãe vindo ver seu filho na prisão, do fato, numa palavra, do qual não tinha nenhum conhecimento, do qual mesmo duvidava, e do qual encontra confirmação num pedaço de jornal envolvendo um pacote? E é preciso que esse pedaço seja precisamente o que contém o relato. "Sim, direis, é o acaso." Seja, para vós, que não vedes em todas as coisas senão o acaso; mas o resto?

Àqueles que pretendem interditar as comunicações sob o pretexto de que elas vêm do diabo, ou de qualquer outro, perguntaremos se há alguma coisa de mais belo, de mais nobre, de mais evangélico do que a alma desse filho que perdoa seu carrasco, que suplica à sua mãe perdoá-lo também, que dá o perdão como uma condição de salvação! E por que vem a esse médium que não conhecia, mas a quem mais tarde dá uma prova irrecusável de sua identidade? Para lhe pedir para orar para que sua mãe perdoe. E dizeis que está aí a linguagem do demônio? Praza ao céu então que todos aqueles que falem em nome de Deus falem desse modo! Tocariam mais os corações do que com o anátema e a maldição.

DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

Alguns membros da Igreja se apoiam sobre a proibição de Moisés para proscreever as comunicações com os Espíritos; mas se sua lei deve ser rigorosamente observada sobre este ponto, deve sê-lo igualmente sobre todos os outros, pois, por que seria ela boa no que concerne às evocações, e má em outras partes? É preciso ser conseqüente; reconhecendo-se que sua lei não está mais em harmonia com os nossos costumes e nossa época para certas coisas, não há razão para que não seja assim em sua proibição com respeito às evocações. Aliás, é preciso se reportar aos motivos que o fizeram fazer essa proibição, motivos que, então, tinham sua razão de ser, mas que hoje, seguramente, não existem mais. Quanto à pena de morte, que deveria seguir a infração a essa proibição, é preciso considerar que nisso era muito pródigo, e que em sua legislação draconiana, a severidade do castigo não era sempre um indício da gravidade da falta. O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir, e não podia ser domado senão pelo terror. Aliás, Moisés

não tinha grande escolha em seus meios de repressão; não tinha nem prisões, nem casas de correção, e seu povo não era de natureza a sentir o medo de penas puramente morais; não podia, pois, graduar sua penalidade como se faz em nossos dias. Ora, era-lhe preciso, para respeito à sua lei, manter a pena de morte para todos os casos onde a aplicava? Por que, aliás, faz-se reviver com tanta insistência esse artigo, quando se passa sob silêncio o começo do capítulo que proíbe aos padres de possuírem os bens da Terra e de ter parte em alguma herança, porque o próprio Senhor é seu herdeiro? (Deuteronomio, cap. XVIII.) Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o monte Sinai, e a lei civil, ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica segundo os tempos, e não pode vir ao pensamento de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos meios que os Hebreus no deserto, não mais do que a legislação da Idade Média não poderia se aplicar à França do século dezanove. Quem pensaria, por exemplo, em fazer reviver hoje este artigo da lei mosaica: "Se um boi fere com seu chifre um homem ou uma mulher, e que a pessoa com isso morra, o boi será lapidado sem nenhuma remissão, e não se comerá de sua carne, e o senhor do boi será absolvido." Ora, que diz Deus em seus mandamentos? "Não terás outro Deus senão eu; não tomaras o nome de Deus em vão; honra a teu pai e a tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás o bem de teu próximo." Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isso mesmo, tem um caráter divino; mas não há a questão da proibição de evocar os mortos; de onde é preciso concluir que essa proibição era uma simples medida disciplinar e de circunstância.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: "Aprendestes que foi dito aos Antigos tal e tal coisa; e eu vos digo tal outra coisa?" Ora, em nenhuma parte, no Evangelho, não faz menção da proibição de evocar os mortos; é um ponto bastante sério para que o Cristo não o haja omitido em suas instruções, então que tratou das questões de uma ordem muito mais secundária; ou bem é preciso pensar, com um eclesiástico a quem se fez essa objeção, que "Jesus se esqueceu de falar disso?"

Não sendo admissível o pretexto da proibição de Moisés, apoia-se sobre o que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos, dos quais não é preciso perturbar as cinzas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se vê o que ela tem de desrespeitoso; mas há uma resposta peremptória a fazer a essa objeção, é que os Espíritos vêm voluntariamente quando chamados, e mesmo espontaneamente sem serem chamados; que testemunham a sua satisfação em se comunicarem com os homens, e se lamentam, freqüentemente, do esquecimento em que são deixados às vezes. Se estivessem perturbados em sua quietude ou descontentes com o nosso chamado, o diriam ou não viriam. Se vêm, é, pois, que isso lhes convém, porque não sabemos que esteja no poder de quem quer que seja constranger os Espíritos, seres impalpáveis, a se desviarem do dever se não o querem, uma vez que não se pode lhes prender o corpo.

Alega-se uma outra razão: as almas, diz-se, estão no inferno ou no paraíso; as que estão no inferno dele não podem sair; as que estão no paraíso estão inteiramente em sua beatitude, e muito acima dos mortais para se ocuparem deles; restam aquelas que estão no purgatório; mas estas são sofredoras e têm que pensar em sua própria salvação antes de tudo; portanto, nem umas nem as outras podem vir, é só o diabo que vem em seu lugar. No primeiro caso, seria bastante racional supor que o diabo, o autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em rebelião perpétua, que não sente nem remorso nem arrependimento do que faz, seja mais rigorosamente punido do que as pobres almas que ele arrasta ao mal, e que, freqüentemente, não são culpadas senão de uma falta temporária da qual têm amargos remorsos; longe disso, é tudo o contrário que ocorre; essas almas infelizes são condenadas a sofrimentos atroztes, sem tréguas nem graças durante a eternidade, sem terem um único instante de alívio, e, durante esse tempo, o diabo, autor

de todo esse mal, goza de toda a sua liberdade, corre o mundo para recrutar vítimas, toma todas as formas, dá a si mesmo todas as alegrias, faz travessuras, diverte-se mesmo em interromper o curso das leis de Deus, uma vez que pode fazer milagres; em verdade, para as almas culpadas, é de invejar a sorte do diabo; e Deus o deixa sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos bons Espíritos de virem ao menos contrabalançar suas tentativas criminosas! De boa fé, isto é lógico? e aqueles que professam uma tal doutrina podem jurar, com a mão sobre a consciência que se colocariam no fogo para sustentarem que é a verdade?

O segundo caso levanta uma dificuldade também tão grande. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua morada afortunada para virem em socorro dos mortais, é que, seja dito de passagem, seria uma felicidade muito egoísta; por que a Igreja invoca a assistência dos santos que, eles, devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz aos fiéis para invocá-los nas enfermidades, nas aflições, e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm se mostrar aos homens e fazer milagres? Deixam, pois, o céu para virem sobre a Terra? Se podem deixá-lo, por que outros não o fariam?

Todos os motivos alegados para justificar a proibição de comunicar com os Espíritos não podem sustentar um exame sério, é preciso que haja um outro não confessado; esse motivo poderia bem ser o medo de que os Espíritos, muito clarividentes, não viessem esclarecer os homens sobre certos pontos, e fazê-los conhecer exatamente o que ocorre no outro mundo, e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz; é porque, do mesmo modo que se diz a uma criança: "Não vá lá, há um lobisomem;" diz-se aos homens: Não chameis os Espíritos, são o diabo." Mas se agirá inutilmente; proibindo-se aos homens de chamarem os Espíritos, não impedirão os Espíritos de virem até os homens, tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

Tendo Moisés proibido de se evocarem os mortos, é permitido fazê-lo?
(Bordeaux: Médium, senhora Collingnon.)

Nota. - Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes que dela tivéssemos conhecimento, tínhamos feito o artigo precedente sobre o mesmo assunto; nós a publicamos apesar disso, precisamente por causa da concordância das idéias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas sobre o mesmo sentido, o que prova o acordo dos Espíritos a esse respeito. Não sendo essa objeção mais sustentável do que todas aquelas que se opõem às relações com os Espíritos, cairá do mesmo modo.

O homem é, pois, tão perfeito que crê inútil medir suas forças? e sua inteligência é tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?

Quando Moisés trouxe aos Hebreus uma lei que pudesse fazê-los sair do estado de servidão no qual viviam, e reavivar neles a lembrança de seu Deus que tinham esquecido, foi obrigado a medir a luz à força de sua visão, e a ciência à força de seu entendimento.

Por que não perguntais assim: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: "Moisés vos disse: Dente por dente, olho por olho, e eu vos digo: Fazei o bem àqueles que vos querem o mal; bendizei àqueles que vos maldizem; perdoai àqueles que vos perseguem."

Por que Jesus disse: "Moisés disse: que aquele que quer deixar sua mulher lhe dê a carta de divórcio. Mas eu vos digo: Não separeis o que Deus uniu."

Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais avançados na encarnação do que não o eram ao tempo de Moisés. É que é preciso proporcionar a lição à inteligência do aluno.

É que vós, que questionais, que duvidais, não chegastes ao ponto em que deveis estar, e não sabeis ainda o que sabereis um dia.

Por quê? Mas perguntais, pois, a Deus por que criou a erva dos campos, da qual o homem civilizado chegou a fazer a sua alimentação? por que fez árvores que não deveriam crescer senão em certos climas, sob certas latitudes, e que o homem chegou a aclimatar por toda a parte?

Moisés disse aos Hebreus: "*Não evoqueis os mortos!*" como se diz às crianças: *Não toqueis no fogo!*

Não foi a evocação que, pouco a pouco, havia degenerado entre os Egípcios, os Caldeus, os Moabitas e todos os povos da antigüidade, em idolatria? Não teriam tido a força de suportar a ciência, teriam se queimado, e o Senhor quisera preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

Os homens eram perversos e dispostos às evocações perigosas. Moisés preveniu o mal. O progresso deveria se fazer entre os Espíritos como entre os homens; mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja; a vaidade, o orgulho, são tão velhos quanto a Humanidade; portanto, os chefes da sinagoga usavam da evocação, e, muito freqüentemente, a usavam mal; também a cólera do Senhor, com freqüência, pesava sobre eles.

Eis porque Moisés disse: "Não evoqueis os mortos." Mas essa própria proibição prova que a evocação era usual entre o povo, e foi ao povo que ele a proibiu.

Deixai, pois, dizer àqueles que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo que eles cobrem com seus pequenos passos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, sapateiam tanto por tão pouco avançar? É que sua inteligência não é bastante desenvolvida; é que a rotina os oprime; é que querem fechar os olhos apesar dos esforços que se fazem para lhos abrir.

Perguntai por que Deus é Deus? por que o Sol os ilumina?

Que estudem, que procurem, e na história da antigüidade verão porque Deus quis que esse conhecimento desaparecesse em parte, a fim de reviver com mais brilho, então que os Espíritos encarregados de reportá-la teriam mais força e não faliriam sob o seu peso.

Não vos inquieteis, meus amigos, com questões ociosas, objeções sem motivo que vos são dirigidas. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e vos responderemos com prazer. A ciência está com aquele que a procura; ela surge então para se mostrar a ele. A luz clareia aqueles que abrem seus olhos, mas as trevas se espessam para aqueles que querem fechá-los. Não é àqueles que perguntam que é preciso recusar, mas àqueles que fazem objeções no único objetivo de extinguir a luz, ou que não ousam olhá-la. Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isso for necessário.

SIMÉON por MATHIEU.

Os falsos devotos.

(Reunião particular, 10 de março de 1863. - Médiun, senhora Costel.)

Minha lembrança vem de ser evocada por meu retrato e por meus versos; duas vezes tocada em minha vaidade feminina e em meu amor-próprio de poeta, venho reconhecer vossa benevolência esboçando em grandes traços a silhueta dos falsos devotos, que são na religião a falsa mulher honesta da sociedade. Esse assunto entra no quadro de meus estudos literários, dos quais *lady Tartufe* exprimia uma nuança.

Os falsos devotos sacrificam às aparências e traem a verdade; têm o coração seco e os olhos úmidos, a bolsa fechada e a mão aberta; falam de boa vontade do próximo, criticando suas ações de um modo enjoativo, que exagera o mal e diminui o mérito. Muito

ardentes na conquista dos bens materiais ou mundanos, agarram-se aos tesouros imaginários que a morte dispersa, e negligenciam os verdadeiros bens que servem ao fim do homem e são a riqueza da eternidade. Os hipócritas da devoção são os répteis da natureza moral; vis, baixos, evitam as faltas castigadas pela punição pública, e cometem na sombra atos sinistros. Quantas famílias desunidas, espoliadas! quantas confianças traídas! quantas lágrimas e mesmo quanto sangue!...

A comédia é o avesso da tragédia; atrás do celerado caminha o bufão, e os falsos devotos têm por acólitos seres ineptos que não agem senão por imitação; refletem, à maneira dos espelhos, a fisionomia de seus vizinhos. Levam-se a sério, se enganam a si mesmos, zombam por timidez do que crêem, exaltam aquilo de que duvidam, comungam com ostentação, queimam em segredo pequenas velas às quais atribuem muito mais virtude do que à santa hóstia.

Os falsos devotos são os verdadeiros ateus da virtude, da esperança, da Natureza e de Deus; negam o verdadeiro e afirmam o falso. No entanto, a morte os levará sujos do disfarce e cobertos de ouropéis que os mascaram, e os lançará ofegantes em plena luz.

DELPHINE DE GIRARDIN.

Longevidade dos patriarcas.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862. - Médium, Sr. A. Didier.)

Que vos importa a idade dos patriarcas em geral, e a de Musalém em particular! A Natureza, sabeis-o bem, pois, jamais teve contra-sensos e irregularidades; e se a máquina humana algumas vezes variou, ela jamais empurrou por tão longo tempo a destruição material: a morte. A Bíblia, como já vos disse, é um magnífico poema oriental onde as paixões humanas são divinizadas, como as paixões que idealizavam os Gregos, as grandes colônias da Ásia Menor. Tem-se o erro de casar a concisão com a ênfase, a evidência com a difusão, a frieza do raciocínio e da lógica moderna com a exaltação oriental. Os querubins da Bíblia tinham seis asas, vós o sabeis: quase monstros! O Deus dos Judeus banhava-se no sangue; vós o sabeis, e quereis que vossos anjos sejam os mesmos anjos, e que vosso Deus, soberanamente bom e soberanamente justo, seja o mesmo Deus? Não alieis, pois, vossa análise poética moderna com a poesia mentirosa dos antigos Judeus ou pagãos.

A idade dos patriarcas é uma figura moral, e não uma realidade; a autoridade, a lembrança desses grandes nomes, desses verdadeiros pastores de povos, enriquecidos de mistérios e de lendas, que se fazia irradiar ao redor deles, existiam entre esses nômades supersticiosos e idolatras da lembrança. É provável que Musalém viveu muito tempo no coração de seus descendentes. Notai que na poesia oriental toda idéia moral é incorporada, encarnada, revestida de uma forma brilhante, irradiante, esplêndida, contrariamente à poesia moderna que desencarna, que rompe o involtório para deixar escapar a idéia até o céu. A poesia moderna é expressa não só pelo brilho e a cor da imagem, mas também pelo desenho firme e correto da lógica, pela idéia, em uma palavra. Como quereis aliar esses dois grandes princípios tão contrários? Quando ledes a Bíblia aos raios do Oriente, no meio das imagens douradas, nos horizontes intermináveis e difusos dos desertos, das estepes, fazeis, pois, correr a eletricidade que atravessa todos os abismos, todas as trevas; quer dizer, servi-vos de vossa razão, e julgai sempre a diferença dos tempos, das formas e das compreensões.

LAMENNAIS.

A voz de Deus.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862. - Médium, Sr. Flammarion.)

Tendes ouvido o ruído confuso do mar rumorejante, quando o vento norte enfuna as vagas ou quando ela quebra, rugindo suas ondas argêntas sobre a praia? Ouvistes o estrondo sonoro do raio nas nuvens cinzentas ou o murmúrio da floresta sob o sopro do vento da noite? Ouvistes no fundo da alma essa múltipla harmonia que não fala aos sentidos senão para atravessá-los e chegar até o ser pensante e amante? Se, pois, não tendes ouvido e compreendido essas mudas palavras, não sois filhos da revelação, e não credes ainda. A estes direi: "Saí da cidade e nessa hora silenciosa em que os raios estelares descem do céu e, recolhendo em vós mesmos vossos íntimos pensamentos, contemplai o espetáculo que vos cerca, e chegareis antes da aurora a partilhar a fé dos vossos irmãos. "Àqueles que já crêem na grande voz da Natureza, direi: "Filhos da nova aliança, é a voz do Criador e do conservador dos seres que fala no tumulto das ondas, no rumor do trovão; é a voz de Deus que fala no sopro dos ventos: amigos, escutai ainda, escutai freqüentemente, escutai por muito tempo, escutai sempre, e o Senhor vos receberá de braços abertos." Ó vós, que já ouvistes sua voz poderosa nesse mundo, vós a compreenderdes melhor num outro mundo.

GALILEU.

O livre arbítrio e a presciência divina.

(Thionville, 5 de janeiro de 1863. -Médium, Sr. doutor R...)

Há uma grande lei que domina todo o Universo, a lei do progresso. É em virtude dessa lei que o homem, criatura essencialmente imperfeita, deve, como tudo o que existe sobre nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Sem dúvida, Deus sabe quanto tempo cada um porá para chegar ao objetivo; mas como todo progresso deve resultar de um esforço feito para cumpri-lo, não haveria nenhum mérito se o homem não tivesse a liberdade de tomar tal ou tal caminho. O verdadeiro mérito, com efeito, não pode resultar senão de um trabalho operado pelo Espírito para vencer uma resistência mais ou menos considerável.

Como cada um ignora um número de existências consagradas por ele para o seu adiantamento moral, ninguém pode nada pre-julgar sobre essa grande questão, e é aí sobretudo que brilha de maneira admirável a infinita bondade de nosso Pai celeste que, ao lado do livre arbítrio que nos deixou, no entanto, semeou nosso caminho de mourões indicadores que lhe aclaram os desvios. É, pois, por um resto de predomínio da matéria que muitos homens se obstinam em permanecer surdos às advertências que lhes chegam de todos os lados, e preferem estragar, nos prazeres enganadores e efêmeros, uma vida que lhes fora concedida para o adiantamento de seu espírito.

Não se poderia, pois, sem blasfemar, afirmar que Deus haja querido a infelicidade de suas criaturas, uma vez que os infelizes expiam sempre, seja uma vida anterior mal empregada, seja a sua recusa de seguir o bom caminho, que então lhe estava claramente indicado.

Depende, pois, de cada um abreviar a prova que deve sofrer, e para isso guias seguros bastante numerosos lhe são concedidos, para que seja inteiramente responsável por sua recusa de seguir seus conselhos; e ainda neste caso existe um meio certo de atenuar uma punição merecida, dando sinais de um arrependimento sincero, e recorrendo à prece, que não falta nunca de ser atendida, quando é feita com fervor. O livre arbítrio existe, pois, muito realmente no homem, mas com um guia: a consciência.

Todos vós que tendes acesso ao grande centro da nova ciência, não negligencieis de vos penetrar das eloqüentes verdades que ela vos revela, e dos admiráveis princípios que lhe são as conseqüências; segui-os fielmente, é aí que brilha sobretudo o vosso livre arbítrio.

Pensai, de uma parte, nas fatais conseqüências que arrastariam para vós a recusa de seguir o bom caminho, como nas recompensas magníficas que vos esperam, no caso em que obedeçais às instruções dos bons Espíritos; é aí que brilhará, a seu turno, a presciência divina.

Os homens se esforçam em vão procurando a verdade por todos os meios que crêem ter da ciência; esta verdade que parece lhes escapar, os costeia sempre, e os cegos não a percebem!

Espíritos sábios de todos os países, aos quais é dado levantar um canto do véu, não negligencieis os meios que vos são oferecidos pela Providência! Provocai nossas manifestações, fazei aproveitá-las sobretudo vossos irmãos menos aquinhoados do que vós; inculcai em todos os preceitos que vos chegam do mundo espírita, e tereis muito merecido, porque tereis contribuído para uma grande parte no cumprimento dos desígnios da Providência.

ESPÍRITO FAMILIAR.

O Panteísmo.

(Sociedade Espírita de Paris. - Médiun, senhora Costel.)

O panteísmo, ou a encarnação do Espírito na matéria, da idéia na forma, é o primeiro passo do paganismo para a lei de amor, que foi revelada e pregada por Jesus. A antigüidade, ávida de prazeres, apaixonada pela beleza exterior, quase não olhava além do que ela via; sensual, ardente, ignorava as melancolias que nascem da dúvida inquieta e das afeições recalcadas: temia os deuses dos quais colocava a imagem polida nas salas de suas residências; a escravidão e a guerra a roíam por dentro, a esgotavam por fora; em vão a Natureza sonora e magnífica convidava os homens a compreender seu esplendor; eles a temiam, ou a adoravam igual dos deuses. As madeiras sagradas participavam do terror dos oráculos, e nenhum mortal separava o benefício de sua solidão das idéias religiosas que faziam palpitar a árvore e tremer a pedra.

O panteísmo tem duas faces, sob as quais convém estudá-lo. Primeiro, a separação infinita da natureza divina, dividida em todas as partes da criação e se encontrando nos mais ínfimos detalhes, tanto quanto em sua magnificência, quer dizer, uma confusão flagrante entre a obra e o obreiro. Em segundo lugar, a assimilação da humanidade, ou antes, sua absorção na matéria. O panteísmo antigo encarnava as divindades; o moderno panteísmo assimila o homem ao reino animal e faz jorrar as moléculas criadoras da ardente fornalha onde se elabora a vegetação, confundindo assim os resultados com o princípio.

Deus é a ordem, que a confusão humana não saberia perturbar; tudo vem a propósito: a seiva às árvores e o pensamento aos cérebros; nenhuma idéia, filha do tempo, é abandonada ao acaso; ela tem sua fieira, um estreito parentesco que lhe dá sua razão de ser, liga-a ao passado e a inicia no futuro. A história das crenças religiosas é a prova dessa verdade absoluta; não mais uma idolatria, não mais um sistema, não mais um fanatismo que não tivesse sua poderosa e imperiosa razão de existir; todos avançam para a luz, todos convergem para o mesmo objetivo, e todos virão se confundir, como as águas dos rios distantes, no vasto e profundo mar da unidade espírita.

Assim o panteísmo, precursor do catolicismo, trazia em si o germe da universalidade de Deus; inspirava aos homens a fraternidade para com a Natureza, essa fraternidade que Jesus deveria lhes ensinar a praticar uns para com os outros; fraternidade sagrada, afirmada hoje pelo Espiritismo, que religa vitoriosamente os seres terrestres ao mundo espiritual.

Em verdade eu vo-lo digo, a lei de amor desenvolve lentamente, e de maneira contínua, suas espirais infinitas; é ela que, nos ritos misteriosos das religiões indianas, diviniza

o animal, sagrando-o pela sua fraqueza e seus humildes serviços; foi ela que povoou de deuses familiares os lares purificados; foi ela, enfim, que, numa das crenças diversas, fez as gerações soletrarem uma palavra do alfabeto divino; mas só a Jesus estava reservado proclamar a idéia universal que as resume todas. O Salvador anunciou o amor e o tornou mais forte do que a morte; e disse aos homens: "Amái-vos uns aos outros; amái-vos na dor, na alegria, no opróbrio; amái a Natureza, vossa primeira iniciadora; amái os animais, vossos humildes companheiros; amái o que começa, amái o que acaba."

O Verbo do Eterno se chama amor, e ele abarca, numa inextinguível ternura, a Terra que atravessais e os céus onde entrareis, purificados e triunfantes.

LÁZARO.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

O ESPIRITUALISMO RACIONAL.

Pelo Sr. G.-H. LOVE, engenheiro (1-(1) Um volume in-12 3 fr. 50c., casa Srs. Didier.).

Esta obra notável e conscienciosa é a obra de um sábio distinto que se propôs tirar, da própria ciência e da observação dos fatos, a demonstração da realidade das idéias espiritualistas. É uma peça a mais em apoio à tese que sustentamos acima. É mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da ciência no caminho espírita; de resto, será logo seguida, disso ternos a certeza, de outras adesões mais ressonantes ainda, que lançarão seriamente a refletir os negadores e os adversários de todas as escolas. Bastar-nos-á citar o fragmento seguinte para mostrar em que espírito a obra está concebida. Acha-se à página 331.

"Vê-se, - e é *certamente um sinal do tempo*, - a seita espírita, que já tive ocasião de mencionar, § 15, tomar um extensão rápida entre as pessoas de todas as classes e as mais esclarecidas, sem contar o lamentável e lamentado Jobard, de Bruxelas, que se tornou um dos combatentes mais alertas da nova doutrina.

"O fato é que, examinando-se esta doutrina, não fosse isso, como o fiz no início, senão na pequena brochura do Sr. Allan Kardec, *O que é o Espiritismo?* e é impossível não notar quanto sua moral é clara, homogênea, conseqüente consigo mesma, quanto dá de satisfação ao espírito e ao coração. Quando se entusiasmar com a realidade das comunicações com o mundo invisível, restar-lhe-á sempre isso, e é muito; é bastante para arrastar numerosas adesões e explicar seu sucesso sempre crescente. Quanto às comunicações com o mundo invisível, creio ter demonstrado cientificamente que elas eram não só possíveis, mas que deveriam ter lugar todos os dias no sono. A inspiração durante a vigília, da qual é impossível pôr em dúvida a autenticidade ou a natureza, segundo o que dela disse, é, aliás, uma comunicação desse gênero, se bem que possa dela haver casos onde não seja senão o resultado de um maior grau de atividade do espírito. Agora, que delas se encontra onde essa comunicação se traduz por noções estranhas ao médium que as recebe, nada vejo dentro que não seja eminentemente provável, e é em todos os casos uma questão que pode se resolver na ausência dos sábios, que cada médium, que na medida de seus conhecimentos no estado normal, e as pessoas de sua família e de sua companhia podem julgar melhor do que quem quer que seja, de tal sorte que se o Espiritismo faz prosélitos todos os dias fora da questão moral, é que, aparentemente, se produziram bastante médiuns para fornecerem a prova de seu estado particular a quem deseje examiná-los sem tomar partido.

"A moral, tal como a compreendo e tal como a deduzi de noções científicas, não temo reconhecê-lo, tem numerosos pontos de contato com aquela transmitida pelos médiuns do Sr. Allan Kardec; não estou distante, não mais, de admitir que, se nas páginas

escritas por eles há muitas delas que não ultrapassam a altura comum do espírito humano, e mesmo dos seus, deve delas haver, e as há, de uma importância tal que lhes seria impossível delas escrever semelhantes em seus momentos ordinários. Tudo isso não me leva pouco a desejar que uma doutrina que não oferece o menor perigo, e que, ao contrário, eleva o espírito e o coração tanto quanto é possível desejá-lo no interesse da sociedade, se difunda todos os dias mais e mais. Porque, segundo o que dela li, estimo que é impossível ser um bom Espírita sem ser um homem honesto e um *bom cidadão*. Não conheço muitas religiões das quais se possa diso dizer tanto."

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

Pregados na catedral de Metz, a 27, 28 e 29 de maio de 1863, pelo Rev. Pé. Letierce, da companhia de Jesus, refutados por um espírita de Metz.

Precedido de considerações sobre a loucura espírita (1-(1) Brochura in-18. - Preço: 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 10 c. - Em Paris, Didier e Companhia, Ledoyen; - em Metz: Linden, Verronais, livrarias.)

Somos sempre felizes em ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, juntam a calma e a moderação das quais não se deve jamais se afastar, mesmo para com aqueles que não usam os mesmos procedimentos a nosso respeito. Felicitamos o autor desse opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu muito interessante e muito consciencioso trabalho, que será, disso não duvidamos, acolhido com o favor que merece. A carta colocada na cabeça de sua brochura é um testemunho de simpatia que não saberíamos melhor reconhecer senão citando-a textualmente, porque é uma prova da maneira pela qual ele compreende a Doutrina, do mesmo modo que os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

"Cremos que há fatos que não são visíveis ao olhar, não tangíveis à mão; que o microscópio nem o escalpelo podem atingir, tão perfeitos que se os suponham; que escapam igualmente ao gosto, ao odor e ao ouvido, e que, no entanto, são suscetíveis de serem constatados com uma certeza absoluta. (Ch. Jouffroy, prefácio das *Esquisses de philosophie morale*, p. 5.)

"Não creiais em todo Espírito, mas colocai-o à prova para ver se vêm *de Deus*. "(*Evangelho*.)

"Senhor e caro mestre,

"Dignar-vos-eis aceitar a dedicatória desse modesto discurso de defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques que ouvi dirigir contra a nossa sublime moral? Isso seria para mim o testemunho mais certo de que essas páginas são ditadas pelo espírito da moderação que admiramos todos os dias em vossos escritos, e que deveria nos guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-o como o ensaio inexperiente de um de vossos recentes adeptos, como a profissão de fé de um verdadeiro crente. Se meus esforços forem felizes, deles atribuirei o sucesso ao vosso alto patrocínio; se minha voz inábil não encontrar ecos, ao Espiritismo não faltarão outros defensores, e terei para mim, com a satisfação de minha consciência, a felicidade de ter sido aprovado pelo apóstolo imortal de nossa filosofia."

Extraímos dessa brochura a passagem seguinte de um dos sermões do Rev. Pé. Letierce, a fim de dar uma idéia do poder de sua lógica.

"Não há nada de chocante para a razão, em admitir, num certo limite, a comunicação dos Espíritos dos mortos com os vivos; essa comunicação é sempre compatível com a natureza da alma humana, e delas se encontram bastante numerosos exemplos no *Evangelho* e na *Vida dos santos*; mas eram santos, eram apóstolos. Para nós, pobres pecadores, que, sobre a rampa escorregadia da corrupção, não teríamos freqüentemente necessidade senão de mão segura para nos conduzir para o bem, não é um sacrilégio,

um insulto à justiça divina, senão ir pedir aos bons Espíritos que Deus espalhou ao nosso redor, conselhos e preceitos para a nossa instrução moral e filosófica? Não é uma audácia ímpia rogar ao Criador para nos enviar anjos guardiães para nos lembrar, sem cessar, a observação de suas leis, a caridade, o amor por nossos semelhantes, e nos ensinar o que é preciso fazer, na medida de nossas forças, para chegar o mais rapidamente possível ao grau de perfeição que eles mesmos alcançaram?

"Esse apelo que fazemos às almas dos justos, em nome da bondade de Deus, não é ouvido senão pelas almas dos maus, em nome das forças infernais. Sim, os Espíritos se comunicam conosco, mas esses são os Espíritos condenados; suas comunicações e seus preceitos são, é verdade, tais que poderiam nos ditar os anjos mais puros; todos os seus discursos respiram as virtudes mais sublimes, das quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição ao qual podemos com dificuldade atingir nesta vida; mas isso não é senão uma armadilha para nos atrair, um mel recoberto o veneno pelo qual o demônio quer matar nossa alma.

"Com efeito, as almas dos mortos, com Allan Kardec, são de três classes: aquelas que chegaram ao estado de Espíritos puros, aquelas que estão sobre o caminho da perfeição, e as almas dos maus. As primeiras, por sua própria natureza, não podem se entregar ao nosso chamado; seu estado de pureza lhes torna impossível toda comunicação com a do homem, encerrada num tão grosseiro envoltório. Que viriam elas fazer, aliás, sobre a Terra? para nos pregar exortações que não saberíamos compreender? As segundas têm muito a trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral para poderem perder tempo a conversar conosco; essas não são ainda as que nos assistem em nossas reuniões. Que resta, pois, para nós? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas ao menos não fazem orar para virem; todas dispostas a se aproveitarem de nosso erro e de nossa necessidade de instrução, chegam em multidão junto a nós para nos arrastar, com elas, ao abismo onde as mergulhou a justa punição de Deus."

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 11

NOVEMBRO 1863

UNIÃO DA FILOSOFIA E DO ESPIRITISMO

PELO SR. HERRENSCHNEIDER.

(2^o- artigo) (1-(1) Ver a *Revista* de setembro de 1863.)

O princípio da dualidade da essência da alma e o sistema espiritual do Sr. Cousin e de sua escola.

Procuramos provar, em nosso último artigo, que se, em geral, os senhores livres pensadores quisessem se dar ao trabalho de examinar os motivos que lhes permite afirmar, de dizer "eu" ou "mim", chegariam ao conhecimento de sua dupla essência; que se convenceriam de que sua alma está constituída de modo a existir separadamente do corpo, tão bem quanto em seu envoltório, e dela compreenderiam a erraticidade, quando, depois do trespasse, deixou sua matéria terrestre. De sorte que sua ciência, se fosse fundada sobre o verdadeiro princípio da constituição da alma, confirmaria os fatos espíritas, em lugar de contradizê-los com tanta persistência. Com efeito, nossa noção do *eu* se compõe principalmente do sentimento e do conhecimento que temos de nós mesmos, e esses dois fenômenos íntimos, evidentes para todo o mundo, implicam peremptoriamente dois elementos distintos da alma: um passivo, vasto e sólido, que recebe as impressões; o outro ativo, inextenso e pensante, que as percebe. Em consequência, se possuímos, ao lado de um elemento virtual, um elemento resistente e permanente, diferente de nosso corpo, dele não podemos nos desfazer pela morte; nossa imortalidade está provada, e nossa preexistência é dela uma consequência natural. Nossos destinos são, pois, independentes de nossa morada terrestre, e esta não é mais do que um episódio mais ou menos interessante para nós, segundo os acontecimentos que o realizam.

A dualidade da essência de nossa alma é, segundo essas observações, um princípio importante, uma vez que nos instrui sobre a nossa existência real e imortal. Mas ela é um princípio tanto mais importante quanto é a fonte única onde haurimos a consciência certa de nossa individualidade, e que é assim a origem de nossa ciência, daquela da qual não podemos duvidar, e sobre a qual repousa todo o resto de nossos conhecimentos. Efetivamente, começamos todos por nos conhecer de início, antes de notar o que nos cerca; e medimos com a nossa toesa tudo o que examinamos, e o que julgamos. É, pois, indispensável notar, para o estudo da verdade, que nosso saber parte de nós, para retornar a nós; que é um círculo que nós mesmos formamos, que nos cerca e nos enlaça fatalmente com o nosso desconhecimento. Os filósofos atuais o ignoram, e o sofrem sem disso se aperceberem. É ele que os ofusca, que os cega, que os impede de olhar além e acima deles. Também não temos senão muito freqüentemente a ocasião de constatar sua cegueira. Os Antigos, ao contrário, conheciam esse círculo e sua influência misteriosa, porque simbolizam a ciência sob a figura de uma serpente que se morde a cauda, depois de se retornar sobre si mesma. O que significava, a seus olhos, que nosso saber parte de um ponto dado, faz a volta de nosso horizonte intelectual, e alcança de novo seu ponto de

partida. Ora, se esse ponto de partida é elevado, e que o olhar seja penetrante, o horizonte é largo e a ciência é vasta; se esse ponto, ao contrário, raspa o solo, e que a visão seja perturbada, o horizonte é restrito e a inteligência das coisas limitada. Assim, tais como somos pessoalmente, tal é o conjunto e a importância de nossos conhecimentos. Por esse motivo se torna evidente que a primeira condição da ciência individual é de examinar a si mesma, não só para distinguir suas qualidades, seus defeitos e seus vícios, mas para conhecer primeiro a constituição íntima de nosso ser, e em seguida para levar nosso espírito e para formar nosso caráter.

Portanto, a verdadeira ciência não é feita para cada um. Aquele que a isso aspira deve não só ter da inteligência e da instrução, mas, sobretudo, ser sério, sóbrio, sábio, não se deixar guiar pelo capricho de sua imaginação, por sua vaidade, por seus interesses e por sua suficiência. O que deve guiar o verdadeiro amante da verdade é um amor desinteressado por esse objetivo venerado; é a vontade enérgica e constante de jamais se deter, e de separar rigorosamente o joio da boa semente.

Quanto mais o homem se possui, e tanto mais ele é calmo e nobre, melhor saberá discernir as sendas que o conduzirão à verdade; quanto mais ele é leviano, presunçoso ou apaixonado, mais corromperá por seu hálito impuro os frutos que colherá sobre a árvore da vida.

A primeira condição para chegar ao conhecimento das coisas é, pois, o caráter individual; e é por essa razão que, na antigüidade, provas solenes precediam toda iniciação. Hoje o saber está difundido sem discernimento, cada um crê poder pretendê-lo; mas também a verdade é menos acolhida do que nunca, ao passo que as doutrinas mais estranhas encontram numerosos adeptos. Dever-se-ia, pois, se convencer de que os espíritos indiferentes, limitados pelas ciências exatas e naturais, levados pela imaginação, ou inchados de impertinência, são impróprios para a procura da verdade, e que seria mais prudente reservar esse nobre trabalho para alguns eleitos. No entanto, disposições mais sensatas se manifestam hoje *pelo advento do Espiritismo*; e, com efeito, os Espíritas são homens bem dispostos para a procura da verdade, porque em se separando do turbilhão geral que arrasta a sociedade, renunciaram por si mesmos às vaidades mundanas, aos princípios superficiais dos livres pensadores, e à superstição oficial dos cultos reconhecidos. Fazem prova de uma sadia independência, de um amor sincero da verdade, e de uma tocante solicitude por seus interesses eternos. Estão aí as melhores disposições morais para abordar os graves problemas da alma, do mundo e da Divindade. Para nosso bem eterno, tentemos, pois, nos entender, e seguir o conjunto dos traços que nos conduzirão ao caminho sagrado. Porque temos necessidade de nos ajudar reciprocamente para atingirmos o objetivo que todos nós procuramos, o de nos esclarecer sobre isto que, somente, é real e durável.

Segundo as disposições morais que acabamos de indicar, a coisa mais indispensável para bem se empenhar na obra delicada da iniciação é o conhecimento do princípio da dualidade da essência da alma; porque é ele que é uma parte do segredo misterioso da Esfinge (1-(1) O outro primeiro princípio é a dualidade do aspecto das coisas, que encontraremos mais tarde.). É uma das chaves da ciência, e, sem possuí-la, todos os esforços se tornam inúteis para lá chegar. Só esse princípio da essência da alma encerra, como conseqüências, as noções consideráveis que desejamos adquirir, ao passo que todos os princípios secundários que se descobriu até este dia não elevam bastante alto para dominar o vasto horizonte dos conhecimentos humanos, e para abraçar-lhe todos os detalhes. Os princípios inferiores extraviam aqueles que deles se servem na complicação dos numerosos fatos que não esclarecem; e é por insuficiência de seus princípios primeiros que os filósofos se transviaram, e que se perderam nas sutilezas arbitrarias de suas doutrinas incompletas. Fatalmente levaram a confusão ali onde acreditaram tocar à verdade. Nessas matérias, mais delicadas ainda do que difíceis, o princípio verdadeiro, único, derrama a luz, resolve facilmente todos os problemas, e abre as portas secretas que conduzem ao san-

tuário mais recuado. Ora, já sabemos que carregamos esse princípio em nós mesmos, e que para descobri-lo não se trata senão de estudar-se, mas de estudar-se com calma e imparcialidade. Sabemos que esse princípio é a dualidade de nossa essência anímica, de sorte que nós não temos mais do que deslindar com precaução o fio do qual temos o laço mais importante. Mas, à medida que avançarmos em nosso estudo psicológico, consultaremos no entanto os trabalhos de nossos ilustres filósofos, a fim de reconhecermos em que falharam, e em que suas doutrinas confirmam nossas próprias pesquisas.

Assim, como fizemos notar acima, parece-nos evidente que tudo o que se liga em nós à ordem sensível depende da substância de nossa alma; porque é dela o elemento extenso e sólido, que recebe todas as impressões de fora, e que se ressent de nossa atividade íntima. Nossa alma, com efeito, não saberia ser tocada de maneira qualquer, sem apresentar um obstáculo, de início, às oscilações do meio ambiente, e, em seguida, às vibrações das emoções que nos afetam intimamente. Portanto, é esta maneira de ser toda natural que nos explica nossas relações com tudo o que existe, com o que não é para nós, com o nosso não-*eu* moral, intelectual e físico, visível ou invisível. A solidez e a extensão de nossa substância, evidentemente, não é de se rejeitar em princípio. No entanto, não é essa opinião que reina na Universidade e no Instituto. O espiritualismo a nega como absurda, sob o pretexto especioso de que a divisibilidade, que dela seria a consequência, implicaria a corruptibilidade da substância. Mas isso não é aí senão um mal-entendido; porque o que importa para a incorruptibilidade da natureza anímica, é a simplicidade química de sua fluidez corpórea, e não sua individualidade mecânica, na falta da qual há mil maneiras de remediar: ao passo que, para permanecer na verdade científica, é preciso se guardar de admitir um efeito sem causa, uma impressão possível sem resistência. Também a sensibilidade de nossa alma não ensina nada à nossa escola espiritualista; ela liga gratuitamente os sentimentos à razão, atribui as sensações ao organismo material, e não se explica sobre a conexão dessas diversas faculdades. *Aí está uma das causas de sua impotência filosófica.*

Quanto a nós, a sensibilidade de nossa alma é a prova irrecusável da solidez e da extensão de sua substância; e é a noção dessas propriedades que nos abre um vasto campo de observação. Assim, de início, a extensão e a solidez substancial permitem à nossa alma tomar diferentes formas, e encerrar o tipo de todos os órgãos que compõem o nosso organismo corpóreo. Serve ela, assim, de origem e de sustento aos nossos nervos, aos nossos sentidos, ao nosso cérebro, às nossas vísceras, aos nossos músculos e aos nossos ossos, e nos permite nos encarnarmos por meio dessa lei da mutabilidade das moléculas corpóreas, tão conhecida de nossos modernos fisiologistas. Nossos sábios supõem somente, erradamente, em nossa opinião, que essa lei é o efeito de uma força misteriosa da matéria, que se renova, que se absorve, que se derrama e se forma por si mesma; porque a matéria é inerte e nada forma por sua própria iniciativa. Essa mutabilidade, evidentemente, é o efeito da atividade instintiva de nossa dupla essência anímica, que se encontra sob nosso envoltório, e a existência dessa lei prova que nossa encarnação está na ordem da Natureza, uma vez que é contínua, e que, ao cabo de uma série de anos, nosso corpo se renova regularmente. A formação de nosso revestimento material e nossa encarnação sucessiva se explicam desse modo muito naturalmente. Mas, além disso, essa substancialidade extensa de nossa alma nos faz igualmente compreender o laço que existe entre ela e nosso corpo; porque não sendo o organismo visível senão a cobertura de nosso organismo substancial, tudo o que é sentido por um, necessariamente deve ser sentido no outro. As emoções da substância da alma devem abalar o corpo, e o estado deste deve afetar inevitavelmente suas próprias disposições morais e intelectuais. *Eis o primeiro ensino que resulta da natureza concreta de nossa substância.*

O segundo ensino que disso retiramos, é que a parte da substância de nossa alma que não serve de tipo ao nosso organismo material deve ser a base de nosso sentido íntimo, daquele que recebe todas as nossas impressões morais e intelectuais, e que nos

coloca em contato com a própria substância divina; de sorte que nossa substância recebe as impressões de todas as existências e de todas as atividades possíveis, e se encontra na origem primeira de todas as nossas noções. É do mesmo modo que nós recebemos o conhecimento de nós mesmos. Porque se se a pede um cético, como pode se afirmar, sem nenhuma reserva, ele responderá: "É que eu me sinto," porque o próprio cético não pode duvidar de suas sensações. No entanto, sentir-se não é todo o nosso conhecimento: o cético não pode, não mais, negar que sabe que se sente. Ora, a percepção de nosso sentimento é a consequência de nossa atividade intelectual; o que prova que nossa alma não é somente passiva, que ela é também ativa, que quer, que percebe, que pensa, que é causadora por sua própria autoridade. Os nossos próprios órgãos funcionam sem que disso tenhamos consciência, de sorte que se está forçado de atribuir à nossa alma um segundo elemento, um elemento ativo, virtual, quer dizer, uma força essencial, que é atenta quando nossa sensibilidade está desperta, que quer pelo efeito de seu próprio movimento, que percebe, pensa e reflete por meio de nosso órgão cerebral, que age com a ajuda de nossos membros, e que anima o nosso organismo de um movimento involuntário. É pela presença, em nossa alma, dessa dupla ordem essencial: a ordem substancial passiva e sensível, e da ordem virtual ativa e pensante, que nós nos sentimos, que nos sabemos, e que temos a consciência de nossa personalidade própria, sem nenhum recurso do mundo exterior.

Nossa força anímica é nosso elemento espiritual por excelência, porque não tem da extensão nem da própria solidez. Não nos é conhecida senão pela sua atividade. Desde que ela não quer, nem pensa, nem age, ela é como se não existisse; e se nossa alma não fosse substancialmente concreta, pela virtude de um outro elemento, nosso corpo não teria consistência, e não seria senão um montão de pó. Nossa alma não poderia mesmo existir na erraticidade, se perderia no nada, a menos que se supusesse, com o espiritualismo, um mistério impenetrável, que lhe permita existir sem ter da extensão nem da solidez, suposição que o Espiritismo e as leis naturais tornam completamente inadmissível. No entanto, é nossa força essencial que Leibnitz considera como sendo nossa substância, sem consideração por nossa natureza fugitiva; e a escola espiritualista francesa o repete ao seu exemplo, sem deter-se nessa confusão ilógica. Todavia, não basta chamar força uma substância para que ela o seja realmente, e de considerar essa substância imaginária como sendo o fundo de nosso ser, para que se saia do vazio das abstrações. Uma substância não é tal senão pelo seu estado concreto, pela sua extensão e sua solidez, por sutil que se queira concebê-la, e é isso que nossa escola espiritualista se compraz em passar sob silêncio. *Também está aí uma outra causa de sua impotência moral e filosófica.*

Nossa força essencial não é senão o princípio de nossa atividade; ela nos anima mas não nos constitui. É o princípio de nossa vida, mas não o de nossa existência. Está por toda parte em nossa substância, se derrama com ela em todo o nosso ser, e deve receber diretamente as impressões sem nosso concurso voluntário. É por essa união estreita de nossos dois elementos essenciais que nosso organismo funciona espontaneamente, que nossas sensações despertam em seguida a nossa atenção, e nos levam, sem outro intermediário, a perceber a causa de nossas impressões, que nossa consciência é um conjunto de sentimento e de reflexões, e que toda noção, qualquer que lhe seja o objeto, exige que a sintamos e que a saibamos. Só desde então estamos certos de sua existência. É pelo mesmo procedimento que temos a consciência do Ser supremo. Temos a sensação de sua presença por nosso sentido íntimo, e nos explicamos essa sensação sublime por nossa razão; porque o ideal da verdade, do bem e do belo está primeiro em nosso coração, antes de entrar em nossa cabeça. Os povos selvagens nisso não se enganam; não duvidam de Deus; figuram-no simplesmente segundo o nível de sua grosseira inteligência, ao passo que vemos nossos sábios debaterem sobre a sua personalidade,

porque pretendem nada admitir senão pela força de seu raciocínio, e porque se debatem nas abstrações, sem tomar seu ponto de apoio na ordem sensível.

Tal é a constituição de nossa alma. Ela se compõe de dois elementos bem distintos entre si, e que estão, no entanto, indissolivelmente unidos; porque jamais, em nenhuma parte esses elementos, são encontrados separadamente: toda substância tem sua força e toda força tem sua substância. Também essa dualidade se encontra reunida na essência de tudo o que existe; está na matéria, na alma, em Deus. Repetimo-lo, essa distinção na unidade é de ser admitida necessariamente, porque cada um desses elementos é bem caracterizado; porque têm suas propriedades respectivas e sua modalidade categórica; e porque é uma lei universal que um mesmo princípio não pode ter efeitos contrários, que as qualidades que excluem traem tantos princípios particulares. Mas sua unidade não é menos peremptória, porque nenhuma função, nenhuma faculdade, nenhum fenômeno se produz, em nós e em outra parte, sem o concurso simultâneo desses dois elementos irreduzíveis.

É esta unidade nessa dualidade constante de nossa alma que explicamos ainda este fenômeno psicológico importante, a saber: a espontaneidade instintiva de todas as nossas faculdades e de todas as nossas funções, assim como a formação de nossa caráter e de nossa natureza moral íntima. Efetivamente, nossas impressões se conservam em nós e se reproduzem involuntariamente; de sorte que, como a substância é o elemento passivo e permanente de nossa alma, é preciso atribuir-lhe a propriedade de conservar nossas sensações, de solidificá-las nela, e de transmiti-las, na ocasião, na atenção de nossa força essencial. Sendo essas impressões de todas as espécies, forma-se em nós, por essa propriedade conservadora, uma ordem moral, intelectual e prática permanente, que se manifesta por nossa atividade instintiva e espontânea, que nos inspira nossos sentimentos e nossas idéias, e que guia nossos atos sem nosso concurso voluntário, e freqüentemente apesar de nós mesmos. Além disso, esses sentimentos e essas idéias adquiridas se agrupam em nossa alma, e nos produzem novas idéias e novas imagens, às quais, algumas vezes, estamos longe de esperar. As funções psicológicas de nossa substância unidas à nossa força essencial, são, pois, muito multiplicadas, e nos formam uma natureza moral, intelectual e prática espontânea, que é o fundo de nosso caráter, a origem de nossas disposições naturais. Nossa substância encerra, pois, em estado latente, ou em potência, como se exprime a escola, todas as nossas qualidades, todos os nossos conhecimentos, todos os nossos hábitos passados em nós ao estado permanente. Em consequência, é a ela e à sua atividade instintiva que é preciso atribuir a memória, a imaginação, o espírito e os sentidos naturais, assim como a origem de nossas idéias e a de nossos sentimentos.

Esta ordem substancial instintiva existe incontestavelmente em nossa alma. Cada um se reconhece uma natureza moral permanente, disposições intelectuais e hábitos próprios, que lhe facilitam sua caminhada e sua conduta, se elas são boas; ou que impedem seus sucessos e o arrastam em certos desvios deploráveis, se elas são más. Se os nossos filósofos disso não estão tocados; porque não tendo admitido, como já fizemos notar, uma ordem psicológica substancial, condenaram-se a ter que atribuir tudo o que é resistente em nossa alma à influência da matéria, e de confundir tudo o que é sensível e vivo com a nossa inteligência. Aristóteles, é verdade, reconhecia no homem uma ordem potencial, onde todas as nossas qualidades estão em potência; mas a definiu mal, e confundiu-a também com a matéria. Desde então, ninguém está mais ocupado dessa ordem especial do que o Sr. Cousin. Mas esse filósofo contemporâneo, não reconhecendo em nossa alma senão a inteligência, não a considerou senão a atividade espontânea, sem procurar-lhe a origem nos elementos permanentes de nossa natureza anímica. Designou-a como sendo a razão espontânea e instintiva, em oposição à razão refletida, sem notar que contradição existe entre o instinto e a reflexão, qualidades que se excluem, e que evidentemente não podem pertencer ao mesmo princípio! Também o Sr. Cousin não tira senão

conseqüências limitadas dessa descoberta, e é por essa razão que sua psicologia, assim como a de sua escola, permaneceu uma ciência seca, ilógica e sem grande importância.

Detenhamos atualmente nossos pensamentos sobre o conjunto das observações que precedem, porque nos fizeram conhecer fenômenos psicológicos desconhecidos até este dia. Elas nos fizeram constatar, em nossa alma, a existência de duas ordens morais, intelectuais e práticas, bem distintas e fortemente caracterizadas: uma se reportando perfeitamente às propriedades particulares de nossa substância, que são a permanência, a extensão e a solidez; a outra, às de nossa força essencial, que são sua causalidade, sua inextensão e sua intermitência. A primeira é passiva, sensível, conservadora; a segunda é ativa, voluntária e refletida. A união íntima de nossos dois elementos essenciais produziu, além disso, em nós, nossa tríplice atividade instintiva, que é o reflexo direto do estado verdadeiro de nossas qualidades e de nossos defeitos naturais.

Com efeito, de uma parte, quanto mais nossa natureza substancial for sensível, delicada e conservadora, e nossa atividade instintiva viva e enérgica, tanto mais também nossas idéias e nossos sentimentos serão puros e elevados, nosso bom senso justo, nossa memória e nossa imaginação fáceis e seguras. Quanto menos, ao contrário, nosso estado substancial se aperfeiçoará, tanto mais lentas e mais limitadas serão nossa memória e nossa imaginação, quanto mais grosseiras nossas idéias, mais vis nossos sentimentos e mais obtuso nosso senso comum. Mas, de outra parte, quanto mais a nossa força causadora for enérgica, constante e flexível, mais nossa atenção, nossa vontade, nossa virtude e nosso império sobre nós serão fortes, mais nossa percepção, nosso pensamento, nosso julgamento e nossa razão terão de importância, e mais, enfim, nossa habilidade será grande e nossa conduta honrosa, porque todas essas qualidades e faculdades derivam de nosso elemento virtual. Ao contrário, quanto que nossa força essencial seja mole, embotada e obstinada, tanto nossa brutalidade e nossa lassidão moral e intelectual se produzirão à luz. De modo que nosso valor depende tão bem do estado das qualidades e das propriedades de um quanto de outro elemento de nossa alma.

Tal é o quadro sumário que apresenta a constituição íntima de nossa essência anímica, e que nos revela nossa dupla faculdade de nos sentir e nos saber. Esse quadro no-la mostra primeiro em sua unidade viva, uma vez que descobrimos o duplo princípio de sua atividade e de sua passividade, de sua permanência e de sua causalidade, de sua existência no tempo e no espaço, e de sua independência própria e distinta de Deus, do mundo e de seu envoltório material. Ele no-la mostra em seguida em sua diversidade maravilhosa, uma vez que reconhecemos a origem de suas qualidades e de suas faculdades, de suas funções e de seu organismo, nas propriedades respectivas de nossos elementos essenciais, e em seu concurso recíproco. Esse quadro, no entanto, não é senão um primeiro esboço, e todavia é fácil nele notar o método de observação rigorosa que nele seguimos, e que é a que Bacon descobriu, que Descartes introduziu na psicologia, que a escola escocesa aplicou, e que a escola espiritualista e eclética observou em toda a sua doutrina. Encontramo-nos, pois, sobre o mesmo terreno que toda filosofia séria, e se estamos freqüentemente em desacordo com nossas as ilustrações acadêmicas, é que não podemos proibir de crer que a maioria dos fatos de consciência foram, por elas, mal observados e mal explicados.

Com efeito, o ecletismo espiritualista nos reconhece três faculdades principais: a vontade, a sensação e a razão. Essas faculdades se distinguem de nosso corpo, que é sólido e extenso; de sorte que possuímos necessariamente uma alma inextensa e espiritual. Feita esta constatação, o ecletismo não se pergunta, nem comenta como nossa alma deve estar constituída para ser sensível, nem se a vontade e a razão, que são ambas ativas, não são duas manifestações de um mesmo princípio virtual. Estão aí as questões que não a inquietam. Sustentam somente que, dessas três faculdades, só a vontade nos pertence propriamente, só ela é o resultado de uma força substancial inextensa, que é o princípio primordial de nosso *eu*. A sensibilidade a seus olhos não é senão o efeito do

choque, que resulta da ação que a força do mundo exterior exerce sobre a nossa por intermédio de nosso organismo; mas o ecletismo não procura mais como nossa força inextensa se liga ao nosso organismo, nem como, nesse isolamento inextenso, ela pode receber um choque, que não explicou como podemos ser sensíveis. Aí estão os pequenos mistérios que não saberíamos detê-los. A razão, segundo ele, é a faculdade soberana do conhecimento, mas é impessoal, quer dizer, não nos pertence, embora dela nos sirvamos. Dizer *minha razão* é, pois, segundo o Sr. Cousin, um contra-senso, pelo motivo de que não se diz *minha* verdade. Esse motivo não nos parece muito concludente, mas é provavelmente nossa falta. Efetivamente, em seu sistema, a razão é o conjunto das verdades necessárias e universais; verdades tais que; os princípios da causalidade, da substância, da unidade, do verdadeiro, etc. A coleção desses princípios forma, pois, segundo ele, a razão divina, da qual participamos pela vontade inefável do Todo-Poderoso. Mas está aí o que faz crer sobre sua palavra, porque não vemos precisamente como uma coleção de verdades, por universais que sejam, poderia constituir a razão divina e humana. Vulgarmente, as verdades são leis, e a razão é uma faculdade. Ora, vejo o Sol, mas nunca a faculdade de ver foi capturada pelo Sol nem pelo menor de seus raios. Está, pois, aí um novo mistério a acrescentar aos precedentes. De sorte que, nessa doutrina, nada se explica por si, nada se prende, e nossa alma não é nela representada senão com um conjunto heterogêneo de faculdades, de qualidades, de funções distintas, ligadas entre si, ao acaso, como as folhas esparsas que se teriam reunido no volume sob este título pomposo: *Doutrina filosófica do século dezanove*. O segundo prefácio da terceira edição dos *Fragmentos filosóficos* contém dela um resumo interessante por mais de um título.

Segundo estas considerações podem julgar-se das causas que fazem da filosofia espiritualista oficial, apesar de suas boas intenções, uma doutrina bizarra e indigesta. Ser-se-ia mesmo autorizado a tratá-la mais duramente, se se perdessem de vista os serviços eminentes que ela prestou ao espírito francês, desviando-o de um sensualismo imoral e de um ceticismo desesperador. Estavam aí, evidentemente, as principais preocupações do ilustre filósofo no início de sua brilhante carreira; e, estudando suas obras notáveis, vê-se que Condillac e Kant foram seus principais adversários. Então foi essa luta que é a parte importante de seus trabalhos. Seu próprio sistema, ao contrário, nos parece muito defeituoso, e sua moral, sua teodicéia e sua ontologia contém numerosos pontos muito controvertidos. A verdade é uma flor tão delicada! O menor sopro do erro a murcha em nossas mãos, e a reduz a um pó pernicioso e deslumbrante. No calor do combate ou na emoção da ambição, é sobretudo difícil conservar a calma do espírito e delicadeza do sentimento da evidência; de sorte que o homem preocupado é facilmente arrastado a ultrapassar os limites da verdadeira sabedoria. Felizmente que o Criador nos regulou os fatos, as circunstâncias, os acontecimentos providenciais, que são bastante chocantes para nos conduzir ao bom caminho; e certamente, as *doutrinas e os fatos sobre os quais se funda o Espiritismo* são desse número. Que nossos grandes e sábios filósofos não os repilam sob o fútil pretexto de superstição. Que os estudem sem tomar partido! Reconhecerão neles a natureza extensa e sólida de nossa alma, sua pré-existência e sua perpetuidade. Nela encontrarão uma moral doce e salutar, bem feita para conduzir todo o mundo ao bem. Se, então, o Espírito pede para disso se dar conta, que se coloquem francamente à obra, que examinem cientificamente seus princípios e as conseqüências; e então, talvez, o *princípio da dualidade da essência da alma* lhes aparecerá em todo o seu esplendor e em toda a sua força; porque nos parece lançar uma viva luz sobre os segredos íntimos de nosso ser. É o que continuaremos a examinar proximamente.

E. HERRENSCHNEIDER.

O Mons. bispo de Argel publicou, em data de 18 de agosto último, uma brochura endereçada aos senhores curas de sua diocese, sob este título: *Carta circular e ordem sobre a superstição dita Espiritismo*. Citamos dela as passagens seguintes, que fazemos seguir de algumas observações,

"...Tínhamos o pensamento de juntar uma modesta página a esses luminosos anais, desonrando, das alturas do bom senso e da fé, como merece sê-lo, o *Espiritismo* que, renovação da mais velha e da mais grosseira idolatria, veio se abater sobre a Argélia. Pobre colônia! Depois de tantas cruéis provas, lhes seria preciso ainda uma prova deste gênero!"

Pobre colônia! Com efeito, não seria bem mais próspera se, em lugar de tolerar e proteger a religião dos indígenas, tivesse então se formado suas mesquitas e suas sinagogas em igrejas, e se não se tivesse detido o zelo do proselitismo! É verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda, que centenas de milhares de soldados teriam perecido, que teríamos sido talvez forçados a abandoná-la; mas o que é isso quando se trata do triunfo da fé! Ora, eis bem um outro flagelo; o Espiritismo que vem, em nome do Evangelho, proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos, e cimentar a união inscrevendo sobre sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.

"Mas diversas considerações, senhor cura, nos retiveram até este dia. De início, hesitamos em revelar essa vergonha nova, acrescentada a tantas misérias exploradas, com uma amarga ironia, pelos inimigos de nossa cara e nobre Argélia. De outra parte, sabemos que o *Espiritismo* quase não penetrou entre nós senão em certas cidades, onde os desocupados se contam em maior número; onde a curiosidade, sem cessar excitada, se nutre avidamente de tudo o que se apresenta com um caráter de novidade; onde a necessidade de brilhar e de se distinguir da multidão não fica sempre estranha, mesmo para as inteligências de mais ou menos importância, ao passo que o maior número de nossas pequenas cidades e de nossos campos ignoram, e, certamente, nada têm com isso a perder, até no nome bizarro e pretensioso de *Espiritismo*. Pensamos, enfim, que tais práticas não estão jamais destinadas a viver uma vida muito longa, porque o desabuso vem depressa para os escândalos de imaginação, que contundem quase sempre com sua própria vergonha. Assim ocorreu com os malabarismos de Cagliostro e de Mesmer; assim o furor das mesas girantes acalmou-se, sem deixar atrás delas senão o ridículo de seus arrastamentos e de suas lembranças."

Se o próprio nome do Espiritismo é desconhecido na maioria das pequenas cidades e dos campos da Argélia, a carta-circular do Mons. bispo de Argel, distribuída profusamente, é um excelente meio de fazê-lo conhecer, excitando a curiosidade que não se deterá, certamente, pelo medo do diabo. Tal foi o efeito bem averiguado de todos os sermões pregados contra o Espiritismo, que, de notoriedade pública, contribuíram poderosamente para multiplicar os adeptos. A circular do Mons. de Argel teria um efeito contrário? é mais do que duvidoso. Lembrar-nos-emos sempre desta palavra profética, e que está tão bem realizada, de um Espírito a quem perguntávamos, há dois anos, por qual meio o Espiritismo penetraria nos campos; ele nos respondeu: "Pelos padres, - voluntariamente ou involuntariamente! - Involuntariamente de início, voluntariamente mais tarde."

Lembramos ainda que, quando da nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, os Espíritas ali eram número de algumas centenas somente. Nesse mesmo ano um sermão virulento foi pregado contra eles, e nos escreveram: "Ainda dois ou três sermões como este, e estaremos logo decuplicados." Ora, os sermões não fazem falta nesta cidade, como cada um sabe; e o que cada um sabe também, é que no ano seguinte havia cinco ou seis mil Espíritas, e que desde o terceiro ano ali se contavam mais de trinta mil. Pobre cidade lionesa! O que se sabe ainda, é que a maioria dos adeptos se encontra entre os operários, que hauriram nesta Doutrina a força de suportar pacientemente as rudes provas que atra-

vessaram, sem procurar na violência e na espoliação o necessário que lhes faltava; é que pedem hoje, e crêem na justiça de Deus, se não crêem nas dos homens; é que compreendem a palavra de Jesus: "Meu reino não é deste mundo." Dizei por que, com vossa doutrina das penas eternas que preconizais como um freio indispensável, jamais detives-tes nenhum excesso, ao passo que a máxima "Fora da caridade não há salvação" é onipotente! Faça o céu que não tenhais jamais necessidade de vos colocar sob sua égide! Mas se Deus vos reserva ainda dias nefastos, lembrai-vos de que aqueles mesmos a quem recusastes o pão da esmola, porque eram Espíritas, serão os primeiros a partilhar convosco seu pedaço de pão; porque compreendem esta palavra: "Perdoai aos vossos inimigos, e fazei o bem àqueles que vos perseguem."

Mas o que tem o Espiritismo de tão temível, uma vez que não ocupa senão os desocupados de algumas cidades? uma vez que tais práticas não estão jamais destinadas a viver uma bem longa vida? uma vez que deve ter a sorte dos malabarismos de Cagliostro, de Mesmer e das mesas girantes? Pelo que é de Cagliostro, é preciso colocá-lo fora de causa, tendo em vista que o Espiritismo sempre declinou toda solidariedade com ele, apesar da persistências de alguns adversários para unir seu nome ao do Espiritismo, como fizeram com todos os escamoteadores e charlatães. Quanto a Mesmer, é preciso estar bem pouco ao corrente do que se passa, para ignorar que o magnetismo está mais difundido do que jamais o foi, e que é hoje professado por notabilidades científicas. É verdade que se ocupam pouco agora das mesas girantes, mas é preciso convir que elas têm no entanto feito um caminho bastante bom, uma vez que foram o ponto de partida dessa terrível doutrina que causa tanta insônia a esses senhores. Foram elas o alfabeto do Espiritismo; se, pois, delas não se ocupam mais, é que não se procura mais soletrar quando se sabe ler. Cresceram elas tanto que não as reconheceis mais.

Depois de ter falado de sua viagem à França, que teve um pleno sucesso, o Mons. de Argel acrescenta:

"Nossa primeira e incessante preocupação do retorno era de publicar uma instrução pastoral contra a superstição em geral, e em particular contra a do *Espiritismo*, *O Evangelho segundo Renan* não nos tendo desviado senão oito dias."

Eis, é preciso nisso convir, uma singular confissão. A obra do Sr. Renan, que solapa o edifício por sua base e que teve tão grande repercussão, não preocupou Sua Grandeza senão oito dias, ao passo que o Espiritismo absorve toda sua atenção. "Chego em tudo às pressas, disse ele, embora oprimido pelas fadigas de uma longa viagem, sem repousar, monto sobre o prejuízo. Temos um novo e rude adversário no Sr. Renan, mas este nos inquieta pouco; caminhemos direito ao Espiritismo, porque é o mais urgente." É uma grande honra para o Espiritismo, porque é reconhecer que é muito mais temível, e não pode ser temível senão com a condição de ser lógico. Se não tem nenhuma base séria, assim como o pretende o monsenhor, para que esse desdobraimento de forças? Viu-se jamais disparar o canhão contra uma mosca que voa? Quanto mais os meios de ataque são violentos, mais se exalta a sua importância; eis porque não nos lamentamos disso.

"Aprendemos, dizeis, a disso não duvidar, que os verdadeiros cristãos, os sinceros católicos, pensam poder associar Jesus Cristo e Belial, os mandamentos da Igreja com os procedimentos do Espiritismo."

É um pouco tarde para disso vos aperceber, porque há três anos que o Espiritismo está implantado e prospera na Argélia, que não se acha aí mais mal. Aliás, a brochura do Sr. Leblanc de Prébois, publicada em nome e para a defesa da Igreja, deveu vos ensinar que há na França, neste momento, segundo seus cálculos, vinte milhões de Espíritas, quer dizer, a metade da população, e que dentro em pouco a outra metade será ganha; ora, a Argélia faz parte da França.

"Se, diz a circular, dirigindo-se aos curas da diocese, encontram-se em sua paróquias *Espíritas*, de alguma condição que possam ser, em geral os descrentes, as mulheres vaidosas, as cabeças fracas, formando sempre o grosso dos cortejos supersticiosos,

que o padre não hesite em declara-lhes que não há nenhuma transação possível entre o catolicismo e o Espiritismo; que, em suas experiências, não pode ali haver *senão uma destas três coisas*: malabarismos da parte de uns, alucinação da parte de outros, e, indo ao pior, *senão uma evocação diabólica*."

Se não há transação possível, é mais deplorável para o catolicismo do que para o Espiritismo, porque este ganha terreno todos os dias, o que quer que se faça para detê-lo, que fará o catolicismo quando a previsão do Sr. Leblanc de Prébois estiver realizada? Se coloca todos os Espíritas na porta da Igreja, que ficará dentro? Mas aí não está a questão para o momento; ela virá em tempo e lugar. O último membro de frase tem uma alta importância da parte de um homem como monsenhor de Argel, que deve pesar a importância de todas as suas palavras. Segundo ele, não pode haver no Espiritismo *senão uma destas três coisas*: malabarismo, alucinação, e, indo ao pior, intervenção diabólica. Notai bem que não são as três coisas juntas, mas somente uma das três que é possível; o monsenhor não parece muito certo da qual, uma vez que a intervenção diabólica não é *senão um pior caminho*. Ora, se for do malabarismo e da alucinação, isso não é nada de sério, e não há intervenção diabólica; se for obra do diabo, é alguma coisa de positivo, então não há nem malabarismo nem alucinação. Na primeira hipótese, é preciso convir que, fazer tanto barulho por um simples malabarismo ou uma ilusão, é bater-se contra os moinhos de vento, papel pouco digno da seriedade da Igreja; na segunda, é reconhecer ao diabo uma força maior do que a da Igreja, ou à Igreja uma enorme fraqueza, uma vez que não pode impedir o diabo de agir, que ela não pôde mesmo, apesar de todos os exorcismos, dele livrar os possessos de Morzine.

"Estivemos lá, senhor cura, de nosso labor apostólico, quando recebemos numerosos artigos de jornais, brochuras, livros, e notadamente um discurso (o do Padre Nampon), onde, salvo as idéias gerais, encontramos muito claramente e muito nitidamente exposto o que iríamos vos dizer em seguida, a propósito do Espiritismo. Como não gostamos de refazer sem necessidade o que julgamos estar bem feito, vos convidamos a vos proporcionar algumas dessas obras, e ao menos um exemplar desse discurso, que vos esclarecerá suficientemente sobre os procedimentos, a doutrina e as conseqüências do Espiritismo."

Estamos encantados em saber que a obra do Pé. Nampon é julgada, pelo príncipe dos padres, uma obra bem feita e junto à qual nada tem de melhor a fazer. É uma tranqüilidade para os Espíritas, saber que o Reverendo Padre esgotou todos os argumentos em que não se pode nada acrescentar. Ora, como esses argumentos, longe de deter o impulso do Espiritismo, recrutaram-lhe partidários, é da parte desses antagonistas se mostrar satisfeitos com o pouco. Quanto a *esclarecer suficientemente* os senhores curas sobre a doutrina, não pensamos que os textos alterados e truncados, dos quais o do Pé. Nampon não tem falta, assim como o demonstramos (*Revista* de junho de 1863), sejam próprios para lhes dar dela uma idéia bem justa. É preciso estar com muito poucas razões para usar semelhantes meios que desacreditam a causa que deles se serve.

"Antes de qualquer coisa, não seria deplorável encontrar na Argélia cristãos sérios que hesitassem em se pronunciar energicamente contra o Espiritismo; uns sobre o pretexto de que há abaixo alguma coisa de verdade, outros por esse motivo que viram os materialistas forçados a retornarem, por meio do Espiritismo, à crença na outra vida? *Ilógica ingenuidade das duas partes!*"

Assim, não é nada conduzir à crença em Deus e na vida futura a *materialistas forçados*; o Espiritismo com isso não é menos uma coisa má. Jesus, no entanto, disse que uma árvore má não pode dar bons frutos. É, pois, um mau fruto que o de dar a fé àquele que não a tem? Uma vez que não pudestes levar esses incrédulos forçados, e que o Espiritismo neles triunfou, qual é, pois, a melhor das duas árvores? É evidente que, sem o Espiritismo, esses materialistas forçados teriam ficado materialistas; uma vez que o monsenhor quer destruir a toda força o Espiritismo, que conduz as almas a Deus, é que, aos

seus olhos, essas almas não podendo ser conduzidas pela Igreja, é preferível que morram na incredulidade. Isso nos lembra esta palavra pronunciada num púlpito de uma pequena cidade: "Gosto mais que os incrédulos fiquem fora da Igreja do que entrem para o Espiritismo. "Não são inteiramente as palavras do Cristo que disse: "Gosto mais da misericórdia do que do sacrifício. "Ou esta outra, pronunciada alhures: "Prefiro ver os operários saírem bêbados (sic) do cabaré do que sabê-los Espíritas." Isso é da demência; não ficaríamos surpresos que acessos de raiva contra o Espiritismo produzissem uma verdadeira loucura.

"Que apesar da voz da consciência, os homens, educados nos princípios do cristianismo e tendo-os infelizmente esquecido, negado em seu coração, e combatido em seus livros, tentem transigir com esses princípios, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno tudo diferentes da imortalidade da alma, do purgatório e do inferno dos Evangelhos, tiverem ganho, pelo Espiritismo, alguma coisa para a fé e para sua salvação, qual cristão poderá se imaginar, uma vez que não puseram no lugar senão as mais sacrílegas blasfêmias da crença!"

Em que o purgatório dos Espíritas difere do dos Evangelhos, uma vez que os Evangelhos dele nada dizem? Dele falam tão pouco quanto os Protestantes, que seguem a letra do Evangelho, não o admitem. Quanto ao inferno, o Evangelho está longe de ter nele colocado as caldeiras ferventes que ali colocam o catolicismo, e de ter dito, como nos ensinaram em nossa infância, e como se pregou há três ou quatro anos em Montpellier, que "Os anjos tiram as tampas dessas caldeiras para que os eleitos se entretendam com a visão dos sofrimentos dos condenados. "Eis um singular lado da beatitude dos bem-aventurados; não sabemos que Jesus disse haja dito uma palavra. O Espiritismo, é verdade, não admite semelhantes coisas; se for um motivo de reprovação que seja, pois, reprovado!

"Far-se-lhes-á compreender igualmente que é a renovação das teorias pagas caídas no desprezo dos sábios, antes mesmo da aparição do Evangelho, que, introduzindo a *metempsicose*, ou a transmigração das almas, o Espiritismo mata a individualidade pessoal, e coloca no nada a responsabilidade moral; que destruindo a idéia do purgatório e do inferno eternamente pessoal, abre o caminho a todas as desordens, a todas as imoralidades."

Se alguma coisa foi tomada às teorias pagas, seguramente foi o quadro das torturas do inferno. Depois, não vemos claramente como, depois de ter admitido um purgatório qualquer, neguemos a idéia do purgatório. Quanto à metempsicose dos Antigos, longe de tê-la introduzido, o Espiritismo a combateu de todos os tempos, e demonstrou-lhe a impossibilidade. Quando, pois, se cessará de fazer dizer ao Espiritismo o contrário daquilo que disse? A pluralidade das existências que admite, não como um sistema, mas como uma lei da Natureza provada por fatos, dela difere essencialmente. Ora, contra uma lei da Natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há nem sistema que possa prevalecer, nem anátemas que possam anulá-la, não mais do que anular o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, querendo-se, é uma condição inerente à natureza humana, como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. É sempre deplorável para uma religião, quando ela se obstina em se manter afastada dos conhecimentos adquiridos, porque chega um momento em que, sendo transbordada pela onda irresistível das idéias, perde seu crédito e sua influência sobre todos os homens instruídos; crer-se comprometido pelas idéias novas é confessar a fragilidade de seu ponto de apoio; é pior ainda quando ela soa o alarme diante do que chama uma utopia. É uma coisa curiosa, com efeito, ver os adversários do Espiritismo se esgrimirem a dizer que é um sonho oco, sem importância e sem vitalidade, e gritar sem cessar à violência!

Segundo a máxima: "Conhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto," a melhor maneira de julgar as coisas é estudar-lhes os efeitos. Se, pois, como se pretende, a ne-

gação do inferno eternamente pessoal abre o caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades, segue-se: 1º que a crença nesse inferno abre o caminho a todas as virtudes; 2º que quem se entregue a atos imorais não teme as penas eternas, e se não as teme, é que não crê nelas. Ora, quem deve nisso crer melhor que aqueles que os ensinam? quem deve estar penetrado desse medo, impressionado pelo quadro das torturas sem fim, melhor do que aqueles que noite e dia foram embalados nessa crença? Onde essa crença e esse medo deveriam estar com toda a sua força? onde deveria haver mais moderação e moralidade, se isso não for no próprio centro do catolicismo? Se todos aqueles que professam esse dogma e fazem dele uma condição de salvação estivessem isentos de censuras, suas palavras, seguramente, teriam mais peso, mas quando se vêem tão escandalosas desordens entre aqueles mesmos que pregam o medo do inferno, disso é preciso concluir que não crêem naquilo que pregam. Como esperam persuadir aqueles que são inclinados à dúvida? Matam o dogma por seu próprio exagero e pelo seu exemplo. O dogma das penas eternas, julgado por seus frutos, não os dando bons, é uma prova de que a árvore é má; e entre esses maus frutos é preciso colocar o número imenso da incrédulos que faz cada dia. A Igreja a isso se agarra como a uma corda de salvação, mas essa corda está tão usada, que logo deixará ir a nau à deriva. Se jamais a Igreja devesse periclitar, isso seria pelo absolutismo de seus dogmas do inferno, das penas eternas, e da supremacia que ela concede ao diabo no mundo. Não se podendo ser católico sem crer nesse inferno e na condenação eterna, é preciso convir que o número dos verdadeiros católicos está desde hoje singularmente reduzido, e que mais de um Pai da Igreja pode ser considerado como maculado de heresia.

"Não será inútil acrescentar, senhor cura, que a paz das famílias está gravemente perturbada pela prática do Espiritismo; que um grande número de cabeças nisso já perderam o sentido, e que os hospícios da América, da Inglaterra e da França regurgitam, desde o presente, de suas muito numerosas vítimas; de tal sorte que se o Espiritismo propagasse suas conquistas, seria preciso mudar o nome de Petites-Maisons para Grandes-Maisons."

Se o Monsenhor de Argel tivesse haurido suas informações em outra parte senão nas fontes interessadas, teria sabido o que ocorre com esses pretensos loucos, e não teria se entregue ao eco de um conto inventado pela má-fé, e do qual o ridículo ressalta pelo próprio exagero. Um primeiro jornal falou de quatro casos, dizia-se, constatados num hospício; um outro jornal, citando o primeiro, colocou-os em quarenta; um terceiro, citando o segundo, colocou-os em quatrocentos, e acrescenta que se vai aumentar o hospício, e todos os jornais hostis de repetir à porfia dessa história; depois o Monsenhor de Argel, levado por seu zelo, retomando-a desde os alicerces, a amplia ainda dizendo que as casas de alienados da França, da Inglaterra e da América *transbordam* de vítimas da nova doutrina. Coisa curiosa! cita a Inglaterra que é um dos países onde o Espiritismo está menos difundido, e onde há certamente menos adeptos do que na Itália, na Espanha e na Rússia.

Que uma brochura efêmera e sem importância, que um jornal pouco difícil sobre a fonte das novidades que narra, avancem um fato arriscado pela necessidade da causa, não há nisso nada de espantoso, embora isso não seja mais moral; mas um documento episcopal, tendo um caráter oficial, não deveria conter coisas de uma autenticidade de tal modo averiguada, que deveria escapar até mesmo à suposição de inexatidão, mesmo involuntária.

Quanto à paz das famílias perturbadas pela prática do Espiritismo, não conhecemos nesse caso senão aquelas em que as mulheres, enganadas por seus confessores, foram solicitadas a abandonar o teto conjugai para se subtraírem às influências demoníacas trazidas pelos seus maridos espíritas. Em caso contrário, são numerosos os exemplos de famílias outrora divididas, cujos membros se reaproximaram depois dos conselhos de seus Espíritos protetores e sob a influência da Doutrina que, a exemplo de Jesus, prega a

união, a concórdia, a doçura, a tolerância, o esquecimento das injúrias, a indulgência para com as imperfeições de outrem, e conduz à paz onde reinava a cizânia. É ainda aí o caso de dizer que se julga a qualidade da árvore pelo seu fruto. É um fato averiguado que, quando há divisão nas famílias, a cisão parte sempre do lado da intolerância religiosa.

A carta pastoral termina pela ordem seguinte:

"A essas causas, e o Espírito Santo evocado, temos ordenado e ordenamos o que segue:

"Art. 1. A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é interdita a todos e a cada um na diocese de Argel.

"Art. 2. Os confessores recusarão a absolvição a quem não renuncie a toda participação, seja como médium, seja como adepto, seja como simples testemunha em sessões privadas ou públicas, ou, enfim, em uma operação qualquer de Espiritismo.

"Art. 3. Em todas as cidades da Argélia e nas paróquias rurais onde o Espiritismo se introduziu com algum estrondo, senhores curas lerão publicamente esta carta no púlpito, o primeiro domingo depois de sua recepção. Por toda a parte, alhures, será comunicada em particular, segundo as necessidades.

"Dada em Argel, a 18 de agosto de 1863."

É a primeira ordem lançada para o efeito de interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. É ela de 18 de agosto de 1863; esta data marcará nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1860, dia para sempre memorável do auto-de-fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade. Os ataques, as críticas, os sermões nada tendo produzido de satisfatório, quis-se dar um golpe pela excomunhão oficial. Vejamos se o objetivo será melhor alcançado.

Pelo primeiro artigo, a ordem se dirige a todos e a cada um na diocese de Argel, quer dizer, que a proibição de se ocupar do Espiritismo é feita a todos os indivíduos sem exceção. Mas a população não se compõe somente de católicos fervorosos; compreende, sem falar dos judeus, os protestantes e os muçulmanos, todos os materialistas, panteístas, incrédulos, livres pensadores, céticos e indiferentes, cujo número é incalculável; figuram no contingente nominal do catolicismo, porque foram nascidos e batizados nessa religião, mas em realidade eles mesmos se puseram fora da Igreja; nessa conta o Sr. Renam e tantos outros figuram na população católica. Sobre todos os indivíduos que não estão na estrita ortodoxia, a ordem é, pois, sem importância; assim o será por toda parte onde semelhante proibição for feita. Sendo, pois, materialmente impossível que uma interdição dessa natureza, de qualquer parte que venha, alcance todo o mundo, por um que não será desviado, haverá cem deles que continuarão a disso se ocupar.

Depois colocam-se de lado os Espíritos que vêm sem ser chamados, mesmo junto daqueles a quem se proíbe de recebê-los; que falem àqueles que não querem escutá-lo; que passem através das paredes quando lhes fechem a porta. Aí está a maior dificuldade, para a qual falta um artigo na ordem acima. Essa ordem não toca, pois, senão os católicos fervorosos; ora, freqüentemente temos repetido, o Espiritismo vem dar a fé àqueles que não crêem em nada os que estão na dúvida; àqueles que têm uma fé bem parada e a quem essa fé basta, e diz: guardai-a, e não procureis dela vos desviar; não diz a ninguém: "Mudai vossa crença para vir a mim;" há bastante a colher no campo dos incrédulos. Assim, a proibição não pode alcançar aqueles a quem o Espiritismo se dirige, e não alcança senão aqueles aos quais não se dirige. Jesus não disse: "Não são aqueles que se portam bem que têm necessidade de médicos." Se estes últimos vêm a ele, sem que os procure, é que nele encontram consolações e certezas que não encontram em outra parte, e neste caso passarão sobre a proibição.

Eis logo três meses que essa ordem foi dada, e já se pode apreciar-lhe o efeito. Desde o seu aparecimento, mais de vinte cartas nos foram escritas da Argélia, todas as quais confirmam o resultado previsto. Veremos o que delas há no próximo número.

EXEMPLOS DA AÇÃO MORALIZADORA DO ESPIRITISMO.

Chamamos, sobre as cartas seguintes, a atenção daqueles que pretendem que, sem o medo das penas eternas, a Humanidade não teria mais freio, e que a negação do inferno, eternamente *pessoal*, abre o caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades:

"Montreuil, 28 de agosto de 1863.

"No mês de março último, eu era ainda o que se pode chamar, com toda a força da palavra, incrustado de ateísmo e de materialismo. Não pouparei ao chefe do grupo espírita de nossa pequena cidade os gracejos e os sarcasmos; aconselhar-lhe-ei mesmo Charenton!, mas oporá aos meus escárnios uma paciência estóica.

"Ao mesmo tempo, durante a quaresma, um pregador falou do púlpito contra o Espiritismo. Essa circunstância excitou minha curiosidade, porque não via muito o que a Igreja poderia ter a discutir com o Espiritismo. Comecei, pois, a leitura do pequeno livro: *O que é o Espiritismo?* prometendo-me muito não ceder tão facilmente como o tinham feito certos materialistas convertidos, e me armei de todas as peças, persuadido de que nada poderia destruir a força de meus argumentos, e não duvidando, de nenhum modo, de uma vitória completa.

"Mas, ó prodígio! não tinha chegado à página cinqüenta, que já havia reconhecido a nulidade de minha pobre artilharia argumentai. Durante alguns minutos fiquei como iluminado, uma revolução súbita se operou em mim, e eis o que escrevi ao meu irmão, a 18 de junho:

"Sim, como dizes, a minha conversão é providencial; é a Deus que devo este sinal de grande benevolência. Sim, creio em Deus, em minha alma, em minha imortalidade depois da morte. Antes disso, tinha por filosofia uma certa firmeza de espírito pela qual me colocava acima das tribulações e dos acidentes da vida, mas dobrei-me diante de numerosas torturas morais que, pretensos amigos, tinham me infligido. A amargura dessas lembranças tinham envenenado meu coração. Ruminava mil projetos de vingança, e se não tivesse temido, por mim e pelos meus, a maldição pública, talvez tivesse dado aos meus projetos uma funesta execução. Mas Deus me salvou. O Espiritismo levou-me prontamente a crer nas verdades fundamentais da religião, da qual a Igreja havia me afastado pelo horrível quadro de suas chamas eternas, e querendo impor-me por artigos de fé dogmas que estão em contradição manifesta com os atributos infinitos de Deus. Lembrome ainda o pavor experimentado em 1814, com a idade de sete anos, quando da leitura desta linda passagem nos *Pensamentos cristãos*: "*E quando um condenado tiver sofrido tantos anos quanto há átomos no ar, folhas nas florestas, e grãos de areia sobre as praias do mar, tudo isso será contado por nada!*." E foi a Igreja que ousou proferir semelhante blasfêmia! que Deus a perdoe!"

"Continuo minha carta, caro Eugène, deixando à Igreja a propriedade do império infernal sobre a qual nada tenho a reivindicar.

"A idéia que tinha feito de minha alma deu lugar à dada pelos Espíritos. A pluralidade dos mundos, como a pluralidade das existências, não estando mais em dúvida para mim, senti imediatamente que é uma satisfação moral indefinível. A perspectiva de um nada frio e lúgubre me gelava outrora o sangue nas veias; hoje, vejo-me, por antecipação, habitante de um dos mundos mais avançados moralmente, intelectualmente e fisicamente do que o nosso planeta, à espera de que tenha chegado ao estado de puro Espírito.

"Para gozar dos benefícios de Deus, e disso tornar-me completamente digno, perdoei diligentemente aos meus inimigos, àqueles que me fizeram suportar vivas torturas morais, a todos aqueles, enfim, que me ofenderam, e abjurei todo o pensamento de vingança. Todos os dias agradeço a Deus pela alta benevolência que me testemunhou, fazendo-me sair rapidamente do mau caminho onde me lançaram o ateísmo e o materialis-

mo, e pedi conceder o mesmo favor a todos aqueles que, como eu, duvidaram dele e o negaram. Peço-lhe também fazer minha mulher, meus filhos, meu próximo, parentes, amigos e inimigos, gozarem das doçuras do Espiritismo. Enfim, peço por todos, por todas as almas sofredoras, a fim de que Deus lhes deixe entrever que sua bondade infinita não lhes fechou a porta do arrependimento. Peço também a Deus o perdão de minhas faltas, e a graça de praticar a caridade em toda a sua extensão.

"Encontro-me, pois, agora num estado perfeito de calma e de tranqüilidade sobre meu futuro. A idéia da morte nada tem mais que me apavore, porque tenho a convicção inabalável de que minha alma sobreviverá a meu corpo, e uma fé inteira na vida futura. Um único pensamento me faz mal, no entanto, é o de abandonar sobre a Terra seres que me são tão caros, com o medo de vê-los infelizes. Ai! esse medo que comporta sua dor é bem natural, em presença do egoísmo, do qual a maior parte do nosso pobre mundo está impregnada. Mas Deus me compreende; sabe que toda a minha confiança está só nele. Já senti a felicidade de rever nossa cara Laure, em dezembro último, alguns dias depois de sua morte. Seguramente, é um efeito antecipado de sua bondade para comigo."

"Desde a data dessa carta, meu caro senhor, meu bem-estar aumentou. Outrora, a menor contrariedade me irritava; hoje minha paciência é verdadeiramente notável; ela sucedeu à violência e ao desatino. A vitória que ela obteve nestes dias, numa prova bastante rude, vem em apoio da minha afirmação. Certamente, isso não fora assim no mês de março último. É bem nessas espécies de circunstâncias que a Doutrina Espírita exerce sua doce influência. Aqueles que a criticam dizem-na cheia de seduções, e eu não creio atenuar esse belo elogio achando-a cheia de volúpia.

"Meu retorno à religião causou aqui uma surpresa tanto maior quanto tinha até agora ostentado o materialismo mais desenfreado. Por uma consequência muito lógica, a meu turno, sou alvo das zombarias e dos sarcasmos, mas a isso permaneço insensível, e como o dizeis judiciosamente, tudo isso desliza sobre o verdadeiro Espírita, como a água sobre o mármore.

"Vou, meu caro senhor, terminar minha carta, cuja prolixidade poderia vos fazer perder um tempo precioso. Aceitai a expressão de minha viva gratidão pela satisfação moral, a esperança consoladora e o bem-estar que me haveis proporcionado. Continuai vossa santa missão, Deus vos abençoou, senhor!

"ROUSSEL (Adolphe),

"Prático de tabelião, antigo comissário-avaliador.

"P. S. No interesse do Espiritismo, podereis fazer uso desta carta como bem vos pareça, no todo ou em parte."

Nota. Já publicamos várias cartas desta natureza, mas seriam necessários volumes para publicar todas as que recebemos no mesmo sentido, e, o que não é menos notável, é que a maioria vem de pessoas que nos são completamente estranhas, e não são solicitadas por nenhuma outra influência senão o ascendente da Doutrina.

Eis, pois, um desses homens que foram tocados pelo anátema do monsenhor de Argel; um homem que, sem a Doutrina Espírita, teria morrido no ateísmo e no materialismo; que se apresentasse para receber os sacramentos da Igreja, seria impiedosamente repellido. Quem, pois, o reconduziu a Deus? Foi o medo das penas eternas? Não, uma vez que foi a teoria das penas eternas que dela o afastara. Quem, pois, teve o poder de acalmar seus desatinos e dele fazer um homem doce e inofensivo; de fazê-lo abjurar suas idéias de vingança para perdoar aos seus inimigos? Foi o Espiritismo somente, porque nele haurira uma fé inquebrantável no futuro; foi esta doutrina que quedeis extirpar de vossa diocese onde, certamente, se encontram muitos indivíduos no mesmo caso, e que, segundo vós, é uma praga vergonhosa para a colônia. A quem se persuadirá que seria

mais valido para esse homem permanecer o que era? Objetando-se de que era uma exceção, responderíamos por milhares de exemplos semelhantes; e, ainda, se fora uma exceção, responderíamos pela parábola das cem ovelhas, das quais uma se desviou e à procura da qual corre o pastor. Recusando-lhe o Espiritismo, que lhe teríeis dado no lugar para operar nele essa transformação? Sempre a perspectiva da condenação eterna, a única, segundo vós, que seja capaz de entrar a desordem e a imoralidade. Enfim, que o levou a estudar o Espiritismo? Foi um grupinho de Espíritas? Não, uma vez que deles fugia; foi um sermão pregado contra o Espiritismo. Por que, pois, foi convertido pelo Espiritismo e não pelo sermão? E que aparentemente os argumentos do Espiritismo eram mais convincentes do que os do sermão. Assim o foi em todas as pregações análogas; assim o será com a ordem episcopal de Argel, que terá, o predizemos, um resultado todo outro do que aquele que lhe estava prometido.

Ao autor desta carta diremos: "Irmão, esta espécie de confissão que fizestes diante dos homens é um grande ato de humildade; jamais há vergonha, mas há grandeza, em reconhecer que se está enganado e em confessar seus erros; Deus ama os humildes, porque é a eles que pertence o reino dos céus."

A carta seguinte é um exemplo não menos tocante dos milagres que o Espiritismo pode operar sobre as consciências; e, que, o resultado é tanto mais notável quando não se trata de um homem do mundo, vivendo num meio esclarecido, cujos maus pendores podem estar contidos, senão pelo medo da vida futura, pelo menos pelo da opinião, mas de um homem ferido pela justiça, de um condenado à reclusão numa casa central.

20 de setembro de 1863.

"Senhor,

"Fiquei bastante feliz por ler, por estudar algumas de vossas excelentes obras tratando do Espiritismo, e o efeito desta leitura foi tal sobre todo o meu ser, que acreditei dever disso conversar convosco; mas para que possais bem me compreender, creio necessário vos dar a conhecer as circunstâncias nas quais me encontro colocado.

"Tive a infelicidade de ser atingido por uma condenação de seis anos de reclusão, justa conseqüência de minha conduta passada; não tinha, pois, lugar para me lamentar, também não é senão por ordem que o relato.

"Ainda há um mês, me acreditava perdido para sempre; de onde vem que hoje penso de outro modo, e que a esperança se fez luz em meu coração? Não é porque o Espiritismo, revelando-me a sublimidade de suas máximas, me fez compreender que os bens terrestres nada eram; que a felicidade não existia realmente senão para aqueles que praticam as virtudes ensinadas por Jesus Cristo, virtudes que nos aproximam de Deus, nosso Pai comum? Não é também porque, embora caído num estado de abjeção, embora desonrado pela sociedade, pude esperar renascer de alguma sorte, e, nesta visão, preparar minha alma para uma vida melhor pela prática das virtudes e meu amor a Deus e ao próximo?

"Não sei se estão bem aí as verdadeiras causas da mudança que se operou em mim; mas o que sei é que se passa em todo o meu ser uma coisa que não posso definir. Estou mais disposto em comparação com os infelizes que, como eu, estão colocados sob a palmatória da sociedade. Tenho uma certa autoridade sobre uma centena dentre eles, e estou muito decidido a disso não usar senão para o bem. Minha posição moral me parece menos penosa; considero meus sofrimentos como uma justa expiação, e esta idéia me ajuda a suportá-los. Enfim, não é mais com sentimentos de ódio que considero a sociedade; dou-lhe a justiça que lhe é devida.

"Eis, disso estou seguro, as causas que reagiram sobre o meu Espírito, e que farão de mim, no futuro, disso tenho a doce esperança, um homem amante e servindo a Deus e

seu próximo, praticando a caridade e seus deveres. E a quem deverei dar graças desta feliz metamorfose que de um homem mau fará um homem amante da virtude? A Deus primeiro, a quem devemos tudo reportar, e em seguida aos vossos excelentes escritos. Também, senhor, permiti-me vo-lo dizer, esta carta tem por objetivo vos assinalar toda a minha gratidão.

"Mas por que é preciso que minha educação espírita permaneça? Sem dúvida, Deus o quis assim; que a sua vontade seja feita! Não vos deixarei ignorar, senhor, o nome da excelente pessoa a quem sou devedor do que sou agora: é o Sr. Benoít que, tendo notado em mim um desejo de retornar sobre meu passado, quis muito me iniciar na Doutrina Espírita; infelizmente, venho de perdê-lo, sua nova posição não lhe permitindo mais vir me ver. É uma grande infelicidade para mim, não vos escondo, porque aos conselhos junta o exemplo. Também ele deve sua melhoria à Doutrina. Disse-me: "Até que haja sido esclarecido do Espírito espírita, logo que minha refeição terminava, entregava-me ao café, e aí, freqüentemente, esquecia não só meus deveres para com a minha pequena família, mas ainda para com meu patrão. O tempo que passava assim, emprego-o agora na leitura dos livros espíritas, leitura que faço em voz alta, para que minha família dela aproveite. E crede-me, acrescentava o Sr. Benoit, isso vale mais, é o começo da verdadeira, da única felicidade."

Perdoai-me, vos peço, minha temeridade, e sobretudo a extensão desta carta, e acreditai, etc.

"D..."

O Sr. Benoít é um simples operário. Havia sido instruído no Espiritismo por uma senhora da cidade, da qual havia falado ao prisioneiro. Este último, antes da partida do seu instrutor, escreveu a essa senhora a carta seguinte:

"Senhora,

Sou, sem dúvida, muito temerário em ousar vos dirigir algumas linhas, mas espero em vossa bondade para me perdoar, sobretudo em razão das causas que me fazem agir. Tenho primeiro que vos agradecer, senhora, mas a vos agradecer do mais fundo do meu coração, de toda a minha alma, pelo bem que fizestes, permitindo ao Sr. Benoít de instruir-me no Espiritismo, desta sublime doutrina chamada a regenerar ao mundo, e que sabe tão bem demonstrar ao homem o que deve à Deus, à sua família, à sociedade, a si mesmo; que, provando-lhe que tudo não acaba com esta vida, convida-o e lhe dá os meios de se preparar para uma outra vida. Creio ter aproveitado os úteis ensinamentos que recebi, porque sinto um sentimento que me deixa melhor disposto para os meus semelhantes, e me faz sempre ter o pensamento para o céu. Está aí um começo de fé? Espero-o; infelizmente o Sr. Benoít vai partir, e com ele a minha esperança de me instruir.

"Sei que sois boa, que tereis pensado em continuar a me dar os meios de me esclarecer; a isso; vos conjuro de joelhos, continuai a obra tão bem começada; ela vos será contada por Deus, porque tendes a esperança de fazer de um infeliz perdido nos vícios do mundo um homem virtuoso, um homem digno deste nome, de sua família e da sociedade. À espera desse dia em que, livre, poderei dar minhas provas, vos bendirei como meu Espírito sobre esta Terra; eu vos associarei às minhas preces, e um dia virá em que poderei também ensinar à minha família a vos bendizer, a vos venerar, porque ter-lhe-eis dado um filho, um irmão homem honesto; é impossível nisso ser de outro modo quando se serve a Deus sinceramente. Concluo, pois, senhora, pedindo-vos ser sobre a Terra, meu bom Espírito, de consentir em me dirigir no bom caminho; o que fizerdes será contado como uma boa obra; quanto a mim, vos prometo ser dócil aos vossos ensinamentos.

"Termino, etc."

Nota. -Assim, o Sr. Benoît, simples operário, era ele mesmo um exemplo recente do efeito moralizador do Espiritismo, e já, a seu turno, leva ao bom caminho uma alma desviada; restitui à sua família, à sociedade, um homem honesto em lugar de um criminoso, boa obra para a qual ocorreu uma senhora caridosa, estranha a ambos, mas animada do único desejo de fazer o bem; tudo isso se fez na sombra, sem magnificência, sem ostentação, e com o único testemunho da consciência.

Espíritas, eis desses milagres dos quais deveis estar orgulhosos, que todos podeis operar, e para os quais não tendes necessidade de nenhuma faculdade excepcional, porque basta o desejo de fazer o bem. Se o Espiritismo tem um tal poder sobre as almas enfraquecidas, o que dele não se deverá esperar para a regeneração da Humanidade, quando tiver se tornado a crença comum, e que cada um a empregará na esfera de sua ação! Vós todos que atirais a pedra ao Espiritismo e dizeis que ele enche as casas de alienados, dai, pois, em lugar alguma coisa mais que não produziu. Pelo fruto se reconhece a qualidade da árvore; julgai, pois, o Espiritismo pelos seus frutos, e tratai de dá-los melhores; então sereis seguidos. Ainda alguns anos, e vereis muitos outros prodígios; não sinais no céu para ferir os olhos, como isso pediam os Fariseus, mas prodígios no coração dos homens, e dos quais o maior será fechar a boca aos detratores, e abrir os olhos aos cegos, porque é preciso que as predições do Cristo se cumpram, e elas se cumprirão todas.

NOVO SUCESSO DO ESPÍRITO DE CARCASSONNE

O Espírito tiptólogo de Carcassonne mantém sua reputação, e prova, pelo sucesso que obtém nos concursos em que se apresenta como candidato, o mérito incontestável de suas excelentes fábulas e poesias. Depois de ter ganho o primeiro prêmio, a Rosa de ouro, na academia de Jogos Florais de Toulouse, vem recentemente de obter uma medalha de bronze no concurso de Nimes. O *Courrier do Aude* disse a esse respeito: "Esta distinção é tanto mais lisonjeira quanto o concurso não era restrito somente às fábulas e às poesias, mas que abarcava todas as obras literárias."

Esse novo triunfo lhe pressagia, seguramente, outros para o futuro, porque é provável que esse Espírito nisso não se terá aí. Decididamente tornou-se um concorrente temível. Que dirão os incrédulos? O que já disseram por ocasião do sucesso de Toulouse: Que o Sr. Joubert é um poeta que tem a fantasia de se esconder sob o manto de um Espírito. Mas aqueles que conhecem o Sr. Joubert sabem que ele não é poeta; e, aliás, o fosse, o modo de obtenção, pela tiptologia, em presença de testemunhas, tira toda espécie de dúvida, a menos que se suponha que se esconde, não sob a mesa, mas na mesa. O que quer que seja, os fatos dessa natureza não podem deixar de chamar a atenção de pessoas sérias e de apressar o momento em que as relações do mundo visível e do mundo invisível serão admitidas como uma das leis da Natureza; reconhecida esta lei, a filosofia e a ciência entrarão necessariamente num novo caminho. A Providência, que quer o triunfo do Espiritismo, porque o Espiritismo é uma das grandes etapas do progresso humano, emprega diversos meios para fazê-lo penetrar no espírito das massas; meios apropriados ao gosto e às disposições de cada um, tendo em vista que o que convence uns não convence os outros; aqui são os sucessos acadêmicos de um Espírito poeta; lá são os fenômenos tangíveis provocados ou manifestações espontâneas; em outra parte são efeitos puramente morais; depois curas que outrora eram passadas por miraculosas, e confundem a ciência vulgar; as produções artísticas por pessoas estranhas às artes. Há até os casos de obsessão e de subjugação que, provando a impotência da ciência nessa espécie de afecções, conduzirão os sábios a reconhecer uma ação extra-material. Temos, enfim, necessidade de acrescentar que os adversários da idéia espírita são, nas mãos da Providência, um dos mais poderosos meios de vulgarização? porque é muito evidente que

sem a repercussão de seus ataques, o Espiritismo seria menos difundido do que não o é; Deus, convencendo-os da impotência, quis que eles mesmos servissem ao seu triunfo. (Ver a *Revista* de junho de 1863.)

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS E DOS MUNDOS HABITADOS,

PELO DOUTOR GELPKE.

Devemos à gentileza de um de nossos correspondentes de Bordeaux a interessante passagem seguinte, extraída de uma obra intitulada: *Exposição da grandeza da criação universal*, pelo doutor GELPKE, publicada em Leipzig em 1817.

"... Se, pois, a construção de todos os mundos que brilham acima de nós pudesse ser submetida ao nosso exame, de que admiração não seríamos tocados vendo a diversidade dos globos, dos quais cada um é de outro modo organizado do que aquele que lhe é mais vizinho na ordem da criação! E, assim como já disse, sendo incalculável o número dos mundos, sua construção deve ser, igualmente, diferente ao infinito.

"Como, além disso, da organização de cada mundo depende a organização dos seres que o habitam, estes devem, tanto ao interior, quanto ao exterior, diferenciar essencialmente sobre cada globo. Se considerarmos agora a multiplicidade e a imensa variedade das criaturas sobre a nossa Terra, onde nem mesmo uma folha se parece a uma outra, e que admitíssemos que uma tão grande variedade de criaturas sobre cada mundo, quão prodigiosa deles nos parecerá a multidão no incomensurável reino de Deus!

"Qual será, pois, um dia a plenitude de nossa felicidade, quando, *sob envoltórios sempre mais perfeitos*, penetraremos sucessivamente mais adiante nos mistérios da criação, e que encontraremos mundos sem fim povoando um espaço sem fim! Quanto então Deus não nos parecerá mais adorável ainda, ele que tira todo esse conjunto do nada, ele cuja bondade sem limites não criou tudo senão para deles fazer gozarem os seres vivos, e cuja sabedoria ordenou esse todo de maneira tão admirável!

"Mas nossa residência e nossa conformação atuais podem nos proporcionar uma tal felicidade? Não temos necessidade para isso de uma outra morada que nos colocará mais adiante no domínio da criação, e de um envoltório mais sutil e mais perfeito, que não entrará no nosso espírito em seus progressos para a perfeição, e por meio do qual poderá ver, sem ajuda, no todo universal, muito além do que o podemos aqui com os melhores instrumentos?

"Mas, por que o Criador não nos daria, *depois de vários graus de existência*, um envoltório que, semelhante ao relâmpago, poderia se elevar de mundos em mundos, nos permitindo assim, ao mesmo tempo, considerar tudo de mais perto, e melhor abarcar o conjunto pelo pensamento? Quem ousaria disso duvidar, quando vemos a brilhante borboleta nascer da lagarta, e a árvore deslumbrante de flores provir de uma semente? Se Deus desenvolve assim, pouco a pouco, a lagarta, e no-la mostra esplendidamente transformada, se desenvolve tanto o germe gradualmente, quanto não fará para nos progredir, homens, reis da Terra, e avançar na criação!"

Pluralidade dos mundos habitados, pluralidade das existências, perispírito, progresso sucessivo e indefinido da alma, tudo aí está.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

A nova torre de Babel.

(Sociedade de Paris. - 6 de fevereiro de 1863. - Médium, senhora Costel.)

O Espiritismo é o Cristianismo da idade moderna; ele deve restituir às tradições seu sentido espiritualista. Outrora, o Espírito se fez carne; hoje, a carne se faz Espírito para desenvolver a idéia gigantesca que deve renovar a face do mundo. Mas à festa da criação espírita sucederão a perturbação e o orgulho dos sistemas diversos, que, desprezando os sábios ensinamentos, planejarão uma nova torre de Babel, obra de confusão, logo reduzida a nada, porque as obras do passado são a garantia do futuro, e nada se dissipa do tesouro da experiência amontoado pelos séculos. Espíritas, formai uma tribo intelectual; segui vossos guias mais documento do que não fizeram os Hebreus; viemos também vos livrar do jugo dos Filisteus, e vos conduzir para a Terra Prometida. Às trevas das primeiras idades sucederá a aurora, e ficareis maravilhados de compreender a lenta reflexão das idades anteriores sobre o presente. As lendas reviverão energicamente como a realidade, e adquirireis a prova da admirável unidade, garantia da aliança contratada por Deus com suas criaturas.

SÃO LUÍS

O verdadeiro Espírito das tradições
(Sétif, Argélia, 15 de outubro de 1863.)

Abri as Escrituras sagradas, e nela encontrareis, a cada página, predições ou alegorias incompreensíveis para quem não está ao corrente das revelações novas, e que, para a maioria, foi interpretada pelos seus comentaristas de maneira conforme à sua opinião e, muito freqüentemente, ao seu interesse. Mas tomando por guia a ciência que começastes a adquirir, sabereis descobrir facilmente o sentido oculto que elas encerram.

Os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados que não lhes davam, em suas revelações, senão ensinamentos de natureza a serem compreendidos pelas inteligências de elite e cujo senso não estivesse em oposição muito patente com o estado dos conhecimentos e dos preconceitos daqueles tempos. Seria preciso que fosse possível interpretá-los de maneira apropriada à inteligência das massas, para que estas não os rejeitassem, como não teriam deixado de fazê-lo, se essas predições estivessem em oposição muito formal com as idéias gerais.

Hoje nosso cuidado deve ser o de vos esclarecer completamente, e, ao mesmo tempo, de vos fazer compreender a aproximação que existe entre a nossa revelação e a dos antigos. Temos uma outra tarefa a cumprir, é a de combater a mentira, a hipocrisia e o erro, tarefa muito difícil e muito árdua, mas da qual chegaremos ao fim, porque tal é a vontade de Deus. Tende fé e coragem; Deus não encontra jamais obstáculo irresistível à sua vontade. Os meios imprevistos serão empregados por suas ordens para vencer o gênio do mal personificado agora por aqueles que deveriam caminhar à frente do progresso, e propagar a verdade em lugar de pôr-lhe entraves por orgulho ou por interesse.

É preciso, pois, anunciar por toda a parte com confiança e segurança o fim próximo da escravidão, da injustiça e da mentira; digo o fim próximo, porque os acontecimentos, se bem que devendo se cumprir com a sábia lentidão que a Providência põe em suas reformas, para evitar as infelicidades inseparáveis de uma grande precipitação, terão seu curso num espaço de tempo mais próximo do que não o esperam aqueles que se assustam com os obstáculos que prevêem, e que não o esperam também aqueles que, por medo ou por egoísmo, estão interessados na manutenção indefinida do estado das coisas.

Sede, pois, ardentes na propaganda, mas prudentes à frente de vossos ouvintes, para não assustar as consciências tímidas e ignorantes; só os egoístas não exigem nenhuma reserva, e não devem vos inspirar nenhum medo. Tendes a ajuda de Deus, sua resistência será impotente contra vós; é preciso mostrar-lhes, sem equívoco, o futuro terrível que os espera, por causa deles mesmos, e por causa daqueles que se deixaram

perverter por seu exemplo, porque cada um é responsável pelo mal que faz, e daquele do qual é causa.

SANTO AGOSTINHO.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

6^a ANO

NO. 12

DEZEMBRO 1863

UTILIDADE DO ENSINO DOS ESPÍRITOS.

Um publicista distinto, pelo caráter do qual professamos a mais profunda estima e cujas simpatias foram adquiridas pela filosofia espírita, mas a quem a utilidade do ensino dos Espíritos não foi ainda demonstrada, nos escreveu o que se segue:

".....Creio que a Humanidade está de posse há muito tempo dos princípios que expusestes, princípio de que gosto e que defendo sem o recurso das comunicações espíritas, o que não quer dizer, notai-o bem, que negue os recursos das luzes divinas. Cada um de nós recebe esse recurso num certo limite, segundo o grau de sua boa vontade, de seu amor ao próximo, e também na medida da missão que tem a cumprir durante a sua passagem sobre a Terra. Não sei se vossas comunicações vos colocaram em posse de uma única idéia, de um único princípio que não haja sido precedentemente exposto pela série dos filósofos e dos pensadores que, desde Confúcio até Platão, até Moisés, Jesus Cristo, Santo Agostinho, Lutero, Diderot, Voltaire, Condorcet, Saint-Simon, etc., fizeram progredir nosso humilde planeta. Não o sinto, e se me engano, vos seria muito reconhecido do trabalho que tomardes para me demonstrar meu erro. Notai bem que não condeno vossos procedimentos espíritas: creio-os inúteis para mim, etc..."

Meu caro senhor, vou responder em algumas palavras à vossa pergunta. Não tenho nem vosso talento nem vossa eloquência, mas tratarei de ser claro, não só para vós, mas para meus leitores, a quem minha resposta poderá servir de ensinamento, é porque a faço por intermédio de meu jornal.

Direi primeiro que, de duas coisas uma, ou as comunicações com os Espíritos existem, ou elas não existem. Se não existem, *milhões* de pessoas que se comunicam diariamente com eles se envolvem uma estranha ilusão, e eu mesmo terei tido uma singular idéia de lhes atribuir o que teria podido me fazer um mérito; mas é tanto menos útil discutir este ponto quanto não o contestais. Se essa comunicação existe, deve ter sua utilidade, porque Deus não faz nada de inútil; ora, essa utilidade ressalta não só desse ensinamento, mas ainda e sobretudo das conseqüências desse ensino, assim como o veremos dentro em pouco.

Dizeis que essas comunicações não ensinam nada de novo daquilo que foi ensinado por todos os filósofos desde Confúcio, de onde concluís que elas são inúteis. O provérbio: "Nada há de novo sob o Sol" é perfeitamente verdadeiro, e Edouard Fournier demonstrou-o claramente em sua interessante obra do *Vieux neuf*, o que disse das obras da indústria é inteiramente verdadeiro em matéria filosófica, e isto por uma razão muito simples, é que as grandes verdades são de todos os tempos, e de todos os tempos deveram se revelar a homens de gênio. Mas do fato de que um homem formulou uma idéia, segue-se que aquele que a formule depois dele seja inútil? Sócrates e Platão não anunciaram princípios morais idênticos aos de Jesus? Seria preciso disso concluir que a doutrina de Jesus foi uma superfluidade? Nessa conta, bem poucos trabalhos seriam de uma utilidade real,

uma vez que, na maioria, pode-se dizer que um outro teve o mesmo pensamento, e que basta ali ter recursos. Vós mesmo, meu caro senhor, que consagrais vosso talento ao triunfo das idéias de progresso e de liberdade, que dizeis que cem outros não hajam tido antes de vós? É preciso disso concluir que deveríeis vos calar? Não o pensais. Confúcio, por exemplo, proclama uma verdade, depois um, dois, três, cem outros homens vêm depois dele, que a desenvolvem, a completam, e a apresentam sob uma outra forma, se bem que essa verdade, que permaneceu nos cartões da história e no privilégio de alguns eruditos, se popularize, se infiltre nas massas e acabe por se tornar uma crença vulgar. O que teria advindo das idéias dos filósofos antigos se não tivessem sido retomadas em seus alicerces pelos escritores modernos? Quantos os conhecem hoje? É assim que cada um, a seu turno, vem dar seu golpe de martelo.

Suponhamos, pois, que os Espíritos nada tenham ensinado de novo; que não hajam revelado a menor verdade nova; que não hajam feito, em uma palavra, senão todas aquelas que os apóstolos do progresso professaram, não é, pois, nada senão esses princípios ensinados hoje, pelas vozes do mundo invisível em todas as partes do mundo, no interior de todas as famílias, desde o palácio até a choupana? Não é, pois, nada senão esses milhões de golpes de martelo batidos todos os dias, a toda hora e por toda parte? Credes que as massas não estão nisso mais penetradas e impressionadas, vindo de seus parentes ou amigos, do que pelas máximas de Sócrates e de Platão que jamais leram ou que não conhecem senão de nome? Como, vós, meu caro senhor, que combateis os abusos de todas as espécies, podeis desdenhar um semelhante auxiliar? um auxiliar que bate em todas as portas, desafiando todos os castigos e todas as medidas inquisitoriais? Só esse auxiliar, disto tereis um dia a prova, triunfará de todas as resistências porque toma os abusos pela base apoiando-se sobre a fé que se extingue e que vem consolidar.

Pregais a fraternidade em termos eloqüentes, está muito bem, e vos admiro; mas o que é a fraternidade com o egoísmo? O egoísmo será sempre a dificuldade imprevista para a realização das idéias mais generosas; os exemplos antigos e recentes não faltariam ao apoio dessa proposição. É preciso, pois, tomar o mal em sua raiz, e por isso combater o egoísmo e o orgulho que fizeram e farão abortar os projetos melhor concebidos; e como destruir o egoísmo sob o império das idéias materialistas que concentram a ação do homem sobre a vida presente? Para aquele que nada espera depois desta vida, a abnegação não tem nenhuma razão de ser; o sacrifício é uma velhacaria, porque é tanto tirado sobre os curtos gozos deste mundo. Ora, quem dá essa fé inalterável no futuro melhor do que o Espiritismo?

Como chegou a triunfar da incredulidade de um tão grande número, a domar tantas paixões más, se não é pelas provas materiais que dá, e como pode dar essas provas sem as relações estabelecidas com aqueles que não estão mais sobre a Terra? Não é, pois, nada ter ensinado aos homens de onde vêm, onde vão, e o futuro que lhes está reservado? A solidariedade que ensina não é mais uma simples teoria, é uma conseqüência forçada das relações que existem entre os mortos e os vivos; relações que fazem da fraternidade entre vivos não só um dever moral, mas uma necessidade, porque há do interesse da vida futura.

As idéias de casta, os preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não foram de todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Basta dizer em teoria aos privilégios do nascimento e da fortuna: Todos os homens são iguais! O Evangelho bastou para persuadir aos cristãos possuidores de escravos de que esses escravos eram seus irmãos? Ora, quem pode destruir esses preconceitos, que passa um nível sobre todas as cabeças melhor do que a *certeza* que nas últimas classes da sociedade se encontram seres que ocuparam o alto da escala social, que entre nossos servidores, entre aqueles a quem damos esmolas podem se encontrar parentes, amigos, homens que nos comandaram; que aqueles, enfim, que estão no alto colocados agora podem descer ao último degrau? Está, pois, aí um ensinamento estéril para a Humanidade? Esta

idéia é nova? Não; mais de um filósofo a emitiu e pressentiu essa grande lei da justiça divina; mas não é nada senão dar-lhe a prova palpável, evidente? Muitos séculos antes de Copérnico, Galileu e Newton, a redondeza e o movimento da Terra foram postos em princípios; esses sábios vieram demonstrar o que outros não fizeram senão supor; assim há Espíritos que vêm provar as grandes verdades, permanecidas no estado de letras mortas para a maioria, dando-lhes por base uma lei da Natureza.

Ah! meu caro senhor, se soubésseis quanto eu quantos homens, que tivessem sido entraves para a realização das idéias humanitárias, mudaram de maneira de ver e delas se tornam hoje os campeões, graças ao Espiritismo, não diríeis que o ensino dos Espíritos é inútil; vós os abençoaríeis como a âncora de salvação da sociedade, e pediríeis com todos os vossos votos a sua propagação. Foi, pois, o ensino dos filósofos que lhes faltou? Não, porque a maioria é de homens esclarecidos, mas para eles os filósofos eram sonhadores, utopistas, bons falantes; que digo eu? revolucionários; seria preciso tocar-lhes o coração, e o que os tocou foram as vozes de além-túmulo que ainda se fazem ouvir em seu próprio lar.

Permiti-me, caro senhor, em disso ficar por aqui hoje; a abundância de matérias força-me a remeter para o próximo número a questão considerada de um outro ponto de vista.

O ESPIRITISMO NA ARGÉLIA.

A respeito de nosso artigo do mês último, sobre a ordem do Mons., o bispo de Argel, várias pessoas nos perguntaram se lho havíamos endereçado. Ignoramos se alguém se encarregou desse cuidado; quanto a nós, não o fizemos, e eis a nossa razão:

Não temos nenhuma intenção de converter o Mons. de Argel às nossas opiniões. Teria ele podido ver, no envio direto desse artigo, uma espécie de desafio de nossa parte, o que não está no nosso caráter. O Espiritismo, ainda uma vez, deve ser aceito livremente e não violentar nenhuma consciência; deve atrair a ele pelo poder de seu raciocínio, acessível a todos, e pelos bons frutos que dá; deve realizar esta palavra do Cristo: "Outrora o céu era ganho pela violência, hoje, o é pela doçura." De duas coisas uma: ou o Mons. de Argel prende-se a não falar senão daquilo que sabe, ou não se prende a isso. No primeiro caso, deve por si mesmo pôr-se ao corrente da questão, e não se limitar aos escritos que são abundantes em seu sentido, se não quiser se expor a cometer lamentáveis erros: no segundo caso, isso seria trabalho perdido procurar abrir os olhos a quem quer fechá-los.

É um grave erro crer que a sorte do Espiritismo depende da adesão de tal ou ai individualidade; ele se apoia sobre uma base mais sólida; o assentimento das massas, nas quais as opiniões dos mais pequenos tem seu peso como a dos mais maiores. Não é uma única pedra que faz a solidez de um edifício, porque uma pedra pode ser derrubada; mas o conjunto de todas as pedras que lhe servem de fundação. Numa questão de um tão vasto interesse, a importância das individualidades, consideradas em si mesmas, se apaga de alguma sorte; cada um traz seu contingente de ação, mas que alguns falem ao chamado, o conjunto com isso não sofre.

Em sua opinião, o Mons. de Argel acreditou dever fazer o que fez; estava em seu direito; dizemos mais: tinha muito que fazê-lo uma vez que agiu segundo a sua consciência; se o resultado não responde à sua espera, é que tomou caminho falso, eis tudo. Não nos pertence procurar mudar suas idéias, e, por esse motivo, não tínhamos que endereçar-lhe nossa refutação. Não escrevemos para ele, mas para a instrução dos Espíritos de todos os países, a fim de tranquilizá-los sobre as conseqüências de uma tentativa que provavelmente terá imitadores. Pouco importa, pois, a medida em si mesma; o essencial era

provar que nem esta nem outras podem atingir o objetivo que se propôs: o aniquilamento do Espiritismo.

Em tese geral, em todas as nossas refutações, jamais tivemos em vista os indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas. O Espiritismo vê as coisas de mais alto; liga-se às questões de princípio, que sobrevivem aos indivíduos. Num tempo dado, todos os detratores atuais do Espiritismo estarão mortos; uma vez que, quando vivos, não detiveram seu impulso, ou poderão ainda menos quando não estiverem mais aqui; muito ao contrário, mais de um, reconhecendo seu erro, secundará como Espírito o que havia combatido como homem, assim como o fez luz o bispo de Barcelona, que recomendamos às preces de todos os Espíritas, segundo o desejo que manifestou. Vede já se, antes de partir, mais de um antagonista não está morto moralmente! De todos os escritos que pretendem pulverizar a Doutrina, quantos sobreviveram? Um ano ou dois bastaram para colocar a maioria no esquecimento, e aqueles que fizeram mais barulho não lançaram senão um fogo de palha, já extinto ou se extinguindo a cada dia; ainda alguns anos, e isso não será mais questão, serão procurados como raridades. Ocorre o mesmo com as idéias espíritas? Os fatos respondem à pergunta. É de presumir que depois de seus autores virão adversários mais temíveis que terão razão do Espiritismo? É pouco provável, porque não é nem o talento, nem a boa vontade, nem a alta posição que faltam àqueles hoje; são todo fogo e todo ardor; o que lhes falta, são argumentos que levem a melhor sobre os do Espiritismo, e certamente não é por falta de procurá-los; ora, a idéia espírita ganhando sem cessar partidários, o número dos adversários diminuirá em proporção, e se verão forçados a aceitar um fato realizado.

De resto, já dissemos que o clero não é unânime na sua reprovação contra o Espiritismo; conhecemos pessoalmente vários eclesiásticos que são muito simpáticos a esta idéia, e aceitando-lhe todas as conseqüências; eis disso uma prova bem característica. O fato seguinte, do qual podemos garantir a autenticidade, é muito recente.

Num compartimento da estrada de ferro se encontravam dois senhores, um sábio, materialista e ateu ao grau supremo, e seu amigo, ao contrário, muito espiritualista. Discutiam calorosamente e sustentavam cada um a sua opinião. Numa estação subiu um jovem abade que escutou primeiro a conversação, depois nela tomou parte. Dirigindo-se ao incrédulo, disse-lhe: "Parece, senhor, que não credes em nada, nem mesmo em Deus? -

É a verdade, eu o confesso, senhor abade, e ninguém ainda pôde me provar que estou no erro. - Pois bem!! eu vos convido a ir aos Espíritas, e creereis. - Como! senhor abade, que me tendes semelhante linguagem? - Sim, senhor, e digo-o porque é minha convicção. Sei, por experiência, que quando a religião é impotente para vencer a incredulidade, o Espiritismo dela triunfa. -Mas, que pensará vosso bispo se souber o que me dizeis aqui? -Pensaria disso o que quisesse, e dir-lho-ia a ele mesmo, que tenho por hábito não esconder meu modo de pensar."

Foi esse próprio sábio que contou o fato a um de seus amigos, de quem o temos.

Eis um outro deles não menos significativo. Um de nossos fervorosos adeptos, tendo ido ver um de seus tios, cura de uma aldeia, encontrou-o ocupado em ler *O Livro dos Espíritos*. Transcrevemos textualmente o relato que nos deu de sua conversação. "Ora essa! meu tio, ledes este livro, e não tendes medo de ser condenado? Sem dúvida, é para refutá-lo em vossos sermões? -Ao contrário, essa doutrina me tranqüiliza sobre o futuro, porque compreendo hoje muitos mistérios que não tinha podido compreender, mesmo no Evangelho. E tu, é que conheces isto? - Como, pois, se o conheço! Sou Espírita de coração e de alma, e além disso um pouco médium. - Então, meu caro sobrinho, toca aqui! Jamais pudemos nos entender sobre a religião, agora nos compreenderemos. Por que não me falaste ainda disso? - Temia vos escandalizar. - Tu me escandalizavas outrora muito mais por tua incredulidade. - Se era incrédulo, fostes vós a sua causa. - Como assim? - Não fostes vós que me educastes? E o que foi que me ensinastes com relação à religião? Quisestes sempre me explicar o que vós mesmo não compreendíeis; depois,

quando vos questionava e que não sabíeis o que me responder, dizíeis: "Cala-te, infeliz! é preciso crer e não procurar compreender. Tu não serás jamais senão um ateu. "Agora, sou eu talvez que poderia vos servir de exemplo. Também, sou eu que me encarrego de instruir meu filho; ele tem dez anos, e vos asseguro que é mais crente do que eu não o era em sua idade, nas vossas mãos, e não temo que perca jamais a sua fé, porque compreende tudo tão bem quanto eu. Se vísseis como ele ora com fervor, como é dócil, laborioso, atento a todos seus desejos, serieis disso edificado. Mas, dizei-me, meu tio, é que pregais o Espiritismo aos vossos paroquianos? - Disso não é o bom desejo que me impede, mas tu compreendes que isto não é possível. - É que vós lhes falastes sempre na fornalha do diabo, como no meu tempo? Posso vos dizer isto agora sem vos ofender; mas, verdadeiramente, isso nos fazia rir muito; entre vossos ouvintes, vos certifico que não havia somente três ou quatro boas mulheres que acreditavam naquilo que dizíeis; as jovens, que são comumente muito medrosas, iam "brincar com o diabo", saindo do sermão. Se esse receio teve tão pouco poder sobre pessoas do campo, naturalmente supersticiosas, julgai de que isso deve ser naqueles que são esclarecidos. Ah! meu caro tio, é grande tempo de mudar de bateria, porque o diabo terminou seu tempo. - Bem o sei, e o pior de tudo isso, é que a maioria não crê mais em Deus do que no diabo, é porque estão mais freqüentemente no cabaré do que na igreja. Estou, asseguro-te, algumas vezes muito embaraçado para conciliar meu dever e minha consciência; trato de tomar um meio-termo; falo mais freqüentemente de moral, dos deveres para com a família e a sociedade, apoiando-me sobre o Evangelho, e vejo que sou melhor compreendido e melhor escutado. - Que resultado pensais que se obteria pregando-lhes a religião do ponto de vista do Espiritismo? - Fizeste-me tua confissão, vou te fazer a minha e falar-te com o coração aberto. Tenho a convicção de que, antes de dez anos, não haverá um único incrédulo na paróquia, e que todos serão homens honestos; o que lhes falta é a fé; neles não há mais dela, e seu ceticismo, não tendo o contrapeso o respeito humano que a educação dá, tem alguma coisa de bestial. Falo-lhes de moral, mas a moral sem a fé não tem base, e o Espiritismo lhes daria essa fé; porque essas pessoas, apesar de sua falta de instrução, têm muito de bom senso; raciocino mais do que não se crê, mas são extremamente desconfiadas, e essa desconfiança faz que queiram compreender antes de crer; ora, não há para isso nada melhor do que o Espiritismo. - A conseqüência daquilo que dissestes, meu tio, é que, se esse resultado é possível numa paróquia, o é igualmente nas outras; se, pois, todos os curas da França pregassem apoiando-se sobre o Espiritismo, a sociedade seria transformada em poucos anos. - É a minha opinião. - Pensais que isso chegará um dia? - Disso tenho a esperança. -E eu, tenho a certeza de que antes do fim deste século ver-se-á essa mudança. Dizei-me, meu tio, sois médium? - Silêncio! (*baixinho*) Sim! - E que vos dizem os Espíritos? - Dizem-me que..." (Aqui o bom cura fala tão baixo que seu sobrinho não pode ouvir.)

Dissemos que a ordem do Mons. de Argel não tinha detido o impulso do Espiritismo nesse país; o extrato seguinte de duas cartas, entre muitas outras análogas, pode disso dar uma idéia.

"Caro e venerado mestre, venho hoje, confirmando-vos minha precedente carta, e por ocasião da circular do Mons. bispo de Argel, vos renovar a segurança da ligação inviolável de todos os Espíritos de nosso grupo à santa e sublime doutrina do Espiritismo, que não se chegará jamais a nos persuadir se a obra é do diabo, porque nos arrancou da dúvida e do culto da matéria, e que ela nos torna melhores uns para com os outros, mesmo por nossos inimigos, por quem fazemos cada dia uma prece. Continuamos, como pelo passado, a nos reunir e a receber as instruções de nossos Espíritos protetores, que nos asseguram que tudo isso que se passa é para o melhor e segundo as vistas do Providência. Todos nos dizem que os tempos estão próximos em que as grandes mudanças vão se operar nas crenças às quais o Espiritismo servirá de laço para levar todos os homens à fraternidade..."

Uma outra carta disse: "A ordem do Mons. bispo de Argel tem fornecido ao nosso cura o assunto de um sermão fulminante contra o Espiritismo, mas isso ocorreu por conta de sua eloquência; engano-me, porque fez uma tão forte impressão sobre vários zombadores, que estes, vendo o Espiritismo levado a sério pela autoridade eclesiástica, disseram a si mesmos que ali deveria ter alguma coisa de sério; puseram-se, pois, a estudá-lo, e agora não têm nada mais disso e são dos nossos. De resto, o número dos Espíritas continua a aumentar e vários novos grupos estão em vias de se formar."

Toda a nossa correspondência é no mesmo sentido, e não nos assinala uma única defecção, mas somente alguns indivíduos que sua posição, dependente da autoridade eclesiástica, obriga a não se porem em evidência, sem cessarem, no entanto, de se ocupar do Espiritismo na intimidade ou no silêncio do gabinete. Podem-se impor os atos exteriores, mas não dominar a consciência. A comunicação adiante prova que, não mais entre os Espíritos do que entre os homens, o impulso não se abrandou.

Sétif, 17 de setembro de 1863.

"Venho a vós, meus amigos, cheio de alegria, vendo o Espiritismo fazer rápidos progressos, tomar cada dia novas forças, no meio dos entraves que lhe opõem. Essas forças não são unicamente do número, mais ainda as da união, da fraternidade, da caridade. Tende, pois, confiança, esperança e coragem caminhando nessa santa rota do progresso espírita, do qual nenhum poder humano vos deterá.

"No entanto, esperai a luta, e preparai-vos para sustentá-la. Vossos inimigos que estão ali vos forjam pesadas cadeias com as quais esperam vos ter e vos domar. Que farão contra a vontade de Deus, que vos protege? Os fundamentos de sua fé se elevarão apesar de todos os empecilhos. Os servidores do Todo-Poderoso estão cheios de ardor e de zelo; não se deixarão abater; resistirão a todos os ataques; caminharão na senda, quando mesmo e sempre; os entraves, as cadeias se quebrarão como se fossem de vidro.

"Eu vos digo, velai, orai, estendei a mão aos infelizes, abri-lhe os olhos que estão fechados; que vossos corações e vossos braços estejam abertos a todos sem exceção. Espíritas, vossa tarefa é bela! o que há de mais belo, de mais consolador, do que esse pacto de união entre os vivos e os mortos? Que imensos serviços poderemos nos dar mutuamente! Por vossas preces a Deus, falando do fundo do coração, muito podeis para o alívio das almas que sofrem, e quanto o benefício é doce ao coração daquele que o pratica! Que tocante harmonia senão a das bênçãos que tereis merecido! Ainda uma vez, orai elevando vossa alma ao céu, e ficai persuadidos de que cada uma de vossas preces será escutada e abrandará uma dor.

"Compreendi bem que quanto mais conduzirdes os homens a vos imitar, mais o conjunto de vossas preces terá poder. Tomai os homens pela mão, e conduzi-os no verdadeiro caminho onde engrossarão a vossa falange. Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que o próprio Divino Mestre ensina em suas comunicações, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos. Aqueles que viverem verão coisas admiráveis, eu vo-lo digo.

"P. É preciso responder a essa ordem pela imprensa? - R. Meu Deus, permiti-me dizer-lhes o que penso! Estabeleceram eles uma rota; fazem-na varrer para que o povo ali passeie com mais comodidade e em maior número; também a multidão vem ali se espremer. Deveis compreender a minha linguagem, um pouco enigmática. Vosso dever de Espírita é de lhes mostrar que tem aberta uma porta em lugar de fechá-la.

"SÃO JOSÉ."

Nota. Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado, e que sabia apenas assinar; desde que é médium, escreveu um pouco, mas muito dificilmente. Não se pode, pois, supor que a dissertação acima seja a obra de sua imaginação.

ELIAS E JOÃO BATISTA.

Refutação.

Uma carta que nos foi endereçada contém a passagem seguinte: "Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita; a respeito da reencarnação, disse-me para dizer-lhe qual dos corpos tomará o Espírito de Elias no último julgamento anunciado pela Igreja para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será seu primeiro ou seu segundo. Não pude responder-lhe; ele riu e disse-me que não éramos fortes, os senhores Espíritas."

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão; em todos os casos, há sempre imprudência em se envolver numa controvérsia quando não se sente com força para sustentá-la. Se a iniciativa veio de nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que "o Espiritismo se dirige àqueles que não crêem ou que duvidam, e não àqueles que têm uma fé e que essa fé basta; que não diz a ninguém para renunciar às suas crenças para adotar as nossas," e nisso é conseqüente nos princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professam. Por esse motivo, não saberíamos aprovar as tentativas, feitas por certas pessoas, para converter às nossas idéias o clero de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os Espíritas: Acolhei com solicitude os homens de boa vontade; dai a luz àqueles que a procuram, porque com aqueles que crêem tê-la não triunfareis; não violenteis a fé de ninguém, não mais do clero do que dos laicos, porque vindes semear os campos áridos; colocai a luz em evidência, para que aqueles que querem vê-la a olhem; mostrai os frutos da árvore, e dai de comer àqueles que têm fome, e não àqueles que dizem estar saciados. Se os membros do clero vêm a vós com intenções sinceras e sem pensamento dissimulado, fazei por eles o que fazeis para os outros vossos irmãos: instruí aqueles que o pedirem, mas não procureis conduzir à força àqueles que crerem sua consciência convidada a pensar de outro modo do que vós; deixai-lhes a fé que têm, como pedis que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se atacam os primeiros, é então que se tem o direito de resposta e de refutação; se abrem a liça, é permitido segui-los sem se afastar, no entanto, da moderação da qual Jesus deu o exemplo aos seus discípulos; se nossos adversários disso se afastam por si mesmos, é preciso deixar-lhes esse triste privilégio que jamais é uma prova da verdadeira força. Se nós mesmos entramos há algum tempo no caminho da controvérsia, e se nós erguemos a luva lançada por algum dos membros do clero, se nos dará essa justiça que nossa polêmica jamais foi agressiva; se não tivessem atacado primeiro, seu nome jamais seria pronunciado por nós. Sempre desprezamos as injúrias e o personalismo dos quais fomos objetos, mas era de nosso dever tomar a defesa de nossos irmãos atacados e de nossa Doutrina indignamente desfigurada, uma vez que se chegou até a dizer, em pleno púlpito, que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e o repetimos, essa provocação era inábil, porque ela conduz, forçosamente, ao exame de certas questões que teria sido de uma melhor política deixar adormecidas, porque uma vez aberto o campo, não se sabe onde pode deter-se; mas o medo é mau conselheiro.

Isto dito, vamos tentar dar ao Sr., o cura citado mais acima, a resposta à pergunta que propôs. Todavia, não podemos nos impedir de notar que se seu interlocutor não era tão forte quanto ele em teologia, ele mesmo não parecia muito forte sobre o Evangelho. Sua questão retorna àquela que foi posta a Jesus pelos Saduceus; não tinha, pois, senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, uma vez que não a sabe.

"Naquele dia, os Saduceus, que negam a ressurreição, vieram encontrá-lo e lhe propuseram uma questão, dizendo-lhe: "Mestre, Moisés ordenou que se alguém morresse sem filhos, seu irmão esposasse sua mulher, e suscitasse filhos ao seu irmão morto. Ora,

havia entre nós sete irmãos, dos quais o primeiro, tendo esposado uma mulher, morreu; e não tendo tido filhos, deixou sua mulher ao seu irmão. A mesma coisa ocorreu ao segundo, ao terceiro e a todos os outros até o sétimo. Enfim, essa mulher morreu depois deles todos. Então, pois, que a ressurreição chegue, do qual desses sete seria mulher, uma vez que o foi de todos?

"Jesus lhes respondeu: "Estais no erro, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus; porque *depois da ressurreição os homens não terão mulher, nem as mulheres marido; mas serão como OS ANJOS DE DEUS NO CÉU*. E pelo que é da ressurreição dos mortos, não lestes estas palavras que Deus vos disse: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos."(São Mateus, cap. XXII, v. de 23 a 32.)

Uma vez que, depois da ressurreição, os homens serão *como os anjos do céu*, e que os anjos não têm corpo carnal, mas um corpo etéreo e fluídico, os homens não ressuscitarão, pois, não mais em carne e osso. Se João Batista foi Elias, não é senão uma mesma alma tendo tido duas vestes deixadas em duas épocas diferentes sobre a Terra, e que não se, apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o envoltório etéreo próprio ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que reportamos adiante na página 372), elas são ainda mais explícitas. Duvidais de que João Batista foi Elias? Lede São Mateus, cap. XI, v. 13, 14, 15: "Porque até João, todos os profetas, tão bem quanto a lei, profetizaram; e se quereis compreender o que vos digo, *é ele mesmo que é esse Elias que deve vir*. Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir." Aqui não há nenhum equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não ouvir é necessário não ter ouvidos, ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas coisas uma: Jesus disse a verdade, ou está enganado. Na primeira hipótese, é a reencarnação atestada por ele; na segunda, é a dúvida lançada sobre todos os seus ensinamentos, porque se está enganado sobre um ponto, pôde se enganar sobre os outros; escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, ao meu turno, vos dirija uma pergunta, à qual, sem dúvida, vos será fácil responder.

Sabeis que a Gênese, assinalando seis dias para a criação, não só da Terra, mas do Universo inteiro: sol, estrelas, lua, etc., havia contado sem a geologia e a astronomia; que Josué havia contado sem a lei da gravidade universal; parece-me que o dogma da ressurreição da carne contou sem a química. E verdade que a química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro ali onde se gostaria que se visse perturbação; mas, embora isso seja de sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva, é que o corpo do homem, do mesmo modo que todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos dos quais os princípios são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela nos ensina ainda, - e notai que é um resultado da experiência, - que na morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, se bem que, ao cabo de um tempo dado, o corpo inteiro é absorvido. Está ainda constatado que o terreno que tem em abundância as matérias animais em decomposição são os mais férteis, e é na vizinhança dos cemitérios que os ímpios atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos Srs. curas do campo. Suponhamos, pois, senhor cura, que as batatas-inglesas sejam plantadas na vizinhança de uma fossa; essas batatas-inglesas vão se alimentar dos gases e dos sais provenientes da decomposição do corpo morto; essas batatas-inglesas vão servir para engordar as galinhas; essas galinhas, vós as comereis, as saboreareis; de tal sorte de que vosso próprio corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo que está morto, e que isso não será menos dele embora tendo passado por intermediários. Teríeis, pois, em vós, partes que pertenceram a um outro. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do julgamento, cada um com vosso corpo, como fareis? Guardareis o que tendes de outro, ou o outro vos retomarà o que lhe pertence, ou bem ainda teríeis alguma coisa da batata-inglesa ou da galinha? Questão pelo menos tão séria

quanto aquela de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou de Elias. Coloco-a em sua maior simplicidade, mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tiverdes em vós as porções de cem indivíduos. Está aí, propriamente falando, a ressurreição da carne; mas diferente é a do Espírito, que não leva seu despojo com ele. Vede, adiante, o que disse São Paulo.

Uma vez que estamos no caminho de perguntas, eis uma outra delas, senhor cura, que ouvimos fazer por incrédulos; ela é estranha, é verdade, ao assunto que nos ocupa, mas é trazida por um dos fatos narrados acima. Segundo a Gênese, Deus criou o mundo em seis dias, e repousou no sétimo; é esse repouso do sétimo dia que é consagrado pelo domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, assim como o demonstra a geologia, esses seis dias, em lugar de serem de vinte e quatro horas, são de alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Como importância, esta pergunta vale bem as outras duas.

Não creiais, senhor cura, que essas observações sejam o resultado de um desprezo das santas Escrituras; não, muito ao contrário; nós lhe damos talvez uma maior homenagem que vós mesmos. Levando em conta a forma alegórica, nela procuramos o espírito que vivifica, ali encontramos grandes verdades, e por ali levamos os incrédulos a nelas crerem e a respeitá-las; ao passo que se prendendo à letra que mata, se lhes faz dizer coisas absurdas e se aumenta o número dos céticos.

SÃO PAULO, PRECURSOR DO ESPIRITISMO.

A comunicação seguinte foi obtida na sessão da Sociedade de Paris, de 9 de outubro de 1863:

"Quantos dias se escoaram desde que tive a felicidade de me entreter convosco, meus muito queridos filhos! Também, é com uma muito doce satisfação que me reencontro no meio de minha cara Sociedade de Paris.

"Do que vos entreterei hoje? A maioria das questões morais foram tratadas por penas hábeis; no entanto, elas são de tal modo de meu domínio e seu campo é tão vasto, que encontrarei ainda alguns grãos de verdade a respigar. De resto, quando bem mesmo não fizer senão tornar a dizer o que outros já vos disseram, disso ressaltará talvez alguns novos ensinamentos, porque as boas palavras, como as boas sementes, trazem sempre seus frutos.

"Os livros santos são para nós celeiros inesgotáveis, e o grande apóstolo Paulo, que outrora tanto contribuiu para o estabelecimento do Cristianismo pela sua poderosa pregação, vos deixou monumentos escritos, que servirão não menos energicamente ao desabrochamento do Espiritismo. Não ignoro que vossos adversários religiosos invocam seu testemunho contra vós; mas isto não impede que o ilustre iluminado de Damasco não seja por vós e convosco, disto ficai bem convencidos. O sopro que corre em suas epístolas, a inspiração santa que anima seus ensinamentos, longe de ser hostil à vossa doutrina, é, ao contrário, cheia de singulares previsões tendo em vista o que ocorre hoje. É assim que, em sua primeira aos Coríntios, ensina que sem a Caridade não existe nenhum homem, fosse ele santo, fosse profeta, transportasse montanhas, que possa se gabar de ser um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como os Espíritas, e antes dos Espíritas, foi ele quem proclamou primeiro esta máxima que faz a vossa glória: Fora da caridade não há salvação! Mas este não é o único lado que se liga à Doutrina que nós vos ensinamos e que propagais hoje. Com essa alta inteligência que lhe era própria, previu o que Deus reservava ao futuro, e notadamente essa transformação, essa regeneração da fé cristã, que sois chamados a assentar profundamente no espírito moderno, uma vez que

descreve na epístola já citada, e de maneira indiscutível, as principais faculdades mediánicas que chama os dons benditos do Espírito-Santo.

"Ah! meus filhos, esse santo doutor contempla, com uma amargura que não pode dissimular o grau de aviltamento em que caiu a maioria daqueles que falam em seu nome, e que proclamam, *urbe et orbi*, que Deus outrora deu à Terra toda a soma de virtudes que esta era capaz de receber. E, no entanto, o apóstolo proclamava que, em seu tempo, não havia senão uma ciência e senão profecias imperfeitas. Ora, aquele que se lamentava dessa situação sabia, por isso mesmo, que essa ciência e essas profecias se aperfeiçoarão um dia. Não está aí a condenação absoluta de todos aqueles que condenam o progresso? Não está aí o mais duro revés para aqueles que pretendem que o Cristo e os apóstolos, os Pais da Igreja, e sobretudo os reverendos casuístas da Companhia de Jesus, deram à Terra toda a ciência religiosa à qual essa tinha direito? Felizmente o próprio apóstolo tomou o cuidado de desmenti-los antecipadamente.

"Meus caros filhos, para apreciar com seu valor os homens que vos combatem, não tendes senão que estudar os argumentos de sua polêmica, suas palavras acerbas e os desgostos que testemunham, como o Rev. Pé. Pailloux, que as fogueiras estão extintas, e que a Santa Inquisição não funciona mais *ad majorem Dei gloriam*. Meus irmãos, tendes a caridade, eles têm a intolerância: são, pois, muito a lamentar; é porque vos convido a orar por esses pobres desviados, a fim de que o Espírito-Santo, que eles invocam tão frequentemente, se digne, enfim, esclarecer sua consciência e seu coração."

FRANÇOIS-NICOLAS MADELEINE.

A esta notável comunicação acrescentamos as palavras seguintes de São Paulo, tiradas da primeira epístola aos Coríntios:

"Mas alguém me dirá: Em que maneira os mortos ressuscitarão, e qual será o corpo no qual eles retornarão? - Insensatos que sois! não vedes que o que semeais não retorna mais da vida, se não se move antes? e quando semeais, não semeais o corpo da planta que deve nascer, mas somente o grão, como do trigo ou de qualquer outra coisa. Depois de que Deus lhe dá um corpo tal que lhe agrade, e dá a cada semente o corpo que é próprio a cada planta. Toda carne não é a mesma carne; mas outra é a carne dos homens, outra a carne dos animais, outra a dos pássaros, outra a dos peixes.

"Há também corpos celestes e corpos terrestres; mas os corpos celestes têm um outro brilho do que os corpos terrestres. O Sol tem seu brilho, que difere do brilho da Lua, como o brilho da Lua difere do brilho das estrelas, e, entre as estrelas, uma é mais brilhante do que a outra.

"Ocorrerá o mesmo na ressurreição dos mortos. O corpo, como uma semente, é agora colocado na terra cheia de corrupção, e ressuscitará incorruptível. É posto na terra todo disforme, e ressuscitará todo glorioso. Ele é posto na terra privado de movimento, e ressuscitará cheio de vigor. *Ele é posto na terra como um corpo animal e ressuscitará como um corpo espiritual. Como há um corpo animal, há um corpo espiritual.*

"Quero dizer, meus irmãos, que *a carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus*, e que a corrupção não possuirá essa herança incorruptível. (São Paulo, *1ª Ep.* aos Coríntios, cap. XV, v. de 35 a 44 e 50.)

Que pode ser este corpo *espiritual*, que não é o corpo animal, senão o corpo fluídico do qual o Espiritismo demonstra a existência, o perispírito do qual a alma é revestida depois da morte? Na morte do corpo, o Espírito entra em perturbação; ele perde por um instante a consciência de si mesmo; depois recobra o uso de suas faculdades, renasce na vida inteligente, em uma palavra, *ele ressuscita com seu corpo espiritual.*

O último parágrafo, relativo ao julgamento final, contradiz positivamente a doutrina da ressurreição da carne, uma vez que disse: "A carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus." Os mortos não ressuscitarão, pois, com sua carne e seu sangue, e não

terão necessidade de juntar seus ossos dispersos, mas terão seu corpo celeste, que não é o corpo animal. Se o autor do *Catecismo filosófico* tivesse bem meditado o sentido de suas palavras, teria podido se dispensar de fazer o sábio cálculo matemático ao qual se entregou, para provar que todos os homens mortos desde Adão, ressuscitarão em carne e osso, com seu próprio corpo, poderiam perfeitamente estar no vale de Josafá, sem estarem muito incomodados (1-(1) *Catecismo filosófico*, pelo abade de Feller, t. III, p. 83.)

São Paulo, pois, colocou em princípio e em teoria o que ensina hoje o Espiritismo sobre o estado do homem depois da morte.

Mas São Paulo não foi o único que pressentiu as verdades ensinadas pelo Espiritismo; a Bíblia, os Evangelhos, os apóstolos e os Pais da Igreja delas estão cheios, de sorte que condenar o Espiritismo é desautorizar as próprias autoridades sobre as quais se apoia a religião. Atribuir todos esses ensinamentos ao demônio é lançar o mesmo anátema sobre a maioria dos autores sagrados. O Espiritismo não vem, pois, destruir, mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, quer dizer, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido.

UM CASO DE POSSESSÃO.

Senhorita Julie.

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado. Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas achavam-se um dia na casa de uma senhora médium sonâmbula. De repente esta tomou ares todos masculinos, sua voz mudou, e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: "Ah! meu caro amigo, quanto estou contente de te ver! "Surpreso, perguntou-se-lhe o que isso significava. A senhora retomou: "Como! meu caro, tu não me reconheces? Ah! é verdade; estou todo coberto de lama! Sou Charles Z..."A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor morto, alguns meses antes, atingido de um ataque de apoplexia, na beira de um caminho; tinha caído num fosso, de onde se tinha retirado seu corpo, coberto de lama. Ele declara que, querendo conversar com seu antigo amigo, aproveitou de um momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar. Com efeito, tendo se renovado esta cena vários dias seguidos, a senhora A... tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles, virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si; no entanto, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. Uma vez que tomastes posse do corpo da senhora A..., poderíeis ali ficar? - *R.* Não, mas isso não é a boa vontade que me falta.

P. Por que não o podeis? - *R.* Porque seu Espírito está sempre preso ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *pregar-lhe-ia uma peça.*

P. Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A... ?-*R.* Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário.

Essas conversas eram muito divertidas; o Sr. Charles fora um alegre vivente, não desmentia seu caráter; dado à vida material, era pouco avançado como Espírito, mas naturalmente bom e benevolente. Tomando do corpo da senhora A..., não tinha nenhuma intenção má; também essa senhora não sofria de nenhum modo dessa situação, à qual se prestava de boa vontade, É bom dizer que ela não havia conhecido esse senhor, e não podia estar com efeito em suas maneiras. Há ainda a anotar que os assistentes nem pensavam nele, a cena não foi provocada, e que veio espontaneamente.

A possessão é aqui evidente e ressalta melhor dos detalhes, que seria muito longo reportar; mas é uma possessão inocente e sem inconveniente. Não ocorre o mesmo quando ela é o fato de um Espírito mau e mal intencionado; pode então ter conseqüências tanto mais graves quanto esses Espíritos sejam tenazes, e que se torna, freqüentemente, muito- difícil livrar deles o paciente do qual fazem sua vítima. Eis disso um exemplo recente, que nós mesmos podemos observar, e que foi objeto de estudo sério pela Sociedade de Paris.

A senhorita Julie, doméstica, nascida em Savoie, com a idade de vinte e três anos, de um caráter muito doce, sem nenhuma espécie de instrução, estava há algum tempo sujeita a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras; nesse estado ela vagava em seu serviço habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem disso; seu trabalho mesmo era muito mais cuidadoso. Sua lucidez era notável; ela descrevia os lugares e os acontecimentos à distância com uma perfeita exatidão.

Há mais ou menos seis meses, tornou-se presa de crises de um caráter estranho, que ocorriam sempre durante o estado sonambúlico, de alguma sorte se tornou o estado normal. Ela se contorcia, rolava na terra como se debatesse sob a opressão de alguém que procurava estrangulá-la, e, com efeito, tinha todos os sintomas da estrangulação; acabava por derrubar esse ser fantástico, tomava-o pelos cabelos, cobria-o em seguida de golpes, de injúrias e de imprecações, repreendendo-o sem cessar com o nome de *Frédégonde*, infame regente, rainha impudica, vil criatura suja de todos os crimes, etc. Sapeteava como se a pisasse sob os pés com raiva, lhe arrancasse suas roupas e seus adornos. Coisa bizarra, se tomava ela mesma por *Frédégonde*, se dava golpes redobrados sobre os braços, o peito e o rosto, dizendo: 'Toma! toma! disso tens tu bastante, infame *Frédégonde*? Queres me sufocar, mas não alcançarás esse fim; queres te meter em *minha caixa*, mas eu saberia bem isso te afastar.' Minha caixa era o termo do qual ela se servia para designar seu corpo. Nada poderia pintar o assento frenético com o qual ela pronunciava o nome de *Frédégonde*, rangendo os dentes, nem as torturas que ela experimentava nesses momentos.

Um dia, para se desembaraçar de seu adversário, agarrou uma faca e feriu-se a si mesma, mas se pôde detê-la a tempo para impedir um acidente. Coisa não menos notável, é que jamais ela não tomou nenhuma das pessoas presentes por *Frédégonde*; a dualidade era sempre em si mesma; era contra ela que dirigia seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele estava desembaraçado; para os outros, ela era doce e benevolente mesmo nos momentos de sua maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente terríveis, freqüentemente, duravam algumas horas e se renovavam várias vezes por dia. Quando ela acabava por derrubar *Frédégonde*, caía num estado de prostração e acobramento do qual não saía senão com o tempo, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e um embaraço na palavra. Sua saúde com isso era profundamente alterada; nada podia comer e ficava às vezes oito dias sem tomar alimento. Os melhores alimentos tinham para ela um gosto terrível que a fazia rejeitá-los; era, para ela, a obra de *Frédégonde*, que queria impedi-la de comer.

Dissemos mais acima que essa jovem não recebeu nenhuma instrução; no estado de vigília, jamais ouviu falar de *Frédégonde*, nem de seu caráter, nem do papel que esta desempenhava. No estado de sonambulismo, ao contrário, sabia-o perfeitamente, e disse ter vivido em seu tempo. Não era Brunchaut, como se havia de início suposto, mas uma outra pessoa ligada à sua corte.

Uma outra nota, não menos essencial, é que, quando começaram essas crises, a senhorita Julie jamais tinha se ocupado do Espiritismo, cujo nome mesmo lhe era desconhecido. Ainda hoje, no estado de vigília, lhe é estranha e não crê nele. Não o conhece senão no estado de sonambulismo, e somente depois que se começou a cuidar dela. Tudo o que ela disse, pois, foi espontâneo.

Em presença de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa jovem a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de um caráter especial, e é necessário convir que, à primeira vista, esta última opinião tinha uma aparência de realidade. Um médico declarou que, no estado atual da ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. No entanto, pessoas experimentadas em Espiritismo reconheceram sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves e que poderia lhe tornar fatal. Sem dúvida, aquele que não tivesse visto senão os momentos de crise, e não tivesse considerado senão a estranheza de seus atos e de suas palavras, teria dito que ela estava louca, e ter-lhe-ia infligido o tratamento dos alienados que, sem nenhuma dúvida, teria determinado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos. No estado de vigília, sua conversação era a de uma pessoa de sua condição e em relação com sua falta de instrução; sua própria inteligência era vulgar; era tudo diferente no estado de sonambulismo: nos momentos de calma, ela raciocina com muito sentido, justeza e uma verdadeira profundidade; ora, essa seria uma singular loucura quanto aquela que aumentaria a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa anomalia aparente. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que não lhe permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte livre de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, seus atos e suas palavras não são excêntricas senão para aqueles que não crêem na ação dos seres do mundo invisível; não vendo senão o efeito, não remontam à causa, eis porque todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nas casas de alienados, em todos os tempos, houve pretensos loucos dessa natureza, e que se curariam facilmente se não se obstinassem em não ver neles senão uma doença orgânica.

Nesse momento, como a senhorita Julie era sem recursos, uma família de verdadeiros e sinceros Espíritos consentiu em tomá-la a seu serviço, mas nessa posição ela devia ser muito mais um embaraço do que uma utilidade, e seria necessário um verdadeiro devotamento para dela se encarregar. Mas essas pessoas disso foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de fazer uma boa ação, e em seguida pela satisfação de ter contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa; dupla cura, porque não só a senhorita Julie está livre, mas seu inimigo está convertido para melhores sentimentos.

Aí está o que testemunhamos de uma dessas lutas terríveis que não duram menos de duas horas, e que pudemos observar o fenômeno nos mais minuciosos detalhes, fenômeno no qual reconhecemos imediatamente uma analogia completa com os dos possessos de Morzines (1-(1) Ver a *Instrução sobre os possessos de Morzines*, *Revista Espírita* de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.). A única diferença é que em Morzines os possessos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e que falavam do diabo que tinham neles, porque lhes tinham persuadido de que era o diabo. A senhorita Julie, em Morzines, seria chamada Frédégonde, o Diabo.

Num próximo artigo, exporemos com detalhe as diferentes fases dessa cura e os meios empregados para esse efeito; além disso narraremos as notáveis instruções que os Espíritos deram a esse respeito, assim como as importantes observações às quais deu lugar no tocante ao magnetismo.

PERÍODO DA LUTA.

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, marcado pela aparição de *O Livro dos Espíritos*. Desde esse momento o Espiritismo tomou um caráter diferente; foram entrevistados o objetivo e a importância, nele se hauriu a fé e a consolação, e a rapidez de seus progressos foi tal que nenhuma outra doutrina, filosófica ou religiosa, ofereceu igual exemplo.

Mas, como todas as idéias novas, teve adversários tanto mais obstinados quanto a idéia era maior, porque toda grande idéia

não pode se estabelecer sem ferir interesses; é necessário que ela tome lugar, e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bom olhar; depois, ao lado das pessoas interessadas estão aqueles que, por sistema, sem motivos precisos, são os adversários natos de tudo o que é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, foi porque lhe deram pouca atenção; mas quando o viram crescer apesar de tudo, se propagar em todas as classes da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus adeptos, os interesses na conservação das idéias antigas se alarmaram seriamente. Foi então que uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, e que começou o *período da luta*, do qual o auto-de-fé de Barcelona, de 9 de outubro de 1860, de alguma sorte, foi o sinal. Até ali, tinha sido alvo dos sarcasmos da incredulidade que ri de tudo, sobretudo do que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e às quais nenhuma idéia nova pode escapar: foi o seu batismo do trópico; mas os outros não riem mais: se olham coléricos, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde esse momento os ataques tomaram um caráter de violência estranha; a palavra de ordem foi dada; sermões coléricos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período da luta, mas ele não acabou. Vendo a inutilidade do ataque a céu aberto, vai se tentar a guerra subterrânea, que já se organiza e começa; uma calma aparente vai se fazer sentir, mas é a calma precursora da tempestade; mas também, à tempestade, sucede um tempo sereno. Espíritas, sede-o, pois, sem inquietação, porque o resultado não é duvidoso; a luta é necessária, e o seu triunfo não será senão mais brilhante. Eu disse, e o repito: vejo o objetivo, sei quando e como será alcançado. Se vos falo com esta segurança, é que tenho para isso razões sobre as quais a prudência quer que me cale, mas as conhecereis um dia. Tudo o que posso vos dizer é que poderosos auxiliares virão, que fecharão a boca a mais de um detrator. No entanto, a luta será viva, e se, no conflito, houver algumas vítimas de sua fé, que elas disso se alegrem, como o fizeram os primeiros mártires cristãos, dos quais vários estão entre vós para vos encorajar e vos dar o exemplo; que elas se lembrem destas palavras do Cristo:

"Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Sereis felizes quando os homens vos carregarem de maldições, e que vos perseguirem, e que disserem falsamente toda espécie de mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos, então, e estremecei de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus; porque foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós." (São Mateus, cap. VI, v. 10, 11, 12.)

Estas palavras não parecem ter sido ditas para Espíritas de hoje como para apóstolos de então? é que as palavras do Cristo têm isto de particular, que são de todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e conduzirá ao quarto período, que será o *período religioso*; depois virá o quinto, *período intermediário*, consequência natural do precedente, e que receberá mais tarde sua denominação característica. O sexto e último período será o da *renovação social*, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas queridas por Deus, para transformação da Terra, terão desaparecido; a geração que se levanta, imbuída de idéias novas, será toda a sua força, e preparará o caminho daquela que inaugurará o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença pela prática da lei evangélica. Assim serão verificadas as palavras do Cristo, que todas devem receber seu cumprimento, e das quais várias se cumprem nesta hora, porque os tempos preditos

são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procureis os sinais no céu: estes sinais estão ao vosso lado e surgem de toda parte.

É notável que as comunicações dos Espíritos tiveram um caráter em cada período: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo eram sérias e instrutivas; no terceiro pressentiram a luta e suas diferentes peripécias. A maioria daquelas que se obtêm hoje, nos diferentes centros, têm por objeto premunir os adeptos contra as astúcias de seus adversários. Por toda a parte, pois, as instruções são dadas sobre este assunto, como por toda parte um resultado idêntico é anunciado. Esta coincidência, sobre este ponto como sobre outros, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, das quais mais de um Espírita já pôde reconhecer a verdade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

A guerra surda.

(Paris, 14 de agosto de 1863.)

"A luta vos espera, meus caros filhos; é por isso que vos convido todos a imitarem os lutadores antigos, quer dizer, a vos cingir os rins. Os anos que vão seguir são cheios de promessas, mas também cheios de ansiedade. Não venho vos dizer: Amanhã será o dia da batalha! não, porque a hora do combate não está ainda fixada, mas venho vos advertir, a fim de que estejais prontos para todas as eventualidades. O Espiritismo, até o presente, não achou senão um caminho fácil e quase florido, porque as injúrias e as zombarias que vos foram dirigidas não tiveram nenhuma importância séria e mantiveram-se sem efeito, ao passo que doravante os ataques que forem dirigidos contra vós terão um caráter diferente: eis a chegar a hora em que Deus vai apelar a todos os devotamentos, em que vai julgar seus servidores fiéis para dar a cada um a parte que terá merecido. Não sereis martirizados corporalmente, como nos primeiros tempos da Igreja, nem se levantarão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas vos torturarão moralmente; se vos levantarão armadilhas; se vos estenderão emboscadas tanto mais perigosas quanto nelas se empregarão mãos amigas; agirão na sombra, receberéis golpes sem saber por quem esses golpes são trazidos, e sereis atingidos em pleno peito pelas flechas envenenadas da calúnia. Nada faltará às vossas dores; suscitarão fraquezas em vossas fileiras, e supostos Espíritos, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, se colocarão em sua independência exclamando: "Nós é que estamos no caminho reto!", afim de que vossos adversários natos possam dizer: 'Vede como são unidos!' Tentar-se-á semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes; captar-se-ão vossos médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou desviá-los de ir aos grupos sérios; se empregará a intimidação para uns, a captação para os outros; se explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um primeiro papel, que sentem hoje mais de uma má sorte em sua ambição. Ser-lhes-ão prometidos de um lado o que não podem encontrar do outro. Depois, enfim, com o dinheiro, tão poderoso em vosso século atrasado, não se podem encontrar comparsas para desempenharem comédias indignas, afim de lançar o descrédito e o ridículo sobre a Doutrina?

"Eis as provas que vos esperam, meus filhos, mas das quais saireis vitoriosos, se implorardes do fundo do coração o socorro do Todo-Poderoso; por isso, eu vo-lo repito de toda a minha alma: meus filhos, cerrai vossas fileiras, permaneçei sobre o que vive, porque é o vosso Gólgota que se levanta; e se, por isso, não sois crucificados em carne e osso, vo-lo sereis em vossos interesses, em vossas afeições, em vossa honra! A hora é séria e solene; para trás, pois, todas as mesquinhas discussões, todas as preocupações

pueris, todas as questões ociosas, e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e dos quais o Senhor vos pedirá conta. Uni-vos para que o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas; tendes uma palavra de união sem equívoco, pedra de toque com ajuda da qual podeis reconhecer os verdadeiros irmãos, porque esta palavra implica a abnegação e o devotamento, e resume todos os deveres do verdadeiro Espírita.

"Coragem, pois, e perseverança, meus filhos! pensai que. Deus vos olha e vos julga; lembrai-vos também que vossos guias espirituais não vos abandonarão enquanto vos encontrarem no caminho reto. Aliás, toda essa guerra não terá senão um tempo e se voltará contra aqueles que crerem criar armas contra a Doutrina; o triunfo, e não mais o holocausto sangrento, se irradiará do Gólgota espírita.

"Até logo, meus filhos, saudação a todos.

"ERASTO, *discípulo de São Paulo, apóstolo.*"

Uma das manobras previstas na comunicação acima vem, ao que se nos ensina, de se realizar. Escrevem-nos que uma jovem, que fora conduzida uma única vez a uma reunião, deixou sua família, sem motivo, e se retirou na casa de uma pessoa estranha, de onde foi conduzida a um hospício de alienados, como atacada de loucura espírita, com desconhecimento de seus pais, que disso não foram informados senão depois da coisa feita. Ao cabo de vinte dias, estes tendo obtido autorização de ir vê-la, lhe censuraram de tê-los deixado; então ela confessou que se lhe haviam prometido dinheiro para simular a loucura. Até este momento, as providências para fazê-la sair foram infrutíferas.

Se for assim que se recrutam os loucos espíritas, o meio é mais perigoso para aqueles que o empregam do que para o Espiritismo. Quando se está reduzido a semelhantes expedientes para defender sua própria causa, esta é a prova mais evidente de que se está esgotado de boas razões. Diremos, pois, aos Espíritas: Quando virdes semelhantes coisas, alegrai-vos em lugar de vos inquietar com isso, porque elas são o sinal de um triunfo próximo. Uma outra circunstância, aliás, deve ser para vós um motivo de encorajamento, é que a vossa fileiras aumentam, não só em número, mas também em força moral; já vedes mais de um homem de talento tomar resolutamente a defesa do Espiritismo, e levantar com mão vigorosa a luva lançada por nossos adversários. Escritos de uma irresistível lógica lhes mostram cada dia que todos os Espíritas não são loucos. Nossos leitores conhecem a excelente reputação dos sermões do Rev. Pé. Letierce por um Espírita de Metz. Eis agora a não menos interessante dos Espíritas de *Villenave de Rions* (Gironde), sobre os sermões do Pé. *Nicomède*. A *Vérité* de Lyon é conhecida por seus profundos artigos; o número de 22 de novembro merece sobretudo uma séria atenção. A *Ruche* de Bordeaux se enriquece de novos colaboradores tão capazes quanto zelosos. Enfim, se os agressores são numerosos, os defensores não o são menos. Assim, pois, Espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai bem segundo o que está previsto.

A comunicação seguinte desenvolve uma das fases da séria questão de que acabamos de tratar, e não pode deixar de premunir os Espíritas sobre as dificuldades que vão se acumular neste período.

Os conflitos.

(Reunião particular. 25 de fevereiro de 1863. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Há no momento atual uma recrudescência de obsessão, resultado da luta que devem, inevitavelmente, sustentar as idéias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. A obsessão, habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, é uma das provas mais perigosas que se terá que suportar antes de se assentar de maneira es-

tável no espírito das populações, também deve ela ser combatida por todos os meios possíveis, e sobretudo pela prudência e energia de vossos guias espirituais e terrestres.

De todas as partes surgem médiuns com pretensas missões, chamados, dizem, a tomar nas mãos a bandeira do Espiritismo e a plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se viessemos destruir, nós que não viemos senão para edificar. Não há individualidade, tão medíocre seja ela, que não haja encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhes dizer: "Tu também serás rei." E que não se creia designado a um apostolado todo particular; há poucas reuniões íntimas, e mesmo de grupos de família que não hajam contado, entre seus médiuns, ou seus simples crentes, uma alma bastante enfatuada de si mesma para se crer indispensável ao sucesso da grande causa, muito presunçosa para se contentar com modesto papel de obreiro trazendo sua pedra ao edifício. Ai! meus amigos, quantas pessoas de zelo excessivo e inútil!

Quase todos os novos médiuns estão submetidos, em seu início, a essa tentação perigosa; alguns a resistem, mas muitos nela sucumbem, ao menos por um tempo, até que os fracassos sucessivos venham desenganá-los. Por que Deus permite uma prova tão difícil, senão para provar que o bem e o progresso não se estabelecem jamais sem trabalho e sem combate, para dar o triunfo da verdade mais brilhante pelas dificuldades da luta? E que querem certos Espíritos da erraticidade fomentando, entre as mediocridades da encarnação essa exaltação do amor-próprio e do orgulho, senão entrar o progresso? Sem o querer, somos instrumentos da prova que colocará em evidência os bons e os maus servidores de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; àquele, como ao Sr..... um Espírito revela pretensos acontecimentos que vão se cumprir, e fixa as épocas, precisa as datas, nomeia os autores que devem concorrer ao drama anunciado; a tal outro, um Espírito mistificador ensina a incubação dos diamantes; a outros são indicadas os tesouros ocultos, a glória, as honras, etc.; em uma palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são exploradas jeitosamente pelos Espíritos perversos. É porque de todos os lados vedes esses pobres obsidiados se prestarem a subir ao Capitólio com uma gravidade e uma importância que entristece o observador imparcial. Qual é o resultado de todas essas promessas falaciosas? As decepções, os dissabores, o ridículo, por vezes a ruína, justa punição do orgulho presunçoso que se crê chamado a fazer melhor que todo o mundo, desdenhando os conselhos e desprezando os verdadeiros princípios do Espiritismo.

Tanto a modéstia é o apanágio dos médiuns escolhidos pelos bons Espíritos, tanto o orgulho, o amor-próprio e, dizemos, a mediocridade são os lados distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores; tanto os primeiros dão pouco valor às comunicações que recebem quanto estes se afastam da verdade, tanto os segundos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, fosse isso mesmo absurdo. Disso resulta que, segundo as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris, pelo seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira *Torre de Babel* está em vias de se edificar entre vós. De resto, seria necessário ser cego ou enganado para não reconhecer senão à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressiva e emancipadora, juntando-se uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudo-sábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrestres por meio dessa multidão de médiuns fanatizados por eles, e aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas. Mas vede o que resta de todos esses amontoados elevados pela ambição, o amor-próprio ou o ciúme; quantos deles não tendes visto desabar e quantos deles vereis desabar ainda! Eu vo-lo digo, todo edifício que não está assentado sobre a única base sólida: a verdade, cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias. Espíritos sinceros, não vos assusteis, pois, desse caos momentâneo; não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com os quais se quer cobri-la, deles sairá mais radiosa do que nunca, e

onde a sua claridade, inundando o mundo, fará reentrar na sombra seus obscuros detra-
tores um instante postos em evidência por sua própria confusão.

Assim, pois, meus amigos, tendes a vos defender não só dos ataques e das calúnias
de vossos adversários vivos, mas também contra as manobras mais perigosas ainda de
vossos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos, pois, por santos estudos e sobretudo
pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus ilumina sempre a-
queles que se consagram à propagação da verdade, quando são de boa fé e desprovidos
de toda ambição pessoal.

De resto, Espíritas, que vos importam os médiuns que não são, antes de tudo, senão
os instrumentos! O que vos é necessário considerar é o valor e a importância dos ensinamentos
que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a limpidez, a precisão das
verdades que vos são reveladas; é, enfim, de ver se as instruções que se vos dão res-
pondem às legítimas aspirações das almas de elite, e se elas estão conformes às leis ge-
rais e imutáveis da lógica e da harmonia universal.

Os Espíritos imperfeitos que desempenham um papel de apóstolos junto de seus
obsidiados não têm, vós o sabeis, nenhum escrúpulo em se ornamentar dos nomes mais
venerados; também seria mal agradecido, e o que não sou senão um dos últimos e dos
mais obscuros discípulos do *Espírito de Verdade*, se me lamentasse do abuso que alguns
fizeram de meu modesto nome; também, vos respeitei sem cessar o que disse ao meu
médium há dois anos: "Não julgueis jamais uma comunicação medianímica em razão do
nome do qual está assinada, mas somente pelo seu valor intrínseco."

É urgente vos colocardes em guarda contra todas as publicações de origem suspeita
que apareçam, ou que vão aparecer, contra todas aquelas que não teriam o modo de pro-
ceder franco e limpo, e tende por certo que mais de uma foi elaborada nos campos inimi-
gos do mundo visível ou do mundo invisível, tendo em vista lançar entre vós tochas de
discórdia. Cabe a vós não vos deixar nisso prender; tendes todos os elementos necessá-
rios para apreciá-las. Mas tende igualmente por certo que todo Espírito que se anuncia a
si mesmo como um ser superior, e sobretudo como de uma infalibilidade a toda a prova
não é, ao contrário, senão o contrário do que anuncia tão pomposamente. Depois que o
piedoso Espírito de François-Nicolas Madeleine consentiu em me desembaraçar de uma
parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita, e fazer a esta-
tística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ai! se muitos Espíritos im-
perfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho um muito grande desgosto de
constatar que, entre nossas melhores ajudas da Terra, muitos se dobraram sob o peso de
sua tarefa, e retomaram pouco a pouco o caminho de suas antigas fraquezas, de tal sorte
que às grandes almas' etéreas que os aconselhavam, são desde logo substituídas por
Espíritos menos puros e menos perfeitos. Ah! sei que a virtude é difícil; mas não quere-
mos nem pedimos o impossível. A boa vontade nos basta quando ela é acompanhada do
desejo de fazer o melhor. Em tudo, meus amigos, o relaxamento é pernicioso; porque se-
rá muito pedido àqueles que, depois de se terem elevado por uma renúncia generosa à
sua própria individualidade, retomarão no culto da matéria, e se deixarão ainda invadir
pelo egoísmo e o amor de si mesmos. No entanto, oremos por eles e não condenemos
ninguém; porque devemos sempre ter presente à memória este magnífico ensino do Cris-
to: "Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra!"

Hoje, vossas falanges aumentam a olhos vistos, e vossos partidários se contam por
milhões. Ora, em razão do número dos adeptos, se insinuam sob falsas máscaras os fal-
sos irmãos, dos quais vosso presidente temporal vos falou recentemente. Não é que ve-
nha vos recomendar de não abrir vossas fileiras senão aos cordeiros sem mácula e às
vitelas brancas; não, porque, mais do que todos os outros, os pecadores têm o direito de
encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles dos quais
vos convidado a desconfiar são esses hipócritas perigosos aos quais, à primeira vista, se
está tentado de conceder toda confiança. Com a ajuda de uma linha rígida, sob o olhar

observador das multidões, conservam esse ar sério e digno que faz dizer deles: "Que pessoas respeitáveis!" Ao passo que sob essa respeitável aparência, às vezes, dissimulam a perfídia e a imoralidade. São sociáveis, obsequiosas; intrometem-se nos interiores; remexem de bom grado na vida privada; escutam atrás das portas e se fazem surdos para melhor ouvirem; pressentem as inimizades, as instigam e as entretêm; vão nos campos opostos questionando e interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é essa pessoa? Conheceis sua família? Vede-os em seguida irem surdamente destilar na sombra as pequenas maledicências que puderam recolher, tendo o cuidado de envenenar por piedosas calúnias. "Esses são os boatos, dizem, aos quais não se crê;" mas, no entanto, acrescentam: "Não há fumaça sem fogo, etc., etc."

A esses hipócritas da encarnação reuni os hipócritas da erraticidade, e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar agir doravante com uma reserva extrema, e vos guardar de toda imprudência e de todo o entusiasmo irrefletido. Eu vos disse, estais num momento de crise, tornado mais difícil pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com a firmeza e a perseverança.

O número dos médiuns é hoje incalculável, e é deplorável ver que alguns se crêem os únicos chamados para distribuir a verdade ao mundo e se extasiarem diante das banalidades que consideram como monumentos. Pobres enganados que se abaixam passando sob os arcos de triunfo! Como se a verdade tivesse esperado sua vinda para ser anunciada. Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante, tiveram esse privilégio exclusivo; é por mil vozes desconhecidas que a verdade se difunde, e é justamente por essa unanimidade que ela tem sabido se fazer reconhecer. Contai essas vozes, contai aqueles que as escutam, contai sobretudo aqueles que elas tocam o coração, se quereis saber de que lado está a verdade. Ah! se todos os médiuns tivessem a fé, eu seria o primeiro a me inclinar diante deles; mas não têm, a maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tanto o orgulho é grande sobre a Terra! Não, sua fé não é aquela que transporta as montanhas e que faz caminhar sobre as águas! É o caso de repetir aqui esta máxima evangélica, que me serviu de tema quando me fiz ouvir no meu início entre vós: *muitos chamados e poucos escolhidos*.

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda a parte, pró ou contra, em todos os sentidos, sob todas as formas; críticas exageradas da parte de pessoas que não sabem a primeira palavra; sermões arrebatados de pessoas que o repelem; em suma, digo, o Espiritismo está na ordem do dia; abala todos os cérebros, agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas; cada um presente que ele leva em si o princípio de uma renovação que uns pedem em seus votos, e os outros temem. Mas, de tudo isto, que restará? Dessa torre de Babel, que jorrará? Uma coisa imensa: a vulgarização da idéia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrina! Esse conflito é inevitável, porque o homem está maculado de muito orgulho e de egoísmo para aceitar sem oposição uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o choque de idéias que estraga as idéias falsas e faz ressaltar a força daquelas que resistem. No meio dessa avalanche de mediocridade, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida desabrochará em sua grandeza e sua majestade.

ERASTO.

O dever.

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de novembro de 1863. -Médium, Sr. Costel.)

O dever é a obrigação moral, diante de si mesmo primeiro, e dos outros em seguida; o dever é a lei da vida, e se encontra nos mais ínfimos detalhes, tanto quanto nos atos

elevados. Não vou falar aqui senão do dever moral, e não daquele que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é o mais difícil de cumprir, porque ele se encontra em antagonismo com as seduções do instinto e do coração; suas vitórias não têm testemunhas, e suas faltas não têm repressão. O dever íntimo do homem está entregue ao seu livre arbítrio; o agulhão da consciência, esse guardião da probidade interior, o adverte e o sustenta; mas, freqüentemente, permanece impotente diante dos sofismas e da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o homem; mas esse dever, como precisá-lo? Onde começa? Onde se detém? Começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou o repouso de vosso próximo; termina no limite que não quereríeis fosse ultrapassado com relação a vós mesmos.

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou esclarecidos, sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue judiciosamente o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe para o bem, infinitamente mais variado em suas expressões. A igualdade diante da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que seus filhos, instruídos pela experiência comum não cometam o mal argumentando com a ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que afronta às angústias da luta; é austero e simples; pronto a dobrar-se as diversas complicações, e permanece inflexível diante de suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais que as criaturas, a as criaturas mais do que a si mesmo; é, ao mesmo tempo, juiz e escravo em sua própria causa. O dever é o mais belo laurel da *razão*, depende dela, como o filho depende de sua mãe. O homem deve amar o dever, não porque o preserva dos males da vida aos quais a Humanidade não pode se subtrair, mas porque dá, à alma, o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O homem não pode afastar o cálice de suas provas; o dever é penoso em seus sacrifícios; o mal é amargo em seus resultados; mas essas dores, quase iguais, têm conclusões muito diferentes: uma é salutar como os venenos que restituem a saúde, a outra é nociva como os festins que arruinam o corpo. O dever cresce e irradia sob uma forma mais elevada em cada uma das etapas superiores da Humanidade. A obrigação moral não cessa jamais da criatura para com Deus; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque quer que a beleza de sua obra resplandeça diante dele.

LÁZARO.

Sobre a alimentação do homem.

(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862. - Mèdium, Sr. A. Didier.)

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antigüidade. O Espírito elevado se revolta à idéia do sangue, e sobretudo à idéia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que não é aqui, de nenhum modo, a questão dos sacrifícios humanos, mas unicamente dos animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antigüidade tinham igualmente horror dessas espécies de sacrifícios, e eles mesmos não se alimentavam senão de frutas e de raízes. Sobre a Terra, os encarnados têm uma missão a cumprir; têm o Espírito que é necessário nutrir com o Espírito, o corpo com a matéria; mas a natureza da matéria influi, se o concebe facilmente, sobre a espessura do corpo, e, por conseguinte, sobre a manifestação do Espírito. Os temperamentos naturalmente bastante fortes para viverem como os anacoretas fazem bem, porque o esquecimento da carne conduz mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, seria preciso geralmente uma natureza mais espiritualizada do que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres; e como, antes de

tudo, a natureza jamais faz algo de insensato, é impossível, para o homem, submeter-se impunemente a essas privações. Pode-se ser bom cristão e bom Espírita e comer à sua maneira, contanto que seja um homem razoável. É uma questão um pouco leviana para nossos estudos, mas que não é menos útil e aproveitável.

LAMENNAIS.
ALLAN KARDEC
